ANTHONY HOROWITZ



O PODER DOS CINCO

LIMBO

galera
RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

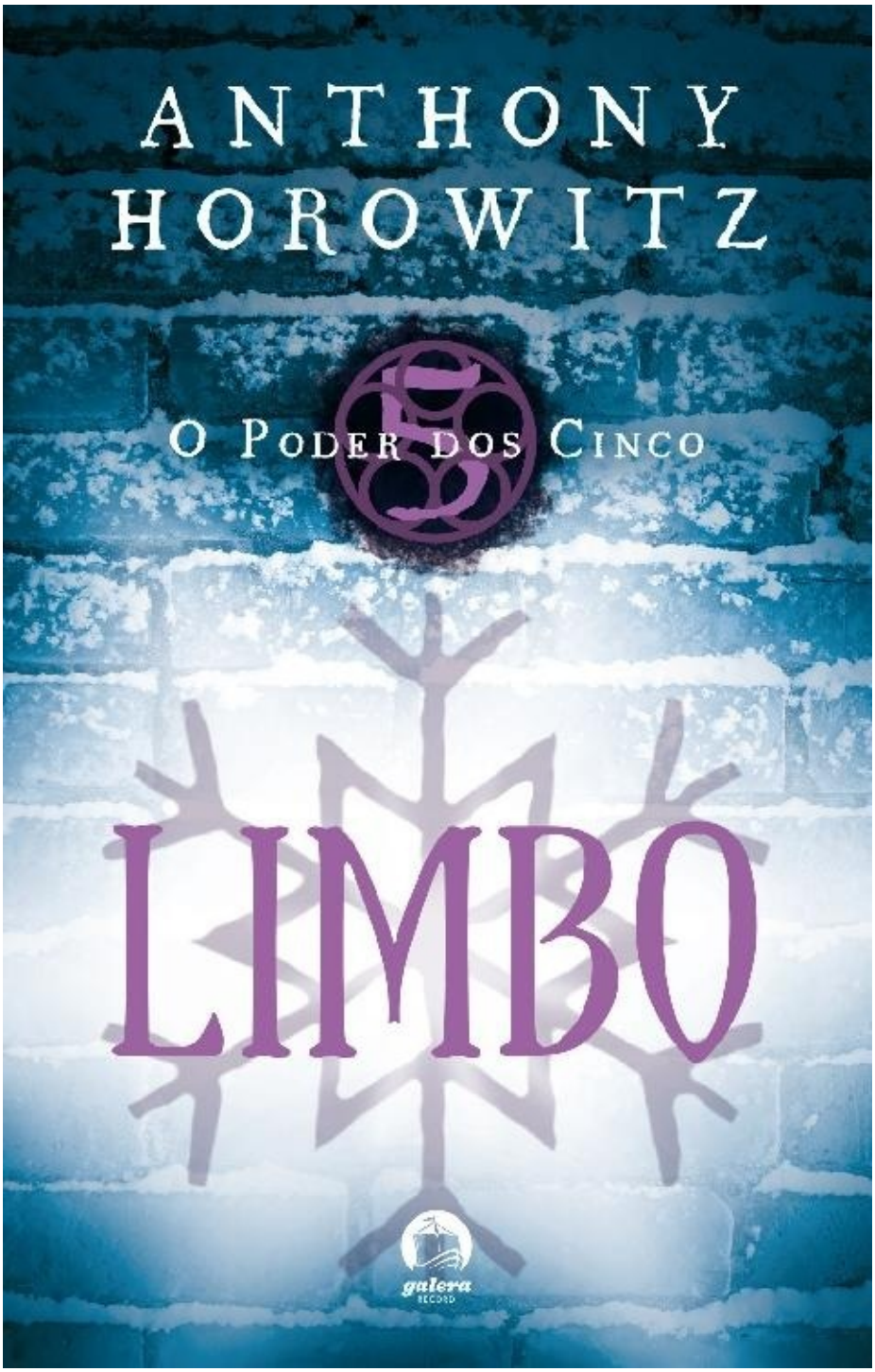
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Outras obras do autor publicadas pela Galera Record

Série O poder dos cinco

O portal do corvo

Estrela do mal

Corporação crepúsculo

Necrópolis

Limbo

ANTHONY HOROWITZ

LIMBO



Tradução de

Alves Calado

1ª edição

Rio de Janeiro | 2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H796L

Horowitz, Anthony, 1955-

Limbo [recurso eletrônico] : o poder dos cinco / Anthony Horowitz ; tradução Alves

Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2014.

recurso digital (O poder dos cinco ; 5)

Tradução de: Oblivion: the power of five

Sequência de: Necrópolis

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui índice

ISBN 978-85-01-02828-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção infanotjuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953-.II.

Título. III. Série.

14-10533

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

Oblivion: the Power of Five

Text © 2012 Stormbreaker Productions Ltd

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil

adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-02828-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

SUMÁRIO

O POVOADO

FIM DE JOGO — A CONFERÊNCIA

SANGUE E AREIA

A ÁRVORE

MATT

A RODA DA FORTUNA

LEGACY 600

ÁGUA ESCURA

O BOM SACERDOTE

LIMBO

POSFÁCIO

O POVOADO

UM

Faltava uma semana para eu fazer 16 anos quando o garoto caiu para fora da porta e tudo mudou. Será um bom começo? A Srta. Keyland, minha professora na escola do povoado, costumava dizer que é preciso agarrar o leitor na primeira frase. Se você perder tempo com descrições do céu, do tempo, do cheiro da grama recém-cortada ou sei lá o quê, as pessoas podem não querer continuar lendo, e eu tenho uma história grande para contar. Na verdade, é a maior história do mundo. O fim do mundo... e não existe história maior.

Talvez eu devesse ter começado por aí. Um monte de coisas diferentes estava acontecendo na Inglaterra, na América, no Oriente Médio — e, claro, na Antártica. Era para lá que os exércitos estavam indo. Haveria uma batalha enorme em que o futuro de tudo e de todos seria decidido. E

eu não sabia de nada disso. Nem percebia como tudo havia ficado horrível.

Bom, agora é tarde demais. Já comecei, então é melhor continuar. Eu. O garoto. A porta.

Vamos ver uma coisa de cada vez.

Meu nome é Holly — pelo menos é como todo mundo me chamava. Fui batizada como Hermione, mas isso era considerado metido demais para o tipo de garota que eu virei. E, de qualquer modo, Holly era mais fácil de soletrar. Ninguém nunca usava meu sobrenome. Como havia acontecido com um monte de crianças do povoado, meus pais estavam mortos e todo mundo achava mais fácil falar apenas o primeiro nome. Imagino que você queira saber como sou. Não sei bem como me descrever, mas posso dizer que, naquela época, eu não era bonita.

Meu cabelo tinha cor de palha e infelizmente, aparência também, comprido e emaranhado.

Tinha bochechas redondas, sardas e olhos azuis brilhantes. Trabalhava na fazenda desde que tinha idade para empurrar um carrinho de mão (o que, na verdade, foi bem cedo), por isso, era bastante forte. Minhas unhas eram lascadas e cheias de terra. Se eu tivesse roupas melhores, poderia ter uma aparência legal, mas a camisa e o macacão que eu sempre vestia tinham sido usados por várias pessoas antes de mim, e não me caíam nem um pouco bem.

Eu morava com meus avós. Na verdade, eles não eram meus parentes. Não tínhamos o mesmo sangue. Mas era assim que eu pensava neles. Eles se chamavam Rita e John e deviam ter

70 e muitos anos... o tipo da idade em que se é tão velho que a gente não se incomoda mais tentando adivinhar. Para ser justa, os dois estavam em ótima forma; eram lentos, mas podiam se

virar e tinham muito *compos mentis* (*compos* significa “controle” e *mentis* significa “da mente”, é do latim. A Srta. Keyland me ensinou isso). Se eu tinha algum problema com eles, era que os dois não falavam muito. Gostavam de ficar na deles — o que não era tão fácil, considerando que tinham me adotado e me levado para casa. Eram casados desde que todo mundo podia lembrar,

e ficariam perdidos se um não tivesse o outro.

Havia uma igreja no meio do povoado, a igreja de St. Botolph, que datava do tempo dos normandos. Ficava na encruzilhada perto da praça principal e era um lugar antigo e sério, surrado pelos séculos e reconstruído tantas vezes que parecia uma tremenda colcha de retalhos, como se uma máquina de terraplenagem tivesse se chocado contra ela em algum momento e eles

precisassem montar tudo de volta rapidinho antes que alguém notasse. Ficava cheia todos os domingos, ninguém no povoado pensaria em não ir ao serviço dominical, e até Rita e John vestiam as melhores roupas e iam até lá, de braços dados. Pessoalmente, eu odiava aquele lugar.

Para começo de conversa, eu não acreditava em Deus e costumava pensar que, se houvesse um

Deus, até Ele ficaria entediado com os mesmos hinos e orações uma semana depois da outra.

Contudo, isso não impedia o vigário de continuar. Seus sermões duravam horas e nunca variavam. *Rezem por misericórdia. Estamos sendo castigados pelos nossos pecados. Estamos todos condenados.* Ele podia ter alguma razão, mas jamais acreditei que a resposta seria encontrada de joelhos, naquele chão duro de pedra.

A igreja também era usada para as reuniões do povoado toda quarta-feira, mas não tínhamos permissão de participar antes dos 16 anos. Antes disso você não era considerado suficientemente crescido para entrar na discussão, mesmo que fosse suficientemente crescido para arrebentar as costas dando duro do amanhecer ao pôr do sol. Era engraçado como isso funcionava.

A porta não ficava de fato na igreja. Era nos fundos. A igreja era cercada por um cemitério cheio de lápides tortas com um caminho de cascalho no meio, e eu costumava usá-lo como atalho para casa. Do outro lado existia uma igreja mais velha ainda, ou os destroços de uma, que havia ocupado o lugar originalmente. Não restava muita coisa; só alguns arcos meio desmoronados e uma parede com dois buracos que podiam ter sido janelas magníficas, com vitrais e coisa e tal, e embaixo delas, uma porta de madeira.

Sempre houve alguma coisa estranha sobre a porta porque, em primeiro lugar, ela não dava

em lugar nenhum. Na frente ficavam duas lápides, e atrás, um pequeno pátio de cascalho, mas

não dava numa sacristia, num claustro ou em qualquer outra parte da construção. E havia uma

espécie de ponto de interrogação com relação àquilo. Quer dizer, quem fez aquela porta, e quando? As ruínas tinham literalmente centenas de anos (eram “pré-medievais”, dizia a Srta.

Keyland), no entanto, a porta não parecia antiga. Quero dizer, se ela estava lá durante séculos, por que a madeira não tinha apodrecido? Obviamente alguém a havia trocado, mas Rita, que tinha nascido no povoado, disse que durante toda a sua vida isso não foi feito, o que significa quase um século. Era tudo muito esquisito.

E, numa tarde do fim de agosto, ela se abriu de repente e um garoto caiu para fora dela.

Eu estava a caminho de casa pelos pomares, onde tinha colhido maçãs, um dos trabalhos que

eu menos preferia, se bem que, para ser honesta, qualquer coisa que tenha a ver com plantar e armazenar comida é um serviço duro, chato e repetitivo. As piores coisas de colher maçãs?

Perceber que a Delícia Dourada madura demais que você passou meia hora tentando arrancar sacudindo o galho não vai ser dourada nem deliciosa. Descobrir que uma vespa se enterrou no

miolo podre e, assim, levar uma picada feia na palma da mão. Espetar-se pela quinquagésima vez numa moita que ficou esperando um ano inteiro para se cravar na sua carne. Carregar o cesto de volta ao ponto de coleta no auge do calor da tarde, com bolhas nos ombros e outras

piores ainda nos dedos. E a coisa não termina jamais. O Sr. Bantoft — administrador da fazenda, divisão de frutas — tinha dito que havia menos maçãs naquele ano. Disse que o pomar inteiro estava começando a ficar ruim. Para mim, não parecia.

De qualquer modo, eu estava cansada, suja, e não pensava em muita coisa quando a porta na parede antiga se abriu e o garoto cambaleou para a frente e despencou na grama. Era bem

magro, com cabelo comprido e muito preto, com uma franja reta, e eu fiquei perplexa porque não o reconheci na mesma hora. Mas, afinal de contas, um lado

do rosto dele estava sujo de sangue. Na verdade, havia litros de sangue escorrendo pela bochecha. Pingava no ombro, e a camisa estava ensopada. Corri até ele e parei com o coração batendo forte, mordendo as juntas dos dedos — o que eu sempre faço quando estou chocada com alguma coisa. O negócio era o

seguinte: eu nunca tinha visto aquele garoto. Por mais impossível que fosse, eu soube imediatamente.

Ele não era do povoado.

Ele me viu e seus olhos se arregalaram, fazendo com que eu me lembrasse de um coelho momentos antes de a gente cravar uma flecha na garganta dele. O garoto não estava tão ferido quanto pensei a princípio. Alguma coisa havia acertado a cabeça dele logo acima da têmpora e feito um corte feio, mas não achei que estivesse com o crânio fraturado. Estava usando camisa, jeans e tênis, e eles pareciam novos. Não poderia ser mais estranho. Ele nem parecia inglês. Seus olhos eram tão escuros quanto o cabelo. E havia algo no nariz e nos malares... era como se tivessem sido esculpidos em madeira.

— Onde estou? — perguntou ele.

— Na igreja — respondi. Era uma pergunta muito estranha. Eu não sabia direito como responder.

— Que igreja? Onde fica?

— É a igreja de St. Botolph. Fica no povoado.

O garoto me olhou como se eu não soubesse do que estava falando. Então desistiu de mim.

— Não está certo — contestou ele. — Preciso voltar.

— Para onde?

Mas ele não estava prestando atenção. Já havia se levantado e retornado para a porta.

Fechou-a, depois abriu de novo. Não sei o que ele estava esperando achar do outro lado, mas, como já expliquei, ela levava para aquele pequeno pátio, só com

uns tufos de grama brotando do cascalho. O garoto passou pela porta, fechando-a. Eu dei a volta para vê-lo do outro lado. Ele estava ali parado, respirando ofegante. Parecia ter se esquecido do ferimento na cabeça. Depois me viu olhando-o.

— Está quebrada — disse ele.

— O que está quebrada?

— A porta. Ela deveria ter me mandado de volta.

— Epa! Calma aí! — Dei um passo e quase o agarrei, mas pensei melhor. — É só uma porta.

Ela abre e fecha. O que mais deveria fazer?

— Eu já disse. Quero que ela me leve para o lugar de onde vim. Preciso achar meu irmão.

Preciso voltar.

— Para onde?

— Hong Kong.

Eu estava preocupada pensando que o garoto talvez fosse precisar de um médico por causa

do ferimento na cabeça, e isso causaria todo tipo de problema porque ele teria de explicar como tinha vindo para o povoado e eles provavelmente iriam espancá-lo e interrogá-lo antes mesmo de pensarem em tratar dele. Mas isso era só uma parte. Parecia que ele estava delirando. Disse que tinha vindo de Hong Kong, que fica do outro lado do mundo, e mesmo que houvesse aviões

comerciais voando, o que não havia, isso teria sido impossível.

E outra coisa que só notei agora. O sotaque. Ele certamente não era do povoado nem de nenhum lugar perto. Nem parecia inglês.

Nesse ponto eu tinha mais ou menos me decidido. Era hora de ir para casa. O

garoto estava

machucado, era estrangeiro, meio maluco e não tinha sido convidado — tudo significava encrenca séria. Mas a encrenca não precisava ser minha. Eu continuaria indo para casa e deixaria que outra pessoa cuidasse dele. Mas quando ia me mexer, ele me olhou como se tivesse lido meu pensamento e, de repente, pareceu tão perdido e com medo que eu soube que não podia

deixá-lo.

— Hermione? — perguntou ele.

Eu não conseguia me lembrar de ter dito isso a ele.

— É o meu nome — falei. — Mas meus amigos me chamam de Holly.

— Holly... — Ele parecia atordoado.

— Como você se machucou?

Ele pôs a mão na cabeça, depois examinou o sangue nas pontas dos dedos, como se tivesse

visto aquilo pela primeira vez.

— Não sei. Acho que alguma coisa deve ter me acertado. O lugar inteiro estava sendo destruído... um templo em Hong Kong. Havia um tufão. Você deve ter visto na TV.

— Não existe TV. Não mais. — E havia outra coisa não se encaixava bem. — Quando você esteve em Hong Kong? — perguntei.

— Agora mesmo. Há um minuto.

Foi então que eu soube que ele era maluco e decidi ir embora, só que, nesse momento, escutei vozes: dois homens atravessando o cemitério, vindos do norte. Soube imediatamente quem eles eram: Mike Dolan e Simon Reade. Trabalhavam juntos no perímetro externo e deviam

estar indo para lá, pois os dois carregavam armas. Se vissem o garoto, tudo

estaria acabado. Ele era um estranho. Não tinha lugar aqui. Iriam enchê-lo de buracos sem ao menos perguntar seu

nome — coisa que, por acaso, eu também ainda não tinha feito.

— Você precisa se esconder — sussurrei.

— O quê?

— Só faça isso! — Empurrei o garoto e ele se agachou no canto, onde a parede antiga se projetava longe da igreja. Estava escuro ali, fora do sol, e uma sombra caía em cima dele como parte de uma lona. Um segundo depois, os dois homens me viram.

— O que está fazendo aqui, Holly? — perguntou Dolan. — Não deveria estar em casa?

Isso era típico. Só porque carregava uma arma ele achava que tinha o direito de mandar em

todo mundo. Era um homem grande, atarracado, barbudo e com roupa suja. Bom, todos nós tínhamos roupa suja, mas a dele era pior do que a da maioria. Nunca gostei muito dele.

— Eu estava indo — respondi.

— O que você tem nas mãos? Se machucou?

Olhei e vi o sangue do garoto. Devia ter me sujado um pouco quando o empurrei.

— Não é nada. Eu me cortei.

— Numa macieira? — Os dois gargalharam.

Então Reade se virou para mim com olhos de raio laser. Era o menor dos dois, magro e pálido. Gostava de andar com Dolan porque isso o fazia sentir-se importante. Suspeitava de tudo, como um cão sempre farejando os pés da gente.

— Eu ouvi você falando com alguém? — perguntou ele.

— Não.

— Acho que ouvi.

Eu não sabia o que dizer. Com o canto do olho, eu podia ver o garoto espremido, e me perguntei por que estava mentindo por ele. O que eu poderia fazer para esses dois sujeitos me deixarem em paz? Minha mente procurou uma resposta e a igreja me deu.

— Eu estava rezando — disse.

Os dois assentiram. Ambos tinham mulheres que poderiam ser freiras se não tivessem se casado... do tipo que fazia o sinal da cruz dez vezes por dia e chorava de verdade ao ler a Bíblia.

Havia muita gente assim no povoado. Faziam até encontros de orações nas tardes de folga. Eu

sorri e tentei parecer santa. De algum modo, funcionou.

— É bom rezar — disse Dolan. — Precisamos de toda ajuda possível. Mas vai escurecer logo.

É melhor você ir para casa.

— Sem dúvida, Sr. Dolan.

Eles foram embora, batendo papo com as armas atravessadas nos ombros. Esperei até os dois sumirem, depois corri para o garoto. Para minha perplexidade, ele havia caído no sono — se bem que era mais provável que o choque e a exaustão o tivessem apagado. Acordei-o com uma

sacudida.

— Scott...? — murmurou ele.

— Quem é Scott?

— Meu irmão...

— Bom, infelizmente não sou o Scott. Sou Holly. Como você está?

— Não sei. Confuso.

— Você não me disse o seu nome.

— Você não perguntou.

— Estou perguntando agora.

— É Jamie. Jamie Tyler... — Ele tentou se levantar, mas estava fraco e tonto demais. — Você

precisa me ajudar.

— Já ajudei. Acabei de impedir que você levasse um tiro. E talvez ajude mais um pouco. Mas

você precisa dizer de onde veio (de onde veio de verdade) e quem é. Você não sabe o tamanho

da encrenca em que eu posso me meter, só por falar com você.

— Certo. — Ele engoliu em seco e eu vi uma onda de dor passar diante de seus olhos. —

Você tem um pouco d’água?

Peguei minha mochila e abri. Eu tinha uma garrafa cheia d’água quando havia começado a trabalhar, mas agora não restava muita. Entreguei-a, e ele a esvaziou de uma vez, como se não tivesse ideia de como aquilo era valioso. A água pareceu reanimá-lo um pouco. Ele esticou as costas. O sangue estava secando sob o sol da tarde que findava.

— Que país é esse? — perguntou ele.

Dei de ombros. Que tipo de pergunta era aquela?

— Que país você acha que é? — exclamei. — É a Inglaterra. Onde mais seria?

— Estamos perto de Londres?

— Nunca fui a Londres. Não tenho ideia. — Eu estava perdendo a paciência

rapidamente. —

Diga o que eu quero saber ou vou embora e deixo você aqui.

— Não. Não faça isso. — Ele estendeu uma das mãos, me fazendo parar. — Vou contar o que puder. Mas isso não vai te ajudar. Você não vai acreditar.

— Experimente. — E é melhor andar logo, quis acrescentar. O sol estava baixando por trás do pináculo. As lápides lançavam sombras que iam cada vez mais longe. Já deviam estar me esperando em casa.

— Tem outro local onde a gente possa conversar? Podemos entrar em algum lugar?

— Conte agora.

Mas ele não contou... pelo menos, não naquela hora. Eu não tinha ouvido os passos atrás de

mim. Não havia percebido que Mike Dolan e Simon Reade tinham voltado, até que me virei e vi

os dois, imóveis, apontando as armas para Jamie.

— Aí está — falou Reade. — Eu disse que tinha alguma coisa acontecendo.

— Quem é ele? — perguntou Dolan e, depois, fez a mesma pergunta para Jamie: — Quem é

você?

— Sou Jamie.

— Como chegou aqui?

Jamie hesitou. Dava para vê-lo pensando no que dizer.

— Peguei um ônibus — respondeu por fim.

Era a resposta errada. Quase preguiçosamente, Dolan girou o fuzil, fazendo a coronha bater

na lateral da cabeça de Jamie e ele cair esparramado. O golpe foi do lado que não tinha sido machucado. Pelo menos até aquele momento. Eu gritei, mas Reade ficou na minha frente, bloqueando o caminho. Jamie ficou caído, imóvel. Dolan parou junto dele. Virou-se para mim.

— Você precisa se explicar, Holly — disse ele. — Mas isso pode ficar para depois. Agora é melhor ir para casa. — Ele assentiu para Simon. — Vamos amarrar esse garoto e trancá-lo em algum lugar seguro. E achar o reverendo Johnstone. Vamos ter de convocar uma assembleia.

E foi assim. Eu só pude ficar parada, olhando, enquanto os dois pegavam o garoto e levavam

embora.

DOIS

Rita e John moravam numa casa moderna, de três quartos, ao lado do posto de gasolina — não

que houvesse alguma gasolina, claro. As duas bombas ficavam perto uma da outra como lápides

de metal, com o vidro quebrado e o metal enferrujado, com o Sr. e a Sra. Esso mortos embaixo.

Passei direto por elas, correndo, e não parei até chegar em casa.

Terei de descrever o povoado, caso contrário o que aconteceu mais tarde não vai fazer sentido.

Basicamente ele ficava na encosta de um morro pouco íngreme, com a praça, a igreja e a prefeitura no meio, de modo que havia um povoado alto e outro baixo, que na verdade eram bem diferentes um do outro. A parte onde eu morava era quase toda moderna, composta de boas casas de tijolos com janelas amplas e jardins nos fundos que já haviam sido floridos, mas agora tinham verduras e legumes. A metade de baixo era muito mais antiga. Era ali que todos os veranistas tinham morado, mas agora todos sumiram e suas casas foram tomadas. Eram principalmente chalés com teto de palha, o que causava todo tipo de problemas como bichos morando no telhado e vazamentos nas janelas, mas

também havia umas duas fileiras com terraços bonitos que quase desapareciam embaixo das glicínias e madressilvas que ainda brotavam toda primavera, ainda que ninguém cuidasse das plantas.

Descendo a partir da praça, você chegaria a uma encruzilhada com o bar Cabeça da Rainha

de um dos lados. O Rainha, como todo mundo chamava, era branco, em estilo enxaimel e ainda

fazia sua própria cerveja que era conhecida como Asneira da Rainha e tinha sido uma espécie de piada no condado; rala, rançosa e ruim, era como os moradores a descreviam. Ninguém pensava

que, um dia, seria a única cerveja possível de conseguir. Se você virasse à direita, ia dar meia-volta, saindo na Ferry Lane atrás do posto de gasolina. Se virasse à esquerda, passava por cerca de meia dúzia de casas antes de chegar ao terreno aberto com plantações e nos pomares. O

povoado plantava trigo, batata e beterraba de açúcar, dependendo da estação, e também havia

porcos e galinhas. Todo mundo tinha seu próprio lote, mas a regra era que você precisava compartilhar tudo, mesmo que isso sempre gerasse discussões.

Seguindo a rua principal até embaixo, você chegaria a um cais com um mastro de bandeira sem bandeira, e ao rio, um beco sem saída em todos os sentidos porque, por mais que a água já tivesse sido cheia de peixes, agora era densa, oleosa, e nadar durante cinco minutos levaria qualquer um para o hospital — se tivéssemos um hospital, é claro — ou mais provavelmente

para a sepultura. No Rainha, havia uma foto do rio como era antigamente, e mesmo sendo uma foto em preto e branco, ele ainda parecia mais colorido do que agora. Não havia outro modo de sair do povoado, e apenas um modo de entrar. Essa era a principal característica. Uma única estrada passava pela floresta densa que nos cercava de três lados. Com o passar dos anos, um círculo de torres de vigia fora construído, de modo que era impossível se aproximar do povoado sem ser visto. Grandes placas alertavam as pessoas de que levariam tiros se chegassem perto demais, e eu ouvi tiros uma ou duas vezes no meio do dia, mas como nunca ia às reuniões do

povoado, não sei quantas pessoas tentaram entrar, quantas foram mandadas de volta ou quantas morreram.

Nós, os moradores, tínhamos permissão de ir e vir. Tínhamos senhas que mudavam todo mês

e eram pregadas no antigo ponto de ônibus, que permanecia como lembrança do tempo em que havia ônibus. A senha de setembro era “salicórnia”. Ainda existiam muitos coelhos na floresta (se bem que menos nos últimos anos) e éramos encorajados a caçar, usando arcos e flechas para economizar balas. Uma vez eu trouxe um cervo com uma única flecha no pescoço,

e durante uma semana fui a heroína do povoado. Todo mundo tinha alguma coisa legal para falar sobre mim. Mas então o último pedaço de carne foi comido e os ossos foram cozidos até a última tigela de sopa, e as coisas voltaram rapidamente ao normal.

De qualquer modo, aí está. Um povoado com cerca de trezentas pessoas, tendo uma floresta

densa numa ponta e um rio morto na outra. Estávamos isolados. E sabíamos todos que provavelmente esse era o motivo para continuarmos vivos.

Rita me esperava do outro lado da porta de entrada e soube imediatamente, pela minha cara, que havia alguma coisa errada. Ela era magra como um graveto, com cabelos prateados e

compridos e olhos fundos. Quando estava com raiva, parecia uma bruxa. Agora estava só apavorada, se bem que, como sempre, se esforçava ao máximo para não demonstrar. Rita mantinha as emoções trancadas como sua melhor louça e só as punha para fora em ocasiões especiais.

— O que foi, Hermione? — Ela era a única pessoa que me chamava assim. — O que aconteceu? Por que se atrasou?

— Encontrei alguém... — hesitei.

— Quem você encontrou?

— Um garoto. Mas não era do povoado.

Ela me encarou.

— Como assim?

— Ele simplesmente apareceu perto da igreja. Disse que se chamava Jamie. Eu nunca o tinha

visto antes.

— E o que você fez?

— Nada. Conversei com ele.

Os ombros de Rita se afrouxaram. Foi um movimento muito deliberado. Ela fez isso para demonstrar que estava irritada. Depois girou nos calcanhares e entrou rapidamente na cozinha, onde John e o último membro da nossa pequena família — George — estavam jantando.

Não preciso contar muito sobre o John. Ele nunca falava muita coisa. Era um homem pequeno, de cabelo branco — mais baixo do que Rita — que passava a maior parte do tempo sentado com uma expressão distante. Não era idiota. Acho que só não queria se envolver.

George era diferente. Tinha 18 anos, três a mais do que eu e assim como eu, não tinha os pais.

Trabalhava na padaria do povoado, e dava para saber isso só de olhar, porque ele era bem

carnudo e estava sempre coberto por uma fina camada de farinha. Tinha cabelo louro, que nunca penteava, e olhos azuis. Esta era sua melhor característica. Ninguém achava que George tinha muita coisa a oferecer, mas eu o conhecia melhor do que todo mundo e, se tivesse de escolher uma pessoa no povoado para me defender, seria ele.

Nós dois tínhamos crescido como irmãos, sob os cuidados de Rita e John. George era muito

tímido e sempre parecia desconfortável quando eu estava por perto. Às vezes eu achava que, quando Rita e John morressem, nós simplesmente ficaríamos com a

casa, morando juntos... e seria assim se as coisas não tivessem acontecido como aconteceram.

— Apareceu um estranho no povoado — anunciou Rita enquanto eu a acompanhava para dentro da cozinha.

— Um estranho? — John afastou o olhar do mingau, ou de qualquer gororoba que estava comendo.

— Encontrei-o no pátio da igreja — disse eu.

— De onde ele veio?

— Não sei. Só estava ali. — Eu não iria contar sobre a porta. Isso ainda não fazia sentido para mim.

— E quem ele é? — perguntou George. — Qual é o nome dele?

— Ele disse que se chama Jamie. A gente não conversou muito. É só um garoto mais ou menos da minha idade. E tinha um sotaque esquisito. Acho que ele não era inglês.

— E você soou o alarme...?

Essa era a grande questão. Todo mundo esperou que eu respondesse.

— Não tive chance. Simon Reade e Mike Dolan encontraram a gente. Eles pegaram o Jamie e

me mandaram vir para casa.

— Eles acharam vocês dois conversando? E você não tinha tocado o alarme? — Rita me encarou.

Confirmei com a cabeça, arrasada.

— Você não sabe a encrenca em que está metida. Você violou a primeira regra do povoado.

No momento em que o viu, deveria ter gritado pedindo ajuda.

— Eu sei. Mas ele é tão novo! E estava machucado. Estava coberto de sangue.

— Vai ficar pior do que isso quando o Conselho acabar com ele.

— Você não deveria brigar com ela — disse George. Ele tinha um jeito de falar lento e deliberado, que sempre fazia a gente sentir que ele havia pensado muito cuidadosamente no que iria dizer. — Holly não ajudou esse garoto a chegar aqui e não teve culpa se o viu primeiro. E se ele estava machucado, agiu certo em ajudá-lo.

— Simon e Mike não vão pensar assim.

— Eles vão tentar criar encrenca. É sempre assim. Isso faz com que eles se sintam importantes. — George se levantou e pegou a panela. — É melhor você comer alguma coisa —

disse. — Deixamos um pouco de cozido.

— Não estou com fome.

— Mesmo assim deveria comer.

Obedeci. Estava escurecendo, e Rita assentiu para George, que pegou duas velas e as acendeu. Eu teria preferido luz elétrica. As pequenas chamas mais pareciam enfatizar a escuridão do que iluminar. Eu podia sentir o mundo lá fora e todo tipo de problemas sem nome me pressionando. Mas não havia motivo para desperdiçar uma pilha. Elas só eram mantidas para emergências.

Houve uma batida à porta. John saiu e eu esperei que ele voltasse com Simon Reade ou Mike Dolan, por isso, fiquei aliviada ao ver que foi a Srta. Keyland quem apareceu.

Anne Keyland era uma daquelas pessoas de quem a gente não podia deixar de gostar. Tinha

uns 60 anos, mas parecia jovem e cheia de energia, andando por toda parte com suas galochas

de borracha amarelas. Tinha perdido um bocado de peso recentemente, e corriam boatos de que estava doente mas, mesmo que fosse isso, ela jamais teria

admitido. Ainda dirigia a escola do povoado. Além disso, era vice-presidente do Conselho. Adivinhei imediatamente que esse era o motivo para ela estar ali.

Ela me abraçou.

— Holly. A especialista em arranjar encrenca! Aparece um estranho no povoado e você é que

tem de encontrá-lo. Você vai ter de me contar tudo que ele lhe disse, querida. Como ele passou pelas torres de vigia? O que estava fazendo na igreja? De onde ele veio?

— Vou contar tudo! — exclamei. Eu estava feliz porque era ela. Independentemente das regras que eu tivesse violado, sabia que ela ficaria a meu favor.

— Não só a mim, infelizmente. Eles convocaram uma reunião do Conselho. Vão falar sobre o

garoto e decidir o que fazer com ele; e querem você lá.

— No Conselho?

— É. Não precisa ficar com medo. Só precisamos saber a verdade sobre o que aconteceu.

— O que vão fazer com ele? — perguntou George.

— Depende do lugar de onde ele veio e do que pretendia fazer. Se ele foi mandado para nos

espionar... — Ela não terminou a frase.

— Quero ir — disse George. — Acho que Holly não deve ir sozinha.

— Infelizmente, não é possível, George. Rita virá como guardiã de Holly. E eu estarei lá, por isso, não precisa se preocupar.

— Quando vai ser a reunião? — perguntei. Eu esperava que fosse na manhã seguinte ou talvez no fim da tarde, depois do trabalho.

— Eles já estão lá — respondeu a Srta. Keyland. — Estão esperando você agora.

Com o canto do olho, vi Rita e John trocarem um olhar. Era como se tivessem acabado de ouvir uma notícia muito ruim. Raramente as pessoas saíam à noite... e certamente não sem a luz de uma lua cheia. Só agora eu vi como a coisa era séria.

— Bom, então é melhor irmos — disse Rita.

E assim foi. Ela se levantou. E fomos.

TRÊS

Estavam nos esperando dentro da igreja, arrumados em semicírculo perto do altar com a cruz e o vitral mostrando os apóstolos São Pedro e Santo André pescando — ele estava bem sem graça

contra o céu noturno. Acenderam mais velas e uns dois lampiões a óleo, de modo que dava para ver claramente as pessoas que me esperavam. Não posso dizer que alguma sorriu quando entrei, mas mesmo assim relaxei um pouco. Eles podiam se chamar de Conselho com C maiúsculo, mas

eram homens e mulheres que eu conhecia durante toda a vida. No fim das contas, eu não tinha

feito nada de errado. Eles não iriam me machucar.

O vigário, o reverendo Johnstone, foi o primeiro que vi, com aquele rosto comprido que ele

sempre faz antes de um dos sermões intermináveis. Mike Dolan e Simon Reade estavam ao lado,

desfrutando de seu momento de glória. Em seguida vinham o Sr. e a Sra. Flint, um casal sólido, comum, de 50 e tantos anos. Eram donos da casa que ficava na base do morro, junto ao rio, e

mesmo tendo perdido os dois filhos, sempre tentavam ser positivos. A Srta. Keyland ocupou seu lugar junto deles, sentada ao lado de Sir Ian Ingram, universalmente conhecido como “I.I.” (se bem que ninguém dizia isso na cara

dele), presidente do conselho e o homem mais velho, mais

sábio e mais sério do povoado. Ninguém sabia por que ele ganhara o título de cavaleiro. Na verdade, tínhamos apenas a palavra dele com relação a isso. Mas ninguém sonharia em questionar. Quando digo que a palavra dele era lei, falo literalmente. Ele era advogado, e tinha escrito um monte das leis segundo as quais nós vivíamos agora.

Jamie Tyler estava sentado de costas para mim, voltado para o altar. Ele estava afundado numa cadeira; não amarrado a ela, mas parecendo muito exausto para se mover. Virou-se quando entrei, e vi que seu rosto tinha sido limpo e que alguém havia posto uma bandagem em

sua testa. Também haviam tirado sua camisa, e se ele me perguntasse quando iria recebê-la de volta, eu teria dito para não se incomodar em esperar. Assim que fosse lavada, seria um belo presente para o filho adolescente de alguém, porque era quase nova em folha e ainda mantinha a cor e todos os botões. Ele teria de se virar com a camiseta deformada e gasta com HEINZ 57

escrito na frente, que ele havia recebido em troca.

Nossos olhares se encontraram e, só por um segundo, eu o senti tentando me dizer alguma

coisa. Quis virar a cabeça mas, não sei como, descobri que estava com o olhar imóvel. George costumava fazer uma coisa parecida à mesa do jantar: de algum modo sinalizar para eu não repetir algo que ele havia dito ou para não contar a Rita o que tínhamos aprontado durante o

dia. Mas com Jamie era muito mais do que isso. Era como se eu pudesse ouvir sua voz sussurrando para mim, pertinho do ouvido.

Não diga nada...

Era a sensação mais esquisita que eu já havia tido, e quando me sentei ao lado dele (o que não era bom: duas cadeiras viradas para o Conselho, nós dois sendo acusados), precisei fazer muita força para me convencer de que tinha imaginado isso, que ele não havia penetrado na minha mente. Examinando-o agora, ele parecia muito comum, muito inocente. No entanto, eu estava começando a perceber que não era nada disso.

Rita ocupou seu lugar num dos bancos da igreja, o que significava que só estava assistindo, sem fazer parte do Conselho. A sessão teve início.

Para começar, Reade e Dolan deram sua versão do que havia acontecido, cada um tentando

superar o outro na tentativa de ser o centro das atenções, de modo que acabaram dizendo tudo duas vezes. Eles tinham me visto, tinham perguntado o que eu estava fazendo, tinham percebido que eu estava mentindo, tinham voltado e me encontrado com o garoto. Ainda que tentassem incrementar e fazer com que a coisa parecesse pior do que era de verdade, esse foi mais ou menos o resumo.

Sir Ian me lançou um olhar sério.

— Por que não tocou o alarme no momento em que viu o garoto? — perguntou ele.

— Eu ia fazer isso — respondi. — Mas não tive chance.

— Você mentiu para o Sr. Dolan e o Sr. Reade.

— Não sei por que fiz isso. — Certamente era a verdade. Eu devia estar fora de mim. —

Acho que foi porque ele estava ferido.

— A segurança do povoado, toda a nossa sobrevivência, repousa numa única premissa. Não

deixamos ninguém saber que estamos aqui. Nós nos protegemos do mundo lá fora: através da

força, se necessário. Se esse garoto entrasse e saísse e dissesse aos outros que estamos aqui, tudo poderia acabar para nós. Entendeu? No entanto, você estava preparada para deixar que isso acontecesse.

— Ele não parecia um espião — argumentei. Minha boca tinha ficado seca e eu me sentia péssima.

Sir Ian voltou a atenção para Jamie.

— Seu nome é Jamie Tyler? — confirmou.

— Sim, senhor.

— De onde você veio?

— Eu já disse. — A voz de Jamie mudara desde que eu o havia encontrado há uma ou duas

horas. Tinha perdido o tom de pânico. Ele parecia mais seguro. — Não me lembro do que aconteceu comigo. Acordei na floresta e alguém tinha me acertado na cabeça. Havia muito sangue. Eu não sabia para onde ir, por isso continuei andando e cheguei a esse povoado. Fiquei com medo de ser visto, por isso me escondi atrás da igreja. Foi onde Holly me achou.

Ele estava mentindo. Não tinha contado sobre a porta — nem sobre o tufão e Hong Kong...

todas as coisas que falou comigo. Eu ia dizer alguma coisa, mas ali estava ele de novo, dentro da minha cabeça.

Por favor...

— Como você passou pelas torres de vigia? — perguntou o vigário.

— Não vi nenhuma torre de vigia, senhor. Não vi nada até chegar ao povoado, e não

pretendia vir para cá. Simplesmente cheguei aqui.

— E de onde você veio? — Sir Ian repetiu a pergunta.

Jamie tocou a bandagem em volta da cabeça.

— Infelizmente não posso dizer, senhor. Não lembro. Só sei que acordei na floresta. Acho que alguém me largou lá.

— Ele está mentindo — disse Reade.

— Ninguém poderia ter passado pelas torres — concordou Dolan.

— Deixe a gente ficar uma hora com ele — continuou Reade. — Vamos fazer com que se lembre de onde veio.

— Não vamos machucar crianças. — Não lembro se foi o Sr. ou a Sra. Flint quem disse isso,

mas os dois pareciam ultrajados. Ele e a esposa eram muito parecidos. Sempre concordavam um

com o outro.

— Foi isso que ele contou a você? — Sir Ian havia se virado para mim.

Esse era o momento da verdade. Eu era a única pessoa na igreja que sabia verdadeiramente

que Jamie estava inventando tudo. Ele certamente não estava com amnésia quando nós nos encontramos, e mesmo que tivesse mentido naquela hora, era uma história diferente da que estava contando agora. Todos os meus instintos berravam para eu me separar dele, para me levantar e acusá-lo. Mas por algum motivo, não pude fazer isso. Não tinha ideia de quem ele era. Mal havia falado com ele. Mas mesmo assim me peguei defendendo-o.

— Ele estava muito confuso — respondi. — Não fazia muito sentido. Certamente não sabia

onde estava. — Tudo isso era verdade, mais ou menos. Só que não totalmente.

Sir Ian examinou Jamie.

— Você tem sotaque americano — disse ele.

— Sim, senhor.

— Mas isso não é possível. Você não pode ter vindo dos Estados Unidos. Tem alguma lembrança de ter estado num avião ou num navio?

— Senhor, eu gostaria de ajudar. Mas não me lembro de nada.

Sir Ian se virou para a vice-presidente.

— Anne?

A Srta. Keyland se empertigou, como eu a via fazer frequentemente na sala de aula. Tinha posto os óculos, mas estava olhando por cima deles, e não através.

— Se o garoto não pode nos ajudar, teremos de decidir entre nós o que faremos com ele.

Quais são as opções? Sabemos como já lidamos com os intrusos no passado.

— Ele é uma criança — disse o reverendo Johnstone, levantando o mesmo argumento dos Flint.

— Tem pelo menos 15 anos — contrapôs Dolan. — E sabia o que estava fazendo ao vir aqui.

— Poderíamos dar-lhe uma casa e torná-lo um de nós — continuou a Srta. Keyland. —

Teríamos de vigiá-lo, claro. Ele não teria permissão de sair do perímetro. Em circunstâncias normais, dada a idade dele, é o que eu recomendaria. Mas estas não são circunstâncias normais, são, Sir Ian?

— Infelizmente, não.

Sir Ian pegou um grande envelope branco. A simples visão dele pareceu provocar um tremor

coletivo nos membros do Conselho, e eu me perguntei que diabos seria aquilo, e por que seria relevante agora. Todos sabiam o que havia dentro, mesmo antes de ele abrir o envelope e pegar uma foto. Ele virou-a para que Jamie a visse — e eu a vi também. Na verdade havia cinco fotos

numa única folha, rostos de quatro garotos e uma garota. E escrito embaixo:

RECOMPENSA. 100.000 LIBRAS POR INFORMAÇÕES QUE LEVEM À PRISÃO DE

QUALQUER UMA DESSAS CINCO CRIANÇAS. OS TELEFONEMAS SERÃO TRATADOS

COM SIGILO TOTAL. CONTATAR A POLÍCIA PELO 999 A QUALQUER MOMENTO.

O rosto de Jamie era um deles. Não. Olhei novamente. Na verdade, seu rosto era de *dois* deles. Deveria ter havido algum erro na impressão, pois duas das fotos eram duplicatas, uma ao lado da outra. Então me lembrei. Antes de ter contraído a falsa amnésia, Jamie havia me falado sobre um irmão. Devia ser um irmão gêmeo. Mas quem eram os outros? E como (e quando) as

fotos teriam chegado aqui? Não havia entrega de correio desde que eu era capaz de me lembrar. E, de qualquer modo, ninguém usava mais dinheiro. Cem mil libras não valiam nada.

Poderia ser um milhão de libras e não faria diferença. De repente, desejei estar na minha cama.

Não entendia nada daquilo.

— Este não é o garoto da foto — disse a Sra. Flint.

— É ele — reagiu Dolan, rispidamente.

— Não pode ser. A foto foi tirada há dez anos, e olhe para ele! Não cresceu nem um pouco!

— Mesmo assim, é ele. É idêntico.

— Se a polícia está procurando por ele, deve ser informada — disse Reade. Mas eu não tinha

ideia de como ele conseguiria isso também. O que iria fazer? Mandar um pombo-correio? — A

polícia pode descobrir por que o menino continua do mesmo jeito.

— O que vamos fazer com o dinheiro da recompensa? — perguntou o Sr. Flint.

— A recompensa pode ter mudado — disse Reade. — Pode ser comida. Máquinas.

Sementes. Pode ser qualquer coisa que a gente queira...

— A recompensa não é o que importa — interveio Sir Ian. — Se a polícia está procurando o

garoto, nosso dever é informá-la. Proponho que façamos isso. Vamos entrar em contato com a

polícia e manter o garoto sob custódia até que ela chegue. Vamos votar?

Reade e Dolan levantaram a mão imediatamente.

— Concordo — disse Dolan.

O Sr. Flint balançou a cabeça.

— Não tenho certeza... — começou. — Nós queremos mesmo nos envolver com a polícia, ou

com alguém de fora do povoado? — Ele olhou para a Sra. Flint, que assentiu, concordando.

Eram três votos a favor e dois contra.

— Acho que deveríamos discutir mais — murmurou o vigário. Isso era típico dele. Nunca fazia

nada com pressa. Era o tipo de homem capaz de embromar durante vinte minutos num batizado

antes de anunciar o nome da criança. — É — disse ele, concordando consigo mesmo. —

Precisamos pensar mais nisso.

Três a três. A Srta. Keyland tinha o voto de desempate. Eu a vi deliberando. Não parecia feliz.

Mas acabou que nem teve chance de falar.

— Vocês precisam mandar examinar a própria cabeça se vão chamar a polícia...

A voz veio dos fundos da igreja. Girei para ver quem era, notando, ao mesmo tempo, que todos os membros do Conselho tinham reagido com ultraje. Reade e Dolan já estavam de pé. A

Srta. Keyland ficou chocada. Sir Ian, furioso.

Uma figura saiu das sombras.

Era o Viajante. Quem mais poderia ser? E agora terei de parar um momento para contar sobre ele, o único homem que havia chegado ao povoado no meu tempo de vida, a única pessoa

de fora que tinha obtido permissão de ficar.

Havia chegado sete anos antes, quando eu tinha uns 8, viajando pelo rio num barco-casa puxado por um cavalo shire preto e branco resultante do cruzamento de outras duas raças. Isso faz com que ele pareça uma espécie de cigano, e podia ser, mas havia mais alguma coisa nele que ele sempre mantivera oculta. Tinha uns 40 anos, olhos escuros e inteligentes que se recusavam a encarar os nossos, e um hábito de nunca estar exatamente onde a gente esperava.

Em muitos sentidos, fazia com que eu pensasse num ator. Eu tinha visto imagens de atores da

época de Shakespeare e ele tinha o mesmo olhar, a mesma confiança. E também tinha a voz certa para isso. Quando falava, a gente queria ouvir.

Algumas pessoas diziam que ele tinha feito parte do governo, outros diziam que era do exército ou da força aérea, mas ninguém tinha certeza. Ele havia aparecido pelo rio, naquele seu barco-casa — o nome era *Lady Jane* — e, claro, foi agarrado e preso no momento em que mostrou a cara. Metade do povoado queria expulsá-lo e a outra metade não foi assim tão mais

receptiva. Muitos gostariam de tê-lo enforcado numa árvore para não contar a ninguém sobre nós, quantos éramos, quantos suprimentos tínhamos. Mas o Viajante usou aquela sua voz para

sair da encrenca. Falou com todo o povoado, e depois disso as pessoas votaram e decidiram recebê-lo.

Como ele havia conseguido isso? Bom, em primeiro lugar por causa dos suprimentos no barco — a comida e os remédios que ele poderia ter escondido rio acima, mas que optou por compartilhar. Tinha até uma dúzia de garrafas de uísque, o que lhe garantiu muitos amigos. E

havia seu cavalo, que puseram para trabalhar durante um tempo, mas que rapidamente acabou

fornecendo carne para a maior parte da população. Eu não gosto de carne de cavalo. É dura, borrachuda e tem cheiro ruim, mas depois de uma dieta quase ininterrupta de legumes e verduras, qualquer coisa com osso é bem-vinda. O Viajante deu ao povoado tudo que tinha menos seu nome. Isso ele guardou. Atracou o barco a uns 400 metros rio abaixo e morava lá sozinho. Nunca vinha às assembleias. Por outro lado, era um bom artesão e ajudou a consertar os telhados danificados pelas tempestades do inverno anterior. Quase sozinho, reconstruiu o muro na parte de baixo do campo de porcos. Fazia anos que aquilo vinha desmoronando. As pessoas ainda não confiavam nele totalmente, mas o Viajante ficava na dele e não fazia inimigos, por isso o deixaram permanecer.

Mas o que tinha feito agora ia contra as regras. Tinha entrado na igreja durante uma reunião do Conselho, e se xeretar já não era suficientemente ruim, tinha se revelado, entrando na discussão, dando uma opinião que não fora pedida. E ainda estava fazendo isso, avançando daquele seu jeito sinistro, passando por mim e encarando os membros do Conselho, mas ao mesmo tempo examinando Jamie Tyler com o canto do olho e sorrindo sozinho, como se estivesse esperando para encontrá-lo e tivesse vindo expressamente com esse objetivo.

— Isso é uma desgraça — exclamou Sir Ian, no tipo de tom que um dia devia ter usado num

tribunal. — Viajante, você não tem absolutamente nenhum direito de estar aqui...

— Ele estava espionando a gente! — disse Dolan. Espionando. De repente era a palavra predileta de todo mundo.

— E nós não pedimos sua opinião — continuou Sir Ian.

— Mas vão tê-la, de qualquer modo.

Reade e Dolan já estavam indo na direção do Viajante com violência nos olhos.

Eu não tinha

dúvida de que iriam agarrá-lo e jogá-lo para fora da igreja — talvez na prisão. Havia um buraco no posto de gasolina que era usado exatamente para isso: um buraco quadrado coberto com tela de arame. Não era usado desde que Jack Hawes, o coveiro, tinha atacado o vizinho numa disputa por causa de repolhos. Ele fora posto lá para ficar seis semanas, mas pôde sair depois de três porque a Sra. Draper morreu de repente e ninguém queria cavar a sepultura.

— Esperem um minuto! — O Sr. Flint estava de pé e se colocou entre os três homens. Era um sujeito pequeno, arrumadinho, com cabelos grisalhos e ondulados, e se uma briga começasse, seria esmagado num instante. Mas era exatamente uma briga o que ele estava tentando evitar.

— O Viajante está aqui — afirmou ele. — O dano está feito. É melhor ouvirmos o que tem a

dizer.

Reade e Dolan estavam de cara feia — o que não era difícil para eles — mas todos os olhares

se voltaram para Sir Ian, esperando sua decisão. Enquanto isso, eu olhei para Jamie. Ele tinha ficado sentado, totalmente imóvel, o tempo todo, mas dava para ver que estava pensando intensamente, como se não tivesse ideia do que acontecia ali, mas estivesse se esforçando ao máximo para deduzir.

Sir Ian ainda estava confuso. De que lado deveria ficar? Como poderia sair daquilo sem perder a autoridade? No fim, a Srta. Keyland veio em seu socorro.

— Não creio que fará mal deixá-lo falar, Sir Ian — argumentou ela. — Afinal de contas, estas são circunstâncias excepcionais. E o Viajante chegou aqui exatamente como o garoto. Concordo com o Sr. Flint. Deveríamos ouvir o que ele tem a dizer.

— Muito bem. — Agora que outra pessoa havia tomado a decisão por ele, Sir Ian sentiu-se

mais confortável. — Mas seja breve, Viajante. Diga o que tem a dizer e vá embora.

Todo mundo ocupou seus lugares de novo. O Viajante havia chegado ao espaço aberto diante

de mim e de Jamie e ficou ali, cercado pelos membros do conselho. Rita, de forma sensata, não havia dito nada o tempo todo. Eu sabia que ela ainda tinha suspeitas profundas com relação ao Viajante, e sua opinião não havia mudado durante os sete anos em que ele estava ali. “Não houve nada de casual no modo como ele chegou, esgueirando-se no meio da noite”, eu a ouvi

dizer uma vez. “E o que ele faz naquele barco? Ele diz que o barco não se mexe. Que está encalhado no banco de lama. Mas será verdade?”

“Ele não tem mais o cavalo,” lembrei. “E, de qualquer modo, por que iria querer se mudar?”

“Por que ele veio, para começo de conversa? É o que eu gostaria de saber!”

E ali estava ele agora, examinando o Conselho com um brilho no olhar, como se soubesse muito mais do que eles e muito mais do que iria dizer.

— É muito simples — começou. — Vocês mesmos disseram quando estavam interrogando a

garota. O único motivo para este povoado ter sobrevivido tanto tempo é porque ninguém sabe

que ele está aqui. Vocês têm a floresta e o rio, mas há ainda mais, não é? Há quantos anos vocês tiraram todas as placas e cavaram a estrada para ninguém encontrar o caminho? Até puseram torres de vigia. Fizeram um esforço enorme para garantir que fossem deixados em paz; e com toda a razão.

— Você nos encontrou — murmurou o reverendo Johnstone.

— Encontrei por acaso, vigário — concordou o Viajante. — E o senhor foi um dos que votou

a favor de eu ficar. Sempre serei grato por isso. Gosto daqui. Estou confortável no *Lady Jane* e com certeza o senhor concordará que ajudo bastante no povoado. Eu diria que agora sou um de

vocês; motivo pelo qual não quero que estraguem isso. Se contatarem a polícia, estarão

contando a ela sobre vocês mesmos. Pior, os estarão convidando para virem aqui. E quem pode dizer o que acontecerá depois disso? Claro, eles vão levar o garoto. Mas vocês têm certeza de que ficarão agradecidos? Acham mesmo que vão receber agradecimentos?

— Eles ofereceram uma recompensa — resmungou Dolan.

— Isso é fácil de fazer, não é? Cem mil libras de que vocês não precisam e que não podem

gastar. E, por causa disso, estão dispostos a arriscar a vida de cada homem, mulher e criança deste lugar?

— Por que deveríamos ter medo da polícia? — perguntou Sir Ian. Ele fora um dos que tinha

votado para mandar Jamie embora.

— Porque se vocês têm medo de todo mundo, e com todo o direito, deveriam ter medo igualmente da polícia. — O Viajante passou a mão pelo rosto. Estava escuro e com a barba por fazer. Ele ainda se barbeava, se bem que com lâminas que devia ter usado centenas de vezes.

Muitos homens do povoado haviam desistido quando ficaram sem aparelhos de barbear, e agora

usavam barbas hirsutas. — Quando viajei até aqui, há sete anos — continuou ele —, passei por povoados rio acima, a quilômetros de distância. As construções continuavam de pé, mas não havia ninguém nelas... nenhuma alma. Encontrei casas sem nada dentro e campos vazios, onde

só crescia mato. O que acham que aconteceu com aquelas pessoas? Talvez uma delas tenha decidido entrar em contato com a polícia por algum motivo. Talvez alguém tenha descoberto onde eles estavam.

Ele deixou as últimas palavras pairarem no ar, gélidas.

— A polícia poderia vir aqui de qualquer modo — disse a Srta. Keyland. — Poderia encontrar

o garoto por acaso. Se estivéssemos abrigando-o, poderíamos ser todos punidos.

— Por que a polícia viria aqui se não chamarmos? — perguntou o Sr. Flint. Ele obviamente estava ficando do lado do Viajante.

— Mesmo assim, se o garoto cometeu algum tipo de crime... — A Srta. Keyland estendeu a

mão e pegou a foto. Fiquei surpresa de ela pensar em entregar Jamie, mas ao mesmo tempo ela

era professora e, por isso, achei que ela tinha um respeito maior pela lei.

— Não fiz nada de errado — disse Jamie, baixinho. Fazia um tempo que ele não falava.

— Como você sabe? — zombou Dolan. — Achei que você tivesse perdido a memória.

— Eu não faria nada para prejudicar ninguém. Não vim aqui para prejudicar vocês.

— Então por que você está na foto? — perguntou a Srta. Keyland. — Por que a polícia está

atrás de você?

— Não sei. E a polícia também não disse a vocês. Só estão oferecendo dinheiro...

— Também há a questão do porquê a foto parece estar desatualizada em dez anos.

— Concordo com o Viajante — falei. — Acho que vocês não deveriam mandá-lo embora. O

que há de errado em deixar que ele fique?

Isso foi definitivamente um erro. Sir Ian se virou para mim com um olhar fulminante.

— Você não está aqui para votar, Holly — entoou ele. — Está aqui porque é acusada de violar a lei do povoado e ajudar a esconder um estranho. E já ouvimos o suficiente de você também, Viajante, muito obrigado. Agora deixe este lugar e permita que o Conselho faça o serviço e decida.

Achei que o Viajante ia responder, mas ele era mais sensato do que eu e simplesmente baixou a cabeça, virou-se e saiu. Notei que ele mancava ligeiramente. Talvez o frio e a umidade do rio tivessem penetrado nos seus ossos. Esperamos até ele sair, com os passos ecoando no chão de pedras. Uma porta nos fundos da igreja se abriu rangendo, depois se fechou com um

estrondo. De novo estávamos a sós.

— Não há mais nada a dizer — exclamou Sir Ian. — Estávamos votando. Agora que ouvimos

algumas declarações, vamos decidir.

— Acho que o Viajante estava certo — disse o Sr. Flint. — Por que deveríamos nos colocar em perigo? O garoto pode ficar, mesmo que tenhamos de mantê-lo trancado. Vamos deixar a polícia fora disso.

De modo pouco surpreendente, a Sra. Flint concordou. O vigário também assentiu.

— Ele é uma criança. Talvez, se cuidarmos dele, sua memória retorne. Até lá... — Sua voz ficou no ar.

Igualmente sem surpresa, Dolan e Reade não tinham alterado sua posição nem um pouco.

— Vamos entregá-lo — disse Reade.

— Pegar a recompensa — acrescentou Dolan.

— Não sei — contrapôs a Srta. Keyland. Ela estava parecendo muito velha e cansada. Tinha o

rosto cheio de preocupação.

Antes que ela continuasse, Sir Ian interveio:

— No geral, acho que precisamos de mais tempo. Concordo com o Sr. e a Sra. Flint e com o

reverendo Johnstone. Pode haver mais perigo em devolver esse garoto do que em ficar com ele.

— Então por que simplesmente não o matamos? — perguntou Dolan. — Temos leis aqui. É

isso que fazemos com os intrusos...

— Você deveria ter vergonha! — Rita estava de pé, e eu nunca a tinha visto com tanta raiva.

Ela havia praticamente se esquecido de onde estava. — Ele é um garoto de 15 anos, tem idade

para ser seu filho, e você fala em matá-lo como se ele não passasse de um animal. Bom, talvez o povoado não mereça sobreviver, se é a esse ponto que chegamos! — Ela respirou fundo. — Ele

pode ficar comigo se o Conselho permitir. Eu respondo por ele e garanto que não ponha o pé fora de casa... pelo menos até ser levado diante da Assembleia. Quanto a você, Michael Dolan, me lembro de quando você tinha a idade dele. — Ela assentiu para Jamie. — Você era cruel e vingativo na época e é uma vergonha não ter melhorado até hoje. Agora é tarde e quero ir para a cama. Então, o que dizem?

Houve mais um pouco de discussão. Sir Ian obviamente se chateou porque seu precioso Conselho tinha sido interrompido pela segunda vez, mas no fim decidiram. A Srta. Keyland nem precisou votar.

E foi assim que Jamie Tyler foi morar com a gente.

QUATRO

Havia três cômodos na nossa casa, e agora éramos cinco morando ali, mas Rita já havia pensado nisso. Pôs Jamie no banheiro — fazia anos que a banheira e o vaso sanitário não funcionavam —

com as almofadas do sofá de reserva espalhadas na banheira. Não era muito agradável, mas pelo menos havia privacidade e, como ela dizia (com tanta frequência que era um dos seus ditados prediletos), de cavalo dado não se olham os dentes.

Era uma quarta-feira quando Jamie apareceu... acho. Oficialmente, não tínhamos mais dias da semana, porque se havia dias de semana teria de haver fins de semana, e como o trabalho nunca parava, isso não ajudava exatamente. Claro, todo mundo tinha uma ideia aproximada da

data. Por exemplo, eu sabia que meu aniversário estava chegando. Mas na maior parte do tempo as coisas eram mantidas propositadamente vagas.

De qualquer modo, precisávamos esperar quatro dias até a próxima assembleia, que era diferente do Conselho porque todo mundo deveria ir — e então Jamie seria apresentado a todo

o povoado. Até lá, não podia sair de casa, o que, para o resto de nós, significava que não teríamos como evitá-lo. George e John reagiram de modo diferente ao novo hóspede. Como sempre, John falou pouco, mas eu o vi olhar para Rita uma ou duas vezes e soube que ele estava questionando o julgamento dela e que estava nervoso quanto ao que poderia acontecer em seguida, tendo um estranho morando na nossa casa. Quanto ao George... ele me desapontou.

Quando contei a ele sobre o Jamie, ele pareceu estar do meu lado, mas agora que Jamie estava morando com a gente, ele mudou completamente de opinião.

— A casa é muito pequena para isso.

— George, ele não vai ficar aqui para sempre. Assim que o povoado se acostumar, o Jamie

vai receber um local para morar. De qualquer modo, ele está dormindo no banheiro! Achei que

você tivesse ficado feliz por eu tê-lo ajudado.

— Fiquei feliz porque você não foi simplesmente embora quando ele estava machucado. E

você estava certa em não entregá-lo a Mike Dolan e Simon Reade. Odeio aqueles dois. Mas isso não quer dizer que tinha de trazê-lo para cá.

— Não fui eu. Foi a Rita.

— Bom, estou surpreso. Morando num lugar assim, a gente precisa ficar de cabeça baixa e ir

em frente. A gente não quer fazer nada que perturbe alguém. Agora todo mundo vai falar da gente e, você vai ver, nada de bom vai resultar disso.

George estava certo, claro. Nos dias seguintes, tudo continuou mais ou menos normal.

George saía para a padaria com o nascer do sol e eu ia para o pomar. Tomávamos o café da manhã juntos, mas nunca falávamos muito, porque estávamos cansados demais e o cômodo estava muito frio. Não faltava muito para o inverno, e a sensação geral era de que seria bem rigoroso. Enquanto isso, Jamie ficava dentro de casa, sem fazer muita coisa, pelo que eu via, principalmente descansando e recuperando as forças.

Eu queria realmente falar com ele, descobrir mais a seu respeito. Até voltei à igreja e passei pela porta algumas vezes, para ver o que era aquilo. Mas era impossível ter uma conversa séria.

Nós dois nunca estávamos a sós, e Jamie ainda se apegava à história da amnésia, mesmo eu sabendo que não era verdade.

E então aconteceu a assembleia do povoado. Praticamente todo mundo estava lá. O

comparecimento era obrigatório, a não ser que a pessoa estivesse doente ou de serviço no perímetro, mas ninguém iria querer perder uma assembleia. Estávamos sozinhos num mundo perigoso e difícil de entender. Todo mundo sentia medo, mais ou menos, o tempo todo. No fim

das contas, precisávamos uns dos outros. Precisávamos ser tranquilizados.

A reunião começou com as coisas de sempre. Todas as colheitas — desde o trigo até as maçãs e mesmo as frutinhas selvagens do mato — estavam diminuindo e de novo teriam de ser

feitos cortes, apesar de ainda podermos sobreviver. A velha Sra. Brooke finalmente havia morrido, e ninguém sentiria a sua falta. Ela vinha sofrendo de demência havia algum tempo, entrando e saindo do Rainha e xingando a plenos pulmões. Agora estavam abertas as inscrições para quem quisesse se mudar para a casa dela. Precisava-se de mais voluntários na coleta de lenha para o inverno. Parecia que este ano a neve seria pior do que nunca, e os estoques estavam baixos.

Por fim, o reverendo Johnstone subiu ao púlpito.

— Amigos — começou ele. Era como sempre nos chamava, se bem que no fim de um dos seus sermões pavorosos havia um monte de gente que não se sentia nem um pouco amiga dele.

— Tenho uma notícia notável para vocês. Muitos devem se lembrar de que faz sete anos que o

Viajante chegou ao povoado e foi recebido por nós. Bom, outro visitante apareceu do nada e se apresentou para nós, desta vez um jovem de cerca de 15 anos. Seu nome é Jamie Tyler e ele chegou pela floresta depois de ser severamente ferido. Ele perdeu a memória e não sabe dizer de onde veio, mas, levando em conta sua idade e o fato de estar desarmado e sozinho, o Conselho decidiu deixá-lo ficar.

Esta era a deixa para Jamie se levantar e se apresentar — coisa que ele fez, bastante nervoso.

Eu também ficaria nervosa. Ele era um e nós éramos trezentos, olhando-o com uma mistura de

medo, curiosidade e incredulidade. A única coisa com relação à vida no povoado era que nada de novo acontecia, ninguém novo aparecia. O surgimento súbito de Jamie era totalmente inesperado, como se as nuvens tivessem ficado verdes ou os porcos começado a falar. Era completamente chocante. E não importava que ele fosse apenas um moleque magricela com cabelo comprido e uma cicatriz na lateral da cabeça. Representava uma ameaça para o povoado.

Mas o conselho havia decidido, e mesmo acontecendo muitos murmúrios, ninguém foi

abertamente hostil. Jamie fez um discurso rápido. Agradeceu a todos por aceitá-lo (se bem que na verdade não o tinham aceitado) e prometeu trabalhar duro. Eu estava prestando atenção enquanto ele falava. Depois olhei de lado e notei George, que me observava enquanto eu olhava Jamie. Ele não pareceu satisfeito, e quando ouvi dizer que Jamie iria trabalhar na padaria, ajudando a alimentar e limpar os fornos, tive a sensação de que não era boa ideia.

Isso não foi o fim. Saímos da igreja, com as pessoas ainda falando umas com as outras em voz baixa e mais ou menos ignorando Jamie, que agora estava sozinho, perto da porta. Eu já ia até ele quando de repente encontrei o Viajante do meu lado. Não creio que ele tivesse falado comigo mais do que algumas vezes em todos os anos em que estava aqui, mas falou agora.

— O garoto está hospedado com vocês.

— É.

— Claro. Foi você que o encontrou. — O Viajante olhou na direção de Jamie. — Ele veio pela

porta?

Hesitei.

— Como assim?

— Você me ouviu.

— Ele estava perto da porta, mas não creio que tenha vindo por ela. — Por que eu estava mentindo para o sujeito? Por que estávamos tendo essa conversa?

O Viajante me olhou com curiosidade. Eu nunca tinha estado tão perto dele, e agora vi que

ele era mais novo do que eu havia pensado — teria uns trinta anos, e se fizesse a barba direito e se cuidasse um pouco melhor, até poderia ser bonito.

— Você é amiga dele?

A pergunta me deixou perplexa.

— É, acho que sim — respondi.

— Então cuide dele, Holly. Tome conta dele. Ele é importante.

Então o Viajante se virou e foi embora, me deixando mais confusa do que nunca.

Tentei conhecer Jamie melhor nas duas semanas seguintes, mas não foi fácil. Agora ele tinha permissão para sair de casa. Podia se misturar com os outros moradores. Mas isso significava que eu o via menos do que antes, e de algum modo ele nunca estava sozinho. Nós dois trabalhávamos, por isso ficávamos separados na maior parte do dia, e ele sempre parecia chegar em casa mais cedo ou mais tarde do que eu, por isso nunca tínhamos chance de andar juntos.

Se eu não fosse tão idiota, teria percebido que ele fazia isso de propósito, que não queria ficar sozinho comigo. Eu era a única pessoa que sabia que ele estava mentindo... pelo menos sobre a amnésia. Jamie estava me evitando porque não queria que eu fizesse perguntas. Não queria me

contar a verdade.

E isso me fazia pensar no Viajante e na conversa estranha que tivemos do lado de fora da igreja. O Viajante sabia sobre a porta, o que significava que também devia saber alguma coisa sobre o Jamie. Fiquei meio tentada a correr até o *Lady Jane* depois do trabalho e confrontá-lo.

Mas eu nunca havia estado naquele barco velho. Acho que ninguém tinha entrado lá. Na verdade, o barco não fazia parte do povoado... era algo de fora. E se eu aparecesse, dificilmente o Viajante me receberia bem.

Via Jamie toda noite no jantar e tentava deixar claro que estava do lado dele, sentando-me perto dele, sendo legal com ele e coisa e tal. Para ser honesta, o jantar nunca era fácil.

Antigamente havia televisão, jornais e coisas das quais falar. Agora só existia o povoado. Eu ainda tinha um Playstation no quarto, e nossa, como eu desejava poder enfiá-lo na tomada, ligá-

lo e jogar... mas sem eletricidade aquilo era um pedaço de lixo inútil e eu nem sabia por que o guardava. Havia um gerador elétrico no depósito ao lado da prefeitura, mas só era usado em emergências — como quando o Dr. Robinson ficou doente e teve de ser cuidado dia e noite... se

bem que a Srta. Keyland também teve permissão de mostrá-lo numa aula. O fato é que durante toda a minha vida eu só tinha visto luz elétrica meia dúzia de vezes.

Eu era legal com o Jamie. Só isso. E numa tarde estava voltando do pomar e vi o Sr.

Christopher — que era o padeiro — e Mike Dolan saindo de casa e soube, com uma sensação de

enjoo no estômago, que alguma coisa havia acontecido. Fui correndo e lá estava o George, sentado numa cadeira com um olho preto e o nariz sangrando, o sangue seco mas se destacando num marrom-avermelhado na camada de farinha sobre a pele. Jamie estava sentado

do lado oposto com um corte no lábio e a camisa rasgada. Rita estava de pé junto deles, os braços cruzados e o rosto cheio de fúria. John pairava num canto, consternado.

Jamie e George tinham brigado.

Brigar era ilegal no povoado.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Foi ele que começou — respondeu George. E lançou um olhar para Jamie.

— Não é verdade — reagiu Jamie, olhando para mim.

— Não importa quem começou — disse Rita com rispidez. — Vocês não enfiaram isso nessas

cabeças duras? Olhem para vocês! Os dois estão cobertos de sangue. Os dois vão ser castigados.

— Eu não comecei a briga — disse Jamie. — George estava procurando uma desculpa desde

que cheguei.

— Eu gostaria que você não tivesse chegado — murmurou George. — Ninguém pediu que você viesse. E de onde você veio, afinal? Não sabemos nada sobre você.

— Já chega... — começou Rita.

Mas Jamie já estava de pé.

— Você acha que eu quero estar aqui? — perguntou, e de repente havia lágrimas em seus olhos. — Você não faz ideia de pelo que eu passei. Perdi meu irmão. Perdi meus amigos.

Preferiria estar em qualquer lugar a estar aqui. — E antes que alguém pudesse impedi-lo, ele saiu intempestivamente da sala. Ouvimos a porta da frente bater.

Mais encrenca. Em meia hora estaria escuro. Ninguém tinha permissão de ficar fora de casa

depois do anoitecer.

John e Rita estavam me olhando, e de algum modo eu soube o que eles esperavam que eu

dissesse.

— Vou atrás dele — falei.

— Holly... — implorou George.

Mas eu já estava indo. Saí pela porta da frente e fui para a rua. Restava luz suficiente no céu para ver o povoado, mas as cores já estavam sumindo. Não haveria lua esta noite, e praticamente nunca víamos estrelas... havia coisas demais na atmosfera. Olhei à esquerda e à direita. Não havia sinal de Jamie e de ninguém para eu perguntar se o tinham visto. Isso não importava. Eu já imaginava para onde ele havia ido.

Corri para o cemitério, passando pelo portão e seguindo o caminho pela lateral da igreja. E

foi onde o encontrei. Parado perto daquela sua porta desgraçada, com a mão na maçaneta.

Enquanto eu me aproximava, vi-o fechar a porta depois de passar, e soube que ele devia ter passado por ela de novo — mas ela não o havia levado a lugar nenhum. Ele me viu chegando e

levantou os olhos.

— Você precisa voltar para casa — avisei. — Ninguém tem permissão de sair depois do anoitecer, e você só vai se encrencar mais ainda.

Ele assentiu.

— Desculpe ter batido no seu amigo.

— Você é meu amigo também. — Eu não sabia o que dizer. — Foi ele mesmo que começou?

— Acho que sim. Ele vem pegando no meu pé a semana toda. Mas isso não é desculpa. Ele

estava chateado porque... não sei. Ele acha que eu sou alguma espécie de ameaça.

— E é?

— Não. Só quero ir embora.

— Para onde? Jamie... por que não me conta a verdade? De onde você veio? Que negócio é

esse com a porta?

Ele pensou por um momento.

— Você não acreditaria.

— Você não me conhece. Como pode dizer isso?

— Ninguém acreditaria. Nem sei se eu mesmo entendo.

— Conte!

Ele não queria contar. Dava para ver. Mas, ao mesmo tempo, colocar tudo aquilo em palavras iria ajudá-lo. E se ele não compartilhasse o que havia acontecido, ficaria sempre sozinho.

— Nós éramos cinco — disse ele. — Eu. Meu irmão Scott. Um garoto chamado Matt. Pedro.

E uma garota. O nome dela é Scarlett. Nós não nos conhecíamos. Vivíamos separados por milhares de quilômetros. Matt estava na Inglaterra. Pedro no Peru. Scarlett foi parar em Hong Kong. É onde eu estava antes de vir para cá.

“Como posso explicar, Holly? Por onde começo? Scott e eu estávamos sozinhos num lugar chamado Reno, que fica em Nevada, nos Estados Unidos. Nós somos gêmeos, e desde que éramos muito pequenos sabíamos que éramos especiais. Você não precisa acreditar se não quiser, mas estou dizendo a verdade. Nós tínhamos a capacidade de ler a mente um do outro.

Acho que você chamaria de telepatia. E tínhamos uma espécie de tio que ganhava dinheiro com

a gente, colocando a gente no palco. Era o que a gente fazia noite após noite. Truques baratos de mágica que as pessoas pensavam que eram só truques, mas que na verdade eram mágica, de

certo modo. A gente não tinha uma vida boa, mas pelo menos cada um tinha o outro. A gente

sonhava que quando fizesse 18 anos poderia fugir e se virar por conta própria. A gente falava nisso o tempo todo.

“Tudo mudou quando apareceram umas pessoas atrás da gente — continuou Jamie. — A Corporação Crepúsculo. Era como eles se chamavam. Eram só executivos de empresas... pelo menos era o que pareciam. Homens de terno. Mas representavam uma coisa totalmente diferente, ou seja, estavam trabalhando para

umas... criaturas. Eram monstros. Totalmente malignos. Não eram deste mundo.”

— Quer dizer... eram alienígenas?

— Não. Não eram alienígenas. Acho que você diria que eram mais como... demônios.

Ele deve ter visto o meu queixo cair, porque parou e virou as costas.

— Eu disse que você não ia acreditar.

— Não. Continue. É melhor eu ouvir tudo.

Ele assentiu.

— As criaturas eram chamadas de Antigos. Queriam destruir tudo. De certa forma, eram como um câncer. Quando o câncer invade um corpo, ele o mata, mesmo que a longo prazo acabe se matando também. Não há motivo. É só o que ele faz. Os Antigos invadiram o planeta e decidiram matar todo mundo e tudo que há nele. Não ficariam felizes até que não restasse mais nada.

— Como eles são, esses Antigos? — perguntei.

— São todos diferentes. Existem os alteradores de forma, que num minuto são humanos e depois viram umas aberrações. Existem os soldados-moscas e cavaleiros. Mas eles não gostam de ser vistos. Gostam de se esconder atrás de seres humanos que fazem o trabalho para eles. E

todo esse processo, essa destruição, tem de ser o mais lento possível, porque é isso que dá prazer a eles. Eles se alimentam de dor. Eles criam a dor. Inspiram a dor.

“Há muito tempo, talvez dez mil anos, eles chegaram muito perto de exterminar toda a raça

humana. Houve só uns poucos sobreviventes, mas os que ficaram se juntaram e formaram um exército. E o estranho é que os líderes do exército não eram adultos. Eram adolescentes. Quatro garotos e uma garota.”

— Vocês! — exclamei.

— Nós, não. Não exatamente. Eles eram cinco no início e éramos cinco de novo, dez mil anos

depois. Era como se tivéssemos nascido outra vez, do outro lado do tempo, mandados de volta

para o mundo para terminar o serviço que tínhamos começado.

“Veja bem, Holly. Houve uma enorme batalha, e os Antigos foram derrotados e jogados para

fora do mundo. Eu sei que é demais para acreditar, mas foi assim. Dois portais foram construídos para impedir que eles voltassem. O primeiro, o Portal do Corvo, ficava num lugar chamado Yorkshire, aqui na Inglaterra. O segundo ficava em Nazca, no Peru. Os portais permaneceram durante milhares e milhares de anos, e os Antigos ficavam tentando encontrar um modo de voltar, e mais tarde, claro, tiveram sucesso. Matt tentou impedir, mas não era suficientemente forte sozinho, e eles passaram pelo segundo portão. Desde então, recomeçaram tudo, destruindo tudo que podem.”

A escuridão era quase total. A igreja se erguia acima de nós e, apesar de senti-la, mal conseguia ver as bordas, com a sua silhueta se fundindo ao céu noturno. Se Jamie não estivesse tão pálido, ficaria invisível.

— Cinco haviam derrotado os Antigos no início dos tempos e cinco iriam derrotá-los de novo

— continuou Jamie. — Mas primeiro nós precisávamos achar uns aos outros. Veja bem, todos tínhamos poderes. Scott e eu éramos telepatas. Pedro era um curandeiro. Scarlett podia controlar o clima. E Matt... bem, ele podia fazer todo tipo de coisas. Mas cada um sozinho era fraco demais. Matt descobriu isso em Nazca e quase foi morto. Só quando nos juntarmos seremos fortes a ponto de fazer o que temos de fazer, de algum modo construir um novo portal e nos livrarmos dos Antigos de uma vez por todas.

“Ainda acredita em mim? Está feliz por ter me perguntado sobre isso?”

— Ainda estou aqui — respondi. — Conte o resto.

— Nós não devíamos estar dentro de casa? Não quero que seus amigos

pendurem a gente pelos pés ou seja lá o que for que eles fazem.

— Não é justo, Jamie. Eles estão apavorados.

— Certo. Não há muito mais para dizer. Eu poderia falar a noite toda. Poderia contar sobre o mundo de sonho. Poderia contar sobre Pedra-de-Fogo e Árvore Nova e a guerra que aconteceu

há tantos anos. Mas estou cansado, Holly. E estou apavorado também. Não sei mais o que está

acontecendo. Não sei bem como cheguei aqui...

Ele respirou fundo.

— Eu estava fugindo da Corporação Crepúsculo, mas fui ajudado por uma organização secreta chamada de Nexo. Eram umas pessoas ricas que sabiam sobre os Antigos por causa de

um diário escrito por um velho monge. Eles sabiam que os Antigos viriam, mas também sabiam

sobre os Cinco. O objetivo do Nexo era nos ajudar a lutar contra eles.

“E havia outra coisa. Há muito, muito tempo, alguém construiu uma série de portas por todo

o mundo, projetadas especialmente para que nós fôssemos de um lugar ao outro sem pegar aviões ou navios. Havia uma porta junto a Lake Tahoe, em Nevada, que levou a gente para o Peru. Havia outra porta em Hong Kong que me trouxe para cá. — Ele apontou para a sombra escura logo atrás. — Esta é uma das portas. Eu tinha acabado de passar por ela quando você me achou. Ela deveria me levar de volta. Não entendo por que não está funcionando.”

— Uma porta mágica — falei, e o estranho é que, apesar de eu querer zombar, tudo fazia um certo sentido. Afinal de contas, eu tinha visto o Jamie chegar. Ele havia saído de lugar nenhum, como ele mesmo disse. E agora eu não conseguia pensar em nenhuma outra

explicação para como ele tinha vindo para cá.

— Acho que você pode dizer que as portas são meio mágicas — concordou Jamie. — É por

isso que sempre são encontradas em igrejas ou lugares sagrados. Com o passar dos tempos, as

pessoas sabiam vagamente sobre elas, por isso construíram prédios sagrados em volta. Mas se esqueceram dos Antigos. E não tinham nenhum conhecimento sobre nós.

Fui até a porta e a abri, depois fechei-a de novo.

— Por que não está funcionando? — perguntei.

— Eu já disse. Não sei. Nós estávamos no templo Tai Shan em Hong Kong... nós cinco. Foi incrível... simplesmente encontrar os outros pela primeira vez. E deveria ter sido o fim. Pelo menos era o que eu pensava. Mas então tudo deu errado. Houve um tufão e o prédio inteiro seria derrubado se não fosse Scarlett. Ela estava segurando o temporal. Mas então Scarlett levou um tiro. Estava parada perto de mim e acho que a bala era destinada a mim. De qualquer modo, depois disso, tudo aconteceu depressa demais. Era como estar no meio de uma explosão nuclear. Nós tínhamos de sair depressa e a única coisa a fazer era passar pela porta. Acho que o entulho caindo deve ter me machucado, e isso explica por que estava com tanto sangue quando

você me achou.

— Por que você veio para cá?

— Não sei. — Jamie balançou a cabeça. — Estive pensando muito nisso. Pelo que sei, a coisa

funciona assim. As portas levam a gente a lugares, mas a gente precisa saber aonde quer ir. Nós estávamos com tanta pressa para sair de lá que simplesmente entramos de qualquer jeito e fomos todos levados para lugares diferentes. Eu vim parar aqui. — Ele não conseguia afastar o sofrimento da voz. — Estamos de volta ao ponto de partida. Só que pior. Scott e eu praticamente nunca ficamos separados, e agora não posso encontrá-lo... nem no mundo de sonho. Não consigo encontrar nenhum deles. E a porta não funciona mais. Estou preso aqui. E

sozinho.

— Há outra coisa — acrescentei. Agora estava pensando na foto que tinha sido mostrada na

igreja. Ela havia sido tirada dez anos antes, mas mostrava o rosto de Jamie como ele era agora.

De um modo maligno, as coisas estavam se encaixando.

— O quê?

— Eu sei que Hong Kong foi assolada por um tufão. Metade da cidade foi destruída e milhares de pessoas morreram. A Srta. Keyland contou na sala de aula. Mas isso não aconteceu há duas semanas, Jamie. Não aconteceu no dia em que você chegou. Aconteceu há dez anos.

Dez anos...

Nós dois pensamos nisso em silêncio. Não precisávamos falar. Eu tinha lido livros suficientes para deduzir o que havia acontecido. Quando Jamie escapou do templo Tai Shan em Hong Kong,

não tinha simplesmente atravessado o mundo. Tinha dado um passo gigantesco adiante no tempo.

Tinha escapado de Hong Kong dez anos atrás, e o mundo inteiro mudou enquanto ele estava

sumido. E agora finalmente havia chegado.

Mas era tarde demais.

CINCO

De volta ao trabalho. Todo mundo trabalhava o tempo inteiro, não só porque tínhamos de plantar comida e nos preparar para o inverno, mas porque se parássemos, poderíamos notar que não havia sentido verdadeiro em continuar. Não estávamos vivendo de verdade. Estávamos sobrevivendo. Mas na época, eu era nova demais para notar a diferença.

Jamie e George não foram castigados. Talvez o Conselho tivesse decidido fazer uma concessão porque Jamie era recém-chegado ou talvez simplesmente a coisa não tivesse sido suficientemente séria para atrair atenção. Coisa de garotos e tal. Ficamos nervosos por alguns dias, enquanto esperávamos a batida na porta, mas ela não veio, e logo o incidente foi esquecido... pelo menos aparentemente. Jamie e George se acertaram e pararam de brigar, mas

não ficavam juntos. Quando um entrava na sala, o outro logo arranjava uma desculpa para sair.

Tentei me acertar com o George, mas não adiantou.

— Você não é a mesma desde que ele chegou, Holly — disse ele, arrasado. — Não sei por que está sempre do lado dele. — Não era verdade, mas desde o momento em que me contou

sua história, Jamie me arrastou para o seu mundo, me transformando em sua cúmplice, querendo ou não. Descobri que não conseguia parar de pensar nos Antigos. Tinha pesadelos com eles. Imaginava se de alguma maneira eram responsáveis pelo modo como vivíamos agora.

Ficou mais fácil conversar com Jamie. Talvez porque eu não tinha rido da sua história e ele sabia que podia confiar em mim. Ele me contou que estava planejando ir embora. Ia escapar pela floresta e ir para o sul até Londres, mesmo eu fazendo o máximo para tirar essa ideia da sua cabeça. Primeiro, ele teria de passar pelo perímetro sem ser visto. Depois, teria de sobreviver na floresta sem nada para comer ou beber. Toda a água potável do povoado era fornecida por um

poço e ainda precisava ser fervida antes do consumo. Lá fora, não havia nada. Londres ficava a quilômetros de distância. E apesar de eu ter visto fotos de lá, na escola, não tinha ideia de como a cidade estava agora. Ninguém sabia.

— O que mais posso fazer, Holly? — insistiu Jamie.

— Pode ficar aqui.

— E meu irmão? E o Matt e os outros? Quer que eu me esqueça deles?

— Mas como ir a Londres vai ajudar?

— Há outra porta. Numa igreja chamada St. Meredith. Se eu puder encontrá-la, ela ainda pode estar funcionando. Posso usá-la para voltar.

Mas voltar para onde? Hong Kong não estava mais lá... pelo menos uma parte muito grande.

E quanto a todas as outras cidades com portas secretas? Muita coisa podia ter acontecido em dez anos, e dava para pensar que nenhuma seria muito boa.

Eu não sabia o que dizer, mas no fim das contas isso não importava. Como as coisas aconteceram, o tempo de Jamie no povoado estava quase acabando. E o meu também.

Houve um feriado. Nós tínhamos dias de folga de vez em quando — e esta era uma tarde luminosa, ensolarada, em que todo mundo parecia de bom humor. Pelo menos a maior parte do

povoado havia aparecido na praça principal, e uma pequena banda — eles se chamavam de Os

Otimistas — estava tocando, ainda que os violões estivessem desafinados e nós já tivéssemos ouvido as músicas centenas de vezes. Havia sopa e sanduíches para comer, e a padaria tinha conseguido até produzir várias bandejas de bolinhos, que teriam gosto melhor se tivéssemos açúcar. Algumas crianças menores jogavam futebol. Todos os adultos, particularmente os mais velhos, usavam suas melhores roupas. Quando penso no povoado, é dessa forma que gosto de

lembrar. Tínhamos pouca coisa, mas, mesmo assim, de vez em quando podíamos nos divertir.

Eu estava sentada com o George na beira da praça onde a rua fazia uma curva passando pela

prefeitura quando notei a Srta. Keyland, não se juntando a nós, mas passando direto, com pressa para ir a algum lugar.

Chamei o nome dela.

— Ah... Holly! — Ela parecia sem fôlego. Havia pintas vermelhas em suas

bochechas.

— A senhora não vai ficar? — perguntei.

— Não, querida. Estou indo para a casa da Srta. Tristram. — Mary Tristram ajudava na escola. Morava perto de nós, do outro lado do posto de gasolina. — Ela não está bem.

Olhei para baixo. A Srta. Keyland estava usando botas de caminhada pesada.

— Achei que uma caminhada poderia fazer bem a ela — explicou.

Ela se afastou rapidamente, e a próxima coisa que vi foi o Jamie do meu lado.

— Holly, preciso falar com você — disse ele.

George olhou-o, desdenhoso.

— Vou deixar vocês a sós. — Ele se levantou e foi na direção da banda.

— George...! — chamei, mas ele nem se virou. — O que é? — perguntei a Jamie, sem tentar

disfarçar a irritação.

— Precisamos ir atrás dela — disse Jamie. Ele estava ao meu lado, falando em voz baixa e ansiosa.

— De quem?

— Da Srta. Keyland.

— Por quê?

— Ela se decidiu sobre mim. Acha que foi um erro não me entregar à polícia. É o que vai fazer agora. Vai pedir a recompensa para ela.

— Não! — balancei a cabeça. — Eu conheço a Srta. Keyland a vida toda. Ela foi minha professora... é minha amiga. Ela nunca faria isso.

— Estou dizendo. Ela está indo. Precisamos ir atrás. Não posso ir sozinho.

Nunca estive fora do perímetro.

— Mas como você sabe que ela vai trair você? Não tem como saber disso.

— Eu sei, Holly. Eu li os pensamentos dela.

Ainda achei difícil acreditar. Jamie havia contado sobre seus poderes e eu havia tido uma experiência direta com eles. Mas seria possível que a velha e querida Srta. Keyland iria contra o

desejo do Conselho e colocaria todos nós em perigo? Pensei no que ela havia acabado de dizer: ia visitar uma amiga doente. Lembrei-me das botas de caminhada.

— Certo — falei. — Vejamos aonde ela vai.

Olhei na direção do George, mas ele já havia desaparecido na multidão. O que ele pensaria quando voltasse e descobrisse que eu tinha saído? Mas não havia tempo de me preocupar com

isso. Jamie já estava se afastando da praça, mantendo distância atrás da Srta. Keyland. Eu o alcancei, e nós a acompanhamos pelo povoado, passando pelas casas modernas — inclusive a nossa. A rua subia um morro íngreme e depois descia. Nesse ponto as linhas pintadas de branco desbotavam e pouco depois o próprio asfalto era interrompido e desaparecia na lama e no capim. A margem do povoado era marcada por um ônibus amarelo, que antigamente levava passageiros para as cidades próximas, mas agora estava apodrecendo, tombado de lado, com os

vidros quebrados e todo o estofamento e peças do motor desaparecidos havia muito tempo. A

Srta. Keyland passou por ele sem ao menos olhar. Fiquei triste ao vê-lo. Minha mãe havia me levado naquele ônibus — algumas vezes, na verdade —, e mesmo fazendo anos que ele não rodava, vê-lo me fez pensar nela.

A floresta começava quase imediatamente, o que era ótimo, já que seria impossível acompanhar a Srta. Keyland pelos campos abertos. Agora eu sabia que Jamie estava certo, se é que havia duvidado. Ela certamente não ia visitar amiga alguma.

Eu tinha lembranças da floresta como um lugar muito lindo, cheio de campânulas azuis na primavera, fresco e perfumado no verão, de algum modo receptivo mesmo quando as folhas haviam caído e a neve chegava. E seria de pensar que, deixada em paz durante tantos anos, teria crescido até ficar perfeitamente selvagem, um porto seguro para animais e pássaros. Mas isso não havia acontecido. A floresta era escura e sem conforto. Ervas daninhas, cardos e espinheiros haviam tomado conta de tudo. Eu sabia disso por causa das horas que passava caçando; qualquer sinal de vida estava ficando cada vez mais raro, como se todas as raposas, os cervos e os coelhos tivessem sido engolidos e sufocados. Até as folhas pareciam ter mudado de cor. Tinha sido um processo tão lento que seria difícil dizer exatamente quando havia acontecido. Mas no outono elas não ficavam mais douradas. Só morriam.

— Pare aí!

Ouvi o grito e segurei Jamie, puxando-o para o tronco grosso de uma castanheira. Já havíamos chegado ao perímetro e ali, na nossa frente, erguia-se uma torre de vigia, dois metros acima do chão. Feita de traves de madeira e plataformas com uma escada subindo pela lateral, ficava no nível do topo das árvores e era pintada de marrom e verde escuro para se fundir com o ambiente ao redor. Eu conhecia o guarda que tinha dado a ordem. Seu nome era Tom Connor,

e ele só era uns dois anos mais velho do que eu — não que você fosse adivinhar, vendo-o com o uniforme cáqui, já pegando o fuzil atravessado no peito.

Ele não tinha visto nós dois. A Srta. Keyland é que havia atraído sua atenção. Não fazia muito tempo que ela havia sido sua professora. Agora ele estava apontando uma arma carregada para

ela.

— Olá, Srta. Keyland! — gritou ele, mais amigável ao ver quem era. — O que está fazendo?

— Pensei em tentar achar uns cogumelos — respondeu a Srta. Keyland. Outra mentira.

— Cogumelos? A senhorita teria sorte. Mas se achar algum, guarde um pouco para mim. —

Ele levantou o punho. Todos os guardas do perímetro tinham relógios. — A senhorita tem mais

uma hora e meia de luz.

— Obrigada, Tom. Vou voltar antes disso.

Essa era a parte difícil. Não podíamos passar pela torre de observação sem ser vistos, e se tentássemos e fôssemos apanhados, Tom certamente tocaria o alarme... ele tinha um sino grande pendurado no teto logo acima da cabeça. Precisávamos esperar o suficiente para a Srta.

Keyland ter ido embora, mas não tanto a ponto de ela desaparecer totalmente. Tudo era uma questão de tempo, e depois de avaliar o momento corretamente — eu esperava — empurrei Jamie e me mostrei.

— É você, Tom? — gritei.

— Holly...?

— Você viu a Srta. Keyland? — perguntei com minha voz mais inocente. — O reverendo Johnstone mandou a gente procurá-la. Pediu para darmos um recado.

Eu tinha de esperar que a Srta. Keystone estivesse suficientemente longe para não me ouvir.

Pelo menos Tom não questionou minha história.

— Você se desencontrou dela por pouco. — Ele girou e espiou por cima do topo das árvores.

— Lá vai ela! — E apontou. — Posso chamá-la se você quiser.

— Não. A gente a encontra. — Jamie e eu nos apressamos. Tom sorriu e acenou.

A floresta ficou mais densa e mais emaranhada. As folhas e os galhos pareciam grudados, como se não quisessem deixar que passássemos. Podíamos ouvir a Srta. Keyland lutando para abrir caminho à nossa frente, mas olhando para trás, percebi que a torre de observação estava fora de vista. Continuamos por uns dez minutos. Eu nunca ia por esse caminho quando caçava,

e só queria parar, ir para casa, esquecer tudo aquilo. O que importava o que a Srta. Keyland fizesse? Se Jamie estivesse certo, se ela estivesse mesmo chamando a polícia, ele simplesmente teria de ir embora. E de qualquer modo, isso ele já estava planejando. E exatamente o que ela estava fazendo, aqui no meio da floresta? O que a fazia pensar que iria encontrar alguma coisa?

— Olha lá!

Jamie tinha visto primeiro, e nós dois nos agachamos atrás de um arbusto com agulhas afiadas e pontudas em vez de folhas. A coisa estava numa clareira, o que a tornava mais fácil de ver. E era de um vermelho vivo, a cor vibrante contra todos aqueles verdes e marrons. Era uma caixa retangular, e até mesmo as linhas retas pareciam alienígenas no meio de uma floresta. Eu sabia exatamente o que estava vendo. Tinha visto fotos daquilo em livros.

Era uma cabine telefônica antiga, dessas fora de moda que foram substituídas por outras modernas, de vidro, e depois ficaram sem sentido quando as pessoas começaram a andar com

celulares. O que estava fazendo ali? Claro que um dia devia ter ficado perto de uma estrada, mas a estrada fora removida cuidadosamente. A cabine telefônica tinha ficado para trás e era estranha, como um visitante de um mundo esquecido. Eu estivera na floresta diversas vezes e fiquei pasma porque nunca a tinha visto, mas, afinal de contas, eu nunca tinha vindo para esse lado. Como a Srta. Keyland sabia que ela estava ali? Será que ainda estava funcionando?

Vimos quando ela entrou. Ela abriu e fechou a porta pesada. Alguns dos pequenos quadrados

de vidro estavam quebrados, mas nós estávamos longe demais para ouvir o que ela dizia. Ela digitou um número e começou a falar. A conversa não pode ter durado mais de uns dois minutos, depois ela desligou e saiu de novo, retornando pelo mesmo caminho e passando tão perto de nós que eu tive certeza de que ela nos veria. Mas seus pensamentos deviam estar no que tinha acabado de fazer. Passou a centímetros de onde estávamos, mas não olhou para baixo nem parou.

Esperamos até ter certeza de que ela havia sumido.

— Eu sabia — disse Jamie. — Ele contou a eles que estou aqui.

— Contou a quem?

— À polícia. Aos Antigos. Não importa. Pode ser a mesma coisa.

— E agora? — perguntei, mas já sabia a resposta.

— Eles virão atrás de mim. Talvez esta noite, talvez amanhã. Não posso ficar no povoado. —

Jamie olhou para mim, e fiquei abalada ao perceber que ele estava com muito medo. — Eles vão castigar você por ter me ajudado, Holly. Você, Rita, John e George. Vão castigar todo o povoado.

— Nós não fizemos nada de errado.

— Você não sabe como eles são. — Jamie fechou os olhos, subitamente exausto. Abriu-os de

novo. — Preciso ir agora.

— Você não pode! Nunca vai achar o caminho pela floresta. Mesmo de dia é bem difícil. —

Olhei para cima. O sol já estava baixando. Por que os dias precisavam ser tão curtos? Os topos das árvores já pareciam estar se fechando em cima de nós, e se não voltássemos logo, ficaríamos encalacrados aqui fora.

— Não quero arranjar problema para você — disse Jamie.

Ele parecia tão triste que eu tomei uma decisão.

— Espere aqui.

— Aonde você vai?

— Não sabemos se o telefone ainda está ligado. E se estiver, como vamos saber se ela ligou

para a polícia? Eu nem sei se ainda existe polícia.

— Não, Holly!

Mas era tarde demais. Eu já estava de pé e indo para a cabine. Podia sentir o coração martelando. Era uma coisa tão comum... pelo menos havia sido. Mas ao mesmo tempo havia alguma coisa estranha e horrível naquilo: o vidro grosso e sujo, a tinta de um vermelho vivo.

Enquanto me aproximava, era como se aquilo fosse uma espaçonave que tivesse pousado ali e estivesse esperando para me engolir e me levar embora.

Abri a porta. Era mais pesada ainda do que eu tinha imaginado. O piso era uma laje de concreto. Havia um telefone preto preso num painel em cima de uma caixa com uma fenda estreita para cartão de crédito, os pedacinhos de plástico que as pessoas usavam no lugar do dinheiro. Um fio grosso descia enrolado desde o fone. Eu não queria tocar em nada daquilo.

Nem conseguia me lembrar da última vez em que tinha feito um telefonema — se é que tinha

feito. Só queria ver se o telefone estava funcionando.

Peguei o fone, sólido e estranho na mão. Uma extremidade para o ouvido, a outra para a boca. Segurei-o encostando na cabeça mas não houve nenhum som. E agora? Havia botões marcados com números de um a nove, com um zero embaixo. Antigamente devia haver instruções, mas alguém havia arrancado. Olhei pela janela e vi Jamie me esperando, ansioso. O

vidro o deixava fora de foco. Era como se ele estivesse se fundindo com a floresta ao redor.

Qual número eu deveria digitar?, pensei, com o fone ainda encostado no ouvido. Claro... era

999. Todo mundo sabia disso. Mas antes que eu tivesse chance de fazer qualquer coisa, uma voz falou comigo... uma voz de mulher, nem velha nem nova. Parecia quase entediada.

— Alô? — Houve uma pausa. — Quem é?

Eu não sabia o que dizer. Já estava desejando ter ouvido o Jamie e não ter ido para a cabine.

Queria largar o telefone e ir embora, mas não podia. Estava enraizada no chão, sem controle dos meus movimentos. Podia sentir a mão tentando esmagar o fone de plástico junto do ouvido.

— Nós estamos indo — disse a mulher. — Vamos encontrá-la muito em breve.

Mas não foi só a voz da mulher que eu escutei. Percebi outra coisa... um som de respiração.

Não havia nada de humano naquilo. A princípio, eu nem sabia se vinha do telefone. Era como se estivesse embaixo de mim, longe, abaixo do chão, como o ribombo de um terremoto a ponto de

acontecer. E então, um segundo depois, estava à minha volta, dentro da cabine, me sufocando.

Tentei desligar o telefone, mas não pude.

Olhei pela janela, porém a floresta havia sumido. Tinha simplesmente sido apagada. Tudo estava branco e, impossivelmente, nevava. Jamie havia desaparecido. À minha frente, a uns cem metros, vi uma espécie de castelo, construído na encosta de uma montanha, cercado por torres e muralhas enormes. As nuvens passavam a toda velocidade, como se estivessem aceleradas.

Tudo estava branco e cinza.

— Quem é? — perguntou a mulher.

E de novo a respiração e uma única palavra, meu nome — Holly — dito por algo dentro da

montanha. Zombando de mim. Mais fria e mais cruel do que qualquer voz que eu já tivesse ouvido. Eu estava segurando o telefone com tanta força que me machucava, apertando-o contra

a lateral da cabeça. Mas não conseguia soltar.

Não sei o que teria acontecido em seguida, mas então a porta foi aberta bruscamente e Jamie me agarrou, arrastando-me para fora. Gritei e larguei o telefone, olhando-o cair e balançar na ponta do fio. E então eu estava deitada no

chão da floresta, quase em lágrimas, mais apavorada do que nunca na vida.

— O que foi, Holly? — gritou Jamie. — O que aconteceu?

Ele estava me segurando no colo e agora eu estava soluçando de verdade. Não conseguia parar.

— Não sei — respondi. — Havia uma mulher. Mas depois havia outra coisa. Eu ouvi. E vi...

— O que você viu, Holly?

— Não sei dizer. Um castelo. Alguma coisa... — Balancei a cabeça, tentando afastar a visão.

— Mas eles estão vindo, Jamie. Ela me disse. Estão a caminho.

Ele me segurou, esperando que eu me recuperasse. Por fim, quando eu estava

suficientemente forte, me ajudou a ficar de pé e fomos para casa.

Pela última vez.

SEIS

Corremos de volta para casa. Não sabíamos por onde começar. Meu primeiro pensamento foi tirar Jamie do povoado para que ele fosse para... não importava, ele simplesmente precisava ir.

Mas, ao mesmo tempo, sabia que era tarde demais, que isso não adiantaria. A voz ao telefone

não era humana. Nenhuma pessoa neste mundo poderia falar daquele jeito. E tinha falado o meu nome, sabia que era eu na outra ponta, antes que eu dissesse uma palavra.

Os Antigos.

Tinha de ser.

Quando Jamie contou sua história, naquela noite depois da briga com George,

acreditei em cada palavra, mesmo que o bom senso, tudo que eu conhecia sobre o mundo, dissesse para não

acreditar. Não duvidei nem por um segundo. Por quê? Talvez porque eu o havia encontrado, e desde o momento em que a porta havia se aberto nós estávamos ligados inextricavelmente. Era

como se tudo aquilo estivesse destinado a acontecer. Mas agora eu via que, involuntariamente, ele havia atraído o perigo para o povoado, para as únicas pessoas importantes para mim.

"Vamos encontrá-la muito em breve."

A culpa não era dele, eu precisava me lembrar. Era da Srta. Keyland. Ela havia ido contra a decisão do Conselho, e ao fazer isso, tinha sacrificado todos nós.

Chegamos na hora em que Rita estava fazendo o jantar, já se perguntando onde estaríamos.

John estava parado junto à mesa, arrumando os pratos como se houvesse alguma coisa para colocar neles além do pão com o cozido de legumes de sempre. Rita soube imediatamente que

havia algo errado. Eu tinha rasgado a roupa ao sair da floresta. Meu cabelo estava todo embolado. Meus olhos deviam estar brilhantes de medo. Jamie estava numa palidez mortal, já se culpando. Eu entendia seus sentimentos. Apesar do que eu sabia, parte de mim queria culpá-lo também e desejava que ele nunca tivesse aparecido.

— O que foi? — perguntou Rita.

— Foi a Srta. Keyland. Nós fomos atrás dela. Havia um telefone na floresta. Por que vocês nunca me contaram sobre isso? Ela ligou para a polícia. Eles estão vindo.

A coisa toda saiu num jorro sem fôlego. Rita me encarou.

— Estão vindo para o povoado? — George tinha aparecido na escada, vestindo uma camisa

branca amarrotada com as mangas enroladas. Tinha ouvido o que eu estava dizendo e eu achei

que ele ficaria satisfeito. Se a polícia viesse, iria levar o Jamie. Era certamente o que ele queria.

Mas eu estava errada. Ele ficou parado, com o rosto pasmo.

— Você ouviu o que a Srta. Keyland disse? — perguntou Rita.

— Não. Mas peguei o telefone e ouvi quando eles... — Senti lágrimas surgindo nos cantos dos olhos. Não podia impedi-las. — Eles foram horríveis. Sabiam o meu nome. Sabiam tudo.

John olhou para Rita, e eu vi os ombros dela se afrouxarem, não num gesto de derrota, mas

de aceitação. Era como se estivesse esperando algo assim acontecer e, agora que acontecera, estava quase aliviada. Mas quando falou foi com a autoridade, com a determinação que eu sempre havia conhecido.

— George — disse ela. — Vá à igreja e toque o alarme. Três toques, três vezes, você sabe o

código. Precisamos alertar o povoado. — George não se mexeu, por isso ela virou a cabeça e disse rispidamente: — Agora!

George foi. Quando ele ia sair, nossos olhares se encontraram e eu vi que ele estava preocupado comigo e que estava se desculpando, ao seu modo, por toda a tensão entre nós nos

últimos dias. Tentei sorrir, mas não sei direito que expressão ele viu no meu rosto. Em seguida, saiu.

Rita já estava remexendo num armário embaixo da pia, pegando uma coisa embrulhada num

saco velho.

— Isso é para você, Jamie — disse ela. — Sei que você andou guardando

suprimentos, mas

tenho certeza que isso vai ser melhor. Tem água, pão, frutas secas e nozes. Dá para alguns dias.

Além disso, há uma bússola e um mapa. Você precisa deixar o povoado imediatamente, entendeu? E quero que leve Holly.

— Mas, Rita...

— Não discuta! — ordenou ela, e de repente eu soube que Rita estivera se preparando para

isso, que a comida e a bússola estavam ali o tempo todo. Como ela podia saber que isso aconteceria? Rita pôs a trouxa na minha mão e, por um último instante, ficamos juntas. — Eu sempre soube sobre a porta — revelou ela. — Acha que eu poderia morar num povoado assim e

nunca ouvir as histórias? Minha avó me contou antes que eu tivesse a sua idade. Um dia um garoto iria aparecer pela porta e isso significaria o fim do povoado. Foi o que ela disse. Mas nem tudo era notícia ruim. Ela também disse que seria o começo de um futuro melhor, de uma vida

nova. Esperemos que sim. — Rita me beijou muito rapidamente. — Volte pela floresta. A cabine telefônica ficava numa estrada, e se você continuar indo para o norte, vai encontrá-la. Se não puder ver a pista, sinta sob os pés. Independentemente de qualquer coisa, não parem. Não voltem.

— E vocês?

— Não há nada que você possa fazer por nós.

— Lamento muito — disse Jamie, arrasado. Foram as duas únicas palavras que ele falou.

— Não lamente. Seja forte. E cuide de Holly. Só pedimos isso.

Jamie assentiu. Saímos correndo da sala e, na última vez em que vi Rita e John, eles estavam parados juntos. John tinha ido até ela, que havia encostado a cabeça no ombro dele. Era mais afeto do que ela havia demonstrado em todo o tempo

em que eu estivera com eles.

Quando saímos da casa, o sino da igreja começou a tocar — três toques, uma pausa e mais

três, depois outros três. Cerca de um minuto depois, aconteceu uma coisa extraordinária. O

povoado se iluminou. Claro que sempre houvera iluminação — postes, luzes em arcos e lâmpadas nas varandas — mas eu nunca tinha visto tudo funcionando ao mesmo tempo, e tinha

presumido que eram simplesmente coisas que ninguém havia se incomodado em tirar. Mas

alguém tinha ligado o gerador e acionado um interruptor, e elas se iluminaram imediatamente, lançando um brilho áspero e branco que fez a igreja, a prefeitura e todos os outros prédios parecerem saltar do chão, espalhando suas sombras negras pelo caminho.

— O que está acontecendo? — sussurrei, ou talvez só tenha pensado, mas de qualquer modo não havia tempo de parar e descobrir, não havia tempo para captar a maravilha de como

o mundo já havia sido. Corremos para o outro lado, deixando a praça para trás, pegando o mesmo caminho que havíamos percorrido alguns minutos antes. Até as casas na margem do povoado estavam parcialmente iluminadas, e eu percebia pessoas saindo depressa, enfiando agasalhos pela cabeça enquanto andavam. Talvez, se eu tivesse permissão de ir às reuniões do Conselho, soubesse desses planos de emergência. Todos estavam se juntando. Os guardas do perímetro teriam ouvido os sinos também. Talvez eles tivessem recebido ordem de se defender até a última bala. Talvez recuassem para ajudar o povoado. Eu só esperava que alguém soubesse o que fazer.

Passamos pelo ônibus tombado, com a floresta muito escura, uma barreira aparentemente intransponível, à frente. Entramos no meio das árvores, Jamie ainda sem falar. E eu...? Eu queria ir embora. Mas também queria ver o George. Talvez pudesse tê-lo convencido a ir conosco. Ao

mesmo tempo, queria encontrar a Srta. Keyland e confrontá-la com o que ela

havia feito.

Imaginei se não poderíamos achar um esconderijo depois de tudo o que aconteceu e voltar em

uma hora, mais ou menos, quando tudo estivesse mais calmo. Olhei por cima do ombro e vi a torre da igreja em silhueta contra uma claridade que se espalhava como um leque no céu. Era o povoado. Era toda a minha vida. Eu não poderia simplesmente abandoná-lo, poderia?

— Holly...

— O quê?

Jamie havia agarrado meu braço, parando bruscamente. Tinha ouvido alguma coisa. O que seria? Era um som de pancadas, no céu. Olhei para o alto e vi o que pareciam três estrelas: duas verdes e uma vermelha — movendo-se pela escuridão, incrivelmente rápidas. Então senti um sopro de vento na bochecha e soube que estava vendo uma espécie de máquina voadora. Era incrível. Era impossível. Um helicóptero ou algo assim havia chegado de lugar nenhum. Estava muito baixo e ia para o povoado.

Aquilo fez minha pele se arrepiar. Eu já tinha visto aviões — talvez quatro ou cinco vezes.

Sabia que havia pessoas que ainda voavam. Mas os aviões sempre haviam sido pontinhos sobre o horizonte, pouco mais do que um brilho de prata no céu vazio, sem som, pertencendo àquele outro mundo. Esse... helicóptero... ia pousar bem aqui. Estava nos invadindo.

Também fez com que eu me lembrasse, como se fosse preciso, que o tempo estava

acabando. A polícia já havia chegado. Precisávamos ir embora. Com um novo sentimento de urgência, mergulhamos na floresta, deixando que ela nos devorasse, separando-nos do povoado.

Mas não tínhamos ido muito longe quando Jamie me fez parar de novo, e desta vez não precisei perguntar por quê.

Havia pontos de luz branca, de novo luz elétrica, vindos em nossa direção numa linha comprida que se curvava por todo o caminho na escuridão à frente, de modo que, não importando que direção pegássemos, iríamos encontrá-las. Eu podia ver as luzes dançando entre as árvores como insetos enormes, vaga-lumes, mas sabia que eram lanternas carregadas por mãos humanas. Quantas seriam e como haviam chegado tão depressa? Antes que eu pudesse ao menos começar a contar, uma voz gritou e eu reconheci Tom Connor, que ainda estava em

sua torre de observação em algum lugar acima de nós, mas invisível no negrume das copas.

— Parem aí!

Era a mesma ordem que ele havia dado à Srta. Keyland, mas agora parecia aterrorizado, e as

luzes não hesitaram, nem por um segundo.

— Estou avisando — gritou ele. — Estou armado.

Houve uma pausa breve e em seguida uma linha de fogo saiu da escuridão. A princípio pareceu muito pequena, como alguém acendendo um fósforo, mas cresceu monstruosamente, rolando para a frente, projetando-se diagonalmente do solo até o topo da torre de observação.

Tom deve ter percebido o que ia acontecer. Por alguns segundos eu o vi, parado no meio de sua inútil fortificação de madeira, levantando a arma inútil que ele havia tirado do ombro, banhado em laranja. O fogo correu para ele, sibilando pela noite. Jamie me agarrou e me girou antes que ele nos acertasse, mas não antes que eu visse Tom, um garoto com quem eu já havia brincado,

desaparecer numa bola de fogo, e ouvisse seu grito único, inesquecível.

— Precisamos ir — disse Jamie. — Precisamos voltar.

Olhei em volta. A torre de observação estava pegando fogo, as chamas iluminando a floresta

até o ponto em que estávamos escondidos. Se não fosse uma reentrância no solo, teríamos sido vistos. As lanternas continuavam em movimento. Alguém — um

dos outros guardas do perímetro — gritou. Houve um só tiro, seguido pelo gaguejar muito mais alto e furioso de uma metralhadora. Outra pausa. Então um corpo caiu por entre as árvores e bateu no solo da floresta com um som fraco.

Eles estavam chegando mais perto. A polícia, os Antigos, o que quer que fossem. Eu queria

gritar, mas isso significaria a morte. Deixei que Jamie me puxasse, e juntos corremos de volta por onde tínhamos vindo, mais rápido ainda do que antes, com o caminho iluminado por um fraco

brilho laranja. Houve mais tiros atrás e, enquanto seguíamos, outro grito. Tentei tirá-los da cabeça. Queria encontrar Rita e John de novo. Queria ver George.

Normalmente não poderíamos ir tão rápido, principalmente à noite, mas o povoado ainda estava iluminado. Passamos correndo por casas com portas e portões abertos; sinal de que os moradores tinham saído às pressas. Agora o sino da igreja estava silencioso, e permanecera assim desde o primeiro alarme. Mas todo mundo do povoado devia ter escutado os tiros.

Ouvimos outra rajada quando chegamos ao posto de gasolina, mais fraca e menos intensa, mas

ainda inconfundível. Ao passar, olhamos as bombas de gasolina, como dois velhos soldados deixados para trás. O brilho branco da luz elétrica era mais forte à frente. Deixamos que ele nos atraísse.

E assim chegamos à beira da praça, permanecendo nas sombras onde não seríamos vistos. Eu

não sabia se todos os moradores tinham se reunido, mas certamente a maioria estava ali, empurrados para os lados a fim de dar espaço ao helicóptero que havia pousado bem no meio

do povoado. Procurei minha família ansiosamente, mas não vi nenhum deles. Notei Mike Dolan e Simon Reade — juntos como sempre — e o Dr. Robinson e Sir Ian Ingram muito perto, também.

Os olhares deles estavam fixos no helicóptero. Todos pareciam pequenos e com medo.

O helicóptero era preto e amarelo, em forma de bala, com três hélices enormes, agora pendendo frouxas, na parte de baixo, dois eixos que mais pareciam grossos patins de metal. A frente era toda de vidro, e eu podia entrever alguns controles com luzes piscando na cabine.

Nunca tinha visto um helicóptero, a não ser em fotos, e olhando-o agora, o objeto de verdade, achei impossível que uma coisa tão pesada e desajeitada pudesse sair do chão e voar. E estava no meio do nosso povoado! Todos aqueles anos que passamos escondidos, e agora ele havia pousado como se o tempo todo soubesse onde estávamos.

Havia uma mulher parada ao lado dele. Seria a mulher que eu ouvi ao telefone? Estava usando um casaco de couro preto que chegava até os tornozelos, com botas de couro preto embaixo. Aquilo certamente não era um uniforme. Devia ser como ela gostava de se vestir. Tinha cabelo ruivo e comprido que caía em cachos desalinhados e o rosto magro, muito pálido. Os olhos e os lábios não revelavam nada. Era impossível adivinhar sua idade. Ela estava bem perto de mim, mas dava a impressão de estar longe, fundindo-se à escuridão ao redor. A escuridão lhe caía bem.

Havia dois homens atrás dela, ambos com uniformes pretos da polícia, capacetes e viseiras cobrindo o rosto. Estavam armados com metralhadoras.

— Sabemos que o garoto está em algum lugar do povoado — dizia ela. Não era a mulher que eu tinha ouvido ao telefone. Sua voz era extraordinariamente nítida, chegando a todo mundo na praça como se estivesse sendo secretamente amplificada. — Ele é o único que nos interessa. Digam onde ele está e vamos embora.

— Preciso contar a eles... — sussurrou Jamie.

— Não. — Agarrei seu braço. — Você não pode.

Todo mundo sabia que a mulher estava mentindo. Tinham ouvido os tiros na floresta. O

povoado fora descoberto, invadido, e nesse momento todas as suas defesas haviam sucumbido.

Vi alguém abrir caminho pela multidão, e a Srta. Keyland apareceu. Estava

usando um xale por causa do frio da noite e suas botas de borracha amarelas. Não parecia muito satisfeita consigo mesma. Acho que só agora estava começando a entender as consequências do que tinha feito.

— Meu nome é Anne Keyland — anunciou ela.

— Sim? — A mulher do helicóptero não pareceu interessada.

— Fui eu que telefonei para vocês. — Isso causou uma ondulação, um murmúrio de desprezo

que se espalhou pelas pessoas. Os que estavam mais perto dela se afastaram e de repente a Srta. Keyland ficou sozinha, separada do resto dos moradores, observada de todos os lados. Vi Sir Ian balançar a cabeça, incrédulo. Mas ela continuou assim mesmo: — Vocês prometeram uma recompensa pelo garoto. Nós precisamos de muita coisa aqui. As plantações estão começando a morrer. Todos nós sabemos disso. Os níveis da água estão mais baixos a cada ano.

Não temos mais remédios para o caso de alguém adoecer, não temos óleo para o gerador. Tudo

isso são coisas que vocês podem nos dar. — Ela havia levantado a voz, e eu supus que estivesse falando para todos, tentando explicar o que tinha feito. — Vocês me prometeram que ninguém

seria ferido.

— Eu prometi se vocês cooperassem.

— Nós estamos cooperando.

— Então onde está o garoto?

— Não sei.

— Se não sabe, não tem utilidade para mim. — A mão da mulher havia desaparecido no bolso e sacado uma arma pequena. Sem ao menos hesitar, ela atirou na Srta. Keyland. Houve um jorro de sangue, captado pelas luzes. A Srta. Keyland desmoronou parecendo um pequeno embrulho. Ninguém se mexeu.

— Então, quem vai me dizer onde posso achar Jamie Tyler? — perguntou a mulher.

De novo senti Jamie se retesar ao meu lado, e soube que ele não podia mais aguentar aquilo,

que ia se entregar. Mas antes que ele pudesse se mexer ouvi uma voz gritando e reconheci Rita, mas não podia vê-la do outro lado da praça, perdida na multidão.

— Jamie não está aqui — disse ela. — Foi embora antes de vocês chegarem. Foi pela floresta, para o leste. — Rita embutiu uma mentira em sua resposta. Sabia muito bem que eu e Jamie tínhamos ido para o norte. Não fazia ideia, claro, de que ambos estávamos de volta ao povoado.

— É verdade? — perguntou a mulher.

— É.

Ela deu de ombros.

— Então andei perdendo meu tempo.

Ela ergueu uma das mãos, quase como se estivesse espantando uma vespa de verão. Foi o sinal para o inferno se abrir.

Os dois guardas levantaram as metralhadoras e abriram fogo, o barulho das balas soando ensurdecedor enquanto ecoava nas construções dos dois lados. O círculo de moradores, silenciosos e ressentidos num momento, se partiu e de repente todo mundo estava gritando e se chocando uns contra os outros, esquecendo tudo numa tentativa desesperada de achar uma saída. Ao mesmo tempo descobriram que toda a praça estava cercada. Os policiais da floresta haviam chegado enquanto a mulher falava e tinham ocupado suas posições, criando um tumulto, com escudos antimotim... e coisa pior. Tinham lança-chamas, metralhadoras, enormes

cassetetes e latas de gás. Ficaram parados, esperando para escolher os alvos um por um.

Assim que os tiros começaram, Jamie e eu saímos correndo o mais rápido que podíamos.

Cheguei a sentir o vento das balas sobre os ombros. Uma acertou um homem ao meu lado —

acho que era o Sr. Christopher, o padeiro —, que caiu com um pequeno soluço e não se levantou. Todo mundo estava enlouquecendo. Estávamos encurralados, cercados a toda volta. A

luz elétrica, que havia parecido um milagre pouco antes, nos transformava em alvos fáceis sem ter onde nos escondermos.

Então os policiais avançaram. Vi três pessoas, uma mãe com dois filhos, morrerem a tiros na

minha frente. Do outro lado da praça, houve outro jorro de chamas e um grito. Metralhadoras

rajavam em toda parte. Janelas se despedaçavam. Pessoas correndo à esquerda e à direita eram derrubadas, caíam girando.

— Holly!

Jamie havia gritado, e eu parei derrapando, com um policial à minha frente. Ele tinha vindo de lugar nenhum. Estava apontando uma arma direto para mim e eu vi meu próprio rosto, como

uma máscara da morte, refletido em seu escudo antimotim. Podia ter sido morta naquele momento. Deus sabe quantas pessoas podiam ter morrido na praça. A polícia obviamente recebera ordem de não deixar ninguém vivo. Mas, nesse momento, mais distante, houve uma explosão e as luzes se apagaram.

Alguém havia explodido o gerador. Na hora eu não sabia, mas foi isso que aconteceu, e a escuridão súbita, rápida como uma lâmina de guilhotina, nos deu a chance de escapar. Eu estava cega, mas Jamie me arrastou, passando ao redor do homem que ia atirar em mim, rompendo o

cerco policial. Não podíamos parar nem para recuperar o fôlego. Todos os policiais carregavam lanternas potentes — nós as tínhamos visto na floresta. Eles só demoraram poucos segundos para pegá-las e ligá-las. Então, de novo, a praça foi iluminada e a matança recomeçou.

Jamie e eu havíamos chegado à porta de uma casa perto da praça... por acaso era a de Sir Ian. A casa se chamava A Batida do Carteiro. Ficamos ali parados, o peito arfando, ouvindo os tiros, olhando os corpos caírem.

— Vamos entrar! — ofeguei. A porta da casa estava fechada, mas certamente não estava

trancada. — Podemos nos esconder.

— Não. Eles vão revistar tudo. Vão nos encontrar.

— Então o quê?

— Vamos voltar à floresta. Deve ser mais seguro lá, agora.

— Por quê?

— Porque todos estão aqui, no povoado.

Fazia algum sentido. Pelo menos a floresta nos esconderia. Um homem passou por nós cambaleando, gritando e apertando os olhos. Tinham espirrado alguma coisa horrível em seu rosto. Ele trombou num arbusto e caiu para a frente. Era Simon Reade. Será que eu precisava de mais alguma indicação de que era hora de ir? Certificando-me de que Jamie estava comigo, saí correndo da casa de Sir Ian e teria passado pelo posto de gasolina pela terceira vez se não fosse apanhada por uma mão envolvendo meu pescoço. De repente havia um homem com o rosto encostado no meu, sussurrando ferozmente no meu ouvido:

— Fique parada. Se quiser viver, venha comigo.

SETE

Era o Viajante. Eu estava atordoada; tudo acontecia depressa demais e eu só o tinha visto ocasionalmente. Mesmo assim, o reconheci na mesma hora. Ele estava me segurando com tanta

força que me machucava. Havia um brilho estranho nos seus olhos.

Jamie agarrou o braço dele, tentando fazer com que ele me soltasse.

— Largue-a! — gritou. Havia tanto barulho ao redor, gritos e tiros, que não importava se ele fosse ouvido.

— Escutem. Escutem... vocês dois! Vocês precisam sair daqui, e só há um caminho. Precisam

confiar em mim. Só temos alguns minutos. Ali...

Ele apontou com um dedo. O que queria dizer? Então ouvi o som de outros helicópteros se

aproximando, o mesmo som que tinha ouvido na floresta, só que mais alto, mais insistente. A uma distância muito grande vi as luzes. Havia um monte delas. Logo estariam aqui.

— Eles vão destruir todo o povoado — disse o Viajante. — Não vão deixar nada

de pé, ninguém vivo.

— Por quê?

— Porque, infelizmente, eles acreditam no que Rita disse. Acham que Jamie foi embora.

— Mas por que matar todo mundo? — perguntei.

— Porque é isso que eles fazem. — O Viajante soltou meus braços. — Eles matam por matar.

Matam porque gostam.

— De quem você está falando?

— Jamie não contou? Dos Antigos.

Os Antigos. Ele sabia sobre isso também.

Ainda estávamos parcialmente escondidos na porta da Batida do Carteiro, protegidos pela hera que crescia dos dois lados. Ali parada, vi alguém passar correndo, tentando seguir pela rua principal. Houve uma rajada de metralhadora e a figura — não dava para ver se era homem ou

mulher — parou, levantou os braços e despencou no chão.

Jamie deu um passo à frente.

— Você disse que sabe de um modo de sair daqui — indagou com voz áspera. — Onde?

— Você vai fazer exatamente o que eu disser, ainda que isso signifique abandonar seus amigos? — Jamie hesitou. — Não vou permitir que me matem — afirmou o Viajante

rispidamente. — Preciso saber que posso contar com você.

— Certo. Sim. O que você disser.

— Bom. Então me siga. Fique perto. — Ele estava falando com Jamie, não

comigo. — Você

fique aqui, Holly. Encontre algum lugar para se esconder.

Demorei um ou dois segundos antes de entender o que ele estava sugerindo. Meu queixo caiu. Ele ia me deixar para trás! Não importava que eu tivesse descoberto o Jamie, de início. Eu estava de fora. Era carne morta, como os outros.

Mas Jamie não quis aceitar.

— Não vou embora sem ela — disse.

— O que você acabou de me prometer? — rosnou o Viajante. — Nós não podemos levá-la.

Não há espaço.

— Não sei quem você é. — Jamie estava falando com os dentes trincados. — E não sei aonde você vai. Se eu for com você, farei o que você disser. Mas não vou sozinho. E isso não é negociável.

Outra explosão de chamas. Foi perto, e por um momento nós três ficamos iluminados em laranja. Não tínhamos tempo para discutir, e o Viajante sabia. Assentiu, com raiva.

— Certo. Mas esta é a última exigência que você faz. De agora em diante vai fazer o que eu

mandar.

Eu mal ouvi suas palavras. Elas foram abafadas por uma explosão, mais alta e mais violenta do que qualquer uma que havia acontecido antes. O chão tremeu. O próprio ar borbulhou e uma

enorme bola de chamas vermelhas subiu no céu noturno. O helicóptero mais próximo havia disparado um míssil. Não sei se tinha mirado deliberadamente, mas acertou a igreja... a pobre igreja de St. Botolph, que estivera ali durante séculos e nunca fizera nenhum mal — a não ser que você conte com o fato de ela ter uma porta mágica que permitira que a morte entrasse no

nosso povoado. Vi o topo da torre desmoronar. Choveram pedaços enormes de pedra, a maior

parte em chamas. O cemitério parecia ter pegado fogo.

E as pessoas continuavam correndo insanamente, mesmo havendo um número menor,

menos da metade de antes. Estavam tentando ficar longe do brilho do fogo, sabendo que ele transformava a área ao redor numa armadilha mortal. Mas não havia aonde ir. A polícia estava em toda parte, esperando-os do mesmo modo que George e eu frequentemente esperávamos um coelho sair da toca. Eu não reconhecia mais nenhum morador. Tinham se transformado em

sombras saltando, correndo desamparadamente, sendo derrubadas pelos homens silenciosos por

trás das viseiras e dos escudos antimotim.

Estávamos seguindo o Viajante pela rua principal. Não corríamos. Mover-se devagar era o segredo. O pânico nos mataria — precisávamos garantir que não fôssemos vistos. Uma linha de

fogo riscou o céu e houve outra explosão que fez tudo estremecer, em algum lugar perto do posto de gasolina. Estávamos indo para o rio, na direção oposta da que eu tomaria porque era para longe da floresta. Mas depois do que o Viajante havia dito, eu não ousava discutir com ele.

Peguei-me focalizando no pano vermelho que ele usava em volta do pescoço. Isso tornava mais

fácil identificá-lo e impedia que eu visse o horror que ocupava todos os outros lugares.

Outros mísseis caíram. O chão tremia. Eu estava esperando a explosão que encontraria nosso

pequeno grupo e nos transformaria em pedaços. A poeira e o detrito entravam nos meus olhos,

quase me cegando, e havia um grito interminável, agudo, nos meus ouvidos. Um homem foi lançado, dando saltos mortais no ar na minha frente e pousando logo adiante. Não pude deixar de vê-lo. Era o vigário, o reverendo Johnstone. Ficou ajoelhado como se estivesse rezando, depois se deitou como se estivesse cansado e quisesse dormir. Imaginei se ele sabia que sua

igreja fora destruída. Queria ficar e ajudá-lo, mas o Viajante já havia passado e eu não tive escolha, a não ser ir atrás.

Chegamos à encruzilhada e ao Cabeça da Rainha. O bar ainda estava de pé, mas dali viera a

primeira explosão, a que havia destruído o gerador. Aqui embaixo estava mais calmo... pelo menos havia poucas pessoas e a maior parte da matança ainda ocorria em volta da praça. Eu não sabia se minha audição ainda funcionava. Olhei para trás e vi que todo o povoado era uma tempestade de fogo. Os canos das metralhadoras relampejavam em fogo branco. Paramos.

Jamie parecia perplexo. Talvez estivesse se culpando por tudo aquilo. Para ele seria ainda pior se pensasse que a culpa era sua.

— Não podemos descansar — disse o Viajante. Seus lábios se moveram e eu li as palavras, sem ouvi-las propriamente. — Temos de ir em frente.

Continuamos descendo o morro. Eu estava ficando mais inquieta. O que havia para nós ali?

Um rio estagnado e um barco-casa que não podia se mover porque, muito tempo antes, comemos o cavalo que o puxava.

Outra explosão. Mais gritos — agora distantes e menos frequentes, afinal restou pouca gente

para matar. Felizmente, parecíamos ter sido esquecidos. E aqui embaixo estava um breu.

— O que aconteceu com as luzes? — perguntei.

— Eu explodi o gerador — disse o Viajante. — Agora vamos...

Vi o rio à frente, uma fita preta que captava alguns reflexos do fogo. A água não tinha correnteza. Era oleosa e estava morta. Senti o cheiro também. Fazia anos que o rio tinha um odor denso, desagradável, que avisava para a gente parar e voltar. Quando chegamos ao cais, tentei me convencer de que estávamos sozinhos, que ninguém tinha nos seguido. Mas não acreditava. Era como se a noite estivesse viva e nos vigiando. Não seria tão fácil assim. Eles simplesmente não deixariam a gente escapar.

— Aonde, agora? — perguntou Jamie.

Não havia muita opção. Se fôssemos em frente, cairíamos na água e nos afogaríamos... se não fôssemos envenenados primeiro. Havia duas construções — um armazém antigo e o escritório do chefe do porto, que fora transformando em moradia para alguém. Podíamos seguir o caminho de sirga para a esquerda ou para a direita. De qualquer modo, depois de um tempo

ele terminava, desaparecendo no meio de espinheiros e lama, o que, claro, tinha sido permitido acontecer de propósito.

— Por aqui. — O Viajante apontou à direita.

— Espera um minuto — falei. Minha audição havia retornado.

— O que foi?

— Tem alguém aqui...

O Viajante parou e olhou ao redor. Aqui embaixo estava quase totalmente preto, tudo era apenas sombras e formas vagas. Sua mão havia baixado até a cintura e vi que ele estava com uma arma, um machado ou alguma espécie de espada. Sabia que não era comigo que ele estava

preocupado. Ele estava permanecendo perto de Jamie, vigiando-o.

— Você está errada — afirmou ele.

— Eu ouvi alguém.

E foi então que o policial saiu da escuridão. Vi sua mão subir ao ombro e, um segundo depois, ele acendeu uma lanterna presa ali, deixando-o livre para

segurar a metralhadora apontada para nós. O facho poderoso saltou, ofuscando-nos. O policial havia perdido o capacete e a viseira, mas mesmo assim eu não podia ver direito seu rosto. Ele estava no controle. Não

havia o que nós três pudéssemos fazer. Ele podia nos matar ali mesmo.

— Fiquem onde estão! — rosnou o sujeito. Uma voz estalou em algum lugar dentro de seu

capacete e ele falou num microfone que se curvava diante dos lábios. — Estou com eles...

— Onde? — Era a mulher do helicóptero.

— Na igreja — disse Jamie. Demorei um momento para entender que ele é que havia falado.

Jamie estava encarando o policial. Havia nele algo estranho que eu nunca tinha visto, mas, de algum modo, eu sabia o que estava acontecendo. Jamie tinha poderes. Ele já havia me dito isso.

Agora estava usando-os.

— Eles estão na igreja — repetiu o policial.

Ele estava mentido. Não era o que queria dizer. Estava lutando para se livrar do feitiço ou da coisa que o estava dominando. Sua mão apertou a arma e eu tive certeza de que ele ia atirar em nós ali mesmo. Mas então escutei passos fracos vindo pelo cais. Alguém estava correndo para fora da escuridão atrás dele, e quando o policial percebeu o perigo e se virou, foi acertado por trás e caiu. George estava parado junto dele, segurando o bastão de críquete que tinha usado para nocauteá-lo. Eu não fazia ideia de como ele havia chegado ali ou se estava nos esperando o tempo todo.

— Vocês precisam ir, Holly — disse ele.

— Você vem com a gente, George.

— Não. Não posso.

Ele olhou para baixo e eu vi a mancha escura em sua camisa. Tinha levado um tiro ou fora cortado, ou talvez acertado por estilhaços de um dos mísseis. Eu não tinha ideia de como ele havia conseguido descer até aqui, e fiquei pasma por ele ter arranjado forças para nos salvar daquele jeito. Ao mesmo tempo, sabia que não lhe restava muito tempo.

— George... — comecei, e engasguei com seu nome. Lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu estava imaginando como tudo aquilo podia ter acontecido. Apenas alguns dias antes, eu estivera colhendo maçãs, e ele, fazendo pão.

Então ouvi o som que mais temia, batidas de couro em concreto, e soube que, apesar de Jamie ter tentado enganá-los, havia mais policiais chegando, correndo pela rua principal na direção do cais. George tombou de joelhos. Não conseguia mais ficar de pé. Ao mesmo tempo,

pegou a metralhadora do policial morto e apertou-a contra o peito. Entendi o que ele ia fazer.

— Vá, Holly — ordenou ele. — Saia daqui.

— George... — Eu não acreditava que estava me despedindo.

O Viajante não ia esperar mais. Agarrou meu ombro e me arrastou na direção em que desejava ir. Jamie veio conosco. Parecia doente, em choque. George ficou onde estava e eu não olhei para trás.

Senti que o chão subia ligeiramente. Soube que estávamos seguindo o caminho de sirga à beira do rio. Corremos por uns cinco minutos — e ali estava, à nossa frente, um volume preto que tinha de ser o *Lady Jane*, a casa do Viajante, encalhado na lama, onde estivera durante os últimos sete anos. Deixei-me ser jogada a bordo. Senti o convés de madeira sob os pés e caí nele. Atrás de nós, no cais, ouvi tiros de metralhadora e soube que era George, me protegendo até o fim.

Não sabia o que iria acontecer depois. Pensei que iríamos nos esconder até que tudo terminasse. Talvez o Viajante achasse que a polícia não iria nos procurar ali. Mas então ouvi um som extraordinário: um som metálico seguido por um ribombar em algum lugar embaixo. Todo

o barco começou a vibrar e eu percebi que, apesar de o *Lady Jane* ter sido

puxado por um cavalo na chegada, isso havia sido apenas um truque, uma distração, e que ele ainda tinha um motor

que funcionava. O Viajante tinha até mesmo combustível.

Ele e Jamie soltaram as cordas. George continuava disparando rajadas curtas, irregulares, mantendo todo mundo recuado, impedindo que vissem para onde tínhamos ido. O Viajante estava parado perto de mim. Ele se inclinou e empurrou o barco para longe da margem. Jamie

entrou e se agachou ao meu lado. Houve um último disparo da metralhadora, depois um único

tiro e um grito súbito. O Viajante foi para o leme.

O motor fazia pouco som, um latejar surdo, enquanto deslizávamos para a noite. Olhei para

trás uma última vez e não vi coisa alguma perto, mas à distância um brilho vermelho se espalhava na paisagem enquanto o povoado queimava.

FIM DE JOGO — A CONFERÊNCIA

OITO

O carro diminuiu a velocidade e parou junto ao semáforo; imediatamente nove ou dez crianças

correram para perto. Eram as de sempre — descalças, vestindo trapos ou seminuas, famintas, com olhos vazios e enormes, as mãos em concha, no símbolo universal indicando comida. Quase

pareciam estar disputando para ver qual soava mais patética. *Estamos morrendo de fome*, imploravam, com as camisas abertas revelando a pele esticada sobre as costelas. *Dê alguma coisa para a gente comer. Dê dinheiro*. As cabeças sem cabelos giravam nos pescoços magricelas, tentando captar a atenção do motorista. *Dê qualquer coisa.*

O motorista as ignorou, olhando direto em frente através dos óculos escuros, esperando o sinal mudar. Lá fora, a temperatura era de trinta e tantos graus e as

ruas fediam a imundície e podridão, com o esgoto escorrendo pela sarjeta; na verdade, mais rápido do que o tráfego.

Havia lojas dos dois lados, mas a maioria fora abandonada, vitrines revelando interiores cinza e prateleiras esvaziadas muito tempo atrás. Qualquer compra e venda era feita nas calçadas.

Havia barracas de comida: preparados abomináveis, miolos e tripas, borbulhando sob uma camada de espuma em panelas amassadas. Velhos e velhas sentavam-se de pernas cruzadas diante de minúsculas pilhas de frutas e verduras que eles haviam trazido de plantações que se derramavam nos subúrbios, esperando vendê-las para ganhar dinheiro. Para quê? Para mais frutas e verduras para vender outro dia? Uma mulher meio louca se agachava sobre uma pirâmide de latas de leite, com prazo de validade vencido havia mais de uma década. Outra tinha uma coleção de pilhas, como se alguém tivesse uso para elas mesmo se pudesse comprá-las. E,

claro, havia mendigos; cegos, aleijados e balbuciando. Um homem com cotocos no lugar dos braços, outro sem olhos, um terceiro parecendo sumir na calçada sem ter nada abaixo da cintura. Uma mulher segurava um bebê, provavelmente morto. Alguns cães abandonados se enrolavam nas sombras. Os animais que ainda não tinham morrido de fome se alimentavam dos

que tinham.

Como sempre, o ruído era ensurdecedor, o trânsito tão engarrafado que era difícil até mesmo dizer em que direção deveria ir. Havia uma ou duas limusines caras levando pessoas importantes para lugares importantes, mas a maioria dos veículos pertencia ao ferro-velho ou tinha sido resgatada de lá. Eram carros amassados, antigos, com janelas rachadas e bancos de plástico, mantidos funcionando apenas com peças descombinadas e preces. Ônibus roncavam,

apinhados de gente comprimida, sem ar durante horas a fio, assando lentamente até morrer no calor. E em toda parte havia bicicletas, riquixás, motonetas e tuk-tuks, armadilhas motorizadas que ziguezagueavam no tráfego com os motores de cortadores de grama zumbindo como abelhas furiosas.

O motorista batucava com os polegares no volante, esperando o semáforo mudar de cor.

Uma das crianças, um menino de 6 ou 7 anos, bateu no vidro e apontou para a boca, e o motorista ficou tentado brevemente a pegar a arma que sempre carregava e atirar bem no meio

daqueles olhos patéticos e fixos. Os vendedores na rua olhariam aquilo por um instante antes de voltar ao trabalho. E o sangue se espalharia nas poças cheias de moscas que enchiam as rachaduras e os buracos da rua. Menos uma boca para alimentar! Por um momento, ele ficou seriamente tentado. Mas para atirar no garoto ele teria de baixar a janela, e isso significaria deixar o calor e o barulho entrarem ao menos por alguns segundos. Não valeria a pena. Seu passageiro não ficaria satisfeito.

O semáforo abriu, mas o carro não se mexeu. Havia uma obstrução logo à frente. Um boi estivera puxando uma carroça cheia de geladeiras e freezers aos pedaços — ferro-velho —

virando à esquerda na pista. Mas o peso era demais para o animal infeliz, que havia caído, bloqueando as três pistas. O dono estava parado junto, batendo nele repetidamente com um pedaço de pau. Mas o boi não conseguia se levantar. Ele tentou se erguer nas patas finas e caiu de novo. Dois policiais com uniformes em preto e branco correram. Poderiam ter ajudado.

Poderiam ter redirecionado o tráfego ou obrigado algumas crianças a ajudar a mover a carga.

Em vez disso, começaram a gritar, golpeando com os cassetetes. Logo todo mundo estava gritando com todo mundo. Buzinas berravam. O boi ficou parado, olhando para o nada com saliva pingando da boca.

— O que é, Channon? — perguntou o passageiro.

— Desculpe, senhor. Parece que houve um incidente...

— Não faz mal. Temos muito tempo.

O carro tinha ar-condicionado, filtrado duas vezes antes de entrar. Os bancos eram de couro, as janelas de vidro fumê, o piso com tapete grosso. O passageiro lia um jornal, e havia várias garrafas d’água no compartimento ao lado. Mesmo se não existissem o vidro à prova de bala, a grossa blindagem militar dentro dos painéis laterais e as portas tão pesadas como as de um avião comercial, ele se

sentiria seguro e adequadamente afastado do mundo lá fora. Era o executivo-chefe da Corporação Crepúsculo, a organização empresarial mais poderosa do planeta. Estava protegido.

A Corporação Crepúsculo havia crescido tremendamente nos últimos dez anos. Ainda era ativa nos campos de telecomunicação, energia e desenvolvimento de armas... mas havia acrescentado tantas áreas de atuação que praticamente não havia um ramo em que não fosse líder de mercado. Agora controlava 65 por cento da comida do mundo. Seu ramo farmacêutico

era dono de curas para praticamente todas as doenças do mundo. Nenhum jornal ou estação de

televisão jamais criticava a Crepúsculo, porque a Crepúsculo havia comprado todos. O fato era que, se você quisesse comer, permanecer saudável e viver com algum grau de conforto, precisava da Crepúsculo — se bem que, como a Corporação Crepúsculo era rápida em demonstrar, ela jamais precisava de você.

O executivo-chefe se chamava Jonas Mortlake e vinha trabalhando para a companhia durante

toda a vida. Sua mãe, Susan, havia comandado o escritório de Los Angeles e fora muito respeitada até que morreu com uma bala na cabeça. Jonas estivera trabalhando no escritório de

Londres quando soube da notícia, mas não pediu uma licença para ir ao enterro. Estava ocupado demais e fora criado com uma única regra: os negócios sempre vêm primeiro. Na verdade, nunca havia gostado muito da mãe. Só a via duas vezes por ano e sentia uma leve inveja do sucesso dela.

Jonas ainda era jovem... e isso era bom porque a velhice, como qualquer fraqueza, o enojava.

Seu cabelo louro encaracolado fora cortado curto, num estilo quase militar, e ele tinha físico de soldado... resultado de uma dieta cuidadosa e de um treinador trabalhando com ele todo dia em sua academia particular. Jonas tinha orgulho de seu corpo, com cada músculo perfeitamente desenvolvido, e nunca o cobria com nada menos do que um terno de mil dólares. Até as unhas

eram bem cuidadas, as sobrancelhas feitas, os dentes branqueados

artificialmente. A aparência é importante. Era uma das coisas que havia aprendido na escola de administração. E os negócios, claro, eram sua vida.

Mesmo assim, não era particularmente bonito. As horas passadas diante da tela de computador haviam prejudicado sua visão e agora ele usava óculos de aro de metal que não combinavam bem com o rosto. Nunca fizera cirurgia plástica, mas de algum modo parecia ter feito. Havia um brilho artificial, ligeiramente suado, na pele, e tudo era um pouco esticado demais, tornando difícil demonstrar qualquer emoção. Falava com um sotaque de escola de elite e talvez houvesse uma parte dele que nunca havia saído da escola. Seus lábios estavam sempre retorcidos num meio sorriso. Ele gostava demais de si mesmo e não conseguia disfarçar. Mas, afinal de contas, conseguira abrir caminho até o nível mais alto da Crepúsculo. Tinha um cargo ainda mais alto do que o que sua mãe ocupara ao morrer. Então por que não estaria satisfeito consigo mesmo? Estava no auge.

Jonas Mortlake não era casado e não tinha filhos. A ideia de estar próximo de outro ser humano lhe causava uma ligeira repulsa e ele sentia uma aversão particular pelas mulheres, com sua carne macia, frouxa, suas emoções, suas fraquezas, suas exigências constantes. Olhou o jornal de economia aberto no colo, as letras minúsculas e as intermináveis colunas com números.

Era ali que encontrava seu verdadeiro prazer.

Estava empolgado.

Por mais que desconfiasse das emoções, não podia negá-las. Estava indo para uma

conferência pela qual ficara ansioso durante semanas. “FIM DE JOGO” anunciava simplesmente

o convite que, claro, na verdade, era uma ordem. Ele sabia que, em outros pontos do tráfego, uma centena de outras limusines carregavam centenas de homens e mulheres para o mesmo evento. Todos tinham sido convocados para se encontrar com o presidente da Corporação Crepúsculo, para ouvi-lo falar. Mas Jonas era diferente. Ele já fora informado sobre o que seria dito, e depois, quando o presidente fizesse seu anúncio-surpresa, ele teria uma reunião cara a cara, em que seu destino seria revelado.

Tinham conseguido tirar o boi, que agora estava caído na beira da rua, os olhos

arregalados, a barriga arfando. Um dos policiais soprou um apito, gesticulando freneticamente, e de algum modo o trânsito conseguiu se desemaranhar e ir em frente. Levantando o olhar do jornal, Mortlake viu uma feira espalhada sob um viaduto de concreto: mais comida fritando e carregadores de água — alguns com apenas 7 ou 8 anos — curvados sob galões de plástico, carregados às costas e que iriam aleijá-los antes dos 9 anos. Mulheres vestindo shorts, camisetas curtas, sandálias e bijuterias, sem nada para vender além de si próprias, encostavam-se nas colunas de concreto. À noite, a área seria iluminada por lâmpadas coloridas e braseiros, e talvez elas parecessem menos hediondas e grotescas.

O carro virou uma esquina e de repente o rio estava adiante, a água tão atulhada de barcos velhos quanto a rua de carros. Ali o sol era pior ainda. No espaço aberto, refletindo-se na água, ele tornava tudo duro e quebradiço. Com a fumaça subindo das dezenas de fogueiras minúsculas acesas ao longo do cais, era como se o próprio chão pegasse fogo. Não havia eletricidade nem água corrente nesta parte da cidade. As pessoas ficavam sentadas, frouxas e derrotadas.

Por fim chegaram ao destino. O prédio, com sua famosa fachada curva e as bandeiras múltiplas, ficava na praça que recebera o nome a partir dele.

Organização das Nações Unidas. Nova York.

Dois guardas armados com metralhadoras se empertigaram e prestaram continência quando

a barreira levantou e Jonas Mortlake entrou.

NOVE

Havia 1.800 lugares na Assembleia Geral, e quase todos estavam ocupados. Jonas Mortlake recebera um lugar na segunda fila e viu isso como sinal de favorecimento. Quanto mais perto você estivesse da frente, mais importante era considerado. Enquanto caminhava até o seu lugar, percebeu a multidão multicolorida — muitos haviam optado por usar trajes nacionais — sentada com a atenção focalizada no palco. Havia árabes com mantos brancos e panos na cabeça, africanos com brilhantes camisas tecidas a mão, chineses e japoneses usando seda, indianos com sáris. Era importante mostrar quais países eles representavam... quais países haviam destruído...

e isso era uma lembrança de que os delegados tinham vindo de todos os

continentes.

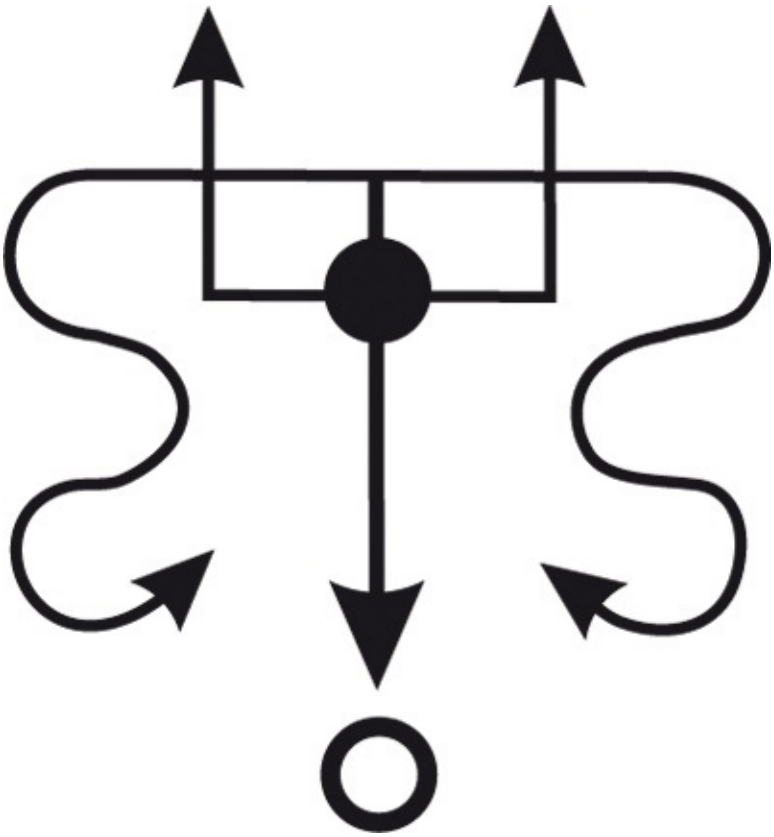
Normalmente, no fim da conferência, haveria uma festa e todo mundo queria estar com sua melhor aparência.

Jonas sorriu sozinho. De fato haveria uma festa dali a pouco, mas não era a que todo mundo

estava esperando, e ele ficou feliz por não ter recebido um convite para ela. Apenas algumas fileiras atrás, notou um homem que conhecera no escritório de Londres. Qual era o nome dele?

O homem assentiu para ele, e Jonas assentiu de volta. Ao mesmo tempo, pensou consigo mesmo: você não vai assentir daqui a algumas horas. Mal podia esperar para ver a expressão no rosto de todos.

O salão mal havia mudado desde a época da construção, com vastas paredes douradas inclinando-se para dentro e um teto em arco lá no alto. Havia um palco com um pódio e, atrás, um disco onde um dia estivera um mapa do mundo cercado por dois ramos de oliveira que, claro, representavam a paz. Mas isso fora substituído por um símbolo diferente:



O sinal dos Antigos.

Jonas sentou-se, ocupando seu lugar ao lado de um homem de cabelos prateados que ele também já conhecera. Era um russo, um homem que havia sugado tanto dinheiro do petróleo e

do gás de seu país que diziam que não era possível acender uma lâmpada em Kiev sem sua permissão. Gastara esse dinheiro consigo mesmo, com casas em todo o mundo, uma frota de iates e um time de futebol de primeira que jogava particularmente para ele. Atrás, duas mulheres sussurravam, empolgadas. Jonas não as reconheceu, mas o cheiro do perfume delas era avassalador. Deixou-o tonto. Havia funcionários no fim de cada fileira, mostrando os assentos aos recém-chegados. Todo mundo havia chegado a tempo. Entrar no salão mesmo alguns segundos depois das 11h30, a hora do início, significaria demissão imediata... ou coisa pior.

E pontualmente no horário marcado, a conferência começou. Não houve anúncio. As luzes não diminuíram. O presidente da Corporação Crepúsculo simplesmente subiu no palco e todo mundo se levantou, irrompendo em aplausos

que só pararam quando ele alcançou o pódio central.

Isso demorou muito tempo, porque o presidente era muito velho e movia-se como uma tartaruga, com o que, de muitos modos, ele se assemelhava. Era completamente careca, e a cabeça, no fim de um pescoço espantosamente comprido, balançava para a frente enquanto ele

caminhava, como se estivesse saindo de um casco. A pele era descolorida, coberta por marcas de velhice e tão enrugada que, a distância, poderia ser confundida com escamas. O terno preto não disfarçava como seu corpo havia ficado magro e frágil com a idade. A distância da lateral ao centro do palco não poderia ser de mais de quinze passos, mas ele dava cada um como se pudesse ser o último.

E finalmente chegou. Os aplausos subiram de tom, a plateia parabenizando-o por ter completado a jornada. O presidente estendeu a mão para se firmar e ficou parado, sorrindo, desfrutando da recepção. Por fim, levantou a mesma mão, mostrando dedos finos e unhas cinza, desiguais. Era o sinal de silêncio. A plateia obedeceu imediatamente, sentando-se nas poltronas.

— Amigos — começou ele. Tinha uma voz rouca e um sotaque que poderia ser australiano ou americano. Ninguém sabia onde ele havia nascido nem onde morava. Como muitos ali, provavelmente passava a maior parte do tempo em movimento. — Primeiro deixem-me dar as boas-vidas a todos vocês aqui em Nova York. Sei que alguns vieram de muito longe e todos são pessoas ocupadas. Recebo como um elogio pessoal o fato de interromperem seus compromissos



para estar aqui comigo. Ao mesmo tempo, não poderíamos ter alcançado o que alcançamos sem

vocês. Vocês são o círculo interno. É certo que estejam aqui porque este é o dia em que receberão suas recompensas.

O presidente estava falando sem microfone, mas de algum modo sua voz chegava até o fundo do salão da assembleia. E ainda que metade das pessoas ali

não falasse inglês, todos entendiam exatamente o que ele dizia. Como era possível? Ninguém queria fazer essa pergunta.

A verdade é que a resposta os amedrontava demais.

E qual era a importância disso afinal? A última palavra — recompensa, *Belohnung, reward,*

— ecoou nos ouvidos de todos, que novamente irromperam em aplausos. Era isso que

estavam esperando. Era disso que se tratava.

Jonas Mortlake bateu palmas também, no entanto mais lentamente, com as delicadas mãos

brancas roçando uma na outra. Imaginou por que o presidente estaria fazendo aquela atuação.

Talvez simplesmente para se divertir. Essas pessoas... os senadores e estadistas, banqueiros e empresários, milionários, bilionários, corretores e fazedores de reis... que idiotas eram todos!

Estavam engolindo tudo aquilo. As mulheres atrás dele aplaudiam tão ferozmente que seus seios pulavam, os brincos chacoalhavam. O homem ao seu lado parecia uma criança empolgada demais.

— Quero falar a vocês sobre os Antigos — continuou o presidente, assim que a plateia havia

se acalmado. — Quem são eles? De onde vieram? O que desejam? Infelizmente, não há respostas fáceis para essas perguntas. Acho que podemos dizer que eles estão por aí desde sempre. São quase como uma força. Há muitas pessoas que afirmam que eles são simplesmente

o mal puro; mas eu teria de perguntar: o que, exatamente, é o mal? Quero dizer, eles cuidaram muito bem de nós, tenho certeza que vocês concordarão. Três quartos do mundo passa fome.

Nós temos comida. Milhões de pessoas não têm água. Nós bebemos champanhe.

Mulheres e crianças morrem em guerras enquanto nós pagamos bônus enormes a nós mesmos e ficamos mais ricos e mais confortáveis. No fim das contas, eu diria que “mal” é simplesmente um ponto de vista.

“O importante para nós é lembrar que os Antigos chegaram pela primeira vez a este mundo

há cerca de dez mil anos... muito tempo antes de a Bíblia ser escrita. E eles tinham a sua própria Bíblia. No princípio tinha o verbo, e o verbo era... matar, prejudicar, mutilar, destruir! Por quê?

Porque esta era a natureza deles. Era disso que eles gostavam. E eram ajudados por pessoas como nós. Para eles, era importante permanecerem invisíveis. Jamais queriam ser vistos como o inimigo porque isso simplesmente faria com que todos se unissem contra eles. Do modo como viam, o maior inimigo da humanidade era o próprio homem, e as pessoas não deveriam ter a ideia de que precisavam de qualquer ajuda para se extinguirem.

“O mundo era um lugar incrível há dez mil anos, senhoras e senhores. Havia uma civilização

extraordinária a ponto de fazer com que tudo que temos hoje pareça uma favela em Mumbai.

Havia arte, poesia e cidades cheias de construções lindas. As pessoas viviam em paz umas com as outras. Bom, isso mudou rapidamente depois da chegada dos Antigos. Eles destruíram tudo tão

completamente que não restou um único traço para ser encontrado pelas gerações do futuro.

Talvez haja algumas lembranças. As pessoas falam da era de Atlântida. Há histórias na Bíblia como a da arca de Noé... ou Sodoma e Gomorra. Mas basicamente tudo se foi. Foi varrido.

“Se os antigos tivessem sua vontade realizada, teriam continuado até que o planeta fosse totalmente sugado, até que não restasse ao menos uma bactéria. Esse era seu objetivo. Mas no último minuto, quando restavam apenas alguns milhares de pessoas vivas, houve uma rebelião

contra eles, liderada pelas últimas pessoas que poderíamos esperar. Não eram adultos, e sim crianças! Sim... posso ver a surpresa no rosto de vocês, e não os culpo. Eram quatro garotos e uma garota. Eles juntaram todos os sobreviventes e lutaram contra os Antigos.”

O presidente parou, como se não pudesse acreditar no que ia dizer.

— E eles venceram!

Ele pegou um copo d’água e bebeu. A assembleia permaneceu sentada em silêncio, olhando

o líquido fazer um progresso lento e doloroso pela sua garganta.

— Como vocês podem imaginar, não eram crianças normais —, continuou o presidente. —

Eu não chegaria ao ponto de chamá-las de super-heróis, mas tinham alguns poderes. Um deles

era um curandeiro. Outro controlava o clima. Dois, que eram gêmeos, podiam ler a mente um do outro e podiam controlar a mente de outras pessoas também... um belo truque. Não temos

sequer certeza do que o último era capaz de fazer. Ele podia mover coisas e esmagá-las só com o poder do pensamento. E mais. Era o líder deles e o mais poderoso de todos.

“Sozinhas, aquelas crianças não eram uma ameaça séria. Eram fortes, sim, mas não o suficiente. Enquanto estivessem separadas em diversas partes do mundo, não representavam perigo verdadeiro. Mas se os cinco se juntassem, se formassem um círculo, suas capacidades seriam ampliadas. O Poder dos Cinco. Era o que os Antigos precisavam impedir a todo custo. E, no fim, fracassaram.

“Houve uma grande batalha em que as crianças venceram. Na verdade, venceram com um ardil. É. Foi exatamente isso que fizeram. Fizeram um truque sujo e de repente todos estavam juntos e nesse momento aconteceu uma coisa espantosa. Um grande buraco foi aberto no tecido do universo e os Antigos, com todos os seus exércitos, seguidores e serviçais, foram sugados por ele: banidos para outra dimensão.

“Ao mesmo tempo, um portal foi construído, uma barreira para mantê-los do lado de fora.

Essa barreira recebeu um nome... Portal do Corvo, e durante os dez mil anos seguintes, ficou no que finalmente passou a ser conhecido como o condado de Yorkshire, na Inglaterra. E o mundo, que havia chegado tão perto da extinção, recebeu uma segunda chance. Cresceu e se desenvolveu, e finalmente se tornou o mundo que cada um de nós, aqui, herdou.”

O discurso não dava sinal de chegar ao fim, e as pessoas já estavam se remexendo nas poltronas, imaginando o que tudo isso teria a ver com elas. Jonas estava começando a sentir dor de cabeça. Só queria que aquilo acabasse — porque então começaria sua ascensão ao poder definitivo.

O presidente tossiu, bebeu mais água e continuou:

— Praticamente a partir do instante em que o Portal do Corvo foi construído, havia pessoas

decididas a fazer com que ele fosse aberto de novo. Muitos eram desconsiderados, como se fossem bruxos e magos, mas na verdade eram crentes, discípulos dos Antigos. Eram homens e

mulheres, pessoas como nós. Viam exatamente o tipo de recompensa que receberiam se pudessem trazer os Antigos de volta. Riqueza enorme. Poder. Total domínio sobre os outros humanos. Mais luxo e conforto do que é possível imaginar.

“E finalmente, há dez anos, tiveram sucesso. O Portal do Corvo permaneceu firme, mas por

acaso havia outro, no deserto de Nazca, controlado por uma combinação das estrelas, e um grande homem, Diego Salamanda, pôde destrancá-lo. Por fim, os Antigos puderam retornar...

com resultados que todos vocês viram.

“Como eu disse no início, os últimos dez anos foram muito bons para nós. Existe alguém aqui

que queira reclamar? Claro que não. Mas há um problema. É o que vocês poderiam chamar de

um espinho no nosso pé, e me leva ao objetivo desta conferência. Leva-me ao fim do jogo.

“De algum modo, as mesmas cinco crianças, os quatro garotos e a garota, reapareceram.

Desta vez seus nomes são diferentes, mas é quase como se tivessem nascido de novo do outro

lado do tempo. E de novo esperam liderar uma rebelião contra os Antigos. Só que desta vez não deixaremos isso acontecer. Desta vez eles não vencerão.”

O presidente havia quase terminado. O esforço de falar tanto o tinha exaurido. Sua pele estava frouxa e surgiam fios de saliva cinzenta entre os lábios. Havia tanta água em seus olhos que ele quase parecia estar chorando.

— Muito em breve haverá outra batalha, uma repetição da que aconteceu há dez mil anos. O

rei dos Antigos está esperando por ela. Ele a deseja. Ele construiu uma fortaleza no fim do mundo, num lugar chamado Limbo, na Antártica, e esse lugar é como um farol, atraindo todas

as forças da rebelião para lá. É para lá que as cinco crianças irão, levando todos os seus seguidores maltrapilhos. E quando finalmente chegarem às vastidões geladas do Limbo, o que acham que estará esperando-os? Uma segunda vitória? Não. Desta vez estaremos preparados.

Um exército terá sido reunido... e toda a resistência que resta no planeta será apagada de uma vez.

“Bom, alguns de vocês devem estar pensando, e quase posso ouvi-los perguntando: por que

preciso saber de tudo isso? O que tem a ver comigo? Vocês são todos homens e mulheres de negócios, não é? Políticos, consultores, celebridades, gente em busca do prazer! Usam roupas finas e trabalham em salas confortáveis. Jamais

sujariam as próprias mãos... nem para fazer uma xícara de café. Então, por que toda essa conversa sobre guerra e batalhas? Bom, é disso que se trata. Em troca das muitas riquezas e recompensas que foram concedidas a vocês, os Antigos estão pedindo uma demonstração de lealdade. Eles querem que vocês entrem para o exército.

Quando a última grande luta chegar, vocês estarão na linha de frente."

Houve murmúrios no salão. As pessoas estavam se entreolhando como se não tivessem certeza do que tinham acabado de ouvir. Devia haver algum engano, não era? Muitos pensaram

que o presidente devia estar brincando. Só Jonas Mortlake sabia da verdade e estava sorrindo sozinho. Era isso que estivera esperando.

— Vocês foram escolhidos para se tornar soldados de infantaria no exército dos Antigos —

exclamou o presidente. — Há milhares de vocês aqui, o suficiente para vinte batalhões. A maioria irá morrer. Isso é trágico, mas inevitável. O resto terá a satisfação de saber que pagou a dívida para com os Antigos, mesmo ao custo de grande dor e sofrimento pessoal. — Ele abriu as mãos, abarcando todos. — Vocês foram recrutados e começarão imediatamente a vida nova. Há ônibus esperando lá fora para levá-los aos campos de treino, onde receberão roupas e equipamentos. Também serão ajustados para se transformarem em soberbas máquinas de luta...

— Espere um minuto!

Um homem na primeira fila havia se levantado, erguendo a mão como um policial que parava

o trânsito. Uma coisa assim nunca havia acontecido antes. Ninguém sonharia em interromper o

presidente enquanto este falava. Mas o sujeito era uma das pessoas mais influentes no salão, com um império empresarial que se estendia de Xangai a Nova York. Seu nome era Sir David Lang... recebera o título de cavaleiro mesmo não sendo cidadão britânico. Tinha feito a fortuna com companhias aéreas, hotéis, butiques caras, produção de cinema e telecomunicações. Tinha

cinquenta e poucos anos, era pequeno, bem vestido, com cabelos brancos e rosto ligeiramente

efeminado.

— O que o senhor está falando? — perguntou ele. — O que está acontecendo aqui? Está me

convidando seriamente a entrar para algum tipo de exército?

— Não estou convidando, Sir David. A decisão já foi tomada.

— O senhor está maluco! — Lang olhou ao redor, tentando atrair a plateia para o seu lado.

— Se querem pessoas para lutar por vocês, vão para a rua. Há milhões lá fora. Pague um dólar e poderão fazer o que quiserem com eles.

— Não estamos interessados nas pessoas das ruas. Queremos vocês.

— Bom, podem esquecer. Não estou disponível.

O presidente pareceu genuinamente surpreso.

— Posso tomar isso como sua palavra final, Sir David?

— Sem dúvida!

— Então infelizmente teremos de seguir caminhos diferentes.

O presidente não havia dado um sinal, mas um segundo depois houve um tiro que ecoou no

vasto espaço. O atirador devia estar escondido em algum lugar alto, perto do teto. Lang girou, com o sangue espirrando sobre as mulheres que sussurravam antes do início da conferência. As duas se encolheram para longe, com os olhos arregalados, gritando. Lang desmoronou. Jonas Mortlake ficou imóvel. Sabia que o empresário estava morto desde o momento em que ele abrira a boca.

E era como se esta primeira morte estivesse criando ondas que se espalhavam, como uma doença temível. Em toda parte, as pessoas se levantavam, gritando e

chorando, caindo umas sobre as outras na tentativa de sair. Ao mesmo tempo, portas se abriram com estrondo de todos os lados e houve uma agitação de apitos, gritos e rosnados. Seguranças tinham aparecido — os mesmos guardas que minutos antes haviam ajudado os empresários a encontrar seus lugares.

Agora os olhos deles brilhavam com um prazer sem disfarces enquanto marchavam de volta para

dentro, muitos com cães malignos — rottweilers e pitbulls — fazendo força contra as coleiras.

Os guardas carregavam cassetetes, chicotes e latas de spray de pimenta. Não havia saída. A plateia cheia de terror estava cercada.

— Fiquem onde estão! — ordenou o presidente. Sua voz havia encontrado uma força nova.

Estava mais alta do que nunca. — Vocês precisam aprender a ter disciplina. Agora estão no exército. Tentem se comportar com dignidade.

Não havia dignidade. As pessoas soluçavam, gritavam, arranhavam umas às outras, tentando

se esconder. Um homem de mais de 60 anos — de rosto avermelhado e gordo — soltou um berro como um touro e partiu na direção da saída mais próxima. Não havia dado mais do que alguns passos quando os guardas o cercaram, derrubando-o com os cassetetes e dando pancadas depois de ele ter perdido a consciência. Várias pessoas o haviam seguido mas, ao ver o que acontecera, recuaram, com as mãos levantadas em rendição, gemendo. Houve um segundo

tiro. No centro do salão, um homem estava segurando a barriga. Seu nome era Haywood e ele

havia sido chefe de uma companhia petrolífera que conseguira poluir mais de cem quilômetros do litoral australiano. Agora o sangue, como petróleo, escorria por entre seus dedos. Ele caiu de joelhos, tombando por cima da poltrona à frente, e ficou imóvel. Houve mais gritos e confusão.

O presidente olhava, impassível, do palco.

— Senhoras e senhores, por favor! — exclamou ele. — Vamos ser civilizados.

Demorou uma hora para o salão ser liberado. Os delegados haviam se transformado numa massa borbulhante, lutando contra si mesma. Queriam sair, escapar. Ao mesmo tempo, estavam

aterrorizados com a ideia de partir, sabendo o que os esperava. Gradualmente, os guardas os controlaram a pancadas, soltando os cães em cima ou usando o spray de pimenta para cegá-los.

Eles estavam gargalhando, gostando do serviço. Havia homens que tinham chegado com os narizes empinados. Mulheres que gastaram centenas de dólares com os cabelos e as unhas e agora descobriam que não valiam absolutamente nada. Foram puxados de pé e mandados girando através das portas.

Havia uma frota de ônibus amarelos esperando do lado de fora. Antigamente eram usados para levar as crianças de Nova York para a escola, mas agora tinham sido adaptados — as janelas com grades, os bancos retirados. Os homens e mulheres foram atulhados neles, tão apertados que não podiam se mexer, mal conseguiam respirar. Mesmo no fim, eles tentavam encontrar uma saída, tirando os relógios e as joias para oferecer como suborno aos guardas. Os guardas pegavam os objetos preciosos, depois os empurravam para dentro de qualquer modo.

Foi assim que tudo terminou.

Jonas Mortlake ainda estava em sua poltrona, as mãos pousadas nos joelhos. Havia uns vinte

corpos espalhados no salão. Alguns tinham levado tiros e outros tinham sido esmagados no tumulto. Mas a maioria sofrera ataques cardíacos e estava sentada ali, virada para a frente com olhos enormes e bocas abertas. O presidente não havia deixado o palco. Estava encostado no pódio, emoldurado pelo símbolo dos Antigos. Finalmente os dois estavam a sós.

— Vamos à minha sala particular — disse ele. — Não sei quanto a você, mas eu estou morrendo de vontade de beber alguma coisa.

DEZ

A sala do presidente tinha uma vista panorâmica do rio que parecia se estender para sempre em direção ao norte e ao sul. Jonas Mortlake parou na frente da janela de vidro triplo que ia do chão ao teto, olhando as mulheres que lavavam grandes trouxas de roupa na água suja, as crianças espadanando nos baixios, os velhos revirando pedaços de carne nas fogueiras que tinham sido feitas ao longo da margem e acrescentavam nuvens de fumaça ao ar já poluído. Dezenas de navios estavam atracados juntos nos bancos de lama, adernados em ângulos estranhos, os de metal enferrujando, os de madeira apodrecendo. Ainda havia algumas balsas que funcionavam,

fazendo a jornada entre Manhattan e Long Island City, mas ninguém que tivesse a cabeça no lugar iria para lá. A superpopulação era tão grande na ilha que alguns prédios tinham duas ou três famílias apinhadas em cada cômodo. Os níveis de criminalidade estavam acima das escalas.

Diziam que não era possível andar pela 21st Street sem ter a garganta cortada e que depois você ficaria ali caído até apodrecer. A polícia nunca ia até lá. Não havia coleta de lixo. O lugar inteiro fora deixado por conta própria.

Talvez fosse o ar-condicionado, mas Jonas sentiu um arrepio gelado subir entre as omoplatas.

Sentia-se felicíssimo por estar ali em cima, e não lá embaixo. Desde que podia se lembrar, sempre acreditara que fora escolhido. Não importava que estivesse sozinho, que sua mãe estivesse sempre longe, do outro lado do mundo. Durante toda a vida tivera a melhor comida, as melhores roupas. Fora educado, levado ao teatro e à ópera, encorajado a ler. Se adoecesse, médicos cuidavam dele. Não podia se imaginar revirando na lama como as pessoas para quem estava olhando agora. Pessoas? Esta nem era a palavra certa para elas. Eram pouco mais do que animais.

— Uma taça de vinho branco?

O presidente havia entrado na sala atrás dele e estava parado com uma garrafa na mão.

— Obrigado, senhor.

— Infelizmente não está bem gelado. Mesmo aqui nas Nações Unidas, a energia não é totalmente confiável. Vem e vai. Por favor, sente-se...

O presidente parecia mais novo do que quando estava no palco, como se tivesse deixado para

trás o esforço do longo discurso e agora pudesse relaxar. Entrou cautelosamente na sala e serviu duas taças, depois ocupou um lugar atrás da mesa. Jonas pegou uma taça e sentou-se num sofá

de couro. Ocorreu-lhe que não sabia nada sobre o presidente: onde ele morava, se tinha família,

ou mesmo seu nome.

— À sua saúde, senhor — disse.

— Não, Jonas. Infelizmente você está bebendo a uma coisa que não existe. Estou velho e meu corpo está cheio de câncer. Felizmente, tenho medicamentos para contê-lo, mas a verdade

é que talvez não me reste mais de um ano. Talvez devêssemos beber aos Antigos. E ao novo mundo que eles estão ajudando a criar.

— Claro. — Jonas bebericou o vinho. Era excelente. Imaginou quantas centenas de dólares devia ter custado a garrafa.

— E então, o que achou da conferência? — perguntou o presidente. Seu rosto não revelava

nada. Havia tantas dobras, tantas rugas, que mal passava de uma máscara de couro.

— Achei divertida — respondeu Jonas.

— Os outros delegados podem não concordar.

— Tenho certeza de que não. — Jonas fez uma pausa, girando o vinho na taça. — O que o

senhor quis dizer com “ajustados”? Se não se importa que eu pergunte.

— Ajustados?

— O senhor disse que alguns deles seriam ajustados nos campos de treino.

— Ah, sim. — O presidente pareceu não se interessar. — Eles terão as mãos e os braços cortados e substituídos por serras e lâminas. É muito difícil, para um soldado, perder a arma quando ele *é* a arma. Alguns serão desfigurados de outros modos. Seus rostos serão alterados para ficarem mais feios. Se você tirar os lábios da pessoa, ela não vai parar de rosnar. Todos serão marcados: nome, posto e número de série. Isso os leva a sentir que fazem parte de alguma coisa. E aterroriza a oposição.

Houve uma pausa. Os dois bebericaram o vinho.

— Isso o incomoda, Jonas? — perguntou o presidente. — Quando os Antigos tiverem terminado as pendências com você, provavelmente vão matá-lo também.

Jonas deu de ombros.

— Isso não vai acontecer enquanto eu for útil para eles.

— E você acha que ainda é? — Ele fez uma pausa. — Útil?

— Tenho certeza de que não estaria aqui se não fosse, senhor. — Jonas se inclinou adiante.

— Farei qualquer coisa para provar. O senhor só precisa pedir.

— Isso é bom. — O presidente pousou sua taça. Seus olhos endureceram. Era hora dos negócios. — Você vai partir hoje para a Itália. Temos dois prisioneiros para você cuidar. Foram capturados há duas semanas na abadia de San Galgano, perto da cidade de Lucca.

— São dois dos Cinco?

— Exato. Houve uma coisa que eu não expliquei na conferência, mas você precisa entendê-la,

pois ela dará sentido à sua missão. Na verdade, é muito importante.

— Por favor, continue, senhor.

— Bom, tem a ver com os Cinco. Eu disse que havia cinco crianças na batalha há dez mil anos e que há cinco crianças agora. E, como expliquei, são as mesmas cinco crianças. Mas o que eu deveria ter acrescentado é que, de algum modo, elas têm a capacidade de existir em dois tempos diversos, simultaneamente. Mais do que isso, elas podem se substituir. Pegue a garota, por exemplo. Se você a matasse hoje, ela seria substituída imediatamente pela garota de dez mil anos atrás.

— Então seria preciso matá-la pela segunda vez.

— Exato. Mas primeiro seria preciso encontrá-la, isso pode não ser tão fácil. Está vendo

aonde quero chegar, Jonas? Se quisermos controlá-los, temos de mantê-los vivos. Podemos trancá-los. Podemos machucá-los. Mas é melhor para nós se eles não morrerem.

— Foi assim que eles venceram... da última vez?

— Foi. — O presidente assentiu. — Havia cinco exércitos, mas eles estavam em número tremendamente inferior. Todas as forças dos Antigos, os alteradores de forma, os soldados-moscas, os monstros e os mutantes estavam alinhados contra eles. E então um dos Cinco, o garoto chamado Árvore Nova, foi emboscado e morto num local chamado colina Scathack.

“Os Antigos achavam que estavam em segurança. O que não sabiam era que ao matar Árvore Nova, permitiram que seu “eu moderno” viajasse de volta no tempo e o substituísse. O

garoto americano, Jamie Tyler, voltou sem que ninguém notasse e se juntou aos outros quatro para formar cinco. Esse foi o truque. Os Antigos não viram o que havia acontecido até que fosse tarde demais. O círculo estava formado, o portal se abriu e o resto você sabe.”

Jonas tomou mais um pouco de seu vinho. Imaginou aonde tudo aquilo iria o levar. O

presidente havia anunciado que estava morrendo. Bom, já ia tarde. Mas seria possível que ele estivesse sendo preparado para assumir o comando da Corporação Crepúsculo? Seu rosto não revelava nada, mas o pensamento o

deixava empolgado.

— Voltando aos tempos modernos — continuou o presidente —, os Cinco se juntaram de novo por pouco tempo em Hong Kong. É extraordinário pensar que eles estiveram na mesma sala, num templo em Kowloon. Se tivessem podido ficar juntos, se tivessem formado outro círculo, quem sabe o que teria acontecido? Mas a cidade estava sendo golpeada por um tufão.

Estava desmoronando ao redor deles. Eles precisavam sair depressa, por isso todos se amontoaram passando por uma porta mágica, que fora construída especialmente para eles dentro do templo e que podia transportá-los para a segurança do outro lado do mundo.

“Há 25 portas assim, e eles usaram algumas antes. Mas desta vez esqueceram uma regra simples. Precisavam saber aonde estavam indo. Caso contrário, seriam mandados para qualquer

lugar. E foi exatamente isso que aconteceu. Eles entraram juntos por uma porta mas saíram em portas diferentes. Jamie Tyler, por exemplo, apareceu num povoado da Inglaterra, e nós quase o capturamos. Ainda o estamos procurando. De certo modo, é preciso rir. Todo esse esforço para se juntarem e eles acabaram espalhados por todo o globo.

“E há outra coisa. A porta foi despedaçada enquanto eles passavam. O tufão destruiu todo o

templo... e isso provocou um rasgo no tecido do tempo. Ainda que para eles a viagem tenha parecido ser de alguns segundos, na verdade, demoraram dez anos para chegar à outra ponta.

“Voltaram para um mundo muito diferente daquele que deixaram. A posição deles é

insustentável. Estão sozinhos, com medo, fracos e divididos...”

— E nós prendemos dois.

— Sim, Jonas. Sabíamos a posição exata de 17 das 25 portas e estávamos vigiando-as durante dez longos anos, esperando que as crianças aparecessem.

— E quais são os dois?

O presidente esperou antes de responder, e Jonas soube que o velho estava brincando com ele, desfrutando do momento.

— Um é um garoto peruano. Os pais dele morreram numa avalanche de lama em sua aldeia

e ele acabou mendigando nas ruas de Lima. Seu nome é Pedro.

— E o outro?

— Scott Tyler.

As palavras saíram, e Jonas sentiu um calor de satisfação. Scott e Jamie Tyler haviam sido

responsáveis pela morte de sua mãe na Califórnia, dez anos antes. Um ou o outro — talvez ambos — tinha virado a mão de um assassino e mandado uma bala diretamente para a cabeça

dela. Jonas tinha 17 anos na época. Claro que não se importava com a mãe — mas esse não era

o ponto. Esse garoto, Scott, fora responsável pela morte dela e isso tornava a coisa pessoal.

Conhecê-lo daria enorme prazer a Jonas. De repente, o vinho pareceu ter um gosto doce.

— O que quer que eu faça? — perguntou.

— Pedro é de muito pouco interesse para nós. É fraco e leal, e é improvável que possamos fazer muita coisa com ele. Scott é diferente. Sua mãe já gastou algum tempo com ele e quase

conseguiu convencê-lo de nosso ponto de vista. Ela estava usando drogas e várias técnicas de lavagem cerebral. — O presidente pegou um cartão de memória e entregou a Jonas. — Este é o

relatório dela, e há arquivos de vídeo também, que vão lhe dar uma ideia geral do que aconteceu. Obviamente, o processo não foi totalmente bem-sucedido, pois Scott e seu irmão foram reunidos e sua mãe está morta.

“Mas ainda achamos que Scott é o elo fraco. Ele pode ser um dos Cinco, porém não é de fato *um* deles, se é que você me entende. É um pária. Não é popular. Pelo que sabemos, quando os outros viajaram para a Inglaterra e depois para Hong Kong, ele foi deixado para trás. Não o queriam. Podemos aproveitar isso. Na verdade, podemos fazer qualquer coisa, mas queremos que ele esteja do nosso lado.”

— E depois? — Jonas revirou o cartão de memória nos dedos. Era estranho que fosse ver a

mãe de novo nos arquivos de vídeo.

— Podemos usá-lo para pegar Matthew Freeman — respondeu o presidente. — É disso que

se trata. Matthew Freeman fez o impossível e feriu o rei dos Antigos no deserto de Nazca. E tem de pagar por isso. Há uma infinidade de dor esperando-o, Jonas, e o seu serviço é arranjá-la.

Termine o trabalho da sua mãe e torne Scott um de nós. Scott atrairá Matt para uma armadilha.

E você recebe sua recompensa.

— Quer dizer... termino sendo ajustado também?

O presidente sorriu. Sua pele mal se moveu, mas o sorriso estava ali, nos olhos.

— A coisa pode chegar a esse ponto, Jonas. Vamos encarar os fatos. Estamos indo para o fim do mundo que conhecemos. Quantas centenas de milhares de pessoas você acha que respiraram pela última vez enquanto você e eu estamos tendo essa conversa nesta bela sala com esta agradável taça de vinho? É como sempre foi, mesmo antes de os Antigos chegarem. Não se

pode pensar muito nessas coisas porque não há nada que se possa fazer; então, por que se importar? Se eu fosse você, assumiria a mesma atitude com relação

ao seu futuro. Faça o que é mandado e não se preocupe muito com o que irá acontecer. Porque uma coisa é certa: se você

fracassar nisso, será ajustado antes de ter tempo para pensar!

— Não vou fracassar, senhor.

— Eu sei. É por isso que foi escolhido. — O presidente terminou sua bebida. — Há um avião

esperando-o para ir à Itália. Avise-me quando Scott estiver pronto e eu direi o que acontece em seguida.

— Obrigado, senhor. Obrigado por esta oportunidade.

— Você merece, Jonas. Aproveite.

Algumas horas depois, no ar acima de Nova York, Jonas Mortlake viu sua mãe de novo. O rosto

dela encheu a tela do computador pousado na mesa.

Ele sempre achara que havia algo profundamente aversivo em relação a ela. Mais parecia um homem do que uma mulher, com o cabelo tão curto — e aqueles ombros finos e o pescoço comprido. Como sempre, estava vestida de preto, um terninho que não lhe caía nem um pouco

bem. Nunca usava maquiagem nem muitas joias. Seu rosto era tão lavado que, se esse fosse um

filme em preto e branco, não faria a menor diferença.

Foi o garoto que estava com ela que fascinou Jonas. Estava deitado numa cama, sendo alimentado por algum tipo de soro ligado ao braço. Usava calça preta e uma camisa da mesma

cor que fora aberta para expor o peito. Os pés estavam descalços. Parecia atordoado à medida que a droga que era injetada fazia efeito. Esse era Scott Tyler dez anos antes... se bem que, claro, ele estaria exatamente igual depois de seu pequeno salto no tempo. Era um garoto muito bonito, pensou Jonas, com

aquele cabelo comprido e escuro, as feições esculpidas, os olhos de índio americano. Tinha 15 anos, mas já havia juntado muita coisa naquela vida curta. Jonas tinha lido sobre o suposto tio dele, um homem chamado Don White, que na verdade não era seu parente. Don havia explorado a capacidade do garoto e o colocado no palco em Reno, Nevada.

Scott tivera pouca formação escolar. Na verdade, quase não tivera vida.

— As pessoas boas são sempre empurradas de um lado para o outro — estava dizendo Susan Mortlake na tela. Quanto tempo fazia que ele não ouvia sua voz? — As pessoas pequenas. Você quer ser uma pessoa pequena, Scott, ou quer ficar comigo? Porque, veja bem,

no mundo que virá, eu estarei no comando, e você terá de começar a se perguntar em que extremidade do chicote você vai querer ficar.

A câmera chegou mais perto, e Jonas congelou a imagem. Agora Scott parecia estar muito perto. Jonas estendeu a mão e passou um dedo pelo peito do garoto. A sensação era boa. Ele

gostaria dessa tarefa. O que quer que acontecesse em seu futuro, valeria a pena.

O avião subiu acima das nuvens, levando-o para o leste em direção à Europa e ao sol vermelho-sangue.

SANGUE E AREIA

ONZE

Scarlett Adams pairava entre três mundos diferentes.

O primeiro, ela sabia, era o verdadeiro — e ela passava o mínimo de tempo possível ali. Era

um mundo de dor, de luz áspera, com o cheiro de antisséptico e o conhecimento de tubos plásticos retorcendo-se para baixo, levando líquido para seu braço. Estava deitada de costas, na cama, obviamente num hospital. Uma vez tinha visto uma mulher vestida de branco inclinada sobre ela. Uma enfermeira. A mulher tinha dito alguma coisa, mas as palavras eram distantes, indistintas, e de qualquer modo pareciam ser numa língua estrangeira. Às vezes ela achava que

havia um homem no quarto, mas sempre que se virava para olhar ele não estava mais ali. Sabia que estava caindo no sono e voltando, e o que pareciam ser alguns segundos poderia na verdade ser uma hora. Nunca se sentira tão cansada. Seus braços e pernas estavam completamente inúteis. Sentia um gosto ruim na boca.

A dor não parava. Era na lateral da cabeça, como uma faca enfiada entre o olho e o ouvido.

A dor latejava no mesmo ritmo de seu coração, de modo que para cada batida no peito sentia

uma facada. De vez em quando, percebia alguém apertando alguma coisa contra seus lábios, mas não conseguia beber. Imaginou se poderia morrer.

E se isso era um hospital, onde era e o que acontecia lá fora? Ouvia tiros de metralhadora, disparos aleatórios, um estrondo ocasional de morteiro ou granada. Às vezes era muito perto e o mundo todo tremia — a cama, o quarto, o prédio — e ela sentia cheiro de poeira e ardência nos olhos. Devia estar em alguma zona de guerra. As explosões eram mais ou menos contínuas, e ainda que ela não tivesse noção de quando o dia terminava e a noite começava, tinha certeza de que elas se estendiam pelos dois períodos.

Tinha levado um tiro — mas não ali. Isso acontecera em Hong Kong, no templo Tai Shan.

Ainda via o clarão da arma e sentia o impacto chocante da bala. Há quanto tempo teria sido?

Deitada de costas com a dor e a escuridão, tentava juntar tudo, como se o entendimento do passado pudesse de algum modo explicar como fora parar ali.

Os Antigos haviam tomado Hong Kong. Controlavam toda a cidade e a haviam atraído para

lá, usando-a como isca numa armadilha feita para Matt... Matthew Freeman, um garoto que ela

nunca havia encontrado, ainda que os dois tivessem morado a menos de um quilômetro e meio

de distância um do outro durante a maior parte da vida. Eles eram cinco. Guardiões. Matt era o líder não oficial. Tudo era muito complicado, e só de pensar fazia sua cabeça doer (como se já

não estivesse doendo o suficiente).

Concentrou-se no último dia. Hong Kong estava sendo assolada por um tufão que destruía tudo e os teria matado também se ela não o tivesse contido. Esse era o seu poder. Ela podia controlar o clima... fazer chover, fazer o sol brilhar. Fora ela quem havia levado todos eles ao templo, pelo olho da tempestade. Quem mais estava lá? Jamie, claro, o garoto americano. E

Matt.

Mas também havia dois outros... gente de fora, que tinha sido atraída para a aventura, mesmo não tendo nada a ver com ela. O primeiro era um jornalista de um pequeno periódico do

norte da Inglaterra. Scarlett mal o conheceu, mas Matt lhe contou um pouco sobre ele enquanto estavam trancados juntos. Seu nome era Richard Cole e ele havia se tornado o melhor amigo de Matt.

O outro homem era Lohan, o protetor dela, já que “amigo” não poderia ser a palavra certa

para ele. De olhos escuros, com uma beleza sombria, sempre no controle, Lohan fazia parte da Sociedade do Lótus Branco, uma Tríade chinesa que mexia com drogas, prostituição e Deus sabe mais o quê. Ele nunca havia demonstrado muito afeto com relação à Scarlett, no entanto arriscara a vida por ela e faria qualquer coisa para protegê-la. Ele era o homem que estava no quarto com ela, claro. Não poderia ser outra pessoa.

Eles haviam chegado ao templo sabendo que havia uma porta capaz de transportá-los para fora de Hong Kong, para onde quisessem. Ela os levara até lá. Tinha visto a porta com sua estrela de cinco pontas. Fora construída especialmente para os Guardiões, para levá-los através do mundo num piscar de olhos. Tudo ficaria bem. Eles tinham vencido.

Mas então, no último momento, tudo mudou. De repente a porta se abriu e Scott e Pedro tinham aparecido. Scott era o irmão gêmeo de Jamie. E Pedro... se ao

menos ele estivesse aqui agora... Matt também havia lhe contado como conhecera Pedro quando os dois estavam no Peru. Pedro era um curandeiro. Poderia tocá-la com um dedo e toda a dor iria embora; e ela estaria dando cambalhotas no quarto.

Durante alguns breves segundos, os cinco estiveram juntos. Era só isso que importava. Tudo

que precisavam era formar um círculo, e um portal se abriria para engolir os Antigos. Não era assim que deveria funcionar? Mas antes que isso acontecesse, alguém havia disparado um tiro.

Um dos guardas devia estar vivo, escondido num canto do templo. Por que ele a havia escolhido? Ela sentiu a explosão de dor na cabeça e pensou que morrer era assim. E, ao mesmo tempo em que caía, soube que seu poder havia se desligado e que o tufão cairia sobre o templo, demolindo-o. Esta era sua última lembrança. Não lamentava ter sido morta. Só estava triste por ter deixado os outros na mão.

Mas não estava morta. Tinha acordado aqui. Um deles devia tê-la carregado. Talvez os outros

estivessem esperando por ela do lado de fora do corredor: Matt, Pedro, Jamie e Scott. Se ao menos pudesse acreditar nisso, a dor não seria tão ruim e ela se sentiria menos só.

Este era o mundo número um.

O mundo real. O aqui e agora.

Mas às vezes ela escorregava de volta para a vida que havia deixado para trás ao viajar para Hong Kong, e se via quase como se estivesse assistindo a si mesma num filme. Ali estava... uma garota confiante e despreocupada andando pela tela com uniforme de uma elegante escola particular do sul de Londres (vestido cor de malva, blusa amarela, chapéu de palha ridículo). Indo para casa, cercada pelos amigos. Precisava lembrar a si mesma de que esta era ela, como fora um dia, e não alguma estranha que não veria nunca mais.

Tinha morado numa casa confortável em Dulwich, com jardim na frente, portão e lixeiras que eram esvaziadas uma vez por semana. Tudo era organizado. Escola de segunda a sexta e, irritantemente, nas manhãs de sábado. Até os fins de

semana tinham sua rotina: encontrar Aidan, que, ela supunha, era seu primeiro namorado, embora nenhum dos dois fosse usar essa

palavra. Ficavam no parque, faziam compras, iam ao cinema, a festas (esteja de volta em casa às 11 horas, senão...). Olhando para trás, viu que estivera cercada durante toda a vida como uma borboleta numa caixa de vidro, mas era assim que queria. Não era o que todo mundo queria?

Claro que havia chateações. Lembrou-se do dia em que seus pais tinham dito que ela era adotada — o que não foi grande surpresa, afinal ela não se parecia nem um pouco com eles, com seus traços de indonésia, o cabelo comprido e muito preto e os olhos verdes. Mas o fato de dizer, de explicar, tornava tudo real e de algum modo a afastava deles. Agora era oficial. *Você não pertence a nós.* E se eles ficassem fartos dela e a mandassem embora de novo? Eles não lhe deviam nada. O que aconteceria se seus pais verdadeiros aparecessem e a exigissem de volta? Na época, ela estava com 9 anos e esses foram pensamentos que lhe passaram pela cabeça.

E então, quando tinha 15 anos, Paul e Vanessa Adams se divorciaram. Mantiveram tudo muito civilizado. Ninguém jogou pratos nem houve advogados barra-pesada. Mas de novo Scarlett sentiu-se ameaçada. Tudo que considerava garantido na vida estava sendo desmantelado ao redor, e não podia fazer nada. Sua mãe ia se mudar para outro país. O pai queria que ela fosse com ele para Hong Kong. Enquanto sua família se desintegrava, Scarlett percebeu como tinha pouco controle sobre seu próprio futuro — e isso a deixava com raiva e medo. Sentada sozinha em seu quarto, havia chorado. Como essas lágrimas pareciam patéticas agora!

Deitada na cama com um ferimento de bala na cabeça, sentia que tinha muitos motivos para

chorar. Uma coisa era certa. Sua vida antiga — Aidan, Dulwich, todo o resto — havia ficado para trás. Nunca poderia retornar. Ao mesmo tempo, nada disso tinha mais importância. Ela poderia morrer. Poderia nunca mais ver Matt. Os Antigos podiam ter vencido.

Estava decidida a não deixar que isso acontecesse. De algum modo, sairia dessa cama de hospital e ficaria de pé outra vez. Ainda não estava acabado. Ela iria lutar.

— Scarlett? Scarlett, está ouvindo? Estou aqui com você. Você vai ficar bem.

Alguém estava segurando sua mão. Era Lohan. Tinha certeza. Ele a havia seguido pela porta,

atravessado o mundo, e agora estava com ela, como quando ela escapara dos Antigos em Hong

Kong. Tentou falar, mas sua boca estava seca demais, e, de qualquer modo, sentia-se exausta.

Precisava dormir.

Porque o sono a levava para o mundo de sonho — o terceiro mundo — que ela conhecia tão

bem e que estivera visitando desde que podia se lembrar. Era ali, nessa paisagem vazia, que havia conhecido Matt, Pedro, Scott e Jamie, apesar de na época não saber os nomes. O mundo

de sonho parecia ter sido construído especialmente para eles. Permitia que eles se comunicassem um com o outro. Ainda que Pedro só falasse espanhol, ele e Matt tinham conseguido conversar

ali, e quando acordavam se lembravam de tudo que haviam dito. Se Matt ainda estivesse vivo, Scarlett tinha certeza de que iria encontrá-lo ali. Ele provavelmente estava à sua procura agora mesmo.

Scarlett dormiu e voltou ao mundo de sonho. Como sempre, não havia cor. A terra era cinza,

o mar preto, o céu uma mistura dos dois. O que havia acontecido ali? Teria sido sempre assim?

Sem dúvida os sonhos deveriam ser capazes de oferecer alguma coisa a mais. Pôs de lado o desapontamento e chamou os outros, a voz soando vazia e sem vida, como todo o resto.

Então, à sua frente, algo se mexeu. Um homem aparecera, como se saísse de lugar nenhum, parado de costas para ela. Scarlett viu que ele usava camisa

branca com colete, mas sem paletó.

Ela ficou totalmente chocada. Sabia que o mundo de sonho podia mandar mensagens estranhas.

Jamie havia encontrado um caubói que parecera hostil, mas que na verdade tinha avisado sobre uma tentativa de assassinato. Matt fora ameaçado por um cisne gigante.

Aquele homem estaria ali para ela?

— Com licença... — disse.

O homem se virou lentamente. Scarlett piscou. Estava olhando para um rosto perfeitamente

redondo com um bigodinho bem aparado. O homem usava óculos muito escuros, em forma de

moedas, que escondiam completamente seus olhos. Sorriu para ela, revelando ainda mais os dentes de ouro do que os de verdade.

— Cinco — falou ele.

Os Cinco. Ela era um deles. Ele a reconhecera.

Scarlett acordou e soube imediatamente que algo havia acontecido. Os médicos costumam falar de um túnel de dor, e ela percebeu que, finalmente, chegara do outro lado. Houve um jorro de luz e uma sensação de ter deixado o pior para trás. Então viu o teto e, movendo a cabeça, a parede do lado oposto, na qual havia uma foto numa moldura: um homem jovem e muito confiante, usando roupas árabes. Ele estava de pé ao vento, com o punho erguido acima

do corpo. Ao lado da foto havia uma porta aberta, dando num corredor. A luz da manhã entrava de lado, batendo no canto de sua cama. Sentia muita sede. Podia sentir a bandagem apertando a cabeça, mas isso era bom. Antes, nem podia perceber que ela estava ali.

— Scarlett...?

Lohan ainda estava com ela. Vinha na direção da cama, inclinando-se acima. Mas quando ele

entrou em foco, Scarlett viu que não era Lohan. De algum modo, todos haviam se trocado na fuga do templo. O homem tinha rosto magro e inteligente, nariz ligeiramente torto e cabelo louro-sujo, curto e encaracolado. Scarlett reconheceu o jornalista, Richard Cole.

— Está me ouvindo? — perguntou ele.

Ela confirmou com a cabeça.

— Vou chamar o médico. Você quer alguma coisa?

— Água.

— Aqui... — Ele pegou um copo e levou aos seus lábios.

Scarlett engoliu. Sentiu a água descer.

— Eu estava muito preocupado com você — disse Richard. — Mas agora você parece muito

melhor. Vai ficar boa.

Precisava fazer tantas perguntas. A primeira era a mais óbvia.

— Onde estou?

Richard trincou os dentes. Suspirou.

— Você vai desejar não ter perguntado.

DOZE

Os últimos minutos no templo Tai Shan ficariam com Richard pelo resto da vida.

Tudo acontecera depressa demais. A corrida pela cidade com Matt e Scarlett enquanto o tufão destruía tudo ao redor, implacavelmente. O templo em si, com cadáveres espalhados no chão, mortos pelos soldados da Tríade que tinham sido mandados à frente para preparar o caminho para eles. O surgimento súbito de

Scott e Pedro, trazidos do Peru, a milhares de quilômetros, num piscar de olhos. Depois o tiro. Por um momento pavoroso, Richard pensou que Matt fora acertado, mas depois viu Scarlett cair diante dele e pegou-a nos braços, sabendo que o ferimento era grave, vendo o sangue se espalhar na camisa.

E, com Scarlett inconsciente, todo o templo se entregou à tempestade. As paredes foram rasgadas como papel úmido e ele soube que, se esperassem mais do que alguns segundos, a porta mágica que era a única saída iria desaparecer. Matt havia dado a ordem e, claro, todos obedeceram. Richard se lembrava do garoto de 14 anos que tinha conhecido na cidade de Grande Malling, em Yorkshire. Na época, Matt era quase desamparado, um delinquente que tinha problemas com a polícia, criado por uma mulher que adorava insultá-lo. Só depois de Matt descobrir seu poder que começou a mudar, ocupando o lugar de líder dos Guardiões. Tinha parado de sentir medo.

Eles haviam mergulhado pela porta com segundos de diferença, e na mesma hora, Richard se

perguntou como aquilo iria funcionar. As portas tinham sido construídas para os Guardiões, mas cada um deles podia levar uma pessoa, um passageiro. Quem decidiria para onde estavam indo?

Não deveriam ter combinado antes de partir?

Passaram pela porta. Se Richard tivesse esperado alguma coisa mágica nessa experiência —

um túnel de luzes fortes e talvez um chiado de aceleração —, ficaria desapontado. O lado oposto era somente breu. Teve uma breve percepção de Jamie ao seu lado, ou talvez fosse o irmão dele, Scott, e então estava sozinho com Scarlett ainda inconsciente no colo. Olhou para trás, pela escuridão, mas não havia nada. Não sabia bem o que fazer, mas ao mesmo tempo tinha toda a consciência da situação em que estava. Não importando onde fosse parar, seu primeiro serviço era levar Scarlett a um hospital. Ela poderia morrer em seus braços.

Tinha chegado numa espécie de corredor, e estava ficando mais claro adiante: uma estranha

luz laranja, diferente de tudo que ele já vira. A luz criava sombras que pareciam

redemoinhos nas paredes. Ao mesmo tempo, ouviu um uivo parecendo de mil lobos. Quanto mais avançava, mais

clara a luz ia ficando e mais alto o barulho. Por fim saiu...

... numa tempestade de areia.

Quase foi jogado para trás. Se não fosse o peso de Scarlett, seria arrancado do chão. Não conseguia ver nada. A areia o golpeava, cegando-o. Podia senti-la pinicando os braços e as bochechas e precisou apertar os lábios para impedi-la de entrar na boca, baixando a cabeça contra o ombro para poder respirar. Suas mãos tinham estado molhadas do sangue de Scarlett,

e a areia se agarrava a elas, formando instantaneamente uma camada sobre a pele. Apertou-a com mais força, tentando protegê-la o máximo possível. Podia estar em qualquer local, mas uma coisa era certa: ali não era a Inglaterra. Onde diabos estava?

Alguém gritou. A voz vinha de lugar nenhum e não significava nada. Richard ficou parado enquanto, primeiro, um motor de carro, e depois mais dois, eram ligados, vindo para ele de várias direções. Só quando estavam muito perto ficaram visíveis, saindo da areia em movimento como se brotassem de outra dimensão. Eram jipes de capota aberta, verde-escuros, militares, dirigidos por homens parcialmente de uniforme, mas com a cabeça enrolada em lenços e usando

óculos escuros. Pararam em formação de flecha, o jipe da frente apontado para Richard. E de repente, ele percebeu soldados em toda parte, avançando com fuzis automáticos, dando cobertura aos dois por todos os lados.

Richard não conseguia absorver tudo. Seus pensamentos ainda estavam fixos em Scarlett, que parecia cada vez mais leve em seus braços, como se sua vida estivesse se esvaindo. Não importava por que aqueles soldados tinham vindo ou o que desejavam. Será que estavam esperando ali? Era o que parecia. Mas agora isso não era importante.

— Preciso de ajuda! — gritou Richard, e a areia entrou, ansiosa, em sua boca, quase sufocando-o. O uivo da tempestade levou as palavras embora. — Um hospital! — gritou de novo. — Um médico!

Um dos soldados, talvez o oficial-comandante, chegou até ele. Estava usando túnica e calça verde, um velho lenço vermelho e branco e óculos escuros. Era um homem grande, com quase 2

metros de altura e ombros de lutador. Estava desarmado. Gritou alguma coisa e estendeu a mão, segurando Scarlett, puxando-a. Richard resistiu, recusando-se a soltá-la, então sentiu alguma coisa enorme e pesada bater em suas costas. Quando seus joelhos se dobraram, percebeu que outro soldado havia se esgueirado por trás e o acertado com a coronha do fuzil.

Richard tombou. Scarlett foi tirada dele.

Não havia nada que pudesse fazer para impedir. Sentia-se doente, com vergonha de si mesmo. Mas eles eram dezenas e ele estava sozinho. Agora sabia que seu instinto estava certo.

Quem quer que fossem, aquelas pessoas *estavam* esperando por eles... o que significava que sabiam quem era Scarlett. Estavam prendendo-a... e ele? Se sabiam sobre ela, saberiam que ele não tinha utilidade. Enquanto estava caído, embolado na areia, esperou pela bala que seria o seu fim.

Mas pelo menos com relação a isso estava errado. Eles o queriam também. Sentiu dois soldados pegarem-no por baixo dos braços e arrastá-lo para um dos jipes. Scarlett havia desaparecido, separada dele pela tempestade. Mal podia ver qualquer coisa. Seus olhos já estavam cobertos de areia. Ouviu uma porta se abrir com um estalo e foi jogado à frente, pousando no couro macio de um banco de carro. Alguém gritava de novo, as palavras caindo umas sobre as outras, e ele achou que escutava árabe e que devia estar em algum deserto no Oriente Médio. Certamente fazia bastante calor. Suas roupas estavam grudadas no corpo e ele

podia sentir o suor escorrendo na pele. Mas se isso era um deserto, o que era o prédio que ele

havia deixado para trás?

Todas as 25 portas ficavam em lugares sagrados, se bem que, na verdade, os lugares eram sagrados pelos motivos errados. As portas é que importavam. Elas estavam ali primeiro. As construções — igrejas, templos, mesquitas, o que quer que fossem — haviam brotado ao redor

delas, construídas por pessoas que sabiam que as portas eram especiais, mesmo que tivessem esquecido exatamente por quê.

Ouviu portas de carro batendo. Os soldados pegaram o que queriam e agora estavam se preparando para levá-los embora. Os motores foram ligados de novo. Richard sentiu o jipe começando a vibrar embaixo dele.

Mas antes que pudessem se mover, houve uma súbita explosão de tiros, balas disparadas de

armas invisíveis, atravessando a parede de areia. Richard olhou para cima no instante em que o para-brisa do jipe se despedaçou, com vidro quebrado chovendo em seus ombros e sua cabeça.

O soldado que ia dirigir se sacudiu no banco, sangue espirrou de sua cabeça e ele tombou contra o volante, apertando a buzina que começou a tocar continuamente. Outra bala bateu na porta

do carona e Richard se abaixou, com medo de ser acertado na confusão.

A toda volta as pessoas estavam gritando, em pânico. Os tiros se intensificaram. Richard vislumbrou um soldado sendo atingido. Ele girou, jogando fora o fuzil como se estivesse se rendendo, depois se permitiu ser sugado num redemoinho de areia. Quem estava esperando por

eles do outro lado da porta havia sofrido um ataque. Scarlett! Ele não podia ficar escondido ali.

Precisava encontrá-la.

Procurou a maçaneta, abriu-a e tombou para fora do jipe, mantendo-se abaixado para evitar

as balas. O soldado que tinha acabado de levar um tiro estava caído perto dele, e seu lenço havia se soltado. Richard agarrou-o e amarrou sobre o rosto, cobrindo o nariz e a boca. O homem morto era muito jovem, de pele morena, barbeado. Talvez a tempestade estivesse começando a

diminuir, porque Richard podia ver as formas dos outros jipes, parados a alguns metros de distância. Viu outro soldado parado à frente, atirando contra nada.

Então o homem foi atingido por uma bala e jogado longe. Não se mexeu de novo.

Richard correu e chegou ao jipe mais próximo. Tivera sorte. Scarlett estava ali, sozinha. Por um momento, ficou parado, sem saber o que fazer. Ela parecia extremamente frágil, estendida

no banco de trás, a pele muito pálida e os olhos fechados. Mal respirava. Alguém a havia coberto, mas ela se remexia no sono e o cobertor havia caído de lado. Richard não ousou levantá-la. Movê-la de novo poderia significar a morte, e como ele poderia carregá-la através da areia e dos tiros — uma coisa quase tão mortal quanto a outra? Olhou para o painel e viu chaves penduradas na ignição. O motorista devia tê-las deixado ali, juntando-se aos outros na luta.

Agora Richard sabia o que fazer. Não tinha ideia do que estava acontecendo, de quem estava lutando contra quem. Só precisava sair dali.

Jogou-se no banco da frente e virou a chave. O motor roncou, ligando-se. Ele não podia ver

nada pelo para-brisa. Seu cotovelo bateu acidentalmente num dos controles e os limpadores estavam raspando inutilmente o vidro, empurrando ondas de areia para a esquerda e para a direita. Pôs o jipe em primeira, com medo de um soldado voltar a qualquer momento. As rodas

derraparam na areia, mas então o veículo saltou adiante. Estavam indo!

Ele ainda dirigia às cegas, apesar de a areia estar ficando mais rala — tinha certeza. Parecia haver algum tipo de estrutura à esquerda... não era um prédio, e sim uma estátua ou algum tipo de memorial. Parecia um enorme felino agachado. O jipe de onde ele saíra estava à sua frente.

Richard virou o volante e passou ao redor dele. Estava acelerando. Com o canto do olho, viu dois

soldados correndo em sua direção, gritando, mas se afastou antes que eles pudessem chegar perto.

Agora só havia um homem à sua frente. Pelo tamanho e pela cor do pano na cabeça, Richard

sabia que devia ser o comandante, o que havia tirado Scarlett de seus braços. O jipe andava a uns 30 quilômetros por hora. Richard apertou o acelerador, esperando que o homem mergulhasse para fora do caminho. Mas ele simplesmente ficou ali, enorme e ameaçador, um pilar de concreto na areia móvel. Estava segurando uma arma, mas não parecia querer usá-la.

Estaria louco? Queria ser morto? Richard não se importava. Não deixaria ninguém impedi-lo.

E então, no último minuto, quando a figura do homem preenchia o para-brisa, algo extraordinário aconteceu. Foi mais horrível do que tudo que Richard já vira.

Era impossível ver com clareza — com a areia, o movimento do jipe, o caos do momento. A

cabeça do homem pareceu se abrir. Seus ombros se soltaram para trás. Foi como se ele fosse atingido por um morteiro e despedaçado. Mas não havia morteiro. O homem tinha feito isso deliberadamente, e enquanto Richard acelerava em sua direção uma cabeça e um pescoço de cobra brotaram da ruína do que fora o pescoço dele. Tentáculos enormes deslizaram para fora, substituindo os braços, e de repente ele só era humano da cintura para baixo. Acima era um monstro, retorcendo-se na areia, com a boca de cobra cuspindo, os olhos chamejando, os tentáculos se retorcendo como se sentisse dor.

Richard sabia que não podia evitá-lo. Mas também não podia parar. Por isso, fez a única coisa que restava: pisou no acelerador, indo direto para o homem-coisa. Houve uma pancada pavorosa quando a frente do jipe o acertou, e Richard sentiu o choque subir pelos braços. A criatura soltou um guincho pavoroso e desapareceu de vista. O jipe perdeu o controle, girou fazendo um círculo, quase tombando de lado, e parou de repente. O motor morreu.

A criatura não tinha morrido. Quando Richard olhou, ela se levantou cambaleando, com o pescoço de cobra se retorcendo de um lado para o outro, a língua se projetando e recuando.

Richard virou a chave. O motor fez barulho, mas o jipe se recusou a dar partida. Ele se imobilizou. Todos os instintos diziam para sair e correr, mas não podia deixar Scarlett sozinha.

Experimentou a chave de novo. O motor estava morto. A criatura deu mais um

passo.

Então mais dois homens apareceram, saindo da tempestade, vestindo cinza-claro e amarelo.

Camuflagem de deserto. Carregavam metralhadoras junto à cintura, penduradas nos ombros.

Abriram fogo ao mesmo tempo, lançando um jorro de balas como duas lâminas de faca incandescentes. A criatura uivou e se remexeu enquanto era despedaçada pelo fogo contínuo, mas os dois homens não pararam; mantiveram os dedos apertando os gatilhos até os pentes estarem vazios e o que restava da criatura cair e ficar imóvel.

Os homens correram até o jipe. Um deles abriu a porta, examinou Scarlett brevemente e se

virou para Richard.

— *Vous êtes sortis de la pyramide?* — perguntou.

— O quê? — Richard estava atordoado demais até mesmo para perceber que o sujeito falava

francês, quanto mais para traduzir.

— Você veio pela porta com a garota? — O homem falava inglês com um forte sotaque francês.

— Vim.

— Então deve vir conosco. Agora. Depressa. Estamos aqui para ajudar.

O outro homem já estava tirando Scarlet do banco de trás. Richard saiu do carro. Menos tiros eram disparados agora, e a tempestade de areia estava quase terminando. Olhando para o lugar

de onde tinha vindo, viu três construções que reconheceu instantaneamente — haviam aparecido em dezenas de milhares de cartões-postais e seriam reconhecidas por qualquer pessoa no mundo.

As pirâmides de Gizé. E diante delas a estátua que ele tinha vislumbrado parcialmente. A Esfinge.

Agora sabia. Ele e Scarlett haviam escapado de Hong Kong.

E a porta os havia trazido ao Egito.

TREZE

Levaram Richard rapidamente pela cidade. Ele nunca estivera no Cairo, mas tinha visto fotos suficientes para identificá-lo — não somente as pirâmides, mas a grande vastidão do Nilo com suas palmeiras e os barcos esguios chamados de faluchos, as mesquitas e os minaretes, os mercados coloridos com temperos e suvenires para turistas. Ele estava errado. O Cairo estava irreconhecível. Era uma cidade em guerra consigo mesma e claramente estivera assim durante algum tempo. Aceleraram por ruas cobertas de entulho, com prédios despedaçados. Carros e caminhões incendiados ladeavam a pista. Praticamente não havia nenhuma parede sem marcas de balas ou sem estar despedaçada por morteiros, e muitos pedaços que restavam de pé estavam sujos de pichações, slogans políticos em árabe rabiscados com tinta vermelha.

Pelo que Richard podia ver, as lojas estavam vazias, os escritórios abandonados, toda a infraestrutura destruída. E os tiros continuavam, a distância, parecendo desconectados e quase inofensivos até que eles viraram à próxima esquina, quando a coisa ficou feia, ruidosa e terrivelmente próxima. Um avião militar passou acima. Houve uma pausa breve e em seguida a

forte explosão de uma bomba encontrando o alvo. O chão tremeu e a fumaça subiu, ainda pesada de areia. Havia fumaça em toda parte, subindo em colunas separadas que finalmente se

juntavam para formar um denso cobertor no céu. Ninguém se mexia nas ruas, mas quando Richard examinou as calçadas quebradas e os destroços dos prédios, viu cadáveres em toda parte, largados onde tinham caído e deixados para apodrecer ao sol. Sentia o cheiro deles. Quem quer que tivesse começado esta guerra no Cairo, quem quer que estivesse lutando pelo controle da cidade, claramente não havia notado que pouco restava.

O comboio consistia de dois jipes — um levando Richard e o outro, Scarlett —, um caminhão

coberto e dois batedores em motocicletas antigas, empoeiradas. Richard sabia que jamais poderia encontrar o caminho para sair dali sem um guia. Mesmo que pudesse ler as placas das

ruas, que estavam em árabe, a maioria fora deformada e esmagada, e todas as ruas estavam tão danificadas que pareciam iguais. Vire à esquerda depois dos destroços, continue através dos destroços, vire à direita nos destroços. Sua mente já estava disparando, captando a impossibilidade do que via. Quando tinha viajado para Hong Kong, menos de uma semana atrás,

não havia guerra no Egito. Inquietação, sim. Sempre havia inquietação no Oriente Médio. A Líbia havia caído recentemente, seguida pela Síria. O Irã fazia ruídos ameaçadores contra todo mundo que quisesse ouvir. Mas não havia guerra no Egito. Como essa violência poderia ter começado e

se espalhado tão depressa? O que acontecera?

Mais tarde poderia se preocupar com isso. Nesse instante, seus pensamentos estavam em Scarlett. Ela estava no veículo à frente, e ele se perguntava se ela ainda estaria viva. Haveria algum hospital ainda de pé no meio desses destroços, que tivesse instalações para tratar dela? E

Matt? Richard sentiu um aperto de desamparo, sabendo que, depois de tudo que os dois haviam

passado juntos, estavam subitamente separados. A porta que o trouxera de Hong Kong a Gizé podia ter levado Matt para qualquer lugar. Os dois poderiam estar — e provavelmente estavam

— em lados opostos do mundo.

O jipe da frente virou uma esquina, passou por um arco despedaçado e continuou por um beco estreito que tinha janelas fechadas dos dois lados e dezenas de varais se entrecruzando com lençóis e roupas velhas penduradas. Era como se tivessem entrado numa passagem secreta.

O caminho à frente estava bloqueado. Um ônibus fora abandonado na rua, mas enquanto eles

se aproximavam, ele foi puxado de algum modo, revelando um portão. Richard

viu soldados com

armas, vestindo a mesma camuflagem de deserto, esperando num pátio do lado oposto, e soube que tinham chegado.

O complexo era um retângulo de poeira e concreto, cercado por uma parede de blocos de concreto que continuava intacta e estava coberta de cartazes desbotados e pichações. Podia ver três prédios anônimos virados para a entrada principal, todos de três andares com janelas gradeadas, o reboco descolando e nenhum sinal de enfeites. Quando os veículos entraram, Richard também viu traves de gol com os restos esgarçados de uma rede e uma cesta de basquete. Aquilo já havia sido uma escola ou uma prisão. Atrás deles, mais soldados faziam deslizar uma pesada porta de aço, fechando a entrada. Havia postos de madeira para observação em cada canto, ocupados por guardas com armas e transmissores de rádio, esforçando-se ao máximo para ficar fora das vistas.

Os jipes pararam. Quando saiu, Richard viu Scarlett sendo levantada por dois homens e carregada para o prédio mais distante. Tentou acompanhá-la, mas de repente o francês que havia falado com ele nas pirâmides estava ao seu lado.

— Não há nada que possa fazer por ela, Sr. Cole. Temos instalações médicas aqui e ela será

bem cuidada. Estávamos esperando há muito tempo a chegada de vocês. O senhor deve vir conosco.

Sr. Cole.

Estávamos esperando há muito tempo...

O francês sabia seu nome. Eles estavam esperando que os dois aparecessem nas pirâmides.

Nada disso fazia sentido.

Richard se permitiu ser acompanhado para o prédio principal, o que ficava entre os outros dois. Mas antes que pudesse entrar, um guarda apareceu e rosnou para ele em árabe. O guarda

era jovem, não teria mais de 19 anos. A guerra o havia transformado

rapidamente em adulto.

— Ele quer revistá-lo antes que o senhor entre — explicou o francês. — Sua mochila... o senhor não tem permissão de portar armas.

Só agora Richard se lembrou da mochila que carregava em Hong Kong e que ainda estava pendurada em seus ombros. Continha dois objetos preciosos. Um era um diário, escrito no século XVI por um monge espanhol, José de Córdoba. Continha a única história conhecida dos Antigos e — Richard esperava — também poderia ter uma pista de como eles poderiam ser derrotados. O outro objeto era de fato uma arma. Era uma faca de ouro engastada com pedras

semipreciosas que tinha sido dada a ele pelos incas no Peru. A faca também era conhecida como um *tumi*, e já fora usada para sacrifícios.

Richard não tinha escolha. Entregou a mochila e ficou olhando enquanto o jovem soldado, barbudo e com olhos vazios, remexia dentro.

O soldado revirou suas roupas. Encontrou o livro, pegou-o e examinou-o, depois colocou de

volta sem ao menos olhar. Abriu os zíperes dos bolsos e examinou o interior. Então, com um movimento superficial de cabeça, devolveu a mochila a Richard. De novo, Richard ficou maravilhado com o que sabia que não fora nada menos do que uma demonstração da magia inca. A *tumi* estivera à plena vista do soldado. Ele devia até mesmo tê-la empurrado enquanto suas mãos se enfiavam na mochila. Mas não notou que ela estava ali. Era o que o *amauta*, o sábio inca, havia lhe dito. A faca era praticamente invisível. Esse era o seu poder. Richard até pudera passar com ela pela segurança do aeroporto quando fora para Londres. Mas o velho havia acrescentado outra coisa.

“Não me agradeça. Um dia você vai me amaldiçoar por tê-la dado a você.”

Richard costumava pensar nisso e se perguntava o que ele quisera dizer.

Pelo menos ter a faca significava que, se aquelas pessoas fossem inimigas e isso fosse algum tipo de armadilha, ele estaria armado. Refletiu nisso enquanto seguia o francês para dentro. Foi levado por um corredor curto, entrando numa sala de aula vazia, com um quadro negro numa

parede, algumas mesas e cadeiras espalhadas e uma vista do pátio. Agora que estavam fora da

tempestade de areia, o francês havia tirado o lenço de cima do rosto, revelando cabelos grisalhos compridos, bochechas fundas e olhos cheios de preocupação. Tinha uns 50 anos e de algum modo parecia combinar com a sala. Talvez tivesse sido professor algum dia.

— Está com fome? — perguntou. — Posso pedir que tragam comida e água.

— Estou bem — respondeu Richard. Tinha esquecido quanto tempo fazia desde sua última refeição, mas não poderia sentar-se e comer antes de ter notícias de Scarlett. — Onde está Scarlett?

— Há médicos aqui. Temos um hospital completo no prédio ao lado. Vocês têm muita sorte.

Ela está com uma bala alojada na cabeça, e sem os médicos não teria chance.

— Que lugar é esse? E o senhor usou o meu nome. Como sabe quem eu sou?

— Estou certo de que tem muitas perguntas importantes, Sr. Cole. E devo admitir que eu também. Talvez ajude se o senhor me deixar falar primeiro. Vou começar com uma observação,

se é que posso. O senhor se esqueceu de mim, mas nós já nos encontramos. Foi em Londres, num lugar chamado Farringdon.

— O Nexo...?

Richard certamente não havia se esquecido da organização que estivera ajudando-os

praticamente desde o momento em que ele e Matt se conheceram. O Nexo era composto por várias pessoas importantes e influentes — policiais, políticos, homens da igreja, empresários ricos

— que sabiam sobre os Antigos e a ameaça que eles representavam para o mundo, e haviam se

juntado para comandar a luta contra eles. Ao mesmo tempo, eram suficientemente espertos para perceber que, se fossem a público, falando de demônios e magia negra, seriam ridicularizados. Os jornais iriam estraçalhá-los. Por isso, se reuniam em segredo. Tinham usado sua enorme riqueza coletiva para montar um movimento de resistência com ramificações por todo o mundo. Richard os havia visitado numa ocasião assim no centro de Londres. Lembrava-se de Susan Ashwood, a médium cega. E do Sr. Fabian, que quase fizera com que eles morressem

no Peru. E havia o Sr. Lee, o empresário chinês que os ajudara a chegar a Hong Kong.

Mas esse homem era um estranho para ele.

A não ser...

Richard o examinou com mais atenção. Agora que pensava bem, houvera um francês na sala

em Farringdon. Ele o tinha visto duas vezes; uma depois que o caminhão-tanque havia destruído a escola de Matt e os dois foram mandados para o Peru, depois, de novo, quando retornaram, a caminho de Hong Kong. Mas a pessoa que ele conhecera era muito mais jovem do que o homem que estava examinando-o curiosamente. Tinha cabelo mais curto e mais escuro. Estivera

usando terno.

— Meu nome é Albert Rémy — disse o francês. — Agora o senhor pode saber disso. Mas antes de dizer outra coisa, deixe-me perguntar o seguinte. O senhor se lembra de mim?

— Lembro... — Richard estava hesitante.

— Quando nós nos encontramos pela última vez?

— Foi em Farringdon, há uns dez dias.

— Dez dias... — Rémy deu um sorriso triste. — É como eu suspeitei. Aconteceu algo curioso

com você, amigo. Ou talvez com nós dois. Para o senhor foram dez dias. Mas para mim faz mais de dez anos que estivemos juntos pela última vez.

— Dez anos?

— O senhor esteve lá com o garoto americano, Jamie. E também com Matthew. Nós o mandamos para Macau; acreditávamos que seria o único modo seguro de entrar em Hong Kong. — Rémy levantou uma das mãos. — Não tente me questionar. Isso vai deixá-lo louco.

Desde que os Antigos entraram no mundo, aconteceram muitas coisas que não parecem possíveis, que não podemos entender. Contarei como é, segundo meu ponto de vista, e depois o senhor pode dizer o que quiser.

“Lembro-me claramente daquele último encontro com o senhor. O senhor tinha ouvido dizer

que Scarlett, a quinta Guardiã, estava em Hong Kong, e mesmo que tivéssemos certeza de que

era uma armadilha, precisávamos mandá-los para lá. Depois disso, não tivemos mais notícias de vocês. Houve um tufão violentíssimo que destruiu boa parte da cidade. Dezenas de milhares de pessoas morreram, e nós nos perguntamos se vocês estariam entre elas. Não tínhamos como saber e só podíamos fazer o que havíamos jurado fazer. Esperamos por vocês. Esperamos por dez longos anos.”

— Por que está aqui no Egito? — perguntou Richard. — Por que não está em Londres?

— Londres não existe mais, amigo. Pelo menos não como você conheceu. — Richard pareceu

chocado, e Rémy continuou: — Eu avisei para não fazer perguntas. Deixe-me explicar...

“Todos sabíamos que existia uma porta em Hong Kong que vocês poderiam usar para viajar

pelo mundo. Você mesmo nos disse, pois havia encontrado o diário do monge espanhol. Existiam 24 outras portas, algumas que você pôde identificar.

Sabíamos da igreja de St. Meredith, em Londres, a caverna em Lake Tahoe, a abadia de San Galgano, na Itália, e o templo de Coricancha em Cuzco, no Peru. Você também citou outros locais na Austrália, na América do Sul e aqui no Egito. Para nós estava claro que, se vocês fossem aparecer de novo, seria por uma das portas.

Portanto, foi decidido que agentes do Nexo assumiriam a responsabilidade por cada uma das portas que conhecíamos e ficaríamos lá, para o caso de algum dia vocês chegarem. Eu fui mandado à Grande Pirâmide."

— Mas vocês não eram os únicos que sabiam sobre elas — murmurou Richard.

— Claro que não. Já esqueceu que, antes de você receber o diário, ele esteve nas mãos do

industrial Diego Salamanda? Antes que ele chegasse a você, Salamanda certamente deve tê-lo estudado, e tudo que é conhecido por nós também é conhecido pelos Antigos. Nem todas as portas estavam identificadas no diário. O que significa que algumas estão em segurança. Mas a maioria foi cercada, vigiada a cada minuto do dia e da noite durante dez anos. Os Antigos também estavam esperando o reaparecimento das cinco crianças: Matt, Pedro, Scott, Jamie e Scarlett. No momento em que isso acontecesse, eles iriam aprisioná-las... o que quase aconteceu com vocês hoje.

— Só que vocês estavam lá.

— Está começando a ver. É. Os vigias estavam sendo vigiados. Passei milhares de horas esperando você, Richard. Foi uma longa vigília e frequentemente pensei que era uma espera inútil. Você não faz ideia de como estou feliz em vê-lo.

— E o que está acontecendo no Cairo? Por que há uma guerra? Quem eram os soldados que

estavam nas pirâmides? E tinha um alterador de forma com eles...!

— Ah, sim. O alterador de forma. É muito raro ver um, se bem que sabemos que eles ajudam as forças do governo. Os Antigos não gostam de se mostrar. Preferem trabalhar nos bastidores.

“Muita coisa ocorreu em dez anos, meu amigo, e nenhuma foi boa. De fato, quando olho o

que aconteceu com o mundo, imagino se os Antigos não usaram seus poderes, brincando com o

tecido do tempo. Olhe o que fizeram com você! Você esteve longe durante dez dias, mas dez anos se passaram. Bom, o mesmo acontece com relação ao mundo. Às vezes parece que saltamos de uma crise para outra, que um ano vira uma semana, uma semana não é mais do que um minuto. De que outro modo tantas coisas ruins podem acontecer em tão pouco tempo?

O vulcão que entrou em erupção no Japão. O tsunami que assolou o litoral da Austrália. A peste na China. O terremoto na costa oeste da América. O fracasso total das plantações e a fome que veio em seguida. Fome nos Estados Unidos? Você acreditaria nisso?”

— E Londres?

— Nem todas as catástrofes foram obra da natureza, Richard. Depois do colapso do sistema

bancário, houve tumultos por toda a Europa. Boa parte da minha cidade, Paris, foi incendiada.

Em Londres, foi um atentado terrorista, uma bomba nuclear. Na verdade, foram nove, cada uma

destruindo uma cidade importante do Reino Unido no mesmo dia.

Richard ficou nauseado. Tão poucas palavras significando tanta morte. Simplesmente não podia absorver a enormidade do que o francês dizia. O que estava ouvindo era insano. Tinha ficado fora por dez dias, e não dez anos, e era como se estivesse aprendendo a história de dez séculos.

Os Antigos tinham feito isso acontecer. Era por isso que estavam aqui.

— Não vou cansá-lo com o resto, pelo menos não de uma vez — disse Rémy. — Você só precisa saber qual é a situação aqui. Um governo militar assumiu o poder no Egito. O mesmo aconteceu em muitos lugares do Oriente Médio. O

Conselho Supremo das Forças Armadas aqui

é comandado pelo marechal de campo Karim el-Akkad, e ele é absolutamente implacável. Deve

seu poder simplesmente ao fato de ser apoiado pelos Antigos, e faz tudo que eles mandam. Os

cidadãos daqui são rotineiramente sequestrados, torturados e mortos. Todo mundo vive com medo.

“Mas há um movimento de resistência. Foi bancado parcialmente pelo Nexo. Nós fornecemos

comida, armas e munição, boa parte levada por avião até Dubai e carregada para cá, mil quilômetros através do deserto. Em troca, eles estão nos ajudando a vigiar a pirâmide. As forças

do governo estavam esperando quando vocês saíram hoje de manhã. Os rebeldes as atacaram e trouxeram vocês para cá.”

— Para cá...?

— É um hospital e centro de treinamento dos rebeldes. Um dos muitos. Não direi que vocês

estão em segurança aqui porque nenhum lugar do Oriente Médio é seguro. Mas eles estão operando Scarlett agora mesmo e, se for possível salvá-la, eles a salvarão.

Richard estava exausto. Sua boca estava seca.

— Acho que eu gostaria de beber alguma coisa, depois disso tudo — disse.

— Vou arranjar. Temos um quarto para você. Vamos arranjar roupas limpas e talvez você precise dormir um pouco.

— E você vai me contar sobre Scarlett?

— Assim que houver alguma novidade, claro.

Albert Rémy levantou-se e foi para a porta.

— Você não tem ideia de como estou feliz em ver que vocês retornaram.

Richard assentiu.

— É — murmurou. — É ótimo estar de volta.

*

O marechal de campo Karim el-Akkad estava sentado atrás de sua mesa no segundo andar do palácio Abdeen, um prédio enorme na parte leste da cidade. Um dia aquele lugar fora a sede da presidência do Egito, e era certo que ele o ocupasse. Tudo na sala era desproporcional. O piso de mármore branco parecia se estender para sempre. As janelas dando para a rua Qasr el-Nil tinham altura tripla. As plantas em vasos eram do tamanho de pequenas árvores. Até a mesa parecia fazer o homem que a ocupava parecer um anão.

Akkad tinha exatamente sessenta anos. Era um homem de aparência comum, baixo e quase

completamente careca, com apenas alguns fiapos de cabelos grisalhos em volta das orelhas. A pele era morena, os olhos castanho-escuros. Seria fácil imaginá-lo como um dentista ou talvez um contador. Havia nele uma espécie de vontade de agradar, uma impressão de que ele iria pedir desculpas ao mesmo tempo em que sentenciava uma pessoa à morte. E, como se para compensar essa aparência física, ele usava um elaborado uniforme militar. O paletó, a calça e a camisa eram do mesmo tom verde-claro. Ele tinha uma gravata escura e divisas pesadas nos dois ombros e no colarinho. A única cor na sala vinha das fileiras de medalhas expostas em seu peito.

Eram tantas que o efeito era quase cômico, como se o peso delas pudesse fazê-lo tombar.

A tempestade de hoje finalmente havia acabado, e lá fora tudo estava calmo. Ainda que boa

parte do Cairo estivesse em ruínas, a rua Qasr el-Nil continuava intacta, e um anel de aço fora lançado em volta do palácio para protegê-lo das forças rebeldes. Akkad estava examinando um

relatório de um ataque com helicópteros ocorrido na véspera em Maadi, um subúrbio rico ao sul, que supostamente abrigava uma fortaleza rebelde. Fora usado gás dos nervos e, segundo o relatório, muitos milhares de pessoas haviam morrido. O número não tinha importância. Se antes havia rebeldes atuando ali, agora não existiam mais. Às vezes, para matar uma vespa, era necessário arrancar todo o ninho.

Houve uma batida à porta e, sem esperar resposta, dois homens entraram, ambos vestidos com uniformes muito bem passados. Numa combinação perfeita, marcharam para dentro da

sala, quase como se fossem uma criatura só, unida pelo quadril. Prestaram continência e ficaram em posição de sentido. Akkad não levantou o olhar do documento, mesmo tendo terminado de

lê-lo. Isso era intencional, permitindo que o silêncio aumentasse a tensão na sala. Sabia o que os homens iriam dizer. Tinha ouvido falar a respeito muito antes de eles chegarem. De sua parte, o coronel Bassir e o major Farouk permaneceram imóveis, tentando não demonstrar como estavam nervosos. Os dois haviam participado da operação na Grande Pirâmide naquela manhã.

Tinham vindo informar o fracasso deles e sabiam perfeitamente bem que, para Akkad, o fracasso jamais era uma opção.

— Então a garota escapou, não foi? — disse Akkad finalmente, sem levantar os olhos. Falava

em árabe. Fez uma pausa breve e depois deixou o olhar ir da página para os dois homens.

— Sim, senhor — respondeu Bassir. Ele era o oficial-comandante. Tinha 32 anos, era casado

e tinha filhos, e neste momento imaginava se iria vê-los de novo. Já havia decidido qual seria sua estratégia. Culparia Farouk. Ele dera as ordens certas. Seu subalterno é que havia fracassado em cumpri-las.

— Como isso aconteceu?

— Forças rebeldes estavam esperando junto à pirâmide, senhor. Parece incrível

que estivessem lá. Como eles poderiam saber que a garota ou qualquer outro Guardião apareceria?

Eu havia ordenado que o major Farouk revistasse a área, claro, para garantir que tudo estivesse em segurança. Lamento ter de informar que ele fracassou nos deveres.

Farouk sabia o que Bassir estava fazendo. Os dois haviam servido juntos durante mais de seis anos e eram amigos íntimos. As famílias dos dois se encontravam às vezes depois das orações da tarde. E agora Bassir estava cravando uma faca nas suas costas, a sangue-frio. Era perfeitamente razoável. Se as posições fossem invertidas, ele faria exatamente a mesma coisa.

— Vocês seguiram a garota até a cidade? — perguntou Akkad, numa voz sugerindo que ele

já sabia a resposta e que, de qualquer modo, não se importava.

— Não pudemos, senhor. Muitos dos nossos homens morreram. Até o alterador de forma foi

partido ao meio. A maior parte dos nossos veículos foi inutilizada. Tudo aconteceu muito depressa, e, claro, também havia a tempestade de areia...

Akkad olhou para seu oficial-comandante pela primeira vez e, de repente, havia em seus olhos um brilho que não era nem um pouco comum. Corriam histórias de que Akkad fora um lutador implacável no antigo exército egípcio. Tinha sido sua responsabilidade pessoal interrogar prisioneiros políticos. Nenhum deles sobrevivera para descrever a experiência.

— Você tinha ideia de como era importante prender essa garota? — perguntou.

— Sim, senhor. Claro.

— Então como explica esse fracasso?

— Eu obedeci suas instruções ao pé da letra. Dei as ordens. Os homens foram lentos e indisciplinados.

— O major Farouk era o responsável pelo treinamento deles?

— Sim, senhor.

A acusação pairou no ar. Akkad se virou para Farouk e agora falou com ele.

— Você tem alguma coisa a acrescentar?

— Não, senhor. — Farouk permaneceu firme e esperou. Sabia que não adiantava argumentar

ou tentar se defender. O marechal de campo já havia se decidido antes que os dois homens entrassem na sala. Mesmo assim o silêncio pareceu se arrastar por uma eternidade antes que ele anunciasse a decisão.

— Coronel Bassir — disse. — Quero que monte um pelotão de execução no pátio de formatura. Você vai escolher quatro de nossos melhores atiradores... não podemos nos dar ao luxo de mais erros. Uniforme cerimonial completo.

— Sim, senhor.

— E pode juntar dois regimentos para testemunhar o evento. Digamos, daqui a uma hora?

— Sim, senhor. — Bassir hesitou. Faltava um detalhe. — Quem será executado, senhor?

— Você, coronel Bassir. — Os dois homens olharam para Akkad, que continuou rapidamente:

— É uma infelicidade, mas esta foi uma trapalhada séria e você era o oficial-comandante.

Precisamos dar exemplo. Só isso.

Bassir ficou parado, pasmo. Tentou olhar para Farouk pedindo ajuda. Mas o outro lhe deu as

costas. Brevemente pensou em sacar sua arma. Ela estava ali, pendurada no cinto. Não. Seria loucura. De certa forma, Akkad fora generoso com ele. Pelo menos sua morte seria rápida.

— Obrigado, senhor. — Bassir prestou continência rigidamente e saiu da sala.

— Quero que organize equipes de busca, major Farouk — disse o marechal de campo assim

que a porta se fechou. — Fale com cada informante. A garota deve estar em algum local da cidade. Alguém deve saber onde.

— Sim, senhor.

— E certifique-se de encontrá-la logo. Se houver mais algum fracasso nessa questão, vou considerá-lo pessoalmente responsável.

Farouk mal podia falar. Girou nos calcanhares e saiu o mais rápido possível da sala.

Akkad continuou trabalhando até o meio-dia, quando era hora da oração da tarde. Não precisava olhar o relógio. Sabia instintivamente pelo tamanho e pela posição das sombras.

Levantou-se de trás da mesa e se ajoelhou. Mas não se virou para o leste. Virou-se para o sul.

O marechal de campo Karim el-Akkad já fora um bom muçulmano. Mas as antigas religiões

estavam quase esquecidas. Junto com o cristianismo, o catolicismo e o judaísmo, elas simplesmente pareciam... irrelevantes. Agora Akkad rezava três vezes por dia ao seu novo senhor, o Caos, rei dos Antigos. E o melhor era que, diferentemente das religiões antigas, seu mestre respondia.

Enquanto Akkad murmurava orações de lealdade e devoção, as luzes pareceram se apagar na

sala. As sombras se alongaram e o atraíram. A luz do sol desapareceu de trás das janelas. De repente ficou muito frio. Lá fora, houve o rufar de um tambor e um súbito espocar de tiros. E

quase ao mesmo tempo ele escutou a voz sussurrando na sala e soube que havia alguém — ou

alguma coisa — muito perto.

— Encontre a garota — disse aquilo. — Eu preciso dela. Preciso tê-la. Encontre a garota e a

traga para mim. Encontre agora.

QUATORZE

— Eles recomeçaram a luta — disse Richard, ouvindo os tiros que vinham do lado oeste da cidade.

Tinha desenvolvido um senso de distância e direção, de modo que podia dizer mais ou menos

onde a batalha estava acontecendo simplesmente ao olhar um mapa. Ainda não tivera permissão

de sair do complexo — isso era considerado perigoso demais — e, de qualquer modo, não haveria sentido, com as tempestades de areia soprando quase continuamente, 23 horas por dia, transformando cada rua num beco sem saída. Estava perplexo com as tempestades. Nunca havia

pensado no Cairo como um lugar particularmente ventoso, e imaginou se houvera uma mudança catastrófica nos padrões do clima, talvez como resultado do aquecimento global. Seria outra maldição trazida pelos Antigos ao planeta? O estranho era que ninguém no complexo jamais falava disso. Como a guerra, as tempestades aconteciam havia tanto tempo que tinham

passado a fazer parte da vida normal.

— Talvez seja Samir com os homens dele — disse Scarlett.

— A que horas ele saiu?

— Umas seis da manhã...

A esse ponto, eles já conheciam meia dúzia dos comandantes naquele posto do exército rebelde. Eram todos jovens, com 20 e poucos anos, e — a não ser que estivessem num exercício especial — vestiam roupas civis comuns, com uma

fita vermelha presa no bolso de cima. O

vermelho era a cor da revolução. No Egito antigo, era a cor da vitória. Todos os rebeldes falavam um pouco de inglês, se bem que menos do que poderiam. Sem televisão, não havia programas

ou filmes em língua inglesa com os quais aprender. Também não havia internet. Para Scarlett, isso era pior do que praticamente tudo, deixando-a isolada e sozinha. Mas, como Rémy explicara, a internet simplesmente desaparecera uma noite, muito tempo atrás. Ninguém se lembrava exatamente de quando, mas afinal de contas, refletiu Richard, antes ninguém tinha exatamente certeza de quando ela fora inventada. Simplesmente sumira, e só.

Duas semanas haviam passado — mas era difícil ter noção do tempo quando todo dia era igual aos outros. E sempre havia a possibilidade de que os Antigos estivessem brincando com eles, que estivessem pulando meses ou mesmo anos sem ao menos notar. Scarlett saíra do prédio do hospital e tinha um quarto pequeno perto do de Richard, no porão, fora do caminho.

Cada um tinha uma cama, uma pia, e podia usar um chuveiro com apenas um fio d’água fria,

mas Rémy disse para se sentirem gratos. Agora muitas cidades no Egito — e em muitos outros países — não tinham água. À noite eles olhavam por pequenas janelas gradeadas meio afundadas sob o térreo, de modo que a única visão era das botas dos guardas patrulhando. As

portas estavam destrancadas. Eles tinham permissão de andar juntos pelo complexo. Afora isso, era como se estivessem na cadeia.

Pelo menos Scarlett estava se recuperando bem. Não importando qual fosse a sua situação, Richard não conseguia esconder o alívio. Ela perdera peso, coisa que, com as rações parcas do complexo, não iria recuperar, e o choque do que havia passado continuava nítido em seu rosto.

O cirurgião precisou cortar seu cabelo curto, e havia uma cicatriz desagradável da operação, que só desapareceria quando o cabelo crescesse de novo. Olhando-se no espelho, Scarlett fez uma careta.

— Meu Deus, que horrível! — Estava recuperando rapidamente o senso de

humor junto com

a determinação de lutar. Sentia-se feliz em estar viva.

Richard gostou dela desde o início. Ainda lamentava ter se separado de Matt, e se preocupava com ele o tempo todo — mas os dois tinham criado um laço rapidamente. Como isso poderia não acontecer, tendo sido postos juntos desse jeito? Scarlett era magra e pequena e, com o cabelo curto, tinha a aparência de uma criança mendiga das ruas de Bangkok. Mas Richard jamais se esquecia de que ela era uma dos Cinco e que possuía um poder imenso caso

optasse por usá-lo. Ele mesmo tinha visto em Hong Kong. De sua parte, Scarlett estava aliviada por estar com Richard e, por mais que ele negasse, insistia que ele salvou sua vida ao trazê-la para cá. Gostava dele porque era desajeitado, desorganizado e fingia ser completamente incapaz, atraído para uma aventura que não entendia. Ao mesmo tempo, ela via seus pontos fortes, ocultos. Richard fora um bom amigo para Matt e faria qualquer coisa por ele; na verdade, por qualquer um deles. Estaria com eles até o fim.

Só recentemente Richard lhe contou o que acontecera com o mundo — com o mundo dela,

o mundo que os dois tinham conhecido. Ele precisava ter certeza de que ela teria forças para absorver isso. Ele chegou a pensar em esconder os fatos, mas soube imediatamente que não podia. Afinal de contas, este era o motivo para ela estar aqui. Por isso, contou tudo que Albert Rémy havia dito.

Ela não ficou chocada. Eram coisas demais para absorver e — isolada, mantida dentro do complexo sem imagens de jornais ou televisão para tornar tudo real — aquilo não passava de um amontoado de palavras. Que prova eles tinham de que era verdade? Rémy estava tão isolado quanto eles e tinha poucas informações, a não ser o que acontecia no Cairo, e boa parte disso era difícil de provar. No entanto, nenhum dos dois tinha qualquer dúvida de que o mundo estava num caos. Esse era o motivo pelo qual os Antigos haviam passado pelo portão em Nazca. Desde

o momento em que retornaram, foram rápidos e implacáveis em seu serviço.

— Eu sonho com Londres — disse Scarlett.

Os dois estavam sentados na sala de aula para onde Richard fora trazido no dia da chegada.

Os prédios tinham sido mesmo uma escola, e agora estavam divididos entre os alojamentos, o hospital, os depósitos e o comando militar. A sala era uma área neutra. Richard e Scarlett sabiam que seriam deixados em paz.

Richard esperou que ela continuasse.

— Não suporto pensar nisso, na ideia de que ela não existe mais. — Fez uma pausa. — Você

acha mesmo que não resta mais nada?

— Não sei. Para ser honesto, Scar, sou como você. Não quero pensar nisso.

Scarlet tocou a lateral da cabeça. Seu antigo apelido, Scar — cicatriz em inglês — havia se tornado horrivelmente adequado.

— Por que alguém iria querer isso? Explodir uma cidade?

— Os terroristas não precisam de uma razão. É sempre apenas ódio e fanatismo... o oposto

da razão.

— Sabe, o terrível — o olhar de Scarlett estava distante — é que eu vi isso no meu sonho.

Tudo em ruínas... todas aquelas pessoas mortas. Mas não senti nada. Era como se eu nunca tivesse morado lá. E a única coisa que me deixa triste agora é pensar nos meus amigos da escola, e particularmente em Aidan. Acho que nunca mais vou vê-los de novo e nunca vou saber se eles viveram ou morreram.

— Precisamos decidir o que vamos fazer — disse Richard. — Se ficarmos parados aqui por muito mais tempo, nós dois vamos enlouquecer.

Scarlett viu que Richard estava gentilmente guiando-a para fora daquele clima. E estava certo.

Agora que havia se recuperado, ela já sentia tédio, parada no complexo sem praticamente nada para fazer. Rémy havia encontrado para ela alguns livros empoeirados em inglês, mas praticamente não valia a pena lê-los, e também um velho tabuleiro de xadrez com o qual ela e Richard jogavam, usando pedras no lugar das peças que faltavam. Mas eles já estavam ali por muito tempo. Era hora de ir em frente.

— Precisamos voltar à Grande Pirâmide — falou Scarlett. — É a nossa saída daqui. Só precisarei pensar em onde quero ir e estaremos lá.

— Não vai ser tão fácil — respondeu Richard. — Eles sabem que você está aqui. Nosso amigo, monsieur Rémy, diz que estão procurando você em toda parte. Depois do que aconteceu, eles vão colocar todos os soldados e alteradores de forma do Cairo em volta das pirâmides. Você nunca passaria.

— Poderíamos ir disfarçados.

— De camelo?

— Eu estava pensando mais numa burca.

— Acho que não cairia bem em mim.

A porta se abriu, e Albert Rémy entrou. O francês ficava sempre animado em vê-los, e considerava a chegada de Scarlett uma espécie de milagre, mas nesta manhã estava particularmente feliz.

— Tenho notícias maravilhosas — disse. — Tarik está aqui, no complexo. Claro, ninguém sabia que ele ia chegar até a alguns minutos. Mas eu o vi e ele quer falar com vocês.

Tarik.

Richard e Scarlett tinham ouvido falar um bocado sobre ele. Era o homem da foto que Scarlett tinha visto quando estava na cama; o líder da rebelião. Todos os comandantes o reverenciavam. Toda noite contavam histórias sobre operações que ele havia comandado, batalhas de rua que ele havia vencido. Ele estivera lutando contra as forças do marechal de campo Karim el-Akkad desde que todo mundo podia lembrar, e muitas palavras pintadas nas paredes do Cairo eram tiradas de seus discursos. Tarik era um nome de guerreiro em árabe, e era por

isso que ele o escolhera. Era o guerreiro e guerrilheiro urbano definitivo. Tinha dedicado a vida a libertar a cidade, e muitas pessoas diziam que ele era a única esperança que restava.

Rémy os acompanhou para fora do prédio, atravessando o pátio a caminho da ala militar do

complexo. Como sempre, havia guardas em cada porta, mas Richard percebeu que estes eram mais disciplinados e estavam mais bem vestidos do que o normal. Podia sentir a tensão no ar. Ele

e Scarlett foram levados a uma sala nos fundos, dominada por uma mesa redonda coberta com papéis e pastas de papelão. Havia mapas em todas as paredes, a maioria mostrando o Cairo e a área ao redor. Uma velha geladeira zumbia num canto. A eletricidade ia e vinha durante o dia, mas obviamente estava funcionando agora. A sala cheirava a suor e cigarro, tinha um tapete vagabundo, paredes caiadas e algumas cadeiras de escola.

O homem que os esperava era jovem e bonito. Essa foi a primeira impressão de Scarlett. Suas

roupas eram semimilitares; uma jaqueta de combate, jeans, botas do exército. No pescoço, havia uma echarpe de algodão que ele colocava sobre o rosto quando estava nas tempestades de areia. Tinha cabelo preto e curto, olhos castanhos e um rosto que parecia feito de linhas retas: o queixo, os malares, até as sobrancelhas. Teria uns 30 anos. A foto que Scarlett tinha visto fora tirada talvez uns cinco anos antes. Havia algo nele que inspirava confiança antes mesmo que falasse. Talvez fossem os olhos, que brilhavam com paixão e crença em si mesmo. Dois homens

estavam com ele — mais velhos, abatidos pelo tempo e barbudos — sem dizer nada. Tarik dominava a sala.

— Você é Scarlett Adams — disse ele. Sua voz era suave, o inglês, perfeito.

— Sou.

— E Richard Cole. O Sr. Rémy falou sobre vocês. Fico muito feliz por estarem aqui.

Confessarei que houve ocasiões em que me perguntei se as histórias sobre vocês seriam ao menos verdadeiras, mas meus homens viram quando vocês saíram da Grande Pirâmide. Nós vimos os alteradores de forma. Precisamos aceitar que o mundo não é mais como antigamente e

que estamos lutando contra um inimigo que sai dos nossos piores pesadelos e faz com que reajustemos as crenças. — Ele fez um gesto para a mesa. — Sentem-se, por favor. Pedi que trouxessem chá. É importante conversarmos.

Richard e Scarlett sentaram-se e, um instante depois, entrou um soldado trazendo uma chaleira com chá verde fumegante, que ele serviu em copos pequenos. Aquele momento fez Scarlett se lembrar brevemente de outra ocasião em que lhe haviam servido a mesma bebida. Na época, era prisioneira do padre Gregory no Mosteiro do Grito de Misericórdia. Claro, aqui era diferente. Tarik lutava pela liberdade. Estava aqui para ajudá-los. Mas ao mesmo tempo em que aceitava o copo, a memória cutucou-a, e ela teve de reprimir um tremor na coluna.

— Você fala um inglês muito bom — disse Richard.

— Minha avó era inglesa. Aprendi na infância. — Tarik pareceu descartar o assunto e se virou para Scarlett. — Um médico do exército do povo tirou uma bala de dentro do seu cérebro —

disse ele. Seu olhar estava fixo nela, examinando-a minuciosamente. — Sem a ajuda dele, você certamente teria morrido. Você deveria ser grata.

— Eu sou muito grata.

— No entanto, muitas pessoas estão morrendo aqui todos os dias. Não são tão felizardas quanto você. A democracia foi prometida ao Egito, mas o marechal de campo el-Akkad a roubou de nós. Qualquer um que ousasse falar contra ele era preso ou morto, e no fim esta guerra foi tudo que nos restou.

— Farei qualquer coisa para ajudar. — Scarlett não sabia direito por que disse isso, mas pareceu a coisa certa.

Tarik assentiu lentamente.

— Fará? Fará?

— O único modo de derrotar os Antigos é juntar os Cinco de novo — disse Richard. —

Precisamos mandar Scarlett de volta pela Grande Pirâmide e procurar os outros.

Tarik se virou para Richard. Agora seus olhos estavam sombrios, pensativos.

— Talvez não seja possível. Nossos inimigos conhecem o poder da porta e estão mantendo-a

sob guarda constante. Scarlett escapou pelos dedos deles uma vez. Eles não permitirão que isso se repita.

— Ela poderia viajar para fora daqui? Nós vimos aviões...

— Os únicos aviões pertencem aos militares, e os campos de aviação estão bem protegidos.

— Ele falou rapidamente com Rémy em árabe, que respondeu na mesma língua. Richard percebeu que era quase impossível saber o que Tarik estava pensando, não importando a língua que usasse. Ele dava a impressão de estar sempre cinco ou seis passos à frente. De novo Tarik examinou Scarlett. — Você é tão poderosa quanto eles dizem?

Scarlett hesitou.

— Não sei. — Houve silêncio e ela percebeu que estavam esperando que continuasse. —

Posso controlar o clima.

— Em Hong Kong, eu soube que houve um tufão.

— É. Mas não fui eu que criei. Talvez tenha ajudado a contê-lo... — Sua voz ficou no ar.

— Conter um tufão, fazer com que ele pare, deve ter sido digno de ver. Você é só uma garota. Tem... quantos anos? Quinze? No entanto, ouvimos falar desse tufão que matou inúmeras pessoas e causou tanta destruição há muitos anos. Você não o criou. Mas será que poderia criar agora?

Ela olhou para Richard. Os dois sentiam-se inquietos, sem saber qual rumo a conversa tomaria.

— Controlar o clima... — continuou Tarik em sua voz suave, com as mãos aninhando o copo

de chá. — O calor do sol, a força do vento, raios e trovões, talvez o próprio ar! Se você pudesse fazer isso somente numa rua, na Qasr el-Nil, por exemplo...

— O palácio presidencial — murmurou Rémy.

Tarik levantou os olhos subitamente, e Richard viu um leve brilho neles.

— Você diz que quer nos ajudar, Scarlett. Poderia fazer isso por nós? Poderia matar o marechal de campo el-Akkad, talvez sufocando-o, queimando-o ou o afogando?

— Espere um minuto... — interveio Richard.

Mas Scarlett já estava à sua frente.

— Nunca fiz nada assim. Quero dizer, nunca matei ninguém.

— Pessoas morreram em Hong Kong.

— Não foi minha culpa. Já disse. Não comecei o tufão e não teria feito isso, mesmo que nos

ajudasse a escapar. Lamento, Sr. Tarik. Claro que quero ajudá-lo. Mas não desse modo.

Tarik assentiu, e ainda que seu rosto continuasse não revelando nada, um sentimento de tristeza havia se esgueirado para dentro da sala.

— Você acha que talvez eu seja um monstro, simplesmente por sugerir isso — disse — Pedir

para uma garota matar um homem não é fácil. Não é agradável. Mas o sujeito em si é um monstro. O que ele fez neste país é monstruoso. — Tarik ficou em silêncio, depois pareceu se decidir. — Por favor, venha comigo.

Ele se levantou e saiu da sala. Albert Rémy olhou brevemente para os dois, como se os alertasse para ter cuidado, e todos foram atrás. Os dois oficiais de Tarik, que não haviam dito uma palavra nem dado qualquer indicação de que ao menos entendiam o que acontecia, foram

os últimos a sair. Tarik saiu no complexo, com os soldados se perfilando e prestando continência ao vê-lo. Não poderia haver dúvida do efeito que ele causava nos homens ao redor. Cada um

sentia-se deliciado só de estar por um momento à sua sombra. Ele entrou no prédio do hospital, onde Scarlett fora tratada, e ela imaginou se ele iria reapresentá-la ao cirurgião que salvou sua vida. Mas em vez disso, ele levou-a por um corredor no térreo, até um quarto no final, e ela se viu numa enfermaria comprida, com sessenta camas estendendo-se em duas fileiras, viradas uma para a outra, de parede a parede. As camas tinham sido arrumadas com precisão militar. Cada

uma tinha um pequeno armário e uma mesinha de cabeceira. Uma enfermeira e um médico moviam-se lentamente, verificando os ocupantes, distribuindo comprimidos.

Scarlett demorou um momento para perceber que todos os pacientes da enfermaria eram crianças.

Algumas teriam no máximo 9 ou 10 anos. Todas tinham sido feridas de diferentes modos, muitas estavam envoltas em bandagens, algumas dormiam, algumas olhavam rigidamente o teto

como se tivessem medo de se mexer. O que talvez perturbasse Scarlett mais do que qualquer coisa era que não havia nada na enfermaria para confortá-las: nem quadros, nem brinquedos, nem ursinhos de pelúcia. Era como se o fato de terem sido feridas as tivesse transformado em adultos miniatura. E absolutamente nenhuma reclamava. O silêncio era quase irritante.

O médico e a enfermeira pararam ao vê-los chegar. Ambos baixaram a cabeça quando Tarik

se aproximou. O líder rebelde andou de cama em cama, falando baixinho com uma criança, arrumando o lençol de outra, oferecendo um copo d’água a uma terceira. As crianças sorriam ao vê-lo ou senti-lo perto. Por um breve momento,

Scarlett as viu esquecer a dor. Tarik certificava-se de se conectar com cada uma. Falou rapidamente com o médico. Depois, com Richard e Scarlett ainda seguindo-o, saiu da enfermaria por uma porta do lado oposto.

Eles ficaram satisfeitos por voltar ao ar livre, mesmo com o calor e a areia chicoteando.

Richard já estava se perguntando qual seria o argumento de Tarik. Logo descobriu.

— Aquelas crianças foram tiradas da rua — explicou. — Não tinham nada a ver com esta guerra. Viu os ferimentos delas, Scarlett? El-Akkad lançou um ataque contra o bairro delas, procurando insurgentes, e elas foram apanhadas no fogo cruzado. Se não as tivéssemos trazido para cá e cuidado delas, teriam morrido. Que tipo de homem você acha que se comporta assim?

Que tipo de homem faz guerra contra seu próprio povo? Vou lhe dizer. Ele é maligno. É

implacável. Ninguém no Egito poderá viver sem medo enquanto ele não estiver morto.

— O que o senhor está pedindo? — perguntou Scarlett.

— Você sabe o que estou pedindo. Você tem esse poder, ou pelo menos diz que tem. — Ele

não conseguia afastar o escárnio da voz. — Use-o! Ajude-nos! Você pode fazer chover fogo do

céu sobre esse homem e acabar com a tirania dele de uma vez por todas.

Richard deu um passo adiante.

— Você está pedindo que ela cometa homicídio.

— Isso não é homicídio. É guerra.

— Ela tem 15 anos!

— A criança mais nova naquela enfermaria tem 8 anos e meio.

— Lamento, Sr. Tarik. — Scarlett nunca se sentira tão impotente. — Sei por que está me pedindo isso. Entendo. Mas acho que não poderia fazê-lo, mesmo se quisesse. Só pude controlar a tempestade em Hong Kong porque Matt e Jamie estavam lá. É assim que a coisa funciona. Nós

precisamos estar juntos. Só vamos ter força suficiente para dominar os Antigos quando nós cinco nos encontrarmos... e é por isso que eles sempre quiseram nos manter separados. E neste momento estou sozinha. Nunca estive mais sozinha, e acho que não conseguiria fazer isso. De verdade.

“Mas vou ser honesta com o senhor. Mesmo se pudesse, não faria. Não quero deixá-lo com raiva e agradeço o que fez por mim. Mas não importa o quanto esse homem seja mau, não creio que meu serviço seja matá-lo. Não sei se eu poderia viver comigo mesma se fizesse isso. É

assim.”

Scarlett hesitou e parou. Richard olhou-a com admiração genuína. Ela estava ali, dentro do complexo, cercada por homens com armamento pesado e severamente decididos, e os

desafiava. Mas ele se perguntou o que aconteceria em seguida. Se Tarik não podia usá-la como planejara, será que continuaria a protegê-la?

Mas o líder rebelde já havia chegado a uma conclusão. Baixou a cabeça rapidamente, admitindo a derrota.

— Sei como você se sente — disse. — E não precisamos discutir isso mais. Talvez eu estivesse errado em pedir, mas não podemos ignorar qualquer possibilidade nesta grande luta. Devemos considerar agora o que será feito com você, Scarlett. Uma coisa é certa. Você precisa sair do Cairo o mais rápido possível. El-Akkad não tem escrúpulos iguais aos seus, e fará qualquer coisa para encontrá-la. Todos corremos perigo enquanto você está aqui.

Ele disse algumas palavras em árabe a um oficial, que assentiu e saiu. Richard e Scarlett estavam parados juntos. Albert Rémy olhava-os com ar soturno.

— Tenho muito trabalho a fazer e talvez não nos vejamos de novo — disse

Tarik. — Veremos

o que pode ser feito e vou informá-los assim que tiver um plano.

Foi só. Tarik olhou-a pela última vez e foi andando. Enquanto ele ia, um dos seus soldados levantou um dos punhos em sinal de desafio e, de repente, a toda volta do complexo, todo mundo fazia a mesma coisa. Ao mesmo tempo gritavam seu nome, entoando-o repetidamente

enquanto ele saltava num jipe e era levado para a saída. No último instante, ele levantou a mão, respondendo. Então o portão de metal foi deslizado, o jipe desapareceu numa nuvem de areia e sumiu.

Rémy não disse nada, e Scarlett não teve dúvida de que, independentemente do que Tarik podia ter dito, ele estava desapontado com seu posicionamento. Richard passou o braço em volta dos ombros dela.

— Você estava certa — disse ele baixinho.

— Será...?

Scarlett tinha visto como Tarik olhara para ela antes de ir embora. Ele era o herói daquelas pessoas. Estava lutando pela liberdade delas. E estava do lado de Scarlett. Mas, mesmo assim, ficou claro que sentia raiva dela, e ela imaginou qual poderia ser o resultado disso.

QUINZE

Dois dias depois, com as nuvens de areia reluzindo em laranja enquanto o sol tentava atravessá-

las, o segundo no comando dos rebeldes veio vê-los. Eles sabiam que seu nome era Samir, mas

ele não havia dito mais nada a seu respeito. Talvez não houvesse nada a ser dito. Era absolutamente leal a Tarik. Para ele, a guerra era tudo.

Richard e Scarlett mal haviam conversado com qualquer pessoa desde o encontro com Tarik,

e os dois tinham chegado à conclusão de que, ainda que nem todos os detalhes da discussão tivessem sido divulgados, todo mundo sabia que houvera algum tipo de discordância e que Scarlett se recusara a cooperar. Os dois ainda recebiam comida e água. Um médico viera dar uma última olhada no ferimento de Scarlett. Mas, em termos gerais, os homens os evitavam, afastando-se sempre que eles se aproximavam.

Só Albert Rémy ficava perto, e não parecia muito preocupado com o que acontecera.

— Claro que Tarik ficou desapontado, mas ele é um homem notável — disse Rémy. —

Dedicou toda a vida ao seu povo e faria qualquer coisa, exigiria qualquer coisa, para levar a causa adiante. Para ele, é difícil aceitar que a guerra que estamos travando, a guerra contra os Antigos, é maior ainda do que a batalha aqui no Egito. Tenho certeza de que ele enxergará a razão.

Precisamos encontrar os outros... é isso que importa. Matt e Pedro, Scott e Jamie. Quando os Cinco estiverem juntos, tudo vai mudar.

Mas não havia sinal dos outros quatro. Sempre que podia, Scarlett procurava-os no mundo de sonho, mas se pegava absolutamente sozinha na paisagem árida. Só uma vez vislumbrou alguém e correu para lá, mas à medida que se aproximava percebeu que era o homem de camisa e colete que aparecera pela primeira vez quando ela estava no hospital. De novo ele virou a cabeça e ela viu os óculos escuros e os dentes de ouro, e ouviu-o murmurar a mesma palavra:

“Cinco!” Ela ficou satisfeita em acordar.

Durante o dia, ela e Richard eram capazes de passar uma hora inteira em silêncio, olhando para a areia interminável como se o simples desejo pudesse fazer Matt e os outros aparecerem.

A areia soprava. Tiros distantes ressoavam nas ruas. De vez em quando, um jipe surgia a toda velocidade e um corpo ferido e ensanguentado era posto numa maca e levado rapidamente para

o hospital. Mas, independentemente do que acontecia ao redor, eles não faziam parte daquilo.

E havia a questão do poder de Scarlett. Será que ela realmente seria capaz de fazer o que Tarik pedira? Richard precisava perguntar, e o fez, enquanto almoçavam juntos.

— Não sei, Richard — respondeu Scarlett. O almoço era pão árabe, um pouco de queijo e um molho feito de grão-de-bico e alho. — Acho que ainda tenho algum tipo de poder. Você se lembra de hoje de manhã, por volta das onze 11 horas?

— A tempestade parou durante alguns minutos. Pude ver um pouco de azul no céu.

— Fui eu. Pelo menos acho que fui. Na verdade, só estava experimentando. Queria ver o que

aconteceria se eu desejasse que a areia parasse de soprar. E parou um pouco. Mas só consegui durante uns cinco minutos...

— Bom, se eu fosse você, ficaria treinando. Se quisermos sair daqui, vamos precisar de toda

ajuda possível.

Isso acontecera no dia anterior. E agora, ali estava Samir; um homem magro e sério, que havia sido aluno da Universidade do Cairo quando a guerra começou. Com a barba rala e óculos com aro de metal, ainda parecia um estudante. Tinha sido ferido em alguma luta anterior.

Scarlett o tinha visto uma vez com a camisa aberta. A parte da frente do peito era uma massa de cicatrizes, mas ele nunca reclamava. Era dedicado a Tarik. Mais do que qualquer outro, tinha ficado chocado quando Scarlett se recusou a fazer o que fora pedido.

Ele não os cumprimentou. Não fez qualquer tentativa de ser amigável ou educado.

Simplesmente entrou com dois soldados e Albert Rémy logo atrás.

— Vocês vão partir do Cairo amanhã de manhã — disse.

— Para onde eles vão? — perguntou Rémy. Richard achou que o francês tinha envelhecido desde a chegada dos dois. Ele parecia cansado e havia mais rugas em seu rosto.

— Para Dubai.

Isso fazia um certo sentido. O exército rebelde recebia os suprimentos de Dubai, como Rémy

já havia explicado. Dubai ainda era um país independente, com um governo no controle e um aeroporto que funcionava, ainda que poucas notícias chegassem de lá havia algum tempo. Mas

não havia nada para eles lá. Era uma longa jornada a lugar nenhum.

— Qual é o sentido de nos mandar para lá? — perguntou Richard. — A porta está aqui, no

Egito, nas pirâmides. É a nossa saída.

— Já foi explicado, Sr. Cole. Um ataque contra as pirâmides não é viável. Elas estão muito bem vigiadas.

— E como vocês vão nos levar a Dubai? Vamos pegar um ônibus?

— Vocês não precisam saber. Os transportes foram arranjados. Vocês só precisam saber que

partirão assim que amanhecer. Às 6 horas. Esta noite irão cedo para os quartos e não têm permissão para sair. Tarik virá amanhã de manhã e vai fazer com vocês a primeira parte da viagem. — Ele se virou para Rémy. — O senhor também vai, Sr. Rémy. Não é mais necessário aqui e não tem motivo para ficar.

— Claro. Meu lugar é com Scarlett.

— E o que acontece quando chegarmos lá? — perguntou Richard. Ele não sabia por que, mas havia algo do qual não estava gostando, e não conseguia afastar as suspeitas da voz.

— Isso não é da nossa conta. Vocês querem encontrar seus amigos. Podem

começar por lá.

Seis horas, amanhã. Estejam prontos. — Samir e os outros dois homens deram meia-volta e partiram.

Scarlett não parecia muito mais feliz do que Richard, mas Rémy ficou deliciado com a notícia.

— Eu disse que Tarik iria ajudar! — exclamou. — Vocês não fazem ideia do quanto deve ter

custado a ele, em tempo e recursos, para nos arranjar isso.

— E o que ele ganha com isso? — perguntou Richard.

— Você não entende o sujeito. Ele está fazendo a coisa certa porque é isso que ele sempre faz.

— E Dubai? — perguntou Scarlett. — Está igual a isso aqui?

— Não vou lá há três anos, mas Dubai não está em guerra — disse Rémy. — Vamos encontrar outros membros do Nexo esperando por nós. É melhor do que ficar aqui.

— Mas não há porta em Dubai. Não é como a Grande Pirâmide.

— Há aviões, há carros, combustível e comida. Por favor, não se preocupe, Scarlett. Garanto

que é melhor assim.

Porém, mais tarde, quando a escuridão baixou, Richard e Scarlett continuavam cheios de preocupação. Estavam sentados no quarto de Richard e, ainda que devessem estar dormindo, os

dois sabiam que seria difícil fechar os olhos antes da manhã.

— Acho que a gente deveria dar no pé — disse Scarlett. — Se pudéssemos voltar à Grande

Pirâmide, talvez pudéssemos pegá-los de surpresa. Podemos correr pela porta e

sumir antes que alguém note.

— Acho perigoso demais. O marechal de campo Não-Sei-das-Quantas sabe sobre a porta. É

só isso que ele sabe. Deve ter garantido que não possamos chegar perto. — Ele parou. — Claro!

— e continuou. — É isso que andava me incomodando...

— O quê?

— Por que nós temos de ir embora? Por que de repente eles estão nos tratando como prisioneiros? Por que Samir disse que não tínhamos permissão para sair esta noite? — Richard foi até a janela e esticou o pescoço para ver ao longo da lateral do prédio até a porta da frente. Um instante depois, virou-se de volta. — Eles puseram um soldado lá fora.

— Estão nos protegendo.

— Gostaria que você estivesse certa, mas acho que estão nos vigiando. Há alguma coisa acontecendo dentro desse complexo que eles não querem que a gente saiba. — Richard andou

de um lado para o outro, e Scarlett pôde ver que ele estava revirando coisas na cabeça. Enfim chegou a uma decisão. — Quero dar uma olhada.

— É uma boa ideia? Achei que já estávamos suficientemente encrencados.

— Eles vão se livrar da gente amanhã, por isso acho que não vai fazer mal. Você vem?

— Claro.

Os dois ainda estavam vestidos. Abriram a porta e olharam pelo corredor, iluminado por uma

única lâmpada fraca. Não havia ninguém à vista. Juntos esgueiraram-se e para fora, passando pelo quarto onde Rémy estava, e foram até a porta que levava para o restante do complexo.

Viram imediatamente que não havia saída. Samir — ou talvez Tarik — não ia se arriscar. Um guarda fora posto ali, parado junto à porta, de costas para eles.

Richard e Scarlett recuaram.

— Precisamos criar uma distração — sussurrou Richard. Pensou um instante. — Olha, posso

fazer isso sozinho. Você se importa? Vou dizer que está passando mal. Todo mundo se preocupa com você e ninguém está nem aí para mim. Enquanto estiverem cuidando de você, talvez eu possa dar uma espiadinha rápida.

— Aonde você vai? O que você está procurando?

— Não sei, Scarlett. Na verdade, quero começar naquela enfermaria que ele mostrou à gente. A das crianças.

— Por quê?

— Só tenho uma sensação. Não creio que Tarik tenho contado toda a verdade.

Scarlett assentiu, com o rosto pálido no escuro.

— Só tenha cuidado, Richard. Não sei o que eu faria se alguma coisa acontecesse com você.

— Você ficaria bem. Você é que tem o poder.

— Só não deixe de voltar inteiro.

Os dois se separaram. Richard esperou até ela ter desaparecido de vista, depois foi rapidamente até o guarda, esforçando-se ao máximo para parecer alarmado. O guarda o ouviu

se aproximar e girou, com a mão indo automaticamente para a arma. Estava obviamente insatisfeito por ver Richard. Aquilo não deveria acontecer.

— É a Scarlett — falou Richard. — Ela não está bem. Está passando muito mal. Precisa de ajuda. — Ele não sabia se o sujeito entendia inglês, e esfregou a barriga e fez careta enquanto falava, como se estivesse passando mal.

O guarda hesitou. Não queria deixar seu posto, mas viu que não tinha opção.

— Espere aqui — disse, e saiu correndo na direção do prédio do hospital.

Richard seguiu-o. Estava uma escuridão quase completa no complexo e, como sempre, a areia em redemoinhos ajudava à cobertura da escuridão. Claro que tinha guardas no portão e nos postos de observação, mas estavam de costas para ele, porque se fosse acontecer um ataque, viria de fora, e era naquela direção que eles estavam virados. Viu o guarda desaparecer no prédio, esperou alguns segundos e também entrou. O guarda subira para o andar de cima.

Richard ouviu os passos dele no concreto. Estava sozinho no corredor largo por onde havia passado apenas dois dias atrás. Como no bloco dos alojamentos, algumas lâmpadas,

fraquíssimas, iluminavam o caminho. Sabia que tinha pouco tempo antes que Samir e os outros

fossem alertados, mas mesmo assim apostava no fato de que estariam tão preocupados com Scarlett que iriam se esquecer dele. Avançou rapidamente.

De novo passou pela porta e entrou na enfermaria onde as crianças feridas estavam em suas

duas filas retas. Richard tivera medo de que houvesse uma enfermeira ou um médico, mas elas

estavam sozinhas. Andando mais devagar agora, passou entre as camas. Todas as crianças pareciam dormir, a não ser uma ou duas que gemiam, incapazes de escapar da dor. Richard odiou estar ali. Sentia pena delas. Mas havia algo que precisava saber.

Os armários. Eram todos idênticos, exatamente com o mesmo espaço entre eles. Era isso que

o havia deixado perplexo no lugar. Tudo parecia uniforme demais. E houvera outra coisa. Todas as crianças eram meninos. Na ocasião não havia registrado, mas agora viu, e isso não fazia sentido. Se, como dissera Tarik, aquelas fossem crianças inocentes resgatadas na luta, certamente haveria algumas meninas. E onde estavam os pais? Onde estavam os parentes e amigos? Como era possível ter uma enfermaria infantil sem pelo menos alguns visitantes?

Parou entre duas camas e foi na ponta dos pés entre elas. Abriu o armário. E ali estava, exatamente como imaginara. Um uniforme cáqui miniatura, feito para o deserto, pendia num gancho com a fita militar vermelha presa no bolso. Um fuzil fora apoiado no canto.

Experimentou um segundo armário e encontrou exatamente a mesma coisa, só que desta vez a

arma era uma pistola.

Aqueles não eram espectadores inocentes. Eram soldados crianças, parte do exército de Tarik. Ele os estivera usando para lutar contra as forças do governo.

Richard não sabia direito o que o chocava mais. O fato de Tarik ter mentido para eles, usando aquelas crianças terrivelmente feridas para fazer com que Scarlett fizesse o que ele queria, ou o fato de que estivera preparado para usar as crianças. Havia meninos que tinham no máximo 8 anos. Qual seria o sentido de

mandá-los para a batalha? Eles seriam mortos sem qualquer chance.

Em algum lugar do prédio, escutou vozes exaltadas e o som de passos enquanto Samir e os

outros iam rapidamente examinar Scarlett. Richard planejava ir atrás deles, assim ele reapareceria e esperava que ninguém notasse que tinha saído.

Mas, quando parou do lado de fora, notou luzes mais fortes do outro lado do complexo. Era

ali que os veículos ficavam guardados durante a noite, uma garagem que fora construída no canto, mas que, na verdade, se abria para dois lados. Richard ouviu uma batida de metal contra metal, o capô de um carro sendo fechado. As luzes principais estavam desligadas. Então três homens saíram, dois deles carregando lanternas. Richard reconheceu o do meio. Era Tarik.

Eles não o tinham visto. Os três cruzaram o complexo e entraram na ala militar. Havia uma parte de Richard que não queria saber o que eles estavam aprontando. Afinal de contas, tinham dito que planejavam uma viagem para as seis horas da manhã seguinte. O que poderia ser mais

natural, ou mais sensato, do que garantir que os veículos estivessem com boa manutenção?

Só que nem haviam ligado os motores.

E Samir tinha dito que Tarik viria no dia seguinte. Por que o líder da rebelião estaria se envolvendo com a manutenção dos jipes?

Richard olhou para o bloco dos alojamentos e tentou imaginar Scarlett fazendo o seu papel,

retorcendo-se na cama, cercada por soldados e médicos. Quanto tempo ele teria? Não importava. Precisava saber. Permanecendo perto das paredes, esgueirou-se

pela borda do complexo e depois o atravessou correndo, fazendo o mínimo de barulho possível. Ninguém o viu entrar na garagem. Tudo estava silencioso.

Havia dois jipes parados juntos, os mesmos veículos que os tinham trazido para cá no dia da

chegada. As chaves continuavam na ignição. Os jipes eram quase idênticos — a não ser pelos números das placas e o fato de que um tinha um colar de contas pendurado no volante e uma

foto de Tarik colada no painel. Além disso, havia três motocicletas, um Land Rover empoeirado e dois outros carros em tão mau estado que Richard duvidava de que ao menos dariam a partida.

Não ousou ligar as luzes, mas felizmente havia uma leve claridade no céu, talvez a lua do outro lado da areia, que fornecia luz apenas suficiente para que ele enxergasse.

Examinou o primeiro jipe, ainda sem ideia do que poderia encontrar. Não havia nada na frente ou atrás, só os bancos rasgados e o resíduo de areia. Abriu o capô e olhou o motor, depois fechou sem fazer barulho. Ainda não sabia o que estava esperando encontrar, mas tinha ouvido o capô se fechando, portanto devia haver algo no motor que tivesse interessado a Tarik e seus homens. Fez o mesmo com o segundo jipe, mesmo tendo certeza de que estava perdendo

tempo. O que estaria procurando? Estava sendo ridículo.

Abriu o capô e olhou dentro.

Não.

Não era possível. Não acreditava no que estava olhando.

Richard soube que precisava tomar a decisão mais difícil de sua vida. Baixou o capô de novo, mas muito, muito lentamente. Por um instante, ficou parado, as mãos pousadas no metal.

Olhou pela janela e viu o colar de contas pendurado no volante. Pensou na foto colada no painel.

É. Isso podia ser feito. Mas seria a coisa certa?

Decidiu-se. Não havia outro modo. Afastou-se do jipe, procurando uma chave de fenda.

Trinta minutos depois retornou ao prédio onde ele e Scarlett estavam alojados. Chegou no instante em que Samir estava saindo, e o segundo no comando olhou-o cheio de suspeitas.

— O que estava fazendo lá fora? — perguntou ele.

— Eu só estava esperando aqui — respondeu Richard, com ar inocente.

— Eu disse que não deveriam sair do quarto.

— Eu precisei sair do quarto porque Scarlett estava passando mal. Como ela está?

Samir fez um muxoxo.

— Não há nada errado com ela. Está reclamando de dor de estômago, mas o médico a examinou e não achou nada errado.

— Bom, todo cuidado é pouco — murmurou Richard. — Toda essa comida estrangeira...

Samir não achou engraçado.

— Você precisa entrar agora. — O guarda que estivera ali desde o início havia reaparecido, e Samir falou algumas palavras em árabe. — É tarde — disse a Richard. — Vamos vê-los amanhã.

— Seis horas — respondeu Richard. — Devo dizer que vou ficar feliz em sair daqui.

Samir não respondeu. Partiu para a noite.

Scarlett estava esperando Richard quando ele chegou.

— Achou alguma coisa? — perguntou ela. — Eu fiz a maior confusão. Um monte deles veio

aqui. Eu fiquei gemendo e revirando os olhos, e eles me fizeram beber um remédio horrível, e depois eu fingi que estava melhor. Não sabia quanto tempo você ia ficar fora.

— Acho que foi perda de tempo — disse Richard.

— Então você estava errado.

— É o que parece. Talvez fosse melhor a gente dormir um pouco...

Ele não podia contar o que achara. Nem podia contar o que tinha feito. Tinha decidido que precisaria ir em frente e esperar que tudo acontecesse como desejava.

Só rezava para não ter cometido um erro terrível.

DEZESSEIS

Às 6 horas ainda estava escuro. Se o sol havia nascido, ainda não tivera força de romper as nuvens. Ventava mais, e a areia estava mais maligna do que nunca, correndo pelo chão, chicoteando qualquer carne exposta, cegando qualquer um que ousasse olhar na direção errada.

Richard e Scarlett estavam com as roupas que usavam no dia da chegada — lavadas e até passadas para eles na noite anterior. Richard levava a mochila nos ombros. Albert Rémy apareceu com um traje de safári amarrotado, o tipo de coisa que um arqueólogo usaria quarenta anos antes, carregando uma mala amarrada com tiras de couro. Fazia muito tempo que morava no Cairo, e Richard se perguntou o que existiria de tão valioso que ele precisasse carregar pessoalmente. Talvez a mala estivesse cheia de areia, lembrança de seu tempo no deserto. O

francês parecia nervoso e empolgado. Esse era o dia que estivera esperando. Depois de dez longos anos, finalmente havia encontrado Scarlett e ia levá-la para continuar a luta.

Richard ficou olhando enquanto os dois jipes eram tirados da garagem, de marcha a ré, e deixados com os motores ligados. Ao mesmo tempo, Tarik veio marchando pelo complexo, com

Samir e mais três soldados rebeldes, todos armados. Ele estava mais bem disposto do que quando o tinham visto da outra vez. Segurava o que parecia um celular na mão direita, mas quando se aproximou enfiou-o no bolso.

— Bom dia! — exclamou. — Ouvi dizer que você passou mal ontem à noite, Scarlett. Espero

que esteja melhor.

— Acho que era só nervosismo — respondeu Scarlett.

— Você tem todo o direito de estar nervosa. Vai começar uma longa jornada: dois mil quilômetros. Vão demorar uma semana, mas a estrada é reta. Ela passa principalmente pela Arábia Saudita, que no momento está calma. A guerra lá acabou. Houve muito poucos sobreviventes. — Talvez as palavras fossem mordazes, mas Tarik parecia bastante sincero. Ele tirou os óculos e limpou-os na manga. — Estão prontos?

— Só uma pergunta — disse Richard. E fez um gesto para o jipe. — Vamos até Dubai num

desses aí?

— Ah, não. — Tarik sorriu. — Arranjei uma coisa muito mais confortável. Vou explicar tudo

no caminho. Temos um ponto de encontro a cerca de uma hora daqui.

— E com quem vamos encontrar?

— Com o homem que vai levá-los a Dubai. Eu vou com você, Scarlett e o Sr. Rémy. Samir e

os outros seguirão no segundo veículo. Aconselho a ficarem de cabeça baixa e bem longe da janela. É cedo demais para um atirador escondido, e a areia vai dar cobertura, mas nunca se sabe...

Os oito se dividiram e foram para os dois jipes. Richard fez uma pausa. Esse era o momento

da verdade. O jipe com as contas e a foto estava na esquerda. Era o segundo veículo que ele havia examinado na noite anterior. Deliberadamente foi na direção do outro jipe. Mas Samir o impediu.

— Vocês vão neste — disse ele. — É mais confortável.

— É muita consideração sua — respondeu Richard.

Tarik subiu no banco do motorista, com o colar de contas pendurado no volante e quase tocando seu colo. Richard sentou-se ao lado dele na frente. Scarlett e Rémy foram atrás. Assim que todo mundo estava pronto, um dos guardas deu um sinal da torre de vigia e dois homens

correram, abrindo o portão de metal. Tarik engatou a marcha e, pela primeira vez em mais de duas semanas, Richard se pegou saindo do complexo. Havia uma sensação ruim em seu estômago, e ele sabia que estava cheio de ansiedade com relação ao que havia adiante. Ainda não tinha certeza de que tinha feito a coisa certa. Na próxima hora, tudo poderia dar horrivelmente errado. Mesmo assim não lamentava estar saindo do complexo.

Seguiram lentamente pelas ruas do Cairo, os dois veículos mantendo-se juntos,

constantemente alertas para forças do governo a pé ou em comboios. A areia uivava em cada esquina, e era difícil distinguir entre as paredes que subiam e desciam diante deles e as que ficavam no mesmo lugar permanentemente. Na verdade, havia tanta areia sendo jogada no para-brisa que Richard ficou surpreso por Tarik conseguir ver o caminho — mas talvez ele conhecesse aquelas ruas tanto por instinto quanto por qualquer outra coisa. Enquanto prosseguiam com o motor roncando, Richard se lembrou da jornada de vinda. Ele havia ficado pasmo ao ver que não restava muita coisa pela qual valesse a pena lutar nesta cidade. Agora pensou a mesma coisa. A cidade do Cairo havia abandonado há muito tempo qualquer sentimento de vida ou vitalidade. Não havia ninguém à vista. Era como se o deserto tivesse decidido entrar e enterrá-la numa tumba gigantesca.

Mas enquanto deixavam a metrópole para trás, a tempestade começou a amainar e Richard

pôde ver mais detalhes: metades de prédios com janelas despedaçadas e portas pendendo, pilhas intermináveis de entulho, um viaduto que fora explodido ao

meio e se projetava no ar como uma grotesca escultura de concreto. Agora eles estavam mais expostos, seguindo uma estrada de seis pistas que um dia devia ter ficado engarrafada com o trânsito. Se algum avião de Akkad passasse acima por acaso, eles seriam alvos fáceis e, sabendo disso, os motoristas aceleraram, ansiosos para sair da cidade. Passaram por uma área aberta por trás do que devia ser um quilômetro e meio de arame farpado. Scarlett deu um tapinha no ombro de Richard e apontou.

Um avião, um Boeing 747, estava caído de lado, com uma asa dobrada e a fuselagem amassada,

meio enterrado na areia.

— O aeroporto do Cairo — disse Tarik, as primeiras palavras que ele falava desde que haviam

saído.

— Não há voos para Dubai? — perguntou Richard.

— Não há voos para lugar nenhum.

Continuaram por mais trinta minutos e o tempo todo o clima melhorava, até quase parecer

um dia normal, o sol quente no céu e a areia imóvel pela primeira vez. Richard se perguntou se era algo a agradecer. Aquilo os tornava mais visíveis. Mas, ao mesmo tempo, significava que

podiam ver para onde iam, e se iam partir na longa jornada para Dubai, precisariam de uma rota limpa. Agora estavam seguindo por uma avenida ampla, sem qualquer carro a não ser os que tinham sido incendiados e abandonados no acostamento.

— Vou levá-los até o motorista que vai com vocês a Dubai — disse Tarik, falando alto para que Scarlett e Rémy, no banco de trás, também escutassem. — Ele está esperando vocês com um Land Cruiser. O carro tem um tanque de noventa litros cheio de óleo diesel e está carregando mais cem litros, o que deve ser suficiente. Ele está equipado com uma bússola e mapas, água e rações básicas. Se vocês se perderem no deserto, vão morrer. Por isso, aconselho a não

saírem da estrada.

— Quem é esse tal motorista? — perguntou Richard.

— O nome dele é Ali. Ele fez essa viagem muitas vezes. Vocês não precisam se preocupar.

Ficarão em segurança. — Tarik parou o jipe. O outro chegou ao lado. Ele puxou o freio de mão.

— É aqui que saímos — disse.

Tinham chegado à crista de um morro baixo, sem nada em volta a não ser algumas palmeiras

inclinadas. Pegando uma pistola que estava à cintura, Tarik correu para a frente. Estava se mantendo abaixado — era quase um hábito — e se jogou na beira do morro, de modo a olhar

para baixo sem ser visto. Os outros fizeram o mesmo. À frente deles, o deserto se estendia até o horizonte com uma estrada única, uma faixa surpreendentemente moderna de concreto

amarelo-claro, formando uma linha reta o tempo todo. O morro em si descia por uns 200

metros até uma área cheia de entulho que continha uma pequena construção com janelas em arco e teto abobadado. Scarlett não sabia se era um depósito ou algum tipo de igrejinha. Mas não foi isso que atraiu seu olhar. Como Tarik nos avisara, um Land Cruiser relativamente novo nos aguardava com suprimentos e tanques de combustível de reserva presos em cima do teto.

Um homem estava esperando, usando uma roupa árabe tradicional.

Samir trazia um binóculo, e examinou a área.

— Ele está sozinho — disse em inglês, não em árabe. Richard notou a mudança.

Normalmente, quando os dois homens falavam entre si, usavam sua própria língua, mas Samir obviamente estava fazendo com que eles se sentissem mais

seguros.

— E o que acontece agora? — perguntou Richard.

— Agora vocês começam a viagem. Podem descer no jipe e deixá-lo lá. Vamos pegá-lo mais

tarde.

— Vocês não vão conosco?

Tarik balançou a cabeça.

— Isso não faz parte do trato. O motorista vai se encontrar com vocês, só com vocês. Se ele

vir mais de três pessoas se aproximando, irá embora antes de vocês o alcançarem. — Tarik viu a dúvida nos olhos de Richard. — Se você vivesse no meu mundo, entenderia. Todo mundo é muito cauteloso. Se não for cauteloso, morre. É melhor vocês saberem que estamos vigiando e

que, no caso improvável de vocês serem traídos, estamos prontos a ajudar.

Richard assentiu.

— Certo. Você é quem manda.

— Então vão agora. Não vamos perder tempo com despedidas. Já perdemos amigos demais

nos últimos anos e não gostamos dessa palavra. Só vou desejar boa sorte. Espero que encontrem o que estão procurando em Dubai.

Richard, Scarlett e Rémy voltaram para o jipe que os trouxera até ali. O outro estava ao lado, mas o motorista continuava parado na frente, como se os alertasse para ficar longe. Foi então

que Richard teve certeza de que tinha razão. Não podia haver mais dúvida.

— Ouçam — sussurrou Richard. — Isso é uma armadilha. Não sei quantos estão esperando por nós naquela construção lá embaixo, mas eles não vão deixar que a

gente chegue perto de Dubai.

— Você está errado — começou Rémy.

— Não diga que estou errado — disse Richard rispidamente. — E, por favor, não me faça mais nenhum sermão sobre o seu maravilhoso Sr. Tarik. Porque, francamente, já estou cheio. —

Ele parou junto à porta e se virou para o francês. — Só por curiosidade, você sabia que aquelas crianças nas camas do hospital são soldados?

— O que você está falando?

— Você sabe muito bem do que estou falando. Pare de brincar comigo. Sabia ou não?

Rémy ficou quieto. Parecia sentir vergonha.

— É — disse Richard lentamente. — Foi o que pensei. Você sabia o tempo todo, mas deixou

Tarik fazer o que queria porque, como todo mundo, faria qualquer coisa para apoiá-lo. Ele é um herói, não é? O salvador do Cairo. — Richard abriu a porta com violência. — Bom, se você me

perguntar, ele é tão mau quanto o marechal de campo Karim el-Akkad. Não conheço nenhum deles pessoalmente, mas não sei se acharia fácil escolher entre os dois.

— Richard... — Scarlett parecia chocada.

Os três entraram no jipe.

— Há outra coisa que vocês devem saber — continuou Richard. — Isso não vai tornar essa viagem muito agradável, mas neste momento nós poderíamos estar sentados em cima de dez quilos de explosivo plástico.

— O que você...? — A voz de Rémy saiu abafada. Ao lado dele, Scarlett ficou muito pálida.

— A coisa é a seguinte. — Richard deu partida no carro, depois o engrenou e eles saltaram

adiante. Havia uma trilha descendo pela lateral da encosta. Eles demorariam dois minutos para chegar ao homem que estava esperando-os embaixo. — Tarik queria que Scarlett matasse Akkad. Para ele, matar o marechal de campo é como um Natal fora de época, se é que eles têm

Natal aqui. Ela recusou porque, surpresa!, não é uma assassina a sangue-frio. Então Tarik bolou um plano B. Qual é a única coisa, em todo este país desgraçado, que tiraria Akkad do esconderijo? O que Tarik poderia oferecer a ele que o levaria a arriscar o próprio pescoço?

— Eu... — respondeu Scarlett com uma única palavra.

— Exato. — Richard olhou a foto em preto e branco do líder da resistência, grudada à sua frente. Tarik parecia muito jovem, muito honesto. Talvez um dia ele tivesse sido assim. Quando começou, devia ter como objetivo salvar o mundo. — Tarik não precisava mais de Scarlett —

continuou ele. — Por isso, decidiu usá-la. Iria transformá-la num atentado suicida; e você e eu junto com ela, Sr. Rémy. Aposto o quanto quiser que aquele homem esperando ao lado daquele

Land Cruiser muito tentador é o próprio marechal de campo Karim el-Akkad. Este era o acordo

feito. Ele pode nos pegar, mas primeiro precisa aparecer e mostrar a cara. E, assim que chegarmos suficientemente perto, Tarik vai apertar um botão e nos fazer em pedacinhos... você, eu, Scarlett e Akkad também. Neste momento, estamos entregando o pagamento.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Rémy. Sua voz estava rouca.

Já estavam na metade do morro. Agora podiam ver o sujeito com muito mais clareza. Era de

meia-idade, barrigudo, quase careca com um pouco de cabelos grisalhos. Olhava-os

atentamente.

— Por dois motivos — respondeu Richard. — Em primeiro lugar, se realmente há combustível

naquele carro, eu o quero. Qualquer lugar é melhor do que o Cairo, e se a gente chegar a Dubai, talvez seja possível encontrar uma saída deste continente maldito. E em segundo, porque a bomba não está mais neste carro.

— Onde...?

— Eu a descobri ontem à noite quando Scarlett fingiu que estava doente. Levantei o capô e

ela estava ali.

— E você a desmontou?

— Claro que não. Eu não podia mexer na bomba. Havia fios demais e eu tinha medo de acabar me explodindo. Mas parti para a segunda opção. Troquei uma foto e um colar de contas

que estavam no outro carro. Até encontrei uma chave de fenda e troquei as placas. Afora isso, os dois veículos eram idênticos, e neste momento o com leva a bomba está lá em cima do morro. Então, quanto Tarik apertar o transmissor, e tenho certeza de que é ele quem o está segurando, todo mundo vai ter uma tremenda surpresa. E vai ser o momento em que começaremos a agir. Está me acompanhando, Scar?

— Estou. — Ela estava pronta para isso. Tudo que Richard contara, a fez decidir que não se

deixariam derrotar. Virariam essa situação em proveito próprio.

Ao lado dela, Albert Rémy pegou uma pistola e verificou se estava carregada.

Richard ficou surpreso.

— Você anda sempre com isso?

— Claro. — Rémy pôs uma bala na câmara. — Mas não acredito que Tarik faria isso, Richard.

Ele é um homem bom.

— Talvez tenha sido. Mas se você lutar numa guerra por tempo demais, no fim vai ser difícil

lembrar quem você era. Ele já viu sangue demais. E talvez areia demais. Eu diria que Tarik se transformou em tudo que ele próprio queria destruir.

Pararam. Richard desligou o motor.

— Espero mesmo que isso funcione — murmurou para Scarlett.

— Agora sei por que Matt tinha tanta consideração por você.

— Tinha? — Richard sorriu. — Ele nunca me disse isso.

Saíram.

E ficaram cara a cara com o marechal de campo Karim el-Akkad.

Ainda que Richard e Scarlett nunca o tivessem visto antes, sabiam que tinha de ser ele.

Depois de uma vida inteira usando uniforme, a túnica árabe parecia quase ridícula. O sujeito tinha rosto e olhos de soldado e estava examinando-os com prazer, indisfarçavelmente.

— Scarlett Adams — disse ele, e simplesmente ouvindo o modo como pronunciava seu nome, Scarlett sabia que o sujeito tinha pouco conhecimento de inglês. — Fico feliz em vê-la —

continuou ele, formando as palavras com cuidado, como se cada uma tivesse sido arrancada de

um dicionário.

— Imagino que seu nome não seja Ali — disse Richard.

— Não é.

Akkad levantou a mão frouxa, meticulosamente tratada. Era um sinal. Surgiram dois homens

armados, correndo da frente do prédio. Vestiam os mesmos uniformes verde-escuros que Richard e Scarlett tinham visto ao chegar. Um terceiro apareceu de um esconderijo no teto, apontando uma metralhadora.

— Para vocês, acabou — disse Akkad. Ele também havia sacado uma arma, que apontou para Richard. — O inglês morre aqui e agora. Ele já deveria ter morrido. A garota vem comigo.

— E o que você ganha com isso? — perguntou Richard.

— Minha recompensa será grande...!

Mas não foi além disso.

A explosão foi enorme e ensurdecedora. Veio de trás deles, do topo do morro de onde tinham acabado de sair. A força dela quase os derrubou, e bastou para fazer o sujeito do teto cair de joelhos. Toda uma torrente de areia e fumaça subiu do chão do deserto, descendo sobre eles. Não conseguiam enxergar. Mas mesmo nesse momento, no meio de todo o caos, Richard

sabia que Tarik pagara todo o preço por sua traição.

Talvez ele e seus homens tivessem sobrevivido à explosão, mas Richard duvidava. Mesmo que

tivesse tempo para isso, não sentiria pena. Os guerrilheiros tentaram transformar Scarlett e ele em bombas humanas, mas foram eles é quem sofreram as consequências. Como Tarik devia ter

adorado seu momento de triunfo ao apertar o botão! Ele havia detonado a bomba, achando que

ela estava no jipe em que os convencera a descer o morro. Tinha pensado que mataria seu maior inimigo, o marechal de campo Karim el-Akkad, mesmo matando os três juntos.

Richard estava em vantagem. Sabia o que iria acontecer, por isso foi o primeiro a reagir, jogando-se contra o marechal de campo, lutando pelo controle da arma. E Rémy também não hesitara. Por maior que fosse sua crença em Tarik, certamente ela fora despedaçada. Tinha visto imediatamente o perigo que corriam, e enquanto a explosão ecoava em seus ouvidos, disparou

três vezes. O homem do teto gritou e caiu para trás. Os outros dois tentaram devolver o fogo mas, ainda que um tivesse disparado duas balas, sua reação foi lenta e Rémy atirou neles.

— Richard! — Scarlett ficou olhando, horrorizada. A armadilha era maior e mais elaborada do que eles poderiam esperar. A toda volta, surgiam homens. Todos usavam camuflagem do deserto e deviam estar deitados até o momento da explosão, mas agora se levantavam da areia

como se saíssem de túmulos, uns quinze ou vinte, formando um círculo a cerca de cinquenta metros. Felizmente, não tinham ousado se aproximar antes. Não podiam se dar ao luxo de ser vistos. Mas já se moviam rapidamente, diminuindo a distância em relação aos três.

Nem todos eram homens. Scarlett viu uma criatura com cabeça e pinças de escorpião, outra

arrastando asas partidas, meio homem, meio águia. Eram as mutações que os Antigos criaram para servi-los, os alteradores de forma. A coisa-pássaro guinchou de raiva e correu para a frente.

O círculo se fechou.

Não havia nada que Richard pudesse fazer. Ainda estava lutando contra Akkad, com o rosto

do sujeito perto do seu, os olhos dele se arregalando. Richard até sentia o cheiro de alho no hálito do sujeito. Akkad estava com o dedo no gatilho, tentando girar a arma. Houve um disparo, perto e abafado. Richard ficou olhando. Mas não foi ele o atingido. Akkad tentou dizer alguma coisa, depois caiu de joelhos. Richard viu a luz nos olhos dele se apagar. Soltou-o e se virou.

Os atacantes estavam a menos de quarenta metros, aproximando-se por todos os lados, andando pesadamente na areia. Scarlett não pôde esperar mais. Sabia o

que precisava fazer.

Juntando cada grama de força, usou seu poder, assim como havia feito em Hong Kong.

Sentiu-o imediatamente, atravessando-a como uma brisa pelas pontas dos dedos. O efeito foi espantoso. Era como se um cometa invisível tivesse se chocado contra o deserto. Um sopro de vento veio de cima para baixo, fazendo a areia explodir para fora. Os soldados caíram, girando em cambalhotas e despencando no chão. Até os alteradores de forma foram obrigados a recuar.

O céu escureceu. O vento uivou.

— Para o carro! — Richard não conseguia se fazer ouvir, mas não precisava. Não havia outra

coisa a fazer. Eles estavam no olho da tempestade que uivava ao redor, ainda que o círculo imediato em que se encontravam estivesse calmo. Richard agarrou Scarlett e levou-a para o Land Cruiser. Rémy foi com eles, o rosto contorcido de dor, uma das mãos apertando o peito. Scarlett viu que ele tinha sido atingido por uma bala perdida e que o ferimento era feio.

Os três entraram, Richard no banco do motorista, Scarlett ao lado, Rémy esparramado atrás.

Não podiam ver nada. A areia formara um tornado ao redor — mas era uma barreira através da

qual nenhuma coisa viva poderia passar. Por um breve momento, Richard imaginou se Akkad também teria tentado enganá-los. E se não houvesse combustível no carro? Ele poderia nem mesmo funcionar. Mas quando virou a chave, o motor deu a partida imediatamente. Talvez o marechal de campo estivesse preocupado com a hipótese de os guerrilheiros mandarem um agente para examiná-lo antes. Por isso, decidira não se arriscar e dera exatamente o que fora pedido.

— Vocês estão bem? — gritou Richard.

Scarlett assentiu. Estava controlando o clima. Toda a sua atenção se concentrava em manter

a parede giratória de areia.

No banco de trás, Rémy gemeu e se encostou na lateral.

Richard engrenou o carro e eles partiram. Não podiam ver mais do que alguns metros à frente, mas a tempestade recuou para deixá-los passar. Gradualmente ganharam velocidade.

Não viram nenhum soldado nem alteradores de forma. Nenhum se aproximara.

O Land Cruiser partiu chacoalhando pelo deserto, deixando o Cairo para trás.

A ÁRVORE

DEZESSETE

Scott Tyler chegou à conclusão de que realmente não gostava muito de Pedro.

Estavam juntos naquela cela fedorenta durante... quanto tempo? Scott perdera a noção do tempo, mas devia ter passado mais de três semanas, talvez até um mês. Por mais tempo que fosse, Pedro nunca reclamava. Comia a comida nojenta que lhe davam e não pedia mais, ainda

que as porções fossem minúsculas e os dois estivessem passando fome. Nunca parecia se entediar. Quando tinham permissão de fazer exercícios — só uma hora por dia —, andava no pátio vazio sob o céu preto como se estivesse no Central Park. Também iam uma vez por dia ao complexo de chuveiros e toaletes, os cubículos arrumados em volta de um buraco no piso de concreto. A água era fria e eles só tinham alguns minutos para se lavar. Mas, aparentemente, ele não se incomodava. Era como se estivesse em outro mundo.

Além disso, Pedro nunca falava muito. Não era sua culpa. Tinha passado a vida inteira no Peru e só aprendeu inglês recentemente, principalmente a partir das conversas com Matt no mundo de sonho. Mas Scott tinha a impressão de que Pedro não falava mais porque não *queria* falar. Afinal de contas, os dois haviam conversado no início, quando foram capturados. Mas à medida que os dias passavam, Pedro se recolheu em si mesmo. E fez isso deliberadamente, Scott tinha certeza.

Examinou-o agora. Pedro estava estendido no catre com as mãos cruzadas atrás

da cabeça (nenhum dos dois tinha um travesseiro), olhando para o teto como se pudesse ler alguma coisa interessante ali. Não que soubesse ler, de qualquer modo. Pedro era muito menor do que Scott e, ainda que tivessem quase a mesma idade, parecia cinco anos mais novo, com a pele lisa e os olhos castanhos inocentes de um menino de 10 anos. O cabelo preto fora cortado curto, com uma franja que ia em linha reta de uma orelha à outra. O tipo de corte que você teria no tempo da escola primária. Mesmo antes de receberem rações reduzidas, Pedro era incrivelmente magro.

Como um bicho-pau. Esse era o nome que Scott lhe dera, e até o usava de vez em quando.

— Então, diga o que acha, Bicho-Pau...

Scott achava engraçado porque Pedro não sabia o que isso significava. Provavelmente achava

que era uma expressão de amizade.

Scott ainda achava difícil acreditar que tinham sido jogados juntos depois de Hong Kong, como se por um azarado lance de dados. Por que não podia ter ficado com Scarlett ou mesmo

Matt? Por que não seu irmão? Ele não se incomodaria se estivesse sozinho. Qualquer coisa seria

melhor do que isso.

Sabia, claro, o que havia acontecido naqueles últimos segundos no templo. Todos tinham corrido pela porta sem pensar, sem saber aonde iam. Assim, em vez de levá-los a um lugar seguro, a porta os espalhou como sementes ao vento. Era culpa do Matt. Ele dera a ordem de

saírem dali antes que a tempestade matasse todos, e talvez estivesse certo, mas não tinha pensado direito. Só uns segundos... era o que demoraria. Ele poderia tê-los mandado de volta a Cuzco ou Londres, ou a qualquer lugar onde pudessem estar todos juntos. Mas estava apavorado e simplesmente correu. Talvez ele não fosse exatamente o líder que achava que era.

E, por sinal, ir a Hong Kong tinha sido um erro quase com certeza. Ir atrás de

Scarlett significou entrar na armadilha mais óbvia, algo que Scott observara desde o início... não que alguém tivesse prestado atenção. E Matt ainda o separou de Jamie. Como podia ter feito isso?

Pensando bem, Scott gostava de Matt menos ainda do que de Pedro.

Scott e Matt nunca se deram bem, desde o momento em que ele e Jamie chegaram a Cuzco,

no Peru, no fim de uma longa jornada que quase os matou. Scott já fora capturado uma vez.

Tinha sido aprisionado e torturado por uma mulher, Susan Mortlake. (Scott não conseguia pensar nela sem vê-la... o pescoço comprido e fino, os óculos, os olhos porcinos.) Ela queria que ele usasse seus poderes para ajudá-la a matar um senador dos Estados Unidos, e no fim ele concordou. Qualquer coisa para parar com a dor. Será que isso era tão errado assim?

Ao mesmo tempo, Jamie estivera ocupado. Tinha fugido de um centro de detenção juvenil em Nevada, viajado no tempo, lutado na primeira batalha contra os Antigos e terminado do lado vitorioso. Durante toda a vida, Scott cuidara de Jamie, agindo como irmão mais velho, mesmo eles sendo gêmeos. Mas desde o momento em que Matt havia aparecido no radar, de algum modo ele fora rebaixado. Jamie era o herói. Scott era o fracassado, indigno de confiança. O pior momento foi quando Matt decidiu levar Jamie para Londres, deixando Scott para trás.

Não. Era pior do que isso... Jamie concordou sem questionar. Depois de tudo que tinham passado juntos, Jamie simplesmente virou as costas e o traiu.

Todos esses pensamentos confusos passavam pela mente de Scott, deitado na cela com frio e

sujo, usando roupas que não trocava durante semanas, lembrando-se de como tinha chegado ali

e imaginando o que aconteceria depois.

Ele e Pedro passaram pela porta em Hong Kong. Ainda podia ver: as paredes desmoronando,

o vento uivando. Tinham saído no claustro de algum tipo de igreja, que parecia antiga e arruinada. O céu era de um acinzentado sujo e cheirava a cinzas. Teria havido um incêndio gigantesco ali perto? Como desejava que tivessem voltado pelo mesmo caminho! Mas cinco segundos de curiosidade acabaram com eles. Ia dizer alguma coisa a Pedro. *Talvez não seja boa ideia. Talvez a gente devesse tentar achar os outros.* Mas as palavras não saíram de sua boca. De repente viram homens correndo em direção a eles, vindo de todos os lados, figuras com uniformes pretos, armas nas mãos e mais armas penduradas nos cintos. Ouviu gritos. Então alguma coisa o acertou na lateral do rosto e o mundo virou de cabeça para baixo enquanto ele despencava no chão. Tentou se levantar, mas um pé acertou suas costas. Suas mãos foram agarradas e amarradas atrás.

Não havia nada que pudesse fazer enquanto o levantavam e carregavam para dentro do prédio. Esteve certo ao pensar que era uma igreja — as portas não estavam escondidas em lugares religiosos de algum tipo? Enxergou vitrais e, numa parede, uma estátua da Virgem Maria com manto azul, se bem que ela estava desfigurada, com os olhos rasurados. Todo o lugar

parecia vazio. Ele só conseguia ouvir os sons de seus captores arrastando-o mais para dentro, subindo uma escada, seguindo por um corredor e passando por um anteparo de madeira.

Ninguém havia dito ainda nada a ele. Tudo parecia estar acontecendo incrivelmente depressa.

Ouviu um trinco sendo puxado. A porta se abriu. Então o empurram para uma saleta que poderia ter sido um escritório ou uma cela, com piso de pedra, uma minúscula janela gradeada, um colchão e um balde de plástico. Pensou que Pedro seria jogado ali dentro com ele, mas acabou ficando sozinho. Um dos guardas se ajoelhou e Scott sentiu uma faca afiada cortando as amarras de plástico em seus pulsos. Suas mãos se soltaram. Um dos homens — careca, barbado,

olhos escuros — estava ao lado dele. Scott se virou e cuspiu no rosto dele. O sujeito o encarou por um breve momento, e havia fúria sombria em seus olhos. Mas ele devia ter recebido ordens rígidas de não ferir o prisioneiro. Simplesmente se empertigou e saiu.

Scott passou os três dias seguintes ali. Pela janela, não dava para ver nada. Havia

uma parede em frente, e ele só podia ter noção das horas pela luz se refletindo nos tijolos. Ninguém falava com ele. Ninguém o deixava sair do cômodo. O careca trazia pão e água, e ocasionalmente uma

tigela de sopa rala. Pegava o balde e o esvaziava. Mas ignorava as perguntas que Scott fazia:

“Onde estou?” “Cadê o Pedro?” “O que vocês querem de mim?” Scott tentava provocá-lo, xingando-o, usando cada palavrão que conhecia. Era perda de tempo. O sujeito não demonstrava reação.

Scott continuou com raiva. Precisava da raiva para sobreviver, porque se pensasse racionalmente em sua situação, em seu desamparo total, sabia que ficaria apavorado. Então, culpava Pedro e Matt até mesmo Jamie. Sem exercícios de verdade, andava na cela, batendo com a palma da mão nas paredes de pedra até a pele se partir e sangrar. Oito passos de uma parede à outra, oito passos de volta. Era um animal enjaulado, marcando o território. Se ficasse muito mais tempo ali, talvez enlouquecesse.

Mas depois de três dias, vieram pegá-lo de novo. Ele estava deitado encolhido no colchão, dormindo, quando sentiu mãos agarrando-o, e antes que pudesse reagir, puseram um saco sobre sua cabeça e os pulsos estavam mais uma vez amarrados às costas. Não conseguia enxergar. Mal conseguia respirar. Foi apanhado e arrastado para fora, e percebeu que não poderia fazer absolutamente nada. Era o mesmo que estar morto. Pegou-se gritando, todo o corpo se retorcendo, mas os homens não se importavam. Pensou ter ouvido um deles gargalhar

e chutou com mais força ainda.

Levaram-no para cima. Scott podia avaliar o progresso pelos pés batendo nos degraus.

Deviam ter passado por uma porta, porque sentiu ar contra as mãos e cheiro de queimado —

mesmo com o pano grosso apertando seu rosto. Ouviu o gemido de um helicóptero, e o vento

dos rotores bateu nele enquanto era empurrado para dentro — não para um

assento, mas para

o chão. Seus ombros roçaram em outra pessoa.

— Pedro! — exclamou ele.

— Scott! — O grito vinha de perto, e sentiu um jorro de alívio. Tinha ficado feliz em ter Pedro ao lado naquela hora, precisava admitir, mas isso havia sido muito tempo atrás. E à medida que as horas viravam dias e os dias viravam semanas, Scott descobriu que tinha mudado.

Talvez fosse a raiva que o estivesse mudando. Estava se acostumando a ficar sozinho. De modo estranho, isso o deixava mais forte.

Essa nova prisão devia ser em algum tipo de castelo, a julgar pela aparência, com paredes grossas, janelas minúsculas e ameias. De dia era frio e de noite muito pior, mas mesmo assim cada um tinha apenas um cobertor, e tremiam durante horas antes que o sono chegasse. O

pátio de exercícios ficava no fim de um corredor curto e caiado, com apenas uma porta no caminho, dando no toalete e no complexo de chuveiros. Afora os homens que os levavam e traziam, não tinham encontrado mais ninguém. Scott achava que os guardas eram

provavelmente italianos. Tinha visto acrobatas de Roma uma vez, quando estava se

apresentando no teatro em Nevada, e eles tinham a mesma aparência, mas nenhum deles falava

qualquer coisa. Se algum dos garotos hesitava ou se recusava a sair da cela, eles batiam com cassetetes curtos e pesados, que não quebravam os ossos, mas deixavam hematomas cor de ameixa que permaneciam durante dias.

Scott preferia ter ficado na igreja, ou o que quer que fosse, porque (deu um meio sorriso ao pensar) pelo menos tinha um quarto só para ele. Estava farto de ficar com Pedro dia e noite...

não que houvesse muita diferença entre o dia e a noite. Não havia janela, nem TV, nada para ler.

Nada do que falar. Scott desistira de pensar nos outros. Nem sabia se ainda estavam vivos. Na última vez em que vira Scarlett, ela tinha levado um tiro na cabeça.

A bala teria matado Jamie se não fosse eu.

Ninguém o agradecera. Simplesmente mandaram-no embora, empurrando-o pela porta até

chegar a uma cela com Pedro. E era onde estava agora. Só os dois. Presos.

Scott fechou os olhos e tentou se perder na escuridão, na raiva e no silêncio.

Pedro não entendia o garoto americano.

Sabia o que Scott tinha passado. Antes de chegar ao Peru, ele fora aprisionado por pessoas

que trabalhavam para os Antigos e eles usaram drogas, privação do sono, choques elétricos e surras para dobrar sua mente e dominá-lo. Pedro tinha um poder especial. Era um curandeiro.

Mas isso significava entender e até mesmo sentir a dor de alguém que vinha até ele, e com Scott isso era quase insuportável. Pedro conhecera muitas coisas ruins na vida. Tinha conhecido pessoas cruéis. Em Lima, havia criminosos e policiais, e às vezes era difícil decidir qual das duas opções era pior, mas ainda achava incrível alguém ter decidido machucar Scott daquele jeito.

Matt havia deixado os dois juntos na esperança de que Pedro pudesse curá-lo — e Pedro tinha tentado. Sem dizer nada, tinha ficado perto de Scott, porque era assim que a coisa funcionava. Era como ser um ímã e de algum modo atrair a dor para fora.

Mas logo Pedro percebeu que desta vez a coisa não funcionaria. Era quase como se Scott não

quisesse melhorar. Os dois tinham se visto todos os dias em Vilcabamba, a cidade secreta dos incas, mas nunca houvera qualquer amizade entre eles. Scott quase parecia culpar Pedro pelo que acontecera com ele, e foi enquanto estavam em Vilcabamba que ele começou a chamar Pedro por um apelido — Bicho-Pau.

Ainda que Pedro não entendesse exatamente o que ele queria dizer, sabia que era alguma coisa idiota e pejorativa. *Bicho*. Era a mesma palavra em espanhol. O insulto não o incomodava. Mas preocupava-o o fato de Scott ser tão hostil. Eles não deveriam ser os Cinco? Isso não significava cuidarem uns dos outros?

Os dois só estavam juntos por aproximadamente uma semana, mas no fim desse tempo Pedro teve certeza de que não poderia fazer nada. Algo dentro de Scott se quebrou, e nada no mundo iria consertar de novo. Secretamente se perguntava se Matt teria tomado a decisão certa ao separar os dois irmãos. Pedro tinha visto como eles eram próximos. Talvez Jamie pudesse ajudar. Ele, mais do que qualquer pessoa, sabia o que acontecia dentro da cabeça do irmão.

Até que, de repente, Scott anunciou que ia deixar a segurança do Peru e viajar para Hong Kong. Pedro não questionou. Na verdade, ficou satisfeito. Parecia um bom sinal Scott querer

ajudar Jamie. Talvez ele estivesse melhorando, afinal de contas.

Os dois tinham ido a Cuzco, a antiga cidade inca, e depois cruzaram o mundo até Hong Kong, chegando no meio de uma tempestade incrível com caos e destruição a toda volta. Pedro

só tivera tempo de ver Matt outra vez. Jamie estava ali — e também Richard, o jornalista inglês.

Pôde ser de relance Scarlett, a garota que todos queriam salvar.

Os cinco estavam juntos no templo, e por um breve momento, Pedro pensou que tudo havia

acabado, que eles teriam força para fazer o que deviam, e que depois disso poderiam todos ir para casa. Mas então alguém disparou um tiro. A garota foi atingida. O templo desmoronou e todos foram obrigados a escapar pela porta que trouxera Pedro e Scott havia apenas alguns instantes.

Mas a porta não os levou de volta a Cuzco.

Scott fora o primeiro a passar, e Pedro teve certeza de que Matt e Jamie estavam logo atrás.

Em seguida, houve um momento de escuridão, quase como um piscar de olhos, e ele percebeu

que Scott ainda estava na frente e que agora ninguém mais estava com eles. Estavam sozinhos

num corredor com um retângulo de luz, um pátio à frente. De Cuzco a Hong Kong, e agora onde quer que fosse... parecia que não teriam como escapar um do outro.

Scott olhou para trás e viu o que tinha acontecido.

— Pedro? — Havia raiva em sua voz. — Cadê os outros?

— Não vieram.

— Jamie estava lá. Eu vi. Eu impedi que ele levasse o tiro. Ele deve ter vindo com a gente. Ele estava logo ali!

— Não tem ninguém.

— Onde a gente está? — Scott poderia fazer a pergunta a si mesmo. Pedro não fazia ideia.

— A gente deveria voltar — disse Pedro.

— Não. — Scott olhou adiante. — Vamos ver onde estamos.

E esse foi o erro que cometeram. Pedro pensou nisso agora, como vinha pensando com frequência. Eles poderiam ter dado meia-volta; mais dois ou três passos e retornariam à porta.

Como as coisas seriam diferentes se eles voltassem a Hong Kong — ou se fossem para qualquer

outro lugar no mundo! Em vez disso, se esgueiraram à frente saindo num pátio com luz acinzentada, mato brotando no que devia ter sido um jardim e uma fonte de pedra rachada, quebrada e sem água. Ele só teve tempo de ver que estavam no claustro de uma igreja antiga e abandonada.

Scott ia dizer alguma coisa — talvez gritar um alerta — mas um grupo de homens surgiu correndo de lugar nenhum, vestindo uniformes pretos e carregando cassetetes e latas de spray de pimenta, que Pedro reconheceu instantaneamente devido aos seus anos nas ruas de Lima.

Eles não tinham chance. Viu um dos homens girar o cassetete e derrubar Scott, e saltou para ajudá-lo. Alguém o agarrou e ele sacudiu os pés e os braços, tentando morder quem o segurava.

Então ouviu um sibilo fraco e sentiu algo úmido na pele. Um segundo depois todo o seu rosto explodiu em agonia, as lágrimas escorrendo pelas bochechas. Seus olhos e a garganta queimavam. Quando tentou respirar, sugou o fogo para os pulmões. Cego e impotente, sentiu

os braços sendo forçados para trás e supôs que exatamente a mesma coisa estaria acontecendo

com Scott.

Soube de muito pouca coisa até que a dor foi sumindo e ele se viu sozinho numa cela em algum lugar dentro do prédio. Chamou Scott, mas não teve resposta. Agora com suas mãos livres, ele esfregou os olhos, trabalhando pacientemente até que a visão se restaurasse por

inteiro. Já havia adivinhado que os homens tinham esperado por eles. O ataque fora bem planejado e executado sem qualquer hesitação, mas como isso seria possível quando nem ele e

nem Scott sabiam aonde iriam chegar?

Três dias se passaram. E então, enquanto estava dormindo, eles foram buscá-lo, amarraram-

no, puseram um saco em sua cabeça e o trouxeram para cá.

A princípio, Pedro ficou feliz por ver Scott, mas esse sentimento desaparecera desde então.

Estava preocupado. Não tinha qualquer ligação com o outro garoto. Não havia ao menos uma sugestão de amizade. Eles mal falavam um com o outro. Talvez

Scott estivesse com medo —

mas Pedro sabia que outra coisa estava acontecendo. Era pior do que isso. Scott havia permitido que eles entrassem na sua cabeça. Talvez fosse resultado de tudo pelo qual ele passara, mas ele estava mudando. Gradualmente, dia a dia, estava se tornando um deles.

Pedro dormia. Era sua única fuga. E quando estava dormindo, se pegava no mundo de sonho

em que conhecera Matt. Era como sempre — um deserto desprovido de cor e vida, onde as nuvens nunca se moviam e a paisagem nunca mudava. Apesar de tudo ser tão morto, Pedro sentia-se confortável ali. Tinha certeza de que, de algum modo, esse mundo estranho estava do seu lado. Esperava encontrar os outros ali, mas, não importando o quanto viajasse, não chegava a lugar nenhum e estava sempre sozinho.

E então, uma noite, viu uma coisa.

Era tão extraordinário que a princípio pensou que estava imaginando; um sonho dentro de um sonho. Era uma árvore, crescendo sozinha no meio de um terreno estéril. Não existia nada num raio de mais de um quilômetro ao redor, nem mesmo um tufo de mato — na verdade, era

o primeiro sinal de vida que Pedro tinha visto naquele mundo. A árvore não tinha cor. Como todo o resto, era de diferentes tons de preto e cinza, como as imagens no velho aparelho de televisão que antigamente ficava na praça da aldeia onde ele nasceu. Era uma palmeira com um tronco grosso e redondo, subindo na direção do céu e, lá no alto, uma bola de folhas serrilhadas que pareciam ter sido capturadas enquanto explodiam para fora. Pedro andou naquela direção,

sabendo que ela não estava ali momentos atrás, que não tinha visto a palmeira no horizonte. Ela simplesmente havia aparecido diante dele, e era impossivelmente enorme.

A árvore preocupou-o. Sabia que o mundo de sonho mandava avisos — como o caubói e o

cisne gigante. As imagens nunca faziam sentido até o último instante, e aí era

tarde demais. Era isso que estava vendo agora? Será que a árvore estaria dizendo algo que ele precisava saber?

A porta da cela se abriu com um estrondo.

Dois guardas entraram. Instintivamente Pedro encolheu as pernas, preparando para se defender. Mas os homens não tinham vindo por sua causa. Foram até o Scott e puxaram-no de

pé.

E Scott não pôde se prevenir. Seus olhos se arregalaram. Sua voz falhou.

— Não! — gritou ele. — Eu não...!

Os homens gargalharam. Eram enormes, musculosos, vestidos com uniformes pretos. Pedro se levantou com dificuldade e saltou para a frente, mas não tinha chance contra eles. Um chutou-o e ele foi jogado com força contra a parede da cela.

Tudo acabou em alguns segundos. Scott sentiu seu braço ser segurado. A manga da camisa

foi puxada e houve uma pontada de dor quando uma agulha foi cravada em sua carne. Então eles o arrastaram para fora. A porta se fechou com força. A tranca foi acionada. E de novo Pedro estava sozinho.

DEZOITO

Scott nem tentou lutar. Os homens estavam segurando-o com muita força, e depois de tantas semanas sem exercícios, praticamente sem comida, ele estava fraco. Imaginou vagamente se iria morrer. Estavam levando-o para um andar acima. Será que haveria um pátio com uma estaca e

um pelotão de fuzilamento, como num filme antigo? Era o que isso o fazia lembrar, e a verdade era que não se importava. Estava farto daquela coisa toda. Queria que aquilo acabasse de um modo ou de outro.

Pararam diante de uma porta. Ouviu o girar de uma chave, e então estavam dentro de uma

sala muito iluminada que tinha um cheiro característico e provocava uma sensação familiar. Ela despertou lembranças que ele havia lutado para deixar para trás.

Os guardas soltaram-no.

Scott ficou parado, oscilando de pé. Quando captou o ambiente, sentiu um espasmo de terror tão violento que sua cabeça girou e as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto. Sentiu as forças se esvaindo das pernas de modo que elas mal o sustentavam. Achou que iria desmaiar.

Ouviu alguém gemendo e percebeu que era ele.

Isso era pior do que a execução. Era pior do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar. Ele conhecia aquela sala.

A cama com as tiras penduradas para os pulsos, os tornozelos e o peito. Os tubos de plástico pendurados. As caixas de metal brancas que bombeavam substâncias químicas em doses cuidadosamente medidas. A luz de consultório de dentista. Os cabos elétricos com ventosas que podiam ser grudadas em qualquer parte do seu corpo... na barriga, no pescoço, em cima do coração. Simplesmente ver aquilo trouxe de volta a dor que um dia o atravessou, separando-o de qualquer pensamento coerente. Ele estava nos Estados Unidos, na prisão chamada Silent Creek!

Devia estar. Essa era a sala onde havia sido preso da primeira vez.

Onde ele sofrera torturas.

— Olá, Scott.

Reconheceu a voz e levantou a cabeça, cheio de pavor. E ali estava ela, sorrindo, mesmo que

Scott soubesse que ela estava morta. Na verdade, tinha visto a mulher levar o tiro, bem na sua frente: uma bala na cabeça. Susan Mortlake. Era quem estava no comando, escolhendo os itens

do menu projetados tão cuidadosamente para destruí-lo. Ela escutava seus gritos, analisando-os como se fosse uma peça de música clássica particularmente

complexa, e então fazia as

recomendações. Um pouco mais alto, Sr. Banes. Vamos experimentar a faca, ou outra injeção.

Sempre sorrindo, sempre razoável. E Scott percebeu que não podia lhe dar nada que a satisfizesse. Ela não estava machucando-o porque precisava de informações. O que ela queria era ele.

Tinha visto quando Susan morreu; no entanto, ela estava ali, andando em sua direção, vestindo um paletó cinza-prateado e um vestido muito justo, quase restringindo os movimentos.

Viu seu cabelo curto, os óculos, o nariz fino e ligeiramente arrebitado, os lábios implacáveis.

Havia outra coisa. Um buraco circular bem no centro da testa. Enquanto ela o alcançava, Scott tombou à frente, vomitando, as mãos esparramadas diante do corpo. Não se importava com a

própria aparência. Não fingiria coragem. A verdade simples era que não aguentava mais.

Sentiu uma mão pousar em seus ombros.

— Scott? — perguntou a voz, mas agora era uma voz diferente. — O que é? Qual é o problema?

Ele levantou os olhos.

Devia ser a droga que tinham injetado nele, porque num instante a sala mudou. Não era mais

uma sala cirúrgica. E não era Susan Mortlake. Era um homem de terno, apesar de que, de um

modo estranho, ele se parecesse com ela. Também usava óculos, óculos redondos, e algo em seu rosto e na boca muito fina, fazia lembrar Susan Mortlake. O sujeito tinha cabelo claro, curto, quase militar, muito encaracolado. A pele era lisa, sem qualquer sugestão de barba ou bigode.

Parecia ao mesmo tempo perplexo e preocupado, como se não entendesse por que Scott desmoronava à sua frente.

E as máquinas sumiram, assim como a cama. Scott estava numa sala muito maior do que tinha imaginado — na verdade mais parecia uma câmara — com teto abobadado e um lustre com pelo menos cem velas. Será que ao menos havia eletricidade? A sala poderia ser moderna ou poderia pertencer à Idade Média. Era difícil ter certeza de qualquer coisa. Na lareira enorme, uma pilha de lenha ardia alegremente. O piso era de pedras, mas havia um grosso tapete antigo diante do fogo. Duas portas duplas, de vidro, davam numa varanda com uma balaustrada de pedra. Mesmo sendo o meio do dia, estava muito escuro. O céu parecia cheio de fuligem.

— Você está bem? — perguntou o homem.

Scott estava ajoelhado no chão. Olhou em volta, com medo até mesmo de piscar e da sala mudar de novo.

— Não quero machucar você — disse o homem. — Na verdade, eu trouxe um almoço.

Ele mostrou com um gesto. Scott não notou, mas também havia uma mesa na sala — ou talvez fosse parte do mesmo truque e ela tivesse aparecido de repente. A refeição fora servida para duas pessoas com pratos de queijo, frutas, carne fria, bolos e uma jarra com um líquido vermelho, como vinho. Havia pinturas nas paredes — retratos de pessoas que podiam ter morrido séculos antes — e uma tapeçaria antiga mostrando homens com arcos, perseguindo um

cervo. Nada disso estivera ali antes. Era como se tudo estivesse se arrumando em volta dele.

Como num sonho.

— Está com fome? — perguntou o homem. Scott não tinha apetite. Agora não. Mas

também tinha consciência de que não comia direito havia semanas. Seu estômago nunca estivera mais vazio. O homem estendeu a mão e o ajudou a se levantar. — Deixe-me dar uma mãozinha.

Você certamente parece ter atravessado guerras!

Scott estava sentado à mesa, mas não conseguia se lembrar de ter andado até lá. A cadeira

tinha a forma de um trono, com braços que se curvavam ao seu redor. A comida era muito

simples, mas o cheiro era absolutamente delicioso. Olhou para baixo. Incrivelmente, parecia estar usando roupas diferentes: calça preta e camisa preta. Era o tipo de roupa que era obrigado a usar quando trabalhava no teatro, só que o tecido era mais caro; um algodão tremendamente macio.

— Por favor, sirva-se.

O homem serviu um pouco do líquido vermelho, e Scott bebeu com vontade. Não era vinho,

mas tinha o mesmo efeito inebriante. Estava frio e doce; era algum tipo de suco de frutas vermelhas.

— Onde estou? — perguntou Scott.

— Em Nápoles. Na Itália. Você foi trazido de helicóptero da abadia de San Galgano. Foi onde

passou pela porta. Lamento o desconforto em que você ficou durante esse tempo, mas a notícia demorou até chegar aos Estados Unidos. Eu vim o mais rápido que pude.

— E o Pedro?

— O que é que tem? — O sujeito pareceu genuinamente surpreso por Scott ter perguntado.

— Quer que eu o convide aqui para cima?

Claro que Scott queria que Pedro estivesse ali. Não poderia deixá-lo sozinho numa cela gelada, comendo as migalhas que eram jogadas. Já ia dizer isso, mas talvez tenha hesitado só um pouquinho, porque o homem interveio de novo.

— Não queremos de fato o Bicho-Pau, não é?

— Não. — A palavra caiu pesada dos lábios de Scott. Sentia-se culpado, mas algo na voz do

homem o convencera. Não faltava comida na mesa, ele guardaria um pouco para dar a Pedro mais tarde.

— Foi o que pensei. — O homem sorriu de novo. — Pedro é muito diferente de você, Scott.

E devo dizer, infelizmente, que não temos muita utilidade para ele. Não vamos matá-lo. Disseram que não há muito sentido em matar vocês... só complica as coisas. Mas provavelmente vamos mantê-lo trancado até ele virar um homem muito velho. Talvez você possa visitá-lo de vez em quando se achar isso divertido, mas acho que você provavelmente vai se esquecer dele. De qualquer modo, aproveite. Deve estar morrendo de fome!

A comida estava à sua frente. Scott hesitou, ainda imaginando se isso era um truque e tudo

desapareceria no momento em que ele estendesse a mão. Pegou um pêssego. A sensação era macia e quente em sua mão. Olhou para o homem, que assentiu, e mordeu a fruta, deixando o

sumo escorrer pelo queixo. Era delicioso. Nunca havia provado nada igual. E assim que começou, pegou-se comendo vorazmente, nem mesmo usando faca e garfo, mergulhando na comida com

as mãos. O pão era fresco, o queijo macio, o presunto e o salame cortados finos e salgados. Em algum lugar no fundo da mente, Scott tinha noção do espetáculo que fazia. Estava se comportando como um animal. Mas não se importava. Era a primeira vez que comia direito em

um mês.

E o tempo todo o homem falava com ele numa voz agradável e absolutamente razoável.

Talvez uma hora tenha se passado. Talvez fossem só alguns minutos. Mais tarde,

Scott se lembraria de tudo.

— Não temos muito tempo — começou o homem. — Precisamos sair de Nápoles nas

próximas 48 horas, e temos uma longa jornada juntos... para você, é uma jornada em muitos sentidos da palavra. Neste momento, Scott, você tem uma escolha. Há uma decisão que você precisa tomar. E é a seguinte: você está comigo ou não? Ou, colocando de outro modo, quer viajar no conforto de primeira classe com um sistema de filme durante o voo e jogos de

computador para escolher — ou vai partir, nu, numa jaula? Ninguém está colocando nenhuma pressão. Ninguém vai machucar você. Você é que decide.

“Quer ser um herói, Scott? É isso que você quer? Tenho certeza de que você já leu muitos livros sobre heróis que queriam salvar o mundo. Eles nunca tinham nenhum motivo, na verdade.

Eram apenas pessoas comuns como você, mas eram heróis e, de algum modo, a coisa sempre dava certo para eles no final. Harry Potter. Batman. James Bond! Qualquer um deles.

“Mas você e eu sabemos que a vida real nunca foi assim. Não era tão simples. Você tentava

ajudar as pessoas, mas elas nunca agradeciam tanto. E eu diria que, se você olhasse para a maioria das pessoas que morava na sua rua, elas eram simplesmente más. Alguém algum dia tentou ajudar quando você era espancado pelos seus pais adotivos em Carson City? Acho que não. Elas estavam ocupadas demais seguindo com a própria vida para se preocupar com você.

“O fato é que, desde que o mundo começou, você e eu sabemos disso: a vasta maioria das

pessoas neste planeta só se interessa por si mesma. Quem são os heróis que sempre saíram nas primeiras páginas dos jornais? Vou dizer. Jogadores de futebol andando em carros potentes.

Atores e cantores com suas drogas e seus salários gordos. Modelos andando empinadas em passarelas por todo o mundo. As pessoas nunca eram julgadas

pelo que faziam. Eram julgadas pelo que ganhavam, e não importava que o resto do mundo estivesse passando fome. Aqueles

eram os heróis. Todo mundo queria ser como eles!

“Se você quer saber, acho que tudo que ensinaram na escola foi um completo desperdício de

tempo. Só uma lição é importante na vida: como ficar rico. As etiquetas de grife que você deveria comprar, os carros que você deveria dirigir. Você já andou pela Quinta Avenida em Nova York, Scott? Ou pela Rodeo Drive em Los Angeles? Você veria lojas lotadas de coisas desnecessárias. Você poderia comprar um relógio por cinquenta mil dólares, óculos escuros de grife por dez mil e quinhentos, até poderia gastar mil dólares numa camisa! E você iria querer?

Claro que sim! E não vamos pensar no garoto de dez anos que foi algemado na bancada de trabalho em Calcutá, recebendo quatro centavos por dia para costurar os botões.

“Claro, existem as enfermeiras e os médicos, os voluntários de obras de caridade, os sacerdotes. Eles ainda estão por aí, até agora. Mas que diferença fizeram? Apesar de todos os milhões de dólares que foram derramados na África, sempre houve crianças passando fome enquanto o pessoal das instituições de caridade andava em seus belos carros 4X4, procurando gente para ser salva. Os que faziam o bem podiam sentir-se bem consigo mesmos, mas você sabe, e eu sei, que nada nunca mudou. Simplesmente não havia um número suficiente deles.

Estavam desperdiçando tempo.

“Nunca houve nenhum herói, mas também nunca houve vilões. Todos os problemas que você vê no mundo agora, o aquecimento global, a poluição, a pobreza, a superpopulação, a guerra, a fome... todo o resto, de quem é a culpa? Dos empresários malignos? Não creio.

Porque todos iriam à falência se as pessoas não quisessem comprar o que eles estavam vendendo. Dos políticos? Qual é! Quem votou neles, para começo de conversa? Eu sei o que Matt diria. Diria que era dos Antigos. A Igreja vem dizendo o mesmo nos últimos dois mil anos, não que alguém ainda ouça. É como o diabo na Bíblia. Você precisa culpar alguém, portanto, culpe o diabo. E quando

vocês cinco se juntarem, vão bani-los e isso será o fim. Todo mundo viverá feliz para sempre.

“Mas você sabe que não é verdade. Se pensar nisso durante meio segundo, vai ver que é ridículo. A culpa é do homem. Não do diabo. Não de demônios. Não existe Voldemort. Não existe Darth Vader. Existem apenas os homens egoístas, gananciosos, desinteressados,

destrutivos.”

A refeição terminou. Scott saiu da mesa e estava sentado numa poltrona, virado para o homem de cabelos claros. De novo não conseguia se lembrar de ter chegado ali. Estava sentindo-se muito cheio. Estava satisfeito e ligeiramente tonto. Agora sabia quem era o homem.

Seu nome era Jonas Mortlake, e Susan Mortlake era mãe dele, por isso ele o reconheceu. Mas como sabia? Quando haviam contado?

— Então é por isso que eu digo que você precisa decidir. Você tem de escolher de que lado

está.

O homem ainda estava falando. Parecia que nunca havia parado.

— Bom, num determinado nível, é simplesmente uma escolha entre estar aqui, nesta sala, almoçando comigo, ou de volta à cela comendo restos com o Bicho-Pau. Significa ter belas roupas, uma cama quente e tudo que você possa querer para ser feliz, ou ter o cérebro amassado por substâncias químicas e choques elétricos. Eu diria que a escolha não exige cérebro, se você perdoar a expressão. Eu poderia chamar meus homens e mandar que eles espancassem

você agora mesmo. Poderia fazer com que você concordasse com tudo, e gostaria de fazer isso, Scott. Eu gosto desse tipo de coisa.

“Mas o que isso provaria? Nada! Aqui sentado, tenho muito mais interesse em convencer você a ver as coisas do meu modo *sem* machucá-lo. Quero argumentar com você porque no fim das contas a vitória será muito mais doce. Pegar um dos Cinco e virá-lo contra os outros.

Recrutá-lo. É isso que espero fazer com você, Scott. É o que os Antigos querem. É por isso que eles me mandaram para cá.”

Já era noite. Horas passaram desde o almoço. E Scott não estava mais na mesma sala. Estava

num quarto pequeno e confortável, em que havia uma cama de solteiro com travesseiro e cobertor, um armário, pinturas nas paredes. Olhou para baixo e viu um brinquedo de pelúcia no meio da cama, um macaco. Ele havia tido um brinquedo igual quando estava com 6 anos, morando no orfanato em Carson City. Talvez fosse o mesmo.

— Não sei o que o senhor quer — disse Scott. Estava sentindo-se muito cansado e tinha comido depressa demais. Queria cair na cama.

— O que importa é o que *você* quer, Scott. Você pode voltar para a cela se quiser. Podemos tirar essas roupas e você pode passar mais uma noite tremendo com o Bicho-Pau. Comer pão velho de manhã, talvez levar uma surra antes do almoço. Vocês dois podem ficar juntos mais um mês ou um ano, ou até mesmo dez anos. Ou você pode ficar aqui. O único problema é que vou

precisar de algum sinal da sua parte, alguma prova de que você realmente ouviu o que eu disse.

— Eu ouvi.

— Eu sei.

— Mas eu não tenho nada...

— Você terá de me dar um sinal.

— Que sinal?

Jonas Mortlake pareceu pensar um momento, mas Scott sabia que ele só estava fingindo. Já

tinha bolado tudo. Era para esse ponto que ele estivera indo o tempo todo.

— Quero que você machuque o Pedro. Quero que você prove que ele não é mais

seu amigo.

Você não precisa fazer isso pessoalmente. Só precisa dar a ordem. Em pouco tempo, você pode

vir a dar muitas ordens. É bom ir se acostumando.

— Machucar...? Como?

Jonas parou junto à porta, pensando.

— Bom, não vamos fazer nada desagradável demais. Pelo menos de início. Vamos quebrar um dedo dele! Pronto. Diga que dedo você vai escolher. Da mão esquerda ou da direita.

— Não... não posso fazer isso.

— Tem certeza, Scott? Pense no que você quer! Olhe para a cama. Com lençóis bons e limpos. Amanhã você e eu podemos tomar o café da manhã juntos e podemos estar do mesmo

lado. Pedro não significa nada para você. Você nem gosta dele. E é no Matt que estamos interessados. Precisamos saber se podemos confiar em você.

— Não posso...

— Por quê? Você quer ser quem está usando a camisa ou quem prega os botões?

Scott estava tão cansado. Mal conseguia manter os olhos abertos. Podia sentir o peso do mundo, e já estava farto.

— Da mão esquerda — respondeu. — O mindinho.

— Como você quiser, Scott.

Jonas Mortlake saiu da sala. Dois minutos depois, Scott estava dormindo.

DEZENOVE

Pedro estava caído no chão, no canto da cela, aninhando a mão ferida no colo. Estava enrolada numa bandagem que já tinha ficado suja, mas pelo menos

latejava menos agora, e ele se perguntou se de algum modo conseguira canalizar seus poderes de cura para si mesmo.

Fazia seis dias desde que Fuinha e Macaco tinham vindo machucá-lo. Esses eram os nomes que ele havia dado aos dois guardas. Um era mais velho e ligeiramente pançudo, com a barriga pressionando o uniforme preto, bochechas frouxas e olhos pesados. Foi ele quem segurou Pedro, esmagando-o num aperto de urso, enquanto o outro — mais novo, mais magro, com barba rala

e bigode — segurava rápida e deliberadamente seu dedo mindinho e puxava para trás, para longe da mão, até que o osso se quebrou. A partir desse momento, eles eram *Mono* e *Comadreja*. Macaco e Fuinha em espanhol. Dar apelidos tornava mais fácil odiá-los.

Não tinha ideia de por que fizeram isso. Nenhum dos dois tinha falado com ele — nem antes

nem depois. Quando terminaram e Pedro ficara caído, soluçando de dor e choque, eles lhe jogaram uma bandagem e simplesmente saíram. Durante um tempo, ele ficou com medo de que

aquilo fosse o começo de um processo longo, que eles voltariam todo dia e iriam matá-lo, um osso de cada vez, literalmente. Mas não tinham voltado — a não ser para trazer os restos de comida que eram suas refeições e levá-lo ao chuveiro, ao toalete e para uma hora de exercício no pátio. Mais 24 horas se passaram — mas Pedro desistiu de acompanhar o tempo. Era como

se o ataque nunca tivesse acontecido.

Não teve notícias de Scott. Em muitos sentidos, estava mais preocupado com o seu companheiro do que com ele próprio. Sabia o que Scott tinha sofrido no passado e duvidava de que ele aguentaria muito mais. Pedro sabia que não pudera ajudar muito e que existia muita tensão entre eles, mas ainda achava que estariam melhor juntos. Pelo menos poderiam conversar.

Ainda não existia sinal dos outros no mundo de sonho. Pedro ia para lá sempre que dormia, e

odiava estar tão sozinho. Continuava andando na esperança de encontrar alguém ou alguma coisa, mas até então só tinha visto a árvore que agora estava muito

atrás dele, no horizonte, as folhas brotando em todas as direções, dominando o céu. Achou bom se afastar dela. Apesar de

não ter ideia do que ela significava, podia sentir que era perigosa, que estava alertando-o para permanecer longe.

Alertando para ir embora enquanto ainda podia.

Pedro chegou a essa conclusão de modo simples. Se ficasse na cela muito mais tempo, não teria forças para escapar. Estava acostumado a passar fome: tinha sido criado na pobreza, na província de Canta, perto de Lima. Nunca existia comida suficiente e, claro, a pouca que havia era tomada primeiro pelos homens. Mas as coisas ficaram ainda piores quando ele se mudou para a cidade. Morando nas ruas, só comia o que podia roubar — ou os restos que pegava nas

latas de lixo dos subúrbios mais ricos. Isso nunca o havia incomodado, comer os pedaços frios e endurecidos de gordura que tinham sido raspados do prato de algum rico. Ele precisava viver.

Era assim.

Mas isto era diferente. Estava parecendo um animal numa jaula, faminto não só de comida,

mas de esperança. A cada dia que passava, pegava-se aceitando o destino, a hora de exercício, as horas intermináveis sozinho. Mesmo quando quebraram seu dedo, ele mal tinha lutado.

Antigamente teria mordido, arranhado, chutado e feito qualquer coisa para se proteger, mas desta vez tinha sido muito lento. Era isso que o apavorava. Estava morrendo de pé.

Tinha apenas uma vantagem: eles não lhe davam a mínima importância. Viam um garoto pequeno e desnutrido que nem falava a língua deles e que provavelmente chorava toda noite até dormir. Um bicho-pau. O que eles não sabiam, o que não tinham como entender era que ele sobrevivera dois anos em Lima, uma das cidades mais perigosas da América do Sul. Tinha vivido numa favela, dividindo um quarto com uma dúzia de outros garotos que teriam enfiado uma faca nele para roubar um único dólar. Havia a polícia, as gangues rivais, criminosos controlando seu pequeno território, homens ricos que podiam colocar

você no carro deles e fazer coisas em que você nem queria pensar. Para viver em Lima sem dinheiro você precisava ser forte, e Pedro era forte em sentidos que os guardas nem podiam imaginar.

Sair da cela não era o problema. Pedro sabia que estava no porão — na masmorra — de algum tipo de castelo, e que estava no meio de uma cidade. Tinha ouvido o barulho de pessoas passando — não de tráfego, não havia nenhum carro, mas o murmúrio distante das multidões,

ocasionalmente pontuado por agudos apitos da polícia. Parecia haver muitos policiais. Ele estava perto de uma cozinha. Quanto mais fome passava, maior seu sentido do olfato, e ele poderia citar qualquer coisa que fora preparada na última semana. Este prédio era mais do que uma prisão. Pessoas viviam ali, nos quartos acima. Mas os dois guardas — Macaco e Fuinha —

vinham de outro lugar. Pedro sabia por causa das cinzas nos uniformes todas as manhãs. Por algum motivo, o céu estava cheio de cinza e toda manhã tinha uma camada nova nos ombros e

nas mangas das camisas deles.

Poderia enganar Macaco e Fuinha e sair da cela — mas o problema era o que fazer em seguida. Não tinha amigos, não tinha dinheiro, estava num país estranho que poderia ser em qualquer lugar do mundo. Quase com certeza nem poderia falar a língua nativa. E não sabia aonde ir. A melhor coisa seria encontrar a porta que os trouxera para a Abadia e usá-la para retornar ao Peru. Mas não tinha ideia de onde ela ficava. Sozinho, não teria esperança de encontrá-la.

E havia o Scott. Não podia deixá-lo para trás. De algum modo, precisava encontrar o garoto

americano e levá-lo junto.

Uma coisa de cada vez...

Pedro estivera vigiando os guardas atentamente, examinando-os enquanto andava pelo pátio,

e notou uma coisa. Enquanto andava em seus círculos intermináveis e sem

sentido, Macaco só ficava sentado, ocasionalmente fumando um cigarro enrolado à mão. Mas Fuinha tinha um passatempo. Estava esculpindo alguma coisa num pedaço de madeira. Podia ser uma pequena

estatueta ou uma peça de xadrez, mas isso não importava. O que interessava a Pedro era o canivete suíço que ele estava usando. Quando a hora terminava e eles o acompanhavam para a

cela, Fuinha o enfiava no bolso direito. Pedro só precisava do canivete. Era uma chave. Era uma arma.

E sabia como pegá-lo.

Quando o levaram para fora novamente, estava preparado. Seu dedo já tinha melhorado muito. Qualquer outra pessoa demoraria um mês para se curar — mas Pedro não era qualquer

pessoa. Desde muito novo tinha aprendido a sobreviver, e agora todas as suas energias estavam canalizadas para exatamente aquilo. Tomou um banho, ficando nu de pé sob a água fria que pingava, olhando preguiçosamente enquanto ela fazia um redemoinho e descia pelo buraco no chão. Enxugou-se com o trapo sujo que eles lhe deram para servir de toalha. Vestiu-se de novo e seguiu os dois homens para o pátio.

Como sempre, passou sessenta minutos andando entre as paredes vazias e embaixo do céu

sujo, preto. Ficou tentando imaginar por que sempre havia um cheiro de queimado. Talvez parte da cidade tivesse pegado fogo — mas certamente não poderia estar soltando fumaça mais de um mês depois, não era? Bom, logo ele descobriria. Com o canto do olho, viu Fuinha talhando, as pequenas aparas de madeira caindo nas botas de couro preto. Nenhum dos homens ao menos chegava perto dele, e Pedro suspeitava de que um dos motivos era porque, depois de várias semanas usando a mesma roupa, devia estar fedendo. Hoje isso precisava mudar.

Macaco olhou o relógio; era um relógio caro para um homem que trabalhava numa prisão.

Pedro imaginou quem o teria usado antes e o que teria acontecido com ele.

— *Tempo!* — anunciou ele. Sempre a mesma palavra, cuspida sem emoção. *Tiempo* era a palavra espanhola, que obviamente tinha o mesmo significado.

Fuinha pôs a escultura num bolso e o canivete em outro, depois voltou para o complexo da

prisão. Mas desta vez Pedro não o acompanhou.

— Quero mais — gritou. Falou em inglês, depois repetiu a frase em sua língua. — Não vou

entrar.

Macaco se virou para olhá-lo. Não com raiva. Nem mesmo surpreso. Só entediado. Foi até Pedro, com os pés pesados na poeira.

Pedro xingou-o.

O homem deu-lhe um soco no peito, com força, o punho acertando acima do coração. Pedro

foi lançado para trás, quase caindo.

— Certo! Certo! Desculpa! — Sem fôlego, sentindo dor, Pedro levantou as mãos num gesto

de rendição, ao mesmo tempo em que cambaleava para a porta. Mas quando chegou, pareceu

perder o equilíbrio e caiu contra Fuinha, que sorriu, agarrou seu colarinho e jogou-o para dentro.

Pedro tinha o que queria. Todo moleque de rua em Lima sabia bater carteira. Os turistas americanos costumavam manter as carteiras nos bolsos de trás da calça. Os ingleses preferiam o lado de dentro do paletó, perto do braço direito. E se você fosse bem rápido, sempre podia obter relógios caros — um Rolex ou um Omega poderia render dois ou três dólares na feira (onde seria vendido por vinte vezes mais). O único problema era que você precisava chegar bem perto para fazer o roubo... e era exatamente isso que Pedro fez no pátio. Isso tinha lhe custado alguma dor, mas dera a desculpa para encostar em Fuinha e, em pouco

mais de um segundo, havia afanado o canivete do bolso do sujeito e escondido sob a camisa. Pedro ainda estava curvado, fingindo sentir dor. O canivete apertado contra a pele, em segurança.

Os dois guardas jogaram-no na cela e trancaram a porta, levando a chave. Pedro já sabia que

nem barras nem trincos existiam do lado de fora. Esperou até ter certeza de que eles haviam saído, em seguida pegou seu prêmio e o examinou. O canivete tinha três lâminas, uma chave de fenda, um saca-rolhas, uma lixa de unha, tesoura e alicate. Era perfeito. Um presente dos deuses.

Mas precisava agir depressa. Pelo que sabia, Fuinha poderia querer esculpir de novo assim que virasse a esquina, e quando percebesse que o canivete estava sumido, não demoraria muito a deduzir para onde ele fora. Pedro soltou uma lâmina e tirou a pinça. Não existia uma fechadura em Lima que ele não pudesse arrombar. Isso também fazia parte de sua formação nas

ruas. Sempre tinha algum lojista idiota que não pagava a alguém para ficar perto da saída ou que se permitia ser distraído por um garoto enquanto outro se esgueirava no depósito. Pedro ignorou a dor no peito. Ajoelhou-se diante da fechadura, com a lâmina numa das mãos e a pinça na outra. O mecanismo era velho e pesado, mas fora usado tantas vezes que tinha se desgastado até ficar liso. Pedro demorou cinco segundos. A fechadura estalou. A porta se abriu.

Uma escolha simples se apresentou: esquerda ou direita. Macaco e Fuinha tinham virado à esquerda e ele não queria trombar com os dois de novo. Mas, ao mesmo tempo, sabia que virar

à direita só iria levá-lo de volta ao complexo de chuveiros e ao pátio de exercícios, sem saída óbvia. Não tinha opção. Tudo que podia fazer era mover-se o mais rápida e silenciosamente possível e esperar que não fosse visto.

Pegou-se indo por um corredor estreito, em arco, que o fez se lembrar em parte de um hospital e em parte de uma adega. O piso era de pedra, as paredes ásperas, de reboco caiado.

Não havia janelas, mas lâmpadas elétricas estavam acesas a intervalos, mostrando o caminho.

Passou por várias portas e experimentou discretamente cada uma. Todas estavam trancadas.

Mais celas? Em algum lugar devia existir uma escada. Agora não podia ouvir nada, mas o cheiro da cozinha ainda era forte e vinha da frente. Tinha consciência de que seu estômago estava vazio e ele salivava. Fazia muito tempo que não comia nada que prestasse, e parte dele sentia-se tentado a ir ver o que poderia roubar. Mas onde havia uma cozinha haveria cozinheiros, e no momento em que alguém o visse, o alarme seria dado. A comida poderia vir depois.

Ainda segurava o canivete, apertando-o na palma da mão direita, que não estava

machucada. Se encontrasse alguém — não importava quem fosse — estava pronto para usá-lo.

O corredor chegou a uma junção em T com uma parede de tijolos à frente e uma segunda opção de esquerda ou direita. Desta vez, Pedro virou à direita — e lamentou instantaneamente.

Ouviu uma passada e viu Fuinha, o mais novo dos dois guardas, virar uma esquina e vir na sua direção. O guarda ainda não o tinha visto. Estava com pressa, de cabeça baixa, uma das mãos remexendo no bolso. Pedro percebeu que ele tinha acabado de descobrir a perda do canivete, e estava voltando na esperança de encontrá-lo. Estava varrendo o chão com o olhar, imaginando

que ele podia ter caído do bolso.

Pedro correu para a frente. Fuinha o viu no último instante, quando era tarde demais. Seus olhos se arregalaram de surpresa — e então de dor, quando Pedro chutou com toda a força, acertando o pé na genitália do sujeito. De novo eles o subestimaram. Pedro era pequeno, mas forte. Estava usando as mesmas botas de quando fora preso, e mirou o chute onde doeria mais.

Fuinha gritou, mas o som saiu como um grunhido sem fôlego. Ele tombou para a frente. No mesmo instante, Pedro chutou outra vez, com a parte de baixo do pé acertando o queixo do sujeito, depois se jogou para a frente, inclinando-se por cima quando ele bateu no chão, com o canivete pronto para golpear, mas não era necessário. Fuinha estava inconsciente, com sangue escorrendo pelo canto da boca. Até poderia estar morto. Pedro não se importava. Esse homem

quebrou um dos seus dedos a sangue-frio. Ele merecia tudo que recebesse.

Mesmo assim a notícia era ruim. Se Fuinha estava ali, Macaco estaria perto, e não demoraria

muito até que o corpo fosse encontrado. Pedro recuou, pegando o corredor que ia na direção oposta, mesmo que isso significasse passar pela cozinha. De fato, chegou quase imediatamente a uma porta aberta que levava a um espaço aberto cheio de fogões, frigideiras e superfícies de trabalho prateadas, com dezenas de potes e panelas pendurados em ganchos. A cozinha era impecavelmente limpa. Um caldeirão enorme, cheio com algum tipo de sopa, estava num fogão

a gás. Era o cheiro dela que Pedro sentia. Ele mal conseguiu se conter para não correr até lá e pegar o conteúdo com a mão.

Mas não estava sozinho. Tinha uma pessoa ali perto, limpando o chão.

Os dois se viram ao mesmo tempo. Pedro parou. O empregado, se é que era isso, era um garoto mais ou menos da sua idade, com cabelo comprido, castanho-claro, e rosto pálido, emaciado. Estava tão desnutrido que seus braços eram quase tão finos quanto o cabo do esfregão que segurava, e os olhos e as bochechas eram fundos, o pescoço parecendo de louça.

As roupas estavam limpas. Nenhum germe seria permitido na cozinha. Ele usava uma camiseta branca larga e calças estreitas, cinza, cortadas logo acima do tornozelo. Os pés estavam descalços. Quando o garoto se virou, Pedro viu que um dos lados do seu rosto estava inchado e com um hematoma. Alguém havia batido nele — e recentemente.

Pedro tinha levantado o canivete e podia ter saltado e atacado o garoto sem pensar duas vezes antes que ele pudesse dar o alarme. O garoto abriu a boca, preparado para gritar. Mas então os dois pararam. Instintivamente entenderam que estavam do mesmo lado. Pedro fora mantido numa cela, mas garoto da cozinha era igualmente prisioneiro... em seu caso condenado ao trabalho forçado. Será que morava naquele prédio ou tinha de vir todo dia? Não fazia diferença. Horas de trabalho duro e brutalidade casual estavam gravadas em seu rosto.

Os dois ficaram se olhando, então um sino rompeu o silêncio, ressoando nos corredores, seguido quase imediatamente pelo som de vozes exaltadas, pés

batendo no chão, portas se abrindo. Ou Fuinha fora encontrado ou alguém havia olhado na cela de Pedro e descoberto que

estava vazia. Pedro ficou imóvel, enraizado no lugar. Os ruídos pareciam ecoar a toda volta. Não sabia para onde ir. Nenhum lugar era seguro.

O garoto sabia o que estava acontecendo.

— *Pa di qui, rapido...* — sussurrou. Estava falando italiano. Tinha de ser. As palavras eram quase idênticas ao espanhol. Ao mesmo tempo, correu até um forno e abriu a porta.

Independentemente da língua, o significado era claro. Queria que Pedro entrasse ali.

Pedro olhou para o interior enegrecido pelo fogo. Devia caber. Ele era pequeno e o forno era de tamanho industrial, o tipo de coisa que seria usada para fazer uma refeição para cinquenta pessoas, mas o pensamento o encheu de terror. O lugar era apertado, e quando ele estivesse dentro, ficaria completamente impotente, incapaz de respirar. E se alguém acendesse o forno? O

garoto podia estar lhe oferecendo uma morte horrível.

Vozes vinham pelo corredor e estavam chegando mais perto. Ele não tinha tempo para uma

decisão racional. Se fosse pego, seria espancado e posto de volta na cela. Nunca teria uma segunda chance. Já estava em movimento. Entrar no forno significava se contorcer, e ele se imaginou como uma peça de carne. O garoto ajudou, empurrando-o para dentro. O forno estava gorduroso e ainda quente. Talvez tivesse sido usado na noite anterior. Pedro sentiu uma onda de pânico quando o garoto fechou a porta, mas ele não a fechou completamente, deixando só um centímetro para a entrada de luz e ar. Pedro não conseguia se mexer. Os

ombros, o pescoço, os braços e os quadris estavam espremidos contra as placas de metal, a cabeça dobrada contra a barriga. Pronto para assar. Não pôde evitar o pensamento.

O garoto se virou no instante em que alguém entrou na cozinha. Pedro não podia ver quem

era. Estava virado para o lado errado e só podia olhar para fora dobrando a cabeça e espiando por baixo do braço — mas estava muito embaixo e no ângulo errado. Escutou a voz de um homem e, de algum modo, soube que era Macaco. As palavras eram indistintas, mas era óbvio

que ele estava perguntando se o empregado o tinha visto. O garoto respondeu negativamente, a voz aguda e inocente. O homem disse outra coisa. O garoto respondeu de novo. Depois houve

silêncio.

O homem foi embora. O garoto continuou passando o esfregão na cozinha. A campainha do

alarme continuava tocando, e parecia martelar nas laterais do forno. Pedro se perguntou por que o garoto não estava deixando que ele saísse, mas entendeu quando um segundo homem entrou

e falou algumas palavras para ele. Desta vez, Pedro captou um vislumbre de uma calça branca e um avental branco, e supôs que fosse o chefe de cozinha. O homem disse alguma coisa com raiva e foi na direção do forno. Pedro se retesou. O canivete ainda estava na sua mão e, se ele se desenrolasse rapidamente, ainda poderia ter tempo de usá-lo. Mas o homem não olhou no forno. Simplesmente bateu a porta, e Pedro teve de lutar contra a sensação de pânico ao se ver preso naquela tumba minúscula e escura, sem ar.

Fechando os olhos e se obrigando a respirar lentamente, Pedro contou os segundos. Tinha chegado a cento e cinco antes que a porta se abrisse de novo e o garoto aparecesse ali, os olhos arregalados, puxando sua perna. Pedro se arrastou para fora. Estava coberto de suor e gordura.

A mão esquerda latejava dolorosamente. As campainhas de alarme não tinham parado, mas pelo

que dava para perceber não havia guardas por perto. Deviam ter decidido que ele não estava mais nas imediações e foram revistar os andares superiores.

O garoto correu até a porta e espiou para fora. Parecia aterrorizado, e Pedro soube que ele

estava arriscando a vida para ajudar uma pessoa que nunca tinha visto antes. Por quê? Talvez porque fossem mais ou menos da mesma idade. Ambos eram vítimas. Imaginou o que

aconteceria em seguida. Com o alarme dado e todo mundo procurando-o, jamais encontraria uma saída. Em algum lugar dentro de si, decidiu que não seria levado vivo. Tinha o canivete. Iria usá-lo pela última vez para não cair nas mãos deles de novo.

O garoto fez um gesto frenético e os dois saíram rapidamente da cozinha, voltando pelo caminho por onde Pedro tinha vindo. Passaram pela cela onde ele estivera e foram para o complexo de chuveiros e toaletes. Pedro deu uma olhada nos mictórios, nos toaletes sem portas e nos cubículos dos chuveiros. O lugar fedia, como sempre. Imaginou por que fora trazido para ali. Não havia janelas, nenhuma saída.

Pelo menos era o que pensava. Mas o garoto estava se ajoelhando, apontando para uma coisa no chão, e Pedro se lembrou do quadrado de metal que tinha visto com tanta frequência, a cobertura de um buraco. Havia duas argolas para levantá-lo, e o garoto já estava puxando um dos lados. Pedro se apressou e pegou o outro, com a mão boa. A tampa do buraco pesava uma

tonelada, e anos de umidade e imundície a haviam grudado no lugar. Não queria ceder. Pedro pegou o canivete e passou a lâmina pela lateral, raspando a lama. Eles tentaram de novo, puxando com toda a força, e desta vez a tampa se soltou; com os músculos se retesando, eles

puderam deslizá-la para o chão.

Pedro olhou para dentro, depois recuou quando o fedor de esgoto veio na sua cara. Podia ver

um fosso levando para a escuridão e uma escada presa à parede. A uns 5 ou 6 metros abaixo, os

últimos degraus desapareciam num poço de líquido imundo e marrom. Sabia o que precisava fazer. Mas não podia. Morreria lá embaixo.

— *Devi andare. In fretta!* — insistiu o garoto, e colocou uma coisa na sua mão. Era uma lanterna pequena. Ele devia tê-la roubado na cozinha enquanto Pedro

estava no forno. — *Sarò dall'atro lato...* — Pedro não tinha ideia do que as palavras significavam, mas o garoto fez a mímica com as mãos. Ele estaria esperando quando Pedro surgisse da construção. E seus olhos

acrescentaram outra coisa. Não existia outro caminho. Eles não tinham escolha.

— Obrigado — disse Pedro. No mínimo, o garoto seria castigado quando descobrissem a falta da lanterna. E se suspeitassem que tinha ajudado Pedro a escapar, o matariam. Pedro já ia descer quando algo o fez parar e se virar. — Pedro — disse, batendo no próprio peito.

— Giovanni.

De algum modo, o fato de ter um nome ajudava. Fazia com que o garoto parecesse mais um

amigo, e não alguém que o guiava para uma armadilha terrível.

Passou pela borda e começou a descer. Quanto mais perto chegava do esgoto, mais o fedor

ficava insuportável. Não tinha comido praticamente nada nos últimos dias, mas mesmo assim sentiu o estômago se revirar e o conteúdo começando a subir. E, sem dúvida, um segundo depois precisou virar a cabeça de lado e vomitar, o líquido fétido batendo no poço igualmente fétido embaixo. Era quase como se Giovanni estivesse esperando exatamente esse momento.

Acima de sua cabeça, Pedro ouviu a tampa de metal raspando contra o piso de pedras e, em seguida, uma pancada seca quando ela se encaixou. Ao levantar os olhos, não viu nada. Estava numa tumba. Enterrado vivo.

Uma parte gigantesca dele sentiu-se tentada a subir a escada e abrir a tampa de novo. Mas

duvidava que teria forças sozinho, e de qualquer modo, devia ter um motivo para Giovanni mandá-lo ali para baixo. O garoto mostrou ser de confiança na cozinha. O truque do forno tinha funcionado. Pedro apertou o canivete entre os dentes e a lanterna numa das mãos. Nem conseguia pensar em perder um dos dois. Ainda agarrando os degraus de metal do melhor modo que podia, continuou a descer.

Seu pé entrou no líquido frio e grosso. Sentiu-o subir acima do tornozelo. Os degraus continuavam a descer. Até onde deveria ir? Mais um passo e o esgoto chegou às canelas, mais

dois e estava acima dos joelhos. Não tinha escolha, a não ser continuar. Quanto mais perto aquilo chegava do nariz e da boca, mais enjoado ele ficava. Sentia espasmos de vômito a cada respiração, mas não tinha mais nada para pôr para fora. O ácido do estômago queimava no fundo da garganta. O cheiro era hediondo, avassalador. Pedaços de imundície batiam nele e Pedro sentia o líquido se agitar enquanto continuava descendo. Agora estava entre suas pernas, na virilha. Acima da cintura. Quantos degraus mais? Será que precisaria nadar? Mas quando baixou a barriga naquele rio infernal, seu pé tocou em algo sólido, concreto, e ele percebeu que finalmente poderia ficar de pé e que, se mantivesse os braços erguidos, o peito e as mãos formariam uma espécie de barreira abaixo do rosto.

Acendeu a lanterna. Um facho minúsculo, débil, revelou uma passagem indo em linha reta do

poço central por onde ele havia descido. Também mostrava a superfície do rio marrom e as coisas que flutuavam ali, e Pedro foi obrigado a fechar os olhos e virar a cabeça. Ao mesmo tempo, desligou a lanterna. Já podia ver que as pilhas estavam fracas e que precisaria delas mais tarde. Esperou até o estômago parar com os espasmos. Então, trincando os dentes, tentando não deixar os vapores entrarem na boca, foi andando.

As paredes do túnel eram apertadas, e ele se encostou nelas, com a gosma macia roçando em seus ombros. A parte inferior do corpo empurrava o líquido a medida que Pedro se movia, e ele podia senti-lo se separando à frente, depois se formando de novo atrás. Estava completamente cego, mas a intervalos de dez segundos ligava a lanterna para garantir que o caminho à frente estivesse livre. Sentia-se aterrorizado pensando que o rio poderia ficar mais fundo, que ele daria um passo e mergulharia abaixo da superfície. Se engolisse ao menos um bocado daquilo, iria morrer. Metade dele queria se apressar, instigando-o à frente, mas seu bom senso dizia para ir devagar. Não podia tropeçar ou cair. Precisava dar um passo de cada vez.

Chegou a uma abertura. Seus ombros perderam o contato com a parede. Ligou a lanterna e

viu que estava numa bifurcação em forma de Y, e que agora tinha de escolher entre duas direções. Por que Giovanni não o alertara sobre isso? As duas passagens eram idênticas, com tijolos pretos e brilhantes e teto curvo alguns metros acima de sua cabeça. Sem qualquer motivo, foi para a direita e por um tempo achou que tinha tomado a decisão certa. Quanto mais longe

ia, mais raso o túnel ficava. Logo chegava apenas ao tornozelo. Mas quando ligou a lanterna de novo, sacrificando as pilhas preciosas, gemeu. Havia uma parede sólida à frente. Ouviu um barulho acima, o chacoalhar de uma corrente e o som de água correndo. Antes que pudesse se

afastar, recebeu uma chuva de imundície. Aquilo se grudou ao cabelo e escorreu por cima dos ombros. Era mais nojento do que qualquer coisa que poderia ter imaginado.

Com raiva, à beira das lágrimas, voltou pelo mesmo caminho, de novo afundando nas profundezas do rio. Tudo estava na escuridão. Não ousava usar a lanterna. Mas então ouviu outro som e sentiu algo bater nele. Gritou. A lanterna se acendeu no instante em que uma ratazana do tamanho de um pequeno gato passou nadando, as garras batendo na superfície, o

focinho e os olhos redondos buscando o ar, arrastando uma cauda comprida e oleosa.

Pedro estava quase no limite. Podia se ver morrendo ali. Sua mão doía mais do que nunca e

ele sentia-se fisicamente vazio. Até a cela seria melhor do que isso. Chegou à junção onde havia tomado o caminho errado e foi pela outra passagem. Desta vez o rio ficou mais fundo, e não mais raso. Podia sentir o peso dele contra o peito, tentando forçá-lo para trás. Queria dar meia-volta. A cada passo a coisa ficava pior, com o nível subindo. Mas ao mesmo tempo, era diferente. A luz do dia chegava adiante. Dava para vê-la refletida nas paredes. Era capturada nas contas de líquido que pingavam. O corredor se retorceu e ele se apressou em fazer a curva, mas parou estremecendo.

O garoto, Giovanni, o havia enganado. Existia uma saída adiante, um vislumbre do mundo que escurecia do lado de lá. O sol estava se pondo, mas dava para ver um trecho de areia e cascalhos com o mar logo depois. Mas o caminho estava barrado. Arames passavam pela boca

do túnel — juntos demais para passar pelo meio, grossos demais para ser cortados. Trincando os dentes, com os piores palavrões que ele conhecia ecoando no pensamento, Pedro avançou com

dificuldade. Suas mãos encontraram a grade de arame e ele a agarrou com os dedos, sacudindo-

a para a frente e para trás, tentando soltá-la. Não se mexia. Podia ver o mar! Ali estava, apenas a alguns metros, com o esgoto sem tratamento serpenteando pela praia. Mas não podia continuar. Não tinha visto nenhuma outra passagem, mas precisava dar meia-volta e encontrar outro caminho.

Já ia fazer isso quando escutou uma voz.

— Pedro! Pedro!

Era Giovanni. O garoto italiano havia saído do prédio e agora se agachou do outro lado. Seu

rosto estava cheio de horror e nojo. Certamente não podia ver grande coisa de Pedro, mas o

cheiro devia ser suficientemente chocante.

— *Devi andare sotto!*

Eram quase as mesmas palavras de antes, só que desta vez Giovanni estava apontando para

a superfície, balançando o dedo freneticamente.

Pedro entendeu. Era a última coisa que desejava escutar. Mas de novo precisou confiar inteiramente no estranho. Inalou uma grande quantidade de ar. E mergulhou.

A imundície subiu acima do rosto, acima da cabeça. Podia senti-la pressionando contra os olhos. Era absolutamente repulsiva. Era pior do que a morte. Usou as mãos contra a tela de arame para se guiar, descendo. Parecia ser um longo caminho e ele se perguntou por quanto tempo conseguiria prender o fôlego. Tinha perdido a lanterna. Não importava. Não iria precisar mais dela. O canivete

também. Ah, meu Deus, isso era horrível. Mas então seus dedos encontraram o fundo da barreira de metal e ele percebeu que havia um pequeno espaço embaixo. Um adulto nunca poderia passar. Seria estreito demais para a maior parte das crianças.

Mas ele estava meio morto de fome. Conseguiria.

Foi com os pés à frente. Sentiu a borda de metal raspando a coxa enquanto se empurrava por baixo da grade. Agora estava aterrorizado com a possibilidade de ficar entalado. Chegar tão perto e ficar preso ali embaixo, ser obrigado a abrir a boca e deixar o esgoto entrar. Não conseguia suportar aquilo. Na pressa, tentou subir rápido demais e o metal acertou sua garganta, quase o fazendo gritar. Acertou-o pela segunda vez, logo acima do nariz — mas então ele estava livre, do outro lado. Não restava quase nada nos pulmões. Precisava respirar.

Empurrou-se para cima, não exatamente nadando... era mais como se estivesse escavando com

toda a força. Suas mãos se livraram. O ar fresco da tarde o acertou. Tinha chegado à superfície!

Por um momento, espadanou desamparado, e então, de algum modo, chegou à beira e puxou-

se para a areia, com o esgoto ainda escorrendo do cabelo, do rosto, por cima dos olhos e dos lábios. Mal ousava respirar, com medo de engolir um pouco. Estava coberto de imundície, e aquilo ainda poderia matá-lo.

— *Ti aiuterò!*

Giovanni o agarrou, sujando-se também, e os dois cambalearam até a praia, de braços dados, como se estivessem bêbados ou tivessem lutado juntos durante as últimas duas horas.

Estavam indo para o mar, mas afastando-se da saída de esgoto. Quanto mais longe fossem, mais limpa a água seria. Pedro sentiu-a batendo nos tornozelos e jogou-se para a frente, agradecido, permitindo que ela o cobrisse. Giovanni fez o mesmo. A água era preta e poluída, mas depois do que Pedro havia passado, a sensação provocada e o gosto eram deliciosos. Lavou-se inteiro, particularmente o cabelo e o rosto. Durante longo tempo não se mexeu.

Quando finalmente sentou-se, o sol quase havia se posto. Mal podia ver os contornos de uma

cidade, um porto, um emaranhado de navios. No meio daquilo via um castelo, um bloco enorme

com quatro torres grandes e janelas minúsculas. Devia ser onde tinha ficado preso. Era dali que tinha acabado de escapar.

Mas outra coisa atraiu sua atenção. Ficava longe, atrás da cidade, meio de lado, e mesmo assim dominava a paisagem. A princípio, Pedro achou que fosse uma montanha, mas depois viu

a fumaça brotando do topo e percebeu que era por isso que o céu estava sempre preto e tudo

tinha cheiro de queimado.

Giovanni seguiu seu olhar.

— Vesúvio — disse simplesmente. — *Il volcano.*

A fumaça não parava de sair.

Estava assumindo a forma de uma árvore.

VINTE

Pingando e tremendo, mas sem feder tanto quanto alguns minutos atrás, Pedro acompanhou Giovanni pelas passagens escuras da cidade, que ele sabia agora ser Nápoles, na Itália. Em alguns sentidos, fazia com que ele se lembrasse de Lima — particularmente as ruas calçadas de pedras e as palmeiras, que de algum modo não pareciam combinar. Muitos prédios eram antigos e muito grandiosos, mas ficavam ao lado de apartamentos e escritórios modernos que eram mais

feios e mais arruinados. Do porto, de onde começaram, seguiram por uma complicada rede de

ruas e becos que se entrecruzavam, levando-os cada vez mais para o fundo da metrópole. E o tempo todo Pedro sentia o volume do castelo onde fora mantido

prisioneiro erguendo-se, e se perguntou se ainda estariam procurando-o lá dentro ou se a busca fora ampliada para a cidade.

De qualquer modo, estava satisfeito por colocar o maior espaço possível entre ele e o castelo.

Nápoles era apinhada. Na verdade, essa não era a palavra certa. Logo Pedro viu um número

impossível de pessoas ao ar livre — milhares e milhares enchendo as calçadas, agachadas junto às portas, fazendo fila para comida, abrigo, trabalho, uma cama para passar a noite ou simplesmente porque não tinham outra coisa para fazer. Famílias inteiras amontoadas: avós cheias de rugas vestidas de preto, crianças em trapos, mães de rostos vazios carregando bebês.

Muitas pessoas carregavam trouxas enormes que certamente continham tudo que possuíam.

Outras tinham as posses empilhadas em caçambas ou em carrinhos de mão. E usavam tantas roupas que nem pareciam seres humanos; eram apenas massas redondas de panos — paletós velhos e casacos puídos — arrastando os pés, praticamente incapazes de se mover.

E em toda parte havia policiais. Usavam os mesmos uniformes pretos dos guardas do castelo

e patrulhavam juntos em pares, com pistolas e cassetetes pendurados no cinto. A princípio, Pedro achou que estavam procurando-o e se agachou, com medo de continuar andando, mas Giovanni instigou-o. Os policiais estavam ali para controlar a multidão, parando pessoas aleatoriamente para interrogar e examinar seus documentos. Mesmo assim, os dois garotos mantinham a cabeça baixa, andando o mais rápido que podiam sem atrair atenção. Eram amigos

indo para casa. O que importava se estavam encharcados e sujos? Talvez estivessem brincando de brigar, na praia. O que poderia haver de mais inocente do que isso?

Não havia carros. O que deixou Pedro perplexo. Como era possível uma cidade moderna sem

carros, ônibus ou táxis? E, por falar nisso, havia trilhos, mas onde estavam os bondes? Algumas pessoas passavam por eles de bicicleta, serpenteando no meio da multidão, mas afora isso todo

mundo estava a pé. E ainda que houvesse eletricidade — dava para ver os fios se cruzando acima da cabeça e luz branca brilhando em algumas janelas mais altas —, as ruas e a maior parte dos prédios estavam escuros. Ninguém parecia se divertir. A maior parte das lojas estava fechada. Sem restaurantes ou bares, nenhuma música — ao vivo ou gravada — tocava em lugar

nenhum. Era como se as pessoas mais sofridas tivessem ido morar num mesmo local e ficado mais sofridas ainda depois de chegar.

Sentiu Giovanni segurar seu braço, e os dois saíram da avenida onde estavam, continuando por uma série de ruas estreitas entre prédios tão próximos que quase pareciam se tocar.

Passaram por uma mercearia de porta aberta e com uma fila comprida de pessoas na calçada.

Ao lado havia uma loja de penhores com um velho barbudo sentado atrás de uma mesa, examinando um anel de ouro com um monóculo. Viraram uma esquina, continuaram passando

sob um arco e finalmente seguiram por uma escadaria até uma praça particular formada por quatro blocos de apartamentos meio desmoronados, com oito andares, janelas, postigos e sacadas de ferro fundido, tudo idêntico. Havia roupas penduradas em toda parte, frouxas e descoloridas pela luz que se esvaía. O mesmo silêncio estranho que caracterizava a cidade parecia tê-los seguido até ali. Pedro esperaria ouvir uma televisão ligada ou pelo menos um rádio — mas não havia nada. Os dois foram para uma porta e entraram num corredor úmido, antiquado, com

uma escada de concreto subindo. Ali encontrou ainda mais famílias amontoadas. Enquanto Pedro passava, sentiu cabeças se virando para eles e viu os brancos dos olhos espiando-o da penumbra.

Existia um elevador, mas não estava funcionando. Subiram seis andares, passando por mais vinte ou trinta pessoas, empilhadas umas sobre as outras em diferentes degraus. Seguiram por um corredor com bocais pendurados em fios,

mas sem as lâmpadas. Pedro sentiu cheiro de comida sendo preparada... arroz puro ou macarrão. Ouviu um bebê chorando, uma mulher gritando com alguém. À distância, talvez a uns oitocentos metros, soou um tiro, e alguns segundos mais tarde, alguém gritando. Giovanni parou diante de uma porta e bateu — Pedro notou que era um código especial — com as juntas dos dedos. Houve uma pausa e então a porta se abriu. Os dois entraram.

Estavam num apartamento que tinha três cômodos ligados, com teto alto, piso de madeira nua e janelas que levavam para o pátio. Podia ter sido um lugar imponente um dia. Pedro observou alguns detalhes; os postigos bem-esculpidos, a lareira de mármore. Mas havia quadrados vazios onde antes teriam estado quadros. As cortinas tinham sumido. Quase não havia móveis.

Uma família inteira morava ali, várias gerações, todos sentados em volta de uma mesa, iluminados por um lampião a óleo que era a única fonte de luz. A maioria era adulta, mas também tinha crianças... duas meninas com cerca de 4 e 6 anos. Todos olharam quando Giovanni entrou. Obviamente estavam surpresos e perturbados de ver Pedro.

A porta fora aberta por um homem magro, de aparência séria, com cabelo grisalho comprido

e barba. Estava usando um casaco de lã grosso, cachecol e um boné chato. Fechou a porta rapidamente, depois segurou Giovanni e começou a falar depressa com ele, em italiano e quase inaudível. Pedro ficou esperando, pingando água no chão de madeira, consciente de que o resto da família continuava olhando-o. O homem estava com raiva, frustrado, mas Giovanni se manteve firme, explicando o que tinha feito. Por fim, o homem se virou para Pedro.

— Você fala espanhol? — perguntou. Ele estava falando em espanhol fluente.

— Falo — assentiu Pedro.

— Você é da Espanha?

— Não. Do Peru.

O homem ficou perplexo com isso.

— Eu falo sua língua — disse. — Há muito tempo eu era professor de línguas aqui na universidade. Isso foi antes de ela ser fechada. Agora é usada como alojamento. Meu nome é Francesco Amati. Você precisa se enxugar.

Ele falou rispidamente com uma das mulheres, que correu para o cômodo ao lado, voltando

com um cobertor que pendurou nos ombros de Pedro. Ele enrolou-o no corpo. Enquanto isso, Giovanni tirou a camisa e se enxugou energicamente com uma toalha de pratos.

— Imagino que você esteja com fome — disse Francesco. — Giovanni disse que você ficou preso durante muito tempo. Pode se juntar a nós. Por favor, sente-se.

Parecia que Giovanni ganhara a discussão, e agora que o homem reconhecia isso, toda a família estava preparada para aceitá-lo. Todos arrastaram as cadeiras para abrir espaço para Pedro à mesa, e foi servida sopa quente e pão, que ele devorou imediatamente. A sopa era rala e o pão duro, mas depois de um mês com as rações da prisão, o gosto era delicioso.

— Vamos contar sobre nós — falou Francesco. — Mas primeiro há algumas coisas que preciso saber de você. Seu nome é Pedro, certo? Por que está aqui em Nápoles?

— Eu não queria vir para cá — respondeu Pedro em meio aos bocados de comida. Não sabia

o quanto poderia contar àquelas pessoas. Não era só uma questão de confiar nelas ou não.

Simplesmente não sabia até que ponto acreditariam na sua história. — Fui feito prisioneiro numa igreja, ou talvez um mosteiro, a uns trinta minutos daqui. Eles me trouxeram de helicóptero.

— Por quê?

— Porque acham que eu posso machucá-los.

Giovanni disse algo em italiano e o velho murmurou algumas palavras em resposta.

— Você *pode* machucá-los? — perguntou.

— Posso se encontrar meus amigos. Nós somos cinco...

Um homem muito mais velho, do outro lado da mesa, inclinou-se à frente e falou depressa,

em voz baixa. Pedro ouviu a palavra *"cinque"* repetida várias vezes. Era cinco em italiano. Olhou as outras pessoas em volta da mesa: duas mulheres, dois homens mais jovens, as crianças. Todos eram parecidos, e ele supôs que fossem da mesma família, mas não era isso que os unia. Todos eram sobreviventes. Não restava nada para eles no mundo lá fora. Tudo, para eles, estava naqueles três cômodos.

O velho terminou de falar. Francesco se virou de volta para Pedro.

— Sou tio de Giovanni — disse. — O pai dele era meu irmão, mas morreu. Este homem —

ele olhou para o homem com quem estivera falando — é meu pai. Aquelas são minha mulher e

minha cunhada, e as duas meninas são filhas dela. Temos sorte porque ainda temos este lugar para morar. Meu irmão mais velho, Angelo, trabalha no porto, onde tem um barco. Ele era pescador, mas, claro, não existe mais peixe. E Giovanni trabalha na cozinha do Castel Nuovo, onde estavam mantendo você. Eles o tratam mal, mas ele pode trazer comida para casa, e além

disso eles pagam, e só podemos sobreviver graças a ele.

"A princípio fiquei com raiva por ele tê-lo trazido. A polícia deve estar procurando você agora. Se o encontrarem aqui, será o fim de todos nós. Mas Giovanni disse que ouviu quando eles falavam a seu respeito. Disse que sentiam medo de você, que era inimigo deles e que foi por isso que o trouxe para cá."

— Por que há tantas pessoas nesta cidade? — perguntou Pedro. — O que estão todos fazendo na rua...?

— São refugiados. — Francesco murmurou com a esposa e ela se levantou da mesa, voltando com a panela de sopa. Serviu outra tigela para Pedro. As crianças

olharam a comida com desejo, e Pedro sentiu uma pontada de culpa, sabendo que elas não iriam receber. —

Nápoles está tomada por refugiados — continuou Francesco. — Vieram do sul da Itália para evitar as enchentes, e do norte por causa da escassez de comida. Há lutas por todo o leste da Europa, e eles escaparam da Romênia, Eslovênia, Croácia, trazendo tudo que têm na esperança

de começar vida nova. Alguns chegaram até da África e da Índia. Toda noite, centenas de pessoas morrem nas ruas desta cidade, e quando o inverno chegar vai ser pior ainda. Há enormes acampamentos em Aversa e Arienzo, dezenas de milhares de pessoas, mas as autoridades não querem ajudá-las de verdade. Prefeririam que elas morressem. Alguns dizem que os acampamentos são para que isso aconteça. — Ele fez uma pausa. — Você não sabe de

nada disso?

Pedro balançou a cabeça.

— Não. Não entendo. O que o senhor está dizendo... o mundo não é assim!

— O que você está falando? O que você quer dizer?

— Estou falando do mundo que eu conhecia. Eu via jornais, assistia à televisão. Ninguém falava nada sobre guerras...

— Não existem jornais, e como pode haver TV quando não temos eletricidade? — Francesco

examinou Pedro atentamente. — O que você está dizendo é loucura, e não sei se devemos confiar em você, mas Giovanni diz que eles sentem medo de você e isso basta. Devemos ajudá-

lo. E meu pai, que já estudou teologia na Universidade de Roma, ficou interessado quando você falou que faz parte de um grupo de cinco.

— *Cinque!* — repetiu o velho, assentindo vigorosamente.

— Mas, independentemente de quem você seja e do motivo para estar aqui, não pode ficar

em Nápoles. Esta é a primeira coisa, antes de qualquer outra. Preciso pensar na segurança da minha família. Você pode achar que seria impossível encontrá-lo numa cidade com tantos pobres sem endereço nem identidade. Você até parece italiano, mas não tem ideia do que acabou de provocar. Se você for quem meu pai acha que você é, a polícia vai derrubar prédios inteiros e arrastar todo mundo para fora com o objetivo de encontrá-lo. E qualquer pessoa que você viu esta noite ficará feliz em vendê-lo pelo preço de uma refeição. Até agora eles foram lentos porque não esperavam que você arranjasse um modo de sair do Castel Nuovo. Diferentemente

de Giovanni, eles não sabiam do antigo sistema de esgotos. Mas logo a busca vai começar, e até lá você precisa ir embora.

O velho falou de novo e Francesco levantou a mão, silenciando-o.

— É perigoso demais você viajar por terra. Há barreiras em toda parte, mas podemos falar com Angelo. Ele tem o barco. Pode levá-lo pelo litoral até Roma, e lá existem amigos que vão abrigar você. O importante é você sair daqui o mais rápido possível.

Pedro tentou absorver tudo aquilo. O problema era que tudo acontecia depressa demais; primeiro a prisão, depois a fuga, Giovanni, o pesadelo no esgoto, a cidade e agora essa família, sentada à meia-luz num apartamento vazio, dizendo o que ele tinha de fazer. Nada fazia sentido. Nápoles era uma grande cidade europeia, um lugar onde as pessoas iam a galerias de arte e restaurantes chiques. Ele tinha visto fotos em revistas, mas esta Nápoles se parecia com um gigantesco campo de refugiados. E todas essas coisas que o homem estava falando...

enchentes e guerras. Independentemente do que Francesco estava falando, Pedro tinha assistido à televisão quando estava em Nazca com Matt e Richard. Eles tinham lido os noticiários e navegado na internet. Nunca houvera nada sobre algo assim. Por que as escolas estavam fechadas? E como um garoto novo como Giovanni podia estar trabalhando numa cozinha? Em Lima, isso poderia ser possível, mas não aqui. Será que o homem estava mentindo para ele?

Certamente não tinha motivo, e ele parecia mesmo querer ajudar, mas nada que dizia tinha qualquer ligação com o mundo que Pedro conhecia.

Só uma coisa era certa. Ele não podia ir embora. Sozinho, não.

— Preciso ver Scott — disse.

Giovanni não havia entendido nada da conversa, mas a menção do nome o fez girar a cabeça

rapidamente.

— Scott? — perguntou Francesco.

— Ele estava preso comigo. É meu amigo. Não posso ir a lugar nenhum sem ele. Não posso

deixar que ele fique.

— Ele está no castelo?

— Está. Estava na minha cela, mas eles o levaram. Preciso voltar para pegá-lo...

Pedro não tocou na segunda tigela de sopa, que esfriava à sua frente. Ainda estava com fome, mas empurrou-a na direção das duas meninas, que olharam brevemente para Francesco pedindo permissão. Ele assentiu, e as duas começaram a comer com voracidade, atacando a tigela com suas colheres.

— Você saiu do Castel Nuovo por milagre e só porque encontrou meu sobrinho por acaso.

Ele o trouxe através da cidade para um dos poucos lugares onde você ficaria seguro. E você quer voltar? — Francesco riu brevemente. — Está louco.

Giovanni se inclinou e começou a fazer perguntas ao tio. Francesco respondeu rapidamente.

Pedro ouviu o nome de Scott ser mencionado e Giovanni fazer uma careta. Os dois falaram pelo que pareceu um longo tempo até que, finalmente, Francesco se virou para ele.

— Esse seu amigo é da sua idade? Um garoto de cabelo escuro? Americano?

— É.

Giovanni recomeçou a falar, mas Francesco levantou a mão, avisando para ele

ficar em silêncio.

— Você não pode vê-lo. Está enganado a respeito de Scott. Ele não é prisioneiro no castelo. É

um hóspede. Dorme num belo quarto com lençóis e tudo que pode querer. De dia anda pelas ruas de Nápoles, e apesar de ser acompanhado por guardas, eles só estão ali para protegê-lo. Ele vai aonde quiser.

— Não. O senhor está errado. — Pedro balançou a cabeça. — Não é possível. Esse não é o

Scott.

— Não estou errado. — Francesco ficou tremendamente sério. Pousou os punhos na mesa e

falou baixinho, como se não quisesse que o resto da família escutasse: — Escute, Pedro.

Giovanni trabalha na cozinha, mas às vezes tem de servir comida na sala de jantar. Era isso que ele estava me contando. Ele esteve lá há duas noites. Houve um banquete, um monte de gente

importante comendo a melhor comida e bebendo bom vinho. Havia um homem dos Estados Unidos, um figurão. Mas ele não estava à cabeceira da mesa. Sabe quem estava? Scott Tyler.

Certo? Estava usando calça e camisa pretas. E todos levantaram as taças para brindar à saúde dele. Foi aí que Giovanni ouviu o nome Scott.

— Não. — Pedro se recusava a acreditar.

— Giovanni, cujo pai era médico e que deveria estar na escola, trabalha 15 horas por dia naquele lugar. Varre, limpa e faz tudo que mandam, e eles o espancam por qualquer motivo.

Está vendo o rosto dele? Talvez ele lhe mostre as costas e você verá as marcas de chicote. Há duas noites ele fez uma reverência diante do seu amigo, como mandaram, e tirou o prato sujo

da frente dele. E quando achou que ninguém estava olhando, raspou a comida que restava e pôs na boca. Mas Scott viu. Scott sorriu. Achou aquilo divertido. Achou engraçado.

— Preciso vê-lo — disse Pedro. — Vocês não entendem. Eles fizeram coisas com ele.

Machucaram-no. Mas Scott não é assim. Ele não é o que vocês pensam.

— Então você vai simplesmente voltar e pedir para vê-lo?

Giovanni estava olhando-o, irritado. Pedro entendeu por que ele sentia raiva. O garoto italiano havia arriscado tudo para ajudá-lo a escapar e o tinha trazido para a própria família porque acreditava nele e porque achava que, de algum modo, Pedro poderia ajudar na luta contra as pessoas que comandavam a cidade. Mas Pedro estava retribuindo chamando-o de mentiroso. Tudo que ele fez por Pedro estava sendo jogado de volta na sua cara.

Será que poderia estar errado com relação a Scott?

Será que seu amigo poderia ter se juntado ao outro lado?

Pedro suspirou. Virou-se para Francesco.

— Preciso ver Scott porque não há nada que nenhum de nós possa fazer sem ele — explicou.

Fazia muito tempo que não falava tão longamente em sua própria língua. — Obviamente não posso voltar ao castelo, mas se ele está livre, como o senhor diz, talvez possa vir até mim. Não quero colocar nenhum de vocês em perigo, mas não posso ir embora daqui sem vê-lo. Ele é um

dos Cinco. Parece que o senhor sabe o que isso significa. Não podemos fazer nada sem ele. —

Pedro pensou um momento, depois olhou para Giovanni. — Existe algum modo de Giovanni passar uma mensagem para ele? Talvez haja algum lugar na cidade, ou fora dela, onde nós dois possamos nos encontrar. Algum lugar seguro. Eu teria de garantir que ele estivesse sozinho, mas, independentemente do que vocês pensem, sei que Scott não me entregaria a eles. Só preciso falar com ele por

alguns minutos. Depois disso, vou aonde vocês quiserem.

Pedro teve de esperar enquanto Francesco traduzia tudo isso para Giovanni. O velho, o pai de Francesco, interveio algumas vezes, e uma das mulheres também participou. Estava claro que ninguém à mesa se sentia feliz com o que Pedro propôs. Por fim, Giovanni falou. De novo Pedro ficou impressionado com a confiança dele. Ninguém interrompeu até que ele terminasse.

— Giovanni acha que pode fazer o que você pede. Amanhã eles trocam todos os lençóis, e o

serviço dele é levá-los para a lavanderia. Isso significa que vai entrar no quarto de Scott. Você entende? Para trocar os lençóis dele, como um serviçal. — Francesco fez uma pausa. — E você

sabe que, se eles descobrirem que Giovanni está ajudando-o, vão matá-lo. Ele está no Castel Nuovo há dois anos e viu muitos outros empregados morrerem. Um deles foi encontrado roubando comida. Foi levado para fora e morto a tiros.

Mas não é possível simplesmente matar pessoas assim, pensou Pedro.

Em vez disso, falou:

— Garanto. Vocês podem confiar no Scott. Ele está fazendo um jogo. Não é o que parece.

Francesco traduziu de novo. Giovanni assentiu. Pedro ficou aliviado. O acordo tinha sido feito.

— Vamos pensar em algum lugar seguro para o encontro — disse Francesco. — Com certeza

a polícia está procurando você, e isso vai tornar a coisa duplamente perigosa. Ainda me pergunto por que estamos fazendo isso, por que estamos correndo perigo por sua causa.

E de repente o velho falou.

— Ele é um dos Cinco. — As palavras eram em espanhol. — Gio o encontrou e trouxe para nós. Ele é nossa única esperança.

Francesco assentiu, mas seu rosto estava sério.

— Talvez o senhor esteja certo, pai. Esperemos que ele não nos deixe na mão.

VINTE E UM

Encontraram-se à tarde, bem no coração da cidade.

Francesco Amati pensou em muitas possibilidades para o ponto de encontro — igrejas, galerias comerciais, jardins, as Catacumbas de San Gennaro, um dos píeres que se projetavam do porto — mas chegara à conclusão de que nenhum era seguro. O simples fato era que, se Scott

quisesse trair Pedro, eles não poderiam fazer nada. Assim que o local fosse combinado, ele poderia ter quinhentos homens nas ruas cercando qualquer parte da cidade. O governo ainda tinha helicópteros e jipes, ainda que as pessoas não tivessem. Com uma única ordem, ele poderia garantir que Pedro fosse capturado, então estaria tudo acabado.

A polícia já estava ocupada. Houvera buscas de casa em casa em Vomero, Santa Lucia — a área do sul, perto do mar — e uma dúzia de outros bairros de Nápoles. Centenas de prisões foram feitas. Ao mesmo tempo, noticiavam em toda parte que seria dada uma recompensa de

dez mil liras, uma quantia inimaginável, a qualquer um que desse informações que levassem à prisão de um garoto peruano de 15 anos, magro, de cabelo preto, que estaria sozinho pelas ruas. Nas últimas seis horas, a descrição de Pedro fora alardeada pelos alto-falantes da polícia em toda a cidade, e com ela vinha uma mensagem clara. Qualquer um que fosse culpado de ajudá-

lo seria morto a tiros, junto com toda a família.

Simplesmente ir ao ponto de encontro já seria perigoso, e no fim isso dera uma ideia a Pedro.

A polícia estaria esperando que ele saísse de Nápoles. Ele certamente não tinha motivos para ficar na cidade. Todas as estradas principais foram bloqueadas. Se ainda estivesse na cidade, certamente estaria escondido no canto mais escuro que pudesse encontrar. O último lugar que

eles esperariam era no meio de um espaço amplo e aberto, sem qualquer proteção. Assim, por

mais louco que parecesse, esse tinha de ser o ponto de encontro. Francesco vira rapidamente a lógica e sugeriu a Piazza Dante, uma praça no alto da Via Toledo, que já fora uma das ruas mais movimentadas de Nápoles. Seria também um lugar fácil para Scott achar. O encontro foi marcado para as quatro horas, perto da estátua do famoso poeta Dante Alighieri, que ficava bem no centro.

Era uma tarde desagradavelmente quente e abafada, sem um sopro de vento. O céu tinha mais fumaça do que nunca. Francesco explicou a Pedro que isso se devia ao Vesúvio, o vulcão que ficava dez quilômetros a leste. Houvera um pequeno terremoto seguido por uma erupção três meses antes. Ninguém morreu, mas o vulcão cuspia fumaça e cinzas desde aquele dia,

envenenando a atmosfera e enchendo as pessoas com o pavor de alguma coisa pior no futuro.

E, no entanto, estranhamente, os habitantes de Nápoles tinham se acostumado com ele, talvez

porque houvesse coisas piores com que se preocupar. Não acontecia uma erupção séria havia quase cem anos e, mesmo sem as previsões de tempo e os meteorologistas para tranquilizá-los, todo mundo havia decidido que não aconteceria outra tão cedo.

Pedro estava na frente da estátua, que um dia fora branca, mas agora, como todo o resto,

tinha uma fina camada de cinza. Prédios altos e bonitos estavam a toda volta, e arcadas que um dia estiveram cheias de cafés ao ar livre e barracas de flores, agora continham apenas alguns agrupamentos de pessoas caídas no concreto, dormindo e esperando o calor do dia passar.

Havia um portal gigantesco de um dos lados e acima dele um relógio, que marcava permanentemente 11 horas. A décima primeira hora. De algum modo era apropriado.

E ali estava o Scott, vindo para ele pelas pedras do calçamento, sozinho, sem guarda-costas.

Mesmo antes de chegar perto, Pedro viu que ele havia mudado. Estava mais saudável, mais forte, mais seguro de si — andando como se a praça e toda a cidade lhe pertencessem. O cabelo fora cortado mais curto e ele estava usando roupas novas — uma camisa cara, jeans e tênis. Viu Pedro e levantou a mão, cumprimentando, mas havia pouca emoção em seu rosto e ele claramente não estava com pressa. Quase ao mesmo tempo, Pedro teve a sensação de que alguma coisa havia dado tremendamente errado. O garoto que se aproximava não era nem um

pouco como o Scott que ele conhecia. Imaginou se deveria dar meia-volta e correr.

Era tarde demais. Scott estava ali. Ele estava sozinho, sem soldados armados nem policiais entrando na praça. Pedro relaxou um pouco. Parecia que de fato ele viera sozinho.

— Olá, Pedro — disse Scott.

— Olá, Scott.

— Fiquei surpreso de verdade ao receber o seu bilhete. Eu nem tinha ideia de que você sabia

escrever. Tem um garoto chamado Giovanni... acho que esse é o nome dele. Ele limpa o meu quarto e trabalha na cozinha. Foi ele quem ajudou você a escapar?

— Não. Não sei de quem você está falando. — Pedro não tinha pretendido mentir, mas, ao

mesmo tempo em que as palavras saíam da sua boca, percebeu que não confiava em Scott e não revelaria nada. Já estava desejando não ter vindo a esse encontro. Não só por se colocar em perigo, mas se Scott tivesse mesmo adivinhado como Pedro tinha sido ajudado a fugir do Castel Nuovo, toda a família Amati seria morta.

— Devo dizer que fiquei impressionado. O lugar inteiro enlouqueceu completamente quando

descobriram que você tinha ido embora. No fim, deduziram que você devia ter saído pelo esgoto. Deve ter sido nojento... ter toda aquela merda em cima de

você, mas preciso admitir: você não parecia ter pique para isso.

Pedro não sabia o que dizer. Sabia que Scott não estava de fato elogiando-o. Estava zombando dele.

— Está bem, Scott?

Scott levantou as mãos, mostrando as roupas novas.

— Você pode ver por si mesmo. Quando me tiraram da cela, eu estava esperando o pior.

Mas, na verdade, foram bem legais comigo. Não posso reclamar. — Ele deu de ombros. — Estão

cuidando de mim.

— E o que você ofereceu em troca?

— O que faz você pensar que eu ofereci alguma coisa? — Pedro não respondeu, por isso, ele

continuou: — Esse é o problema com você. Esse é o problema com todos vocês. Desde o início,

nenhum de vocês me deu valor. Eu era sempre o fraco, não era? Você acha que eu te entregaria agora mesmo em troca de um sanduíche de carne e uma lata de Coca. É o que você acha, Pedro? Acha que eu virei um deles?

Pedro fez um gesto.

— Você tem tudo. Eu não tenho nada.

— É por causa da escolha que você fez.

— E que escolha você fez, Scott?

— Escolhi parar de ficar correndo de um lado para o outro e de ser machucado. Nunca quis

esse negócio de herói, para começo de conversa. Você não faz ideia do tipo de

vida que eu tive, Pedro, desde o início quando fui encontrado jogado numa caixa de sementes junto a Lake Tahoe.

Ninguém nunca me quis. Fui espancado no orfanato. Meus pais adotivos me tratavam feito lixo.

Passei dois anos num teatro vagabundo em Reno fazendo truques sem ao menos ser pago, e se

recusasse, me espancavam de novo. E por que tudo isso acontecia comigo? Porque eu era “um

dos Cinco”. Eu fui escolhido. Sortudo!

“Só que eu nunca fui de fato um de vocês, fui? Vocês adoravam o meu irmãozinho... eram

melhores amigos... mas eu fui deixado de fora. Sei por que Matt queria que você fosse minha babá quando ele foi para Londres. Ele não confiava em mim, como você não confia agora.”

— Eu estou aqui — disse Pedro.

— Mas está olhando por cima do meu ombro. Estou vendo você se remexer, Bicho-Pau. Você

acha que os policiais grandes e maus vão chegar a qualquer minuto. Não acredita que eu simplesmente viria aqui e encontraria você cara a cara.

— Por que veio?

— Porque queria que você soubesse como eu me sinto. Queria que você contasse aos outros,

caso se encontre com eles de novo, o que, francamente, duvido. Ou talvez você os veja no mundo de sonho. Você vai ao mundo de sonho, Pedro? Estive lá algumas vezes, mas não tem ninguém me esperando. Parece que decidiram me deixar sozinho.

— Eu também não consigo encontrá-los.

— Então talvez eles tenham nos abandonado. — Scott parou, subitamente cansado. — Nós

nunca iríamos vencer essa luta. E tudo acabou, de qualquer modo. Você já deduziu? Quando passamos por aquela porta em Hong Kong, de algum modo, saltamos dez anos à frente, no futuro. Metade do mundo se foi. Olhe esse lugar! Nápoles já foi uma cidade bem maneira. Era

aonde todos os ricos iam. Agora não passa de um grande campo de refugiados e logo nem vai

ser isso. Quando o Vesúvio explodir pela segunda vez, ela vai ser apagada... o que me traz ao objetivo deste pequeno encontro.

Scott olhou para o relógio. Era novo, uma fantástica amostra de engenharia de precisão com

pulseira de prata. Custaria dois mil dólares se ele tivesse de pagar, mas esse era o acordo que ele havia feito. Nunca mais teria de pagar por nada.

— Preciso voltar — disse. — Mas, se quiser, pode vir junto. Posso falar com meus amigos.

Neste momento, eles querem fazer um monte de coisas ruins com você, mas acho que posso convencê-los a aceitá-lo. Não posso prometer que vão deixar você viajar de primeira classe, mas pelo menos não vão matá-lo.

Pedro balançou a cabeça.

— Não posso ir com você.

— Qual é a alternativa?

— Não sei.

— Então por que está aqui?

— Esperava que você fosse comigo.

Scott riu brevemente.

— De volta ao esgoto? Nem pensar.

— Podemos sair de Nápoles. Podemos achar outra porta.

— Você simplesmente não sacou, Pedro. — Agora Scott estava fazendo cara de desprezo. —

Para mim, você já era. Para mim, o Matt já era. Para mim, os Cinco já eram. Não quero mais saber disso. Vou embora daqui de avião, com o Jonas, no conforto, e o único motivo para ter vindo aqui foi para dar a você a chance de ir comigo. E se você souber o que é bom, vai aceitar.

— Quem é Jonas?

— Um amigo. Ele cuida de mim.

— Achei que eu era seu amigo.

Scott balançou a cabeça.

— Errado. Você e eu fomos jogados juntos, mas eu nunca quis isso. Não me importo se nunca mais vir você de novo.

Pedro olhou para Scott e soube que não podia dizer mais nada. O encontro fora uma perda

de tempo e ele nunca se sentira pior. Tinha deixado Matt na mão. Longe de curá-lo, tinha permitido que Scott se afastasse. O garoto que estava ali, bancando o superior com roupas novas, não era alguém que ele reconhecesse. Como isso aconteceu tão depressa? Pedro se perguntou brevemente se Scott teria sido drogado ou ferido de novo. Queria perdoá-lo. Mas, olhando em seus olhos, podia ver a verdade. Scott havia cedido. Tinha permitido que os Antigos entrassem nele, e esse era o resultado.

Existiria algum modo de Pedro ainda alcançá-lo? Será que restava alguma ligação entre os dois? Lembrou-se da única pessoa de quem Scott fora próximo.

— E o Jamie? — perguntou.

— O que é que tem?

— O que você quer que eu diga a ele?

Scott deu de ombros.

— Não diga nada.

— Você sabe que, sem você, não podemos vencer.

— Nós nunca poderíamos vencer mesmo. Esse é o ponto.

Não havia mais nada a dizer. Pedro se virou e teria ido embora, mas Scott chamou-o, fazendo-o parar. Quando Pedro se virou de volta, o outro estava estendendo uma coisa: um punhado de dinheiro.

— Roubei isso para você — disse Scott. — Não sei se vai ajudar ou não, mas é melhor aceitar

isso.

— Obrigado. — Não podia recusar. Pedro pegou-o, e foi então que Scott notou a bandagem

imunda ainda amarrada em sua mão.

— O que aconteceu com sua mão? — perguntou ele.

— Foram os guardas. Quebraram meu dedo.

— Quando? — Pela primeira vez, a voz de Scott falhou e ele pareceu ter perdido um pouquinho de confiança.

— Não sei. No mesmo dia em que você sumiu.

Houve um breve silêncio. Então Scott falou de novo, as palavras jorrando rapidamente:

— Escuta — disse. — Isso ia acontecer de qualquer jeito. O mundo ia acabar e não havia

nada que qualquer um de nós pudesse fazer para impedir. Eu me juntar a eles ou ficar com vocês não faria a menor diferença.

— É nisso que acredita, Scott? — A voz de Pedro estava cansada.

— Os Antigos não são maus. O mundo é que é mau.

— E o que você é?

— Não sou nada. Só quero viver.

E foi só. Desta vez foi Scott que se virou e foi andando. Pedro olhou-o atravessar a praça, desaparecendo finalmente por baixo do arco com seu relógio. Baixou a cabeça. Ainda estava segurando as notas na mão quebrada.

Enfiou-as no bolso, depois se virou e foi para o outro lado.

VINTE E DOIS

Jonas Mortlake estava esperando Scott num dos grandes salões do Castel Nuovo. Era um espaço

gigantesco que fora decorado especialmente para ele, com móveis macios e confortáveis, tapetes grossos e um piano de cauda — ainda que ele não soubesse tocar. Havia obras-primas de arte clássica e moderna nas quatro paredes; de Rembrandt, Leonardo da Vinci e Picasso, todas tiradas de galerias famosas pouco antes de elas serem saqueadas ou demolidas. Havia um fogo aceso na lareira, e estendida nas pedras à frente estava uma pele de tigre branco com as patas abertas, os olhos de vidro espiando e os dentes à mostra num rugido final antes de se tornar extinto.

Jonas estava tomando café numa xícara de porcelana branca quando Scott chegou. Estava vestido para a viagem de saída de Nápoles: usava um terno de seda cinza, camisa branca e gravata cor-de-rosa. Mais cedo naquela tarde, enquanto Scott estava na Piazza Dante, ele passara duas horas na academia de ginástica ao lado de seu quarto no castelo. Mas apesar de todo o trabalho levantando pesos, apesar das flexões, das remadas e dos alongamentos, não tinha conseguido se livrar da raiva que estivera sentindo desde que ficara sabendo que Scott havia saído. Seus músculos ainda estavam quentes, mas a raiva queimava gélida por baixo.

— Onde você esteve? — perguntou.

— Dei uma saída. — Scott pegou um biscoito na mesa, partiu-o ao meio e comeu

preguiçosamente.

— Sei disso. Mas perguntei outra coisa. Gostaria de saber onde você esteve.

— Por quê?

Jonas pensou na pergunta. Sabia que uma semana atrás Scott não ousaria fazê-la — mas uma semana atrás Scott era uma pessoa muito diferente. Decidiu pisar com cuidado. — Eu estava preocupado com você. Falei como é perigoso lá fora. Há muitas pessoas desesperadas. Se eles veem alguém com dinheiro ou posses, tentam qualquer coisa.

— Sei cuidar de mim.

— Não tenho dúvida. — Jonas levou a xícara aos lábios e bebeu. — Mesmo assim você se atrasou bastante. Nós deveríamos estar indo para o aeroporto. O avião está esperando.

— Estou pronto para ir. Não preciso de passaporte, preciso?

— Não.

— Bom, as malas estão prontas. — Era verdade. Jonas havia lhe dado roupas novas

suficientes para encher três malas. Havia jeans, blusas de malha, camisas e paletós, mas também roupa de baixo térmica, casacos forrados, capuzes e luvas. Estaria frio na Antártica.

Aparentemente era para onde os dois iam. — Você pode pedir para um empregado descer com

elas.

— Farei isso. — Jonas tomou outro gole. — E aonde você foi, só por curiosidade? —

perguntou casualmente.

— Estive num lugar chamado Piazza Dante.

— E o que foi fazer lá? — Scott não respondeu. Jonas baixou a xícara e se inclinou à frente.

Seus olhos estavam duros por trás dos óculos de aro de metal. — Você viu o Pedro.

Era uma acusação, e não uma pergunta. Scott deu de ombros. Não via sentido em negar.

— Vi.

— Posso perguntar por quê?

— Ele queria me ver.

— Você sabe que estou tremendamente irritado com a fuga dele. Nós dois podemos ter chegado a um acordo, mas isso ainda vai fazer com que eu pareça descuidado e idiota.

— Você *foi* descuidado e idiota, Jonas. Esse é o ponto.

Jonas franziu a testa. O garoto estava indo longe demais. Precisaria pensar em algum tipo de castigo. Aqui, não. Não tinham tempo. Mas talvez quando estivessem no avião. Era um Boeing

747 e só os dois iriam viajar. Haveria espaço suficiente.

— Eu gostaria muito de ter Pedro de volta em minhas mãos — disse ele. — Se você sabia onde ele estava, podia ter me avisado. Pelo menos poderia ter contado quem o ajudou a escapar. Presumivelmente você sabe. Como ele entrou em contato com você?

— Ele me mandou uma mensagem.

— Estou muito desapontado com você, Scott...

— Você não precisa do Pedro — interveio Scott. — Ele não significa nada para

você. Você tem o que quer. Você me tem. — Sua voz estava fria. Ao mesmo tempo, ele parecia completamente relaxado. Jonas sentiu uma inquietação. Fora ele que transformara o garoto nisso, mas exatamente o que havia criado? — Agora, se você quer ir, vamos. Mas pare de falar como se eu fosse uma criança.

— Acho que você está esquecendo quem é. — Jonas decidiu que já bastava. Era hora de se

reafirmar. — Como ousa falar comigo assim?

— Eu falo como quiser. — O ódio estava brotando dele. Surgia em seus olhos escuros, na voz. O garoto estava consumido pelo ódio. — Acho que você é que está esquecendo, Jonas.

Você serve aos Antigos. Nós dois servimos aos Antigos. Mas há uma diferença entre nós. Você é um ser humano que recebeu uma indulgência e um pouquinho de poder em troca de serviços.

Mas eu sou um dos Cinco. Eu estava lá no início, quando os Antigos foram derrotados, e eles sempre tiveram um pouquinho de medo de mim. Eu tenho poder; e o estranho é que, desde que aceitei o que eu sou, desde que me juntei a vocês, fiquei mais forte do que nunca. Não sei dizer como me sinto. É extraordinário. Mas quer ver meu poder, Jonas? Quer sentir um gostinho?

— Vamos embora logo... — murmurou Jonas.

Mas era tarde demais.

— Eu consigo ver dentro da sua mente — continuou Scott. Ele cruzou os braços diante do peito e, apesar de ser alguns centímetros mais baixo do que Jonas, parecia erguer-se acima dele, olhando diretamente nos seus olhos. — Eu li cada segredo sujo da sua vida. Sei o que você pensa

quando se levanta e com o que sonha quando vai para a cama. Mais do que isso, eu posso controlar você. Sempre pude fazer isso, pressionar as pessoas e obrigá-las a fazer o que eu quero. Eu matei meu pai adotivo quando tinha 12 anos. Fiz com que ele subisse numa escada e

se enforcasse. Poderia fazer o mesmo com você.

— Já chega, Scott.

— Acho que não chega, Jonas. Acho que é hora de você aprender quem eu sou e o que posso fazer. Sei que você gosta de quebrar dedos. Foi o que aconteceu com o Pedro. Então por que você não descobre como é a sensação? Por que não quebra um dos seus próprios dedos?

— O quê...?

— Você me ouviu.

— Você não está falando sério.

— Estou.

Scott o encarou, e foi como se Jonas tivesse sido eletrocutado. Todo o seu corpo estremeceu, os braços se sacudindo enquanto ele lutava para mantê-los parados.

— Scott... — conseguiu sussurrar.

— Não me importa o que você faça comigo — disse Scott. — Mas deixe meus amigos em paz!

— Ele não era seu amigo! — Jonas ofegou a frase, com os olhos se arregalando, o rosto contorcido. Todo o seu corpo estava lutando contra si mesmo e, enquanto ele ficava parado ali, parecia que iria tombar no chão. Scott continuava olhando-o e, sem desejar, Jonas segurou o dedo mindinho da mão esquerda. Todos os músculos do seu braço estavam estremecendo. —

Por favor... — gemeu. Gotas de suor escorriam de sua testa. Todo o seu rosto estava retorcido antecipando a dor que viria, e lágrimas escorreram pelos cantos dos olhos. Ele estava segurando o dedo com a mão direita, dobrando-o para longe dos outros. — Scott... — tentou uma última

vez.

— Quebre-o!

Jonas não pôde se impedir. Não tinha controle. Gritou enquanto o dedo quebrava e, assim que isso aconteceu, foi liberado. Tombou para a frente, caindo de

joelhos. Todo o seu corpo estava se sacudindo. Lágrimas enormes desciam pelas bochechas.

— Nem pense em me castigar — disse Scott. — Os Antigos não se importam com você, mas

têm muitíssimo interesse em mim. Eu sou o chefe aqui, Jonas, e não você. É isso que você precisa lembrar. — Ele sorriu. — Então, quando o avião parte?

— O que você fez comigo? O que você fez comigo?

— Quando o avião parte?

— O carro está lá fora. — Jonas sibilou as palavras. Estava aninhando a mão ferida, incapaz

de acreditar no que tinha acontecido.

— Bom. Vou pegar minhas coisas. — Scott começou a andar para a porta e parou. — Por sinal, só uma pessoa poderia me dar a mensagem para o encontro na praça, e era aquele garoto serviçal, o Giovanni.

— Por que está me contando...?

— Por que não contaria? — Scott sorriu. — Nós dois estamos do mesmo lado.

Giovanni estava jogando suas posses numa maleta: algumas roupas, cartas e fotos. Não tinha quase nada para levar, mas Pedro sabia da importância do que ele estava fazendo. Não iria voltar. Enquanto isso seu tio, Francesco Amati, permanecia parado ali perto, olhando os garotos

ansiosamente.

— Não temos tempo — disse ele. — Vocês dois já deviam ter ido.

Os outros membros da família — o avô de Giovanni, vários tios e primos — estavam reunidos

na sala ao lado, olhando pela porta aberta, apavorados e perplexos. Pedro sabia o que eles estavam passando e sabia, com o coração pesado, que tudo era sua

culpa. Eles não tinham uma

vida boa ali. Todo dia era uma luta. Mas pelo menos cada um tinha os outros. Tinham esses cômodos. Tinham conseguido viver juntos em segurança relativa. E então ele entrou em suas vidas e da noite para o dia tudo estava mudado. Tudo que eles possuíam poderia ser arrancado em pouco tempo. Alguém no Castel Nuovo deduziria que Giovanni tinha passado o bilhete para

Scott. Somando dois e dois, eles saberiam que ele devia ter ajudado Pedro a escapar. E então viriam pegá-lo... e não somente ele. Sua família também sofreria.

Giovanni tinha terminado de arrumar a mala. Fechou-a, e Francisco pegou-a imediatamente.

— Angelo está esperando vocês no porto — disse, falando sua própria língua. Angelo era o

nome do irmão que tinha o barco. — Ele vai subir pelo litoral com vocês. E quando chegarem a Roma, ele vai ajudá-los a encontrar Carla Rivera. Ela trabalhava na Universidade de Roma com seu avô e sempre foi amiga desta família. Ela mora com o filho e a filha, perto do Vaticano. Vai saber o que fazer. — Ele se virou para Pedro e falou em espanhol: — Giovanni vai cuidar de você e é menos provável que você seja parado se viajarem juntos. Você até parece um pouco italiano.

Lembre-se, é ilegal viajar na Itália sem documento de identidade. Se vocês virem algum policial ou alguma autoridade, devem tentar evitá-los. Se forem parados, não tentem fugir, caso contrário, eles atiram.

— Sinto muito — disse Pedro, arrasado. Sabia que as duas palavras eram inúteis. Nem de longe expressavam o que sentia.

Como poderia saber o que acontecera com Scott? Os dois só estavam separados havia uma

semana, mas nesse tempo Scott mudou a ponto de ser quase irreconhecível. Ele era o irmão de

Jamie, os dois eram gêmeos. Mas havia acontecido alguma coisa que os separou e transformou

um deles em...

Não. Pedro ainda não conseguia aceitar. Scott havia sido machucado. Havia sido

amedrontado. Qualquer um deles poderia ter escolhido fazer o que ele estava fazendo. Pedro simplesmente se recusava a acreditar que Scott realmente havia trocado de lado.

Então por que ele estava com tanta pressa para ir embora? Por que acreditava que soldados

armados já estariam vindo para esta casa?

O pensamento em Scott o lembrou do dinheiro que ele havia lhe dado, e Pedro tirou-o do bolso.

— Aqui... — Ofereceu a Francesco. — Podem ficar com isso.

— Onde você conseguiu? — Francesco ficou olhando para o punhado de notas.

— Scott me deu.

— Não quero! — Francisco soltou as palavras com irritação, depois suavizou. — É muito dinheiro, Pedro. O salário de muitos meses.

— Então aceite. Sua família precisa.

Francesco ficou parado um momento, lutando consigo mesmo. Depois pegou o dinheiro, separou cerca de metade e devolveu o resto.

— Você e Gio também vão precisar de dinheiro. Ouviu o nome que eu disse a ele? Carla Rivera. Ela é a mulher que vocês devem procurar em Roma.

— Papa... eles estão aqui!

A voz vinha da sala ao lado. Era Isabella, a menina mais nova, que estivera junto à janela o tempo todo, o rosto encostado no vidro. Francesco foi correndo até lá e olhou por cima do ombro dela. Lá fora já estava escuro, apesar de ainda não ser noite. O sol foi coberto pela fumaça que jorrava do monte Vesúvio, mais densa e negra do que nunca, mas mesmo assim ele

pôde identificar os homens uniformizados cruzando o pátio, indo para a porta da frente. Eram uns vinte, com máscaras e capacetes, carregando armas automáticas. Seus pés batiam no concreto em uníssono.

Uma velha apareceu do lado, uma avó com xale e avental. Gritou com eles em voz aguda. O

que estavam fazendo ali? Por que estavam incomodando o bairro? Os soldados a ignoraram. Em

algum lugar, um bebê chorou. Um cachorro começou a latir.

— Vocês precisam ir. Agora! — gritou Francesco.

— Vocês têm de vir com a gente — disse Pedro.

— Não. Nós podemos retardá-los. Podemos ganhar tempo para vocês.

— Mas eles vão matar vocês. Vão matar todos vocês.

Francesco segurou Pedro com as duas mãos.

— Não existe espaço no barco — sibilou. — Nós estamos mortos de qualquer modo. Mas precisamos que você viva. Você é um dos Cinco, Pedro. É a única

esperança que resta.

— *Zio*... — Era a palavra que significa “tio” em italiano. Giovanni estava em lágrimas. Ele chegou perto de Francesco e os dois se abraçaram.

Então os dois garotos saíram e foram rapidamente pelo corredor. Pedro ouviu quando a porta da frente do prédio foi aberta com estrondo e pôde imaginar a bota de couro que havia feito isso. Houve outra rajada de tiros, num volume chocante, e apesar de estarem seis andares acima, ele sentiu o cheiro inconfundível de pólvora.

— Por aqui! — Giovanni estava guiando-o de novo, como tinha feito no Castel Nuovo.

Os dois correram na direção oposta à escada principal para o corredor. Pedro podia ouvir os

soldados vindo na direção deles, vinte pares de pés batendo nos degraus. Chegaram a uma janela no final e Giovanni abriu-a. Havia uma escada de incêndio. Pedro pulou a janela.

— Para baixo, não. Para cima! — Giovanni ainda estava falando italiano, mas cutucou-o com

um dedo e Pedro entendeu. Certamente alguém estaria esperando por eles embaixo. Tinha que

ter outro caminho.

Subiram dois lances de degraus metálicos até o teto e correram por uma vastidão de concreto plano coberta de fuligem e cheia de pedaços de metal e madeira, bicicletas amassadas, máquinas estragadas que não funcionavam havia anos. Dez anos. A visão daquilo fez Pedro se lembrar do que Scott tinha contado. Chegaram à beira da cobertura, e Pedro procurou uma segunda escada. Não havia. Uma distância de cerca de cinco metros separava esse prédio do outro, e Pedro viu o que Giovanni pretendia fazer.

O italiano jogou sua mala. Ela pareceu pairar no espaço por longo tempo antes de bater no

outro lado. Em seguida, ele andou para trás, respirou fundo e começou a correr. Pedro o viu se lançar sobre o abismo. Chegou com facilidade, pousando nos dois pés e rolando de lado. Pedro era mais baixo do que Giovanni e não era tão forte quanto ele, mas não fazia sentido permanecer ali, sozinho. Olhou para baixo. Estava a oito andares do chão e podia se imaginar caindo, esmagando-se na calçada lá embaixo. Escutou outra rajada de metralhadora mais longa, vinda de dentro do prédio. Pedro sentiu os tijolos vibrando embaixo dos pés. De repente todo mundo estava gritando, ou pelo menos parecia. Não podia suportar mais. Correu e saltou. Nesse momento, nem se importaria se tivesse caído para a morte.

Mas não caiu. Bateu na outra cobertura, rolando e ralando a pele do cotovelo e dos joelhos.

Giovanni pegou a mala e, enquanto Pedro se levantava, empurrou-o para uma escada de incêndio do outro lado. Agora todo o bairro estava num tumulto. Pessoas jorravam das casas, sabendo que os soldados tinham vindo e que seria mais seguro ficar longe. Quando Pedro e Giovanni chegaram ao térreo, a rua estava apinhada. Eles precisaram abrir caminho, desaparecendo num beco do outro lado.

Atrás deles, soou um apito agudo. Quem estava no comando no Castel Nuovo não queria correr riscos. Cerca de vinte homens estavam dentro do prédio e pelo menos uns cem do lado de fora. Toda a área estava cercada. Enquanto Pedro e Giovanni faziam a mala e discutiam sobre dinheiro, a rede estivera se fechando e, com uma sensação enjoativa no estômago, Pedro soube que não haveria saída.

Mesmo assim, continuavam em movimento. Era o fim da tarde, mas muitas pessoas ainda estavam nas ruas, ocupando cada centímetro. As multidões se recusavam a sair da frente. As pessoas se moviam como melado, separando-se com relutância, depois deslizando e se juntando

de novo. Giovanni estava com a mala apertada contra o peito, usando-a como um aríete. Pedro

olhou para um lado e viu vários homens de uniforme preto, batendo e cutucando com os cassetetes, abrindo caminho na direção deles. Giovanni gritou e os dois viraram para outro lado.

Era o errado. Havia uma parede bem à frente, alta demais para subir. Tinham

chegado a um beco sem saída.

E tinham sido vistos! Os soldados sabiam onde eles estavam. Pedro parou ofegante, com o suor pingando na testa, escorrendo embaixo dos braços. Imaginou se Scott teria mandado os soldados para ali e soube, no coração, que não existia outro modo de eles terem sido encontrados tão depressa. Talvez ainda não fosse tarde demais. Talvez Pedro pudesse apelar a ele... nem que fosse de joelhos. Bastaria uma palavra de Scott e a família que o ajudou seria poupada. Mas Pedro sabia que isso não iria acontecer. Desejou não ter vindo para a Itália. Nunca deveria ter saído do Peru.

O primeiro soldado apareceu bem à sua frente. Já havia tirado o revólver do coldre e agora o levantou apontando para Giovanni. Um garoto deveria ser capturado, o outro, morto. Ele sabia qual era qual.

Pedro fechou os olhos.

O chão começou a tremer. Foi tão súbito, tão violento, que foi como se todo o mundo tivesse sido apanhado por uma mão gigantesca e jogado no chão como uma bola de tênis.

Todas as linhas se romperam; as bordas das paredes, as portas, as janelas, as ruas. Ao mesmo tempo, houve uma explosão diferente de tudo que Pedro já vira. Era impossivelmente alta. E não estava parando. Continuava e continuava, ecoando pela cidade, rasgando o céu, martelando os

prédios como se estivesse decidida a derrubá-los. Os tremores iam ficando mais violentos a cada segundo. Pedro sentiu os globos oculares sendo arrancados do crânio. Estava se retorcendo e girando, fora de controle. Não conseguia mais sentir o chão sob os pés. Então, num instante, o céu mudou de preto para vermelho e Pedro finalmente entendeu.

Scott o alertara.

O vulcão estava entrando em erupção.

O soldado tinha ido embora. Talvez tivesse dado meia volta e corrido. Talvez tivesse caído.

Mas nenhum dos homens do Castel Nuovo teria qualquer interesse pelos garotos.

Agora, não.

Pedro levantou os olhos e viu um clarão vermelho e fortíssimo cortando o céu como um fogo de artifício gigantesco. Houve um ribombar medonho e mais explosões. Bolas de chamas

apareceram sobre os telhados como cometas em queda, só que estavam subindo, disparadas para a escuridão. Na outra extremidade do beco — de onde tinham vindo alguns instantes atrás

—, um prédio de cinco andares com apartamentos e uma loja embaixo começou a se desfazer,

um tijolo de cada vez. Uma depois da outra, as janelas se despedaçaram. Então a coisa toda tombou de lado e desmoronou com um tremor, grandes pedaços de parede e cacos de vidro esmagando a multidão que continuava embaixo. Mais chamas brotaram do chão. O céu inteiro

pegava fogo. O ruído era ensurdecedor. Milhares de pessoas estavam gritando, mas Pedro não

escutava.

Onde estava Giovanni? Pedro cambaleou em círculo e encontrou-o, sem a mala, os braços frouxos dos lados do corpo. Por um segundo, os dois estavam perto e Giovanni gritou alguma coisa, mas Pedro não entendeu. Não importava. Só havia um lugar para onde ir.

O porto.

O Vesúvio já estava cuspindo gases venenosos, cinzas e pedra-pomes no ar. Uma coluna de fumaça subiu, com 15 quilômetros de altura, o topo se ramificando até parecer uma palmeira gigantesca. Pedro olhou para aquilo e lembrou imediatamente. Era a mesma árvore que ele vira no mundo de sonho, do mesmo tamanho e da mesma cor. Um rio de lava, ardendo a novecentos graus centígrados, avançava, fluindo lenta mas inexoravelmente na direção da cidade. Tudo que ele tocava se desintegrava. Árvores desapareciam como se fossem palitos de fósforo, pegando fogo enquanto eram apanhadas na conflagração. O terremoto podia ser sentido a oitocentos quilômetros dali. O céu estava pegando fogo. E era só o começo. Coisa pior viria.

Pedro e Giovanni estavam bem no meio daquilo. Partiram juntos, cambaleando, correndo, lutando para abrir caminho pela multidão que gritava, tentando chegar ao mar.

O Boeing 747 já havia taxiado até o fim da pista quando a erupção começou. Scott estava sentado com o cinto de segurança preso, o rosto encostado na janela.

— Você deveria olhar para fora, Jonas — disse ele. — É uma tremenda vista.

— Nós deveríamos ter partido há uma hora — respondeu Jonas, rouco.

— Fico feliz porque não partimos. Esta é uma coisa que eu não quereria perder.

O interior do avião fora convertido numa sala única que ocupava quase toda a extensão do aparelho e era absurdamente luxuosa. Havia sofás de couro, uma mesa de jantar, uma cozinha

aberta, uma academia de ginástica, uma tela de cinema, um bar e até uma área de entretenimento com consoles de computador e um campo de futebol miniatura. Duas portas davam em suítes grandes com banheiras, chuveiros e saunas. Scott havia lido sobre bilionários russos que tinham aviões assim, até com torneiras de ouro e caviar na geladeira, mas nunca sonhou que viajaria em um. Ficara empolgado desde o instante em que entrou a bordo.

Jonas Mortlake não estava com o mesmo bom humor. Ocupava uma poltrona, o rosto

pálido, pensando no prazer que lhe daria assassinar Scott. Claro, o presidente não permitiria isso.

Aquelas crianças tinham de ser mantidas vivas. Mas as circunstâncias haviam mudado. O mundo

estava acabando de qualquer modo e, como o presidente lhe dissera em Nova York, havia pouca

chance de ele sobreviver. Talvez, só talvez, ele desobedecesse às ordens e pusesse a mão na massa.

No momento, as mãos estavam pousadas na mesa à frente. Jonas não tivera tempo de mandar colocarem uma bandagem no mindinho antes de partirem para o aeroporto, por isso, o

enrolara numa echarpe de seda. Tinha engolido dois comprimidos de paracetamol e estava

tomando uma dose grande de uísque para aliviar a dor. Scott não falou de novo no incidente, mas Jonas jamais esqueceria. De um jeito ou de outro, iria se vingar.

Houve outra explosão lá fora e todo o avião tremeu, as juntas de metal fazendo força umas

contra as outras. Todas as janelas estavam vermelhas. Scott, sentado do outro lado, junto a uma janela, soltou um uivo empolgado, mas Jonas fez um muxoxo. Será que o garoto não via o perigo que corriam? Precisavam voar com toda aquela confusão. Se partículas de fuligem ou de vidro derretido fossem sugadas pela turbina, o avião cairia. Por quê, por quê, por que não tinham saído mais cedo? Jonas estivera totalmente no controle quando partiu para Nápoles, mas agora era como se tivesse perdido tudo.

O piloto terminou as verificações a bordo e diminuiu as luzes da cabine. Não que houvesse qualquer necessidade, era somente hábito. E ele não precisava esperar a permissão para decolar.

Este era o único avião que sairia do aeroporto de Nápoles. Depois de hoje, o lugar não existiria mais. Jonas ouviu os motores aumentando as rotações e um instante depois estavam disparando

pela pista, toda a fuselagem tremendo, as rodas batendo nos buracos. Houve um momento em

que ele se perguntou se conseguiriam sair do chão. A fumaça e as chamas pareciam estar em toda parte, pressionando por todos os lados. Seria sua imaginação ou a temperatura subiu dentro da cabine? Eles estavam sendo cozinhados vivos! Sua respiração se prendeu na garganta e ele estendeu a mão boa, segurando-se na beira da poltrona. Sem saber, tinha fechado os olhos. Estava apertando o copo de uísque com tanta força que teve certeza de que ele iria se partir.

Mas então estavam no ar. Sentiu as rodas se retraindo e se recostou na poltrona enquanto se

inclinavam indo para o céu. Houve mais duas explosões gigantescas. O avião foi quase despedaçado, jogado loucamente para lá e para cá, as paredes estalando. Alguns

compartimentos tinham se aberto. Livros e DVDs caíram no chão.

— Você viu aquilo? — uivou Scott.

Jonas abriu os olhos. Tudo estava preto e vermelho. Nuvens de cinzas se dobravam sobre eles

como punhos gigantescos. Todo o céu pegava fogo. Jonas gemeu baixinho. Queria gritar.

Mas o avião não caiu. Noventa segundos depois tinham subido acima da fumaça em

redemoinhos, das nuvens girando... do olho medonho da tempestade. O pior da erupção já havia ficado para trás. Olhando adiante, podia ver trechos de céu quase límpidos. Jonas olhou pela janela e imaginou a cidade que acabara de deixar para trás, imaginando quantas pessoas morreriam naquela noite. Dez mil? Cem mil? De algum modo, isso não importava quando os números eram assim. Você parava de pensar nelas como seres humanos. Com zeros suficientes

no final, elas se transformavam em formigas.

O piloto levou o avião num arco suave. As luzes da cabine se acenderam de novo. O Boeing

747 começou a jornada para o sul.

Uma fumaça preta, parecendo óleo, escorria da cratera, espalhando-se para fora, engolindo a luz. As cinzas caíam densas como neve. Era como se o ar estivesse sendo sugado para longe, mas o pouco que restava fedia a enxofre. E as chamas continuavam se espalhando. A cidade pegava fogo. O sol desapareceu e todo o mundo tinha ficado vermelho.

De algum modo, Pedro e Giovanni tinham chegado ao porto, abrindo caminho pela multidão

que havia perdido qualquer aparência de sanidade, gritando e correndo em todas as direções, as pessoas lutando umas com as outras, cambaleando às cegas de uma esquina à outra. Algumas

desistiram, caindo de joelhos nas calçadas, rezando pela salvação enquanto outras passavam por

cima, pisoteando-as. Crianças separadas dos pais corriam em círculos sem sentido. Bebês foram deixados, abandonados em carrinhos.

Trechos inteiros da cidade desapareceram em chamas e escuridão. O Vesúvio estava

golpeando-a, como um monstruoso jogo de parque de diversões, disparando enormes bolas de

fogo que caíam uma depois da outra. O Castel Nuovo também fora atingido. Uma das torres estava em pedaços e o resto do prédio pegava fogo, as chamas sendo cuspidas pelas janelas.

Mais ao norte, o Duomo, a catedral principal de Nápoles, que se mantivera de pé desde o século XIII, tinha quase sumido. Mais de mil pessoas, até agora acreditando que Deus iria protegê-las do vulcão, haviam se refugiado dentro pouco antes de ela ser atingida por um daqueles mísseis chamejantes. Estavam correndo para fora de novo, cercadas por fumaça e pedras partidas.

O porto era um pesadelo de fogo e fumaça, de gases sufocantes e água que já estava agitada em frenesi. A maioria dos barcos capazes de navegar já havia partido, e tinham tantas pessoas apinhadas no convés que mal conseguiam se manter flutuando. Pessoas lutavam nos cais, esbravejando umas com as outras ou paradas com as mãos estendidas, implorando para ser levadas, mas os donos dos barcos estavam forçando-as para trás. Estavam nos conveses, golpeando com ganchos e remos enquanto os tripulantes lutavam com cordas e velas, tentando

sair para o mar aberto antes que fosse tarde demais. Quando Pedro parou, derrapando, ofegando com a atmosfera cheia de gases venenosos, sentiu outra enorme onda de choque viajar sob os pés e teve de se agarrar a Giovanni em

busca de apoio. Os dois olharam, incrédulos, todo o cais — uma gigantesca laje de cimento — se inclinar de repente como se tentasse zarpar também. Se estivessem mais perto, morreriam. Dezenas de pessoas foram jogadas no mar espumante. Eles não tiveram chance. Havia embarcações a toda volta, subindo e descendo com

estrondo. Muitas foram esmagadas. O resto deve ter afundado.

Giovanni olhou ao redor, o cabelo agitado pelo vento, os olhos cheios de pânico.

— Angelo... — Ele gritou uma frase, mas a maior parte se perdeu na balbúrdia.

Pedro se perguntou se deveriam ter vindo para cá. Pelo menos metade da cidade devia ter tido a mesma ideia. Muitos barcos já haviam partido. Por um momento insano, lembrou-se de um parque de diversões que tinha visto em Lima. Devia ter uns 9 ou 10 anos na época e ficou

fascinado pelos carrinhos de bate-bate, um número tão grande deles apinhado num lugar tão pequeno. O porto parecia igual... só que sem as luzes e a música. Era uma cena infernal, de destruição, enquanto as embarcações enormes se chocavam umas nas outras, com a água preta

e frenética embaixo.

— Olha! — Giovanni apontou e gritou.

Milagrosamente, o barco de seu tio ainda estava ali, esperando-os. Talvez tivesse sido deixado de lado pelo resto da multidão porque era tão pequeno e parecia tão frágil; um barco de pesca de sete metros, com duas velas e uma cabine. Chamava-se *Medusa*, o nome pintado em letras douradas sobre azul. Havia três homens a bordo. Dois estavam se agarrando desesperadamente

a cordas que os mantinham presos ao cais. O terceiro, um sujeito moreno e barbudo encharcado até os ossos, estava procurando por eles.

— Angelo! — gritou Giovanni.

O homem não ouviu, mas viu-os um instante depois enquanto eles corriam pela beira do cais.

De repente havia menos pessoas ao redor. Pedro pulou por cima de uma rachadura no concreto.

Segundos antes ela não estava ali. Todo o porto estava se partindo, os pedaços despencando no mar. O ar parecia mais denso do que nunca. Cada respiração era um esforço. Sua garganta e seus pulmões estavam escaldados.

O barco se sacudia como se fosse um animal vivo, e Pedro se perguntou como ele poderia zarpar. O vento estava forte demais, vindo para eles em golpes curtos, malignos. As velas se retorciam, tentando se arrancar dos mastros, mas quando subiu a bordo, deixando Angelo puxá-

lo do cais com Giovanni logo atrás, ouviu um som metálico e um chacoalhar, e soube que, incrivelmente, o *Medusa* ainda tinha um motor funcionando e que, de algum modo, os homens haviam guardado combustível suficiente para essa viagem.

Afastaram-se instantaneamente, com um vazio se abrindo entre eles e a beira do porto.

Pedro perdeu o equilíbrio e se esparramou no convés. Quando olhou para trás, viu um homem e

duas mulheres pulando na direção deles, esperando chegar ao último barco a partir. Mas já estavam longe demais. Todos os três caíram na água negra e agitada. Pedro não viu nenhum deles voltar à tona.

Houve um rugido parecendo o fim do mundo, como se o universo se partisse ao meio. Uma

coluna retorcida de fumaça pulou do topo do Vesúvio, subindo direto para o céu. Enquanto o *Medusa* lutava para sair do porto, bolas chamejantes de lava choveram, batendo na água ao redor, e de repente eles estavam cercados por uma densa floresta de vapor. Pedro viu um veleiro maior a uns 20 metros de distância. Era impossível dizer quantas pessoas estariam a bordo. Cada centímetro do convés estava apinhado. Mas, enquanto ele olhava, o barco foi atingido por uma daquelas bolas de lava, explodindo instantaneamente em chamas e afundando enquanto queimava. Dois outros barcos estavam tentando sair do caminho e se chocaram, os mastros e velas embolando completamente. Mais pessoas, figuras minúsculas, caíram na água. Tudo era uma loucura. Tudo estava sendo destruído.

Mas o *Medusa* havia se livrado, correndo pela água preta com o fogo se refletindo na superfície a toda volta. O vento tinha ficado muito quente. Estava queimando-os. Pedro sentia água quente batendo no rosto. O barco pulava e se sacudia. Ele estava caído com braços e pernas abertos no convés, incapaz de se mexer.

Alguém gritou alguma coisa em italiano.

Pedro olhou para cima e viu uma onda viajando na direção deles. Era diferente de tudo que já vira. Tinha o tamanho de um prédio de dez andares. Era gigantesca, hedionda, impossível de ser contida. Eles estavam indo diretamente para lá. Não havia como sair do caminho. Pedro estendeu a mão. Encontrou uma corda e enrolou-a várias vezes no braço direito. Fechou os olhos.

O *Medusa* continuava indo para a onda. Angelo apertava o timão, o rosto preso numa expressão de horror completo. E então a onda estava bem à frente e o barco foi subindo, subindo, tentando chegar ao topo. Mas milhares de litros de água se chocavam sobre eles, encobrindo tudo. Pedro sentiu-se esmagado. Era como se o peso do mundo tivesse caído sobre

ele. Não conseguia enxergar. Não conseguia respirar. Foi agarrado e varrido.

Depois... nada.

MATT

VINTE E TRÊS

— Quanto você quer por ele?

Matthew Freeman estava parado de cabeça baixa com as mãos amarradas à frente do corpo,

esperando para ser vendido. Estava com o lábio rachado, e um fino fio de sangue escorria sob o queixo. Um instante atrás tinha dito alguma coisa sem que mandassem — e esse era seu castigo.

Não estava sozinho na plataforma. Havia quatro outras crianças, três garotos e uma garota.

Todos eram mais novos. A menina não poderia ter mais do que 7 ou 8 anos e estava usando um

vestido preto coberto de lantejoulas, como se aquilo fosse uma espécie de desfile de beleza escolar. Um dos garotos tinha levado uma surra e passado fome. Estava oscilando com uma expressão vazia nos olhos, e Matt se perguntou se ele ao menos chegaria ao fim da venda antes de desmoronar.

Matt era o centro das atenções. A maioria dos compradores fora atraída para ele imediatamente — um garoto de 15 anos, corpo bom, ombros largos, cabelo curto e olhos azuis

intensos. As roupas e a cor da pele o destacavam como estrangeiro, e os americanos em particular eram muito valorizados nos mercados de escravos. Supôs que ninguém saberia dizer de onde ele viera realmente. Aquelas pessoas falavam inglês com um sotaque que fazia cada palavra parecer feia. A língua nativa delas era o português. E elas não se importavam de verdade. Nos últimos quinze minutos, ele fora sondado e cutucado. Sua camisa tinha sido rasgada para mostrar os músculos dos ombros e do peito. Os olhos, os ouvidos e a garganta foram examinados, e um dos compradores até verificou se ele tinha piolhos. Estava saudável. Era só isso que importava. Significava que ele valia mais.

Claro que Matt estava a um mundo de distância das outras crianças pobres vendidas ao seu

lado. Chegara ao Brasil apenas cinco semanas antes, ao passo que elas cresceram ali, foram vendidas assim que os pais ficaram sem comida e depois foram vendidas de novo, duas ou três

vezes, sempre a um preço mais baixo. Estremeceu ao pensar para que elas teriam sido usadas.

Trabalho braçal, serviços domésticos... ou coisa pior. Provavelmente era melhor não saber.

E agora era sua vez.

Matt não tinha permissão de olhar para cima. Se levantasse a cabeça apenas um pouquinho,

sentiria o estalo de uma bengala nos ombros. Mas não pôde resistir a erguer os olhos e ver quem poderia comprá-lo. Quem havia falado — o homem que perguntou o preço — era baixo,

gordo, moreno com um bigode preto e olhos pequenos, de ratazana. Um *mulato*. Metade

africano, metade brasileiro. Vestia jeans e uma camisa listrada que se esticava sobre a barriga, e bastou um olhar para Matt saber que ele não estava no mercado para si mesmo. Era agente.

Isso era má notícia. Se o homem fosse um fazendeiro ou madeireiro ou mesmo um bandoleiro,

isso daria a Matt uma pista de onde iria parar, mas como ele estava representando outra pessoa, poderia ser qualquer local.

— O preço é duzentos dólares.

— O garoto não vale nem metade disso.

— Quando foi a última vez que você viu um garoto nessas condições?

— Onde você o achou?

— Isso é da minha conta. Se você comprar, talvez ele conte. Mas não vai ficar com ele por menos de duzentos.

— Cento e vinte.

O mercado de escravos ficava num povoado que mais parecia uma prisão ou um complexo militar. Uma igreja branca se erguia numa das extremidades, com telhado ornamentado e uma torre de sino com uma cruz em cima. Afora isso, todas as construções eram idênticas: compridas, caiadas e baixas, com telhados de barro, espalhadas de forma ordenada como casas

num tabuleiro de Banco Imobiliário. Eram organizadas em volta de uma praça ampla, com grama

cortada tão curta que era como se o chão tivesse recebido um spray verde, e era

ali que a plataforma fora construída. Havia cerca de doze compradores. Os moradores mantinham distância. Matt vira um homem vestindo o que parecia um pijama branco sujo, carregando dois

baldes pendurados num pau sobre os ombros e outro empurrando um carrinho de mão, mas eles não queriam saber. O povoado era cercado pela selva. Não a floresta luxuriante e misteriosa que Matt vira em programas de TV, e sim uma terra plana coberta com arbustos verde-escuros

que parecia se estender para sempre.

— Cento e cinquenta. É minha última oferta.

— Cento e oitenta.

— Cento e setenta e cinco.

Os dois homens apertaram as mãos.

Matt ficou olhando enquanto um malote de dólares americanos era desembrulhado e várias

notas eram retiradas. Ele sabia que a moeda americana era usada em quase toda parte, ao passo que o dinheiro do país — o real — não valia quase nada. Ao seu lado, o garoto desnutrido gemeu e desmaiou. Seu dono xingou e deu-lhe uma chicotada, e os compradores riram. O preço

do garoto teria caído pela metade, e para começo de conversa mal devia chegar a dois dígitos.

Matt agora pertencia a um novo dono. Havia uma corda em volta de seu pescoço e — como

se ele fosse um cachorro — viu-a sendo passada do vendedor para o comprador. Então foi puxado para fora da plataforma, descendo no gramado. Só por um momento, pegou-se ao lado

do homem que o havia vendido.

Lohan, o membro da Tríade que protegera Scarlett quando ela estava em Hong

Kong, filho do chefão do crime que se chamava de Senhor da Montanha, o homem que de algum modo havia se embolado com Matt quando escaparam do templo Tai Shan, parou diante dele.

Lohan deu de ombros.

— Sinto muito, Matt — disse ele. — Mas eu preciso sobreviver.

Matt xingou-o.

O *mulato* puxou a corda fazendo a cabeça de Matt girar bruscamente e ele foi levado para longe. Atrás, Lohan contou o dinheiro e a venda continuou.

Um caminhão com um motorista esperava na borda do povoado. O novo dono de Matt usou uma ponta da corda para chicoteá-lo nos ombros enquanto ele subia na traseira. Outro garoto mais ou menos da sua idade estava sentado ali, acorrentado ao chão com uma algema no tornozelo. O garoto era brasileiro, com cabelo encaracolado e rosto marcado pela varíola, vestindo jeans e uma camiseta com propaganda da cerveja Skol. Matt se perguntou brevemente

se aquela cerveja ainda existia. Agachou-se enquanto seu tornozelo também era preso ao piso.

Ninguém falou com ele, mas isso era normal. Ele era uma propriedade — nada além disso.

Queria pedir água. A tarde estava quente, o ar pesado e imóvel, e podia sentir o suor escorrendo sob a roupa. Daria qualquer coisa por um banho, mas não fazia sentido algum pedir. Se fosse obrigado a trabalhar numa cozinha ou a servir de garçom, eles iriam vesti-lo e deixá-lo apresentável. Se fosse comprado para serviço externo, iriam mantê-lo como ele estava. Logo descobriria.

— Qual é o seu nome? — sussurrou para o outro garoto.

O garoto cuspiu, mas não respondeu.

O homem subiu na frente do caminhão e cerca de um minuto depois eles partiram, chacoalhando pelo povoado, buzinando freneticamente para qualquer um que estivesse no caminho. Viajaram durante cerca de uma hora por estradas cheias de buracos que jogavam Matt

pela carroceria e logo arrancaram toda a pele de seu tornozelo. Ele não tinha como enxergar do lado de fora. O homem havia puxado uma lona sobre a carroceria, e a frente, com os bancos do motorista e do carona, estava tapada com tábuas. Quando faziam curvas, Matt e o garoto brasileiro eram jogados um contra o outro ou lançados pelo piso áspero da carroceria. As mãos de Matt ainda estavam amarradas e ele não podia fazer nada além de suportar a longa viagem

em silêncio. O pior era que não fazia ideia de para onde ia ou do que poderia estar esperando-o quando chegasse. O outro garoto estava carrancudo e em silêncio, e não parecia se importar.

Por fim diminuíram a velocidade e pararam. Matt ouviu gritos. Então avançaram mais alguns

metros e pararam de novo. O motor foi desligado. Vários instantes se passaram antes que a parte de trás da lona fosse aberta e a luz verde do sol, os últimos raios do dia refletidos pela floresta em volta, entrasse.

A primeira coisa que Matt viu foi homens com metralhadoras — não usavam uniforme militar, e sim jeans e camisas pretas, alguns barbudos, alguns com bonés de beisebol. Estava numa espécie de acampamento, que a princípio o fez pensar num mosteiro, pois ficava num pátio entre duas varandas cobertas, como claustros, feitas de tijolos com quartos do outro lado.

Uma paliçada de madeira cercava o lugar, e ainda que estivessem no meio da selva, devia existir eletricidade, considerando que ele viu holofotes, câmeras de circuito fechado e uma antena de rádio. O motorista deu a volta e soltou sua algema, e enquanto descia do caminhão, Matt viu uma grande casa de madeira que tinha postigos, uma varanda e — espantosamente — um parquinho infantil com escorregador e balanços. Alguém rico morava ali, e era bem protegido.

Matt já vira mais de uma dúzia de guardas armados.

O *mulato*, o homem que o trouxera, apareceu com uma faca e cortou de qualquer jeito a corda que prendia suas mãos. Matt esfregou os pulsos, estimulando a circulação de volta. Notou alguns homens espiando-o e não gostou do que viu nos olhos deles. Aqueles sujeitos sabiam de alguma coisa que ele não sabia, e, o que quer que fosse, ele não iria gostar. Olhou para o lado.

Uma parte do complexo fora dedicada ao trabalho que era feito ali. Havia altas pilhas de cilindros de aço e baldes de plástico. Mais além, atrás de portas de vidro, homens com camisetas brancas se inclinavam sobre mesas compridas, cercados por equipamentos de laboratório: cilindros de

gás, bicos de Bunsen, diferentes vidros com substâncias químicas.

Drogas.

Matt soube imediatamente onde estava. A casa de madeira era o lar de um dos muitos chefões das drogas que agora, como sempre haviam sido, eram os homens mais ricos e poderosos do Brasil — e era ali que começava a linha de suprimentos. Quem morava ali tinha seu exército particular e seus próprios cientistas produzindo cocaína pura, que se espalharia por toda a América do Sul e seguiria para o norte até os Estados Unidos. A única questão era: como ele e o outro garoto se encaixariam em tudo aquilo? Matt teve uma sensação ruim de que não tinham

sido trazidos para manter o complexo limpo.

Os dois ficaram perto do caminhão, esticando as pernas, evitando os olhares dos homens que

os encaravam e avaliavam. A tarde já estava terminando. Fazia um calor desconfortável, abafado. Matt ouviu o zumbido de um mosquito junto à orelha e resistiu à tentação de tentar lhe dar um tapa. Estava decidido a não demonstrar que sentia medo, mas não havia como escapar dos pensamentos que sussurravam constantemente em sua cabeça. *Você está sozinho.*

Está a milhares de quilômetros de casa. Ninguém sabe que você está aqui. Essas pessoas podem matá-lo rapidamente ou devagar, e ninguém vai descobrir. Ninguém vai se incomodar. Cento e setenta e cinco dólares — é isso que você vale.

Um homem saiu de um dos laboratórios — um médico. Pelo menos estava vestido como um

médico: jaleco branco sujo, e um estetoscópio pendurado no pescoço. Era careca, usava óculos e tinha a pele vermelha por causa da lâmina de barbear. Foi primeiro até o garoto brasileiro e examinou seus olhos, levantando as pálpebras

com o polegar, depois puxando os lábios para cima para olhar os dentes. A princípio, o garoto resistiu e o médico lhe deu um tapa na lateral da cabeça e murmurou alguma coisa em português. Depois disso, ele ficou parado enquanto o médico auscultava seu coração e os pulmões. Pelo menos Matt estava preparado quando chegou

sua vez. Tentou não mostrar qualquer expressão, apesar de o hálito do médico feder a cachaça.

Os exames não haviam demorado mais de dois minutos. No fim, o médico recuou,

esfregando a mão no queixo. Obviamente estava tentando decidir. Então, abruptamente, apontou para o garoto de cabelo encaracolado, em seguida se virou e voltou para o lugar de onde tinha vindo. Ao mesmo tempo, o companheiro de viagem de Matt enlouqueceu. Devia saber de algo que Matt desconhecia, porque ele correu à frente, gritando, e teria chegado à cerca do perímetro se os guardas não o tivessem pegado e derrubado a porretadas. Mesmo assim ele ficou se retorcendo e chutando, gritando e soluçando o tempo todo. Mais dois guardas seguraram seus pés. Depois o arrastaram pelo pátio central, com a cabeça arrastando na poeira, e desapareceram num laboratório.

— *Depressa, seu porco!*

Com os olhos no outro garoto, Matt não viu o guarda gritando com ele, e um instante depois, sentiu as pernas se dobrarem enquanto era golpeado por trás. Desmoronou na poeira.

— *Levanta!*

Matt se levantou o mais rápido que pôde, sabendo que seria ainda mais machucado se hesitasse. O guarda — um homem pequeno e barbudo que parecia um professor com óculos e

cabelo ralo — fez um gesto na direção de um prédio do outro lado do complexo. Enquanto ia para lá, Matt viu um galpão quadrado, de tijolos, com um motor funcionando dentro. Sem dúvida era o gerador principal. Olhou-o com atenção, gravando uma imagem daquilo na cabeça.

Precisaria disso mais tarde.

O guarda levou-o a um cômodo que podia ter sido uma despensa, mas que seria usado como cela. Havia um colchão no piso e nada mais. Porém, enquanto Matt era levado para dentro, o guarda lhe entregou uma garrafa plástica — um litro de água aparentemente filtrada. Isso lhe dizia duas coisas. Eles o queriam vivo e hidratado, com saúde razoável. Não era boa notícia. Matt já fazia uma boa ideia do motivo para ele e o garoto brasileiro serem necessários. O surgimento do médico e, agora, a água para beber confirmavam isso.

Deitou-se no colchão enquanto a porta era fechada com um estrondo. Ouviu o som de uma

corrente sendo posta do outro lado. Não havia janela nem luz. Matt precisou se obrigar a respirar lentamente para não entrar em pânico na escuridão intensa. Precisava se lembrar de que, de certa forma, havia optado por estar ali. E não pretendia ficar muito tempo. Relaxou com os olhos fechados.

Cinco semanas haviam se passado desde que ele e Lohan tinham aparecido na cidade brasileira de Belém. A porta de Hong Kong deixou-os numa igreja enorme, a basílica de Nossa Senhora de Nazaré — apesar de ela ter sido abandonada havia muito por causa das enchentes,

da água imunda do Amazonas que havia engolido boa parte da cidade, espalhando-se nas ruas e

sob as portas, batendo de leve na nave que já fora magnífica. A igreja em si era razoavelmente moderna, mas sempre houvera uma construção sagrada naquele lugar. Diziam que uma imagem

da Virgem Maria aparecera ali trezentos anos antes. Ninguém nunca dera muita atenção à pequena porta com sua estrela de cinco pontas, escondida atrás do altar.

Belém estava quase completamente abandonada, e os poucos milhares de pessoas que

restavam vinham matando-se umas às outras ou deixando a doença e a fome fazer isso por elas.

Matt e Lohan perceberam rapidamente que tinham ficado fora por muitos anos e voltado a um

mundo muito diferente daquele que deixaram. Pior ainda, a porta na igreja não funcionava mais.

Estavam presos ali.

Matt ficou em choque ao se ver separado de Richard. Parecia que estavam juntos por tanto

tempo e enfrentaram tantos perigos juntos que nunca iriam se separar. Ao mesmo tempo, ele se culpava pelo que tinha acontecido e esse pensamento era ainda amargo em sua mente. Ele não

estivera pensando direito nos últimos instantes no templo Tai Shan. Se tivesse gritado uma única palavra, um destino, todos teriam chegado juntos. Poderia ter sido Londres, Cuzco, Lake Tahoe

— qualquer lugar. Em vez disso, permitira que eles se amontoassem sem pensar e, em resultado, tinham ido parar em pontos diferentes do mundo.

No entanto, dentre todos os companheiros de viagem que poderia ter escolhido, considerava

Lohan o mais bem equipado. Lohan havia passado a vida inteira trabalhando numa das organizações criminosas mais perigosas da Ásia. Falava cinco línguas, inclusive português.

Quando os dois foram atacados por uma gangue de rua nos arredores de Belém, poucos dias depois de terem chegado, Lohan reagiu com uma velocidade e uma inclemência que deixaram Matt perplexo, resultando em um homem morto e outros dois precisando de cuidados intensivos. Além disso, Lohan se recusou a deixar que Matt se culpasse pelo que acontecera depois de escaparem do templo.

— Você precisava tirar a gente de lá — disse ele. — E tirou. Não havia tempo para sentar-se

e olhar um mapa, então por que gastar a energia com isso? Não faria diferença, de qualquer modo. Se todos nós tivéssemos ido para o mesmo lugar, os Antigos poderiam estar esperando e

seríamos todos capturados. Talvez seja melhor assim. Pelo menos ninguém sabe

que estamos aqui.

Tinham ido juntos para o sul com apenas dois objetivos: precisavam evitar os Antigos e

sobreviver. Não tinham dinheiro e eram obrigados a roubar comida — de novo, Lohan era completamente frio e eficiente, e logo Matt viu que ele mataria qualquer um que ficasse no caminho. Não que Matt fosse questionar isso. Não havia sentido, com um homem daqueles.

Enquanto viajavam, ficaram sabendo que ainda existia um aeroporto funcionando em Salvador, e que seria possível pagar uma passagem para outra cidade sul-americana ou até mesmo para os

Estados Unidos. Mas Salvador ficava a mais de dois mil quilômetros. E uma passagem de avião custaria milhares de dólares que eles não possuíam.

Os mercados de escravos eram o único modo fácil de ganhar dinheiro no Brasil. Quando as pessoas ficavam desesperadas, vendiam os filhos. Se estivessem muito desesperadas, vendiam a si mesmas. Depois de cinco semanas na estrada, quando tinham ficado sem comida e sabiam que não poderiam continuar, Lohan vendeu Matt. Era simples assim. Não tinham outra saída.

Matt bebeu a água. Estava quente e tinha gosto de cloro, sinal que provavelmente havia sido

purificada como ele esperava. Pensou no outro garoto e desejou poder ajudá-lo, mas sabia que só poderia fazer alguma coisa mais tarde, à noite. Com o tempo acabou cochilando, não tanto

dormindo quanto flutuando na superfície do sono. Queria voltar ao mundo de sonho, mas não esta noite. Tinha coisas suficientes para fazer e havia tanto tempo que não via Pedro, Scarlett, Jamie ou Scott que não sabia o que diria caso se encontrassem. Quando abriu os olhos de novo, supôs que teriam se passado três ou quatro horas. Era o bastante. Era hora de agir.

Havia uma corrente do outro lado da porta. Matt não a tinha visto, mas ouviu o chacoalhar

enquanto ela era passada pelos trincos, em algum lugar acima da maçaneta.

Ainda deitado no colchão, visualizou os trincos, os parafusos que os prendiam à madeira. Tinha a imagem na mente. Manteve-a ali, depois mandou uma instrução. De que outro modo poderia descrever aquilo? Uma onda de pensamento? Um míssil guiado? Simplesmente ordenou que o metal se partisse e um instante depois o ouviu fazer exatamente isso, como se alguém tivesse usado um torquês.

Seu poder havia aumentado desde que chegara à América do Sul. À medida que os dias passavam, descobriu que podia usar a mente com esforço tão pequeno quanto o que um dia era

despendido para usar as mãos. Podia mover objetos — mesmo que fossem muitas vezes mais pesados do que ele. Se quisesse, poderia ter parado o veículo que o trouxera ali, simplesmente mandando o motor se desmontar. Talvez fosse o modo mais fácil, mas ele estava interessado em ver aonde o veículo iria levá-lo. E precisaria do caminhão mais tarde.

A porta se abriu. Matt viu uma luz elétrica forte, vazando no corredor, vindo dos holofotes do lado de fora. Precisava de escuridão. Pensou no prédio do gerador, imaginando o mecanismo dentro, os cilindros girando, os fios. De novo se concentrou. As luzes morreram

instantaneamente. Alguns instantes depois, a escuridão foi seguida pelos sons de gritos.

Matt se levantou e terminou de beber a água. Ele se sentia bem. Estava no controle.

Era hora de ir.

VINTE E QUATRO

Não havia lua nem estrelas. O complexo estava absolutamente escuro. Enquanto Matt saía do depósito onde fora mantido, escutou vozes — homens gritando uns com os outros em português — e viu os fachos de lanternas saltando pela escuridão. Esperou. Todo mundo estaria concentrado no gerador e na perda de energia. Não teriam tempo para ele, e se tivesse cuidado, poderia sair antes que alguém notasse.

A paliçada estava aberta. Não há necessidade de portões trancados quando se

está na selva,

longe de qualquer lugar. E o chefão das drogas tinha proteção suficiente para enfrentar um exército. Matt poderia ter saído naquela hora — mas por mais que isso o exasperasse, não podia. Havia o outro garoto que viera no caminhão com ele. Matt nem tinha ficado sabendo seu nome, mas de algum modo ainda se sentia responsável por ele. Nesse momento, poderia estar

no lugar dele. Tinha sido azar do garoto ser escolhido primeiro, tão casualmente como se o médico tivesse jogado cara ou coroa. Ele precisava saber o que estavam fazendo com o garoto e, se possível, impedir. Se já não fosse tarde demais, os dois poderiam escapar juntos.

Precisava atravessar o complexo até as arcadas do outro lado. Era ali que tinha visto os laboratórios, e o garoto tinha sido levado para algum lugar lá dentro. Matt não ousava atravessar o pátio diretamente. Havia muitos homens vindo de muitas direções, convergindo para o gerador. Em vez disso, continuou pela borda, mantendo-se perto das varandas cobertas, depois correu pela frente da casa, passando pelos balanços e o escorrega. Ouviu alguém lá dentro gritando, uma voz de homem, profunda e rouca. Seria o chefão das drogas acordando do sono, perguntando o que estava acontecendo? Um guarda passou correndo a poucos metros, mas não o viu. À distância Matt escutou um cachorro latindo e isso o fez parar e dar meia-volta, ansioso. Cachorros não seriam enganados pela escuridão. Iriam encontrá-lo pelo cheiro. Se o chefão tivesse cães de guarda em algum lugar perto da casa, ele poderia estar encrencado afinal de contas.

Ainda não tinha sido visto, por isso acelerou o passo, seguindo os arcos do lado oposto a onde estivera. Cerca de meia dúzia de lanternas convergiam para o prédio do gerador, os fachos se cruzando na escuridão, e ele vislumbrou homens com rostos barbados e roupas amarrotadas

espiando para ver o que tinha acontecido. Sabia que eles encontrariam engrenagens e pistões que se deformaram inexplicavelmente, cabos partidos ao meio — e a não ser que tivessem um

sistema de reserva, a única luz que veriam seria do sol nascente.

Mas enquanto continuava, viu um cômodo iluminado. Havia uma luz amarela e fraca vindo de trás das janelas de vidro... eram velas ou um lampião. Matt se esgueirou, sem fazer som com os pés no piso de ladrilhos. Chegou à janela e

olhou para dentro.

Desde o dia em que fora preso pela polícia e mandado para ser criado em Yorkshire, Matt vira muitos horrores. Os últimos minutos passados no Portal do Corvo, seu primeiro encontro com o rei dos Antigos, haviam bastado por toda uma vida. Mas sabia que jamais iria esquecer o que viu do outro lado da janela. Quase vomitou. Era difícil acreditar que algum ser humano poderia ser tão monstruoso, tão cruel.

O chefão das drogas estivera comprando garotos para ser usados como mulas, para carregar

drogas dentro do corpo de um país ao outro, atravessando fronteiras sem que fossem parados

ou atraíssem suspeitas. Matt sabia que, anos antes do início de suas aventuras, mulas de drogas viajavam de avião para Londres e outras grandes cidades, mas o chefão havia levado as coisas um pouco adiante. O garoto brasileiro estava deitado numa mesa cirúrgica com um médico e dois enfermeiros inclinados sobre ele, todos com luvas sujas de sangue. Sua operação fora interrompida pela perda súbita de luz.

Ele fora aberto, e seu corpo, usado como esconderijo para muitos pacotes de pó branco. Os

sacos plásticos eram enfiados nas cavidades sob as costelas e em volta do estômago. Qualquer coisa que não fosse vital fora removida com o objetivo de abrir espaço para mais drogas. Neste momento, o garoto era uma sujeira brilhante de sangue e plástico, mas Matt sabia que ele seria costurado de novo e que sobreviveria. Faria a viagem para onde as drogas estavam sendo enviadas e depois seria operado de novo e os sacos seriam retirados. Quantas vezes conseguiria fazer isso antes de morrer?

E Matt seria o próximo. Se o médico tivesse decidido de outro modo, ele é que estaria ali deitado, inconsciente e anestesiado. Matt precisou conter a fúria que estava sentindo. Se a liberasse, mataria todos eles... o médico, os ajudantes e o garoto também. Talvez ele estivesse melhor se morresse, mas não era Matt que decidiria isso. Só sabia que não podia fazer nada.

Teria de deixá-lo para trás.

— *Quem é você?*

As palavras saíram ásperas da escuridão. Matt se virou, com raiva de si mesmo, e viu um guarda a centímetros dele. Estivera tão fixado no horror do outro lado do vidro que não o tinha visto chegar, e agora era tarde demais. O homem já ia dar o alarme e, mesmo com seus poderes, Matt duvidava de que poderia passar pelos cães, pelo chefão das drogas, pelos homens com metralhadoras. Por que havia se preocupado com um garoto que ele mal conhecia? Seu trabalho — sua única responsabilidade — era sair dali inteiro.

O homem abriu a boca para gritar, então olhou para Matt, os olhos se arregalando, refletindo a luz da sala de cirurgia. E tombou para a frente, com uma faca se projetando das costas. Fora atirada na escuridão quase completa, girando duas vezes no ar antes de encontrar o alvo.

Lohan chegou correndo sem fazer som.

— Matt? — sussurrou ele.

— É...

— Pensei que tinha visto você do outro lado. O que estava fazendo aqui?

— Vim ver uma pessoa.

Lohan acompanhou o olhar de Matt através do vidro e viu o que estava acontecendo. Não demonstrou qualquer emoção, e Matt percebeu que ele havia traficado drogas por toda a Ásia e

a Europa durante seu tempo com as Tríades. Provavelmente também tinha usado crianças. Até podia tê-las cortado se isso servisse aos seus planos. Lohan era oito anos mais velho do que Matt, alguns centímetros mais alto, magro e estranhamente distanciado. Só a cicatriz fina que atravessava diagonalmente os lábios servia como lembrança de seu passado criminoso. E era isso que ele era. Um criminoso. O homem que ele acabara de matar não significava nada para ele.

Quase certamente houvera dezenas de outros.

— Essas pessoas são umas desgraçadas. — Lohan murmurou as palavras em tom casual. —

Quer fazer alguma coisa a respeito?

— Quero. Mas a gente precisa ir embora.

— Concordo. Estou com um jipe aí fora. Cuidei do resto dos veículos deles. Vamos.

Os dois partiram juntos, deixando para trás o guarda morto e a luz fraca da sala de cirurgia.

A maioria dos guardas ainda estava agrupada em volta do gerador e ninguém impediu os dois enquanto se aproximavam do grupo de veículos parados perto da entrada principal. As nuvens se abriram, permitindo a passagem de um pouco de luar. Matt agradeceu. Eles precisariam disso enquanto voltassem pela selva. Lohan apontou para um jipe e Matt correu até lá, quase tropeçando num par de pernas esticadas no chão ao lado. Pertenciam a outro guarda, caído com uma corda fina em volta do pescoço. Depois de passar tanto tempo com Richard, Matt ainda achava difícil se acostumar com um companheiro que matava pessoas com tanta facilidade.

Subiram no jipe, fechando as portas em silêncio. Lohan ligou o motor e imediatamente outro

guarda apareceu, bloqueando o caminho à frente, já girando a metralhadora. Lohan pisou fundo no acelerador. O jipe saltou adiante e o homem mergulhou para fora do caminho. Alguém gritou. Mas nesse ponto eles haviam atravessado o portão e partido pela trilha. Matt se lembrou do que Lohan tinha dito. De algum modo, sem ser visto, ele conseguira inutilizar todos os outros carros. Eles não seriam seguidos.

Seguiram devagar, com as árvores e arbustos retorcidos passando dos dois lados. Lohan apontou para trás.

— Trouxe pão, queijo e água para você.

— Obrigado. — Matt levou a mão atrás. Não tinha comido nada nas últimas vinte horas e seu estômago estava roncando.

— Foi caro. É uma pena não conseguirmos receber mais por você no mercado. Seu valor está

diminuindo.

— Talvez devêssemos vender você na próxima vez — sugeriu Matt.

Tinha sido ideia de Lohan. Os dois precisariam de dinheiro para ter alguma chance de atravessar o Brasil, e só existia um modo fácil de ganhá-lo. Até agora Lohan tinha vendido Matt três vezes em três povoados diferentes, a cada vez embolsando quase duzentos dólares. Depois ia atrás e o resgatava. As duas primeiras vezes tinham sido fáceis. Matt fora escolhido para trabalho braçal em fazendas praticamente sem segurança. Mas esta última aventura lembrou os

dois de que no Brasil havia coisas muito mais desagradáveis do que a escravidão. Eles podiam ter seiscentos dólares no bolso, mas os riscos estavam ficando grandes demais.

— Como você chegou aqui? — perguntou Matt, mastigando um pedaço de pão.

— Viajei com você. Em cima do caminhão.

Então Lohan tinha viajado no teto! Matt não havia escutado quando ele subiu nem quando desceu. Mas não ficou surpreso. Lohan era capaz de entrar numa sala apinhada, à luz do dia, sem ninguém notar. Era uma das habilidades que tinha aprendido.

— Quanto combustível temos?

— O jipe está cheio e temos mais cem litros em tanques. A boa notícia é que eles carregaram você para o sul, levando até o Fernandinho.

— Quem é Fernandinho?

— O chefão das drogas que comprou você. Ele é chamado de Fred Gordo, mas só pelas costas. De qualquer modo, o complexo fica a 160 quilômetros ao sul de Laua. — Laua era o nome do povoado onde ficava o mercado de escravos. — Portanto, se você ainda quiser ir para

Salvador, estamos no caminho.

— Você consegue pensar num plano melhor?

— Não. Mas seiscentos dólares não vão bastar se quisermos passagens de avião.

Seguiram por duas horas em silêncio numa estrada que em algum momento devia ter sido importante: o concreto ainda estava em boas condições e até havia linhas pintadas no meio.

Lohan tinha trazido mapas e uma bússola. Isso era típico dele. Não importando onde estivessem, possuía a capacidade de encontrar tudo que fosse necessário, desaparecendo durante meia hora e depois voltando com comida, remédios, suprimentos... qualquer coisa. Matt tomava o cuidado de não fazer muitas perguntas. Nunca conhecera alguém que pudesse ter sangue tão frio com relação à própria sobrevivência.

Finalmente pararam ao lado da pista, indo para trás de alguns arbustos onde o jipe ficaria escondido. Lohan não estava preocupado com a possibilidade de alguém do complexo tê-los seguido, mas se outros motoristas passassem por acaso, não queria atrair atenção. Muitas pessoas gostariam de cortar a garganta deles para roubar o meio de transporte.

Eram quase 3h30, e a noite estava pesada e abafada. Matt parecia praticamente acostumado

aos mosquitos, mas a escuridão — o modo como a selva se estendia sem fim aparente — ainda

o irritava. Lohan bebeu um pouco d’água e comeu o resto da comida enquanto Matt ia para o

banco de trás e tentava ficar confortável. Tinha passado muitas noites assim e sabia que podia dormir com a janela aberta e acordar coberto de picadas ou podia fechá-la, transformando o veículo num forno quente e sem ar — e nesse caso praticamente não dormiria. Não eram grandes opções.

— Você já usou crianças? — perguntou Matt. Era o que estivera pensando antes. De repente

queria saber.

— Crianças?

— Para transportar drogas.

Matt nunca perguntara a Lohan sobre sua vida em Hong Kong antes de os dois se conhecerem. Quanto mais soubesse sobre o líder da Tríade, mais difícil poderia ser viajar com ele.

Mas sabia que não conseguiria dormir enquanto a imagem do garoto brasileiro estivesse na cabeça. Olhou para o banco da frente e viu os olhos de Lohan refletidos no retrovisor. Eram escuros e cruéis, e Matt sabia que tinham visto mais violência e morte do que ele poderia imaginar.

— Já. — Lohan respondeu à pergunta como se isso fosse óbvio, como se não fosse algo do

qual se envergonhar.

— Por quê?

— Às vezes era mais fácil. Especialmente em aeroportos. Quando o agente da alfândega vê um menininho segurando um urso de pelúcia, provavelmente não vai querer olhar dentro do ursinho.

— Ou dentro do garoto.

— Nós tínhamos pessoas que engoliam drogas e levavam dentro do estômago, mas eram

pagas. Era opção delas. O que você viu hoje nós nunca faríamos.

— Mas mesmo assim traficavam drogas. — Matt não tinha pretendido fazer uma acusação,

e se arrependeu imediatamente. Mas Lohan não pareceu se incomodar.

— Era parte dos negócios, sim. — A voz, razoável e cheia de consideração, flutuava no escuro. — Isso incomoda você, Matt?

— As drogas já mataram muita gente.

— Os carros mataram mais. E os cigarros e o álcool.

— Mas elas são ilegais.

— Quem decide o que é legal e o que não é? Os políticos! E você acha que os políticos estão

sempre certos, que sempre sabem o que é melhor? Pessoas em todas as partes do mundo queriam drogas, e parte do meu trabalho era fornecer. Acho razoável. Oferta e demanda. Está

no coração do capitalismo. Infelizmente, um político em alguma sala decidiu interferir, e por causa disso, eu acabei atuando fora da lei. Eu era um criminoso. Não tenho vergonha. Para ser honesto, prefiro ser criminoso a ser um político. Sem dúvida causei menos mal.

— Por que está me ajudando? Por que ajudou Scarlett?

— Não tive escolha. Meu pai viu muito rapidamente que os Antigos eram nossos inimigos.

Eles mataram milhares de pessoas em Hong Kong, ameaçando primeiro nossa ocupação e mais

tarde nossa vida. Nunca pensei em mim mesmo como uma pessoa ruim, Matt. Ao meu modo,

sou um empresário. Mas o que você viu esta noite naquele complexo é maligno. E você e eu devemos lutar juntos contra aquilo.

— Preciso encontrar os outros. Preciso saber por que as portas pararam de funcionar.

— Achei que você estava procurando seus amigos enquanto dormia.

— Estou, mas não há sinal deles. Talvez porque agora todos estejamos em fusos horários diferentes. Nunca dormimos ao mesmo tempo. Mas tive outra ideia. Há outra pessoa que eu conheço.

— No seu mundo de sonho?

— É.

Lohan assentiu. Seu olhar continuava fixo em Matt.

— Estamos no meio do Brasil, com alguns litros de combustível, seiscentos dólares e pouca comida. Os Antigos já devem estar procurando você, imagino. Então sugiro que pare de me fazer perguntas idiotas, feche os olhos e durma. Volte para o mundo de sonho, Matt. Ache o que está procurando. Neste momento, precisamos de toda ajuda possível.

VINTE E CINCO

Matt não queria voltar à biblioteca. A verdade era que ela o amedrontava. Era como entrar num cemitério com a certeza de que encontraria seu nome numa das sepulturas.

O que ela estava fazendo ali, afinal?

Matt visitava o mundo de sonho praticamente durante toda a vida. Para ele, era um lugar sério, vazio, que fora criado tanto para mantê-lo prisioneiro quanto para ajudá-lo. Era um mundo sem cor. O mar, o céu e a poeira que compunham boa parte do território eram de diferentes tons de cinza. Nada crescia ali. Nem o vento tinha vida. Para começar, ele ficara preso numa ilha cercada por ondas que se chocavam na praia, alertando-o para se manter afastado. Mas tinha visto os outros Guardiões na costa — Pedro, Scarlett, Scott e Jamie — e acabou chegando até eles. O mundo de sonho os reunira e parecia querer ajudá-los com avisos estranhos, sinais e símbolos do que poderia acontecer.

Tinha sido um choque encontrar um prédio — tão grande que, na verdade, era do tamanho

de uma cidade. A biblioteca devia estar ali durante milhares de anos, crescendo o tempo todo, de modo que havia partes que pareciam muito antigas — enormes torres e fortificações de pedra — e outras que eram positivamente futuristas, com paredes cobertas de titânio dobrando-se como ondas, painéis solares e janelas de altura tripla. Cada país e cada cultura do mundo havia participado do projeto, de modo que, quando Matt olhou-a pela primeira vez, era como se uma centena de prédios famosos tivessem sido amontoados, com as cúpulas em forma de cebola do Kremlin, os minaretes brancos do Taj Mahal, os pilares do Partenon, o trabalho em metal da Torre Eiffel e até o mostrador do Big Ben. Tudo isso era unido por arcos, escadas, pontes e passagens, como o sonho de um arquiteto louco.

Não havia somente uma biblioteca — havia um bibliotecário. Matt o conhecera; era um homem com aparência vagamente árabe, cabelo grisalho comprido, nariz adunco e o tipo de olhos que poderiam conter todo o conhecimento do universo, mas que se esforçavam ao máximo para mantê-lo escondido. Será que ele era mesmo um homem? O problema do mundo

de sonho era que ficava difícil dizer o que era real e o que não era, e certamente o bibliotecário tinha a aparência certa para o papel, com o casaco frouxo — em tons pastel de malva, laranja e verde —, calças largas e sandálias em vez de sapatos. Não tinha sido inamistoso, mas falava através de charadas. Parecia conhecer Matt do passado. Conhecia todos os Guardiões. Mas como? Tinha se recusado a dizer.

Por que Matt não queria voltar? Quase toda noite, enquanto estava no Brasil, retornara ao mundo de sonho, mas tinha passado o tempo procurando os outros, indo pelo mesmo caminho

até o mar e à ilha onde se encontraram pela primeira vez. Tinha se convencido de que iria encontrá-los lá de novo e sentiu um desapontamento esmagador ao ver a pedra preta serrilhada e vazia, golpeada pelos borrifos do mar, abandonada. Parte dele sabia que isso era sua culpa. Ele os havia guiado através da porta em Hong Kong e os perdera — não somente num mundo, mas

em dois.

A biblioteca era sua única esperança. Lá encontraria todas as respostas para suas perguntas

— afinal de contas, era para isso que existiam as bibliotecas. Onde estavam os outros? Por que as portas não funcionavam mais? O que ele tinha que fazer para ganhar a luta contra os Antigos... especialmente quando tudo parecia tão sem esperança e, com toda uma década a favor, parecia que eles já haviam vencido? Só precisava perguntar. O bibliotecário fora bastante solícito. Cercado por milhares — milhões — de livros, parecia saber tudo sobre o passado e o futuro. Mas Matt tinha certeza de que as informações custariam um preço. Já recebera a chance de ler seu próprio futuro e recusara. Teria sido outro erro?

Tinha procurado os outros e não conseguia encontrá-los. Talvez não estivesse fazendo nada além de adiar o inevitável. No fim das contas, sabia que não existia escolha de verdade. Não podia se dar ao luxo de perder mais tempo.

E assim tomou a decisão e deu meia-volta. Refazer o caminho até a biblioteca foi surpreendentemente fácil. Seus passos estavam gravados na poeira, pegadas como as deixadas pelos astronautas na lua, serpenteando até o horizonte. Ele estivera andando durante dias, ou mesmo semanas, mas, claro, só demorou alguns minutos para voltar... Era exatamente o tipo de truque temporal que o mundo de sonho gostava de fazer. À sua frente, o terreno subia ligeiramente — era uma duna de areia, mas uma duna cinza, e não amarela. Podia ter percorrido cem quilômetros ou mais, porém suas pernas nem estavam cansadas quando chegou ao topo e

ele parou, juntando a vontade para descer do outro lado.

A biblioteca se espalhava à frente, esparramando-se pela paisagem em todas as direções.

Ainda era impossível acreditar que era de fato um único prédio, pois havia tantas seções —

anexos, vestíbulos, passagens cobertas e pontes acrescentadas com o passar dos séculos à medida que cada parte ficava pequena demais para abrigar a coleção de livros. Cada vida humana que já existira recebera seu próprio volume, o que significava que deviam ser bilhões só para abarcar o mundo atual. Se acrescentasse milhares de anos de história, populações inteiras crescendo e morrendo, chegava-se a um número com zeros demais para fazer sentido.

O livro da vida de Matt estava em algum lugar no meio dos outros. Ele o segurou, mas se recusou a abri-lo e ler. Ainda não queria. Será que isso era tão pouco razoável? Alguém gostaria de fazer isso?

Desceu a duna. Depois de um tempo, sentiu o mármore liso sob os pés e percebeu que era o

mesmo caminho que havia tomado antes. A entrada principal, uma espetacular porta em arco com esculturas de plantas e animais em pedra, erguia-se acima dele. A parede da frente subia toda vida, bloqueando o céu. Se tinha sido construída para fazer com que ele se sentisse minúsculo e sem importância, estava funcionando. Mantendo a cabeça baixa, obrigando-se a seguir em frente, Matt entrou no saguão, olhando as grandes colunas e o teto em abóbada. E ali estava o bibliotecário, esperando-o — como se nunca tivesse saído. Ele não ficou surpreso. Não ficou particularmente satisfeito. Simplesmente estava ali.

— Olá, Matt — disse ele.

— Olá.

O bibliotecário não tinha dito seu nome a Matt. Na verdade, Matt teve a impressão de que ele não tinha nome.

— Achei que você acabaria voltando. Em que posso ajudar?

— Você sabe o que eu quero. Por que perguntar?

— Você parece cansado. Quer um pouco de chá?

O bibliotecário estivera sentado atrás de uma mesa, examinando uma página de manuscrito com uma lente. Matt quase sorriu. Será que alguém estivera vandalizando os livros? E o que teria acontecido com a pessoa infeliz que arrancou uma página de sua própria vida? O bibliotecário pousou suas coisas e, sinalizando para Matt segui-lo, passou por um arco parcialmente escondido atrás de um anteparo ornamental. Do outro lado havia uma sala menor, mais receptiva. Sala dos funcionários? Tinha dois sofás baixos frente a frente, com uma mesa sobre um tapete grosso entre eles. Um bule de cobre, dois copos e uma pequena tigela de tâmaras já haviam sido postos. De novo o cenário parecia vagamente árabe. Matt se lembrou do interior de uma tenda de beduínos.

Sentou-se e esperou enquanto o bibliotecário servia dois copos de chá verde, claro e fumegante.

— Por favor, sirva-se...

Matt pegou seu copo, segurando-o com as pontas dos dedos para não se queimar. No mundo de sonho, nada tinha qualquer cor. Nada tinha qualquer temperatura ou sabor. Mas o chá era diferente. Matt sentia o perfume fresco e aromático de hortelã-pimenta. Bebericou o chá. Era delicioso.

— Infelizmente, as coisas não andaram muito bem para você — disse o bibliotecário.

— Nós perdemos — respondeu Matt. As palavras caíam pesadas de seus lábios mas,

enquanto falava, ele soube que eram verdadeiras. — O mundo inteiro mudou. Nós saltamos dez

anos à frente e foi como se cada aviso que recebemos tivesse virado verdade de repente.

Aquecimento global. Enchentes. Fome. Guerras. Tudo aconteceu ao mesmo tempo.

— Os Antigos andaram ocupados.

— O que podemos fazer para impedi-los? Podemos fazer alguma coisa? Quando chegamos a

Belém, metade da cidade estava embaixo d'água com cadáveres flutuando nas ruas. Existem mercados de escravos! As pessoas estão tão desesperadas que vendem os próprios filhos. E

ouvimos dizer que as coisas estão igualmente ruins nos Estados Unidos. Países inteiros foram apagados do mapa. É como o fim do mundo. Mesmo se conseguirmos derrotar os Antigos, não

vai restar quase nada.

— No entanto, isso já aconteceu antes — lembrou o bibliotecário. — O mundo chegou muito

perto do fim quando os Antigos o visitaram pela primeira vez. Restaram poucos sobreviventes.

Mas graças a vocês, a vocês cinco, a humanidade teve uma segunda chance.

— É. E estragou tudo de novo. Como sempre faz.

— Ainda há esperança.

— Não sei. — Matt pousou seu copo. Tinha acabado de tomar o chá e sentiu-se melhor. O

bibliotecário se inclinou e serviu mais um pouco. — Nós cinco nos espalhamos

— continuou Matt. — A culpa foi minha. Estávamos juntos em Hong Kong e isso deveria ter sido o fim, mas aí tudo deu errado e agora voltamos ao ponto de partida. Não sei quem me nomeou líder dos Cinco, mas quem fez isso não sabia o que estava fazendo. Quando acordar, vou estar de volta

no meio do Brasil! De que adianta isso? Não existem mais telefones. Nem TV. Todas as portas

estão trancadas. Como vou encontrar os outros?

— Não me lembro de você ser tão pessimista — observou o bibliotecário.

— Já estou cheio disso. — Matt estava pensando no garoto brasileiro. De repente viu o ferimento aberto na barriga dele, os sacos plásticos pegajosos de sangue. Não pudera salvá-lo.

Nem ficara sabendo o nome dele. — Nunca pedi nada disso. Por que tem de ser eu?

— Você pode desistir se quiser. Essa opção ainda existe.

O bibliotecário parecia calmo e amigável. No entanto, Matt ainda sentia a acusação na voz dele. Sabia que estava sendo julgado, e neste momento, quando era mais importante, estava fracassando. Obrigou-se a se lembrar do motivo para ter vindo ali.

— Por que as portas estão trancadas? — perguntou.

— Isso eu posso dizer. Na verdade, é muito simples. As 25 portas que carregam você e seus

amigos por todo o mundo estão todas interligadas. Isso significa que vocês podem ir de qualquer lugar a outro a qualquer momento. Mas se você trancar uma delas, tranca todas. E foi exatamente isso o que o rei dos Antigos fez. Trancou a vigésima quinta porta.

— Onde ela fica?

— Esse é o problema. Fica na Antártica... num lugar chamado Limbo. É onde Caos construiu

sua fortaleza, e a porta está em algum lugar lá dentro. Também é onde ele está reunindo seus exércitos. Não há absolutamente nenhuma dúvida de que ele quer outra batalha, um confronto

final com vocês para compensar a ocasião anterior, quando ele foi derrotado. Além disso, quer se vingar pelo que você fez no deserto de Nazca. Você causou dor a e isso é impensável...

imperdoável. E assim ele criou esse desafio. Encontrar você não é muito fácil. Por isso, o rei dos Antigos está esperando que você vá até ele.

— Na Antártica! — A simples ideia fez a cabeça de Matt girar. Ficava muito longe, e era um

ambiente totalmente hostil. Como chegaria lá? — Se eu encontrasse essa porta, poderia destrancá-la?

O bibliotecário balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Bom, poderia. Mas isso iria matá-lo. Há uma carga elétrica passando na

tranca... só que na verdade não é eletricidade. Pode-se dizer que é uma espécie de força cósmica, mas o resultado seria o mesmo. Mesmo que você conseguisse abri-la, acabaria morrendo. E, para ser honesto, não sei como você entraria na fortaleza de gelo para começar. O

rei dos Antigos está com todas as suas forças ao redor. Alteradores de forma, soldados-moscas, cavaleiros de fogo...

— Mas tem de haver um modo! Você só fica aqui sentado como se tudo isso não tivesse nenhuma importância para você. Por que não me diz o que eu quero saber? Por que não pode

ajudar? — O bibliotecário ficou quieto. Matt se controlou. Ficar com raiva não ajudaria em nada.

— Mesmo que eu chegue a essa fortaleza, o que devo fazer? Você diz que ele tem um exército

inteiro lá. Nós somos apenas cinco! E ele está esperando por nós. Tudo está a favor dele...

— Não sou eu que crio as histórias. Só cuido delas. E nesta história em particular, Matt, eu não sou o herói. Você que é.

Matt assentiu. Soubera o tempo todo que seria assim. Pelo que podia ver, não havia outro modo.

— Certo — disse. — Na última vez em que estive aqui; você me mostrou o livro da minha vida. Disse que ele continha tudo que eu já fiz e tudo que ia fazer. Disse até que ele diria como eu morro.

O bibliotecário assentiu devagar.

— Então todas as respostas que eu procuro devem estar lá, certo? Se eu derroto os Antigos, ele vai dizer *como* eu os derroto. E se eu cometer mais algum erro, como fiz em Hong Kong, ele também estará lá.

— É.

— Quando eu estive aqui antes, você disse que eu poderia ler o livro, mas eu não quis. Havia coisas que eu não queria saber, e ainda há, mas agora vejo que não tenho escolha. A oferta ainda está de pé?

— Claro que você pode lê-lo, Matt. É a sua vida.

— Então quero ler agora. Vamos...

O bibliotecário não pareceu feliz nem triste. Era como se esperasse o pedido e estivesse ali simplesmente para fazer o serviço. Levantou-se, e Matt foi atrás, voltando para o saguão de entrada e passando por uma porta de madeira simples, perto da mesa onde o bibliotecário estivera trabalhando. Matt sabia que ela poderia levar a qualquer sala da cidade-biblioteca. Ela funcionava como as 25 portas em seu mundo e iria levá-los aonde eles precisassem ir. O

bibliotecário passou primeiro, com Matt logo atrás, e os dois saíram num espaço amplo e moderno que poderia ter sido construído apenas alguns anos antes. Matt entendeu o porquê.

Ele nascera no fim do século XX, por isso a arquitetura — janelas de vidro plano, passarelas e plataformas de metal — correspondia a esse tempo. Se quisesse ler a vida de Júlio César, provavelmente seria levado a um templo romano.

Matt nunca tinha visto tantos livros. Estavam empilhados em fileiras com quilômetros de comprimento que diminuíam à distância até virar um borrão. As prateleiras começavam junto ao piso e subiam até o teto, com escadas espirais ligando-as e estreitas passarelas de metal com corrimões estendendo-se de uma ponta à outra. Uma estranha luz artificial se filtrava pelo salão.

Não podia estar vindo de fora — com os telhados e pináculos das outras partes tão próximos, tudo era escuro — mas não havia sinal de lâmpadas elétricas. Era como se de algum modo o salão estivesse preso numa perpétua luz do dia. Matt subiu atrás do bibliotecário, lembrando-se brevemente da visita anterior. Mas, com tantos livros, e todos mais ou menos idênticos, não saberia por onde começar.

O bibliotecário subiu seis níveis, depois virou à esquerda, passando o dedo nas lombadas. Por fim parou.

— É isso que você quer — disse ele, pegando um fino volume cinza. Entregou-o a Matt.

Matt sopesou-o. Seu primeiro pensamento foi em como ele era leve, como sua vida tinha pouca coisa. Folheou até a página de trás e, por um momento louco, sentiu que estava de volta na escola, recebendo um romance para ler na aula de inglês. Nunca tinha achado que os livros eram fáceis e essa era sempre a primeira coisa que fazia... ver o quanto precisaria lutar para chegar ao fim.

Sua vida durava 150 páginas.

Sabia que o livro diria tudo que ele queria saber, tudo que já fizera, tudo que ele seria. Ele *era* o livro — e podia sentir o coração martelando. A boca ficara seca. O simples pensamento em abri-lo, olhar o início, encheu-o com um sentimento de inquietação. Mas, por mais que tentasse, não conseguia pensar numa opção diferente.

— Há algum lugar aonde eu possa ir? — perguntou.

— Há uma mesa embaixo — respondeu o bibliotecário.

A mesa combinava com o salão. Era grande e industrial, com uma cadeira de plástico

esperando-o.

— Não vou ficar longe — disse o bibliotecário. — Chame quando tiver terminado e eu volto

logo.

Ele se afastou.

Matt pôs o livro na mesa, à frente. A capa era completamente simples, coberta de tecido cinza. Não havia nome do autor, nem título, nem ilustração. Se não soubesse, diria que era um livro didático; talvez um estudo de alguma coisa em que ninguém estava interessado, o tipo de livro que fica no fundo da estante e nunca é lido. Tentou entender o que ia acontecer. O livro descreveria sua vida. Provavelmente, ele chegaria a um capítulo no qual estaria ali, na biblioteca, lendo. E então o livro diria o que ele fez em seguida.

Ele saberia. Então isso significava que poderia fazer alguma coisa diferente? Poderia mudar seu próprio futuro? E se o livro dissesse que ele foi morto por uma flecha ao sair da biblioteca, por que não poderia simplesmente ficar onde estava ou sair por outra porta? Mas, afinal de contas, se mudasse o futuro, o livro estaria errado... e isso não era possível, era? Se estava no livro, devia ter acontecido. Quem escreveu aquela porcaria, afinal? Na outra vez, Matt havia perguntara ao bibliotecário, mas ele se recusou a contar.

Não importava. Matt não estava ali para mudar nada. Estava ali para descobrir o que deveria

fazer. A resposta estava à sua frente. Abriu o livro e começou a leitura.

Seis horas depois, uma vida inteira, chamou o bibliotecário.

O sujeito apareceu quase imediatamente. Matt continuava sentado à mesa. Todo o seu corpo

estava rígido e não havia cor no rosto. Parecia doente. As mãos, apertadas com força, estavam à sua frente. O livro, fechado e com a capa virada para baixo, estava na mesa entre elas.

— Você leu — disse o bibliotecário.

— É. Li. — Matt levantou os olhos com ar acusador. — Você sabia o que havia nele.

— Não.

— Você nunca o leu?

— Não.

— Por que deixou que eu lesse? — A voz de Matt era pouco mais do que um sussurro.

— Infelizmente, não é meu serviço impedi-lo. Sinto muito. É muito ruim?

— Eu sei como vou morrer! — Matt ouviu-se falando as palavras. Era como se saíssem de outra pessoa. Pensou nas últimas dez páginas do que havia acabado de ler. As últimas dez páginas. Da 140 à 150. Não haveria página 151. Não para ele. — Li o que devo fazer. Li o que acontece. E é horrível. — Ele apontou para o livro. Suas mãos tremiam. — Não se pode esperar que alguém passe por isso. Quer dizer, ninguém faria isso se soubesse como ia ser.

O bibliotecário deu de ombros.

— Você quer salvar o mundo. Acho que isso sempre tem um preço.

— É demais. O preço é alto demais. Não vou fazer isso. Não posso.

Houve um longo silêncio. Matt ficou sentado, em choque, o peito subindo e descendo. Até que enxugou o rosto com as costas da mão e se virou de novo para o bibliotecário. Seus olhos estavam cheios de raiva.

— Só porque está escrito desse jeito não quer dizer que eu tenha de fazer assim — disse. —

Ainda tenho uma escolha. Posso ir embora. Não preciso fazer parte disso. Talvez haja outro modo.

O bibliotecário não disse nada.

— Achei que você estivesse do meu lado. Eu nunca deveria ter vindo aqui.

— Deixe o livro na mesa. Mais tarde eu o guardo. Vamos para o saguão de entrada. Talvez

eu possa lhe dar outra coisa para beber.

— Não quero mais nada de você.

— Como quiser, Matt. Sei que você está com raiva, mas vou lembrar que isso foi ideia sua.

Eu não tive nada a ver.

Saíram juntos, de volta pela porta por onde tinham vindo. Matt não sabia por quanto tempo

estivera na biblioteca. Normalmente levaria vários dias para ler um livro.

Não este livro.

Imaginou quanto tempo teria dormido na selva brasileira enquanto se encontrava ali. No entanto, não ficaria surpreso se acordasse e descobrisse que haviam se passado apenas alguns minutos. Mundos diferentes, tempos diferentes. Nada disso fazia sentido.

— Quero ver os outros — disse Matt. — Você sabe onde eles estão?

— A biblioteca tem um sino — respondeu o bibliotecário. — Se você tocá-lo, eles vão escutar

e virão.

— Eu sei. Eu li no livro.

Estavam de volta ao saguão de entrada. O bibliotecário estava parado na frente

dele, com as

mãos cruzadas. Como sempre, mostrava-se imperturbável.

— É isso que você quer que eu faça?

— Não importa se eu quero ou não — disse Matt. — É o que acontece. Você me deixa aqui.

Sobe na torre e toca o sino. Os outros chegam. Nós nos encontramos lá fora. E, quanto a você e eu, nós nunca mais nos vemos.

— Então vou.

— É. Vá.

— Matt... sinto muito.

— Só faça isso. Por favor.

O bibliotecário se virou e voltou pela porta por onde eles passaram, mas, claro, agora ela poderia se abrir num local completamente diferente. Matt ficou sentado, olhando à frente, tentando bloquear os pensamentos que passavam pela sua cabeça.

Dor. Humilhação. Morte.

Até que escutou o toque de um sino. O mesmo som seria ouvido em todo o mundo de sonho e os outros viriam. Jamie seria o primeiro, depois Scarlett e Pedro. E finalmente Scott.

Matt sabia tudo sobre Scott.

O sino tocou.

Matt esperou.

Quando o sino ficou em silêncio e o bibliotecário voltou pela porta, Matt já havia saído.

Os cinco se encontraram no topo do morro, onde Matt vira a biblioteca pela

primeira vez.

Jamie foi o primeiro a chegar e, apesar de tudo, Matt ficou feliz ao vê-lo. Jamie era sempre positivo, sempre animado, e os dois tinham feito uma grande amizade ao viajar para Londres. Às vezes Matt achava que, se os cinco Guardiões tinham um líder, deveria ser Jamie, e não ele.

Afinal de contas, Jamie estivera na colina Scathack. Participara da primeira batalha muito tempo atrás, quando os Antigos foram derrotados. Até ajudou a construir o primeiro portal.

Os dois se abraçaram calorosamente.

— Achei que nunca mais veria você — disse Jamie. Ele olhou para a vasta construção atrás de Matt. — Que lugar é esse?

— Uma biblioteca.

— Scar me contou sobre a biblioteca quando viajei para trás no tempo. E parece que há uma

espécie de mulher que mora lá.

— Eu não a vi. — Matt sorriu, grato por aquele momento. — Onde você está, Jamie? No mundo real.

Ele sabia a resposta. Sabia todas as respostas. Mas se parasse de falar achava que poderia desmoronar. Precisava manter o controle por todos eles.

— De volta na Inglaterra. Estava num povoado, mas o lugar sofreu um ataque e agora estou

num barco indo para Londres. Há aquela igreja que você mencionou, St. Meredith. Achei que se conseguisse encontrar uma porta, poderia me juntar a você.

— Você sabe que Londres foi destruída.

— Londres e praticamente o mundo todo, pelo que deduzi. Nada é a mesma coisa. Não sei

como, consegui perder dez anos.

— Todos nós perdemos dez anos. Se tivéssemos passado mais alguns segundos em Hong Kong...

— Não foi sua culpa, Matt. Você precisava tirar a gente de lá e tirou. Foi azar termos nos separado...

— Matt! Jamie!

Scarlett apareceu, subindo rapidamente o morro na direção deles, com Pedro logo atrás. Ela

usava exatamente a mesma roupa de quando entrou no templo Tai Shan, porém Matt podia ver

que tinha sido ferida. Estava mais magra e com uma expressão ligeiramente tensa nos olhos; lembrança de dor recente. Pedro também estava mudado. Apesar de fazer o máximo para sorrir

— e evidentemente ele estava feliz em rever Matt —, escondia alguma coisa e não conseguia disfarçar. Uma das suas mãos estava com uma bandagem.

O dedo estava quebrado. Matt sabia disso também.

Matt foi até eles.

Scarlett deu-lhe um beijo no rosto. Nesse momento ela estava perto dele e olhou no fundo dos seus olhos. Em seguida se afastou.

— O que é, Matt? O que aconteceu?

— Nada — mentiu Matt. Já decidira que não iria contar a eles sobre o livro. — Estou feliz em ver vocês.

— Senti muito a sua falta.

Continuar falando ajudava. Diga qualquer coisa. Faça perguntas.

— Onde você está?

— No Egito, a caminho de Dubai. Estou com seu amigo, o Richard. Ele vai ficar aliviado quando souber que encontrei você. Toda manhã ele me pergunta sobre o mundo de sonho. O

que quer que eu diga a ele?

— Só diga que estou feliz porque ele está bem. E diga que estou feliz porque você está cuidando dele.

— Na verdade, acho que é o contrário.

— Scott! — Jamie tinha visto o irmão vindo para eles e correu para recebê-lo.

Mas ao mesmo tempo em que Scott apareceu na base do morro, Matt pôde ver que ele estava se demorando. Provavelmente pensou duas vezes antes de responder ao som do sino e só

viera porque precisava, pois, se não estivesse ali, Pedro contaria a eles o que havia acontecido.

Ainda sentia-se relutante em se juntar ao grupo. Matt olhou Pedro e o viu dar as costas, evitando deliberadamente encarar Scott. Matt tentou não pensar no que leu. Não era o único que tinha problemas. Essa aventura iria ferir todos eles.

Pedro era seu amigo. Sem ele, Matt jamais teria sobrevivido no Peru. Pousou a mão brevemente no ombro dele.

— Olá, Pedro.

— Estou feliz em ver você, Matteo.

— Estou feliz em ver você também. — Ele continuou rapidamente, em voz baixa. — Não se

preocupe com o Scott. Sei o que aconteceu e tudo vai ficar bem. Não diga nada aos outros.

— Mas o Scott...

— Eu sei. Mas tudo está acontecendo como deve. O que importa é que estamos

juntos de novo. Os Cinco. Tudo vai dar certo.

Conversaram mais alguns minutos. Scarlett ficou pasma ao saber que Lohan estava com Matt. Descreveu rapidamente a guerra civil no Egito e a morte de Tarik, por sua própria bomba.

Ainda não conseguia acreditar no que Richard tinha feito.

— Ele só fez isso porque não havia outra opção — disse Matt. — Ele é assim. Diz que não quer participar disso, mas faria qualquer coisa para proteger você.

Então Jamie descreveu o tempo que ficou no povoado da Inglaterra, a fuga do canal no barco.

— Acho que ainda estou lá, agora — disse. — Com Holly e um cara, o Viajante. Vamos levar

mais ou menos uma semana para chegar a Londres e vamos ter de esperar que a igreja de St.

Meredith ainda esteja lá.

Todos estavam tão felizes em ver um ao outro que não notaram que Scott ainda não fizera

questão em contar nada de sua história. Estava quase em silêncio, esforçando-se para permanecer longe de Pedro. Os dois não trocaram sequer uma palavra.

— Eu estava indo para o norte — disse Pedro. Escolhia as palavras com cuidado. Scott estava

ouvindo, e Pedro sentiu preocupação. Ele poderia repetir para Jonas Mortlake tudo que tinha ouvido. Imaginou por que Matt o impediu de contar aos outros.
— Houve uma erupção vulcânica... em Nápoles. Ainda não sei o que aconteceu. Eu estava num barco e depois cheguei aqui.

E era isso que mais importava. Finalmente estavam juntos... mesmo que fossem apenas versões de sonho de si mesmos. De agora em diante, importaria menos que estivessem separados por milhares de quilômetros no mundo real. Só precisavam cair no sono ao mesmo tempo. Iriam se encontrar de novo.

— A gente devia andar logo com isso — disse Matt. — Lohan vai me acordar a qualquer momento, e temos uma viagem longa pela selva do Brasil. O importante é que nós cinco sabemos o que estamos fazendo e como isso vai ser. Vou dizer de cara que não vai ser fácil...

Não vai ser fácil. Nem um pouco.

— Vocês provavelmente já deduziram isso. Os Antigos roubaram dez anos de nós e de algum

modo esticaram esses anos e fizeram com que eles fossem muito mais longos. O mundo inteiro

mudou, mas ainda estamos aqui, os Cinco, e ainda podemos vencer. Nós nascemos para esse momento e precisamos nos agarrar a isso, não importando o que aconteça agora ou no futuro.

Eu sempre achei que esse tipo de coisa deveria ser divertido... virar herói e salvar o mundo. Mas não vai ser divertido. Lembrem-se disso. Talvez nem todos nós iremos sobreviver. Mas não temos

opção a não ser continuar, porque é assim que está escrito.

Escrito.

— Precisamos ir para a Antártica, para um lugar chamado Limbo. Caos está lá, cercado por

seus exércitos, numa fortaleza construída de gelo e pedra. Está esperando por nós, e é para lá que temos de ir.

— Mas por quê? — perguntou Scarlett. — Não faz nenhum sentido, Matt. Nós só

precisamos nos encontrar. Não é? Então a gente deveria ir o mais para longe dele possível.

— Tem de ser no Limbo, Scarlett. Há coisas que você não sabe, coisas que eu não posso contar.

Dentre os Cinco, Pedro era o único que entendia o que ele queria dizer. Scott partiu de Nápoles com Jonas Mortlake e presumivelmente estava agora dentro da fortaleza. Por isso, os outros quatro precisavam ir para lá. Era o único lugar do mundo onde poderiam estar juntos.

— E lá há pessoas que precisam da nossa ajuda — continuou Matt rapidamente, antes que Scott pudesse questionar. — A notícia está vazando. De algum modo, as pessoas descobriram que haverá uma última batalha que será travada na Antártica. Elas já começaram a ir para o sul.

Elas se chamam de Exército do Mundo, mas não têm uma compreensão verdadeira do que vão

enfrentar. Muitas vão morrer sem motivo, mas sem nós a coisa será muito, muito pior. Confie em mim, Scarlett. Você é necessária.

— Mas eu já disse. Estou no meio do deserto. No Egito.

— Ainda há aviões voando. Você pode convencer alguém a levá-la.

— E as portas? — perguntou Jamie. — Se não estão funcionando mais...

— As portas vão acabar se abrindo novamente. De algum modo, você precisa conseguir chegar à igreja de St. Meredith em Londres. Pode confiar no homem que se chama de Viajante.

Ele vai cuidar de você. E, Pedro... — Matt se virou para ele e, por um momento, Pedro achou que havia algo estranho nos olhos do amigo, algo que ele não entendia. — Você vai para a catedral de São Pedro, em Roma — prosseguiu Matt. — Há uma porta lá que o levará até a Antártica. Giovanni vai ajudá-lo.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Pedro. — Como sabe sobre Giovanni?

Matt deu de ombros e desviou o olhar.

— Eu estive na biblioteca.

— E qual é a minha parte nisso? — perguntou Scott. Os outros o olharam com curiosidade.

Sua voz saía opaca e hostil. Ele estava sentado, de pernas cruzadas, sozinho, ligeiramente separado do resto do grupo. E se vestia de modo diferente dos outros. Usava uma camisa preta cara e jeans. Suas roupas eram novas.

— Você e eu podemos conversar sobre isso daqui a um minuto — disse Matt. E se levantou.

— Nós cinco estamos juntos de novo, e é isso que importa. Ainda estamos vivos. E vou fazer uma promessa: o preço pode ser alto, mas vamos vencer.

Em seguida foi até Scott.

— Vamos...

— Nós não temos o que conversar — murmurou Scott.

— Não é verdade.

— Não tenho nada a dizer a você, Matt. Sério.

— Me dê cinco minutos, Scott. Só peço isso. Depois você nunca mais precisa me ver de novo.

— Cinco minutos?

— Que diferença isso faz? Você está dormindo, de qualquer modo. Quando acordar,

estaremos separados por milhares de quilômetros.

— Certo. Tudo bem. — Scott se levantou preguiçosamente. Ainda estava ignorando Pedro.

Mas também estava ignorando Jamie, e isso era muito pior.

Scarlett olhou os dois se afastarem. Virou-se para Pedro.

— O que está acontecendo? Você estava com o Scott na Itália. O que aconteceu?

— Nada — respondeu Pedro, arrasado.

— Nada? Então por que você parece quase morto de fome, usando trapos e com um dedo

quebrado, e o Scott parece que acabou de sair de um desfile de moda?

— Pedro...? — Jamie implorou para que ele dissesse mais.

— Não posso contar! — Pedro saltou de pé e se afastou na direção oposta, chutando a poeira cinza. Desapareceu rapidamente encosta abaixo.

Jamie e Scarlett ficaram sozinhos.

— Nós cinco estamos juntos de novo? — murmurou Jamie, ecoando o que Matt havia dito.

— Não é o que parece.

Matt e Scott ainda estavam juntos na paisagem cinza e vazia. Matt falava praticamente sozinho, tentando fazer Scott entender alguma coisa. Scott estava balançando a cabeça. Matt o fez parar, depois falou depressa e ansioso. Parecia ter recuperado a confiança.

Ele sabe alguma coisa que a gente não sabe, pensou Jamie.

Scott murmurou algo. Estava tentando recuar, mas Matt permanecia ao lado dele,

recusando-se a deixar que ele se afastasse.

Scarlett queria ouvir o que eles diziam. Não sabia se Matt conseguiria convencer Scott a entender seu ponto de vista e se perguntava se poderia ajudar. Pensou em ir até eles, mas então viu um homem andando em sua direção. Ele ainda usava uma camisa branca mas, na frente, dava para ver uma espécie de estampa no colete. Era um árabe. Ela viu isso também. Os dois discos pretos que cobriam seus olhos reluziam à luz fluorescente.

— Cinco — disse ele.

Sempre a mesma palavra. Mais nada e nenhuma explicação...

— Matt! — gritou ela.

Porém Matt estava longe, ainda falando com Scott. Ao mesmo tempo, ela ouviu o som de um motor sendo ligado e alguém gritando. Havia sangue em suas mãos. Ela se sacudiu para a frente quando o carro onde estava bateu num buraco.

Estava no deserto, no banco da frente de um Land Cruiser. Rémy, o francês, estava caído frouxo no banco traseiro.

O Egito ficara para trás. Dubai estava oitenta quilômetros à frente.

A RODA DA FORTUNA

VINTE E SEIS

Albert Rémy estava morto. O francês, que fizera parte do Nexo em Londres e que havia esperado dez anos por eles no Egito, não conseguira sobreviver à noite. Richard não ficou surpreso. Durante três dias, Rémy estivera sentindo dor constante, e cada sacudida e cada calombo na estrada deserta o fazia gritar, com uma bolha de sangue aparecendo nos lábios.

Uma bala penetrou em seu peito, logo embaixo do braço esquerdo, e Richard suspeitou que tivesse furado o pulmão. Sua respiração estava horrível, um som áspero constante que competia com o motor do carro, e tanto Richard quanto Scarlet sabiam em que momento ele havia partido. Acontecera durante a quarta noite, mas eles continuaram em frente, com medo de parar no escuro.

Então o sol nasceu, e a estrada estava vazia, sem nada além do deserto ao redor — como estivera quase sempre durante a jornada longa e calorenta que os levou do Egito, atravessando a ponte no canal de Suez e passando por nada menos do que cinco países, inclusive toda a extensão da Arábia Saudita. Richard dirigiu por toda a distância, os olhos vítreos, as mãos sombriamente apertando o volante. Scarlett ficava falando com ele quase incessantemente, não porque tivesse alguma coisa para dizer, mas porque sabia que precisava ajudá-lo a permanecer acordado. Não havia praticamente nada para olhar, nada para separar um quilômetro pavoroso

do outro. Até a visão de um ônibus ou um veículo blindado queimado se tornava um marco no

caminho, algo para romper a monotonia. Enquanto continuavam para o sul, passaram por algumas aldeias espalhadas, postes de eletricidade, postos de

fronteira abandonados com arame farpado retorcido e bandeiras rotas... mas nenhum sinal de vida humana. A areia ainda soprava e podia ter disfarçado a verdade. Talvez as pessoas tivessem ouvido enquanto eles passavam ao redor de Eilat, em Israel, ou Aqaba, na Jordânia, e corrido para interceptá-los. Se fosse assim, tinham chegado tarde demais. Richard manteve o pé no acelerador. O carro ia em frente.

O céu estava cinza, a areia de um laranja sujo enquanto eles puxavam Rémy para fora e o colocavam no chão. Richard subiu no Land Cruiser e pegou uma pá no meio dos vários suprimentos e equipamentos amarrados no teto. Scarlett percebeu que ele ia cavar uma sepultura e sentiu-se culpada porque, por ela, não teriam se incomodado com isso. Rémy estava morto. Que diferença faria para ele?

— Richard, deixe que eu faço isso — disse ela.

Richard balançou a cabeça.

— Não. Estou bem. Na verdade, preciso do exercício. Perdi a conta de quantas horas fiquei trancado nessa coisa.

— Só estamos a uma hora de Dubai.

— Eu sei. Se ele tivesse esperado só mais um pouco, talvez a gente pudesse levá-lo a um hospital.

— Se é que existe algum hospital...

— É. Dê uma olhada nisso... — Ele lhe entregou uma coisa, uma carteira grossa feita de couro marrom-claro.

— O que é?

— É do Rémy. Estava no bolso dele.

Scarlett abriu a carteira. Dentro, num dos compartimentos, havia um maço de notas. Notas de cem dólares americanos, bem apertadas. Scarlet folheou-as com o polegar.

— Quanto tem aqui?

— Cinquenta notas. Cinco mil dólares. — Richard segurou a pá com as duas mãos. — Acho

que ele estava guardando para um dia de chuva.

— Não há muita chance disso aqui.

— Mas é engraçado. Não há fotos. Nenhuma foto da mulher ou dos filhos. Nada sobre ele.

Só um bocado de dinheiro. Nunca vamos saber nada sobre o Rémy.

— Ele tentou nos ajudar. Isso basta. — Scarlett fechou a carteira. — O dinheiro pode ser útil.

Talvez dê para pagar uma passagem.

A areia era macia, e Richard levou apenas cerca de meia hora para abrir um buraco com um

metro de profundidade. Isso bastava. Largou a pá no chão, depois ele e Scarlett arrastaram Rémy para dentro. Enquanto segurava os tornozelos do morto, Scarlett teve um daqueles momentos em que parecia estar olhando para si mesma, e não pôde acreditar direito no que via.

O que a Sra. Ridgewell diria se estivesse ali?, perguntou-se. De algum modo duvidava que a diretora de sua escola em Dulwich tivesse algum conselho sobre como enterrar um francês morto no deserto da Arábia.

Mantenha os pés juntos, Scarlett. E tente não sujar mais as mãos de sangue. Você já está suficientemente coberta...

Será que isso havia mesmo acontecido com ela? Como sua vida tinha chegado a esse ponto?

O corpo caiu na sepultura. Antes que Richard pudesse fazer mais alguma coisa, Scarlett pegou a pá e começou a enchê-la. Richard apanhou uma lata d’água e bebeu, com o rosto coberto de suor e sujeira. Pelo menos ainda tinham água. Foram cuidadosos, racionando durante a viagem. Não podiam saber qual seria a situação da água em Dubai. Nenhum deles dizia o óbvio, ainda que os dois

pensassem, secretamente. Rémy bebera mais do que os dois nos últimos três dias. E tudo aquilo fora desperdiçado.

Scarlett terminou o serviço.

— Quer dizer alguma coisa? — perguntou ela.

— Uma oração? — Richard lhe entregou a lata. — Nunca fui do tipo religioso.

— Nem eu. Odiava ir à capela na escola.

— Vamos voltar ao carro.

— Na verdade, tenho uma coisa para contar, Richard. — Scarlett estivera esperando o momento certo. — Ontem à noite vi o Matt.

— O Matt? — O rosto de Richard se iluminou. — Ele estava no mundo de sonho?

— Ele chamou todos nós. Estávamos todos lá. Matt, Pedro, Jamie, Scott...

— Isso é fantástico. Como ele está?

Scarlett hesitou. Sabia como Richard era próximo de Matt e como se sentia preocupado com

ele, mas estava decidida a não mentir.

— Não sei, Richard. Tenho a sensação de que havia alguma coisa que ele não queria contar.

Ele estava muito sério. Achei que ele se sentia incomodado.

— Onde ele está?

— No Brasil. Lohan está com ele.

Rapidamente, Scarlett contou tudo que havia acontecido perto da Biblioteca. O sol ia subindo e, ainda que a cor do céu não tivesse mudado, estava ficando quente. Eles precisavam partir logo. Sem o ar-condicionado do Land Cruiser, os dois derreteriam.

— Precisamos chegar à Antártica — disse ela.

— Antártica! — Richard balançou a cabeça. — É uma coisa engraçada para falar no meio do

deserto! Nesse momento a gente deve estar a que distância de lá, 15 mil quilômetros?

— Rémy disse que alguns aviões partam de Dubai.

— Isso foi há um tempo. As coisas podem ter mudado.

— Vamos descobrir. E pelo menos agora temos dinheiro. Podemos pagar.

— Você está certa — assentiu Richard. — Talvez seja lá que tudo termine... essa coisa toda.

No gelo.

— Espero de verdade.

Os dois voltaram ao carro e partiram. A sepultura sem qualquer identificação ficou à distância. Nenhum dos dois olhou para trás.

Dubai pegou-os de surpresa. Num momento, seguiam pelo vazio implacável do deserto, no outro, estavam cercados, com ruas e prédios modernos aparecendo a toda volta, como se a cidade estivesse deitada na areia e tivesse saltado para emboscá-los. A primeira impressão, especialmente depois do Cairo, era de uma limpeza extraordinária. Não havia guerra acontecendo ali, e eles deixaram as tempestades de areia para trás. De fato o céu era de um azul ofuscante, as lojas e escritórios reluzindo — como se tivessem acabado de ser construídos. As ruas eram largas e bem espaçadas, com o que podiam ter sido em algum momento gramados estendendo-se por toda a distância. Toda a grama havia morrido, mas a terra que permanecia era bem arrumada e simétrica. A cidade não parecia ter crescido aos poucos. Era como se tivesse sido organizada deliberadamente, pedaço a pedaço.

E estava completamente deserta.

Richard e Scarlett percorreram meia dúzia de avenidas vazias antes de verem o

que deveria ser óbvio desde o início. Existiam carros estacionados em toda parte, muitos parecendo bem caros... Ferraris, Jaguars, Rolls-Royces... mas não havia motoristas e eles estavam sozinhos na rua. Os semáforos ainda funcionavam inutilmente, piscando de verde para amarelo e vermelho,

mas nada se mexia. Não existia nada para se mexer. A maioria das lojas tinha sido esvaziada, mas eles viram geladeiras, móveis, TVs de plasma e até pianos de cauda expostos. Eram pesados demais para carregar, por isso simplesmente ficaram para trás. À medida que continuavam, passaram por fontes sem água e palmeiras que, contra todas as probabilidades, tinham conseguido sobreviver. Os semáforos mudavam e mudavam de novo. Depois de um tempo, eles

aprenderam a ignorá-los.

Ao redor, hotéis gigantescos, centros comerciais e arranha-céus pareciam quase zombar

deles — ou zombar uns dos outros. As construções eram extraordinárias, visões de arquitetos que tinham todo o dinheiro do mundo e o desejo de suplantar uns aos outros. Eram criações que se curvavam, ondulavam e reluziam em prata ou branco. Tinham forma de facas, foguetes, vela

de barco. E bem no centro, erguendo-se acima de todos os outros, ficava o Burj Dubai, que durante um breve tempo fora o prédio mais alto do mundo e que parecia uma seringa de aço futurista, tentando desesperadamente furar a atmosfera superior. Todos estavam vazios. Scarlett não sabia por que tinha tanta certeza, mas eles tinham a mesma falta de vida de um grupo de

estátuas num museu fechado durante a noite. Encaravam uns aos outros, sólidos e imóveis.

Mortos. Não havia absolutamente qualquer movimento em lugar nenhum. E o próprio

movimento do carro, seguindo lentamente, parecia alienígena e indesejado.

— Está silencioso — disse Richard, tanto para ouvir o som da própria voz quanto para dizer

alguma coisa que importasse.

— Não tem ninguém aqui.

— Mas não houve nenhuma luta. As janelas não estão quebradas. Olhe esses carros!

Parecem que foram estacionados ontem à noite.

Era verdade. Todos os carros parados estavam limpos, polidos e pareciam que dariam a partida com uma virada da chave. Não havia lixo voando pelas ruas nem entulho esperando para ser coletado. Era como se a cidade tivesse acordado um dia e as pessoas simplesmente não estivessem mais ali.

— Richard... o que vamos fazer?

— Poderíamos achar um hotel cinco estrelas.

— Não sei se quero ficar aqui.

— Então vamos ver se há alguma saída.

Passaram por um posto Shell, e Scarlett se perguntou se poderiam reabastecer o Land Cruiser. Depois de terem enterrado Rémy, encheram o tanque usando o resto do combustível.

Todas as bombas pareciam em ordem e obviamente o suprimento de eletricidade ainda funcionava, pelo menos nessa parte da cidade. A entrada do posto estava limpíssima. Mas se queriam continuar de carro, para onde, exatamente, poderiam ir? Scarlett se lembrou vagamente de antigas aulas de geografia. Dubai ficava no litoral norte dos Emirados Árabes Unidos. Oman ficava ao lado. E sempre havia o Irã, do outro lado do Golfo Pérsico. Era completamente inútil. Eles poderiam viajar durante semanas ou meses, e mesmo presumindo que encontrassem mais combustível no caminho, não chegariam necessariamente aonde

queriam. Scarlett ficou pensando em Meca, a mais 1.600 quilômetros a oeste. Eles precisavam de uma porta como a que os trouxera ao Cairo. As portas deveriam estar em locais religiosos.

Certamente iriam encontrar uma por lá, não?

Mas Richard tinha outras ideias.

Estivera seguindo por uma estrada de seis pistas em direção a uma rotatória com um monumento de aparência ligeiramente mais antiga, uma pinça gigante sustentando um relógio que, talvez de modo agourento, havia parado um minuto antes da meia-noite. Passaram por ele, ao redor de alguns blocos de apartamento bem comuns, e ali estava o aeroporto — uma vastidão de concreto vazio quase do tamanho de uma pequena cidade, com alguns prédios baixos e uma torre de controle, vaga e indistinta do outro lado da névoa de calor. O coração de Scarlett se encolheu. Não esperava qualquer sinal de atividade ali, principalmente depois do que tinha visto até então. Não haveria passageiros, nem funcionários, nem tripulação de terra. Mas Rémy tinha dito que existiam aviões ali e, pelo que ela podia ver, nem mesmo um planador

encontrariam ali. Se ela e Richard quisessem achar uma saída, a opção não seria voando.

— Não se preocupe. O aeroporto é gigantesco — disse Richard, ecoando seus pensamentos.

— Pode ter um avião em algum lugar.

Foram pela entrada principal, passando por uma barreira de segurança que estava suspensa e

um posto de controle vazio. Os dois sentiam como se estivessem entrando em outro deserto...

este feito de concreto. Não havia nem mesmo sentido em procurar um estacionamento.

Ninguém iria saltar e lhes dar uma multa. Deixaram o carro entre um Aston Martin e um Rolls-

Royce — ambos pareciam ter vindo direto da loja para cá. Também não precisaram se preocupar

com a hipótese de o Land Cruiser ser roubado. Se houvesse um ladrão na área, teria uma centena de veículos mais luxuosos para escolher.

Entraram no terminal principal, felizes por sair do carro. À frente, do outro lado de uma reluzente porta de mármore, dezenas de balcões de companhias aéreas se

estendiam em filas compridas, esperando passageiros que jamais chegariam. As escadas rolantes permaneciam congeladas. Todas as telas de TV que um dia anunciavam as partidas estavam apagadas. A atmosfera ali dentro era quente e úmida — fazia muito tempo que o ar- condicionado fora desligado — e as palmeiras haviam secado e morrido nos vasos. O terminal era gigantesco.

Scarlett pensou primeiro numa fábrica, depois numa catedral. Tudo ali — os pisos, as janelas, os balcões, as escadas — era duro e quebradiço. Era um lugar sem qualquer conforto.

— Quer continuar? — perguntou Scarlett. Sua voz saiu muito fraca.

— Por que não? Quem sabe a gente pega uma bebida no *free-shop*?

Passaram pelo portão de embarque (SOMENTE PASSAGEIROS) e pela área de segurança com

suas esteiras rolantes silenciosas, seus detectores de metal e telas de raios-X. Era uma lembrança de como o mundo havia sido, do medo e da suspeita intermináveis que acompanhavam a determinação das pessoas por continuar viajando. E existiam ainda os controles de passaportes, cubículos modernos no fim de uma vastidão de mármore. *Agora vocês estão deixando Dubai e entrando na terra de ninguém de um aeroporto internacional. Vocês têm horas de compras e espera pela frente. Obrigado por terem vindo.*

Só a área do *free-shop* estava vazia. Tudo que houvera nas prateleiras fora retirado. Richard e Scarlett se pegaram numa comprida galeria subterrânea que seguia por toda a extensão do terminal, com lojas em toda parte, um carro esportivo parado numa extremidade (GANHE ESSE

CARRO — US$25 CADA BILHETE) e um bar decorado com uma palmeira de plástico. Era como a

cidade. Antes existiam pessoas ali, e de repente haviam sumido. Era como se tivessem comprado tudo que podia ser comprado, até o último maço de cigarros e o último pacote grande de M&M’s, depois pulado no primeiro avião e ido embora.

Richard e Scarlett continuaram andando. Nenhum dos dois falava. Não queriam expressar a frustração. Ali não havia nada para eles. Não conseguiriam nem

mesmo uma bebida.

Chegaram a uma janela que dava para a pista. Richard apontou.

— Olha!

Estava ali, afinal, bem na frente deles. Um avião. Talvez o único em todo o aeroporto. Um Airbus da companhia Emirates, sozinho no meio do asfalto. Uma escada fora encostada na porta da cabine e havia um homem sentado nela, vestindo calça azul-escura, camisa branca e óculos escuros. O piloto. Tinha de ser. Parecia estar esperando-os.

Richard agarrou Scarlett e os dois saíram correndo, procurando uma saída.

VINTE E SETE

Apesar do nome do lugar, sair do prédio de partidas era muito mais difícil do que entrar. Richard e Scarlett ficaram cada vez mais frustrados enquanto seguiam por corredores sinuosos passando por uma porta depois da outra, cada uma trancada com códigos de segurança que só eram conhecidos pelas equipes de terra que partiram muito tempo antes. Ainda que a eletricidade dentro do terminal tivesse pifado ou estivesse desligada, as fechaduras magnéticas permaneciam bloqueadas e as portas se recusavam a abrir. Janelas gigantescas lhes davam uma visão hipnotizante do asfalto que queriam alcançar. Richard ficou tentado a pegar uma cadeira e quebrar o vidro, mas as cadeiras eram aparafusadas no chão e, de qualquer modo, o vidro era

provavelmente grosso demais.

Até que encontraram o que estavam procurando. Havia um balcão de embarque com uma placa da British Airways e, ao lado, uma porta aberta com um daqueles corredores compridos que se dobravam e eram usados para ir diretamente a uma aeronave. Este simplesmente se projetava no espaço. Quando Richard e Scarlett chegaram ao fim, viram-se diante de um quadrado de luz forte, numa altura capaz de quebrar os tornozelos caso não tivessem muito cuidado, mas não existia outro modo. Passaram pela borda, segurando todo o peso do corpo com as mãos e os braços esticados, depois se soltaram. Mesmo assim, a queda foi difícil. E o asfalto estava quentíssimo.

— Você está bem?

— Estou. — Scarlett se espanou e olhou ao redor. O Airbus que tinham visto estava a alguma

distância, mas o homem continuava lá, fumando um cigarro.

Correram para ele. Não havia nenhuma brisa, mas ali estava mais seco e mais agradável do que dentro do terminal. Scarlett tinha uma percepção aguda do silêncio. Era a última coisa que ela teria associado a um aeroporto, e sentiu-se perdida naquele ambiente, com o chão completamente plano se estendendo e um quilômetro e meio de vidro e aço reluzindo. O piloto

do Airbus — se é que ele era isso — viu-os chegando e largou o cigarro. Enfiou a mão no bolso e, mesmo antes de ele tirá-la de volta, Scarlett soube que ele estaria segurando uma arma e desejou que os dois não tivessem se mostrado tão depressa. Eles poderiam ser qualquer pessoa.

Ele também, por sinal. Poderia atirar nos dois antes mesmo que tivessem tempo de dizer os nomes.

Mas agora era tarde demais para parar. Richard tinha levantado as mãos, mostrando que

estava desarmado. E com uma garota de 15 anos ao lado, ele não poderia parecer uma grande ameaça. O piloto baixou a arma, mas permaneceu cauteloso.

Era jovem, de cabelos claros, com rosto fino e bochechas fundas. Enquanto eles se aproximavam, tirou os óculos escuros, revelando atentos olhos azuis. Tinha aparência atlética, era magro e forte. Scarlett achou que tinha o corpo de surfista e podia facilmente imaginá-lo na praia com uma bermuda colorida, mas ele se mantinha fora do sol. Sua pele era clara e ele estava na sombra do avião. Apesar do calor, não enrolara as mangas.

— Quem diabos são vocês? — perguntou ele quando Richard e Scarlett chegaram perto. Fez

um gesto com a arma. — Não cheguem mais perto, está bem?

— Tudo bem. — De novo, Richard levantou as mãos num gesto de rendição. — Somos amigos.

— Todo mundo é amigo — respondeu o piloto. Falava com sotaque australiano. — A pergunta é: vocês são amigos de quem?

— Nós acabamos de chegar — disse Scarlett. — Não sabemos o que está acontecendo.

— Chegaram? De onde?

— Estávamos no Cairo.

O piloto assobiou.

— Vieram daquela distância? Como chegaram aqui?

— De carro. — Richard fez um gesto na direção do terminal. — Temos um Land Cruiser. Está

parado lá. — Ele baixou as mãos. — Você é australiano?

— Isso mesmo. — O piloto não havia baixado a arma. — E você parece inglês. O que estavam fazendo no Cairo? Eles ainda estão em guerra?

— Estão. Continuam lutando. O que estávamos fazendo é uma história muito longa. Meu nome é Richard Cole. Esta é Scarlett Adams. Você não teria um pouco de água, teria? Nós viajamos o dia inteiro e demoramos um tempo enorme para achar o caminho até aqui.

O piloto examinou-os com atenção. Estava obviamente avaliando-os. Então chegou a uma decisão e guardou a arma.

— Certo. Podem entrar, se quiserem. Mas estou avisando, se tentarem alguma gracinha, atiro no meio dos olhos de vocês sem pensar duas vezes. Meu nome é Martins, por sinal. Sou de Sydney, ou seria se Sydney ainda existisse.

— Você é o piloto?

— Não. O copiloto.

Subiram atrás dele e entraram no avião, vendo imediatamente que o Airbus fora adaptado.

Todos os bancos foram retirados, menos uns poucos na frente, deixando um espaço comprido e

cilíndrico cheio de caixotes, do piso ao teto. Martins enfiou a mão num deles e pegou duas garrafas plásticas com água, que entregou a Richard e Scarlett.

— Vamos para cima — disse ele.

Havia uma escada em caracol subindo para o que um dia teria sido a cabine da classe executiva. A área superior também fora adaptada. Tinha sido transformada num quarto e numa

sala com duas camas de solteiro, duas poltronas e uma área com um Playstation e cerca de cem jogos espalhados pelo chão. Também havia dezenas de caixas de comida vazias, garrafas plásticas e cinzeiros transbordando... a última coisa que Scarlett esperaria ver num avião. O ar cheirava a fumaça de cigarro. Uma garrafa de uísque pela metade e um copo estavam ao lado

da cama, e também uma pilha de livros de bolso com as lombadas rachadas e as folhas com os

cantos amassados. A porta da cabine de pilotagem estava aberta, e Scarlett viu as duas

poltronas com os manches e os painéis de controle. Richard cutucou-a e Scarlett soube que ele estava pensando exatamente o mesmo que ela. Havia ótimas chances de que esse avião fosse capaz de voar.

Martins se jogou numa das camas, mas arrumou-se de modo que o bolso da arma ficasse virado para cima e ela pudesse ser alcançada facilmente. Seus olhos continuavam cautelosos.

Richard e Scarlett ocuparam as poltronas, abriram as garrafas e beberam. A água estava quente e com gosto rançoso.

— E de onde vocês vieram? — perguntou Martins. — Quero dizer, como chegaram ao Cairo? O que estavam fazendo lá?

— Éramos prisioneiros — respondeu Richard. — Havia um guerrilheiro chamado Tarik.

— Conheço Tarik. Já transportei suprimentos para ele. Como ele está?

— Na verdade, não estava com aparência muito boa quando fomos embora.

— Que pena. Então você é inglês. A garota parece indonésia. O que estão fazendo juntos? Se

conheceram na estrada?

Essa era sempre a parte difícil. Richard nunca sabia direito o que dizer. Nunca tivera de se explicar a Tarik porque Rémy estava lá e sabia tudo sobre os Guardiões. De qualquer modo, Tarik tinha visto os alteradores de forma no Cairo, e depois disso qualquer história sobre portas mágicas, os Cinco e a guerra contra os Antigos faria algum sentido. Mas esse homem poderia não acreditar em nada disso. Nesse caso, seria mais simples mentir.

— Estamos viajando há muito tempo — disse Richard. — Nós nos conhecemos em Hong Kong e estamos juntos desde então. Queremos chegar à Antártica.

— Antártica? — O copiloto não pareceu tão surpreso quanto Richard esperaria. — É

engraçado você dizer isso. Andei ouvindo um bocado de coisas a respeito disso no rádio.

— Você tem rádio! — disse Scarlett. As coisas estavam começando a se encaixar. O avião tinha energia (o videogame sugeria isso), e o mundo não estava tão vazio quanto ela pensou.

— Não rádio nacional — respondeu o copiloto. — Mas há um bocado de radioamadores por

aí. Aficionados, costumavam ser chamados. Eu escuto à noite. Todo mundo que pôde foi para o

sul. Qualquer avião que eles pudessem encontrar... barcos... tem gente que foi por terra até a ponta da África do Sul ou da América do Sul. As pessoas dizem que andam sonhando com a Antártica. É como uma religião maluca.

— Você poderia levar esse avião até a Antártica? — perguntou Richard.

O copiloto balançou a cabeça.

— Sozinho, não.

— E onde está o piloto?

— É uma longa história. Você tem alguma ideia do que está acontecendo aqui em Dubai?

— Eu já disse — respondeu Richard. — Nós acabamos de chegar.

— E vieram direto para o aeroporto. Bom, acho que eu teria feito o mesmo. Como vocês provavelmente viram, não há muita gente por aí.

— Cadê todo mundo? — perguntou Scarlett.

— Foram embora.

Martins estendeu a mão. Serviu-se de um copo de uísque e acendeu outro Marlboro Light.

Scarlett notou que ele tinha centenas de maços de cigarros, ainda nas caixas do *free-shop*.

Talvez os tivesse saqueado no aeroporto de Dubai ou de algum outro lugar durante as viagens.

De repente ela viu que esse avião era mais do que um meio de saída para ele. Era seu lar, seu depósito, seu casulo de sobrevivência. Ele se deitou de costas e soprou um pouco de fumaça

cinza no ar.

— Não peça para eu explicar a história do mundo — disse Martins. — Nunca prestei muita atenção quando estava na escola. Eu só queria voar. E quando consegui um emprego na Emirates, fiquei tão feliz quanto o Larry. — Ele sorriu sozinho. — Como mencionei, Larry é o nome do meu piloto. Larry Carter. É um cara legal, só que não confia completamente em mim.

Por exemplo, nunca me deu os códigos que me permitem entrar nos

computadores de bordo, o

que é um dos motivos para eu estar aqui sentado, em vez de indo para algum lugar mais agradável.

— O que aconteceu em Dubai? — perguntou Richard.

— Eu já ia chegar nessa parte, Richard. Quer um uísque?

— Não, obrigado. — Fazia muito tempo que Richard não bebia álcool, e se fosse uma cerveja

gelada ele poderia ficar tentado, mas a ideia de uísque sem gelo nesse espaço confinado no meio do dia o enojava ligeiramente.

— O que aconteceu com Dubai na verdade foi há muito tempo — explicou o copiloto. —

Dubai faliu. No início havia o petróleo, mas acabou logo. Bom, não importa, porque Dubai se estabelecera como um parque de diversões para os super-ricos, uma espécie de Terra do Nunca

baseada em negócios, compras e imóveis. Eles construíram umas ilhas em forma de palmeiras, com casas multimilionárias compradas por atores de Hollywood e jogadores de futebol. Vocês viram o Burj Dubai no centro da cidade? Bom, não poderiam deixar de ver! Tudo aqui era assim.

Tinha de ser o maior, o mais alto, o mais caro, o melhor. Dizem que, num determinado ponto,

dez por cento das gruas do mundo estavam sendo usadas aqui em Dubai. É um montão de gruas. Mas todas eram necessárias para ajudar a construir o milagre no deserto.

“Só que o milagre não era tão milagroso quanto todo mundo pensava. Assim que a recessão

bateu, os astros pop e os jogadores de futebol pararam de vir. Metade dos imóveis ficou vazia de repente, e as ilhas em forma de palmeira nunca funcionaram direito, de qualquer modo, porque interferiram nas marés e de

repente as pessoas começaram a notar que estavam cercadas por esgoto. Então os negócios também secaram. Ninguém estava comprando nada. E

aí é que vem a parte engraçada. Na verdade, era ilegal falir em Dubai. Você não tinha permissão para falir. Até que, finalmente, eles acordaram e descobriram que a própria Dubai estava falida.

“Foi aí que todo mundo partiu. Foram de carro. De avião. Algumas pessoas até viajaram em

camelos. Pegaram tudo que podiam levar — vocês devem ter notado que a maioria das lojas está praticamente vazia, mas ainda restou o bastante para gente como eu. Se você quiser um belo Rolex, Richard, ou talvez um colar de diamantes para sua amiguinha, posso mostrar onde encontrar. Também tem bastante comida e água. Esta cidade tem tudo! Menos gente.”

— E onde está o piloto? — perguntou Richard. — Pelo jeito você fica preso aqui sem ele.

— Estou preso aqui — concordou Martins. — Acho que eu conseguiria colocar essa coisa no

ar. Já andei pensando nisso. Mas o fato é que estou melhor onde estou... pelo menos até o álcool acabar. Depois disso, veremos. — Ele estendeu a mão para o copo. — Larry era um idiota mas, até ele aparecer, não posso fazer muita coisa.

Ele engoliu o uísque, franzindo os olhos. Era difícil saber se o líquido lhe dava prazer ou dor.

— Eu disse que todo mundo foi embora daqui — continuou Martins. — Mas não é verdade.

Dubai sempre teve uma família real... você sabe, um xeique. E o homem que estava no comando

quando tudo desmoronou era o xeique Rashid al-Tamim. Ele tem um palácio junto ao riacho Dubai, mas não creio que a vista seja muito bonita depois que a água secou.

Ele se serviu de mais uísque.

— O xeique ainda está aqui. Ele tem uma esposa... e vários filhos. Está cercado por ministros e conselheiros. O xeique Rashid é um homem importante. Além de ser rei, é presidente dos Emirados Árabes Unidos e vice-presidente do Conselho Supremo da União. Tem uma grande guarda militar. E há os diplomatas, os funcionários públicos, os conselheiros... todo mundo que você esperaria encontrar numa corte movimentada. E há algo que todo mundo sabe, mas ninguém diz. Na verdade, tem duas coisas que você precisa saber sobre o xeique Rashid. Uma: ele é um sacana maligno. E dois: ele é completa, absoluta e garantidamente maluco.

“E talvez sempre tenha sido. Essas pessoas, trancadas em seus palácios com bilhões de dólares no bolso e tudo que podem querer... para elas provavelmente fica fácil demais perder o contato com a realidade. Ou talvez tenha sido o choque de acordar um dia e perceber que era o governante absoluto de absolutamente nada! A cidade estava vazia. Todo mundo tinha ido embora e sua amada Dubai era quase tão importante quanto... — Ele procurou vagamente a comparação — ... um balcão de check-in num aeroporto sem aviões.

“Então foi isso que aconteceu, Richard. O xeique Rashid continua governando. Tem reuniões

importantes em que discute novos projetos de construção que nunca vão acontecer, esquemas de controle de tráfego que nunca serão implementados, políticas educacionais que não importam mais e banquetes aos quais ninguém vai. Na semana passada, ele inspecionou o exército. É uma pena você não ter estado lá. Ele ficou parado numa sacada enquanto os mesmos cem soldados marchavam ao redor do prédio durante três horas, fazendo-o achar que controlava milhares. Ah, sim, e eles levaram o tanque também. Só há um tanque funcionando.

Mas o xeique ficou ali, recebendo saudações, com o primeiro-ministro interino de um lado e todos os outros ministros ao redor. Eu também estava lá. Eu vi. E nunca vou esquecer o riso idiota na cara dele.”

— Por que os ministros continuam com ele? — perguntou Scarlett.

— Porque ele vai matá-los se eles tentarem ir embora. Eles sorriem, fazem reverências e aplaudem quando ele diz alguma coisa inteligente; e morrem de medo dele. Mais ainda, essas pessoas optaram por ficar para trás e agora não têm

aonde ir. Há toneladas de suprimentos no palácio real. Ele controla o fornecimento de eletricidade e tem até uma usina de dessalinização para a água. Desde que eles sigam as regras e tentem não dizer nada que os faça ser mortos, provavelmente estão mais confortáveis em Dubai do que em qualquer outro lugar. Então por que sacudir o barco? Talvez alguns até tenham conseguido se convencer de que as ruas estão movimentadas e as lojas cheias. Esse é um dos motivos para manter os semáforos funcionando.

Tudo faz parte da ilusão. O fato é que ninguém sai da linha.

— O que o Larry fez? — perguntou Richard.

— Larry foi idiota. Ele e eu estávamos conversando. As coisas estão boas aqui. Afora qualquer outra coisa, ainda há um pouco de combustível de aviação no aeroporto e estávamos fazendo um bocado de serviços para Rashid, levando coisas para o Egito. Mas ao mesmo tempo

estávamos ficando entediados. Não é muito divertido ser o único sanduíche no piquenique quando todo o resto é um bolo de fruta. Por isso concordamos em dar o fora. Tínhamos ouvido

dizer que há uma comunidade se virando bem no território norte da Austrália, perto de Alice Springs, por isso pensamos em ir para lá, nos juntar ao pessoal. O problema é que Larry ficou ganancioso. Decidiu se servir de parte do tesouro muito considerável do xeique. Vocês podem se perguntar quem precisa de diamantes do tamanho de bolas de pingue-pongue quando o mundo

inteiro está escorrendo pelo ralo, mas talvez Larry estivesse pensando adiante.

“Larry entrou no palácio uma noite, enquanto todo mundo estava jantando, e invadiu o cofre

real. Mas, claro, foi apanhado. Dá para imaginar que houve um tremendo estardalhaço. Eles não ficaram com raiva. Ficaram deliciados! Veja bem, isso lhes deu alguma coisa de verdade para fazer. Puderam montar toda uma série de tribunais: o Tribunal de Primeira Instância, a Corte de Apelação, a Corte de Cassação; com advogados de defesa, promotores, testemunhas e todo o resto. Rashid assumiu o papel de juiz principal e se vestiu com peruca e capa vermelha, mesmo que estivesse fazendo 38 graus na sala do tribunal.

“De qualquer modo, isso demorou uns dois meses, e o ponto alto foi... surpresa!... Larry foi considerado culpado.”

— O que vão fazer com ele? — perguntou Richard.

— Ainda não decidiram. Podem cortar a cabeça dele. Podem cortar as mãos. Ou podem simplesmente colocá-lo na frente de um pelotão de fuzilamento. Depende do humor de Rashid,

e isso pode mudar num piscar de olhos. Uma coisa que você pode apostar é que eles vão fazer

um tremendo estardalhaço. Sem TV, precisam encontrar outros modos de se divertir. — Martins

acendeu mais um cigarro. — Independentemente do que acontecer, ele não vai pilotar esse Airbus tão cedo.

— Ele não pode dar os códigos a você?

— Não me deixaram vê-lo. E, de qualquer modo, não é tão fácil assim. Não existe mais controle de tráfego aéreo. Não existe orientação por satélites. Se você quiser pilotar uma dessas coisas, tem de se virar mais ou menos com mapas e bússolas. Nem sei se eu conseguiria encontrar Alice Springs sem ele.

Houve uma pausa longa. A cabine estava cheia de fumaça de cigarro, porém Martins não parecia notar.

No fim foi Scarlett que rompeu o silêncio.

— O xeique Rashid fala inglês? — perguntou ela.

— Todos eles falam. O inglês é a língua internacional dos negócios, por isso, eles falam o tempo todo.

— Se pudermos convencê-los a soltar seu amigo, você nos levaria para a Antártica?

O copiloto deu de ombros.

— Quer que eu seja honesto? Não posso responder. Quem manda é o Larry.

— Mas se o Larry concordar, você também concordaria?

Martins pensou por um momento.

— Não me importa de verdade aonde eu vou ou o que eu faço. Parece que o mundo inteiro

se ampliou até o infinito, e que diferença faz se eu termino bebendo até apagar na Austrália ou congelando os bagos no gelo? — Ele olhou para a ponta do cigarro. — Ou morrendo de câncer

de pulmão aqui. Mas vocês não vão convencer o xeique Rashid a soltá-lo. Ele foi considerado culpado, e isso é o fim.

— Talvez a gente consiga fazer com que ele mude de ideia — murmurou Richard. — Você pode levar a gente até lá?

De novo Martins balançou a cabeça.

— Desculpe, meu chapa. Neste momento eu não sou popular no palácio. Há uma leve suspeita de que Larry e eu estávamos juntos naquilo. Que íamos pegar os diamantes e pular no avião. De modo que é melhor eu não mostrar a cara.

— Nós podemos ir sozinhos? Existe algum modo de nos encontrarmos com ele?

— Sim. Na verdade, isso é fácil.

— Como?

— O xeique costumava jogar em Londres, e gostava tanto disso que tornou o jogo legal em Dubai. Então, eles ainda têm uma corrida de cavalos uma vez por mês, mesmo que sejam sempre os mesmos cavalos na pista e que estejam tão estropiados que levem meia hora para terminar. E também há o cassino, e o xeique vai lá quase toda noite.

— As pessoas ainda têm dinheiro para jogar? — Scarlett estava impressionada.

— Sei que é maluquice. Seria de imaginar que o dinheiro não importasse mais.

Você pode entrar em praticamente qualquer loja e pegar um carro novo, um colar de diamantes... o que quiser. Mas tente comprar uma garrafa d’água! É quando você precisa de uma grana preta, e o

xeique adora fazer seu povo se retorcer. As pessoas em Dubai estão jogando pela vida, literalmente. Na semana passada, um homem morreu jogando numa máquina caça-níqueis. Ele

colocou as suas moedas e quando os sinos não apareceram, simplesmente caiu do banco e morreu. Desidratação.

“Portanto, se quiserem que o xeique note vocês, entrem lá e ganhem ou percam de montão;

um modo ou de outro, isso vai acontecer. Só se lembrem: se ele fizer uma careta para vocês, fiquem apavorados.”

— E se ele sorrir para nós?

— Fiquem apavorados também. Vocês vão ver como é. O sujeito tem o charme de uma cascavel. Mas se vocês conseguirem tirar o Larry de lá, eu, pelo menos, vou agradecer. —

Martins olhou seu relógio. — O cassino abre daqui a uma hora, às sete. Boa sorte se vão até lá.

Estou avisando... vocês vão precisar.

VINTE E OITO

O cassino ficava na rua Baniyas: era uma construção compacta, baixa, completamente suplantada pelas várias torres ultramodernas que a cercavam. Se Dubai estivesse povoada, se houvesse algum sinal de vida atrás das milhares de janelas, talvez elas parecessem menos ameaçadoras. Do modo como estava, Scarlett sentiu que andava por um cemitério gigantesco.

Tudo a sufocava e tudo estava morto.

O cassino poderia ter vindo de outro planeta. Era coberto de painéis vermelhos e dourados com duas palavras —DUBAI CASINO — em néon reluzente. Mas

algumas letras estavam

queimadas, de modo que era a legenda DUBAI SIN, ou seja, “pecado de Dubai”, que piscava enquanto eles se aproximavam.

Houvera um tempo em que o cassino teria a visão do amplo canal que fluía pela cidade, e Scarlett tentou imaginá-lo com táxis aquáticos indo para lá e para cá, e iates brancos ancorados balançando-se suavemente. Mas a água secara quase totalmente, deixando duas margens de lama marrom com uma trilha estreita de gosma verde-escura onde elas se encontravam. Alguns

barcos permaneciam lá, mas tombados de lado. Qualquer fingimento de elegância ou beleza que

o local poderia ter sumira há muito tempo.

Richard e Scarlett haviam trocado de roupa, escolhendo outras novas numa das muitas lojas

abandonadas. Richard usava caros jeans de grife, uma nova camisa polo e tênis novos. Scarlett escolheu um vestido até o tornozelo com uma echarpe de seda. Martins a alertara para manter a cabeça e os braços cobertos. Os dois pararam o Land Cruiser a uma curta distância e cobriram os últimos metros a pé. Richard deixou as chaves no carro... só para o caso de precisarem fazer uma retirada rápida. Também escondeu a mochila com a preciosa faca no porta-malas.

Havia um porteiro diante da entrada — a segunda pessoa que viam desde que chegaram.

Apesar do calor sufocante do início da noite, ele vestia um casaco comprido com enormes botões dourados, dragonas e quepe. Quando os dois se aproximaram, ele falou em inglês:

— Boa noite, senhor. Bem-vindo ao Cassino Dubai.

Era a primeira visão da loucura que Martins descrevera. Tinham saído de lugar nenhum, de uma cidade vazia. Apesar das roupas novas, não tinham podido tomar banho. Richard não fazia

a barba havia dias. Os dois tinham uma aparência — e um cheiro — muito

abaixo do que seria

bom. No entanto, o homem com seu uniforme elegante, já segurando a porta para eles, comportava-se como se os dois fossem clientes regulares, como se tivessem acabado de sair de

um Rolls-Royce com chofer ou talvez caminhado do hotel Sheraton que ficava logo adiante.

Passaram por ele, entrando numa área de recepção toda em vidro e mármore. Scarlett sentiu

a brisa fresca de um aparelho de ar-condicionado entrando por baixo da seda que cobria seus braços e roçava na pele. Havia mais homens ali, todos árabes: um recepcionista usando terno formal e óculos escuros, e três ou quatro outros usando os camisões brancos tradicionais e lenços na cabeça. Conversavam entre si como se fossem velhos amigos que tivessem se encontrado por acaso, mas mesmo ali Scarlett sentiu uma certa falsidade. Eles estavam nervosos.

Precisavam ganhar para comer e beber. Não era uma ocasião social agradável. Todos estavam à

mercê do xeique, que iria observá-los enquanto jogavam.

Os dois se viraram para uma porta dupla entre duas esculturas... palmeiras pesadas e douradas. Um dos porteiros notou Richard e assentiu, dando as boas-vindas. Havia um detector de metal junto à porta e todos precisavam passar por ele. De um lado, uma mulher com um vestido justo e reluzente estava sendo revistada por um segurança de rosto impassível. Um homem enorme e barbudo, com camisolão árabe, passou segurando um minúsculo chihuahua com um pesado colar de platina. Richard e Scarlett se entreolharam. Não precisavam dizer nada.

O lugar era muito esquisito.

Mas precisavam do avião. E se quisessem voar, precisavam também do piloto. Não havia outro modo. Passaram pelo detector de metal e entraram.

Estavam numa enorme sala com tapete grosso e teto iluminado por uma centena de luzes minúsculas espalhadas ao acaso, como estrelas. Não havia janelas, nem

placas de saída — de modo que, assim que estavam dentro, podiam imaginar que não existia mais qualquer modo de

sair. O ar tinha uma sensação fria, antisséptica, como o interior de uma geladeira. Cerca de cem pessoas estavam reunidas ali, algumas com trajes árabes, mas a maioria usando caros ternos ocidentais — Armani, Prada, Paul Smith, Versace. Apesar da luz fraca, Scarlett nunca vira um número maior de óculos escuros. Era quase impossível olhar para qualquer pessoa sem ver seu próprio reflexo. Havia mulheres também, sussurrando umas com as outras, bebendo coquetéis coloridos. E todo mundo, os homens e as mulheres, estavam cobertos de relógios e joias, com pedras de cores diferentes reluzindo enquanto eles se movimentavam pelo salão.

No meio do cassino, encontravam-se duas fileiras de máquinas caça-níqueis. Espelhos gigantescos nas paredes refletiam as luzes que piscavam, as promessas de vitórias, as rodas girando interminavelmente. Os jogadores, empoleirados em bancos altos, muitos fumando cigarros, colocavam suas moedas prateadas nas fendas, uma depois da outra, praticamente não

reagindo se ganhavam ou perdiam. Scarlett viu pôquer e blackjack sendo jogados, com crupiês usando camisa branca e paletós multicoloridos distribuindo as cartas em mesas cobertas de feltro verde. Havia duas roletas em uma mesa comprida onde um grupo de pessoas estava reunido para olhar os lances dos dados. A atmosfera era silenciosa, cheia de expectativa, mas ninguém parecia de fato feliz por estar ali.

Então uma porta dupla — feita de painéis de madeira com maçanetas de ouro — se abriu com estrondo e por um momento os jogos foram esquecidos enquanto todos os olhares se viravam e o xeique Rashid al-Tamim entrava. Tinha de ser ele. Ele dominava o salão antes mesmo de dar um passo para dentro.

O xeique usava roupas ocidentais; um terno de seda com brilho prateado e uma camisa preta

aberta no colarinho de modo a revelar o cordão de ouro no pescoço. Tinha anéis de ouro em três dedos e um Rolex de ouro no pulso. Era um homem magro feito um caniço, no entanto, tudo nele parecia projetado para disfarçar esse fato. Usava óculos escuros de grife, de ouro

verdadeiro, com armação larga, e boa parte do rosto era coberto com pelos curtos

e pretos que não eram suficientemente densos para formar uma barba e um bigode. Estava cercado por guarda-costas usando ternos lustrosos. Eram três, carecas e com olhos atentos. Uma única mulher vinha atrás. Seria a esposa? Ela também parecia infeliz. Estava usando um vestido preto e sóbrio e uma echarpe na cabeça, amarrada embaixo do queixo. Seus olhos estavam abaixados.

O xeique olhou ao redor como se fosse a primeira vez que entrava ali e estivesse surpreso ao ver que outras pessoas tinham vindo.

— Olá, olá, olá! — gritou ele. Sua voz era aguda, quase de menina. Richard e Scarlett se entreolharam. Ficou imediatamente óbvio que o xeique estivera bebendo. Estava cambaleando e

seu rosto permanecia fixo com um riso idiota. — Estamos nos divertindo?

Todo mundo no salão aplaudiu. Garçons se apressaram trazendo taças de champanhe. Havia

um sofá — almofadas de veludo vermelho e estrutura dourada — posto numa plataforma alta, e

o xeique foi para lá, seguido pelo séquito. Seus guarda-costas ficaram ao redor, alertando para as pessoas manterem distância. A mulher que viera com ele sentou bem na ponta do sofá. Os jogadores voltaram às suas apostas.

— O que fazemos agora? — sussurrou Scarlett.

— Não sei. — Richard ficou olhando o xeique enfiar um cigarro entre os lábios e um guarda-

costas se inclinar com um isqueiro de ouro. O guarda disse alguma coisa e ele explodiu num riso infantil. — Acho que precisamos chamar a atenção dele.

— Como?

Scarlett olhou ao redor — os caça-níqueis, a mesa de dados, e finalmente uma roleta. A bola

tinha acabado de girar, e o crupiê estava separando as apostas... as pessoas perderam mais do que ganharam. Enquanto varria as fichas multicoloridas da

superfície de feltro, ele levantou os olhos, e Scarlett levou um susto. Por um momento, o homem pareceu examiná-la. Depois se virou, esperando enquanto as apostas do próximo jogo eram postas à sua frente.

Scarlett se virou para Richard.

— Sei o que vamos fazer.

— O que...? — começou Richard.

— Confie em mim!

Antes que Richard pudesse impedir, ela caminhou até a roleta, colocando-se bem à frente do

xeique, bloqueando parcialmente a visão dele. Falou diretamente com o crupiê, e sua voz saiu deliberadamente alta.

— Quero jogar na roleta — anunciou. — Há limite nesta mesa?

— Não há limite — respondeu o crupiê.

— Então posso colocar quanto dinheiro eu quiser?

— Sim, senhorita.

— Isso é muito bom. — Scarlett pegou a carteira que Richard havia apanhado com Rémy. —

Nesse caso, quero apostar cinco mil dólares.

O xeique estivera segurando a taça, esperando que a enchessem, quando aquela garota estranha apareceu diante dele. Também escutou o que ela acabara de dizer. Lentamente levantou a mão e tirou os óculos escuros, examinando-a com olhos pequenos, iguais ao de um

lagarto. O crupiê olhou na direção dele, sem saber se deveria aceitar a aposta.

— Você! Você, mocinha! — O xeique Rashid apontou para ela. Scarlett se virou. — Quantos

anos você tem?

— Quinze.

— É muito nova para jogar.

Scarlett olhou diretamente nos olhos dele. De novo, falou para todo mundo ouvir.

— Está com medo de que eu ganhe?

Algo relampejou brevemente naqueles olhos de lagarto. O xeique examinou-a com mais atenção e ela se perguntou o que estaria se passando na cabeça dele. Provavelmente era melhor não saber. Um meio sorriso repuxava o canto de sua boca. — Você tem cinco mil dólares? —

perguntou ele.

— Tenho.

— E não se incomoda em perder?

— Talvez eu não perca.

— Vai apostar no vermelho ou no preto?

Essa era a aposta óbvia. As chances eram de meio a meio. Se Scarlett ganhasse, dobraria o dinheiro. Se perdesse, tudo iria embora.

— Quero apostar num número específico.

— O dinheiro todo? Cinco mil dólares num número? — A voz do xeique estava mais aguda

do que nunca. Ele explodiu numa gargalhada. — Quer mesmo fazer isso? Então

vá em frente! É

um bocado de dinheiro para perder, mas não vou impedir. — Ele deu uma ordem ríspida em árabe e o crupiê entregou um punhado de fichas pretas a Scarlett, que pegou as notas e entregou. Tinha consciência de que Richard a olhava horrorizado. O crupiê dobrou o dinheiro e enfiou-o numa fenda ao lado da mesa.

Todo o cassino a observava, sabendo que o que ela propunha era insano. Ela poderia apostar

no vermelho ou no preto, no alto ou no baixo, no par ou no ímpar. Tudo isso era conhecido como apostas externas — com risco mínimo, mas também com o menor lucro. Havia 35

números na roda, mas também um zero verde e um zero duplo, o que elevava as chances tremendamente a favor do cassino. Scarlett tinha uma chance em trinta e sete, mas se por algum milagre a bola pousasse onde ela escolhesse, receberia quase duzentos mil dólares. O

cassino jamais fizera pagamentos assim.

— Que número? — perguntou o crupiê.

— Cinco — disse Scarlett.

O crupiê pegou as fichas e as colocou no lugar. Imediatamente todos correram para perto da

mesa. Muitos outros jogadores no salão decidiram seguir seu exemplo. Isso costumava acontecer nos cassinos a coragem de uma pessoa inspirava outras. Talvez ela soubesse alguma coisa que eles não sabiam. Talvez ela estivesse estudando a roleta. O número cinco era vermelho, ímpar, baixo. Mais pessoas se apinharam, com as fichas se empilhando nas apostas. Algumas até a acompanharam, apostando no mesmo número. Cinco dólares, cinquenta dólares, até cem dólares. Logo havia uma pilha de plástico no quadrado, e o crupiê estava ficando muito nervoso.

Se desse o número de Scarlett, todo o cassino poderia entrar em colapso.

Richard Cole não acreditava no que via. Para ele, não importava muito se

Scarlett perdesse o dinheiro. O dinheiro não tinha utilidade, de qualquer modo. Mas ela havia se posicionado diretamente contra o xeique, e ao apostar com a garota, o povo mostrava que estava do lado dela. Eles realmente queriam vê-lo cair de cara.

— O que está acontecendo aqui? O que está acontecendo? — O xeique avançou

rapidamente, empurrando as pessoas para fora do caminho até chegar à beira da mesa da roleta. — Você não entende o que está fazendo, garota idiota. Você não entende as regras. —

Ele olhou ao redor e viu os rostos carrancudos da multidão. Pela primeira vez, estava isolado,

sozinho. — Certo! — exclamou. — Gire a roleta! Num minuto estarei muito rico!

O crupiê obedeceu. Primeiro girou a roleta. Depois jogou a bola, mandando-a na direção oposta, tão rápida que mal passava de um borrão.

Richard chegou mais perto de Scarlett.

— Você vai ganhar? — sussurrou.

— Acho que sim — sussurrou ela de volta.

Mas será que ia? A velocidade da bola já estava diminuindo. Ela podia vê-la rolando por cima dos números: 7, 20, 32, 17... e ali estava. O número que ela escolheu. A bola estava movendo-se depressa demais. Não poderia diminuir a velocidade a ponto de cair no lugar na próxima volta.

A multidão estava ficando inquieta. Os que apoiaram Scarlett, particularmente com apostas maiores, já estavam desejando ter sido menos apressados. Não era só o dinheiro que poderiam

perder; também tinham ido contra o xeique Rashid e ele não se esqueceria disso. Havia histórias sobre câmaras de tortura embaixo do palácio real. Era bem sabido que, se você ofendesse o xeique num dia, poderia desaparecer no outro.

Agora a bola estava saltando nas reentrâncias. Bateu numa delas e saltou de

novo com um estalo. Scarlett respirou fundo. A bola quase caiu no número 27. Continuou andando — passou

pelo 13, pelo um e pelo zero duplo. O 5 estava chegando de novo. Como se perdesse a força de repente, a bola caiu pela última vez. Houve um silêncio completo no salão.

A bola estava sendo carregada, girando e girando, no número 5.

O crupiê foi o primeiro a reagir, olhando a bola e depois olhando Scarlett como se a garota

estivesse de algum modo ligada a ela por um fio. E de novo Scarlett examinou o rosto dele: o bigodinho arrumado, os óculos redondos, os dentes de ouro. Ela o conhecia, claro. Tinha-o visto várias vezes no mundo de sonho, e ele sempre lhe dizia a mesma coisa: “cinco”. Não tinha nada a ver com os Guardiões, mas sim com o jogo do qual ela iria participar. Scarlett havia apostado...

mas somente na certeza de que o mundo de sonho estava lá para ajudá-la. E estava certa.

O xeique Rashid fez uma careta. Seu rosto era um tumulto de emoções enquanto estava dividido entre o choque, a descrença, o conhecimento do quanto perdera e a necessidade de reafirmar a autoridade.

— O que está acontecendo aqui? — grasnou. Seus globos oculares estavam quase saltando

da órbita. — Como isso pôde ter acontecido? — Ele olhou para as pilhas de fichas plásticas amontoadas no número cinco. Então, sem aviso, agarrou o crupiê e deu-lhe um soco no nariz. O

sujeito foi jogado sobre a roleta, fazendo as fichas voarem. — O jogo foi desautorizado! —

anunciou. — Essa garota tem menos de 16 anos. Não deveria ter tido permissão de jogar. — Em

seguida se virou para o resto das pessoas. — O cassino está fechado por esta noite. Vão para casa. O jogo acabou!

Os jogadores não pareceram felizes, mas nenhum era idiota a ponto de reclamar. Os guarda-

costas estavam esperando o primeiro sinal de discordância para derrubar a pessoa antes que ela pudesse dizer uma palavra. Lentamente, elas começaram a se afastar. O crupiê se levantou com sangue escorrendo pelo nariz. Ele começou a recolher as fichas.

O xeique Rashid veio até Scarlett. Seu humor parecia ter mudado de novo. Ele estava sorrindo.

— Você é uma jovem muito esperta! — exclamou, balançado um dedo para ela. — Não vi você aqui antes. Qual é o seu nome?

— Scarlett.

— Diga como fez aquilo. Como sabia onde a bola iria cair?

— Eu não sabia — respondeu Scarlett, cansada. — Foi sorte.

— Você veio aqui para ganhar dinheiro? Para comprar suprimentos?

— Vim.

— Não há necessidade. Venha jantar no meu palácio. Você e seu amigo vão sentar-se ao meu lado como convidados de honra e vamos conversar. Venha, Jaheda! Vamos...

O xeique examinou-a pela última vez, depois girou nos calcanhares e saiu do salão. Scarlett olhou para Richard. Os dois sabiam que ela não recebera um convite, mas uma ordem.

Olharam enquanto o xeique desaparecia pela porta que o trouxera. Sua esposa — Jaheda —

seguiu-o, mas no último instante se virou e olhou Scarlett com uma expressão de ódio intenso.

Então a porta se fechou e os dois foram embora.

VINTE E NOVE

Havia trinta pessoas convidadas para jantar no palácio naquela noite. Como o pessoal do cassino, todas usavam suas melhores roupas e mostravam joias suficientes para encher um baú de tesouro. Muitas fumavam — charutos e cigarros —, sugando fumaça entre os bocados de comida. Sentavam-se em almofadas ao redor de uma mesa baixa, com o xeique Rashid no centro, de modo que nenhum convidado perdesse suas piadas ou suas observações. Scarlett fora posta à direita dele. Richard se preocupou ao ficar separado dela, a alguma distância. E, para piorar as coisas, a esposa do xeique, Jaheda, fora banida de seu lugar de sempre e posta ao lado dele.

O palácio era uma ampla vastidão de mármore branco e acabamentos dourados, onde cada

porta parecia se abrir para uma sala maior do que a anterior. O prédio fora projetado com um único objetivo: provar que o dono era a pessoa mais rica e mais importante de Dubai, cercando-o de colunas, arcos, sacadas ornamentais, janelas com treliças, lustres reluzentes, fontes e tanques com peixes, mas ao mesmo tempo era um lugar estranhamente feio. Fazia Scarlett pensar numa loja de departamentos, cheia de objetos caros que ninguém queria comprar. No caminho para a sala de jantar, vira nada menos do que sete retratos do xeique Rashid. Até mesmo os espelhos elaborados pareciam ser posicionados para sempre refleti-lo.

A sala de jantar dava num pátio com jardim. Poderia não haver água suficiente no país para

servir ao povo, mas certamente não faltava para manter as plantas e árvores florescendo. O ar estava denso com o perfume de flores. Um quarteto clássico, usando ternos escuros e gravatas-borboleta, estava do lado de fora, tocando músicas populares e sucessos de musicais americanos. E dentro, garçons — um monte deles — circulavam com comida empilhada em bandejas de prata. Cada convidado tinha meia dúzia de taças. Vinho tinto, vinho branco, champanhe e destilados eram servidos ininterruptamente. Era quase impossível escutar qualquer coisa. O barulho de pessoas falando em inglês e árabe, o som dos pratos e taças, a música —

tudo se fundia num ruído geral, rompido de vez em quando por um guincho

agudo das gargalhadas do xeique.

Ele estava enfiando montes de comida na boca... mas só depois de tudo ser provado por um

dos três guarda-costas parados atrás dele, pegando cada prato dos garçons e passando-o. Pouca comida era fresca, mas toda era cara. Tinham começado com caviar, montes de caviar. O xeique Rashid tirava as ovas pretas e oleosas da lata com os dedos, rindo com deleite quando o sumo

escorreu pela palma da mão.

— Lambe! Lambe! — Ele estendeu a mão para a mulher sentada do outro lado, e ela fez exatamente isso.

Scarlet ficou enojada. Também sentiu um alívio gigantesco porque ele não pediu que ela fizesse a mesma coisa.

Então veio a tradicional *meze*, uma seleção de pratos árabes, dentre os quais folha de uva recheada, repolho vermelho, falafel, queijo cremoso e panquecas. Scarlett havia perdido o apetite, mas se obrigou a comer. Fazia mais de 12 horas desde sua última refeição, e não sabia quanto tempo iria passar até a próxima. Olhou para Richard, que também estava comendo sem

muito entusiasmo.

Então o xeique Rashid se inclinou para ela. Estivera bebendo muito e já estava

tremendamente embriagado, os olhos se revirando, o sorriso torto. Apesar do ar condicionado, suava álcool. Scarlett podia ver o álcool na pele. Havia ovas pretas de caviar em seus lábios e na barba.

— Então, Srta. Scarlett — perguntou ele. — De onde você vem?

— Eu estava no Cairo — respondeu Scarlett. Parecia a resposta mais fácil e segura.

— Cairo! Ouvi dizer que as coisas andam difíceis por lá. As pessoas estão pulando no pescoço umas das outras. Vou lhe contar o erro que eles cometeram. Não causaram medo suficiente! O

povo de Dubai me ama, mas tem medo de mim. Amanhã você vai ver por quê.

— O que vai acontecer amanhã?

— Há um homem, um australiano, que tentou me roubar. O nome dele é Larry Carter. — O

xeique falou os dois nomes lentamente, com nojo. — E amanhã, ao meio-dia, vou mandar executá-lo na tribuna de honra de Meydan. Vou mandar cozinhá-lo vivo. É uma coisa que nunca

vi, acho que vai ser um tremendo espetáculo.

Um dos guarda-costas deu-lhe uma folha de uva recheada. Ele já havia mordido uma ponta.

O xeique enfiou o resto na boca.

— Você gostaria de ir?

— Não me interesso muito por execuções — respondeu Scarlett.

— Com o tempo, vai se acostumar. — O xeique mastigou e engoliu. Bebeu um pouco de champanhe. — Você é uma garota muito atraente, Scarlett. — Ele se inclinou e segurou um dos

pulsos dela. Scarlett precisou lutar para não demonstrar o horror e o nojo. — Quero que fique comigo.

— Infelizmente, não será possível. — Tudo naquele homem lhe causava repulsa. Era como sentar-se ao lado de uma lesma. — Richard e eu precisamos voltar ao Cairo.

— Acho que você não entendeu. — De repente os olhos dele estavam muito pretos, com a

loucura óbvia demais. — Não quero que você vá embora, você tem alguma coisa que me fascina. Chegou de lugar nenhum, ganhou uma grande fortuna na roleta...

— Não ganhei nada — lembrou Scarlett. — O senhor a tirou.

— Só porque você trapaceou. Parece que, de algum modo, você vislumbrou o futuro. Ficarei

fascinado em saber como fez isso, Scarlett. Estou ansioso para conhecê-la melhor. Quero você do meu lado. — Ele apertou com mais força. A ideia lhe viera de repente. — Quero que seja minha esposa!

— Achei que o senhor era casado.

— Jaheda me entedia.

— Só tenho 15 anos!

— No Iêmen, no Egito, e em muitas partes do golfo, as garotas se casam até com 10 anos!

Scarlett soltou a mão bruscamente.

— É muita gentileza sua — disse, e não havia nada além de desprezo em sua voz. — Mas não estou interessada.

O rosto de Rashid ficou sombrio. Ele a encarou, os olhos pretos se cravando nela. De repente seus lábios estavam muito perto do ouvido dela, de modo que só Scarlett pudesse ouvir.

— Este é o meu reino — disse ele. — Tudo que eu quero, eu pego. Ninguém discute comigo.

Eu me decidi com relação a você, Scarlett, e se você tentar ir embora, mandarei prendê-la e decapitar seu amigo, o homem que veio com você. Entendeu? Você não deveria ter vindo se não

estivesse preparada para ficar. E eu, só eu, direi quando você pode partir.

Ele pegou sua taça e estendeu-a, exigindo que a enchessem. Um garçom veio correndo mas,

na pressa, derramou um pouco de champanhe, que bateu na manga do paletó de

Rashid. Sua reação foi tão instantânea, tão rápida, que Scarlet pensou numa cobra dando o bote de trás de uma pedra. O xeique gritou. Baixou a taça de vinho e quebrou-a na mesa, em seguida girou-a no ar. O garçom gritou quando a borda serrilhada o errou por centímetros.

— Seu burro! — gritou o xeique. — Seu idiota! Está demitido. Saia daqui!

Houve um silêncio súbito na sala, a não ser pelo quarteto que estava na metade da trilha da

Noviça Rebelde. Scarlett ficou imóvel, enraizada. Do outro lado da mesa, Richard já ia se levantar para ajudá-la, mas sentiu uma mão agarrá-lo e prendê-lo no lugar. Era Jaheda.

— Não dê a ele uma desculpa para matar você.

O xeique pareceu perceber o que havia feito. De repente riu e bateu palmas.

— Hora do pudim! — grasnou. — E mais champanhe.

Os convidados sorriram e aplaudiram. A refeição continuou.

Richard olhou Jaheda com mais atenção, imaginando por que ela teria mudado de ideia e decidido ajudá-lo. Os dois mal conversaram durante o jantar, e ele se lembrava de como ela parecera raivosa ao sair do cassino.

— O que ele quer com ela? — perguntou Richard.

— O que você acha que ele quer com ela? — Jaheda estava com raiva de novo. — Se você

gosta dela, por que a trouxe para cá?

O primeiro instinto de Richard foi mentir. Não sabia nada sobre aquela mulher. Não sabia se

poderia confiar nela. Mas ao mesmo tempo, imaginou se ela poderia ajudá-los. Jaheda parecia ter objetivos próprios.

— Viemos aqui para pegar o piloto — disse. — Só queremos isso. Precisamos

dele para nos

levar embora.

— Não é possível. Ele está na prisão. Será executado amanhã.

— A senhora pode falar com ele?

— Com Rashid? — Ela balançou a cabeça e, quando falou de novo não tentou esconder a amargura da voz. — Nem todos os homens deste país são como Rashid. E ele nem sempre foi

assim. Ele era cruel, e sempre foi mimado, mas quando perdeu o controle de seu mundo foi que se transformou nessa... criança!

— Por que a senhora fica com ele?

— Porque eu quero. Porque é o meu dever. Eu sou a esposa dele! — O olhar de Jaheda se

virou rapidamente na direção de Scarlett e, nesse momento, Richard entendeu exatamente o que se passava na mente da mulher. — Não serei substituída por uma criança — disse ela. — Eu sabia que essa garota provocaria encrenca para mim no instante em que a vi no cassino. E olhe

para ele agora. — O xeique estava com o braço em volta de Scarlett, tentando obrigá-la a comer um pedaço de doce turco. — Está fascinado por ela. Isso me deixa nauseada!

— Então nos ajude a ir embora. A senhora sabe onde Larry Carter está preso?

— Claro que sei.

— Então liberte-o. Traga-o para nós. Há um avião no aeroporto, e nós temos um carro aqui

perto.

— Não posso fazer isso. Rashid vai me matar.

Do outro lado da mesa, Rashid jogou o doce turco no ar e pegou com a boca.

Estava fazendo

truques para Scarlett, tentando diverti-la.

— Acho que ele não vai matar a senhora — disse Richard. — Acho que ele se esqueceu da

senhora.

Jaheda assentiu lentamente.

— Veremos...

TRINTA

À meia-noite, Jaheda ainda não tinha vindo.

Richard e Scarlett receberam quartos adjacentes no palácio, e sem dúvida estavam bastante confortáveis. As camas eram enormes, cobertas com lençóis de algodão egípcio e edredons de seda, enterrados sob uma avalanche de travesseiros. Qualquer coisa que pudesse ser feita de ouro era exatamente assim — desde as molduras dos espelhos até as luminárias e as torneiras dos banheiros. Além disso, havia água quente e fria. As banheiras eram profundas e cercadas por óleos e xampus. Era como se hospedar no hotel mais luxuoso do mundo, afora dois pequenos detalhes: as janelas tinham grades e as portas estavam trancadas.

Os dois ainda estavam acordados. Depois de tudo que acontecera no decorrer da noite, o sono seria impossível. Scarlett ainda podia sentir o aperto dos dedos do xeique no pulso. Via os olhos pretos dele e a comida grudada na barba. Lembrava-se do que ele dissera. A única coisa que não fez foi contar a Richard as ameaças que ele havia feito. O xeique mataria Richard para obrigá-la a mudar de ideia. Talvez por isso tivesse permitido que os dois ficassem perto um do outro esta noite, para lembrá-la do que sua recusa custaria. Mas ela já havia decidido que não deixaria isso acontecer. Iria se casar com Rashid se fosse necessário — mas lidaria com ele do seu jeito antes de permitir que o xeique a tocasse de novo.

Já Richard estava com raiva de si mesmo.

Vir ao palácio tinha sido ideia sua. O que estivera pensando? Martins alertara que o xeique era instável. Será que houvera mesmo alguma chance de eles conseguirem convencê-lo a entregar o piloto e deixar que fossem de avião para a Antártica? Richard tinha deixado que os dois entrassem ali sem qualquer plano, e agora ambos eram prisioneiros. Sua posição já era suficientemente ruim, mas pelo que tinha visto à mesa de jantar, a de Scarlett era pior. Ele a conduziu para isso. A culpa era sua.

Parecia fazer tempo demais desde que fora jornalista, trabalhando numa publicação de cidade pequena no norte da Inglaterra. A *Gazeta de Grande Malling*... podia ver com clareza demais a redação precária atrás da rua principal, com móveis baratos e computadores que viviam falhando. Aquele havia sido seu primeiro emprego depois de sair da universidade. Não *The Times*, não o *Telegraph*, nem mesmo o *Yorkshire Post*, e sim o primeiro passo numa carreira que ele desejava desde pequeno. Richard sempre fora fascinado pelas notícias, pelo modo como a vida de pessoas em todo o mundo podia ser mudada e moldada por acontecimentos sobre os

quais elas não tinham controle. Por que uma enchente em Bangladesh significaria alguma coisa para uma dona de casa em Yorkshire? O trabalho do jornalista era fazer a conexão, fazer com que as pessoas se importassem.

Não que ele tivesse coberto esse tipo de matéria em Grande Malling. Praticamente desde o dia em que chegara ficou morrendo de tédio, escrevendo sobre casamentos e enterros, eventos

de caridade, vereadores locais e estudantes inteligentes. Pensou várias vezes em ir embora e só permaneceu porque não existiam outros empregos. Tinha um apartamento em York. Tinha namoradas ocasionais. A vida não era tão ruim, e ele tinha certeza de que, se ficasse por tempo suficiente, algo surgiria.

Esse algo foi um garoto de 14 anos que chegou uma tarde na redação, logo depois do almoço, com uma história tão incrível que Richard desistiu dele cinco minutos depois de terem se encontrado. Matthew Freeman dizia que fora mantido prisioneiro numa fazenda da região, Hive

Hall, que havia descoberto por acaso uma conspiração envolvendo uma usina nuclear fora de uso, um círculo de feiticeiras e Deus sabe mais o quê. Era completamente inacreditável. Richard disse isso, e Matt saiu intempestivamente

da redação.

O que teria feito Richard decidir que daria uma segunda olhada, ir de carro à noite à velha usina nuclear? Agora duvidava de que um dia saberia, mas acabou encontrando Matt de novo e

foi mergulhado imediatamente em outro mundo. E realmente fora assim... como se tivesse mergulhado de um penhasco num mar gelado. Sua vida foi arrancada. Tudo em que acreditava

foi despedaçado. É, existiam feiticeiras, demônios e sacrifícios de sangue. Existiam crianças com poderes especiais e sociedades secretas criadas para protegê-las. Existiam os Antigos. Fora obrigado a aceitar tudo isso e, a partir desse momento, soubera que não teria como fugir.

De Yorkshire a Londres e depois ao Peru, então de volta a Londres e em seguida a Hong Kong — Richard fora carregado, tentando deduzir qual seria seu papel em tudo isso. Os cinco Guardiões tinham sido escolhidos para essa aventura muito antes de nascerem... mas por que ele? Consolava-se pensando que estava ali para ajudar Matt. Certamente os dois tinham se tornado amigos. Mas até mesmo esse papel lhe fora retirado quando se viu no Cairo com Scarlett.

Desde então, vinha tentando dar a ela o mesmo apoio que dera a Matt. Mal saíra de perto depois que Scarlett fora ferida. Tinha conseguido salvá-la de Tarik e a trouxera para Dubai. E

agora fracassava. Era simples. Nunca deveria tê-la trazido para cá.

Entrou no quarto de Scarlett.

— Vamos embora — anunciou.

— O quê? — Scarlett estivera deitada na cama, mas agora se sentou.

— Vamos sair do palácio. Não importa o Larry Carter. — Richard continuou rapidamente, antes que ela pudesse interromper: — Ele provavelmente não iria nos levar aonde queremos ir, de qualquer modo. Podemos voltar para o carro, ir para Oman ou até mesmo ao Yêmen. Se existem aviões aqui, podem existir lá. Não faz diferença. Só sabemos que não podemos ficar aqui.

— Mas e a porta? Está trancada.

Como resposta, Richard se inclinou e pareceu tirar alguma coisa do sapato. Quando se levantou de novo, estava segurando a arma que pertencera ao francês, Rémy.

— De onde veio isso? — perguntou Scarlett.

— Eu trouxe na meia.

Ela ficou olhando, depois se lembrou da entrada no cassino.

— E os detectores de metal? — Os dois passaram por eles.

— É. Eu fiquei preocupado com isso, mas eles nem estavam ligados. Eu soube quando vi um

homem passar carregando um cachorro. O bicho tinha uma coleira de metal e ela não disparou.

Acho que toda a segurança fazia parte do faz de conta. — Ele apertou a arma. — Eu não viria

para cá de mãos vazias. E posso usar isso para sairmos.

— Alguém vai ouvir se você atirar.

— Acho que não. Não há guardas no corredor, pelo que pude ver, e a maioria das pessoas estava tão bêbada quando saiu do jantar que provavelmente caiu no sono. Mas você pode me ajudar. Abra as torneiras da banheira e o chuveiro. Isso vai fazer um pouco de barulho. Quanto ao resto...

Ele pegou um travesseiro na cama e enrolou o cano da arma dentro, depois a encostou contra a fechadura. Enquanto isso, Scarlett havia entrado no banheiro e aberto todas as torneiras. Com tanto metal e mármore em volta, o som da água parecia amplificado. Richard respirou fundo e puxou o gatilho.

Mesmo com o travesseiro agindo como silenciador, a explosão foi enorme e certamente foi ouvida em todo o palácio, se é que não em boa parte de Dubai. Richard baixou o travesseiro —

ficou um buraco chamuscado bem no meio — e experimentou a maçaneta. A porta se abriu para dentro. Ele e Scarlett esperaram, praticamente não ousando respirar, mas não houve qualquer som de alarme ou guardas correndo. Alguém devia ter escutado o tiro, mas era possível que não tivesse ideia de onde o som tinha vindo. Podia ser um convidado bêbado tentando argumentar... talvez até o próprio xeique.

Richard não iria esperar mais.

— Vamos — murmurou.

Ele e Scarlett saíram.

Depois da interrupção súbita, o palácio retornara àquele silêncio estranho e absoluto que só vem à noite. Os corredores estavam vazios, iluminados por lâmpadas em forma de velas, postas a intervalos nas paredes. Não havia muitas, mas a luz era refletida pelo mármore branco e cinza-claro, permitindo que enxergassem até longe. Richard continuava sem ter ideia de quantas pessoas viviam no palácio. Parecia que apenas metade dos convidados do jantar havia saído, o que significava que uns quinze ainda poderiam estar sob o teto do xeique. Havia o próprio xeique, seus três guarda-costas e pelo menos uma dúzia de serviçais. Acrescente-se os guardas, auxiliares, ministros e puxa-sacos, e poderia haver cem pessoas ali... certamente o palácio era suficientemente grande para abrigar todas.

— Para que lado? — perguntou Scarlett.

— Me siga. — A verdade era que Richard tinha pouca ideia de para onde estavam indo.

Tivera o cuidado de prestar atenção no caminho desde a sala de jantar, passando por um labirinto de corredores e passagens, subindo dois lances de escada... mas mesmo que pudesse voltar ao corredor principal, tinha pouca dúvida de que ele estaria trancado e vigiado. Ainda tinha a arma, mas isso não ajudaria se fossem cercados. Sabia apenas que tinha pouco tempo para descobrir uma saída. Alguém devia ter escutado o tiro. Poderiam estar investigando agora mesmo.

Chegaram ao fim do corredor, passaram por um arco vigiado por dois leões de ônix, um de

cada lado, retorcidos sobre si mesmos, e finalmente chegaram à escadaria principal, um redemoinho de corrimões dourados e tapete vermelho que iria levá-los ao saguão de entrada e à porta da rua. Desceram rapidamente, mas quando chegaram ao corredor, Scarlett segurou

Richard e puxou-o de volta. Apontou. Uma câmera de circuito interno estava montada sobre uma trave alta e, diferentemente do detector de metais, estava funcionando, com uma luz vermelha piscando na penumbra. Estavam fora do alcance dela, mas bastaria mais um passo e seriam vistos.

— E agora? — sussurrou Scarlett.

— Uma entrada de serviço. Deve existir alguma...

Encontraram o caminho de volta à sala de jantar e passaram pela porta de vaivém que levava

à cozinha. Felizmente, não existiam mais câmeras, e se havia algum guarda patrulhando, não os encontraram. Juntos, passaram rapidamente pelas bancadas de aço inoxidável, geladeiras e fogões. Era ali que toda a comida era preparada. Ela precisava chegar por algum local.

A entrada ficava do outro lado: era uma porta dupla no fim de um corredor curto. Sem saber

exatamente por quê, Richard teve certeza de que haviam encontrado a área de entregas. Correu para lá, só percebendo tarde demais que cometera um erro: existia um segundo corredor que ele não tinha notado, com um homem parado na sombra. Um guarda se adiantou, com o fuzil já

carregado e a postos. Ele olhou Richard e Scarlett incrédulo, depois falou com eles em árabe.

Richard não se mexeu. Ainda estava segurando a arma e imaginou se poderia levantá-la e disparar a tempo. O guarda estava apontando o fuzil diretamente para ele, a menos de cinco metros de distância. Certamente derrubaria Richard com um tiro antes de ser atingido — mas pelo menos isso poderia dar a Scarlett a chance de ir embora. A porta de saída estava tão perto!

Richard xingou-se por não ser mais cuidadoso.

Houve um tilintar de vidro. Os olhos do guarda ficaram brancos e ele se dobrou ao meio.

Richard demorou um tempo para ver que algo acertara a nuca do sujeito. Então Jaheda apareceu atrás dele, segurando o gargalo quebrado de uma garrafa de champanhe.

Os dois se entreolharam.

— Você... — disse ela.

— Jaheda.

— Eu ia ao seu quarto. Ia encontrar vocês. — Seria verdade? O rosto da mulher, ainda meio

escondido pela echarpe de seda preta, não revelava nada.

Ela não estava sozinha.

Havia um homem atrás, vestindo os trapos do que já fora uma calça azul e uma camisa branca. Estava descalço. Richard soube imediatamente que estava olhando o piloto, Larry Carter.

Ele fora muito espancado. Richard viu as marcas de chicote onde o sangue secara na camisa, e um lado do rosto estava inchado. Ele tinha cabelo cor de areia, embolado e sujo. Parecia não comer direito havia algum tempo.

— Quem diabos são vocês? — perguntou ele.

— Sou Richard Cole. Esta é Scarlett.

— O que estão fazendo aqui? — Ele não parecia satisfeito em vê-los. Na verdade, estava carrancudo e hostil.

— Na realidade, viemos tirá-lo daqui.

— É mesmo? E por que fariam isso?

— Não há tempo para conversa — interrompeu Jaheda. — Vocês podem falar quando

tiverem saído daqui. Estou com o homem que vocês queriam. Mantive o meu lado da troca e o

tirei da cela, mas agora vocês precisam ir. Quero vocês longe.

Ela foi rapidamente à porta que Richard tinha visto anteriormente. Carter saíra da cela, mas suas mãos continuavam amarradas atrás do corpo e ele cambaleou ao andar, com os braços e os

ombros fazendo força contra as cordas. Richard e Scarlett foram atrás.

A porta dava numa área de serviço com uma empilhadeira encostada numa parede e pilhas de caixotes vazios a toda volta. Richard tinha esperado ver a rua do outro lado, mas ainda estavam dentro do complexo do palácio, num estacionamento murado com uns cinquenta carros

muito bem posicionados em duas filas compridas. Mesmo num simples olhar, ficou claro que muitos nunca tinham sido usados. Estavam extremamente bem polidos, os pneus livres de qualquer poeira ou sujeira. Alguns eram novos em folha, outros eram antiguidades — dos anos

1920 e 1930. Juntos valeriam centenas de milhares de dólares.

— O xeique gosta de carros — disse Jaheda.

— Mesmo não tendo aonde ir — murmurou Richard.

A mulher se virou para ele.

— Ele coleciona os carros. Não precisa andar neles. Você não entenderia.

Ela levou-os a uma porta com tranca. Certamente deveria levar à rua! A porta estava trancada, e desta vez havia um teclado eletrônico, exigindo um código numérico.

— O número é 5455 — disse Jaheda. — Mas abrir a porta a esta hora da noite vai lançar um

alerta por todo o palácio, e eu não posso fazer nada com relação a isso. Assim que chegarem ao lado de fora, vocês estarão na rua Baniyas. Vocês têm um

carro?

— Temos.

— Eles vão demorar alguns minutos para ir atrás de vocês. Vão o mais rápido que puderem.

Se Rashid pegá-los, sem dúvida vai matá-los lentamente.

— Obrigado — disse Richard.

— Não agradeça — reagiu Jaheda com rispidez. Mas em seguida se virou e olhou Scarlett, e

só por um instante houve uma suavidade em seu olhar. Talvez estivesse se lembrando de como

era quando tinha aquela idade. — Só fiz isso por mim mesma.

Ela se virou e foi embora, correndo de volta pelo mesmo caminho. Richard, Scarlett e Larry Carter ficaram parados junto à porta.

— Não creio que algum de vocês tenha uma faca, não é? — perguntou o piloto.

Richard balançou a cabeça.

— Vamos cortar suas cordas mais tarde.

— E o que acontece agora?

— Vamos para o aeroporto.

— O avião ainda está lá?

— Isso mesmo. Você vai nos levar embora daqui.

— Ah, é? E aonde vocês acham que vão?

— À Antártica.

— Você está brincando!

Richard nunca sentira uma aversão por alguém tão imediatamente. Ele e Scarlett estavam salvando a vida do sujeito. O xeique iria executá-lo. Mas ele não estava nem um pouco agradecido. Na verdade, só parecia querer discutir.

— Não vamos discutir isso agora — disse Richard.

Digitou os quatro números que Jaheda lhe informou.

A porta se abriu, e no mesmo instante explodiram campainhas de alarmes por todo o palácio.

Richard, Scarlett e Carter saíram correndo no calor sufocante da noite. Demoraram um momento para se orientar. Havia o canal seco à frente, o cassino à direita...

— Onde está o carro? — gritou o piloto.

— Por aqui!

Richard guiou-os pela rua Baniyas. Não havia luzes em nenhum lugar da cidade, mas eles estavam com sorte. A lua estava cheia e o céu pontilhado de estrelas. Richard tinha deixado o Land Cruiser a cerca de cem metros de distância e eles correram para lá, os passos ecoando no pavimento, o piloto xingando porque precisava lutar para se equilibrar com os braços atrás do corpo. No palácio, luzes já começavam a se acender. Alguém gritou. Seria possível que tivessem sido vistos? Richard já estava desejando que tivesse deixado o carro mais perto. Tateou o bolso da calça, procurando a chave. Não estava ali! Só por um momento seu sangue congelou —

então se lembrou de que achara melhor não andar com ela, e tinha deixado no porta-luvas.

Chegaram ao carro. Richard abriu a porta e entrou. Scarlett ajudou Larry Carter a entrar no

banco de trás, desperdiçando segundos preciosos enquanto ele se contorcia e xingava em voz alta, batendo a cabeça na parte de cima da porta. Então ela subiu ao lado de Richard.

Richard encontrou a chave, enfiou-a na ignição e girou-a. O carro deu partida

imediatamente.

Saíram dirigindo. Pela primeira vez naquela noite, Scarlett achou que poderia relaxar. Tinham conseguido! O aeroporto ficava a menos de vinte minutos.

— Tem uma coisa que acho que eu deveria contar a vocês. — A voz era de Larry Carter e estava absolutamente fria, vinda do banco de trás. — Não sei o que vocês estão aprontando, seus palhaços, mas de jeito nenhum vou para a Antártica. Não sei por que vocês querem ir para lá. Não seria minha escolha para férias. Mas, só para que não haja equívocos, estou dizendo agora: está fora de questão.

Richard olhou pelo retrovisor.

— E se eu largar você aí na rua? — murmurou.

— Então vocês não vão a lugar nenhum. Zack precisa de mim para pilotar aquele avião. Ou

ele não contou a vocês?

Zack era Martins, o copiloto. E Richard soube que Carter estava dizendo a verdade.

Scarlett se virou. O piloto estava esparramado desconfortavelmente, sentado nas mãos e nos

braços. Mas havia um fino sorriso desagradável em seu rosto. No fim das contas, ele tinha os trunfos... e sabia disso.

— Nós precisamos ir para a Antártica — disse ela.

— Por quê?

— Não posso explicar. E você não acreditaria se eu dissesse.

— Bom, me deixe explicar uma coisa. Não há nada lá, a não ser o vento gelado e talvez alguns pinguins. Não há onde reabastecer. Se eu pousar no gelo, posso não decolar de novo.

Não quero morrer lá.

— Você não vai morrer. Há pessoas esperando por nós.

— Verdade? — Carter não parecia convencido. — Bom, elas terão de esperar mais um pouquinho. Eu vou voltar à Austrália. Talvez vocês consigam outra carona lá.

Scarlett abriu a boca para discutir com ele, mas nesse momento houve um leve clarão de luz

na janela de trás e ela viu três carros se aproximando pela rua, bem longe.

— Richard...!

— Já vi. — Richard olhou de novo pelo retrovisor. Os carros estavam a alguma distância, mas

já se aproximavam. Pensou nos veículos que tinha visto na área murada. Eles continham alguns dos motores mais poderosos já desenvolvidos. Sem dúvida, quem estava seguindo-os iria alcançá-los muito antes de chegarem perto do aeroporto.

O piloto também tinha visto. Estava inclinado à frente, com as luzes do painel refletindo-se

verdes em seu rosto. Parecia apavorado.

— Cadê a sua arma? — perguntou. Com um grito de desespero, fez força contra as cordas,

tentando se soltar.

— A arma não vai nos ajudar — respondeu Richard. Em seguida, se virou para Scarlett, e houve um momento de compreensão entre os dois. — Você consegue?

Scarlett pensou brevemente, depois assentiu. Olhou para trás uma última vez. Os carros em

perseguição já haviam diminuído a distância à metade. Ela precisava fazer isso

depressa. Fechou os olhos. Quinze segundos se passaram. Eles continuavam acelerando pelas ruas vazias. Richard apertava o volante, concentrando-se à frente.

— O que você está fazendo? — gritou o piloto. Estava olhando para Scarlett. — Acha que cair no sono vai ajudar?

— Escute, Sr. Carter — disse Richard com os dentes trincados. — Nós vamos chegar ao aeroporto e você vai decolar com a gente. E vai nos levar à Antártica porque essa garota é muito especial, e se ela diz que tem de ir para lá, é isso que vai acontecer.

— Especial...?

— Se não acredita, olhe para trás.

Larry Carter hesitou, depois girou no banco e olhou pela janela traseira. Ficou olhando. Então se virou para a frente de novo. Depois olhou para trás. Seu queixo caiu. Ele parecia mais apavorado do que nunca.

— Ela fez isso...? — sussurrou.

— Isso mesmo — respondeu Richard. — Ela fez isso.

O caminho à frente estava livre. Eles seguiam pela cidade vazia, pela rua de um branco pálido, refletindo a lua. Os arranha-céus surgiam em silhueta como gigantescos recortes de papel a toda volta. Mas atrás deles a chuva caía torrencialmente, tão forte que tudo ficou escondido. A estrada havia se tornado um rio preto. Os carros que os perseguiam sumiram. Quase certamente precisariam parar. Nada conseguiria passar por aquela tempestade.

O piloto olhou à frente de novo. Tudo seco. Mas, enquanto avançavam, a chuva os acompanhava, separando-os, protegendo-os.

Impossível.

— Ela fez isso? — perguntou de novo.

Scarlett ainda estava profundamente concentrada. Richard assentiu.

— Sabe, se eu fosse você, pensaria muito antes de chateá-la.

Dez minutos depois, chegaram ao aeroporto. Pararam no mesmo lugar e Richard pegou sua

mochila, usando a faca inca para soltar o piloto. Juntos, correram pelo salão de embarque, pela segurança, saindo de novo no asfalto e dando a volta até o avião. Martins, o copiloto, estava sentado numa cadeira de praia no asfalto, fumando e bebendo uísque, mas se levantou rapidamente ao vê-los.

— Larry? Não acredito que eles acharam você... que tiraram você. — Ele viu a expressão do

outro. — O que está acontecendo?

— Só entre na cabine, Zack. Atrás dos controles. Vamos sair daqui agora mesmo.

Subiram a escada para o avião. O copiloto fechou a porta e lacrou-a. Larry já estava indo para a cabine superior. Richard e Scarlett foram atrás, escolhendo duas poltronas na classe executiva, onde tinham uma visão dos controles. Enquanto Martins sentava-se e prendia o cinto, viram Larry iniciar os procedimentos de partida, levantando a capa do interruptor da bateria, ligando a energia de reserva, o controle eletrônico do motor, as luzes de navegação. Finalmente, ligou o

SRI — Sistema de Referência Inercial — que mandaria todas as informações necessárias ao computador de voo.

— Isso vai demorar dez minutos — gritou para Richard.

— Não pode ser mais rápido?

— Não. E não podemos fazer no ar.

Scarlett olhou pela janela. Não podia ver nada no escuro e era possível que os homens de Rashid estivessem se aproximando por trás. Enquanto isso, Martins e Carter apertavam mais interruptores. As telas de computador se acenderam, mostrando números e diagramas que só faziam sentido para os dois. Os motores foram acionados. Scarlett podia sentir a energia deles, vibrando no ar. Mas

continuavam sem se mexer. Os segundos passavam numa lentidão agonizante. Richard estava de pé com as mãos na poltrona do piloto, inclinado para a frente.

Tudo parecia demorar uma eternidade. Ela queria gritar.

E então, finalmente, Carter abriu o painel do acelerador, ajustou os *flaps*, liberou o freio, e eles aceleraram. Scarlett nunca vira tanta atividade num local tão confinado. Os dois homens tinham voado juntos o suficiente para cada um saber exatamente o que precisava fazer e a que hora. O avião gigantesco tinha começado a se mover, deixando a escada se inclinando para o vazio. Richard soube que eles deviam estar usando toda a habilidade para guiar o Airbus sem um rebocador de terra, sem funcionários do aeroporto mostrando o caminho. Ninguém falava.

Todos olhavam pelas janelas, os olhos fixos nas luzes de navegação.

Lentamente, o avião girou.

Taxiaram até a pista e, apesar de todos quererem estar no ar imediatamente, precisaram parar de novo. Checagem final. Não havia luzes para ajudar na decolagem. Se não fosse a lua, Richard sabia que seria impossível.

Carter se virou para o copiloto.

— Pronto?

Martins assentiu.

Não precisavam esperar o controle de tráfego aéreo. Não precisavam prestar atenção a outros aviões. Na escuridão da cabine, os dois estenderam as mãos e fizeram os últimos ajustes.

— Certo. Vamos.

Scarlett ouviu o som dos motores ficar mais agudo. Começaram a avançar, ganhando velocidade. Ela estava com o banco mais perto da janela e subitamente viu carros disparando pelo asfalto para interceptá-los. Havia um Land Rover, um Jaguar e uma Ferrari, um trio bizarro.

Deviam ter entrado no aeroporto pelo outro lado porque estavam à frente deles,

na outra extremidade da pista.

— Richard! — Scarlett apontou.

Richard se inclinou para ela.

— Tudo bem. Eles não vão conseguir. — Mas não parecia convencido.

O avião estava disparando, cada vez mais rápido. As linhas da pista já haviam se tornado um

borrão. Eles podiam ver os carros bem à frente. Os motoristas iam cometer suicídio. Se houvesse uma colisão, eles morreriam instantaneamente, mas o Airbus também iria se acidentar. Seria esse o objetivo, derrubá-los não importando o custo?

Chegaram à velocidade de decolagem.

— Vamos lá! — gritou Carter.

Puxou os controles, olhando o mostrador primário de voo para verificar se as linhas cor-derosa estavam centradas e se a taxa de subida era segura. Martins ia estendia a mão para o

interruptor que levantava o trem de pouso. Os carros estavam bem à frente. Richard viu os motoristas se agachando, de rosto branco. Deviam estar ensurdecidos pelo barulho dos motores.

O avião ia se chocar! Não estava suficientemente alto.

O Airbus subiu. Estavam livres. Deviam ter passado a centímetros, mas finalmente iam embora.

Richard e Scarlett viram o chão sumir. Não podiam acreditar que tinham conseguido. Scarlett

estava exausta. Ao seu lado, Richard soltou um enorme suspiro de alívio.

Na cabine, Martins não disse nada até chegarem a 6.000 metros. Então se virou para o piloto.

— Quer que eu estabeleça o curso para Alice Springs? — perguntou.

Houve um longo silêncio. Depois...

— Não vamos para Alice Springs.

— Não?

— Não.

— Então vamos para onde?

Outra pausa.

— Para a Antártica.

Martins franziu o rosto, perplexo.

— Sério, Larry? Por quê?

O piloto demorou um tempo para responder. Por fim, disse:

— Não sei, meu chapa. Só parece uma boa ideia.

O Airbus da companhia aérea Emirates chegou a 9.000 metros sobre o deserto. Então mudou de curso e começou a longa jornada para o sul.

LEGACY 600

TRINTA E UM

Logo encontraram outro mercado de escravos. Parecia que todo povoado e toda cidade no Brasil tinha um, que não existia outra maneira de as pessoas viverem. Homens vendiam as esposas e mulheres vendiam os filhos... quanto mais jovens e em forma estivessem, mais alto o preço. Os mais desesperados simplesmente vendiam a si mesmos. Enquanto Matt e Lohan viajavam para o

sul, passaram por vários grupos de pessoas acorrentadas em filas, como algo saído de um velho filme americano, figuras empoeiradas arrastando os pés, com as mãos atadas e correntes ligando-os de um tornozelo ao outro.

Parecia que haviam se passado meses desde que os dois tinham se visto na cidade submersa

e meio apodrecida de Belém e aceitado o fato de que o mundo mudara completamente nos poucos segundos que levaram para viajar de Hong Kong até ali. Catástrofe ambiental, desmoronamento político, a influência sombria dos Antigos... Tinham consciência de todas essas coisas, mas elas não importavam quando os dois se viam diante da questão prática de como chegar ao dia seguinte. Não tinham dinheiro, comida nem transporte. Só quando chegaram por

acaso ao Mercado Ver-o-Peso — o velho mercado de ferro perto do porto — e descobriram para

que ele estava sendo usado agora, viram o que precisavam fazer. Matt não questionou. No fim, fora vendido três vezes e, ainda que o processo fosse humilhante e às vezes doloroso, trouxera o dinheiro que necessitavam para sobreviver.

A terceira venda fora a pior. Ela os levara a Fernandinho. O chefão das drogas provavelmente estava procurando-os agora mesmo, e muitos comerciantes do país teriam sido avisados sobre um homem chinês com um garoto americano e o truque que estavam fazendo, mas precisavam

tentar de novo. Desde o momento em que Matt acordara no jipe roubado, tinha assumido o comando. Não iam mais para Salvador, e Matt não tinha interesse em tentar chegar aos Estados Unidos. Retornara ao mundo de sonho e tinha um novo destino.

— Antártica! — Sentado à luz cinzenta da selva, com cãibras e cheio de picadas de mosquito

depois de uma noite de sono ruim, Lohan não acreditou no que tinha ouvido.

— Os Antigos estão lá — disse Matt. — Num lugar chamado Limbo. Estão esperando a nossa

chegada.

— Se eles estão esperando, é o último lugar aonde vocês deveriam ir.

— Não. Eles estão com o Scott. É por isso que eles sabem que nós vamos. Os exércitos deles

já estão lá. — Matt olhou à distância, para o sol que lutava para abrir caminho entre as nuvens

cinza. — Não somos os únicos, Lohan. Por todo o mundo, pessoas estão indo para o sul. Ainda há alguns aviões voando. Eles têm navios...

— Como eles sabem sobre o Limbo?

— Não sei. Talvez tenham ouvido falar... como um boato, espalhando-se de país em país.

Talvez tenham sonhado com isso. Mas a coisa já começou. E eu preciso estar lá para ajudá-los...

Isso havia sido três dias atrás. Desde então o jipe tinha ficado sem combustível e Matt e Lohan foram obrigados a continuar a pé. Nem ao menos passaram por outro veículo que pudessem roubar. Matt sabia que Lohan mataria qualquer um que entrasse no seu caminho, simplesmente pegando o que necessitasse sem ao menos pensar. Os dois eram parceiros improváveis e, apesar de nunca ter dito, Matt se pegou sentindo uma tremenda falta de Richard Cole. Lohan podia ser mais bem equipado para a sobrevivência, mas seu jeito implacável o tornava frio e indigno de confiança. Quando Matt fora aprisionado no centro de produção de drogas, parte dele até se perguntou se Lohan iria cumprir o acordo e resgatá-lo. Ele não se espantaria se o líder da Tríade o abandonasse e fosse embora com o dinheiro.

Na verdade, Lohan tinha pensado em fazer exatamente isso.

Lohan tinha 24 anos e durante boa parte da vida estivera envolvido no crime organizado.

Tinha transportado e vendido drogas. Tinha vendido armas — para outros criminosos e terroristas. Tinha se envolvido com jogo, chantagem e vícios. No decorrer da carreira matou onze homens, finalmente ascendendo até se tornar Senhor do Incenso com nível 438 na Sociedade do

Lótus Branco em Hong Kong.

Não sentia vergonha de nada que tinha feito. Afinal de contas, nunca se candidatara ao serviço. Tinha nascido nele. Seu pai fora o Senhor da Montanha, o líder inquestionável da Tríade, e Lohan fora criado para ocupar o lugar dele. Parte da lição era obedecer a cada instrução, não ter escrúpulos, ser leal somente à Tríade e a si mesmo.

Foi um choque quando se pegou servindo de babá para uma garota inglesa de 15 anos.

Claro, ele sempre soubera sobre Scarlett Adams. Ela fora tirada do orfanato Pancoran Kasih em Jacarta quando era bebê e enviada secretamente à Inglaterra. Por algum motivo, a Sociedade do Lótus Branco havia jurado protegê-la e vinha a vigiando desde então. Uma vez Lohan perguntou ao seu pai por que deveriam desperdiçar tempo e recursos com uma garota a milhares de quilômetros de distância. Foi uma das poucas vezes que o Senhor da Montanha voltou a raiva contra o filho.

— Não faça perguntas. Jamais questione minhas ordens. A vida desta garota importa mais para mim do que a sua. Ela é mais importante do que qualquer um de nós.

E então os Antigos chegaram a Hong Kong e Lohan entendeu. A princípio, era impossível acreditar. Era como se a cidade tivesse sido invadida por alienígenas, criaturas do espaço exterior.

Matavam todos que ficassem no caminho — a princípio centenas, depois milhares de pessoas —

e ninguém notava! Os corpos se empilhavam no porto e ninguém se importava. Os Antigos se infiltraram no governo. Controlavam a polícia. Transformaram toda a cidade numa armadilha gigantesca — simplesmente para que Scarlett Adams caísse nas mãos deles.

Lohan conseguira pegar Scarlett, apesar de ela estar cercada por inimigos, e tentara tirá-la da cidade num navio de cruzeiro. O plano só havia fracassado no último instante, quando eles foram traídos — um dos poucos fracassos que ele conhecera na vida. Os dois só se encontraram de novo no templo Tai Shan nos últimos instantes enquanto Hong Kong era destruída.

E agora isso.

Apesar de tudo, Lohan lamentou ao se ver separado de Scarlett. Tinha passado a gostar dela.

Afinal de contas, ela era uma colegial inglesa, criada no conforto de um calmo subúrbio londrino.

Não sabia nada da vida real. Nunca estivera em perigo. No entanto, conseguiu se adaptar tremendamente rápido. Não houve histeria nem lágrimas. No fim das contas, salvou todos eles, usando poderes que nem sabia que tinha.

De uma adolescente de 15 anos a um adolescente de 15 anos. Para Lohan, parecia que Matt

era muito diferente de Scarlett. Havia nele algo distanciado, uma força interior e uma certeza que o tornavam difícil de entender. Quando os dois se viram juntos em Belém, com a água batendo nos prédios e cadáveres apodrecidos flutuando na sarjeta, ele nem pareceu surpreso. E

ainda que Lohan fosse bem mais velho, com toda a experiência de vida na Tríade, foi Matt quem assumiu o comando.

Ainda era Matt que tomava as decisões. Eles iriam para o Limbo. Não importava que fosse quase impossível chegar lá e que, de qualquer modo, fosse o pior lugar do planeta, mais perigoso ainda do que o Brasil. Ele não se importava que o gelo e o frio iriam matá-los mesmo se os Antigos não fizessem isso. Era o destino deles.

Além disso, Lohan sabia que Matt mudara desde o negócio com Fernandinho. Talvez fosse algo que ele tivesse visto ou ouvido no mundo de sonho. Definitivamente existia algo que ele não estava contando.

Cansados e com os pés doloridos, tinham chegado a um povoado pobre, caiado de branco,

onde um mercado de escravos estava para começar as funções, e era ali que estavam agora, olhando de um canto. Pelo que Lohan podia ver, era ideal. Havia apenas algumas crianças à venda, além de alguns animais e um homem de um braço só, que provavelmente não renderia

nem cinco dólares. Mas o simples fato de ser um lugar calmo e fora das rotas

principais favorecia os dois. Se Fernandinho estivesse procurando-os, não seria provável que os encontrasse ali.

Matt estava encostado numa parede, parecendo fraco e exausto depois da longa caminhada.

Ocorreu a Lohan que o valor dele provavelmente diminuía a cada dia que passava, apesar de o fato de ele ser americano ainda favorecesse o preço. Os escravos americanos eram muito valorizados.

— Acho que deveríamos ir a algum lugar maior — disse.

— Por quê? Aqui é perfeito!

— Vamos conseguir preço melhor numa cidade.

— Posso vender você aqui por cem dólares. Depois resgato você e vendo de novo por duzentos quando chegarmos a uma cidade. É melhor pegarmos todo o dinheiro que pudermos.

— Não, Lohan. — Matt balançou a cabeça. — Só estamos perdendo tempo aqui. Vamos continuar.

Lohan ficou atônito por ter recebido uma ordem daquele jeito. Apenas seis meses antes, jamais sonharia com uma coisa assim. Mas algo na voz de Matt dizia que não adiantava discutir.

Eles deram as costas para o mercado de escravos e partiram de novo.

Levaram três horas para chegar numa cidade com muito mais movimento, um local chamado

Jangada, que ficava num cruzamento movimentado, com casas e lojas empilhadas umas sobre as

outras como um acidente de trânsito. Havia um estádio de futebol com holofotes quebrados e grama mofada, e quando Lohan e Matt chegaram viram outro mercado de escravos a ponto de

iniciar os serviços. De novo Lohan suspeitou. Poderia ter sido apenas

coincidência? Ou será que Matt de algum modo sabia que o mercado estava acontecendo?

Fora construída uma grande plataforma no estádio, com vinte homens e uma dúzia de garotos de 8 a 18 anos amontoados e compartilhando o sofrimento. Mulheres não estavam à

venda. Jipes e caminhões estavam parados num canto do que um dia fora a lateral do campo e havia grupos de homens — os compradores — já examinando a mercadoria. Todo o lugar fedia

a esterco animal e tinha moscas em toda parte. Ocorreu a Lohan que até mesmo a escravidão poderia ser preferível a viver naquele local pobre e esquecido.

Matt e Lohan estavam fora das vistas, numa das entradas, com as arquibancadas vazias subindo acima. Lohan trouxera uma corda do jipe abandonado. Começou a fazer um nó.

— Pode não ser tão fácil me achar desta vez — disse Matt. — Mas não desista.

— Por que deve ser mais difícil do que das últimas três vezes?

Matt não respondeu. Lohan passou a corda por cima da sua cabeça e apertou em volta do pescoço. Matt se encolheu. Sabia o que viria em seguida e, mesmo não gostando, sabia que tinha de ser feito.

— Certo — disse. — Estou pronto.

Lohan deu-lhe um tapa no rosto. Matt se sacudiu para trás, sem fazer nenhum som. Os dois

tinham noção do que estavam fazendo. Matt precisava parecer dominado, o serviçal junto com o dono. Baixou a cabeça. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e dor e havia um hematoma novo

na bochecha. Agora estava igual aos outros garotos.

Lohan levou-o ao comerciante, um homem pequeno de aparência má, vestindo uma camisa

de futebol com o nome FLAMENGO impresso em vermelho às costas. Era careca e carregava um

chicote enrolado ao lado do corpo. Quando os viu se aproximando, seus olhos se encheram de

suspeitas, e Lohan se perguntou se ele teria ouvido falar neles e saberia do truque que iam fazer.

— Você está vendendo ele? — perguntou o comerciante em português.

— Isso mesmo. — Lohan falava a língua com fluência. Tinha aprendido na escola em Macau.

— Onde você o arranjou? Está na cara que ele não é seu filho. Ele é americano?

— Eu o comprei — cuspiu Lohan. — Agora não tenho mais serventia para ele. Por isso estou

vendendo. Você tem algum problema com isso?

Matt sabia que Lohan estava sendo agressivo de propósito. Não queria tecer histórias longas

nem fazer o comerciante pensar que ele tinha algo a esconder. Houve um longo silêncio, e Matt não ousou levantar os olhos. Se fizesse isso, Lohan teria de bater nele outra vez. Mas então sentiu as mãos do comerciante levantando sua camisa para examinar o tronco e o peito, sentindo os músculos dos braços, e soube que fora aceito para a venda. O comerciante abriu a boca de Matt e olhou dentro, procurando evidência de podridão nos dentes ou doença. Por fim, passou a mão por seus cabelos, como se ele fosse um cachorro.

— Certo — disse. — O garoto está em boa forma. Pode se juntar aos outros. Mas aviso que

hoje os preços estão baixos. Todos estão sendo vendidos num lote.

— Quem é o comprador?

— Está ali...

Lohan olhou para a plataforma, e seu coração se encolheu. Havia um grupo deles parado na

frente dela, vestidos de cáqui com armas penduradas nos ombros. Não eram fazendeiros procurando mão de obra barata nem homens ricos que gostavam de ter meninos bonitos para limpar suas casas. Eram soldados e tinham feito isso antes, muitas vezes. Dava para ver pelo modo como estavam parados, atuando como uma unidade, relaxados uns com os outros, não se

interessando pelo ambiente ao redor. Eram homens sem sentimentos, e Lohan sabia que esses eram os mais perigosos de todos.

Olhou brevemente para Matt, imaginando se deveria dar uma desculpa e saírem antes que fosse tarde demais. Matt também tinha visto os soldados. Balançou a cabeça ligeiramente. A

mensagem era clara. Queria continuar.

Lohan entregou a corda e o comerciante levou Matt para a plataforma, onde ele ficou com

os outros garotos. Os soldados mal o olharam. Estavam comprando todo mundo que estava ali,

não importava se fosse gordo, magro, forte ou fraco. Era uma compra em lote. O comerciante

negociou brevemente com um dos soldados — um barbudo de nariz quebrado e bochechas fundas. Um acordo foi feito. Os dois apertaram as mãos. O soldado enfiou a mão no bolso e tirou um maço de notas, que começou a contar.

O comerciante pegou o dinheiro e foi até Lohan. Entregou cinco notas amassadas de dez dólares.

— Cinquenta dólares? — disse Lohan com desprezo. — Você não está falando sério. Ele vale

cinco vezes mais.

— Eu avisei que hoje o preço estava baixo. Se não estiver satisfeito, pode ir

embora.

— Certo. — Lohan tomou a decisão. Devolveu o dinheiro. — Pode esquecer. Vou levar o garoto.

Já era tarde demais.

A atenção de Lohan estivera no comerciante, em Matt e no dinheiro. Não tinha notado o outro homem que chegara de mansinho por trás, e só percebeu quando algo acertou suas costas. Tombou para a frente, de joelhos, já estendendo a mão para a arma escondida na cintura, mas o atacante foi rápido demais. Antes que ele pudesse pegá-la, foi golpeado pela segunda vez, agora por uma bota de couro na lateral da cabeça. Se Lohan não tivesse agido instintivamente e movido a cabeça junto com o golpe, teria o crânio fraturado. Mas foi lançado pelo chão e só pôde ficar imóvel, tonto e furioso, enquanto a arma e tudo que possuía eram retirados.

— *Olhe para mim, seu porco...* — A voz era feia, cheia de desprezo.

Com a lateral da cabeça pegando fogo e sangue na boca, Lohan rolou e olhou para cima. O

comerciante estava parado junto dele com um segundo homem. Foi então que Lohan percebeu

o tamanho da encrenca. Baixo, com olhos escuros e bigode... Reconheceu-o imediatamente. Era

o *mulato* — metade africano, metade brasileiro — que comprara Matt da última vez.

— É ele? — perguntou o comerciante.

— É — respondeu o outro homem. Lohan viu-o recuar o pé e tentou rolar para longe do caminho enquanto ele chutava pela segunda vez. O pé o acertou no ombro, provocando uma dor lancinante pelo braço.

Matt olhava da plataforma, impotente. Havia muitos soldados ali, armas demais. Ele estava amarrado. Não podia fazer nada. Um pequeno agrupamento de pessoas surgiu ao redor de Lohan. Não existia muita diversão num lugar como

Jangada e um homem sendo espancado era a

coisa mais próxima de entretenimento que tinham. O *mulato* estava com a arma de Lohan. Não poderia haver dúvida de que iria usá-la para matá-lo.

O soldado barbudo e de nariz quebrado avançou.

— Que negócio é esse? — perguntou ele.

— Esse homem é ladrão — explicou o *mulato*. — Ele e o garoto americano têm um acordo.

Ele vende o garoto, depois pega de volta. Fernandinho me mandou para achá-los. Ele quer os dois mortos.

— Você não pode matar o garoto — disse o soldado. — Agora ele me pertence... e para onde ele vai, é a morte em vida, de qualquer modo. Vai dar no mesmo. Pode dizer ao

Fernandinho. Quanto a esse aí... — Ele olhou para Lohan, que estava caído, os olhos carrancudos, furioso consigo mesmo por ter deixado aquilo acontecer. De repente um pensamento lhe veio. — Posso levar esse também se você quiser.

— Quer dizer que vai pagar por ele... — disse o *mulato*.

— Levo em troca de nada. Você pegou o dinheiro dele. Quanto tinha?

O *mulato* estava com um maço de notas tirado do bolso de Lohan. Contou-as rapidamente.

— Seiscentos.

— É o suficiente. — O soldado riu sem humor. — Pode pagar ao Fernandinho o que é devido

a ele e dividir o resto entre vocês. Parece que o chinês tem um bocado de condição de trabalhar, por isso posso cuidar dele. Vou ganhar um par de mãos extra em troca de nada. Acho que foi bom para todo mundo.

Houve uma pequena pausa, mas o que o soldado dissera fazia sentido, e de

qualquer modo,

ele estava com seus homens ali perto. No caso de uma discussão ou mesmo uma briga, o comerciante levaria a pior. Ele sabia disso. Olhou para o *mulato*, que devia ter pensado a mesma coisa. Ele assentiu. O acordo fora feito.

Depois disso as coisas aconteceram muito rapidamente. Lohan foi puxado de pé. Suas mãos

foram amarradas às costas e ele foi empurrado à frente, juntando-se aos outros na plataforma.

De repente, estava parado junto de Matt. Mesmo nesse momento ocorreu-lhe que Matt não parecia particularmente surpreso com o acontecido. Certamente não estava preocupado, ainda que os dois fossem agora prisioneiros, sem ninguém para vir resgatá-los depois de serem levados. Ao mesmo tempo, o comerciante completava suas negociações com os soldados e de repente tudo acabou. Havia 34 pessoas na plataforma, mas não eram mais seres humanos. Eram

posses.

— *Vamos lá!*

Um dos soldados gritou a ordem, e o grupo começou a se mover. Os outros homens usaram

as coronhas dos fuzis para bater em qualquer um que tentasse fugir. Os moradores da cidade olhavam com rostos vazios. Lohan sabia o que eles estavam pensando. Podiam ter achado divertido os escravos sendo comprados, mas no coração sabiam que um dia sua comida e seu dinheiro iriam acabar e que eles acabariam do mesmo modo. Os cativos foram arrebanhados pela rua principal, passando por lojas vazias ou fechadas e casas com janelas pregadas com tábuas. Tudo estava sujo e estragado. Por fim, chegaram a um antigo terminal de ônibus. Ainda havia um ou dois ônibus deixados para trás, sem as janelas, as rodas e os bancos... nada mais do que latas enferrujadas e queimadas.

Um helicóptero estava parado ali, esperando-os. Matt e Lohan não tinham visto nada no ar desde que chegaram ao Brasil, por isso a visão foi ao mesmo tempo surpreendente e alarmante.

Sem dúvida eles tinham uma longa viagem pela frente. O helicóptero era um Super Puma de quatro pás, pintado com as cores da Força Aérea Brasileira, parado sozinho no meio do cascalho, não parecendo em melhor condição do que os ônibus. Tinha sido construído para levar apenas 18 passageiros, mas quase o dobro disso seria apinhado lá dentro.

— *Certo. Comecem a entrar!*

De novo a ordem foi gritada em português, mas a visão do helicóptero fora demais para um

dos prisioneiros, um homem mais velho, de olhos arregalados e rosto magro, com marcas.

Enquanto os soldados empurravam os outros, ele entrou em pânico e se soltou, correndo pelo terminal de ônibus, mexendo-se de um lado para o outro, com as mãos ainda amarradas às

costas. Um dos soldados levantou o fuzil, apontou e disparou. As pernas do sujeito se embolaram e ele caiu. Lohan ficou olhando o corpo bater no chão. Bem, lá se vão cinquenta dólares desperdiçados, pensou. Mas, por outro lado, os soldados provavelmente não se importavam muito. Afinal de contas, tinham ficado com ele em troca de nada.

Depois disso ninguém fez nada para ser notado, subindo no helicóptero e ocupando lugares

de pé na cabine de metal. Os bancos tinham sido retirados, mas mesmo assim eles estavam tão

apinhados que mal havia espaço para respirar. Lohan e Matt estavam separados. Não podiam estar muito longe um do outro, mas era impossível ter certeza. Seus rostos estavam comprimidos contra os pescoços e os ombros de pessoas que eles não conheciam. Podiam sentir

o gosto de suor nos lábios.

Os soldados fecharam a porta. Somente dois fariam a viagem. Um era o piloto. Os outros presumivelmente iriam mais tarde. O motor foi ligado. As pás começaram a girar, ganhando velocidade até que o barulho ficou ensurdecedor.

A cabine começou a vibrar. Alguns garotos estavam soluçando.

O helicóptero saiu do chão. Pairou, girou, ergueu-se, depois subiu direto, levando sua carga humana para o desconhecido.

TRINTA E DOIS

Por fim, o helicóptero pousou.

Tinham voado por cerca de duas horas, mas era impossível dizer que direção tomavam, se iam para o interior ou para o mar. Ninguém podia ver nada, a não ser que estivesse comprimido contra a janela da cabine, e mesmo assim as nuvens cobriram tudo durante a maior parte do tempo. O helicóptero podia estar avançando, mas o tempo parecia ter se imobilizado para os infelizes passageiros, respirando o ar úmido, suspensos na escuridão e no sofrimento com o barulho dos motores ao redor. Por fim sentiram a pressão mudar enquanto o helicóptero começava a descida. Houve uma pancada súbita. A porta foi aberta. E ali estava... a prisão mais segura do mundo, no meio da floresta, cercada por ela, densa e impossível de ser atravessada de todos os lados. Se alguém fosse sair dali, certamente não seria a pé... não sem uma bússola, água potável, uma machadinha, comida e remédios.

Um aeroporto miniatura fora aberto no meio da selva e era ali que o helicóptero havia pousado. Estava num complexo amplo, com uma alta cerca de arame que fora construída um tanto recentemente, apesar de já estar coberta de ferrugem. Uma estrada de asfalto a seguia pelo lado de dentro, e havia mais escravos, parte de uma carga anterior, trabalhando duro, descarregando caixas de um caminhão. Um único soldado armado os vigiava.

Uma pista de pouso se estendia, parando na margem da floresta, que ficava ali como uma barreira impenetrável. Os soldados tinham construído uma torre de controle feia, desigual, usando uma colcha de retalhos de painéis de madeira arrancados de caixotes e quadrados de lata batida. Era cercada por carroças cobertas, um jipe e um segundo helicóptero. Velhos tambores de combustível de aviação estavam empilhados num dos lados, parcialmente cobertos

com lona.

Lohan percebeu que Matt estava ao seu lado. Olhou o garoto quase com reprovação, querendo culpá-lo pela situação em que estavam, mas ao mesmo

tempo sabendo que não adiantaria. Os olhos de Matt, no entanto, estavam fixos em algo atrás dele. Lohan se virou lentamente.

E ali estava, o único sinal de esperança no meio do pesadelo, a única pequena chance de uma

saída. Estava parado sobre o cascalho, esperando para decolar. Lohan reconheceu-o

imediatamente... um Legacy 600, fabricado no Brasil, velho e enferrujado, com a pintura desbotada mas certamente ainda capaz de voar. Lohan já estava fazendo as contas. Um Legacy

tinha autonomia de 6.000 quilômetros. Não poderiam estar a mais de 4.000 quilômetros da ponta da América do Sul. O avião poderia levá-los à Antártica.

— Você sabe pilotar? — perguntou Matt.

Lohan assentiu lentamente.

— Sei.

Como Matt poderia saber? Houvera um tempo em que a Tríade recebera a tarefa de contrabandear imigrantes ilegais da Ásia para a Austrália — por um preço, claro. O pai de Lohan sempre insistiu para que seus filhos se envolvessem em todas as áreas dos negócios, por isso ordenou que Lohan estudasse para tirar licença de piloto. Ele não era familiarizado com os controles do Legacy, mas havia pilotado um Hawker 4000, que era parecido. Não que isso importasse. Não existia um avião no mundo que Lohan não tentaria pilotar se achasse que ele poderia tirá-lo dali.

Mais soldados armados vieram pegá-los, todos vestindo os mesmos uniformes cáqui, apesar

de carregarem uma variedade de armas diferentes. Lohan podia ver que aquela não era uma instalação militar. Os homens eram muito desleixados e indisciplinados, muitos com barba crescida, fumando, com cabelos compridos e sujos. Seriam mercenários? Um exército particular?

Ficaram observando os recém-chegados entrando em fila. Estava extremamente

quente e úmido

na selva. Não chovia, mas a umidade pairava constante no ar. Matt e Lohan só estavam ali durante alguns minutos, mas suas roupas já estavam úmidas e desconfortáveis. Mosquitos zumbiam nos ouvidos. Sem dúvida haveria cobras no mato baixo. Doenças e enfermidades estavam a toda volta.

— Você sabia que ele estava aqui? — perguntou Lohan.

Matt levantou os olhos.

— O quê?

— O avião.

— Eu esperava que estivesse.

Lohan balançou a cabeça.

— Você sabia que ele estava aqui. Esse é o seu plano. Você quer que eu pilote o avião até a

Antártica.

Antes que ele pudesse responder, um dos soldados acertou a coronha do fuzil no peito de Matt.

— *Fica quieto!*

De novo a instrução foi em português. Um garoto brasileiro, de 11 ou 12 anos, estivera parado junto de Matt e, para ele, o ato de violência casual foi a última gota. Irrompeu em lágrimas. Lohan não podia fazer nada por ele. Suas mãos continuavam amarradas às costas, e de qualquer modo, qualquer fala só atrairia o mesmo castigo. Mas, olhando o garoto, ele pensou: se a dor dos outros significa tanto para você, você vai estar morto em uma semana. Matt recuou, empertigou-se, mas não disse nada. O soldado foi em frente.

Os prisioneiros ficaram imóveis, com o helicóptero atrás, durante uns dez minutos. Por fim, o homem com barba e nariz quebrado que fizera a negociação avançou para falar com eles. Tinha

viajado na frente, com o piloto. Estava segurando uma garrafa de cachaça meio vazia.

— Bem-vindos à Serra da Morte — começou ele. — É aqui que vocês vão viver e morrer. Se

trabalharem duro, não serão maltratados. Vão receber água, um litro por dia, comida e um lugar para dormir. Se não trabalharem, se tentarem fugir, se forem desobedientes, serão castigados.

Só existe um castigo na Serra da Morte: a morte. Mas não pensem que será indolor, uma

libertação rápida dos seus sofrimentos. Aqui nós temos um jogo. Gostamos de ver o quanto conseguimos fazer a pessoa sofrer antes de morrer. O recorde é 106 dias. Lembrem-se disso.

“Vocês vão começar a trabalhar imediatamente. Aqui nós trabalhamos quinze horas por dia,

todo dia. Não há folga. Se vocês ficarem doentes demais para trabalhar, serão levados para a selva e deixados lá para as cobras e os jacarés. Depois do trabalho, serão levados ao lugar onde vão dormir, mas o sono tem de ser merecido. Há regras que vocês precisam aprender, mas é tudo muito simples. Vocês são escravos. Não têm direitos. Ninguém se importa com vocês.

Vocês vão fazer o que for mandado, vão trabalhar e só. Agora me sigam.”

Partiram, arrastando os pés e passando pelo portão, seguindo a trilha e entrando na floresta.

Matt ainda estava ao lado de Lohan, sério e, ainda assim, submisso. Ao mesmo tempo, a energia parecia ter desaparecido dele, e isso preocupou Lohan quase mais do que a situação terrível em que estavam. Nenhum dos dois falava, com medo de uma surra e guardando a energia para a longa caminhada pelo calor. Em segundos estavam esmagados pela vegetação densa e

emaranhada da floresta tropical, e quando Lohan olhou para trás, o pequeno aeroporto já havia sumido. O caminho era bastante usado. Um grande número de pessoas devia ter passado por ali

enquanto eram levados para o cativeiro. Algum tipo de criatura, um macaco talvez, moveu-se nos galhos acima, mas quando Lohan olhou não estava mais ali. Nada podia ser visto, nem o céu. Era como se estivessem andando num túnel verde e escuro.

Então a floresta se abriu e eles se viram na beira de uma clareira. O helicóptero os havia deixado num terreno mais alto, num platô, e de repente todo um panorama se abriu adiante.

Era uma visão que nenhum deles jamais esqueceria.

Havia um buraco vasto e monstruoso no chão. Era como se toda uma montanha tivesse sido

arrancada, deixando aquele espaço vazio. Na verdade, era exatamente isso que acontecera. O

buraco fora feito por homens. A terra fora cortada, uma camada depois da outra, com longos barrancos e plataformas que continuavam descendo por quinhentos metros. Para ir de um nível

ao outro, havia escadas — centenas e centenas de escadas — feitas de galhos de árvores e presas com cordas, de modo que pareciam horrivelmente frágeis e inseguras.

Pessoas estavam cavando. Era impossível dizer quantas seriam. As que estavam distantes eram minúsculas, as que estavam perto se apinhavam em multidões densas. Subiam as escadas

— amontoadas sobre elas — carregando baldes de madeira cheios de terra. A maioria estava seminua. Algumas usavam apenas um pano enrolado no quadril. E estavam imundas, tão cobertas de lama e suor que mal pareciam humanas, a pele marrom e cinza, o cabelo embolado,

os olhos sem esperança.

Estavam levando a terra do fundo para o topo, uma jornada estafante de escada, com longas

filas de pessoas. Chegar até o topo com um balde cheio e depois descer

imediatamente com um

balde vazio. Se você caísse, morria. Poderia quebrar o pescoço. Poderia sufocar na terra mole.

Poderia ser pisoteado pelos outros. Ninguém falava. Aquelas pessoas viviam ainda pior do que escravos. Tinham sido transformadas em animais enjaulados: sem pensamento, sem esperança, existindo apenas na exaustão e na dor.

E Matt e Lohan foram escolhidos para se juntar a elas.

— Esta é a mina da Serra da Morte — exclamou o barbudo. Os novos prisioneiros estavam amontoados na beira do platô, olhando para o abismo, sabendo que seriam sugados para ele, que iriam se tornar parte dele e que ele jamais deixaria que fossem embora. — É a maior mina de ouro do Brasil. A vida de vocês não significa mais nada. Só importa a terra que vocês trazem para a superfície e as pepitas de ouro que ela contém.

“De agora em diante vocês vão trabalhar e viver juntos. O nome da sua equipe é 1179 *Verde*.

Lembrem-se disso. O nome de vocês não importa mais. Se um guarda perguntar quem você é ou de qual equipe faz parte, você deve responder “1179 *Verde*”. Se não puderem dizer, serão castigados. Agora, antes de levar vocês para baixo, alguma pergunta?”

Ninguém falou. Então um dos rapazes que estivera na plataforma com Matt levantou a mão.

Era magro, de cabelo escuro, com rosto carrancudo e cerca de 18 anos.

— O que é?

— Quando posso tomar um pouco d’água? — perguntou ele. — Estou com sede.

O barbudo foi até ele e parou. Todo mundo sabia que algo de ruim iria acontecer — e estavam certos. Ele estendeu a mão e um dos outros soldados lhe jogou uma garrafa d’água.

— Quer água? — perguntou ele. — Você pode ter água.

Ele sopesou a garrafa por um momento e de repente girou-a com toda a força, acertando-a

na lateral da cabeça do rapaz. A água explodiu sobre ele quando o plástico se partiu. O rapaz desmoronou. Devia ter sido como ser acertado com um porrete.

— Aprendam com isso — disse o homem, falando com todos. — Vocês não pedem água.

Não pedem comida. Não pedem para descansar. Recebem o que for dado e agradecem. Agora

vamos trabalhar.

Ninguém mais fez perguntas. Vários guardas avançaram, segurando facas, e ainda que alguns escravos se retorcessem ou gemessem, logo ficou claro que a tarefa deles era apenas cortar as amarras e soltar suas mãos. Alguém ajudou o rapaz a ficar de pé, e todo o grupo já ia descer quando de repente uma coisa se moveu no céu, fazendo-os parar e olhar. Era o Legacy

600. O avião não tinha feito nenhum som do outro lado da floresta, mas de repente estava rugindo acima deles, afastando-se do topo das árvores.

Lohan ficou olhando-o fazer um arco acima do buraco e se afastar, depois se virou de novo

para Matt com os olhos cheios de raiva.

— Aquela era a sua passagem para sair daqui? — rosnou ele. — Bom, parece que ele decolou sem nós. O que vamos fazer agora?

Alguém os empurrou. Quando chegaram à borda do buraco, o avião já havia sumido.

TRINTA E TRÊS

Matt e Lohan passaram a semana seguinte trabalhando na mina de ouro da Serra da Morte, e no fim desse tempo sabiam que, se não escapassem logo, morreriam. Sua força estava sendo sugada... pelas longas horas, pelo trabalho estafante, pela falta de comida e a presença constante de doenças. E era assim para milhares de

pessoas ao redor. Era como se tivessem sido postos numa máquina infernal. Individualmente, eles não importavam mais. Estavam sendo processados. Acabariam morrendo, assim como outros morreram na frente deles. Outras centenas chegavam a cada dia para ocupar o espaço que deixariam quando também tivessem partido.

As manhãs começavam com uma sirene soando através do buraco vazio, ecoando na

escuridão antes que o sol começasse a nascer. Podiam ser cinco horas. Podiam ser seis. Ninguém tinha relógio, então que diferença fazia? Os escravos dormiam numa cidade construída a cerca de um quilômetro do buraco, uma vastidão escura e lotada de barracos de madeira, plástico, ferro corrugado e lona, ou uma mistura dos quatro. Becos passavam entre os barracos, dando a impressão de uma comunidade, mas de fato a cidade não tinha vida, sem lugar aonde ir e sem

nada para fazer. Não havia eletricidade, água, nem saneamento. Centenas de pessoas eram obrigadas a compartilhar a mesma latrina, uma vala imunda cavada na selva, onde elas fariam fila, esperando para se aliviar. Não havia privacidade. O fedor era de revirar o estômago, e ar era denso de moscas pretas zumbindo.

Cada construção continha vinte ou trinta pessoas deitadas lado a lado em camas de campanha, tão perto que os ombros se tocavam. Lençóis e cobertores velhos eram pendurados

nas portas numa tentativa inútil de manter os mosquitos do lado de fora, mas só conseguiam manter o ar quente e cheio de suor do lado de dentro. As refeições da noite eram distribuídas em baldes de metal compartilhados, e os homens e mulheres se apinhavam em volta para encher suas canecas feitas de lata. A comida era sempre a mesma: um cozido de feijão com alguns fiapos de carne de algum animal que era melhor não identificar. Depois de comerem, dormiam, apagados pelas quinze horas ininterruptas de trabalho que haviam acabado de ficar para trás, mas que os esperavam de novo no dia seguinte. Os mosquitos zumbiam

interminavelmente durante a noite. Não existia folga.

Cada manhã começava com uma contagem. Havia um grupo de trabalho — conhecido como

coveiros — cujo serviço era arrastar os mortos para fora e carregá-los em carroças até uma

clareira na selva. Na verdade, não existiam sepulturas. Os corpos eram largados lá, e uma vez por semana, quando a pilha crescera o suficiente, jogavam gasolina e punham fogo. Nenhuma noite

passava sem que alguém morresse. Às vezes era de malária ou exaustão. Com frequência, eram

as cobras. Às vezes Matt ouvia o grito quando alguém era picado. Isso era acompanhado por vozes exaltadas e pânico enquanto os outros homens e mulheres do mesmo barraco tentavam encontrar a criatura à luz de velas antes de serem picados também.

O trabalho era sempre igual.

Toda manhã, à luz pálida do alvorecer, os trabalhadores pegavam um balde e uma pá, ambos

de madeira, e desciam as escadas até o fundo. Até mesmo isso podia ser perigoso. As escadas

eram gosmentas com sujeira e suor, e era fácil demais escorregar. No primeiro dia, Matt e Lohan viram um homem cair para a morte. Talvez tivesse quebrado o pescoço. Talvez tivesse sufocado na lama. De qualquer modo não se levantou de novo, e os outros trabalhadores simplesmente passaram ao redor, tentando fingir que ele não estava ali. Matt e Lohan fizeram o mesmo.

Tinham aprendido rapidamente a não atrair atenção, a não fazer nada que os destacasse do grupo. Tinham apenas um plano. Precisavam sobreviver o suficiente para quando o Legacy 600

retornasse.

Cavavam, enchiam os baldes, subiam. Era escuro no fundo do buraco. O céu parecia estar a

quilômetros de distância, e os guardas, parados na borda ou patrulhando com seus cães alsacianos, eram minúsculos. Matt e Lohan faziam o máximo para

permanecer perto um do outro. Conversar era proibido, não que tivessem forças para trocar qualquer coisa além de palavrões. Subir era muito mais difícil por causa do peso extra. A corda queimava nos ombros, os baldes pesados roçavam na pele das costas. No fim do dia, estavam atordoados, puxando-se para cima, um degrau depois do outro, com os pés de uma pessoa à frente e as mãos de outra

roçando nos tornozelos. Uma escada, depois outra e outra. Matt não ousava olhar para cima e

ver o quanto faltava. Se soubesse, poderia desistir.

Largavam no topo a lama que haviam coletado, e outros trabalhadores estavam prontos para

lavá-la e peneirá-la, procurando os flocos de ouro que eram o motivo da existência da mina.

Torrentes de água marrom e enlameada fluíam de volta morro abaixo. Parecia existir pouco ouro.

Recebiam água três vezes por dia: quando acordavam, ao meio-dia e antes de dormir, mas nunca era suficiente. A água era quente, densa de substâncias químicas que supostamente impediam doenças, mas Matt e Lohan sofriam de náusea e dor de estômago, e ao redor deles pessoas caíam e se sacudiam em espasmos.

Antes do fim da semana, os dois estavam quase irreconhecíveis. O sol os havia queimado, mesmo que nunca parecesse brilhar. O pescoço e os ombros de Matt estavam em carne viva. A

camisa fora roubada enquanto ele dormia, deixando-o nu da cintura para cima, se bem que estava tão sujo que era impossível dizer onde a pele terminava e a calça começava. Lohan se mantinha numa bolha de ódio que direcionava contra os guardas, contra o *mulato* que o vendera e até mesmo contra Matt.

O estranho era que havia apenas uns duzentos soldados em toda a área, mesmo que fossem

responsáveis por milhares de escravos. A princípio, Lohan pensou que poderia

convencer as pessoas a se juntar a ele numa revolta geral. Sem dúvida seria possível se libertar, se todos agissem juntos. Mas logo percebeu que isso não aconteceria. Muitos escravos optaram por estar ali. Tinham se vendido para a escravidão e naquele momento era como se algo dentro deles tivesse morrido. Quanto aos outros, sabiam que iriam trabalhar até a morte, mas não se

importavam mais.

Só uma vez, à noite, Lohan e Matt falaram em fugir. Estavam deitados juntos, sussurrando em inglês o mais baixo que podiam. Se alguém ouvisse, quase certamente informaria aos guardas em troca de um pouco de comida extra.

— Posso conseguir armas para nós — disse Lohan. — Só preciso que um guarda chegue perto...

— E depois? — Matt parecia derrotado.

— Podemos tentar ir para o helicóptero. Ou, se não der certo, podemos ir a pé pela selva.

— Nunca iríamos conseguir, Lohan. Estamos a quilômetros de qualquer lugar. E eles têm cachorros. Irão atrás de nós.

— E o que você sugere, Matt? Quer morrer aqui?

— Vamos esperar o momento certo.

— Não existem momentos certos. Só existe a morte.

E então Matt adoeceu.

Era o que Lohan temia mais do que tudo, ainda que uma parte dele continuasse culpando Matt por tê-los levado ali. Foi na oitava manhã, quando os dois acordaram, que Lohan viu que o pior havia acontecido. Matt estava com febre. Todo o seu corpo estava banhado de suor e os olhos, vítreos. Desesperadamente, Lohan virou-o, forçando um pouco de água a entrar entre os lábios. Os outros prisioneiros no barraco saíram o mais rápido possível, não querendo contrair o que quer que o garoto americano tivesse. Poderia ser malária. Os mosquitos tinham sido mais agressivos do que o normal. Poderia ser disenteria. Poderia ser algo pior.

— Levante-se, Matt. Eu posso ajudar... — Lohan tentou puxar Matt de pé, mas logo viu que

era inútil. Todo o corpo do garoto parecia partido, os braços e as pernas sem qualquer força.

Sua respiração saía áspera da garganta. Lá fora, ouviu um dos guardas gritando um aviso. Os retardatários apanhavam. Às vezes, como exemplo para os outros, eram amarrados e deixados sem água ou comida, assando no calor. Lohan não tinha escolha. — Vou voltar mais tarde —

disse. — Tente descansar. Tente ficar melhor...

Lohan sabia que o barraco seria inspecionado assim que ele tivesse saído. Eles encontrariam Matt e tomariam uma decisão. Não havia remédios na Serra da Morte, nem médicos para administrá-los. Se os soldados achassem que Matt poderia melhorar, iriam deixá-lo ali. Se decidissem que ele não ficaria bom, iriam arrastá-lo para fora e jogá-lo na pilha de corpos que esperavam para ser queimados... Nem verificariam se ele estava morto antes de acender o fósforo.

Foi o dia mais longo de Lohan desde que fora trazido para aquele lugar terrível. Precisava fazer um esforço enorme para se concentrar no trabalho, tentando afastar Matt da mente. Já estava fazendo planos. Se Matt morresse, escaparia sozinho. Não importava se fosse morto tentando. Ia morrer de qualquer modo. Não podia suportar mais.

Naquela noite, foi o primeiro a voltar ao barracão. Matt ainda estava lá, não parecendo muito melhor do que quando Lohan saíra.

— Pedro...? — perguntou ele quando Lohan se inclinou acima, encostando outra garrafa d’água em seus lábios.

— Ele não está aqui — respondeu Lohan, desejando que Pedro estivesse. Matt contara que o

garoto peruano tinha o poder de curar. Era exatamente o que ele necessitava agora. — Sou o Lohan. Como você está?

— Fraco.

— Bom, pelo menos você teve um dia sem trabalho. — Lohan tentou brincar e esconder como estivera preocupado. — Quer comer? Posso trazer alguma coisa?

— O avião...

— Não está aqui, Matt. Foi embora há mais de uma semana e não voltou. — Lohan tentava

manter a raiva longe da voz. Os outros escravos estavam entrando, caindo nas camas. Alguns já dormiam. — Não sei o que você viu nesse seu sonho. Mas vir para cá foi um erro.

— O avião...

— Você não me ouviu?

Lohan estava segurando Matt pelos ombros, quase como se quisesse sacudi-lo para fazê-lo entender, mas então escutou. Matt não estava falando do avião que tinham visto na chegada.

Outro avião aproximava-se naquele momento. Lohan olhou para cima. Escutou um zumbido baixo no ar. Ainda estava a alguma distância, mas vinha se aproximando o tempo todo. O

zumbido virou um rosnado. Os outros prisioneiros olharam para o alto. Ele estava bem acima.

Lohan queria correr para fora do barraco, mas sabia que não adiantava. Não veria nada no escuro e se arriscaria a levar um tiro. Mas ficou ouvindo enquanto o avião pousava, e soube que ele descera na pista que os dois tinham visto oito dias atrás.

Virou-se de novo para Matt. Apesar de tudo, o garoto parecia um pouco mais em paz, como

se de algum modo tivesse conseguido provar um argumento. Lohan ajeitou o bolo de trapos que

ele vinha usando como travesseiro.

— Tudo bem — sussurrou. — Vamos sair daqui. Vamos tentar esta noite.

— Não. — Matt também estava sussurrando, mas a voz saía forte. — Esta noite, não.

Amanhã de manhã. Preciso estar forte...

— Vai ser mais fácil no escuro.

Porém os olhos de Matt fecharam e Lohan viu que ele caíra no sono. Durante um longo tempo, ficou agachado, olhando a figura inconsciente. Parecia estar lutando, tentando chegar a alguma decisão. Por fim assentiu, como se tivesse vencido uma batalha contra si mesmo.

Estendeu-se na cama ao lado da de Matt, e alguns minutos depois estava dormindo também.

TRINTA E QUATRO

Lohan acordou cedo. Seu corpo podia estar exausto, mas a mente estava agitada e ele abriu os olhos muito antes que o sol começasse a nascer, com o barraco envolto em escuridão. Ficou deitado por um longo tempo, ouvindo os sons ao redor. Algumas pessoas roncavam, outras gemiam com pesadelos. Os mosquitos zumbiam como sempre. Lá fora, um cachorro latiu duas

vezes e depois ganiu ao ser chutado. O melhor era que, pelo que podia ver, Matt estava dormindo em sono profundo. Talvez isso o ajudasse. Ele até poderia encontrar alguém naquele mundo de sonho para ajudar. De algum modo, Lohan sabia que o dia seguinte seria o último dos dois na Serra da Morte — não importando o que acontecesse.

Era estranho, mas ainda não tinha ideia de quem era o dono ou administrador da mina de ouro. Quem, de fato, estava pegando o ouro? Podia ser o governo brasileiro — mas, na verdade, o Brasil não tinha mais governo. Talvez fossem os militares ou os chefões das drogas. E o que faziam com o ouro? Presumivelmente ele era refinado, derretido e vendido nos bancos internacionais. Deitado ali, enquanto a luz se esgueirava, Lohan tentou imaginar os homens de terno sopesando as barras, sem pensar na dor e no sofrimento que as produziram. Ele próprio comprara pulseiras e colares nos muitos mercados de ouro em Hong Kong. Ele e o pai costumavam comercializar barras de ouro... eram mais seguras

e menos fáceis de ser rastreadas do que papel-moeda. Será que algum ouro produzido ali já passara por suas mãos? Nesse caso,

ele estava sendo castigado por isso.

Do lado de fora, a sirene soou, e os mesmos movimentos cansados foram feitos no barracão.

Os ocupantes rolando para fora das camas de campanha e se preparando para o trabalho do dia. Matt abriu os olhos. Lohan examinou-o, ansioso.

— Lohan...

— Como você está?

— Melhor. Estou bem. — Matt se apoiou num cotovelo. — Vou com você hoje.

Matt não estava nem um pouco bem. Lohan podia ver que a febre não havia passado, e ele

estava tão fraco que oscilava de pé. Mas de algum modo os dois conseguiram sair, beberam a água e comeram o cozido de feijão, agachados no ar úmido da manhã.

— Matt... — começou Lohan.

— Eu sei. Temos de agir hoje.

— Quando?

— Eu digo.

Lohan assentiu, pasmo por estar recebendo ordens de um garoto de 15 anos que mal conseguia ficar de pé.

Os guardas gritaram suas ordens, e a equipe 1179 *Verde* se moveu. Nesse ponto, Lohan reconhecia a maior parte dos rostos dos prisioneiros trazidos com eles da cidade de Jangada —

mas não sabia os nomes nem nada de suas histórias. Era assim na Serra da Morte. Ninguém confiava em ninguém e não havia sentido em fazer amizade

quando todos morreriam com certeza. Lohan pegou uma pá e um balde de madeira. Fez o mesmo para Matt, notando com uma sensação sombria que o garoto mal conseguia carregar o peso.

Juntos, caminharam o meio quilômetro de volta ao buraco, nenhum dos dois falando, depois

ficaram parados enquanto os primeiros trabalhadores começavam a descer. Lohan olhou para Matt. Não podiam descer as escadas. Para existir alguma chance de fuga, precisava começar ali, enquanto ainda estavam no nível do chão.

— Andando! — Um dos guardas tinha visto a hesitação dos dois. Era como todos os outros,

anônimo em seu uniforme cáqui com uma metralhadora nos braços e um cão seguindo-o na coleira.

Matt se virou para Lohan.

— Apague-o — disse. Por um momento, Lohan pensou que tinha ouvido mal. O que Matt estava dizendo? — Apague-o... — repetiu ele.

— Ele tem um cachorro — murmurou Lohan.

— Eu cuido do cachorro.

O resto da equipe já havia entrado no buraco, descendo as escadas. Lohan olhou ao redor.

Não havia outros guardas por perto. Ao seu lado, Matt fechou os olhos e nesse momento exato

o cão gemeu e sentou-se. Simplesmente esquecera que precisava ser feroz. O guarda olhou para baixo, perplexo, e isso bastou para Lohan. Deu dois passos e o golpeou, com o lado da mão acertando a garganta do sujeito. Toda a raiva dos últimos oito dias estava naquele golpe, e o guarda não apagou simplesmente. Foi morto num instante. Lohan não se importou. Ele e Matt

se comprometeram. O castigo pelo ataque a qualquer guarda era a morte. Não poderia existir volta.

Alguns outros trabalhadores tinham visto aquilo e já estavam recuando, aterrorizados, não querendo compartilhar a culpa. Matt e Lohan estavam parados na beira da mina. O guarda estava no chão. O cão continuava sentado, ignorando-os. Matt respirou fundo e pareceu se concentrar em algo à meia distância. Lohan sabia que Matt, como os cinco Guardiões, tinha poderes que iam além de qualquer coisa humana, e esperou para vê-los agora. Nada aconteceu.

Por um momento breve pensou que Matt estava fraco demais, que sua doença o neutralizara...

e nesse caso ambos estavam mortos. Mas então houve um movimento minúsculo. Uma escada

dentro do buraco se soltou da parede e caiu. Foi seguida por uma segunda e uma terceira.

Enquanto Lohan olhava, as escadas começaram a se despedaçar, a madeira grossa estalando, os

pedaços despencando. Ninguém tinha se machucado. Matt escolhera apenas escadas vazias.

Mas o caminho para baixo estava ficando rapidamente inalcançável e todo o trabalho em busca

das pepitas de ouro pararia logo.

Plac, plac, plac... A madeira quebrando fez Lohan pensar em fogos de artifício chineses.

Soldados em toda parte corriam para a beira da mina e olhavam para baixo. Porém Matt só havia começado. Girou a cabeça e de repente todo um trecho da mina explodiu, as enormes paredes de lama se dobrando e mergulhando. Se alguém estivesse embaixo, seria morto,

esmagado pelo peso, mas ainda era de manhã cedo e os níveis inferiores estavam vazios. Lohan olhou, incrédulo. Quantas centenas de toneladas de terra os escravos na Serra da Morte haviam carregado para a superfície? Em segundos, toneladas a mais retornaram. Toda uma face do penhasco desmoronou. Um

trecho enorme da mina enchera outra vez. E Matt era o responsável.

Tinha feito isso com um simples movimento de cabeça.

Houve um silêncio breve, depois gritos confusos enquanto os guardas reagiam ao que acabara de acontecer. Agora Lohan entendia o que Matt estava fazendo. Ninguém sabia o que

havia causado o colapso, mas nesse ponto mais nada importava. Ele criou uma distração incrível.

— Vamos — sussurrou Matt.

O esforço tinha exaurido o que restava de suas forças. Lohan podia ver que Matt estava tremendo, encharcado de suor. Passou o braço em volta dele e o arrastou. Os outros trabalhadores os viram se mexer, mas nenhum tentou acompanhá-los. Era o que a vida na Serra

da Morte fizera com eles. Tinham chegado ao ponto em que muitos nem poderiam amarrar os

cordões dos próprios sapatos sem receber uma ordem. Seus espíritos estavam quebrados. Na verdade, não eram mais humanos.

Com Lohan segurando Matt, os dois correram para o caminho que iria levá-los à pista de pouso. Matt estava tropeçando e, se não fosse o braço de Lohan em sua cintura, teria caído.

Lohan esperava que ninguém os visse, que todos os soldados estivessem concentrados na devastação deixada para trás — mas, claro, não aconteceu assim. Foram vistos quase imediatamente. Alguém gritou um aviso. Isso foi seguido por um único tiro.

Eles não pararam. Não podiam parar. Tinham atacado um guarda, e entregar-se não era uma

opção. A borda da floresta e a possível segurança ficavam uns vinte metros à frente. Matt estava se obrigando a continuar, apoiado em Lohan. Houve outro disparo, e Lohan se xingou por não ter pegado a arma do homem morto. Mesmo que chegassem à pista de pouso, o avião estaria

vigiado e ele não poderia simplesmente ir até lá sem uma arma. E um segundo pensamento, mais sinistro, passou por sua mente. Se fosse capturado, ele gostaria de ter uma arma na mão.

Poderia usá-la contra si mesmo.

Houve um apito agudo, uma rajada longa de metralhadora. Lohan ainda estava segurando Matt, quase o levantando do chão. Matt estava sem camisa e Lohan podia sentir o calor e a umidade na pele do garoto. As pernas de Matt praticamente não funcionavam. Balas chicoteavam ao redor e ocorreu a Lohan que Matt ainda devia estar usando seu poder. Caso contrário, um deles certamente teria sido atingido. A floresta se erguia à frente. Houve mais tiros, e folhas das árvores mais próximas foram despedaçadas. Mas então eles estavam dentro da mata, deixando a escuridão e a luz verde e densa engoli-los. A agitação atrás foi interrompida abruptamente. Era como se tivessem mergulhado em outra dimensão.

Em segundos estavam perdidos. A trilha que os trouxera ficava a uma certa distância, e não

havia como alcançá-la. A floresta era densa demais, implacável demais. Somente ela decidiria a direção que os dois iriam tomar. Lohan sabia que precisavam se perder no interior para afastar-se o máximo possível dos perseguidores. Mais tarde poderiam se preocupar com a pista de pouso. Quase às cegas, os dois seguiram pelos caminhos que puderam encontrar, serpenteando

em volta dos troncos de árvores enormes, passando por cima das raízes emaranhadas que cobriam o chão, passando por trepadeiras que pendiam como paredes sólidas. Agora não havia

som, a não ser sua própria respiração torturada. Matt tropeçou e caiu, as pernas cedendo. Com um palavrão, Lohan pegou-o no colo, carregando-o como uma criança. Os olhos de Matt estavam fechados. Ele não parecia consciente.

Lohan olhou para trás, encostando-se numa árvore. Pelo menos parecia que ninguém os seguia. Talvez os soldados tivessem decidido que a mina era mais importante do que dois prisioneiros que provavelmente terminariam morrendo de qualquer modo na floresta. Percebeu que não fazia ideia de onde estava, que perdera qualquer senso de direção. Matt pesava em seus braços. Não poderia continuar por mais do que cinco ou dez minutos, e não tinha comida

nem água. Um movimento atraiu seu olhar e ele se desviou quando uma aranha enorme, com as

costas vermelhas e peludas, correu para baixo do tronco da árvore. Se não tivesse se mexido ela o teria picado. E aí? Seria uma morte rápida e dolorosa para ele. Matt ficaria sozinho. A floresta iria cobri-los e nenhum dos dois seria jamais encontrado.

Continuou avançando o máximo que pôde, depois colocou Matt no chão.

— Você consegue ficar de pé? — perguntou.

Matt abriu os olhos e assentiu.

— Precisamos achar a pista de pouso. E quando chegarmos, vou precisar da sua ajuda.

Entendeu? Você tem de abrir o portão... como fez na mina. E se livrar dos guardas.

Matt assentiu pela segunda vez.

— Posso fazer isso. — Sua voz era pouco mais do que um sussurro. — Não me deixe, Lohan.

— Não vou deixar.

Como ele soubera? Ao mesmo tempo em que tropeçavam pela floresta, Lohan pensou em largar Matt e continuar sozinho. Por que não? Era como sempre fora treinado. Sua primeira responsabilidade era cuidar de si mesmo, e Matt estava atrasando-o. Só mantivera a fé em Matt porque precisava dos poderes dele — mas se Matt perdesse a consciência pela segunda vez, Lohan já havia se decidido. Os dois não eram amigos. Tinham sido jogados juntos por acaso. No fim das contas, era cada um por si.

Continuaram, com Matt conseguindo prosseguir de algum modo. Lohan tinha certeza de que

a pista de pouso ficava em algum lugar à esquerda, mas a vegetação os obrigava a ir na direção oposta, e ele sabia que só desperdiçaria as forças se tentasse

forçar o caminho. Desejava mais do que qualquer coisa ter uma machadinha. Um pássaro piou acima. Durante todo o tempo em que

trabalharam no buraco, nunca tinham visto um pássaro voando, mas a floresta estava cheia deles. Algo se moveu no mato baixo e Lohan se lembrou da aranha. Pensou nas cobras, nos gritos que ouvira à noite. Ainda estavam indo na direção errada. A floresta fazia truques contra eles, levando-os cada vez mais para dentro de seu abraço. O caminho atrás havia sumido. Era como se as árvores e a vegetação tivessem se fechado sobre eles, deliberadamente impedindo-os de encontrar o caminho de volta.

E então veio o som que mais temiam. Alguém gritou. Os soldados não os tinham visto, mas

estavam perto. Quantos seriam? Era impossível saber, no pesadelo verde em que estavam, mas

certamente os soldados deviam conhecer a floresta melhor do que eles. Podiam ter cães. Não demorariam muito a encontrar os prisioneiros.

Matt estava tropeçando de novo, as pernas se embolando, e Lohan passou o braço em volta

dele, não somente o sustentando, mas também o empurrando, forçando-o a acompanhar o passo. De novo pensou em abandoná-lo. Pelo menos a vegetação estava escondendo-os dos perseguidores, abafando qualquer barulho que fizessem. Precisavam de um lugar para se esconder... uma árvore para subir ou um buraco onde se enfiar. Mas não poderiam continuar por muito tempo, pelo menos não juntos. Ele teria mais chance sozinho.

Empurrou um véu de folhas para o lado e parou.

Era impossível.

Não podia acreditar no que estava à sua frente.

A floresta simplesmente terminava, como um capítulo num livro. À frente, a paisagem era vazia. Até onde podia ver, e podia ver por quilômetros, o terreno era vazio e plano com apenas alguns tocos de árvores antigas se projetando da terra. Era como se um vento gigantesco tivesse varrido a floresta, não deixando

nada para trás. Mas, ao mesmo tempo em que olhava aquele deserto sem vida e vazio, Lohan sabia a verdade. Aquilo fora feito de propósito. Homens tinham vindo ali. Tinham cortado a floresta abrindo espaço para fazendas de gado e plantações.

Agricultura do tipo corte e queimada. Tinham plantado banana, milho e soja até o solo se recusar a produzir mais, e então foram embora.

Dizem que as florestas tropicais são os pulmões do mundo, mas ali nada respirava. A mina da

Serra da Morte limpara uns poucos hectares de floresta. Mas esta destruição continuava até o horizonte e iriam se passar centenas de anos até ser recuperada. Lohan olhou com um certo espanto. Quem precisava dos Antigos para destruir o planeta quando a humanidade já estava fazendo um serviço tão bom?

— *Estão ali!*

O grito veio de trás e estava suficientemente perto para Lohan ouvir as palavras. Não podiam voltar.

— Matt...

— Continue andando!

Matt podia estar respondendo a Lohan. Podia estar falando consigo mesmo. Sem hesitar um

momento, continuaram, atravessando o espaço vazio, horrivelmente expostos, sem ter aonde ir, sem nada para guiá-los. Lohan nunca estivera num lugar tão completamente morto. Não havia pássaros no céu. Até os insetos pareciam ter abandonado as poucas raízes e trepadeiras que ainda cobriam o chão. Eram só os dois, Matt e ele, correndo, de braços dados, esperando as duas balas que iriam derrubá-los.

Chegaram a uma trilha definida apenas pelos veículos que deixaram marcas de pneus. Ela poderia levar à pista de pouso, mas não poderiam segui-la agora. Enquanto Lohan olhava para trás, duas coisas aconteceram. O primeiro soldado saiu da floresta, viu-os e gritou para os outros. E, ao mesmo tempo, um jipe apareceu de repente, saltando do mato baixo e correndo na direção deles, com

dois homens na frente e dois atrás. Todos armados.

Era o fim. Lohan parou, o rosto coberto de suor, o peito arfando. Estava pronto para a morte. Na verdade, nunca havia esperado viver muito, apesar de nunca ter imaginado que terminaria seus dias assim, morto como um cão no meio do Brasil. Virou-se para Matt. Será que o garoto poderia ter um último truque na manga? Porém Matt nem parecia ter consciência do

perigo. O jipe estava chegando mais perto. Iria alcançá-los em segundos. Mais soldados saíam da floresta, aparecendo como se por mágica, formando uma fila comprida.

Mas então, no último segundo, Matt se adiantou. Parecia ter afastado brevemente a doença.

Enquanto Lohan olhava, ele levantou a mão e simplesmente apontou para o jipe. O motorista e

os passageiros podiam achar que ele estava cumprimentando-os, mas o resultado foi devastador.

Foi como se tivessem acertado uma parede de tijolos ou um punho enorme tivesse dado um soco por baixo do jipe. Sem qualquer aviso, ele saltou no ar, girou para a frente e se chocou contra o chão. O capô e o para-brisa dianteiro se amarrotaram e o motorista e o homem ao lado morreram instantaneamente. Outro foi jogado longe e ficou imóvel. O último ficou enterrado sob o jipe, que havia parado com as rodas ainda girando no ar. Houve uma breve pausa, e o veículo irrompeu em chamas. Matt baixou a mão e desviou o olhar.

Os soldados que saíram da floresta tinham visto o que aconteceu. Pararam e começaram a conversar, agitados. Era impossível escutar o que estavam dizendo, mas seus olhos encaravam com medo e incredulidade. Então eles simplesmente se viraram e fugiram. Tinham decidido que

não atacariam aquele garoto-demônio, capaz de destruir um veículo e matar quatro homens simplesmente com um gesto. Desapareceram na floresta. De novo, Matt e Lohan estavam sozinhos.

— Me dê uma camisa — disse Matt.

Lohan assentiu, depois correu para perto do jipe em chamas. O homem que fora jogado longe estava morto. Tinha quebrado o pescoço ao bater no chão, e Lohan não desperdiçaria nenhuma lágrima. Tirou a camisa dele e levou-a para Matt. Também pegou uma garrafa d’água

e uma arma.

— A que distância você acha que está a pista de pouso? — perguntou Matt. Tinha feito a destruição do jipe parecer simples, casual. Mas o esforço fora gigantesco. Estava cambaleando.

Lohan lhe entregou a garrafa d’água e ele bebeu, voraz, só se lembrando no último instante de devolvê-la ainda pela metade.

— Não pode estar longe demais — disse Lohan. Ele bebeu o resto da água e jogou a garrafa

longe. — Só vamos esperar que o avião esteja lá.

— É. Tenha cuidado...

Matt não conseguiu dizer mais nada. Lohan segurou seu peso de novo e eles seguiram a trilha com marcas de pneus, de volta para a floresta, satisfeitos por deixar para trás o espaço vazio, a grande cicatriz. O jipe havia feito um caminho diagonal para eles, e esse caminho levava de volta à pista de pouso. Depois de alguns minutos, os dois viram a cerca de arame através do mato baixo — apenas uma tira estreita de vegetação a separava do terreno devastado. E o avião ainda estava lá. Lohan sentiu um alívio gigantesco ao vê-lo parado junto à torre de controle.

Quatro guardas armados tomavam conta da área.

Matt não podia cuidar deles. Estava acabado, com o suor escorrendo pelo rosto. Seus olhos

estavam vítreos, fora de foco. Lohan ajudou-o a sentar-se e o encostou numa árvore.

— Espere por mim aqui — disse.

Matt assentiu, mas enquanto Lohan se levantava, segurou o braço dele.

— Obrigado, Lohan — disse.

— Não precisa dizer isso.

— Preciso, sim. Só por sua causa...

A voz de Matt ficou no ar e foi então que Lohan decidiu. Não poderia haver outro modo. Seu

pai aprovaria.

Desde o início, Lohan ajudara Matt porque era vantajoso para ele, mas agora as coisas eram

diferentes. Matt estava acabado — e mesmo que tivesse forças para chegar ao avião, Lohan havia decidido. De jeito nenhum iria para a Antártica. Era uma ideia maluca! O tempo passado na Serra da Morte lhe ensinara que ele não fazia parte dessa aventura. Se chegasse ao Legacy 600, iria para o norte, para os Estados Unidos, como sempre planejou. De algum modo sobreviveria e ganharia dinheiro para começar a viagem para o oriente. Queria ir para casa, para a Tríade, para sua família e seus amigos. Os Antigos não importavam. Nem os Guardiões. Eles poderiam cuidar de si mesmos.

Lohan se esgueirou ao redor da cerca, mantendo-se perto da borda da floresta. Matt já fora

esquecido. Podia ver os quatro soldados à frente e, apesar de tudo que acontecera — da destruição de parte da mina, da fuga, do jipe que havia acabado de se acidentar e explodir —,

eles pareciam notavelmente relaxados. Era possível que não tivessem ideia do que estava acontecendo mas, à medida que Lohan chegou mais perto, viu o verdadeiro motivo. Os homens

estavam fumando maconha, a droga que alterava a mente e era cultivada em todo o Brasil.

Lohan sorriu sozinho. Era o primeiro golpe de sorte que tivera durante toda a

semana. Na próxima vez que olhassem, eles estariam mortos.

Lohan aprendera muitas artes marciais no tempo passado nas Tríades, algumas repassadas pelos ninjas, os famosos agentes secretos do Japão feudal. Uma delas era a caminhada invisível, a capacidade de se aproximar de um inimigo sem ser visto. Lohan sabia que era pouco mais do

que um novato. Uma vez mandara um assassino atravessar um restaurante apinhado para matar

um homem cercado por amigos e guarda-costas, e ninguém o vira se aproximar. Só quando o tiro foi disparado, eles perceberam a presença do sujeito.

Mesmo assim, Lohan aprendera os rudimentos da caminhada invisível, e os aplicou agora.

Desde o portão até o avião, eram cerca de trinta passos e, com um terreno plano coberto de cascalho e grama à toda volta, não havia onde se esconder. O segredo da caminhada invisível é mental, e não físico. É descobrir uma unidade com o ambiente a ponto de se fundir a ele, tornar-se o ambiente. Ele sabia que o tempo era curto. Mais soldados estariam a caminho. Mas obrigou-se a diminuir o ritmo, procurando a concentração necessária. Só avançou quando teve certeza de que estava pronto.

Passou pelo portão e foi andando até os homens. Eles estavam conversando, contando piadas obscenas e rindo. Nenhum deles ao menos olhou na sua direção. Lohan estava segurando

a arma que retirou do jipe. Passo a passo foi se aproximando, à plena vista e ao mesmo tempo invisível. De repente estava ali, na frente deles. Os soldados tentaram pegar as armas, mas era tarde demais. Ele atirou nos quatro à queima-roupa, olhando os corpos tombarem. E ali estava, sozinho com o avião. Era difícil acreditar que conseguira.

Uma escada levava ao avião. A porta da cabine estava aberta. Lohan subiu rapidamente, sem

olhar para trás, já revisando os vários procedimentos para taxiar e decolar. Mas, ao mesmo tempo em que chegava ao topo, ouviu o som de metal raspando, e antes que pudesse fazer alguma coisa, a porta se fechou como a entrada de uma

tumba. Seu primeiro pensamento fora

que alguém a fechara por dentro, mas era impossível. Não havia ninguém ali. Estendeu a mão e tentou abri-la, mas a porta estava trancada. Lentamente, com um sentimento de premonição, girou.

Matt conseguiu se arrastar até a cerca e estava agarrado a ela, os olhos fixos no avião.

Mesmo a essa distância, Lohan podia ver sua raiva, seu sentimento de ter sido traído. Também sabia que, se Matt quisesse, poderia jogar o Legacy 600 longe... ou fazê-lo se partir em mil pedaços.

— Abra a porta! — gritou ele. — Só quero entrar e verificar os controles.

Matt não respondeu.

Lohan ficou parado, esperando que ele falasse, os dois separados por uns trinta metros.

Impasse. Matt não podia viajar no avião sem Lohan, mas Lohan não partiria dali sem Matt. A floresta estava silenciosa, com o sol batendo forte. Nada se mexia. Era como se eles fossem as últimas duas pessoas do mundo.

Então Lohan xingou em silêncio e desceu correndo a escada, passando pelos cadáveres e pelo

portão até alcançá-lo. Matt não conseguia se mexer. Se soltasse a cerca, desmoronaria. Toda a sua força estava concentrada no avião.

— Eu ia voltar para pegar você — insistiu Lohan.

Matt continuou sem falar. Não precisava. Tudo estava em seus olhos.

Pareceu demorar uma eternidade para voltarem ao avião, e o tempo todo Lohan esperava a

chegada de mais soldados. Pensou ter visto movimento na torre de controle, mas se havia alguém lá, tinha decidido deixá-los em paz. Subiram a escada juntos — Lohan mais ou menos carregando Matt de novo — e desta vez a porta se abriu

quando eles se aproximaram. Ele pôs

Matt numa poltrona na frente do avião, fechou a porta e foi para a cabine. Demorou mais alguns minutos para se familiarizar com os controles, mas estivera certo ao ver o avião pela primeira vez, mais de uma semana antes. Era muito parecido com o que ele conhecia.

Os aviões a jato não têm chave. Este estava pronto para voar.

Lohan fez todos os procedimentos de partida, acionando os motores e esperando pelo tempo

agonizante necessário para alcançarem a velocidade total. Por fim virou o avião e posicionou-o.

Só agora viu que a pista era curta demais. Desejou brevemente não ter atirado nos quatro homens tão sem pensar. Um deles poderia ser o piloto. Verificou os controles. Pelo menos o avião estava cheio de combustível.

Empurrou o manche, ao mesmo tempo controlando o leme, e rolaram pela pista, ganhando

velocidade. Agora era Lohan que estava suando. Aquele era um negócio mortal. O terreno era irregular e cheio de buracos, e se uma roda se prendesse, o avião giraria e seria lançado contra as árvores. Toda a cabine vibrava como uma secadora de roupas e sua visão estava turva. Ele tinha consciência do fim da pista ficando cada vez mais próximo e imaginou se teria chegado a V2, a velocidade correta para a decolagem. Não tinha escolha, a não ser descobrir. Puxou o manche. Por um momento nada aconteceu, mas então sentiu um jorro de empolgação quando

as vibrações pararam e ele percebeu que havia saído do chão. Mesmo assim foi por pouco. As rodas bateram nas primeiras árvores. Ele ouviu o impacto e todo o avião estremeceu, mas estava no ar. Olhando pela janela, a estibordo, viu o buraco escuro que era a mina da Serra da Morte.

Lohan murmurou uma oração curta em mandarim. Com um sentimento de alívio, fez uma curva, verificando a bússola no painel.

Estava indo para o norte. Em algumas horas estaria nos Estados Unidos.

Mas o avião não queria ir para o norte. Todos os sistemas de computadores estavam ligados

e pareciam funcionar direito. Lohan virou alguns interruptores, mexeu nos controles. Nada aconteceu. Não conseguia fazer o avião virar. Quase podia ouvir os motores gritando a recusa. O

Legacy 600 simplesmente não voava na direção que ele queria. Por fim, a 6.000 metros, Lohan

ligou o piloto automático e saiu de sua poltrona. A porta da cabine ainda estava aberta. Matt continuava na poltrona da frente, as pernas estendidas.

— Quem está pilotando o avião? — perguntou Lohan. — Eu ou você?

— Quanto tempo falta para chegarmos lá?

— Lá? Quer dizer, no Limbo? É para onde vamos? Para a Antártica?

Matt não disse nada.

Lohan desistiu.

— Não sei quanto tempo vai demorar. — Ele nem tentou esconder a amargura da voz. —

Diga você.

— Também não sei. — Matt estava sonolento de novo. — Só avise quando a gente chegar.

Matt fechou os olhos. Lohan olhou-o por um momento, depois voltou à cabine. O avião continuava no piloto automático, mas ocorreu-lhe que não estava seguindo as instruções do computador. Estava fazendo o que Matt havia mandado. E de repente, por motivos que não podia entender direito, pegou-se sorrindo. Um minuto depois começou a gargalhar.

O avião continuou a jornada pela América do Sul. O Limbo ficava adiante.

ÁGUA ESCURA

TRINTA E CINCO

Os policiais chegaram ao campo quando o sol estava nascendo, formando uma linha tão longa quanto o próprio horizonte. Nada passaria por eles. Se alguma coisa se movesse adiante, seria vista. Continuaram a avançar lentamente, andando, e talvez fosse isso — e o fato de haver tantos — que os fazia parecer um pesadelo tão grande. Eram como robôs. Com seus uniformes

escuros, segurando as armas, não havia nada de individual neles. Seus rostos estavam longe demais para ser vistos, mas mesmo de perto seriam vazios e sem emoção, concentrados no que

faziam. Eram simplesmente uma matilha. Não parariam até encontrar o que estavam procurando

e não permitiriam que nada interferisse.

Trezentos tinham sido mandados para encontrar o alvo: um garoto magro, pálido, de 15

anos, com cabelo escuro. Se fosse interrogado, ele falaria com sotaque americano.

Supostamente viajava com um homem mais velho e uma garota de sua idade. Se possível, o garoto deveria ser apanhado vivo. Os outros dois poderiam ser mortos sem qualquer hesitação.

Tinham se espalhado a partir do povoado em todas as direções, usando-o como se fosse o centro de uma bússola gigantesca. Segundo a última informação que receberam, o garoto —

Jamie Tyler — estava tentando atravessar a densa floresta a leste, mas era possível que tivesse dado meia-volta ou mesmo chegado ao perímetro. A floresta estava sendo revistada por homens

com cães, e os reforços estavam a caminho. Um pelotão de soldados-moscas já saíra de Londres.

Uma coisa era certa. O garoto não poderia ter ido longe durante a noite. Devia estar em algum lugar próximo.

Cada construção que eles encontravam era revistada. Havia igrejas isoladas e algumas fazendas esparsas — vazias agora — com pilhas de feno apodrecendo, agrupamentos de árvores

e pocilgas. O condado já fora famoso por seus porcos. Qualquer casa ainda de pé era simplesmente incendiada. Era mais fácil do que revistar cômodo por cômodo. Todo o campo estava coberto de fumaça. O dia nascera com um cinza sofrido e sufocante.

O povoado onde o garoto se escondera não existia mais. Todas as casas tinham sido destruídas. Os moradores estavam mortos. Tinham dado abrigo para um dos Guardiões, sabendo ou não, e esse era o castigo. As ruas e a praça estavam cobertas de corpos. Os corvos já desceram e bicavam a carne morta. Mais colunas de fumaça cinza subiam suavemente no ar,

e seu cheiro seria sentido a quilômetros de distância se ainda houvesse alguém capaz de senti-lo.

A polícia pegara tudo de valor. Toda a comida tinha ido embora. As maçãs do pomar tinham

sido colhidas pela última vez.

No meio de toda essa desolação, uma única figura andava na estrada principal que descia da

praça, com o casaco de couro preto balançando em volta do corpo e o cabelo ruivo sendo agitado ligeiramente na brisa. Seu rosto não tinha cor, as bochechas eram fundas, os olhos estreitos e desconfiados. Ela sabia que tinha chegado ao momento fundamental de sua vida, seu maior desafio. Esperava já não ter fracassado.

Seu nome era Eleanor Strake e ela era... bom, era difícil dizer exatamente. Ela era encarregada da polícia, mas como a polícia estava agora encarregada do país, isso a tornava o quê, a comandante? Era assim que pensava em si mesma, e com o poder dos Antigos por trás,

ninguém discordaria. As prolongadas séries de ataques terroristas contra quase todas as principais cidades do Reino Unido haviam apagado há muito tempo qualquer coisa que lembrasse vagamente um governo. E isso fora apenas o

começo. Nos anos seguintes, foi como se uma maldição houvesse baixado sobre o território e tudo em que todo mundo confiava fora retirado, um item de cada vez. Segurança, comunicações, atendimento à saúde, empregos, lei e ordem. E

no fim, a comida e a água acabaram também. A ralé patética que conseguira sobreviver precisava de alguém para cuidar dela, para salvá-la da morte por fome, mesmo que isso significasse colocá-la em campos de concentração que brotaram no norte e no sul — e esse alguém era ela. A comandante Strake. Às vezes ela ficava tonta em pensar na quantidade de poder que tinha nas palmas das mãos.

Mas tudo isso poderia estar correndo risco. Ela ficara empolgada ao saber que um dos cinco

Guardiões tinha aparecido na Inglaterra. Quando a professora deu o telefonema (a professora morta agora), ela adorou. Por fim, iria se mostrar digna da confiança dos Antigos. Entregaria o garoto a eles e seria recompensada com uma vida de conforto e luxo longe da latrina em que o país se transformara. Nunca lhe ocorrera que Jamie escaparia por entre seus dedos. Sabia que as portas não estavam mais funcionando. Não acreditava que ele tivesse algum lugar aonde ir.

Eleanor Strake chegou ao fim da rua e pisou no cais. Houvera um tiroteio violento ali. Nove ou dez policiais morreram — aparentemente por uma pessoa; um garoto gorducho, de cabelos

louros, com menos de 20 anos. Estava caído de lado, segurando uma metralhadora. Parecia estranhamente em paz. Por um instante ela se perguntou quem ou o que ele estivera defendendo. Continuou, e parando na beira do esgoto preto e feio que já fora um rio. Não havia movimento de nenhum dos lados. A água estava tão morta que nem parecia água. Devia fazer

anos que ninguém via um peixe ali.

Será que o garoto poderia ter ido por aquele caminho? Uma velha do povoado dissera que ele estava na floresta, indo para o leste, e sempre era possível que ela tivesse mentido. Mas nenhum barco a vela poderia ir longe naquela gosma oleosa. Se ele tivesse tentado fugir desse jeito, a polícia já o teria pegado. Só por um momento, Strake sentiu um frisson de medo. Se fracassasse, se não o encontrasse, o que aconteceria com ela? Não precisava responder. Era óbvio.

Virou-se e começou a voltar para o povoado, onde seu helicóptero particular estava esperando. Ainda era cedo. Tinha confiança de que pegaria o garoto antes da hora do almoço.

Mas, na pressa e no desejo de sangue, a comandante Strake acabou cometendo um erro.

Seus oficiais não tinham deixado ninguém vivo para responder às suas perguntas, por isso não ficou sabendo que um homem que se chamava de Viajante chegara ao povoado num barco de

canal. Claro, nenhum deles soubera que o *Lady Jane* ainda tinha combustível e funcionava, mas mesmo assim, se a polícia perguntasse, poderia notar que o barco havia sumido e que,

acompanhando as margens do rio com uma luz fraca acesa na proa, ele pudera continuar durante toda a noite. Já estava a quase cem quilômetros de distância, indo para o sul, na direção de Londres.

Ela estava condenada. Enquanto voltava, passando pela carnificina, Strake esperou o guincho

no rádio dizendo que a missão fora cumprida, que Jamie Tyler fora encontrado. Mas parte dela já sabia que tudo dera errado e que essa voz não viria jamais.

Jamie olhava à frente, vigiando as margens do rio enquanto passavam deslizando.

Fazia 12 horas desde a fuga do povoado, e durante boa parte da noite, ele estivera ligado demais, traumatizado demais até mesmo para pensar em dormir. Tinha pensado que estava em

segurança, pelo menos durante um tempo, mas em questão de horas tudo sofreu uma tremenda reviravolta. Primeiro, a Srta. Keyland esgueirando-se para a floresta, depois a cabine telefônica, a chegada súbita da polícia, os lança-chamas e as metralhadoras — e, finalmente, George, entrando entre eles e os atacantes enquanto sua vida se esvaía... Tudo tinha sido demais e tinha acontecido muito rápido.

E havia o *Lady Jane*. Jamie nunca estivera antes num barco de canal. Nunca

estivera num canal, e afora o rio Truckee, que seguia seu canal de concreto pela cidade de Reno, em Nevada, nos Estados Unidos, qualquer via aquática era um mistério para ele. Durante a primeira hora, ficou na popa com Holly enquanto o Viajante permanecia curvado sobre o timão, guiando-os pela noite. O barco tinha uma única lâmpada na frente, coberta de modo a dar o mínimo de luz possível, só o bastante para permitir que vissem as margens do rio. O motor praticamente não fazia barulho, só um latejar profundo, e Jamie se perguntou se ele fora alterado de algum modo para abafar o som. Sentia-se hipnotizado, olhando a água escura. Ela se parecia com seus pensamentos. Melhor se deixados para trás.

Ninguém disse nada nas primeiras horas depois de terem partido. Ainda existia a possibilidade de a polícia os ultrapassar e bloquear o caminho. Só quando o rio os levou ao redor de uma colina, colocando uma massa de terra entre eles e o povoado, o Viajante finalmente rompeu o silêncio.

— Vocês deveriam descansar um pouco — disse. — Amanhã vai ser um dia longo.

— Não consigo descansar — respondeu Jamie. E se virou de costas. O povoado estava pegando fogo. Mesmo do outro lado do morro, podia ver o clarão vermelho espalhando-se pelo

céu. Olhou para Holly, imaginando como ela estaria se sentindo. Ele só passara apenas algumas semanas ali. Para ela, tinha sido a vida inteira.

Mas o rosto de Holly estava vazio. Talvez ela não conseguisse aceitar o acontecido.

Provavelmente estava em choque. Estava de pé, com uma das mãos apoiada no corrimão e a outra no teto da cabine, sem perceber o frio da noite. Estaria pensando em George? Bom, agora não adiantava mais. Os três tinham sorte de terem fugido. passaram pela rede enquanto ela se fechava ao redor.

— Seria bom um de vocês fazer café. — O Viajante assentiu na direção da cozinha. *Galley*.

Em algum lugar na mente, Jamie se lembrou de que esse era o nome em inglês para a cozinha

quando era é um barco. — Precisamos continuar. Deus nos ajude se eles notarem

que o *Lady Jane* partiu. Mas, se não notarem, podemos percorrer uns oitenta quilômetros antes de o dia clarear.

Holly não se mexeu, por isso Jamie abriu a portinhola e desceu os três degraus para a área de

moradia.

O barco era comprido e tinha apenas um metro e oitenta de um lado ao outro. Era assim que

eram chamados: barcos estreitos. Jamie achou que “barcos apertados” seria um bom nome também. Toda a mobília era empilhada: os armários, a geladeira, a bancada, as duas camas principais e a mesa e os bancos que se transformavam numa terceira. Um corredor se estendia

de uma extremidade à outra, com fracas lâmpadas elétricas iluminando o caminho, e Jamie se pegou encurvado enquanto percorria a pista de obstáculos que era a área de moradia. Tudo estava no lugar certo: pratos, canecas, potes e panelas, facas, ferramentas, livros e mapas, botijões de gás para o fogão — mas de algum modo o barco ainda parecia amontoado e desarrumado. O *Lady Jane* podia ter sido bonito um dia. Era pintado de verde e vermelho, e o piso e as paredes eram de madeira polida. Mas era velho. O Viajante havia morado nele durante tempo demais. Não existia mais água potável para mantê-lo limpo, e ainda que o toalete e o chuveiro continuassem no lugar, um praticamente em cima do outro num compartimento minúsculo, fazia anos que nenhum dos dois funcionava.

Jamie encheu a chaleira com uma garrafa plástica junto à pia e fez café seguindo as instruções. Só quando abriu o vidro de pó percebeu que o Viajante estava dando um luxo raro a Holly. Nunca houvera café no povoado. Rita e John bebiam um chá desagradável, amargo, feito

de bolotas de carvalho. O gás para o fogão também era notável — assim como o combustível que os impelia pelo canal. Imaginou que outros segredos o *Lady Jane* escondia.

E quem *era* o Viajante? Matt dissera que ele era de confiança. Mas Jamie ainda não sabia o nome dele, de onde tinha vindo... não sabia nada.

Iria demorar um tempo até a água ferver. A chama era minúscula, e a reserva de gás era pequena. Jamie deixou a chaleira no fogão e andou pelo barco, abrindo armários e gavetas.

Sabia que estava xeretando, mas não sentiu culpa. O Viajante parecia estar do seu lado, mas mesmo assim precisava ter certeza. Sabia que sua obrigação era chegar a Londres, encontrar a igreja de St. Meredith e esperar que a porta funcionasse. Nada mais importava.

O *Lady Jane* estava apinhado de suprimentos de um tipo ou de outro. Cada armário estava cheio de comida enlatada, remédios, peças sobressalentes para o motor e para diferentes tipos de máquinas. Mapas de todo o país estavam nas prateleiras. Um armário continha roupas limpas

— no povoado ninguém possuía nada além do que vestia. Enquanto Jamie ia de uma parte à outra, percebeu que aquele era mais do que um barco de canal. O Viajante podia ter passado sete anos morando no povoado, mas o tempo todo estivera escondido secretamente num mundo próprio.

Não tinha certeza do que o atraiu para os dois bancos dos lados da mesa de jantar, mas ao

passar notou uma dobradiça e percebeu que na verdade eram depósitos que podiam ser abertos. Empurrou as almofadas para trás, e, sem dúvida, havia alças por baixo. Os assentos se abriam como alçapões. Jamie olhou dentro.

Eram armas. Fileiras de armas. E também balas, ainda nas caixas originais, enroladas em papel impermeável. Havia duas presilhas na lateral, segurando uma espada — Jamie presumiu que fosse a mesma que o Viajante estivera segurando quando fora resgatá-lo.

— Acho que a água ferveu.

Jamie girou. O Viajante havia aparecido atrás dele, descendo para a cozinha sem ser ouvido.

Estava parado olhando Jamie com um meio sorriso no rosto.

— Procurando alguma coisa? — perguntou.

— Já encontrei — respondeu Jamie. E olhou na direção da popa. — Holly está guiando o barco?

— Está. Ela aprendeu bem depressa. E isso pode ajudá-la... a tirar a mente da situação. Ela e aquele garoto eram muito chegados.

— Eu sei. — Jamie assentiu na direção das armas. — Onde você conseguiu tudo isso? Como

conseguiu ficar com elas?

— Elas me foram dadas — disse o Viajante. — Antes de chegar ao povoado, há anos, enterrei todas num campo, cerca de um quilômetro e meio rio acima. Achei que eles iriam revistar o *Lady Jane*, e estava certo. Deixei uma certa quantidade de coisas para eles encontrarem... comida, remédios, uísque. Há sete anos, as coisas não eram tão desesperadoras e eles ficaram bem satisfeitos com aquilo. Nunca imaginaram que poderia haver mais. Eles até comeram meu cavalo. Coitado do Bree! Mas nunca procuraram o resto, e quando eu fui aceito,

voltei para o esconderijo e peguei tudo de novo. Foi sorte, acho que vamos precisar disso.

— Quem é você? Por que não tem um nome?

— Eu tenho nome. É Graham Fletcher. — Ele sorriu consigo mesmo. — Você percebe que é

a primeira vez que falo essas palavras em mais de sete anos?

— Por que nunca disse a ninguém?

O Viajante ficou sério de novo.

— Porque não queria ser amigo deles. Precisava me lembrar de que não fazia parte da comunidade, que nunca seria um deles. Sabia que um dia teria de ir embora.

— Você sabe quem eu sou, não é?

— Isso mesmo, Jamie. Sei tudo sobre você... e sobre Matt e os outros. Os

Guardiões.

— Você é do Nexo.

Jamie se lembrava da organização que conhecera quando estava com Matt em Londres... os

homens e mulheres que esperaram por eles na sala secreta em Farringdon. Graham Fletcher não

estivera lá. Jamie tinha certeza. Mas, por outro lado, dez anos se passaram desde a reunião —

pelo menos para ele. O Nexo teria mudado desde aquela época. Era surpreendente que a organização ainda existisse.

O Viajante assentiu.

— Isso mesmo.

— Então não foi coincidência você estar no povoado. Você estava esperando por mim.

— Esperei por você durante sete anos, Jamie. Longe dos meus amigos e da minha família.

Você não faz ideia de como estou feliz em ver você.

Então ele tinha amigos. Uma família! E estivera preparado para abandoná-los durante todo esse tempo, simplesmente para ajudá-lo. De repente Jamie viu o Viajante de um modo totalmente diferente e tentou imaginar como aquilo teria sido para ele. Imaginou brevemente se estava certo em deixarem Holly de fora. Será que ela não deveria estar ouvindo isso? Mas provavelmente era melhor assim. Depois de tudo que ela passara, Holly precisava de um tempo a sós.

O Viajante devia estar pensando a mesma coisa. Tirou a chaleira do fogo e fez três canecas de café. Levou uma para Holly, voltando quase imediatamente. De novo os dois estavam sozinhos.

— Ela está fazendo um bom trabalho — disse ele. — Parece que pilotou barcos

a vida toda.

— Então, vai me contar sobre você? — perguntou Jamie.

— Claro. — O Viajante trouxe uma segunda caneca de café para Jamie. — Eu trabalho para

uma pessoa notável. Acho que você a conhece. O nome dela é Susan Ashwood.

Jamie reconheceu o nome imediatamente. Susan Ashwood era a mulher que ajudara Matt.

Era uma clarividente, com a capacidade de enxergar o mundo dos espíritos. Além disso, era cega. Não era o tipo de mulher fácil de esquecer.

— Ela me mandou para o povoado — continuou o Viajante. — Sabia sobre a porta na igreja,

e que os Antigos não tinham conhecimento dela. Acreditava que havia uma chance de um de vocês aparecer e disse para eu ir até lá e esperar. Posso dizer que houve ocasiões em que xinguei Susan e a mim mesmo por acreditar nela, mas agora estou feliz. Ela estava certa o tempo todo.

— Então o Nexo ainda existe.

— O que aconteceu na Inglaterra, e em todo o mundo, é o motivo para o Nexo ter sido criado. Nós estamos aqui para ajudar você e os outros Guardiões. É isso que estivemos esperando.

— Você pode me ajudar a chegar a Londres? À igreja de St. Meredith?

— Estamos indo para lá agora mesmo. Vamos entrar no sistema de canais, Jamie. É o melhor

modo de viajar. Não existem trens nem aviões. As estradas são perigosas demais, expostas demais. Porém, os canais sempre ficaram escondidos. Eles serpenteiam ao redor das cidades, passam por campos e antigas áreas industriais, e as pessoas esqueceram que eles existem. Eles pertencem a outra época. Se conseguirmos continuar assim, poderemos chegar ao coração de Londres.

— Se? — Jamie focou nessa palavra.

O Viajante tomou um gole de café. Ele estivera aninhando a caneca nas mãos.

— Não vai ser fácil — admitiu. — Agora estamos no rio. Para entrar no sistema de canais, temos de chegar à eclusa de Quatro Vias. Eu passei por ela quando vim de Londres, mas isso foi há um bom tempo. Se ela não estiver funcionando, vamos continuar a pé. Então precisaremos passar por umas duas cidades. Elas ainda podem ser habitadas, e qualquer pessoa que nos vir ou ouvir pode ser uma ameaça. Por fim, a polícia vai estar nos procurando. Felizmente, eles não têm ideia de que estamos num barco que funciona. Se soubessem, já estaríamos mortos.

— E como Londres está?

— Não quero falar nisso, para ser honesto. Dentro de alguns dias você mesmo vai ver.

Jamie bocejou. De repente tudo parecia demasiado — tudo que acontecera durante o dia, tudo que estava adiante.

O Viajante notou.

— Você deveria descansar um pouco. Deve estar exausto. Por que não se deita na cama da

frente? Ali é mais silencioso.

— E Holly?

— Eu fico com ela. Depois de amanhã vamos nos revezar pilotando. O *Lady Jane* não é difícil de guiar.

— Você tem combustível suficiente para chegar a Londres?

— Tantas perguntas, Jamie! Ponha isso na cabeça: eu me preparei para essa viagem. Estou esperando por ela há sete anos. Agora vá dormir!

Jamie dormiu.

Quase imediatamente, se pegou de volta no mundo de sonho, a pouca distância da

biblioteca, como se nunca tivesse saído dali, como se tivesse simplesmente fechado os olhos na

última vez e depois aberto de novo. Seu primeiro pensamento foi procurar por Scott, seu irmão gêmeo, mas não havia sinal dele, e isso o preocupou. Sabia que algo estava errado. Tinha sido óbvio, na última vez em que se encontraram, e agora daria qualquer coisa para passar alguns minutos com ele — neste mundo ou em qualquer lugar. Matt e os outros também pareciam ter

ido embora. Jamie se perguntou quanto tempo faria desde a última vez em que os cinco haviam

se encontrado e conversado, mas sabia que era impossível dizer. O tempo era diferente no mundo de sonho. Podia parecer que apenas alguns segundos tinham se passado, mas podia ser

uma semana ou mesmo um mês.

Jamie odiava e temia o mundo de sonho, mesmo sabendo que, de algum modo, ele estava do seu lado. Lembrou-se da estranha figura do prospector de ouro que se aproximara dele na beira do oceano e tentara lhe dar um aviso. *"Eles vão matá-lo."* Por que ele parecera ser uma ameaça? Por que não podia simplesmente ter chegado perto e explicado o que queria dizer? E,

por sinal, por que esse mundo era tão cinza e desolado? Olhou a paisagem vazia e estremeceu.

Estar ali era como estar morto.

Ouviu uma passada suave na poeira e girou, temendo o pior, mas relaxou. Era Matt, sozinho,

andando em sua direção. Jamie estava feliz em vê-lo. Não só porque os dois tinham se tornado próximos no tempo passado em Londres e, mais tarde, a caminho de Hong Kong. Matt era o líder indiscutível dos Guardiões. Jamie confiava que ele sabia como isso iria terminar e que, de algum modo, tiraria todos vivos daquela situação.

Os dois ficaram frente a frente.

— Oi, Jamie — disse Matt.

— Oi. — Houve uma pausa. Jamie não sabia direito o que dizer. O quanto Matt sabia? — Saí

do povoado — continuou Jamie. — Alguém do Nexo me encontrou.

— Eu sei. Tudo está acontecendo como deveria. Mas preciso lhe contar uma coisa. Alertá-lo

sobre isso.

Era estranho. Será que Matt havia se transformado nisso? Apenas um aviso a ser dado a ele

pelo mundo de sonho?

— Sua viagem não vai ser fácil, Jamie. E Londres vai ser pior. Os Antigos sabem sobre a igreja de St. Meredith e ela está cercada.

— A porta está funcionando?

— Ainda não. Todas as portas estão trancadas.

— Então de que adianta ir até lá?

— Elas vão se abrir... na hora certa. E é por isso que eu precisava ver você. Você precisa saber qual é o momento certo de entrar na igreja e passar. Não pode se atrasar. Deve fazer isso no momento exato.

— Como vou saber?

Matthew sorriu, mas não existia sequer um fiapo de felicidade em seu rosto. Jamie nunca o

vira tão velho, tão derrotado.

— Você vai saber. Haverá um sinal. Quando você vir, vá, e se tudo acontecer como eu espero, você vai chegar à Antártica.

— Você vai estar lá? O Scott vai estar lá?

— Jamie, não posso responder às suas perguntas. Só posso dizer que tudo vai acontecer como deve.

— Mas eu tenho o direito de saber! — Jamie sentiu uma coisa subindo por dentro. Não tinha

certeza se era raiva ou tristeza. — O que está errado com o Scott? Na última vez, ele mal falou

comigo. E aquelas roupas que ele estava usando... — Jamie se interrompeu. — E você, Matt?

Como sabe tanto sobre tudo de repente? O que aconteceu com você?

Matt sorriu.

— Eu estive na biblioteca. — Ele fez mais uma pausa. — Esta é a última vez que vamos conversar antes do fim. Vou pensar em você no *Lady Jane*. E em Londres. Só se lembre: espere o sinal. Não tente nada até lá. E quando você o vir... não demore!

— Espera aí, Matt...

Então Jamie abriu os olhos e se viu de volta no barco. Holly estava dormindo na cama do outro lado e eles continuavam seguindo pelo rio. Matt fora embora e outro dia começava.

TRINTA E SEIS

Eu me sentia péssima por causa da morte do George. Estava enjoada, arrasada e ao mesmo tempo cheia de culpa porque, mesmo que tantas outras pessoas tivessem morrido, ele era a única com quem eu me importava de fato. Na verdade, tinha visto Tom Connor, o Sr.

Christopher e o reverendo Johnstone morrerem, e sabia que ninguém ia ficar vivo, nem Rita e John, que foram como pais para mim e que tinham cuidado de mim desde que eu era pequena.

Talvez simplesmente fosse sofrimento demais para eu enfrentar.

Eu não servia para grande coisa quando entramos a bordo do *Lady Jane* e partimos pelo rio.

Era a primeira vez que entrava em alguma coisa com um motor desde que tinha uns 6 anos. Por

sinal, nunca tinha visto um helicóptero também. Essas duas coisas deveriam ter sido uma fonte de maravilha para mim, mas eu só conseguia pensar... bom, em nada. Não tinha nenhum pensamento de verdade. Se minha vida fosse uma fita, era como se alguém tivesse cortado todo o pedaço até o ponto onde eu estava agora, de modo que, olhando para trás, não existia nada e eu não conseguia imaginar muita coisa à frente também. Parte de mim queria ter morrido no

povoado. Teria sido mais fácil.

Queria odiar Jamie. Afinal de contas, o aparecimento dele é que trouxera os Antigos. Mas não podia. Se alguém fosse culpado, seria a Srta. Keyland por ir contra o desejo da Assembleia e dar o telefonema na floresta. Ao mesmo tempo, imaginei se a gente não estaria se enganando o tempo todo. No povoado, a gente não vivia. A gente sobrevivia, e não seria possível continuar assim por muito tempo. Rita havia praticamente dito isso quando nos separamos. As plantações estavam com problemas, o suprimento de água, diminuindo. Para qualquer lado que você olhasse, nosso tempo estava acabando. Na hora não pensei nisso, mas talvez, de certo modo, a chegada da polícia, o fim súbito, tivesse sido um ato de misericórdia.

Não me lembro muito da corrida até o rio, escorregando pela margem no escuro, de algum

modo encontrando o barco e subindo a bordo. Eu estava provavelmente em choque. Acho que

Jamie desamarrou as cordas, ou talvez tenha sido eu, mas logo a gente foi se afastando, com o motor embaixo dos meus pés e um sentimento de incredulidade total. Como o Viajante manteve

o barco em condições de funcionamento sem que ninguém descobrisse? Onde tinha conseguido

o combustível? Eu estava ali parada, na escuridão quando ele pediu para eu pegar o timão para ele poder entrar e conversar com Jamie, e eu quase caí na água. Como poderia guiar um barco

enorme como o *Lady Jane* quando nunca havia estado no rio, nem mesmo para molhar os pés?

Quis recusar, mas ele não me deu chance e de repente me peguei ali, com os olhos fixos na água à frente.

— O segredo é não fazer demais — disse ele. — Pequenas curvas! Não force muito. Eu já volto.

E então ele foi para baixo e eu fiquei sozinha. A princípio senti raiva. Como ele

podia me deixar assim? Mas quase imediatamente entendi o que ele estava pensando de verdade. Fiquei tão concentrada no que fazia, tão desesperada para não bater nas margens, que precisei deixar todas as outras emoções para trás. Era exatamente disso que eu precisava, e encontrei uma espécie de paz, sentindo as vibrações do motor passarem pelas minhas mãos e o latejar profundo do motor nos ouvidos. Era uma coisa espantosa controlar tanto poder. Até mesmo a

luz elétrica, roçando acima da água, sempre a poucos metros à minha frente, era uma coisa maravilhosa.

Não creio que eu tenha ficado ali por muito mais de vinte minutos, apesar de ter parecido mais. Então o Viajante reapareceu e me disse para descansar um pouco. Achei que não iria dormir. Podia estar desgastada, mas não me sentia cansada. Comecei a questionar, mas o Viajante não admitiu.

— Vá para a cama, Holly. Você pode se deitar na cama perto da do Jamie. Ele já apagou. E

você vai precisar de todo o sono que puder ter.

Ele estava certo. Minha cabeça bateu no travesseiro e pronto. Mais do que cair no sono, despenquei.

Quando abri os olhos, Jamie já estava de pé, e a luz cinzenta entrava pelas janelas. Olhei para fora e vi a margem do rio passando lentamente, sem graça e lamacenta com apenas alguns tufos de capim. Antigamente podia ter sido linda, mas agora não. O tempo estava ruim e a água era preta demais. Eu não fazia ideia das horas. Se estivesse no povoado, agora estaria no pomar, caso contrário, levaria uma tremenda bronca do Sr. Bantoft, e esse foi meu primeiro pensamento naquela manhã. Nunca mais ouviria uma palavra do administrador da plantação.

Nem de nenhum deles. Isso havia acabado.

Levantei-me e fui andando pelo barco, certificando-me de não bater a cabeça nas panelas e

frigideiras penduradas no teto. Tudo era muito baixo e muito estreito — como uma casa em miniatura, onde tudo fora espremido junto. Jamie estava no convés com o Viajante, perto do timão.

— Então você finalmente acordou! — murmurou o Viajante. — Perdeu o café da manhã, mas chegou bem na hora do almoço.

Almoço? Tinha dormido tanto assim? Olhei o ambiente desconhecido — campos se

estendendo de um lado, com uma névoa densa pairando sobre o capim e algumas árvores atrofiadas e retorcidas, e um morrinho com mato ralo do outro lado. Não era grande coisa como paisagem, mas era nova — a primeira vez que meus olhos viam uma coisa nova em 15 anos.

Imaginei que pessoas saindo da prisão sentiriam a mesma coisa.

— O que tem para o almoço? — perguntei.

— Salmão em lata. Tomate em lata. Feijão em lata. Picadinho em lata. Na verdade, vai ser qualquer lata que você quiser abrir.

Fazia séculos que tínhamos ficado sem latas no povoado, por isso, para mim, foi como se o

Viajante estivesse descrevendo um banquete.

— Você está bem, Holly? — perguntou Jamie.

Confirmei com a cabeça. Deveria estar me sentindo pior, mas o sono ajudara. Isso e a

distância que tínhamos percorrido. Eu tinha conseguido deixar alguns pesadelos para trás.

Chegamos a uma ponte em arco com uma pista atravessando o rio, e o Viajante baixou a velocidade e parou, de modo que a velha estrutura de tijolos cobrisse nossa cabeça. Ele parecia saber o que estava fazendo, o que era bom porque eu não tinha ideia de para onde íamos nem

o que iríamos fazer quando chegássemos.

— Pegue as cordas, Jamie...

Amarramos o barco embaixo da ponte de modo que, se um helicóptero passasse, não fôssemos vistos. O Viajante desligou o motor e nós descemos para a cozinha e ficamos amontoados em volta da mesa — eu e Jamie de um lado, o Viajante do outro. Ele abriu várias latas, ferveu água e fez café de verdade tirado de um vidro; era apenas a segunda vez em que eu bebia aquilo e lamento dizer que não gostei muito. Mas o salmão estava incrível; macio, suculento e enchendo a barriga. Fez minha cabeça girar quando pensei que antigamente o rio podia ter sido cheio de peixes assim.

Então ali estávamos os três, sentados naquele espaço apertado, mas aconchegante,

escondidos embaixo da ponte, talvez a 60 ou 80 quilômetros do povoado. Esperei que o Viajante falasse, e depois de um tempo, ele fez isso.

— Meu nome é Graham — disse. — Pode me chamar assim se quiser. Conversei com Jamie

ontem à noite. Faço parte de uma organização, vocês podem chamar de sociedade secreta, que

quer ajudá-lo. — Fazia sentido. Eu nunca havia conhecido alguém que parecesse ter mais segredos do que o Viajante. Aqueles olhos escuros nunca revelavam nada. — A sociedade chama-se Nexo. Jamie sabe sobre ela e sabe que pode confiar em mim.

Fui sensata e não disse nada. De qualquer modo, estava de boca cheia. Ela estava cheia mais

ou menos desde o instante em que eu me sentara.

— O Nexo está esperando por nós — disse ele. — Só precisamos chegar ao túnel Sheerwall,

que fica nos limites de Londres... e este é o melhor caminho. Como eu disse ao Jamie ontem à noite, os canais sempre estiveram ocultos. Estavam quase esquecidos, mesmo há dez anos. E a

boa notícia é que os policiais não sabem que estamos num barco... caso contrário, já teriam partido atrás de nós.

— E qual é a notícia ruim? — perguntei.

— Ainda vamos levar três dias para chegar lá. Três dias e três noites, viajando sem parar.

Precisaremos nos revezar pilotando. Você fez um bom serviço ontem à noite, Holly. Primeiro temos de sair do rio e entrar no sistema de canais. Estamos a cerca de um quilômetro e meio da eclusa de Quatro Vias.

— Como você sabe? — perguntei.

— Eu vim por esse caminho há sete anos. Claro, na época era bem diferente. As coisas estavam ruins, mas rapidamente ficaram muito piores à medida que a comida foi acabando e as

sementes pararam de crescer. A eclusa pode ter sido vandalizada. Pode não estar funcionando.

Se for assim, teremos de abandonar o barco e continuar a pé.

Ele abaixou a mão e, para minha surpresa, pegou duas armas — pistolas pesadas — que pôs

na mesa com um baque surdo. Elas pareciam completamente bizarras ali, perto dos pratos de comida. Uma era para Jamie, outra para mim.

— Não podemos deixar ninguém nos impedir — continuou o Viajante. — Se alguém vir o barco se movendo ou escutar o motor, vai saber que temos combustível. Houve um tempo em

que as pessoas poderiam nos ajudar. Agora, não. Temos de presumir que todo mundo é nosso

inimigo e que vai nos matar pelo que temos. Então, se eu mandar atirar, vocês não devem

hesitar. Holly, você sabe que eu queria deixá-la para trás e não vou pedir desculpas por isso. Meu trabalho é levar Jamie a Londres, e é só isso que importa.

Ele certamente deixara isso claro na noite anterior. Eu me lembrei de quando ele se virou para mim no povoado, com toda a polícia enlouquecendo, matando todo mundo que encontrava, e disse: “Encontre algum lugar para se esconder.” Até que alguém viesse e cortasse minha cabeça ou pusesse fogo em mim. Para ver o quanto ele se importava comigo.

— Aonde nós vamos, em Londres? — perguntou Jamie.

Eu também queria saber. Parte de mim sempre quis conhecer a capital, mas ao mesmo tempo morria de medo. A Srta. Keyland tinha falado algumas vezes sobre Londres. Tinha mostrado fotos de ônibus vermelhos, de Piccadilly Circus e do Parlamento. Todos sabíamos sobre o 9 de Maio, quando chegou o terror. Mas ela nunca mostrou o que aconteceu em seguida. Era

como se não quisesse que a gente soubesse o que restava.

— Vocês vão ver quando chegarem — respondeu o Viajante. — Não me peçam para falar sobre isso.

— A igreja de St. Meredith está cercada — disse Jamie. — E a porta nem está funcionando.

— Como você sabe?

— Matt me contou. O Nexo pode me levar até lá?

— Pode.

— Certo. Mas eu é que vou dizer quando vamos entrar.

O Viajante olhou para Jamie com uma certa expressão de superioridade.

— E como você vai saber qual é a hora certa? — perguntou.

— Simplesmente vou saber.

O Viajante ia questionar, mas então pensou melhor.

— Certo. Você é o chefe.

Era mesmo? Na verdade, eu não sabia direito quem estava no comando. O barco

era do Viajante. Ele tomou todas as decisões até agora. Tinha decidido onde parar e até o que íamos comer. Mas existia algo no Jamie que eu não tinha notado antes. De algum modo, ele parecia mais forte do que nunca. O Viajante tinha o dobro do tamanho dele e provavelmente o dobro da idade, mas só estava ali por causa do Jamie. Na verdade, nós dois estávamos. Por causa dele e dos Cinco... Era só isso que importava.

Arrumamos as coisas e partimos de novo. O Viajante virou uma chave para dar partida no motor do *Lady Jane*, e devia ter cuidado muito bem dele em todos aqueles anos, porque o barco funcionou imediatamente. Jamie e eu soltamos as cordas. Tivemos de empurrá-lo e depois pular nele sem cair no rio — o que não era tão fácil com as margens tão irregulares.

Do outro lado da ponte, a paisagem se abriu, o que não era muito bom porque, de repente,

o *Lady Jane* se destacava... dava para vê-lo a quilômetros de distância. A névoa também se dissipara. Pude ver algumas construções espalhadas, velhos celeiros e barracões que podiam ter pertencido a fazendas, mas nada se mexia; não existiam animais nem pessoas. Passamos por um

trator enferrujado, com capim brotando nas rodas, depois um emaranhado de arame farpado, depois uma parede feita de pneus velhos. Nos livros que eu tinha lido quando estava crescendo, o interior da Inglaterra era um lugar lindo de se visitar e de ter aventuras. Dava a impressão de que o sol sempre brilhava. Bom, agora não era assim. Tudo parecia hostil e abandonado.

— Ali está! — gritou o Viajante, apontando, e a cerca de quatrocentos metros vi a eclusa que nos levaria do rio para os canais que iriam dar em Londres. De novo, eu tinha visto eclusas em

livros, mas nunca pensei que ia passar por uma. O canal passava entre duas paredes estreitas.

Havia uma comporta em cada ponta, que tinham de ser abertas e fechadas. A do nosso lado estava aberta, de modo que poderíamos entrar no que, na verdade, era uma caixa funda e retangular. Fechando a comporta e enchendo o lado de dentro com água, iríamos subir flutuando lentamente. Havia uma superfície plana com uma casa meio arruinada que devia ter pertencido ao encarregado da eclusa, e assim que estivéssemos no nível dela e a comporta fosse aberta, poderíamos sair

de novo, indo para o sul. Eu me perguntei por que a eclusa era chamada de Quatro Vias. Você poderia ir para a esquerda ou para a direita pelo rio, ou podia subir pelo canal. Mas também existia um caminho atravessando os campos, de modo que talvez essa fosse

a quarta direção que eles tinham em mente.

O Viajante se perguntou se a eclusa ainda estava funcionando. Eu esperava que sim. Não gostava da ideia de caminhar até Londres. Será que essa sociedade secreta, o Nexo, não deveria estar cuidando dos canais? Afinal de contas, usá-los sempre fora o plano.

— Olhem...! — Desta vez, Jamie é que falou, e havia uma tensão em sua voz que me disse

imediatamente que ele não iria apontar para uma árvore bonita ou para flores. Ele estava olhando para cima e, com um sentimento de inquietação, tentei deduzir o que ele tinha visto.

Não havia nada. Eu certamente não podia ver nenhum helicóptero vindo na nossa direção —

de qualquer modo, teria ouvido o barulho primeiro. O céu estava vazio, a não ser por uma nuvem escura, o que me fez pensar que iria chover. Mas Jamie definitivamente tinha visto alguma coisa. Enquanto descíamos o rio com a eclusa ainda a uns cem metros de distância, ele olhou para cima e seu rosto se encheu de medo.

— O que é? — perguntei.

Ele não disse nada. Então notei uma coisa estranha. Não havia praticamente nenhuma brisa,

mas a nuvem de tempestade se movia muito depressa, vindo na nossa direção. Na verdade, enquanto eu olhava, percebi que não era uma nuvem. Estava mudando de forma, num minuto

era chata e comprida como uma panqueca enorme, no outro se retorcia parecendo uma cobra.

— O que é aquilo? — perguntei pela segunda vez.

— Soldados-moscas — respondeu Jamie.

Jamie falou de soldados-moscas quando descreveu a primeira batalha com os Antigos, dez mil anos atrás. Eu sabia o que eles eram, mas não podia acreditar que estava presenciando aquilo de verdade, no meu mundo, agora. O que estava olhando eram milhares, talvez milhões

de insetos, vindo para nós num enxame enorme. No ar, ficavam separados. Mas quando pousassem, iriam se moldar em forma humana e ficariam sólidos. Os soldados-moscas podiam matar com uma espada feita de moscas — mas se você os golpeasse, eles iriam se separar e sua arma passaria direto por eles. Jamie me contou tudo isso. E ali estavam eles!

— A eclusa — disse Jamie. — Precisamos entrar na eclusa. Talvez eles não nos vejam...

— Não podemos ir mais depressa — disse o Viajante.

Achei que a nuvem de soldados-moscas estaria a uns oitocentos metros, mas vinha se aproximando o tempo todo. Será que estavam procurando por nós — ou simplesmente indo para o povoado que tínhamos deixado na véspera? E será que eles tinham ouvidos? Será que podiam nos escutar? De repente pareceu que o motor do *Lady Jane* estava fazendo barulho demais. Com o campo tão vazio, ele seria ouvido até no horizonte, e a tinta vermelha e verde simplesmente gritava: “Estou aqui!” Por que o Viajante não tinha pensado em camuflar o barco?

Ainda estávamos indo numa velocidade dolorosamente lenta. Ao mesmo tempo, as moscas pareciam ter se espalhado, enchendo o céu. O Viajante estava imóvel na minha frente, o rosto

sério, as mãos apertando o timão. Jamie e eu permanecemos ao lado. Eu resisti à tentação de me arrastar de volta para dentro da cabine e me esconder, ainda que nós três fôssemos alvos óbvios, parados na plataforma plana com o volume do barco se estendendo à frente. Eu podia

ver a entrada da eclusa. As paredes altas iriam nos abrigar, nos escondendo... se ao menos pudéssemos chegar a tempo. A nuvem de moscas tinha se transformado numa flecha. Em alguns segundos estaria diretamente acima.

O Viajante puxou o timão. O *Lady Jane* girou e entrou na eclusa. De repente, vimos paredes altas e cobertas de limo dos dois lados. Eu sentia cheiro de umidade e coisa podre. À nossa frente, a água batia passando pela fenda onde as metades da comporta se encontravam. Ouvi o

motor rugir e percebi que o Viajante revertera a marcha. Mesmo assim estávamos indo depressa demais. Houve uma pancada alta e quase fui derrubada quando a proa do barco bateu na comporta. Sem que fosse pedido, Jamie estendeu a mão e virou a chave, desligando o motor.

Parecia que estávamos numa sepultura enorme. A água batia e escorria à nossa volta. As paredes, com seus tijolos escuros, subiam uns 9 ou 10 metros, e eu tinha certeza de que elas iriam nos esconder de qualquer coisa... desde que a coisa não chegasse perto demais. Nenhum

de nós falava, nem ao menos um sussurro. Eu podia sentir o coração batendo forte no peito e

sabia que esse era um medo diferente de tudo que já sentira. Meu mundo fora invadido por algo que não poderia existir. Respirei fundo e olhei para cima. A pequena faixa de céu que eu podia ver estava limpa. Os soldados-moscas pareciam ter ido em outra direção. Não tínhamos sido vistos.

Não nos mexemos durante alguns minutos. Então Jamie foi para o teto e subiu por uma escada na lateral da eclusa. Fui atrás dele. Tínhamos de fechar a comporta atrás de nós, encher a eclusa com água e depois abrir a comporta da frente. Olhei de volta na direção de onde tínhamos vindo e vi a nuvem de moscas, já a uns oitocentos metros ou mais, desaparecendo à distância.

— Essa foi por pouco — falei.

Jamie assentiu.

— Eles vão voltar.

E Londres ainda estava a quilômetros de distância.



TRINTA E SETE

Não havia como passar por fora do povoado. A placa estava posta ao lado do canal, e dava para ver as casas atrás, arrumadinhas em volta de uma praça verde tão bem cuidada que não parecia de verdade. As casas em si também eram lindas. Se fossem encolhidas, você poderia comprá-las nas caras lojas de brinquedos que eu tinha visto em revistas. Eram cor-de-rosa, malva e lilás, com nomes como Fique Um Pouco e Celeiro do Poço. E havia uma loja de antiguidades, uma sede do

governo e uma igrejinha parecendo uma joia, não como a que eu estava acostumada a frequentar, e sim perfeita em todos os sentidos, com os vitrais intactos e as pedras claras e limpas. Olhando para a igreja, você imaginaria o vigário sorrindo e benevolente. Ele receberia as pessoas aos domingos. E saberia o nome de todo mundo.

Ajudava o fato de que este era um dia agradável. Tínhamos chegado à tarde e, como sempre, estava nublado, mas o sol se esforçava ao máximo para romper as nuvens, e havia uma

brisa suave, quente.

O Viajante não gostou. Estávamos a 60 ou 80 quilômetros de Londres, e esse não era o tipo

de coisa que ele estivesse esperando. Não disse muita coisa, mas tive a impressão de que se Little Moulsford fosse um lixão coberto de moscas com cadáveres caídos na beira da estrada e mato

crescendo em toda parte, ele poderia relaxar mais. Era tudo muito perfeito. Nenhum lugar na Inglaterra era assim hoje em dia. E precisávamos passar bem no meio. Pior, passaríamos por três eclusas seguidas, por onde teríamos de

manobrar, o que significava que nem poderíamos ficar no *Lady Jane*. Enquanto abríssemos e fechássemos as comportas, estaríamos terrivelmente expostos.

Morava gente ali. Eles tinham ouvido nossa chegada, e um grupo de pessoas se juntou perto

da primeira eclusa enquanto nos aproximávamos. Não podíamos fazer nada, a não ser ir em frente, tentando fingir que nós três estávamos de férias, divertindo-nos, em vez de tentando escapar de soldados-moscas, da morte violenta e do fim do mundo. Os moradores pareciam

bastante amigáveis. Todos sorriam para nós e estavam os mais bem vestidos possível, com cabelos bem cortados. Também pareciam bem alimentados... algo que notei imediatamente por

que, no meu povoado, todo mundo vivia esperando a próxima refeição decente.

— Vocês estão com suas armas? — murmurou o Viajante.

Eu não sabia direito por que ele estava preocupado. Aquelas pessoas pareciam inofensivas.

Na verdade, fiquei empolgada em vê-las — em descobrir que meu povoado não era a única comunidade que tinha conseguido sobreviver durante dez anos. Mas estava com minha arma, enfiada na cintura. Era uma sensação desconfortável, aquilo pressionando a pele. Parte de mim tinha medo de que ela disparasse e me acertasse na coxa, mas o Viajante mostrou como travar e tinha garantido que a arma só dispararia com a trava solta.

Jamie assentiu.

— Estou com a minha — respondi.

— Vejamos o que essas pessoas querem. Não confiem em ninguém. Não digam nada a não

ser que eu autorize.

Paramos na frente da primeira eclusa. As pessoas estavam de pé acima de nós, olhando. Um

homem elegante e de aparência militar, com cerca de cinquenta anos, se adiantou. Parecia ser o líder. Tinha cabelo grisalho e curto e bigode. Uma mulher estava ao lado dele, exatamente da mesma altura, com cabelo encaracolado. Usava um vestido florido e segurava uma bolsa, e tinha até um cordão de pérolas com brincos iguais. Eu nunca tinha visto ninguém usando joias, a não ser em fotos.

— Bom dia — disse o homem. — Meu nome é Michael Higham. Major Michael Higham, na

verdade, se bem que Deus sabe que não faço cerimônia. E gostaria de apresentar minha esposa, Dorothy. Bem-vindos a Little Moulsford!

— Obrigado — respondeu o Viajante.

— Não é comum vermos um barco por aqui — continuou ele. — O último foi há uns dois anos.

— Acho que foi há três — corrigiu a mulher. Ela parecia polir cada palavra antes de falar. —

Chamava-se *Horizonte*. Um barco muito bom, a caminho de Londres. Claro, nós os alertamos para não continuarem em frente.

— Eles nunca voltaram — acrescentou o major, assentindo. Em seguida passou o olhar pelo

Lady Jane. — Uma bela embarcação. Quarenta pés?

— Quarenta e cinco.

— Não acredito que você conseguiu encontrar combustível para ela. De onde vocês vêm?

O Viajante olhou para o canal atrás.

— Estávamos num povoado a cerca de sessenta quilômetros daqui. Infelizmente a água acabou e pensamos em tentar a sorte mais ao sul. — Eu percebi que ele estava sendo deliberadamente vago, não contando toda a verdade.

— Eu não iria muito mais para o sul se fosse vocês — disse o major. — A terra está contaminada. Pelo que sabemos, somos a última comunidade daqui até a cidade grande. Mas vocês devem nos acompanhar para o jantar: o senhor e seus dois jovens amigos. Somos felizardos. Temos nosso próprio reservatório de água e os suprimentos de comida estão se sustentando bastante bem. Vemos tão pouca gente hoje em dia! Vocês serão muito bem-vindos.

— É muita gentileza sua. — Dava para ver que o Viajante não queria aceitar o convite, mas

ao mesmo tempo existia nas pessoas que nos olhavam algo que nos dizia que elas podiam ficar

malignas caso recusássemos. Não sei o que me fez pensar isso. Era alguma coisa no ar. —

Vamos atravessar as eclusas e atracar do outro lado. — Ele fez com que isso parecesse casual, como se na verdade não importasse muito. — Será que vocês poderiam ajudar com as comportas?

Pelo modo como o Viajante me olhou, com o canto do olho, eu soube que o único motivo pelo qual ele queria subir as eclusas agora era para ser capaz de sair rapidamente se fosse preciso — não que fosse possível se mover rápido num barco de canal. Mas pelo menos se a coisa ficasse ruim, não estaríamos expostos demais — quero dizer, não estaríamos lá em cima, de costas, empurrando a comporta. O major e sua esposa não pareceram se importar. Na verdade, eles pegaram nossa chave da comporta e entregaram a um menino de 10 anos, que correu e fez todo o serviço. Havia uma coisa meio irritante no garoto — e no modo como ele nos encarava com os olhos grandes num rosto sem cor. Ele era bastante amigável, mas tive a sensação de que sabia alguma coisa que nós não sabíamos. Depois que ele abriu a comporta, tirou um osso do bolso e ficou roendo-o enquanto passávamos.

Vinte minutos depois, estávamos na parte mais alta da subida. Jamie e eu atracamos o barco

e nós todos saímos.

O povo da cidade ficou olhando enquanto prosseguíamos, e eu pude examiná-los com um pouco mais de atenção. Todos eram um pouco como o major e sua

esposa — muito educados e

civilizados. Não pareciam sobreviventes. Se você esquecesse o fato de que o mundo mais ou menos chegava ao fim... parecia que eles adorariam se você os acompanhasse para uma bebida

ao ar livre ou talvez um jogo de cartas. Eram umas quinze pessoas. O mais novo era o garoto que ajudou com as comportas — seu nome era Cosmo. Tinha um casal que devia ter uns 80

anos. O resto era de meia-idade, e ainda que minha primeira impressão fosse de que parecessem saudáveis, agora decidi que havia algo esquisito em todos. Eram os olhos. Vermelhos e com uma espécie de brilho vitrificado. A cor da pele também era estranha. Parecia feita de cera. Mas, afinal de contas, eu tinha de me lembrar de que eu provavelmente não estava com aparência muito boa também. Ninguém estava.

— Vamos comer no *pub* — disse o major. — Todo mundo vai querer conhecê-los e ouvir como chegaram aqui. Que tal às seis horas? Sem eletricidade, costumamos todos ir cedo para a cama. — Ele se virou para o Viajante. — Há algumas coisas que eu gostaria de conversar com você a sós, se não se importar. *Pas devant les enfants!* — Não na frente das crianças. Eu tinha aprendido francês suficiente para entender. — Que tal você chegar às cinco e meia? E eles se juntam a nós mais tarde?

— Como quiser.

— Bom! Muito bem, vou lhes dar uma chance de se arrumarem, ou qualquer outra coisa, e

vejo vocês mais tarde. Barco esplêndido. Amanhã você deve me mostrar por dentro...

O major e sua esposa se afastaram, e o resto dos moradores foi atrás. Só Cosmo permaneceu, sentado numa comporta da eclusa, balançando as pernas. Parecia inocente, mas ao mesmo tempo imaginei se estaria nos vigiando, certificando-se de que não iríamos embora.

O Viajante também estava desconfiado.

— Escutem — disse ele quando ficamos sozinhos. — Pode ser que essas pessoas não queiram fazer mal. Talvez só queiram nos dar um jantar. Precisamos fazer o jogo deles, pelo menos de início. Mas tenham cuidado. Eles parecem bem alimentados e conseguiram sobreviver,

o que significa que devem ser mais inteligentes do que parecem. Estejam em alerta o tempo

todo.

— Você vai se encontrar com eles? — perguntou Jamie, parecendo insatisfeito.

— Acho que não tenho escolha. Vou ver se posso descobrir o que está acontecendo. Holly, fique com sua arma. E esteja preparada para usá-la.

— Eles estavam escondendo alguma coisa de você — disse Jamie. Foi exatamente o que eu

pensei, mas, se tratando de Jamie, era mais do que uma intuição. Ele usou seus poderes para enxergar a mente daquelas pessoas. — Eu queria saber o que eles estavam pensando.

Definitivamente tinha algo ali, mas eles conseguiram esconder. Era quase como se não *quisessem* pensar nisso. Como se sentissem vergonha demais.

— Vamos esperar que eu descubra — disse o Viajante. — E, se eu descobrir, aviso a vocês.

Ele saiu cerca de uma hora depois para seu encontro com o major. O garoto ainda estava ali,

balançando as pernas, roendo aquele osso. Algo nele me dava nos nervos. Jamie e eu ficamos no barco, esperando que o Viajante retornasse, mas vinte minutos depois não havia sinal dele.

Esperamos até as cinco para as seis. Então Jamie tomou a decisão.

— É melhor a gente ir.

Fomos juntos, tomando o cuidado de fechar a porta principal. Essa é uma coisa

que eu devia

ter mencionado sobre o *Lady Jane*. Ainda que você não soubesse só de olhar, o barco tinha todo tipo de trancas e trincos. Não estou dizendo que fosse impossível invadi-lo, mas demoraria algum tempo e você precisaria de uma marreta ou um pé de cabra de bom tamanho. As gavetas e armários também ficavam trancados. Só faltava um mecanismo de autodestruição para o caso de alguém tentar mexer em alguma coisa — e eu não ficaria surpresa se o Viajante tivesse conseguido armar uma coisa dessas também.

Já estava escurecendo e, sem querer, aceleramos o passo, ficando bem juntos. O canal parecia mais escuro e mais morto do que nunca. O *Lady Jane* estava envolto em sombras. Eu me sentia mais desconfortável a cada passo que dava. Odiava deixá-lo para trás.

Atravessamos a praça com as casas espalhadas à frente e me lembrei da Srta. Keyland dizendo que, antes do terror, algumas pessoas possuíam duas casas — uma em Londres e uma

no campo. Imaginei que esse era exatamente o tipo de lugar aonde elas iriam. Tudo era tão arrumado, tão organizado, que ficava difícil acreditar que qualquer pessoa verdadeiramente do campo morasse ali. Chegamos ao *pub*, que me lembrou um pouco do Cabeça da Rainha, só que menor e mais bonito, com teto de palha e janelas em arco. Tinha porta baixa com uma placa que dizia CUIDADO COM A CABEÇA, e ao lado, em giz, uma única palavra — AI! O *pub* se chamava Taverna do Ponche. Uma placa do lado de fora mostrava um cavalo puxando um arado. Alguém estava tocando violino. Abrimos a porta e entramos.

Uma lareira estava acesa, o que era agradável, e havia meia dúzia de mesas enfeitadas com

velas, deixando tudo quente e aconchegante. Havia todo tipo de garrafas arrumadas atrás do balcão, mas pude ver imediatamente que todas estavam vazias. Imaginei se os moradores produziam sua própria cerveja como nós fazíamos. Nos últimos tempos, a nossa era feita de nabos, acho. Eu nunca provei, mas George disse que era abominável. Pelo lado positivo, eu podia sentir cheiro de carne assando na cozinha, e devo dizer que me deu água na boca. A comida no *Lady Jane* era incrível, a seu modo. Eu nem sabia direito como ela se

mantinha fresca dentro daquelas latas, mas isso não me impedia de devorá-la. Mas carne quente e fresca era outra coisa. Devia fazer três meses que eu provara um coelho, e tinha sido um bicho magro e duro, e quanto a esquilos... você não quer saber. Esta carne cheirava igual a carne de porco, que para

mim era uma lembrança distante. Eu mal podia esperar.

Todos os moradores estavam ali — afora o major. Nem sinal do Viajante também. O violino

era tocado por um homem ao lado da lareira. Ele não tinha um dos olhos, mas não se incomodava em cobri-lo com um tapa-olho. A órbita era franzida e feia, como uma boca fechada com força.

Todo mundo pareceu satisfeito em nos ver quando entramos. A mulher do prefeito, Dorothy,

nos levou a uma mesa.

— Que bom ver vocês! Deixem que eu faça as apresentações. Estes são Alfie e Amanda Bussel. Angus Withers-Green, que cuida das nossas construções. Tudo estaria desmoronando se

não fosse ele! O Sr. Weeks, que administra o *pub*. Acho que vocês conheceram Cosmo, na eclusa, e esta é a irmã dele, Christabel (era uma garota cerca de dois anos mais nova do que ele, pálida e de aparência faminta, apertando um urso polar de pelúcia). A Sra. Fielding e a Sra.

Hamilton. Os Osmond. — Ela riu. — Tenho certeza de que são nomes demais para absorver de

uma vez. Vou deixar que todos se apresentem. Enquanto isso, gostariam de um suco de laranja?

Eu só bebia suco de laranja em ocasiões especiais — no Natal e no meu aniversário. O dono

do *pub*, o Sr. Weeks, era um homem grande, de rosto redondo, com cabelo preto encaracolado quase explodindo da cabeça. Ele trouxe dois copos e, por mais que o líquido dentro mal fosse laranja, pelo menos tinha um vago cheiro de fruta.

— Aí está, minha cara — disse ele. Em seguida sorriu para mim, mas não de modo particularmente agradável. Seu rosto estava perto demais do meu.

— Obrigada — respondi, recuando.

Ele deu a Jamie um segundo copo, e nós dois ficamos sentados um minuto, sem que ninguém falasse, mas com todo mundo nos olhando. Levei a bebida aos lábios.

Não beba!

Era Jamie, dentro da minha cabeça. Esse poder dele sempre me irritou. Lembrei-me da primeira vez em que isso aconteceu, na igreja, durante a Assembleia. Era como se ele estivesse sussurrando no meu ouvido, mas dentro, e não fora... se é que você entende. Olhei para ele.

Seu rosto não revelava nada, mas de algum modo eu soube que ele parecia diferente, que queria estar em qualquer outro lugar.

Pousei o copo.

— Onde está o nosso amigo? — perguntou Jamie.

— O Sr. Fletcher? — Foi a esposa do major que respondeu. Ela estava tomando um copo de

um líquido escuro que o dono do *pub* tinha acabado de servir. — Está com o Michael. Os dois estão batendo um ótimo papo. É muito raro termos estranhos em Little Moulsford, e queremos

saber tudo sobre vocês: de onde vieram, como conseguiram pôr as mãos naquele ótimo barco.

Mas podemos começar a janta sem eles. Tenho certeza de que logo vão chegar aqui. — Ela baixou o copo. A bebida deixou uma mancha em seus lábios.

— E aqui está! — exclamou alguém.

Uma mulher muito baixa entrou na sala carregando um prato de carne assada com legumes.

Era tão baixa que, por um momento, tive a impressão de que a comida flutuava sozinha. Eu não tinha visto tanta carne desde que havia conseguido matar o cervo na floresta. Parecia pernil cozido, e achei que os moradores criavam porcos... o que nós nunca tínhamos conseguido. Os legumes eram nabos e pastinagas, e não tinha uma quantidade suficiente deles para todo mundo. A mulher pousou o prato com um pequeno grunhido de prazer. O homem do violino

parou de tocar. Todos os outros se inclinaram como se quisessem sentir o aroma da comida.

Não coma nada, Holly.

Eram as últimas palavras que eu queria escutar, e de qualquer modo não escutei de verdade

— de novo elas estavam dentro da minha cabeça e eu soube que o Jamie era o responsável.

Olhei-o, irritada. Sabia que um bocado de coisas não batiam direito em Little Moulsford, mas será que não poderíamos descobri-las depois de comer?

Diga que quer ir ao banheiro.

— Sinto muito — disse eu. — Isso parece absolutamente delicioso, mas acho que preciso usar o toalete.

A esposa do major me olhou com desaprovação. Provavelmente não era educado dizer algo

assim depois de a comida ser servida.

— Não temos toaletes — disse um dos moradores. — Nenhum deles funciona. Você vai ter

de usar a latrina.

— E onde fica a latrina? — perguntei.

— Na outra ponta do estacionamento. Atrás do *pub*.

Diga que você tem medo do escuro.

Era quase demais. Mas eu já investira tudo no Jamie. Desde que o tinha encontrado, permiti

que ele rasgasse minha vida ao meio. Por que deveria parar agora?

— Sei que vai parecer muito idiota — disse. — Mas eu tenho medo do escuro.

E essa foi a deixa do Jamie.

— Tudo bem — disse ele. — Na verdade, eu também preciso ir. Vou com você.

A esposa do major ficou claramente desapontada. Pensou um momento e depois deu de ombros.

— Bom, é melhor irem juntos — disse. E se virou para o garoto. — Cosmo. Vá com eles.

Garanta que não se percam.

Ela não confiava em nós. Cosmo saltou de pé e pegou uma espingarda calibre vinte, que pendurou no ombro. Parecia muito estranho alguém tão novo andar armado, mas Cosmo a segurava como se tivesse nascido com ela. Juntos, nós três saímos. Estava muito mais frio agora que o sol se pusera, mas ainda existia uma claridade no céu, o bastante para enxergarmos.

Cosmo apontou um caminho de cascalho que ia pela lateral do pub.

— É por aqui. — Ele mostrou.

— Nós já fomos na sua frente — disse Jamie. — É melhor correr se não quiser nos perder.

O que ele disse não fazia sentido. Nós não estávamos nos mexendo. Estávamos parados bem

na frente dele. Por um momento, Cosmo pareceu confuso. Mas então assentiu e partiu pelo escuro, desaparecendo de vista, e percebi que aquilo era coisa do Jamie, que de algum modo ele tinha feito Cosmo acreditar no que ele dizia,

mesmo podendo ver claramente que não era verdade. De certa forma, isso me causou um arrepio. Jamie era comum em muitos sentidos.

Quero dizer, ele era só uma pessoa de 15 anos como eu. Mas, ao mesmo tempo, era como uma

espécie de super-homem. Era um dos Cinco. Tinha um poder incrível.

Assim que o garoto sumiu, Jamie começou a ir na direção oposta.

— Fique perto de mim — disse ele. Sua voz era um sussurro, e ele parecia com medo. —

Temos pouco tempo.

— Aonde vamos?

— Preciso mostrar uma coisa. Você não vai gostar. Mas eu tenho de ver...

Rodeamos a lateral da Taverna do Ponche e chegamos a uma janela iluminada por velas do lado de dentro. Percebi que devia ser a cozinha... de onde a carne tinha vindo. Acho que eu sabia o que ia ver. Todos os meus nervos estavam pinicando e havia uma espécie de pavor no fundo do meu estômago. Fomos nas pontas dos pés e olhamos pelo vidro. E ali estava. Nunca vou esquecer.

O cozinheiro vestia avental e chapéu branco. Em Little Moulsford, eles precisavam fazer tudo direito, não é? Aposto que ele lavava as mãos antes de começar a cozinhar. Um pedaço de carne gigantesco estava em cima de uma bancada de madeira diante dele — só que não era carne de

animal. Era um ser humano... ou os restos de um ser humano. Eu podia identificar claramente um braço, um ombro e o pedaço de um tronco, parte dele enrolado em papel-alumínio. Então

era isso que tinham acabado de servir. Era isso que eu quase ia comer. Virei-me e vomitei na grama. Não pude evitar.

Jamie estava com raiva. Ficou com medo de o barulho nos entregar. Mas felizmente o *pub* tinha paredes antigas e vidro grosso. O cozinheiro não me ouviu. Passei a manga da camisa na boca e respirei fundo. Não sabia se quem

estava na bancada era um homem ou uma mulher. Era

horrível demais para pensar. Mas era assim que essas pessoas sobreviviam ali. Eram canibais.

Tinham passado a comer umas às outras.

— Precisamos achar o Viajante — sussurrou Jamie.

— Onde ele está? — Por um momento pavoroso imaginei se não teria acabado de vê-lo, mas

não seria possível. A pessoa morta na cozinha devia ter levado horas para ser preparada, e o Viajante só estava longe alguns minutos.

Jamie olhou para o escuro, como se tentasse ouvir alguma coisa — e de certa forma era exatamente isso que ele estava fazendo. Estava captando pensamentos como se fossem sinais de rádio.

— Há um celeiro...

Corremos naquela direção. Fiquei satisfeita em me distanciar da Taverna do Ponche. Mal podia esperar para ir embora. Mas não iríamos a lugar nenhum sem o Viajante. Não poderíamos

cuidar do barco sem ele e, de qualquer modo, de jeito nenhum iríamos deixá-lo para trás.

Chegamos ao celeiro. Só havia luz suficiente para ver que era pintado de branco, com um laguinho e um poço do lado de fora. O celeiro tinha uma enorme porta de madeira, mas felizmente estava aberta. Entramos.

Havia um lampião a óleo numa mesa e um homem sentado junto dela, num espaço que, afora isso, parecia vazio. Ele estava com um fuzil atravessado no colo e levantou-o no momento em que entramos. Eu me peguei levando a mão à arma ainda enfiada na cintura. Claro, ele teria atirado em nós antes mesmo que eu encontrasse a trava e me lembrasse de como soltá-la, mas

Jamie simplesmente olhou-o e disse:

— Você está muito cansado. Precisa dormir. — E o homem fez exatamente isso, pousando o

fuzil de novo e fechando os olhos.

— Cadê o Viajante? — perguntei.

Jamie olhou ao redor, depois apontou para uma grade no chão.

— Ali embaixo.

A grade era como um alçapão, de metal sólido e parcialmente coberta de palha. Devia dar em algum tipo de depósito subterrâneo. Corremos até lá, mas ela estava trancada com um cadeado grande. Meu coração se encolheu quando vi isso. Quantos outros problemas teríamos de superar? E quanto tempo demoraria antes que o pessoal na Taverna do Ponche percebesse

que tínhamos sumido e viesse atrás de nós?

— Veja se encontra a chave — disse Jamie.

Fui até o guarda, que agora dormia a sono solto com o fuzil nas mãos. Ao mesmo tempo, Jamie se ajoelhava perto da grade.

— Jamie... é você? — A voz estava rouca. Vinha de baixo. Era o Viajante.

— Estamos procurando a chave — disse Jamie.

— Eles me nocautearam. Precisamos sair deste lugar.

— Eu sei.

— Achei! — Eu tinha encontrado uma chave numa corrente no bolso do paletó do guarda.

Peguei-a e joguei para Jamie, que a enfiou no cadeado. Fiquei aliviada quando escutei o estalo e o fecho se abrir. Juntos, levantamos a grade e o Viajante saiu. Ele assentiu, agradecendo, mas pude ver que estava sem graça. Deveria estar cuidando de nós — o Nexo confiara nele — mas

sem nós ele seria carne morta. Literalmente. Virou-se para trás e foi então que vi

outra coisa que fez minha pele se arrepiar.

Ele não estivera sozinho.

Olhando para baixo, vi mais dois homens no buraco sob o celeiro. Os dois estavam nus, de cabeça raspada e com olhos arregalados, vazios. Não sei quanto tempo estariam ali, mas tinham sido enjaulados como animais. Eram só isso para o povo de Little Moulsford. Achei que eles iriam subir, mas simplesmente ficaram parados, olhando-nos, sem dizer nada.

— Não podemos fazer nada — disse o Viajante. — Os dois estão loucos. Deus sabe o que fizeram com eles. — Ele pegou o fuzil com o guarda adormecido. — Tem alguém perto do *Lady Jane*?

— Não que eu tenha visto — disse Jamie. — Mas precisamos nos apressar. Eles já devem estar se perguntando aonde fomos.

Saímos do celeiro. Deixamos o alçapão aberto, para o caso de os coitados que estavam lá embaixo quererem sair.

O Viajante verificou o fuzil. Tinha um pente de munição cheio.

— Eles pegaram minha arma — explicou.

Saquei minha pistola. Quando o Viajante me dera a arma, duvidei que algum dia pudesse usá-

la. Mas se o major Higham ou sua encantadora esposa chegassem perto de mim naquela hora,

eu explodiria a cabeça deles com enorme prazer. Vi que Jamie também estava segurando sua arma. Imaginei se ele poderia mandar todo o povoado simplesmente cair morto, mas não sabia

se era assim que seu poder funcionava e provavelmente não era hora de perguntar.

Corremos pela praça do povoado, de cabeça baixa. Podíamos ver as luzes atrás das janelas da

Taverna do Ponche, mas não parecia ter ninguém por perto. O canal ficava logo adiante — e ali estava o *Lady Jane*, esperando em silêncio, atracado à margem. Agora fiquei duplamente feliz porque passamos pelas eclusas. Abrir e fechar comportas no escuro seria impossível.

Jamie estava com a chave da porta do barco. Pegou-a e entregou ao Viajante.

— Assim que eu ligar o motor, eles vão escutar — avisou o Viajante. — Estejam preparados

com suas armas.

— Eles podem nos seguir? — perguntei.

Provavelmente era uma pergunta idiota, e não tive resposta, porque nesse momento o lugar

inteiro se iluminou. Não os tínhamos visto no escuro e nunca vou saber por que não ouvimos.

Talvez porque estivessem estacionados à distância, do outro lado das eclusas.

Havia um círculo de carros da polícia. Os faróis estavam ligados e apontados para nós, cercando-nos, ofuscando-nos. Enquanto eu olhava — completamente chocada — uma mulher avançou, atravessando o canal e continuando até onde estávamos. A princípio ficou em silhueta contra a luz, e eu só podia ver o cabelo comprido e a capa balançando em volta das pernas. Mas então ela chegou até nós e eu reconheci a mulher que saíra do helicóptero e dera ordens para matarem primeiro a Srta. Keyland e depois todo mundo no nosso povoado.

— Ora, ora, ora — disse ela. — Um barco de canal. Quem imaginaria?

Jamie abriu a boca para falar, e eu soube que ele ia usar seu poder para fazê-la ir embora.

Mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, ela o acertou com o punho. Era

surpreendentemente forte. Jamie foi derrubado e ficou tonto. Ao mesmo tempo, um monte de

policiais se aproximou. Todos carregavam armas. Eram mais de uma dúzia. Não tínhamos para onde fugir.

— Matem o homem e a garota — disse a mulher. — E vamos levar o garoto.

Eu continuava sem enxergar. A luz dançava nos meus olhos. O Viajante estendeu a mão e me

segurou, e, juntos, esperamos o fim.

TRINTA E OITO

Houve uma explosão de tiros, mil balas disparando ao mesmo tempo, mas não era a polícia atirando contra nós. Os tiros vinham de trás, e, quando me virei, vi o pessoal da Taverna do Ponche, uma linha inteira, disparando contra a polícia. Finalmente deduziram que tínhamos fugido e saíram de mansinho para a noite, carregando as armas que deviam ter apanhado nas casas. Não sei por que escolheram a polícia como alvo em vez de nós. Talvez estivessem se protegendo. Afinal de contas, a polícia destruíra completamente meu povoado e talvez a notícia tivesse corrido. Por outro lado, como o major e seus amigos eram horríveis e doentios, podia ser que vissem um ano inteiro de suprimento de carne de primeira dentro daqueles uniformes azuis.

De qualquer modo, tinham decidido que a polícia era o inimigo principal, por isso estavam atacando-a primeiro.

Os policiais não tiveram tempo de reagir. Estavam apontando as armas para nós e não tinham visto as figuras saindo da penumbra. Um bando de moradores atirava contra eles simultaneamente e pelo menos metade dos policiais foi derrubada na primeira onda. Ao mesmo

tempo, os faróis estavam se apagando, um a um, enquanto eram acertados, o que foi bom para

nós porque a escuridão seria a única coisa que teríamos a nosso favor. Olhei para Jamie, ainda deitado na grama, meio escondido na sombra e até certo ponto fora do perigo. Talvez ele estivesse fazendo todo mundo atirar na direção errada porque, milagrosamente, nem o Viajante nem eu fomos mortos.

Pelo menos por enquanto.

— Abaixe-se, Holly! — gritou o Viajante, e apesar de eu mal ter ouvido suas palavras acima

dos estrondos dos tiros, me joguei de barriga no chão ao mesmo tempo em que as balas passavam por cima da minha cabeça. Tive sorte. Existia uma vala no chão, com poucos centímetros de profundidade, mas as laterais me deram um pouco de cobertura. Os moradores

do povoado continuavam atirando nos policiais, que continuavam caindo, mas então o Viajante girou com sua arma e começou a disparar também. Vi o homem chamado Withers-Green (“que

cuida das nossas construções”) se dobrar ao meio, segurando a barriga, e pensei: ele não vai construir mais nada. O major Higham reaparecera também. Ele começou a gritar alguma coisa,

mas de repente a parte de baixo de seu rosto desapareceu, transformando-se num borrão vermelho. Mais luzes se apagaram. Alguns policiais estavam atirando de volta. Outros três moradores morreram.

Balas à nossa frente. Balas atrás. Era como estar no meio de uma guerra. Eu só podia ficar ali deitada, grudada no chão. Ainda segurava a arma, porém estava apavorada demais para usá-la.

E de qualquer modo não saberia contra quem mirar.

Os policiais não estavam atirando em nós porque tinham medo de acertar o Jamie, e a mulher de cabelos ruivos tinha dito que ele precisava ser apanhado vivo. Os moradores estavam nos ignorando porque precisavam se defender da polícia. Apanhada entre os dois, consegui me

arrastar até Jamie e sacudir o braço dele, tentando acordá-lo. Isso não poderia continuar por muito mais tempo. Se quiséssemos alguma chance de chegar ao *Lady Jane*, precisaríamos da ajuda dele.

O Viajante deu mais alguns tiros e depois se sacudiu de lado; eu vi o choque e a dor em seu

rosto. Fora ferido — eu não sabia se era muito sério. Era impossível dizer quantos moradores e quantos policiais tinham morrido — e nem mesmo quem

estava vencendo. Só restava um farol

aceso e, quando segurei o Jamie, houve um tilintar de vidros e esse farol também se apagou. Só tive tempo de ver os olhos de Jamie se abrirem.

— Você precisa fazer eles pararem! — gritei.

— O quê...? — Ele continuava atordoado.

— Eles estão matando uns aos outros e, se não fizermos eles pararem, vão matar a gente também!

— Cadê o Viajante?

— Estou aqui! — Ele ainda estava vivo, mas não atirava mais. Ou sentia muita dor ou tinha

ficado sem balas.

Jamie sentou-se.

Era a pior coisa que poderia ter feito. Ele tinha se protegido, pelo menos em parte, pela dobra no terreno, mas agora estava se tornando deliberadamente um alvo. As balas continuavam voando em todas as direções, mas agora em menor número, pois haviam

acontecido muitas baixas. E a escuridão era completa. A policial queria Jamie vivo, mas ele poderia facilmente ser atingido por acidente.

— Nós não estamos aqui! — gritou ele. — Nunca estivemos aqui.

De novo percebi que Jamie estava usando seu poder — e de um modo mais extraordinário do

que tudo que eu já testemunhara. Jamie podia controlar uma pessoa. Tinha mandado Cosmo sozinho para a latrina. Mas agora estava empurrando os pensamentos para todas elas, interrompendo uma batalha sangrenta para plantar a mentira na cabeça delas. Imaginei se isso poderia dar certo. Ainda devia haver doze pessoas vivas ou mais... de ambos os lados. Será que ele poderia enganar todas ao mesmo tempo?

Era hora de descobrir.

— Vamos para o barco — disse Jamie.

Arrastamo-nos pelo chão na direção do canal, indo diagonalmente para longe da linha de fogo. O Viajante nos acompanhou. Eu ainda não sabia se ele fora muito ferido. Estava muito, muito escuro. O *Lady Jane* era pouco mais do que um tom de preto diante de outro, e as únicas luzes eram os clarões vermelhos saindo das armas enquanto o tiroteio continuava. Chegamos ao barco. Jamie me entregou a chave e eu abri a porta. As pessoas de Little Moulsford ainda não tinham tentado invadi-lo à força. Deviam estar deixando isso para o dia seguinte. Nós três entramos a bordo. A chave da ignição estava escondida numa prateleira lá dentro. Encontrei-a e entreguei ao Viajante.

Ele se virou para Jamie.

— Podemos dar partida no motor? Eles vão escutar?

Jamie olhou para trás. O tiroteio ficou muito esporádico. Alguém, uma mulher, estava gritando de dor. Acho que era a mulher do major.

— Vão, mas não vão se importar. Eles se esqueceram de nós. Mas você tem de ser rápido.

Isso não vai durar muito.

O Viajante deu a partida no motor. Nossa lâmpada rompeu a escuridão, iluminando a água à

frente. Eu queria entrar na cabine, encontrar minha cama e me esconder nela — mas me obriguei a voltar à margem, desamarrar as cordas e jogá-las no barco. O Viajante apertou o acelerador e, enquanto o *Lady Jane* se afastava, pulei a bordo. O barulho do motor abafou um pouco o tiroteio, e mesmo assim eu não conseguia acreditar que eles não ouviriam, que não iriam atrás de nós. Mas se nunca havíamos estado lá, como Jamie tinha dito isso a eles, como podíamos estar indo embora?

O canal fez uma curva e de repente deixamos Little Moulsford para trás. Jamie pilotava. O

Viajante estava sentado frouxo no convés, segurando o ombro com dor. Mas eu sabia que ainda

não tínhamos escapado.

— Quanto tempo até eles perceberem? — perguntei.

— Não sei — respondeu Jamie. — Nunca fiz nada assim. Se fosse uma pessoa só, seria mais

fácil. — Ele deu de ombros. — Talvez uma hora. Talvez duas. É melhor você cuidar do Viajante.

— Eu estou bem.

Encontrei uma lanterna e apontei para ele. Ele não estava bem. Tinha sido ferido no ombro, e o sangue se espalhava pela camisa.

— O que eu posso fazer? — perguntei.

— Pegue um pano e um pouco d'água. — Ele devia ter ouvido o pânico na minha voz. —

Sério, Holly. Não é tão ruim.

Corri para a cozinha e fiz o que ele pediu. Ele derramou água no pano e apertou no ferimento, depois bebeu o resto. Por fim, olhou na direção de onde tínhamos vindo. Agora não havia absolutamente nenhum som, ainda que a luta provavelmente continuasse. Era assim no canal: a gente só precisava percorrer uma curta distância e ficava num mundo totalmente diferente.

— Como você acha que eles nos encontraram? — perguntei.

— A polícia? Quem sabe? Talvez tenha sido um dos moradores do povoado. Ou os soldados-

moscas. Ou eles podem ter deduzido que a gente tinha um barco.

— Eles virão atrás de nós, não é?

O Viajante assentiu.

— Jamie ganhou tempo para nós e tirou a gente de lá. Mas cedo ou tarde eles virão atrás. —

Ele se obrigou a ficar de pé. — Vou contatar o Nexo e dizer para estarem preparados para nós.

— Contatar?

— Eu tenho um rádio, Holly. Eles já sabem que estamos indo.

— Qual é a distância? — perguntou Jamie.

— Cinco ou seis horas. Se pudermos chegar ao túnel Sheerwall, estaremos em segurança.

Ainda tenho umas duas surpresas na manga. — Ele foi para a cozinha e eu quis ir atrás. Nunca tinha visto um rádio funcionando. Achava que a tecnologia desaparecera anos antes. Mas fiquei com Jamie.

— Cinco ou seis horas — murmurei.

— Se tivermos sorte...

Nossa lâmpada mostrava o caminho. A escuridão pressionava ao redor.

A noite parecia interminável. O canal continuou em linha totalmente reta, mantendo-nos sem termos onde nos esconder. Não podíamos virar à esquerda ou à direita. Não podíamos dar marcha a ré sem um monte de manobras. Peguei-me olhando para o pequeno círculo de luz deslizando sobre a água oleosa, desejando que pudéssemos ir mais depressa, imaginando quem

mais poderia vê-lo. O tempo todo imaginava alguém saltando do escuro. Não seria difícil, porque o canal tinha ficado tão estreito que nunca estávamos longe da margem. Seria um dos policiais ou talvez a Sra. Higham e alguns de seus amigos canibais, tentando nos agarrar com unhas e dentes e mostrando os olhos injetados? Eu nem sabia qual das duas possibilidades seria pior.

Tinha minha arma e estava mantendo-a perto. O Viajante também estava no convés de popa.

Ele ainda podia estar com uma bala no corpo, mas tinha feito um curativo, tomado alguma coisa

— comprimidos ou álcool — e, se estava sentindo dor, fazia o máximo para não demonstrar. Ele segurava um fuzil automático, e eu me perguntei quantas armas a mais estariam escondidas no

Lady Jane. Ele dissera que tinha uma ou duas surpresas de reserva. Eu esperava que fosse uma caixa de granadas de mão ou, melhor ainda, um sistema de mísseis teleguiados de longo alcance.

E assim estávamos ali, nós três, deslizando pela noite como estátuas ou fantasmas de pé.

Havia esfriado bastante. Nossa respiração estava formando névoa... eu podia ver a minha contra a luz refletida. Alguns fiapos de neblina se estendiam sobre a água, e os galhos das árvores pareciam feitos de aço. De um modo estranho, era o silêncio que mais me apavorava. Claro que havia o barulho do motor embaixo dos nossos pés, o único som constante, viajando conosco.

Mas ao mesmo tempo eu tinha consciência do campo vasto, vazio, das leves sombras de arbustos e árvores ficando para trás. Era como estar presa num pesadelo, incapaz de acordar.

Não falávamos. Apesar de estarmos com frio, nenhum de nós foi para a cozinha fazer uma bebida quente, como se não conseguíssemos sair do convés. Eu queria perguntar muitas coisas.

O que havia de tão importante no túnel Sheerwall? Tínhamos combustível suficiente para chegar lá? Havia mais eclusas no caminho? Mas fiquei de boca fechada. Descobriria logo.

E, muito lentamente, a noite se esvaiu e o amanhecer chegou, com riscas de cinza tinha claro se espalhando no céu. Será que eu havia dormido em pé? A paisagem tinha mudado completamente. Estávamos na borda de uma cidade. Existiam construções a toda volta, restos de fábricas com chaminés e áreas de carga e descarga. Pude ver imediatamente que estavam desertas. As portas pendiam escancaradas, mostrando os interiores úmidos. A maioria das janelas estava despedaçada. O entulho se espalhava em toda parte: pedaços de máquinas antigas, tanques de óleo, pneus e caçambas de lixo caídas de lado. O terreno

subia à nossa frente, e pude ver casas, espremidas como alguns chalés do meu povoado, compartilhando um

portão na frente. Mas havia fileiras e fileiras delas, mais casas do que eu tinha visto em toda a vida. Tive a sensação de que todas estavam vazias. Não sei por quê. Acho que podia ter gente dentro, dormindo, mas elas simplesmente pareciam desertas.

— Estamos a menos de um quilômetro e meio — disse o Viajante. Ele parecia exausto. O

sangramento parara, mas ele ficara acordado a noite toda, envolto em dor.

— Quão menos? — Jamie ainda estava pilotando. Não sei como arranjava forças. Ele também

não dormira.

— O Nexo vai estar esperando por nós. Eles sabem que estamos aqui.

Eles sabem que estamos aqui.

Nem bem as palavras saíram da sua boca e eu os vi. Três helicópteros da polícia vinham para

nós, saindo de um céu que tinha passado de cinza a branco. Voavam em formação de flecha, ainda a alguma distância, mas se aproximando tão depressa que, quando olhei pela segunda vez, pareciam ter dobrado de tamanho. Ao mesmo tempo, Jamie gritou e apontou à frente. Segui seu dedo até um trecho de terreno aberto do outro lado das casas. A princípio achei que estivesse chovendo. Milhares de objetos pretos e minúsculos pareciam cair no chão. Mas então percebi que, antes de baterem no solo, eles diminuíam a velocidade. Na verdade, estavam controlando a descida. Eram coisas vivas.

Moscas. Um enxame gigantesco voava para baixo, e enquanto eu olhava, aquilo começou a

se formar, como fumaça preta, com pedaços se separando e assumindo a forma de homens a cavalo. Eu nunca tinha visto nada igual. Era como cera preta sendo derramada num molde. As figuras separadas se formavam diante dos meus

olhos. Num minuto estariam completas e cavalgariam, passando pelas ruas e descendo o morro até o canal.

Mas ali estava o túnel! Bem à nossa frente, uma entrada circular com uma passagem escura

levando para dentro do morro, por baixo das casas. De repente o *Lady Jane*, que nos carregou com firmeza durante a noite, parecia ter diminuído a velocidade até se arrastar. Os helicópteros chegavam cada vez mais perto. Eu podia ouvir o zumbido das pás. Os cavaleiros estavam quase

completos. Estávamos presos entre eles e, não importando o quanto eu olhasse, o túnel se recusava a ficar mais próximo.

— Vamos conseguir. Vamos conseguir. — Por um breve instante eu não soube quem estava

falando, então percebi que era eu.

Mas eu estaria certa? E que diferença faria, afinal? De repente vi que colocar qualquer fé no túnel Sheerwall era perda de tempo. Ele tinha apenas uns vinte metros de comprimento. Eu podia ver o círculo de luz do outro lado. Os helicópteros podiam simplesmente parar junto ao canal e esperar nossa saída. Ou as moscas podiam se separar de novo e ir atrás de nós. Mesmo que o Viajante parasse o motor bem no meio, não poderíamos nos esconder ali para sempre. Por que ele nos trouxera para cá?

Os helicópteros voavam acima, tão perto que eu podia ver os parafusos embaixo da cabine, e

o grito dos rotores e o sopro de ar quase me derrubaram do barco. Havia uma área plana junto à fábrica — talvez tivesse sido um estacionamento — e um depois do outro eles pousaram, balançando-se brevemente no ar antes de tocar o chão. Quase imediatamente as portas se abriram e homens uniformizados saíram correndo — eram tantos que me perguntei como todos

couberam ali. Nem todos eram homens. A mulher que os comandava também estava ali, com o

cabelo ruivo balançando loucamente em volta do rosto. Enquanto isso os

soldados-moscas ficaram prontos. Estavam mais longe, mas começaram a galopar, seguindo a rua que iria trazê-

los por entre as fileiras de casas até o caminho do canal.

O túnel se abria à nossa frente. Jamie estava absolutamente imóvel, uma das mãos no timão

e a outra segurando o acelerador como se pudesse obrigar o *Lady Jane* a ir mais depressa. O

Viajante levantou a arma e disparou vários tiros, apontando para os policiais. Vi um homem cair, mas eles continuaram avançando sem hesitar. Já haviam deixado que escapássemos por entre seus dedos duas vezes. Não importava quantos morressem. Não deixariam isso acontecer pela terceira vez.

Alguém disparou um tiro e o corrimão ao meu lado se partiu, com lascas de madeira voando.

— Abaixe-se, Holly!

Era o Viajante gritando comigo, e eu vi que um dos policiais estava apontando para mim e tinha chegado a centímetros de me matar. Como eu podia ser tão lenta e inútil? Agachei-me e

disparei seis tiros contra o helicóptero, com a arma dando coices na minha mão. Senti o cheiro de pólvora subindo pelas narinas, mas não sei se acertei alguém. Os policiais atiraram de volta.

Mas de novo deviam ter recebido ordem de não acertar Jamie e agora eu estava tão perto dele

que fiquei mais ou menos em segurança. As balas batiam na lateral do *Lady Jane*. Duas janelas se despedaçaram.

Olhei para cima. Um soldado-mosca estava bem acima de nós, sobre a entrada do túnel. Ele

recuou o braço com uma lança. E assim como o soldado, a lança era feita de moscas. Juro que

eu podia ouvi-la zumbindo e imaginei brevemente como seria ser atingida por ela, sentir aquilo passar através de mim. Porque ele estava apontando para mim. Não tinha dúvida. Será que as moscas iriam se separar de novo quando estivessem no meu sangue? Iriam me destruir de dentro para fora? Gritei, mas nesse momento exato mergulhamos no túnel e um grande tubo de

escuridão e umidade deslizou sobre nós, deixando os policiais e soldados-moscas de fora. Ali não havia caminho de sirga. Os policiais não poderiam nos seguir a não ser que decidissem nadar, e ainda que os insetos pudessem se separar de novo e voar atrás de nós, talvez a escuridão e o espaço confinado os impedissem.

Não que isso importasse. Poderíamos parar e tentar nos esconder no túnel. Ou poderíamos ir

em frente, e nesse caso estaríamos do outro lado em cerca de um minuto. Esse era o tempo que tínhamos para respirar. A polícia já estaria indo cortar nosso caminho. Tínhamos chegado tão longe! Tínhamos conseguido escapar de Little Moulsford e viajado por toda a noite. Mas tudo fora em vão.

E então vi que o Viajante já estava em movimento. Foi até Jamie e puxou o acelerador para

cima, reduzindo a velocidade para a metade. Em seguida, abriu um painel ao lado do timão. Eu nem o havia notado antes. Dentro tinha um mostrador e um botão vermelho.

— Precisamos agir depressa! — gritou ele. — Deixem tudo para trás. Vão para a frente do barco. Subam no teto.

— E o timão? — perguntou Jamie.

— Tudo bem. Está travado. — O Viajante girou o mostrador e apertou o botão vermelho.

Imediatamente uma luz começou a piscar dentro do barco. Eu me perguntei o que ele teria feito.

Seria uma arma secreta, a surpresa da qual falara? — Andem! — gritou ele de novo. —

Precisamos ir para o teto!

O barco continuava se movendo — mas com metade da velocidade, por isso tínhamos um pouco mais de tempo. Ninguém nos seguira para dentro do túnel. Tudo estava preto e branco,

preto e branco, por isso eu podia ao menos ver ligeiramente o que fazíamos. Largamos as armas, corremos pela cozinha e pela área de dormir e subimos. O Viajante foi na frente, depois Jamie e, em seguida, eu, e ali estávamos de pé, sem nos mexermos, mas ainda deslizando para a frente com o teto curvo do túnel tão perto da cabeça que podíamos levantar a mão e tocá-lo. Eu sentia a umidade pingando no pescoço. Fazia muito frio no túnel. Já estávamos na metade do caminho.

— Há uma escada! — gritou o viajante. — Segurem-na e se pendurem. Eu vou primeiro. Me

sigam!

Vi quase imediatamente. Ela estava presa no teto, passando horizontalmente sobre a água.

Só precisávamos agarrá-la e esperar enquanto o topo do barco se movia sob nossos pés.

Enquanto o *Lady Jane* continuava, com o timão travado, em velocidade constante, ficaríamos pendurados na escuridão. Era essa a grande ideia? Deveríamos ficar ali pendurados até que todo mundo fosse embora?

Transferi o peso para as mãos e os braços e comecei a andar ao longo do teto do barco, permanecendo no mesmo lugar. E logo o *Lady Jane* tinha ido embora. Meus pés bateram na borda e de repente eu estava pendurada, tendo apenas a água escura embaixo. Os outros estavam na minha frente, e eu me perguntei como o Viajante arranjava forças para se pendurar depois de tudo que havia passado.

Mas ele estava seriamente decidido.

— Por aqui! — gritou ele. Estava de costas para mim, claro, mas eu o vi se balançar para a

frente, indo de um degrau para o outro. Isso me lembrou de quando eu era pequena, no parquinho do meu povoado. Tinha um trepa-trepa no qual eu costumava fazer exatamente isso.

Primeiro o Viajante, depois Jamie, depois eu... fomos pela escada, e o tempo todo o *Lady Jane* ia mais e mais para longe de nós. Achei que ele sairia à luz em uns dez segundos.

E o que a policial faria quando visse que ninguém estava a bordo? Presumiria que tínhamos nos afogado?

— Para cima! — gritou o Viajante.

Eu não sabia o que isso queria dizer, mas enquanto ele falava, eu o vi sumir e percebi que havia um poço vertical dentro do túnel, diretamente acima da cabeça dele. Ele se balançou até a abertura e passou para uma segunda escada, que levava para cima. Jamie fez o mesmo. Num minuto estava na minha frente, e depois eram só os pés. Depois sumiu por completo. Eu era a

última. De repente estava sozinha no túnel, pendurada com os braços esticados. Vi a segunda escada à frente. Os pés de Jamie estavam acima da minha cabeça. Mas eu não podia segui-lo. O

Lady Jane chegou ao fim do túnel e eu precisava ver o que aconteceria em seguida.

Olhei-o deslizar para a abertura. Dava para ver o timão, o convés onde estivemos, o nome do

barco escrito em letras douradas na popa. Não havia sinal da polícia nem dos soldados-moscas, mas eu podia imaginá-los, esperando para atacar. Agora o barco estava completamente fora do

túnel. Emoldurado por um círculo de luz. Pensei no botão que o Viajante apertou e só então percebi o que iria acontecer.

O *Lady Jane* explodiu. Foi um estrondo enorme, não somente despedaçando-o, mas devorando-o numa bola de fogo vermelha. E, enquanto eu olhava, as chamas correram na minha direção, voltando pelo túnel. Se a bomba tivesse explodido um segundo antes, eu morreria instantaneamente. Tinha cerca de meio

segundo para sair dali. Desesperadamente me joguei na segunda escada e me puxei para cima enquanto um torpedo de ar incandescente passava a toda velocidade. Eu devo ter escapado por alguns centímetros. Senti o calor nas solas dos pés e, olhando para baixo, tudo era de um vermelho denso, brilhante. Olhei para cima e vi o rosto de Jamie, também refletindo o vermelho, olhando horrorizado. Ele já estava subindo e eu fui atrás, colocando o máximo de distância possível entre mim e o inferno lá embaixo.

Dez degraus. Então chegamos a outra abertura e a uma passagem horizontal que levava para

um negrume absoluto. Estávamos acima da água, ainda no subterrâneo. Mas eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

TRINTA E NOVE

— Por aqui.

A voz do Viajante, pouco mais do que um sussurro, saiu da escuridão à frente e eu me arrastei de quatro porque não havia espaço para ficar de pé. Estava num tubo estreito e escuro, enterrado no subsolo, e de repente me peguei à beira do pânico, lutando para respirar. Mas então, a uns dez metros de distância, um quadrado de luz elétrica apareceu e eu percebi que uma porta fora aberta. Uma porta para onde? Não me preocupei. Jamie já estava indo para lá e eu fui atrás.

A porta levava a uma sala quadrada, com uma lâmpada pendurada no teto e paredes de blocos de concreto. Pensei ouvir o zumbido distante de máquinas. Devia haver um gerador alimentando a luz. Jamie e o Viajante estavam sendo recebidos por duas pessoas, um homem e

uma mulher vestindo macacões cinza, ambos com mais de 40 anos. A mulher tinha cabelo claro

preso num coque. Seu rosto estava cheio de preocupação enquanto tentava examinar o ferimento do Viajante.

— Você levou um tiro — dizia ela. — Deveria ter nos contado. Temos de levá-lo ao médico.

— Ainda não. — O Viajante balançou a cabeça. — Preciso ver se deu certo.

— Graham... — começou o homem. Ele se parecia tremendamente com o Viajante, com cabelos pretos encaracolados, rosto magro e barba crescida. Como a mulher, era bastante pálido, como dois prisioneiros que não tinham visto muito o sol.

— Estou bem, Will. Sério, estou. — Os dois ficaram parados, se entreolhando por um momento, depois se abraçaram de repente, e nesse momento adivinhei que eram na verdade irmãos, que Will fazia parte da família que o Viajante mencionara, e que os dois não se viam nem se falavam por muito tempo. — É bom ver você.

— Senti sua falta.

— Você está bem?

— Estou.

Eles se separaram. O Viajante sinalizou para nós dois.

— Este é o Jamie. E Holly, que estava cuidando dele. Mais tarde conto sobre isso. Mas agora

quero entrar...

Havia uma segunda porta na sala. Nesse momento eu queria fazer um milhão de perguntas,

começando com quem eram aquelas duas pessoas, o que era esse lugar e o que estávamos

fazendo ali. Mas eu podia deduzir uma parte. Os policiais teriam visto o *Lady Jane* explodir e eu esperava que eles presumissem que ainda estávamos a bordo, que tínhamos nos matado para não cair nas mãos deles. Olhariam dentro do túnel, mas talvez não notassem uma escada no teto, e certamente nunca suspeitariam que pessoas esperavam para nos receber. Pelo menos era o que eu desejava.

Seguimos por um corredor comprido com paredes de concreto e, de algum modo, tive a sensação de que estávamos sendo levados cada vez mais para dentro do morro. Podia sentir o peso da rocha pressionando. Em seguida, havia

outra porta — toda a luz vinha dali — e, quando virei a esquina, congelei. Fiquei parada, boquiaberta de espanto.

Estávamos numa alta plataforma de metal acima de um salão gigantesco com pelo menos vinte pessoas olhando para nós, aplaudindo. Todas vestiam macacões cinza iguais aos das duas pessoas que tinham nos recebido, mas eram de várias idades — desde 20 anos até uns 70.

Estavam cercadas de equipamentos que eu lembrava vagamente da infância, mas que nunca tinha visto funcionando desde então: lâmpadas elétricas, para começar, mas também telas de televisão, computadores e telefones, além de outras máquinas, encostadas nas paredes com fios em toda parte. Até o ar vinha de algum tipo de sistema de ventilação. Não existiam janelas.

A sala era circular, com teto em cúpula. Várias estações de trabalho foram arrumadas em forma de ferradura no meio, e havia uma cozinha de verdade com armários, frigideiras, fogões e uma pia de um lado (será que tinham água corrente de verdade?). Duas mesas de madeira ficavam lado a lado, com cadeiras de plástico de várias cores para as refeições e, a pouca distância, sofás estavam arrumados diante de uma TV de tela grande. Havia plantas e flores em toda parte... em potes, vasos e jardineiras de cerâmica. Talvez isso os fizesse sentir-se em casa.

Porque sem dúvida era ali que trabalhavam, comiam e descansavam. Notei mais portas, que presumivelmente levavam para os lugares onde eles dormiam.

Ainda estavam aplaudindo — mas aquilo não era para mim, claro. Era Jamie que eles esperavam e o Viajante o trouxera. Eles eram os dois heróis. Eu só era alguém que tinha pegado carona. Mas mesmo assim não podia deixar de sorrir. Eles estavam muito felizes em nos ver e, no fim das contas, se eu não tivesse defendido o Jamie no povoado, ele talvez nunca tivesse chegado aqui. E ainda que o Viajante tivesse pensado em me deixar para trás, eu também fazia parte da aventura.

O Viajante levantou a mão. Os aplausos acabaram.

— Amigos! — exclamou ele. — Faz muito tempo que não vejo vocês. Nem acredito que voltei. Estou feliz demais em vê-los... especialmente Sophie e Will. — Ele assentiu para o homem que, eu tinha certeza, era seu irmão. — Mas o principal é que todo o nosso trabalho, tudo que sofremos, não foi em vão.

Encontrei o povoado e a porta, e finalmente ela se abriu e um dos Cinco passou. Este á Jamie Tyler. Se ainda resta alguma esperança no mundo, está com ele.

Jaime chegou, e podemos ajudá-lo a derrotar os Antigos e dar uma segunda chance à humanidade.

Com isso, todos começaram a aplaudir de novo. Se eu fosse o Jamie, não saberia se faria uma reverência ou um discurso ou se acenaria ou outra coisa. Mas ele simplesmente ficou parado, como se esperasse esse tipo de recepção, e me pareceu que, de algum modo, eu estava

vendo-o pela primeira vez. Ele não era só uma pessoa de 15 anos como eu. Era um Guardião.

Estava ali para salvar o mundo.

O Viajante devia ter decidido que isso já estava se alongando demais, porque de repente estava descendo a escada em direção à estação de trabalho mais próxima, onde um monitor de

TV tremeluzia com uma imagem em preto e branco. Jamie e eu fomos atrás. Havia uma moça ali, só uns anos mais velha do que eu. Ela era bem pequena, com o cabelo raspado.

— Como vai, Linda? — perguntou o Viajante. — Quase não reconheci você. Você tinha só 12

anos quando fui embora. — O olhar dele saltou para a tela. — Deu certo?

Ela confirmou com a cabeça.

— Acho que sim. Eles entraram na água, mas estão procurando no lugar errado.

Olhei para a televisão, fascinada ao ver o canal lá fora e as figuras em movimento. Na última vez em que eu tinha visto uma TV, estava com 6 anos, e isso havia sido muito tempo atrás.

Devia haver câmeras escondidas perto do canal, porque podíamos ver tudo. Os soldados-moscas

pareciam ter ido embora, mas os policiais continuavam ali, parados na margem do outro lado do túnel ou vadeando na água. A imagem mudou e eu vi o que restava do *Lady Jane*. Só a parte da frente permanecia inteira, e a fumaça continuava saindo. O resto estava flutuando ou espalhado no chão. A imagem mudou de novo e eu vi a policial de casaco comprido, pensativa com o cotovelo apoiado na mão. À sua frente, outro policial estava entrando no canal.

— Eles vão voltar para dentro do túnel — disse Jamie. — O que acontece se encontrarem a

escada?

— Não há nada de incomum numa escada presa ao teto — respondeu o Viajante. — Quando

os canais foram construídos, não existiam motores, e os cavalos que puxavam as barcaças não podiam passar pelos túneis. Por isso, a tripulação se deitava de costas no teto do barco e usava os pés para impeli-los adiante.

— E o poço?

— Já está trancado. — disse Linda, a garota. Ela indicou um conjunto de controles à sua frente. — Assim que vocês subiram, um painel deslizou atrás. A segunda porta também está trancada. Mesmo que eles iluminem todo o túnel, não verão nada.

— Vocês sabiam que nós estávamos chegando — falei.

— Nós estávamos vigiando vocês nos últimos quilômetros.

Vigiando? Como? Devia haver mais câmeras escondidas no caminho.

— Por que não foram ajudar quando estávamos sendo perseguidos? — perguntei.

— Posso explicar isso, Holly.

Outra mulher apareceu, mais velha, de cabelo branco, segurando uma bengala fina. Seus olhos estavam cobertos por óculos escuros e, como eu nunca havia conhecido ninguém cego, demorei alguns segundos para perceber que ela era

exatamente isso.

Ao meu lado, Jamie levou um susto.

— Srta. Ashwood! — exclamou ele.

— Jamie...

— Vocês se conhecem? — perguntei.

— Nós nos encontramos uma vez, há dez anos. — A cega sorriu. — Pelo menos foram dez

anos para mim. Acho que estamos em segurança. A polícia não vai encontrar nada, e vão presumir que vocês morreram no barco. Não se preocupem. Vamos ficar de olho nas coisas. O

importante agora é vocês tomarem café da manhã. Vocês precisam tomar um banho, trocar de

roupa e dormir um pouco. Depois poderemos conversar.

— Srta. Ashwood... — Jamie não queria se mexer. — Que lugar é esse? É o Nexo? Vocês fizeram mesmo tudo isso por mim?

— Fizemos, Jamie. Esperamos você por um tempo tremendamente longo, de modo que mais

algumas horas não farão mal. Coma alguma coisa e descanse um pouco. Isso ainda não acabou.

— Ela se virou e foi andando, batendo com a bengala no piso de concreto.

— Alguma coisa para comer — falei. — Parece boa ideia. — Bocejei. — E uma cama. E um

chuveiro. Não me importa o que vier primeiro.

As próximas 12 horas estiveram entre as melhores da minha vida. Primeiro nós comemos...

comida de verdade. Carne e legumes frescos, depois pudim de chocolate e creme. Chocolate!

Para mim era apenas uma memória distante, mas simplesmente sentir o cheiro daquela coisa marrom na minha tigela foi como abrir um baú de tesouro. Acho que nunca tinha me sentido farta antes. Cada refeição no povoado só me provocava, me deixando quase com tanta fome como na hora em havia me sentado. Mas estava completamente estufada quando fui para o alojamento, onde um quarto havia sido preparado especialmente para mim.

Eu tinha uma cama com lençóis limpos e um travesseiro decente. Mas primeiro veio o luxo total de um chuveiro morno. Não quente, mas também não totalmente gelado — e

suficientemente forte para cobrir a cabeça e os ombros sem que eu precisasse me mexer. Até forneceram xampu, que era de uma linda cor dourada e cheirava a maçã. Meu quarto era pequeno e simples. Não tinha janela — mas isso não importava. Dormi em menos de cinco segundos e se passaram mais nove horas antes que eu acordasse.

Jamie ficou no quarto ao lado — notei que era idêntico ao meu — e naquela noite (se é que

era noite... estava difícil dizer) jantamos juntos na sala principal com as outras pessoas do Nexo, que pareciam legais e normais, ainda que todos se vestissem do mesmo modo. Claro, não havia

nada de normal naquele complexo subterrâneo, mas depois de Little Moulsford era bom ser apresentada a pessoas que sorriam, conversavam e não ficavam encarando como se

imaginassem a gente sendo servida como o assado do domingo.

Então o Viajante apareceu, não só de banho tomado, mas barbeado pela primeira vez, o que

o fazia parecer dez anos mais novo. Como todos nós, vestia um macacão cinza, e tinha o braço numa tipoia. Dava para ver bandagens limpas enroladas no ombro, por isso achei que deviam ter tirado a bala e dado analgésicos ou alguma coisa assim, porque ele parecia completamente revigorado.

Eu ainda não sabia muita coisa sobre os outros membros do Nexo. Tínhamos comido com Will e Sophie, que quiseram saber tudo sobre o fim do povoado e nossa fuga pelo canal, mas, de modo irritante, contaram muito pouco sobre eles próprios. Talvez tivessem sido instruídos a não contar. Will admitiu que era irmão do Viajante, dois anos mais velho — de modo que pelo menos nisso eu estivera certa. Sophie era só uma amiga, apesar de íntima. Para ela também não devia ter sido fácil ficar longe dele todo esse tempo.

O Viajante nos levou para fora da área de jantar, e passamos por uma porta perto da cozinha. Ela dava numa sala de reuniões com uma mesa de vidro, cadeiras de couro confortáveis e mapas do Reino Unido presos nas paredes. Susan Ashwood estava esperando por nós. Sophie

e Will tinham vindo também, de modo que éramos seis sentados com a porta fechada naquele

espaço privado.

— Tenho certeza que vocês têm muitas perguntas — disse o Viajante. — Por isso vou começar respondendo algumas. Jamie... você conheceu Susan Ashwood logo antes de ir para Hong Kong. Ela está no comando aqui. Pode dizer que ela é nossa chefe. Foi ela que me mandou ao povoado para encontrar você, apesar de eu não ter ideia de como ela sabia que você iria aparecer. Isso não importa. O importante é que você está em segurança. E, para o caso de estar se perguntando, você está a uns 15 quilômetros da igreja de St. Meredith, ao norte de Londres.

A Srta. Ashwood vai contar o resto. Então precisaremos decidir o que vamos fazer.

A mulher estivera esperando sua vez de falar. Era interessante como os três pareciam sentir

uma reverência especial por parte dela, mesmo conhecendo-a todo esse tempo. Ninguém a chamava de “Susan”, por exemplo. Era sempre “Srta. Ashwood”. Ela virou a cabeça para falar

diretamente com Jamie.

— Jamie, você sabe que o Nexo só existia para ajudar você e os outros Guardiões —

começou. — Sempre soubemos que o mundo chegaria a esse tempo terrível. Isso foi previsto por José de Córdoba, para começo de conversa. Assim, quando conhecemos vocês em

Farringdon, tantos anos atrás, já havíamos feito preparativos. Tínhamos milhões de libras à disposição. Nossos sócios eram tremendamente ricos... industriais, estadistas. Na verdade, pudemos planejar para o fim do mundo.

“Construímos casulos de sobrevivência. Estamos num deles agora. Você pode achar isso uma

atitude extrema, mas deixe-me garantir que nos anos 1960, quando eu era uma menina, havia

muitos lugares assim. O mundo tinha medo da guerra nuclear, e o governo britânico construiu uma série de *bunkers* no subsolo. Este era um deles. Nós o compramos e adaptamos para nossas necessidades. Havia outros seis casulos. O de Tóquio foi destruído e o de Istambul foi descoberto pelos Antigos e invadido. Mas o Nexo ainda tem pessoas ao redor do mundo. Mandamos agentes a Meca, Buenos Aires, Cairo e Delhi. Foi uma sorte Matt e Richard Cole terem nos trazido uma cópia do diário do monge. Isso nos revelou a localização de muitas portas, e tentamos manter uma presença perto de cada uma delas. Além disso, temos aviões. Temos comida e armas. Estamos aqui para servir você.

“Eu me encontrei com você pela última vez há dez anos, quando você e Matthew Freeman

partiram para Hong Kong. Pouco depois disso, boa parte de Hong Kong foi destruída por um tufão, e muitos de nós acreditaram que vocês cinco tinham morrido, particularmente quando não tivemos mais nenhuma notícia. Eu sabia que não. Os espíritos me mantinham informada. O

tempo não existe no mundo dos espíritos. Eles sabiam que vocês tinham sido mandados dez anos à frente e que, se pudéssemos simplesmente sobreviver durante esse tempo, vocês voltariam.”

— Com licença — falei. Eu não queria interromper, mas precisava questionar o que tinha ouvido. — Está dizendo que a senhora fala com fantasmas?

A Srta. Ashwood assentiu ligeiramente, como se a pergunta não tivesse

importância e a resposta fosse completamente óbvia. Em seguida continuou:

— Um ano depois de vocês sumirem, no dia 9 de maio, o Reino Unido sofreu o ataque de uma série de bombas, algumas nucleares, outras bioquímicas. Até hoje não sabemos quem estava por trás dessa atrocidade. Podem ter sido extremistas religiosos. Pode ter sido qualquer um. Para os sobreviventes, não faz muita diferença. O governo foi completamente varrido.

Qualquer forma de infraestrutura desapareceu. Ao mesmo tempo, o mundo estava

experimentando uma série de catástrofes. Enormes erupções vulcânicas no Japão. Enchentes na

Europa e na Austrália. Fome na América. Peste na China. Foi como se os quatro cavaleiros do apocalipse tivessem finalmente chegado, só que eram quatrocentos, cavalgando em disparada.

Fomos abandonados. Ninguém veio nos ajudar.

“Fui trazida para cá por Sir James Tarrant. Talvez você se lembre dele, Jamie. Era o comissário-assistente da polícia de Londres e um homem bom. Morreu há dois anos... ataque cardíaco. Havia meia dúzia quando começamos, mas outras pessoas se juntaram a nós. Com o passar dos anos, tivemos sete baixas, principalmente em expedições na superfície.

“Mantivemos uma longa vigília aqui, vendo os Antigos despedaçarem o que restava do nosso país. De certo modo, tivemos sorte. Começamos com um vasto depósito de provisões e água ilimitada... temos nosso próprio sistema de purificação. Temos combustível e eletricidade.

Podemos cultivar nossa comida tanto no subsolo quanto na superfície. Temos até livros, DVDs e jogos de computador!

“Mesmo assim, não foi fácil. É possível enlouquecer vivendo assim... tantos de nós, obrigados a ficar juntos, enterrados vivos. Mas temos uma causa comum. Muito raramente recebemos notícias dos outros casulos. Precisamos ser cuidadosos porque sempre há a chance de nossos sinais de rádio serem interceptados. Mas, acima de tudo, temos esperança. Sempre soubemos que um dia os Cinco retornariam.

“Há sete anos, quando as coisas começaram a se assentar um pouco, mandei Graham Fletcher procurar a porta que eu sabia que existia na igreja de St. Botholph. Ele tinha tudo de que precisava no *Lady Jane*, e o rio e o sistema de canais permitiriam que ele viajasse sem ser visto. Foi uma coisa enorme que pedimos a ele, mas não havia outro modo. Graham precisava encontrar a porta e esperar que um dos Cinco aparecesse, depois trazê-lo para cá. E teve sucesso. Mesmo ficando separado dos amigos e do irmão por todos esses anos, ele não hesitou.

Temos muito a agradecer.”

— A igreja de St. Meredith ainda está de pé? — perguntou Jamie.

Fiquei pasma com sua confiança. Ele acabou de registrar tudo isso, mas nem piscou. Eu estava pirando e ele permanecia totalmente no controle. Mas, afinal de contas, toda aquela operação, aquelas pessoas, o *bunker* nuclear ou sei lá o que era... tudo isso estava ali para ele.

De modo que talvez fosse natural o Jamie assumir o comando.

— Está — respondeu a Srta. Ashwood. — Mas há uma diferença, Jamie. Os Antigos sabem

sobre ela. Podem até mesmo tê-la deixado intacta de propósito, como uma armadilha para atrair você. Ela parece abandonada, mas mandamos espiões e sabemos que ela fica cercada permanentemente. Há alteradores de forma em Londres... e coisa pior. Eles ficaram esperando sempre, na esperança de vocês emergirem lá vindos de Hong Kong. E certamente estarão esperando por você agora.

— Eles acham que Jamie morreu — disse o Viajante.

— Verdade, Graham. E isso pode nos ajudar. Talvez eles relaxem a guarda. Mas ainda precisamos ter muito cuidado antes de tentarmos entrar. — Ela se virou para Jamie. — As portas não estão funcionando, não é?

— Não — admitiu Jamie. — Mas isso vai mudar. — De repente, ele era o centro das atenções. Era como se a Srta. Ashwood lhe tivesse passado a autoridade. — Matt e os outros estão vivos. Eu estive com eles no mundo de sonho, um lugar aonde a gente vai quando está dormindo. Matt está no Brasil. Na última vez em

que a vi, Scarlett estava indo para Dubai. Ela está com Richard Cole. Pedro está na Itália. E Scott... — Ele hesitou. — Scott já está no Limbo, na Antártica. É onde tudo isso vai terminar. E se vocês têm pessoas prontas para lutar, é para lá que devem ir.

— Nós poderíamos levar você para lá de avião — disse Will. — Os aeroportos de Heathrow e

Gatwick estão fora de uso, mas há uma pista de pouso em Elstree que podemos usar...

— Não. — Jamie balançou a cabeça. — As portas vão se abrir de novo. Matt vai me mandar

um sinal. Preciso chegar à igreja de St. Meredith o quanto antes, e então, quando for a hora, vou me juntar a ele no Limbo.

Ninguém questionou. O que quer que Jamie quisesse, era o que iria acontecer.

— Vocês podem me levar até lá? — perguntou ele.

— Podemos. — A Srta. Ashwood assentiu. — Mas Londres é um lugar terrivelmente

perigoso. Partes da cidade continuam radiativas. E existe um tipo de vírus do qual nós não sabemos nada. As condições mudam diariamente, dependendo do vento. Incrivelmente, ainda existem pessoas morando lá, mas são quase irreconhecíveis como seres humanos. Vocês estiveram em Little Moulsford. Viram o que pode acontecer. Nós temos um esconderijo perto de St. Meredith, mas vocês não podem ficar lá por mais de três ou quatro dias.

— Quero ir para lá agora mesmo — disse Jamie. — E vou precisar do máximo de pessoas que

vocês puderem dispensar. Quando chegar a hora, precisaremos lutar para entrar. E não sei por que estou dizendo isso, mas assim que Matt der o sinal, acho que não teremos muito tempo.

— Certo. Graham vai fazer todos os arranjos.

— Eu vou também — afirmei. As palavras tinham saído sozinhas. De novo eu não tinha pensado em falar. Também achei que alguém tentaria me convencer a não ir, que fariam com que eu tivesse bom senso. Mas, para minha surpresa, ninguém fez isso.

E foi assim que fiz parte de tudo. Foi assim que eu estava presente no final.

O BOM SACERDOTE

QUARENTA

Saímos às 6 horas da tarde. Eu só soube porque os relógios diziam. Nesse mundo subterrâneo,

me perguntei como alguém tinha noção do tempo. O Viajante disse que seria mais seguro atravessar Londres durante a noite. Apesar do ferimento, ele insistiu em ir conosco, mas dessa vez seu irmão, Will Fletcher, estaria no comando. Will conhecia melhor a cidade — mas os dois não queriam passar mais tempo separados. Outros quatro homens tinham trocado os macacões

que sempre usavam no casulo e agora vestiam roupas camufladas do exército, atulhados de armas e outros equipamentos. Eu me senti um pouquinho mais segura com eles em volta, mas

não fazia ideia do que iríamos enfrentar. Londres. Durante anos, fora apenas um nome — um nome que a gente não mencionava muito. Tinha sido destruída junto com outras oito cidades do Reino Unido, e isso bastava para jogar todo o país no caos. Era como se eu fosse entrar no próprio coração partido.

Fizemos outra refeição antes de sair, o que para mim foi ótimo. Quando estivéssemos na cidade iríamos sobreviver só do que pudéssemos carregar. Notei Graham e Will Fletcher sentados um ao lado do outro, concentrados numa conversa. Obviamente precisavam pôr muita coisa em

dia, mas não tinham muito tempo. Por fim nos levantamos e nos preparamos para ir. Tínhamos

todos recebido mochilas. Não sei o que tinha na minha, mas pesava uma tonelada.

Procurei Jamie e o vi sentado num sofá perto da TV. Fui até lá, então percebi que ele estava conversando com Susan Ashwood, a mulher cega, que estava sentada diante dele. Eu não queria

interferir, mas ao mesmo tempo fiquei suficientemente perto para ouvir a conversa. Ele estava de costas para mim, e ela, claro, não enxergava, de modo que nenhum dos dois me percebeu.

Ela estava se despedindo.

— Não verei você de novo, Jamie — disse ela. — Agora tenho muito pouco tempo.

— A senhora não sabe disso, Srta. Ashwood.

— Eu sei. Os espíritos me disseram. Mas, por favor, não fique triste por minha causa. Não há nada a temer com relação à morte, quando a gente a entende. É meramente ir de um lugar para outro... um pouco parecido com quando você vai ao seu mundo de sonho. Mas quero que

saiba que sou muito feliz por conhecê-lo. E ao Matt. Muitas pessoas passam a vida inteira sem realizar muita coisa, mas tenho orgulho por ter conseguido ajudá-lo um pouco. Quando esta história for escrita, terei um lugar nela. Pelo menos algumas frases. Isso é importante para mim.

— A senhora sabe o que vai acontecer? — perguntou Jamie. — Sabe como termina?

Ela balançou a cabeça.

— Só uma pessoa sabe, e eu não o invejo. Saber o futuro é carregar um peso terrível. Mas

vou lhe dizer o seguinte, Jamie. Nada vai ser fácil. Haverá muita dor e muita morte. Você vai precisar de toda a sua força.

— E o Scott? A senhora pode me falar alguma coisa sobre ele?

— Scott tem um papel a cumprir. Como todos vocês.

— Sinto muita falta dele.

— Tenho certeza de que sim. Mas vocês dois vão se encontrar de novo. Com o tempo...

Eu devo ter me mexido ou alguma coisa, porque de repente a Srta. Ashwood me chamou.

— Holly...?

Imaginei como ela sabia que era eu, e me senti culpada por estar xeretando. Avancei depressa.

— Vim me despedir — falei.

— É muita coragem sua ir até Londres, Holly. E devo dizer que sinto inveja. Agora você é companheira de um dos Guardiões. Quem sabe aonde isso vai levá-la? Cuide do Jamie. E de você mesma.

O Viajante se aproximou com seu irmão.

— É hora de ir... — disse ele. Estava com uma mochila enorme nos ombros e eu me perguntei como ele conseguia carregá-la com o ferimento.

Os outros quatro homens se juntaram a nós. Chamavam-se Blake, Simon, Ryan e Amir, e todos tinham 20 e poucos anos. Sophie também veio dizer adeus, abraçando o Viajante e tentando (dava para ver) não mostrar como estava preocupada. Acho que tinha pedido para ir com a gente, mas alguém — talvez Susan Ashwood — disse que ela precisava ficar. Então fomos embora. Havia outra porta que eu não tinha notado, esta com uma maçaneta enorme e

uma tranca estanque, como algo em um foguete ou um avião. Will a abriu e nós passamos. Ouvi

quando ela se fechou atrás, e foi isso. Estávamos por conta própria.

Ali não havia luzes. Levávamos lanternas e imediatamente vi a resposta para pelo menos uma

pergunta que vinha me incomodando. O Viajante tinha dito que estávamos a uns

15 quilômetros

da igreja de St. Meredith, o que me pareceu um caminho tremendamente longo para andar, mas agora vi que minhas pernas seriam poupadas. Dois veículos nos esperavam; carros elétricos, ainda conectados à parede, recarregando. Sentei-me num deles com Jamie e os dois irmãos. O

resto do pessoal ia no outro. Alguém nos desconectou, e partimos pelo túnel a mais de trinta quilômetros por hora, os motores zumbindo baixinho, mas sem fazer qualquer outro barulho.

O túnel era novo, com piso de cimento e as paredes forradas de ladrilhos, e eu me perguntei

se o Nexo o construíra. Devia ter custado milhões. Cada carro tinha faróis que iluminavam o caminho e, apesar de tudo, eu estava gostando da viagem, olhando passar as paredes, sentindo a brisa — fresca e com cheiro de mofo — soprando no meu cabelo. Fazia anos que eu não andava em nenhum tipo de carro. A única coisa com rodas que funcionava no povoado era o meu carrinho de mão. Lamentei quando, depois de uns quarenta minutos, chegamos a uma parede sólida, diminuímos a velocidade e paramos.

— O resto do caminho vamos fazer a pé — disse o Viajante.

Todos nós saímos. Ryan e Amir acenderam as lanternas e eu vi uma pequena abertura recortada na parede. Passamos e chegamos a outro túnel, bem diferente do que havíamos deixado. Para começar, era muito mais antigo. As paredes eram enegrecidas de fuligem e, enquanto os dois homens passavam os fachos das lanternas, vi fios compridos, presos juntos,

indo até a distância.

— Cuidado — disse Ryan. Ele falava com voz suave e um leve sotaque irlandês, acho, e não

precisava me dizer para eu saber que, a partir desse momento, estaríamos sempre perto do perigo. Ele baixou a lanterna, mostrando uma série de trilhos de metal aparafusados ao piso metálico. — Não há corrente elétrica, mas vocês podem tropeçar e se machucar. Tentem ficar perto.

Partimos de novo, e, com empolgação, percebi onde estávamos. Era o metrô, o sistema de trens subterrâneos que já tinham corrido embaixo de Londres. Tentei imaginar passageiros passando a toda velocidade, indo da Oxford Street até Piccadilly Circus e Knightsbridge. Para mim, esses lugares eram somente nomes. No entanto, ali estava eu, seguindo por um dos túneis; um labirinto de túneis, na verdade, que acabaria me levando à parte da cidade aonde queríamos ir. E existiam escadas móveis. Escadas rolantes. Lembrei-me da Srta. Keyland falando sobre elas, e isso me fez pensar em como ela havia morrido, e me lembrei de que, se eu não tivesse cuidado, também acabaria morta. Este não era um passeio divertido numa cidade esquecida. Londres era perigosa.

Andamos uns quinze minutos antes que o túnel se abrisse de repente e eu me visse no que

devia ter sido uma estação. Chamava-se Highgate. A lanterna captou o nome pintado numa faixa azul cercada por um círculo vermelho. Estávamos embaixo. Havia uma plataforma acima, de um lado, e ladrilhos brancos que se curvavam sobre a cabeça. Do outro lado, as paredes eram cobertas com anúncios. Férias em Israel. O jornal *Financial Times*. Algum grupo de igreja prometendo o segredo da vida. O papel estava úmido e meio rasgado. E ninguém viajaria mais de férias, o dinheiro não tinha utilidade e a igreja não salvou ninguém, de modo que tudo era perda de tempo.

Alguma coisa se mexeu, e todos nos imobilizamos. Uma arma apareceu na mão de Blake tão

rapidamente que ele pareceu um mágico fazendo um truque. Olhamos em volta, esperando ver

alguém surgir na plataforma, mas era só um rato correndo pelos trilhos. Era uma coisa gorda, inchada, com pelo embolado e olhos brilhantes e, ao vê-lo à luz da lanterna, não pude evitar pensar no tipo de comida que ele teria encontrado. Provavelmente era melhor não saber.

Continuamos pela estação e entramos no túnel do lado oposto. De novo a escuridão completa chegou, engolindo-nos.

Andamos e andamos. Depois do conforto e da velocidade dos carros elétricos, nossa viagem

por Londres era um sacrifício. Não havia nada para olhar, a não ser o facho de luz mostrando os trilhos adiante e os fios que serpenteavam, seguindo-nos o tempo todo. Eu podia sentir a mochila puxando meus ombros para baixo, e minha última refeição e o banho luxuoso de chuveiro se tornaram uma lembrança. Passamos por mais três estações: Archway, Tufnell Park, Kentish Town. Peguei-me pensando nos nomes, no que eles representavam. Será que tinha existido um arco em Archway? O que era tão *Kentish* sobre a Kentish Town? E o que eu encontraria se subisse a escada rolante e saísse? Pessoas moravam em partes de Londres, mas de algum modo eu duvidava que elas ficariam satisfeitas em nos ver.

Uma visão hedionda nos esperava em Camden Town. Um trem estava parado num trilho paralelo ao nosso — uma coisa enorme e vermelha que se encaixava no túnel como pasta de dentes num tubo. De repente percebi um cheiro pavoroso e alguém — acho que Amir — me entregou um pano para cobrir o rosto.

— Tente não olhar — disse ele.

Claro que isso só me deixou mais curiosa e, enquanto passávamos, espiei pelas janelas curvas, imaginando o que a luz das lanternas refletida mostraria. Senti vontade de não ter olhado. Os vagões estavam apinhados de cadáveres. Quando morreram deviam estar de pé, ombro a ombro, sem espaço para se mexer. Era impossível dizer o que os matara. Os corpos tinham apodrecido parcialmente. Vi órbitas oculares vazias, encarando, e dentes rindo onde antes existiam bochechas. Os cadáveres vestiam trapos, restos de vestidos e ternos... se não fosse isso, seria impossível identificar homens ou mulheres. Acho que o mais horrível era que tantos ainda estivessem de pé, com o que restava dos braços e das mãos presos em alças ao longo do teto. A morte devia tê-los acertado como um redemoinho soprado pelo túnel. Alguns estavam sentados,

outros no chão. Mas o resto fora apanhado ali, espremidos uns contra os outros, e era ali que permaneceriam por toda a eternidade.

Eu mal podia esperar para sair daquele lugar e, na tentativa de ir mais depressa, trombei no Jamie. Não conseguia enxergar quase nada. Apenas duas lanternas iluminavam o caminho. De qualquer modo, na pressa, quase fiz com que nós dois tropeçássemos.

— Desculpe — sussurrei.

— Tudo bem — respondeu ele. E então senti Jamie segurar minha mão, só por um

momento. Foi bem inesperado. Ele e eu passamos por muita coisa juntos, mas não éramos exatamente chegados. Não como ele e o irmão. — Fico feliz porque você veio.

— É?

— É. — Ele ficou quieto por um momento. — Eu não teria chegado até aqui sem você, Holly.

No seu povoado... sinto muito pelo que aconteceu. Mas fico feliz por você ter ficado do meu lado.

E foi só. Ele não disse mais nada. Mas aquilo significou muito para mim, e quando penso em

Jamie agora, em como as coisas podiam ter acontecido entre nós, esse é o momento que mais

lembro.

Paramos para descansar na estação de King's Cross (qual rei e por que *cross*?) e comemos e bebemos — frutas secas, nozes e água. Sentamo-nos na plataforma, em bancos diante dos trilhos.

— Não falta muito — disse Will Fletcher. — Talvez só meia hora. Vocês dois estão bem?

Nós confirmamos com a cabeça.

— Teremos de andar depressa quando chegarmos à superfície. Ainda estará escuro, mas isso

não vai impedir que eles estejam vigiando as ruas. Vamos direto para a casa e dormir um pouco.

Tentem não tocar em nada se puderem. A contaminação não é tão ruim como antes, mas mesmo assim é preciso ter cuidado.

Imaginei por que ele estava sussurrando. Na verdade, vínhamos fazendo toda a jornada nas pontas dos pés, mesmo no subsolo e, afora os ratos e os mortos, estávamos sozinhos. Mas depois de King's Cross, os trilhos subiram e, sem qualquer aviso, saímos ao ar livre. Eu podia nem ter percebido, pois não havia lua, e a luz, ou a falta dela, permanecia mais ou menos igual.

Mas o ar tinha cheiro diferente e eu tive a sensação de prédios erguendo-se acima de nós. Outro vagão do metrô estava parado atrás de algumas grades, à esquerda, mas desta vez tive o cuidado de não olhar.

Então chegamos a Farringdon e tudo mudou. Havia pessoas na plataforma, pessoas vivas, arrastando os pés, murmurando umas com as outras. De repente todo mundo estava com as armas nas mãos e nós nos movíamos num grupo apertado, olhando em todas as direções ao mesmo tempo. As pessoas não pareciam querer nos machucar. Na verdade, estavam com mais

medo de nós do que nós delas. Mas mesmo assim foi estranho nos deparar com elas, e todo tipo de perguntas passou pela minha mente. De onde tinham vindo? Estavam ali havia quanto tempo? Como podiam ter sobrevivido?

Blake ou Ryan girou uma lanterna e eu vi algumas daquelas pessoas no facho. Havia um homem e uma mulher. Ambos eram carecas e estavam quase completamente nus. Ela era muito

deformada. Metade do rosto simplesmente não estava ali e a outra parecia congelada numa expressão de puro terror, o olho desse lado se projetando como uma bola de pingue-pongue. O

homem, usando uma cueca samba-canção imunda, era tremendamente gordo com peitos

frouxos e uma barriga que pendia quase até os joelhos. Acho que ambos estavam provavelmente

loucos porque, enquanto a luz passava por cima, eles se encolheram, fazendo estranhos sons animalescos. Também tinha um grupo de crianças mais adiante na plataforma. Teriam apenas 7

ou 8 anos, por isso deviam ter nascido ali, depois de Londres ser destruída. Estavam agarradas umas às outras, comprimindo-se como macacos numa jaula.

Imaginei que tipo de vida elas levavam. Nunca tinham ido à escola. Provavelmente não tinham pais. Podiam nem saber falar.

— Sobreviventes — sussurrou Ryan. — Não se preocupem. Eles não vão chegar perto de nós.

Mesmo assim, apressamos o passo. Durante uns poucos minutos tinha sido bom estar ao ar

livre. Mas foi melhor voltar ao túnel.

Nunca entendi completamente o que acontecera com Londres. Tinha sido destruída por uma

bomba suja, mas exatamente o que isso significava? Seria nuclear, bioquímica ou as duas coisas?

E quanto da cidade permanecera intocada? Não sei como as pessoas que eu via tinham conseguido se sustentar. O que aquele homem estaria comendo para ficar tão gordo? Como com o rato que eu tinha visto em Highgate, provavelmente era melhor não perguntar. Só posso

dizer que tudo parecia envenenado: as paredes, o chão, o próprio ar. Eu sentia como se andasse num cemitério gigantesco e que de algum modo era quase um insulto estar ali, viva. Acho que

virá um tempo em que os historiadores e cientistas tentarão entender o 9 de Maio e o que aconteceu com a Grã-Bretanha naquele dia terrível. Só posso descrever o que vi.

Finalmente deixamos o sistema de metrô na estação de Moorgate, e havia mesmo uma escada rolante exatamente como a Srta. Keyland descrevera — comprida, prateada, com dentes

estranhos nas extremidades. Não estava funcionando, claro, e tivemos de subir a pé. Passamos por um arco, depois pegamos uma segunda escada até o saguão de entrada, onde havia uma fileira de catracas, todas abertas. Amir e Ryan nos guiaram com as lanternas e eu vislumbrei máquinas de venda de bilhetes, guichês de vidro e uma banca de jornais e revistas, todos muito bem arrumados. Se olhasse as capas, sei que teria visto a data, 9 de maio, em cada um. A saída

era fechada com uma grade de metal, mas Blake tinha uma chave e eu percebi que estávamos

perto do esconderijo que a Srta. Ashwood mencionara, e que o Nexo devia usar essa rota com

frequência.

Nesse ponto, eu estava exausta. As pernas doíam e eu ansiava por uma cama. As ruas por onde andávamos pareciam cheias de entulho e carros — não somente parados nas laterais, mas

presos num engarrafamento que jamais iria se mover de novo. Vi um ônibus. Um ônibus vermelho de Londres. Tive a impressão de lojas e restaurantes, mas eram pouco mais do que sombras — sombras vazias e quebradas. A brisa havia parado e nada se mexia. Acho que a imobilidade era mais impressionante do que a escuridão.

E finalmente chegamos à casa. Ela se erguia diante de nós, alta e estreita, com uma porta de aparência sólida, o número 13 e janelas gradeadas. De novo Blake tinha a chave e fez a gente entrar num hall com uma porta de um lado e uma escada para cima. Não acendeu as luzes, se é

que elas funcionavam. Na verdade, Amir e Ryan haviam mantido as mãos em cima das lanternas enquanto íamos rapidamente pelas ruas de Londres. Tinham achado o caminho mais pela memória e o instinto do que qualquer coisa.

— Vamos dormir um pouco — disse Will. Em seguida se virou para Jamie. — Você e Holly vão dividir um quarto. Eu vou ficar com Graham ao lado. Os outros vão ficar no andar de baixo.

Assim que o dia nascer, vocês vão poder se orientar. Quando acordarem, tentem não sair do quarto. E, como provavelmente não preciso dizer, os toaletes não têm descarga. Há um banheiro químico no porão. Algum de vocês precisa usá-lo?

Felizmente, eu não precisava. Balancei a cabeça.

— Então vou levá-los para cima.

Amir, Ryan, Blake e Simon foram para o quarto de baixo. Will estava com uma

lanterna e nos

levou para cima. Colocou-nos num quarto vazio, a não ser por dois colchões no chão e uma pilha de cobertores ao lado. Cada um pegou um e, sem tirar as roupas, nos deitamos.

Eu queria dizer boa noite ao Jamie. Queria agradecer pela coisa gentil que ele disse no túnel.

Mas em dois segundos estava dormindo.

A luz do dia, quando chegou, era áspera e cinza, como se o sol tivesse esquecido completamente de coisas como calor e cor. Ela se filtrava pela janela, revelando um quarto que já havia pertencido a uma criança. O papel de parede era listado — amarelo e azul — e, apesar de não existir eletricidade, ainda tinha uma luminária pendurada, na forma de um ursinho. O

quarto era acarpetado e havia uma lareira. Um dia devia ter sido bem aconchegante. Mas fiquei triste só de pensar na criança que antigamente dormia ali, imaginar o que teria acontecido com ela e aceitar que possivelmente ela estaria viva.

Jamie já estava acordado. Imaginei se ele teria visitado o mundo de sonho. Sabia que ele sempre esperava encontrar o irmão, Scott, e a melhor chance era quando estivesse dormindo. E

pensei em como seria encontrar alguém, conversar nos sonhos e lembrar tudo quando acordasse. Mas ele não disse nada, e um instante depois o Viajante e seu irmão chegaram, batendo na porta antes de entrar.

— Dormiram bem? — perguntou o Viajante. Nós dois assentimos, e ele continuou: —

Ninguém nos viu chegar ontem à noite, por isso estamos em segurança por enquanto. Estamos

na zona leste de Londres. Querem dar uma olhada antes do café da manhã?

— Nós vamos sair? — perguntou Jamie.

— Para a rua, não. É perigoso demais. Podemos ir ao telhado.

— Você pode ficar chocado — acrescentou Will. — Acho que vai descobrir que não é muito

parecido com quando você esteve aqui na última vez.

— Vamos — disse Jamie.

Saímos do quarto e andamos por um corredor curto. A casa devia ter sido um lugar bom de

morar. Havia um espelho antigo numa parede, um lustre e um carpete grosso. Mas exalava um

cheiro de mofo em toda parte. O Nexo podia usá-la de vez em quando, mas a casa fora abandonada por tempo demais. Era quase como se soubesse que não era mais desejada.

Subimos outra escada até uma porta que dava num terraço com piso de ardósia, um muro baixo e uma chaminé bem à frente. Havia uma antena de TV ainda conectada e até umas cadeiras de praia, apesar de o material parecia mofado e eu não confiar em colocar o peso nelas.

Não saímos. Não queríamos nos mostrar. Ficamos à sombra da porta, olhando para fora.

E ali estava Londres.

Só estávamos a três andares de altura, mas era como se fosse mais alto. Londres estava a toda volta; os destroços terríveis do que já fora uma grande cidade. Era como olhar um milhão de palitos de fósforos enormes, todos caídos da caixa, um em cima do outro. Não restava quase nada alto... só os restos quebrados do que foram prédios de escritórios e apartamentos, arruinados e corroídos, projetando-se para cima como se de algum modo tivessem crescido a partir daquela confusão. Eu tinha visto fotos da cidade... a catedral de St. Paul, a roda-gigante Millennium, a torre da British Telecom. Mas tudo sumiu, reduzido a essa vastidão sem esperança que se estendia até o horizonte. Não. Aqui e ali restaram prédios inteiros. Identifiquei um edifício de escritórios, um banco, a estação do metrô de onde tínhamos saído na noite passada e também um M amarelo de um

McDonald’s. Eu tinha lido sobre isso também. Os veículos estavam em toda parte: carros, táxis, caminhões e ônibus... centenas, todos enferrujados e quebrados, muitos de cabeça para baixo ou de lado. Sentir-se chocado? Will nem de longe podia expressar o que eu sentia. Eu nunca morara ali. Nunca soube o que significava ser londrino. Mas, pensando neles e no que tinham passado, fiquei nauseada.

— Ali... — O Viajante estava apontando pela lateral da casa.

Um prédio único se erguia à nossa frente e, apesar de cercado de entulho, praticamente não

tinha sofrido danos. Quase me fez pensar num navio atracado num porto depois de uma tempestade especialmente violenta. Era uma igreja, quase do tamanho de uma catedral, feita de tijolos vermelho-escuros com um pináculo que parecia construído em época diferente do resto, ligeiramente torto e se estendendo para o céu. Só as janelas estavam quebradas. Dava para ver os restos serrilhados do vitral.

A igreja estava a menos de cem metros de distância.

Era a de St. Meredith. Tinha de ser.

— Ali está ela. — disse o Viajante.

Jamie olhou para ela. Parecia atordoado.

— A porta...

— Scarlett Adams passou por ela. Chegou ao mosteiro do Grito de Misericórdia, na Ucrânia.

Talvez esteja funcionando de novo. Ela pode levá-lo aonde você quiser.

Jamie ainda estava examinando a igreja.

— Não parece haver ninguém por perto.

— Acredite, eles estão aí — disse Will. — Dentro da igreja e nos destroços. Olhe...!

Ao mesmo tempo em que ele falava, eu vi. Fiquei tão chocada que quase caí de volta pela escada. Uma aranha rodeava a igreja. Era monstruosa, enorme, com metade do tamanho da igreja. Seus olhos eram hediondos... pretos como poços de petróleo. Tinha duas coisas parecidas com tentáculos se projetando da cabeça, retorcendo-se no ar à frente. Eu podia ver cada pelo no corpo e nas patas. E, mesmo sendo enorme, a aranha parecia estranhamente leve. Movia-se pelo entulho sem que ele se mexesse. Quando digo que parecia algo saído dos meus piores pesadelos, não estou dizendo a verdade. Nunca tive pesadelos assim.

Pude sentir Jamie ao lado. Todo o corpo dele estava rígido. Mas o que ele disse em seguida

me surpreendeu.

— Já vi isso antes.

— Quando? — Eu não tinha controle sobre mim mesma. A palavra era como um grito, mas

também um sussurro.

— Há muito tempo. Na primeira batalha. A aranha. O macaco. O condor. Todos estavam lá.

Eles pertencem aos Antigos.

— Você vê o que temos de enfrentar — murmurou Will.

— Quanto tempo podemos ficar aqui?

— Três ou quatro dias. Não mais do que isso. É perigoso demais... e se ficarmos muito tempo, vamos adoecer.

— Matt disse que mandaria um sinal. Precisamos aguardar. Depois entramos.

— Bom, espero que ele mande logo, Jamie. No máximo em quatro dias. Depois temos de ir

embora.

— Vocês vão. Eu fico.

Os dois irmãos se entreolharam, mas não havia nada que pudessem dizer. A aranha sumira nos fundos da igreja. Eu tinha visto o suficiente. Voltei para dentro da casa me sentindo enjoada, com o coração martelando. Fiquei feliz quando fecharam a porta.

QUARENTA E DOIS

A praça de São Pedro, no coração de Roma, era gigantesca, magnífica e não se parecia nem um

pouco com uma praça. Pedro nunca tinha visto uma coisa igual: uma vastidão de calçamento de

pedras com centenas de colunas curvando-se ao redor das bordas e duas fontes de pedra dos dois lados de um obelisco egípcio com 20 metros de altura. Dominando tudo, a própria basílica de São Pedro: a catedral mais famosa do mundo, com mais colunas, estátuas e sacadas, tudo isso coroado pela cúpula magnífica desenhada por Michelangelo. Em toda Páscoa, o papa surgia numa janela na frente da catedral para abençoar as cem mil pessoas que se reuniam na praça...

e havia espaço para todas elas. Pedro imaginou como aquela cidade seria grande para ter tanto espaço no centro.

Emmanuel o trouxera ali porque Carla Rivera, a mulher que supostamente poderia ajudá-lo, morava perto. Atravessaram a praça juntos, e Pedro se pegou olhando para a catedral, como se toda a sua vida tivesse apontado para esse momento. Nunca a vira antes. Somente ouvira o nome pela primeira vez quando Matt falou dela no mundo de sonho. E agora estava ali, bem diante dele. Notou uma longa linha de policiais e soldados, todos de preto, estendida na frente, e percebeu que, apesar de a praça estar tão apinhada quanto o resto da cidade, ninguém tinha permissão de entrar no prédio ou sair dele.

Segurou Emmanuel.

— Quero chegar mais perto — disse.

— Por quê? — Emmanuel estava com pressa. Queria entregar Pedro em

segurança para voltar a Giovanni e aos outros.

— Por favor...

Os dois atravessaram a praça, parando na frente da ampla escadaria de mármore que levava

à entrada principal. Pedro estava certo. As portas estavam trancadas. Duas linhas de guardas impediam que qualquer um chegasse perto. Qual era o sentido de existir um local sagrado se as pessoas não podiam rezar ali?

Talvez eles soubessem sobre as portas mágicas espalhadas por todo o planeta. A catedral ficava bem no centro da religião católica romana: peregrinos vinham de todo o mundo.

Portanto, a porta devia estar ali. Os guardas descobriram isso e estavam decididos a não deixar que ele chegasse perto.

Pedro gostaria de explorar mais, porém Emmanuel já estava ficando nervoso.

— Temos de ir — disse ele.

Pedro assentiu. Seria fácil encontrar o caminho de volta até ali. Os dois partiram juntos.

Voltaram à beira da praça, passaram pelas filas de colunas e saíram do outro lado. Como Nápoles e Anzio, Roma estava cheia de gente carregando trouxas e malas que podiam conter todas as suas posses, e a atmosfera de medo e desespero os seguira até o norte. Tinha parado de chover, mas o céu estava com nuvens densas e o ar tinha o mesmo cheiro leve de queimado.

As roupas de Pedro ainda estavam úmidas e ele se sentia imundo e exausto. Além disso, estava morrendo de fome. Não conseguia se lembrar da última vez em que comera uma refeição decente.

Chegaram a uma rua comprida e estreita com prédios altos e muito grandiosos dos dois lados. Era impossível ver dentro de qualquer um deles. Todas as janelas do térreo estavam fechadas e pregadas, e muitas portas tinham o dobro do tamanho necessário, com relevos de cavaleiros e anjos que pareciam olhar em desafio para os pedestres, desafiando-os a entrar.

Havia menos pessoas ali, e ainda que existissem carros e motocicletas parados em filas bem arrumadas, nenhum deles se movia.

Emmanuel tirou um pedaço de papel do bolso e examinou-o. Apontou para um prédio isolado, cercado por uma ornamentada grade de metal com portão de aparência sólida. Pedro achou que era como um palácio em miniatura. Tinha visto locais semelhantes em Lima e aprendido que as pessoas mais ricas — com seus próprios guarda-costas — moravam ali, e que

Deus o ajudasse se você fosse encontrado remexendo nas lixeiras deles ou pedindo comida. Eles o espancavam e deixavam sangrando e quebrado na rua. Esse *palazzo*, se é que era isso, parecia abandonado. Os postigos estavam fechados e faltavam várias telhas. No entanto, tinha seu próprio jardim murado, com palmeiras e arbustos ainda crescendo em volta de mais uma fonte

ornamental. A casa era cor-de-rosa e branca, de quatro andares. Algumas janelas eram quadradas, outras em arco. Havia um terraço longo num dos lados, e Pedro vislumbrou uma estufa cheia de mais plantas no final.

— É aqui — disse Emmanuel.

Ele apertou um botão junto ao portão. Não fez nenhum som e ninguém veio. Pelo menos um

minuto se passou — talvez dois — e Pedro estava começando a imaginar se tinham chegado mesmo ao lugar certo. Talvez não houvesse ninguém em casa. Então, de repente, escutou a voz

de uma mulher saindo por um pequeno alto-falante acima do botão.

— *Si. Chi è?*

Ela falava em italiano, e Emmanuel respondeu na mesma língua. A conversa continuou por um tempo, e Pedro não entendeu nada, mas ouviu seu nome ser dito umas duas vezes. A mulher parecia nervosa. Falava tão depressa que era impossível dizer onde uma palavra terminava e a outra começava. Emmanuel estava calmo, razoável. Falava com o rosto encostado

no portão, e Pedro percebeu que ele vigiava a rua ao mesmo tempo. Não estavam em segurança

ali. Precisavam entrar.

A mulher parou de falar. Emmanuel virou-se para Pedro.

— Vou deixar você agora — disse ele. — Esta é a casa da *signora* Rivera e ela concordou em aceitar você.

— E você?

— Ela não quer me conhecer. Boa sorte, Pedro. Não sei quem você é nem por que está aqui,

mas fico feliz por ter conhecido você e ajudado um pouco. Acho que é importante. Espero que

tudo dê certo. — E então, antes que Pedro pudesse dizer qualquer coisa, Emmanuel se afastou, seguindo o caminho que os trouxera até ali.

Alguns instantes depois houve um estalo e o portão se abriu automaticamente. Pedro passou,

fechando-o. O jardim era muito bem arrumado, com pedrinhas formando figuras geométricas entre os caminhos. Uma estátua de uma criança com asas e um dedo encostado nos lábios estava ajoelhada num pedestal. Parecia avisar a Pedro sobre algum segredo. Estaria dizendo para ele ficar longe dali?

A porta da frente se abriu e uma mulher apareceu, vestida totalmente de preto, chamando-o

com um gesto. Tinha de ser Carla Rivera! Devia ter quase 70 anos... era difícil ter certeza, porque o rosto estava muito enrugado de preocupação. Tinha cabelo grisalho puxado para trás, e apesar de tudo nela sugerir uma mulher velha e derrotada, os olhos ainda eram alertas e cheios de capacidade de luta. Tinha uma cruz de ouro simples pendurada no pescoço. Era a única joia.

— Venha! Venha! — disse ela com voz rouca, e Pedro relaxou um pouco, ouvindo sua própria língua.

Ele a acompanhou até um corredor com ladrilhos pretos e brancos, um espelho dourado e sólida mobília de carvalho. Portas levavam a cômodos em todas as

direções e era possível ver uma ampla escadaria de mármore. Pinturas clássicas, na maioria retratos, pendiam nas paredes.

Assim que fechou a porta da frente, a mulher se virou e olhou-o.

— Seu nome é Pedro — disse.

— Sim, *signora*.

— Você esteve com Francesco Amati em Nápoles?

— Estive.

— É verdade que a cidade toda acabou?

— O vulcão entrou em erupção. Acho que não sobrou muita coisa.

— Santo Deus! — Ela fez o sinal da cruz. — Onde isso vai parar? O que é esperado de nós?

— Ela o examinou. — Você está molhado. Parece exausto. Comeu alguma coisa?

— Estou com muita fome — admitiu Pedro.

— Então venha comigo. Não temos muito, mas você pode compartilhar o que temos.

Ela levou-o para uma cozinha escura, com teto alto, mesa de madeira e panelas penduradas

em ganchos. Não havia luzes em lugar nenhum, mas Pedro sabia que a casa devia ter eletricidade. Tanto a campainha quanto o portão funcionaram. A mulher fez um gesto e ele sentou-se à mesa enquanto ela abria vários armários e pegava um pão preto e rústico, presunto e salame, queijo e salada. Por fim, abriu uma garrafa e lhe serviu um copo de vinho. A comida parecia escassa, espalhada na mesa vazia, mas Pedro devorou-a como se fosse um banquete. O

vinho era o melhor de tudo. O líquido era vermelho-escuro, quase preto, e o esquentou por dentro, ao mesmo tempo deixando-o sonolento.

A mulher o examinou com atenção enquanto ele comia. Só quando ele havia quase

terminado, ela continuou com as perguntas.

— Meu nome é Carla — disse. — Emmanuel disse que você era prisioneiro em Nápoles. O

que eles queriam com você?

— Não sei. — Como sempre, Pedro não sabia o quanto dizer. — Acho que queriam me matar.

— Você é um dos Cinco.

Pedro não disse nada.

— Você precisa dizer! Tenho um filho no Vaticano... ele é padre, ocupa um cargo importante. Com a ajuda dele, tive acesso a livros na biblioteca do Vaticano e sei sobre os Cinco, os Guardiões, os Antigos. De modo que você não precisa esconder nada de mim. Você é um dos

Guardiões?

— Sim, *signora*. — Pedro assentiu. Não via sentido em mentir.

— É inacreditável. É extraordinário ter você aqui na minha casa. Todas as minhas preces foram atendidas. Meu filho, Silvio, vai chegar em casa dentro de algumas horas. Ele vai conversar longamente com você. Por enquanto, agradeço a Deus por tê-lo mandado a nós.

Pedro estava ficando inquieto. Carla Rivera olhava-o com uma espécie de fervor que ele nunca havia experimentado. Além disso, ele estava cansado demais. Os acontecimentos das últimas 24 horas estavam finalmente pesando, e o vinho estava ajudando a derrubá-lo.

Ela viu isso.

— Você precisa trocar de roupa, está encharcado. E precisa dormir. Não sei por que você passou, e pode contar tudo quando Silvio chegar. Não imagino o

quanto você deve ter sofrido, mas agora tudo acabou.

— Estou em segurança aqui?

— Você não está em segurança em Roma. Não creio que ninguém esteja em segurança em

nenhum lugar da Itália. Mas enquanto estiver nesta casa, está protegido.

Pedro bocejou e, como se isso fosse uma deixa, Carla se levantou.

— Temos um quarto extra onde você pode descansar — disse. — Por favor, venha.

Ela levou-o para fora da cozinha, e eles subiram dois lances de escada, passando por uma comprida fila de retratos sérios com molduras douradas. A casa estava vazia e silenciosa, e o tapete era puído, mas Pedro teve a impressão de que aquela família já fora rica. Chegaram a um corredor com um armário antigo à frente e um lustre em cima. Havia duas portas frente a frente. Carla levou-o para a da esquerda, mas enquanto ia, por motivos que ele não podia entender, o olhar de Pedro foi atraído para a outra porta.

Carla Rivera notou isso.

— Não entre aí — disse ela. — É o quarto da minha filha. Ela está descansando. Não está bem. — E abriu a outra porta. — Aí está.

Pedro se viu num quarto pequeno e quadrado, dominado por uma cama de latão e com uma

janela dupla dando para o jardim por onde entrara. Havia uma cadeira e um armário, mas nenhum outro móvel. Uma cruz de madeira estava pendurada na parede. Uma segunda porta levava a um banheiro.

— A água é quente — disse Carla. — Deixe as roupas do lado de fora da porta e vou lavá-las

para você. Silvio vai chegar depois do anoitecer, às oito. A Comissão Pontifícia está se reunindo hoje, por isso ele está ocupado. Não precisa se preocupar com nada, Pedro. Vamos cuidar de você e ajudá-lo a chegar aonde você quer ir. —

Isso deixou Pedro perplexo. Como eles sabiam aonde ele ia se nem ele mesmo tinha certeza? Mas a mulher parecia bastante gentil e, ainda que Pedro odiasse admitir, ele era quase um prisioneiro dela. Não tinha aonde ir. — Durma bem. Se quiser alguma coisa, vou estar lá embaixo. Não grite. Não quero acordar Maria.

Ela olhou-o pela última vez, depois saiu, fechando a porta suavemente.

Pedro estava ansioso para se deitar, mas primeiro tirou a roupa molhada, largando-a no chão

do lado de fora da porta. Entrou no banheiro, com os pés nus batendo nas tábuas do piso. A banheira era antiga, com pesadas torneiras douradas e uma mancha marrom que ia até o ralo,

onde a água havia pingado talvez por cem anos. Abriu a torneira. A água tossiu, depois saiu num

jorro constante e, como Carla dissera, era quente. Pedro entrou e se lavou. Tinha até um pedaço de sabão, duro e áspero, mas mesmo assim eficaz. Ao redor, a água virou marrom-escura e ele

percebeu que, mesmo depois de tudo que tinha passado, apesar das toneladas de água que caíram sobre ele quando estava no *Medusa*, ainda continuava imundo dos esgotos de Nápoles. O

que Carla Rivera devia ter pensado quando ele apareceu em sua casa?

Usou o sabão duas vezes, passando no corpo todo e depois enxaguando. Pôs a cabeça embaixo da torneira, deixando a água escorrer pelos cabelos e pelo pescoço. Por fim, saiu e se enxugou. Viu seu reflexo no espelho. Apesar de ter se alimentado bem quando estava com os incas, voltara à magreza, quase só pele e ossos. O cabelo preto estava comprido e malcuidado.

Os olhos, fundos. Examinou a mão que tinha o dedo quebrado. Apesar de tudo, finalmente começava a se curar. Pelo menos era algo que podia agradecer.

Por fim, subiu na cama. O colchão era duro, mas os lençóis estavam limpos e os cobertores,

quentes. Em algum lugar, no fundo da mente, ocorreu-lhe que ainda podia estar

em perigo. O

que sabia sobre Carla Rivera e sua família? Quase nada. Mas isso não importava. Não poderia ter fugido mais, mesmo que quisesse.

Embaixo, a mulher esperava a volta do filho. Em cima, no segundo andar, Pedro dormia.

A reunião da Comissão Pontifícia da Cidade do Vaticano terminara. Os sete cardeais que eram os membros se despediram do Santo Padre, fazendo uma reverência, mas sem dizer nada. O papa

Pio XIII era um homem muito velho, com mais de 90 anos, e era possível que tivesse dormido durante a última meia hora. Hoje em dia era impossível dizer. Ele falava raramente, e quando murmurava alguma coisa, suas palavras costumavam não fazer sentido.

— Cães! Mágicos! Assassinos! — Ele repetia as palavras incessantemente. Era possível que estivesse pensando na Bíblia... alguns diziam que era do livro do Apocalipse. Ninguém tinha certeza.

Todos os cardeais pareciam muito grandiosos com suas roupas vermelhas e seus barretes —

os chapéus quadrados com quatro bicos e tufos que eles usavam. A sala onde se reuniram era igualmente magnífica, com colunas e tapeçarias, grossas cortinas de veludo, um piso de mármore com manchas em redemoinho e teto coberto com folha de ouro. As cortinas estavam

fechadas. O Santo Padre não suportava mais olhar para fora. Passava boa parte do dia na cama com os olhos fechados e um jovem sacerdote lendo para ele o Velho ou o Novo Testamento em

latim.

O cardeal Silvio Rivera saiu da reunião com um sentimento de consternação. O país estava desmoronando. Pessoas passavam fome nas ruas... e estavam em número muito grande. Parecia

que o mundo inteiro escolhera a Itália como um refúgio final e, com a

superlotação, o crime e a violência estavam por todos os lados. O governo reagia com uma ferocidade em que ele preferia não pensar. Tinha ouvido as histórias sobre os transportes, sobre os campos de prisioneiros perto de Arezzo. Como a coisa havia chegado a esse ponto? Será que o mundo podia ser mesmo tão

mau quanto parecia?

O cardeal voltou ao seu escritório, onde seu secretário o esperava para ajudá-lo a tirar as vestes, mas Silvio o dispensou. Queria ficar sozinho. Havia um crucifixo pesado feito de ouro maciço em volta de seu pescoço — sempre podia senti-lo puxando-o para baixo — e segurou-o

com as duas mãos, ajoelhando-se. O crucifixo tinha uma pedra preciosa, uma ametista, no meio e, como era seu hábito, ele a acariciou com o polegar, tentando encontrar conforto ali.

Ajoelhou-se ao lado da mesa e rezou.

— Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino...

As palavras saíam num sussurro baixinho. O padre tinha lágrimas nos olhos e, enquanto pensava na situação do mundo, as lágrimas escorreram pelo rosto. Sentiu a dor do mundo como

se fosse sua. Achava que era um homem bom. Sentia-se horrorizado por haver tão pouco bem

ao redor.

Ficou ajoelhado, rezando concentradamente por duas horas. Finalmente, foi para casa.

QUARENTA E TRÊS

Pedro acordou sentindo-se muito melhor. Estava limpo, tinha comido e dormido cinco horas seguidas. Sua única frustração foi não retornar ao mundo de sonho. Ainda estava sozinho. Mas quando se sentou, afastando as cobertas, notou que Carla tinha entrado no quarto enquanto ele estava dormindo. Viu roupas novas, dobradas no chão ao lado da porta; jeans, uma blusa de malha, um cinto e tênis.

Pedro experimentou-os. A calça estava meio frouxa e ele teve de apertá-la usando o último furo do cinto, mas afora isso parecia — e sentia-se — humano de novo. E agora? Carla disse que o filho iria chegar em casa logo. Disse que os dois iriam conversar. De novo Pedro se perguntou o quanto poderia contar a eles com segurança, o quanto eles já saberiam.

Ouviu movimento na casa. Alguém chegara. Suavemente, Pedro abriu a porta e saiu para o patamar. Sim, havia um homem ali. Podia escutar vozes ao longe, talvez na cozinha, falando em italiano. Já ia descer quando percebeu que a porta do outro lado estava entreaberta. Lembrou-se de Carla dizendo para manter a voz baixa. A mulher tinha uma filha, Maria, que estava doente.

Num impulso, Pedro atravessou o corredor e empurrou a porta. Viu-se num quarto idêntico ao que tinha deixado, só que este continha uma cama hospitalar cercada de parafernália médica que ele reconheceu imediatamente. Havia uma bolsa de soro com tubo pendurada num suporte

de metal, um monitor cardíaco e de pulsação, soltando bips fracos, um balão de oxigênio, uma bandeja com vários comprimidos e líquidos. No meio de tudo isso, estava uma mulher jovem deitada, respirando tão fracamente que seria difícil perceber quando ela parasse de respirar.

Usava uma camisola branca com uma cruz de prata no pescoço. Uma cruz estava pendurada na

parede diante dela também. O cabelo comprido estava penteado para trás e repousava no travesseiro, formando uma coroa em volta da cabeça e dos ombros. O rosto era muito magro e

pálido. Pedro soube imediatamente que ela estava perto da morte. Estava doente por muito tempo e tinha parado de lutar. Agora esperava o fim com paciência.

Era jovem demais para morrer, pensou Pedro. Não podia ter mais de 25 ou 26 anos. Devia ser filha temporã, dada a idade da mãe. Ele pensou um momento, depois avançou em silêncio.

Uma cadeira estava ao lado da cama. Podia imaginar Carla Rivera sentada ali durante muitas horas. Sentou-se. Em seguida estendeu a mão e pousou-a na mulher inconsciente.

Esse era o dom de Pedro, o seu poder. Ele era um curandeiro. Durante boa parte da vida em

Lima, cuidara de seus amigos — dos outros ladrões, batedores de carteira e moleques de rua

que o cercavam — sem nem mesmo saber que era o seu poder que os mantinha em boa saúde.

Só quando Matt foi ferido no deserto de Nazca, ele começara a entender do que era capaz.

Tinha decidido salvar Matt deliberadamente, trazê-lo de volta da beira da morte. Faria o mesmo agora para curar aquela mulher que ele não conhecia.

Era uma sensação estranha... como se estivesse permitindo que algum tipo de calor ou energia fluísse de dentro de si, passando pela mão e entrando na mulher. Ao mesmo tempo, poderia ser o contrário. Ele podia estar retirando alguma coisa dela. A verdade era que não fazia ideia de como aquilo funcionava. Os dois estavam juntos, numa espécie de vácuo, e mais nada importava. Pedro não tinha mais ideia da passagem do tempo. Só percebia seu braço e sua mão, estendidos com a palma virada para baixo, e a subida e descida lenta da barriga da mulher.

Mesmo sem saber, seu coração estava batendo no mesmo ritmo do dela. Os dois se tornaram um só. A doença da jovem estava sendo compartilhada com ele.

— Pedro! — Era Carla Rivera, chamando de baixo.

Pedro abriu os olhos. Tinha feito tudo que podia, e sabia que seria o bastante. Já havia mais cor no rosto da mulher. Ela estava respirando com mais facilidade. Ele não fazia ideia do que estivera errado com ela. Mal tinha ido à escola. Não sabia ler nem escrever. As pessoas estavam doentes ou boas... só sabia isso, e tudo que importava era que ele conseguia transformar uma coisa na outra.

Saiu do quarto, fechando a porta, e desceu. Carla estava esperando-o no corredor, e Pedro achou que alguma coisa perturbava. Ela sorriu ao vê-lo com a roupa nova, mas a tensão ainda aparecia em seus olhos.

— Como você está, Pedro? — perguntou ela.

— Muito melhor, obrigado. E obrigado pelas roupas.

— Eu saí e comprei para você. Não sabia se era o tamanho certo. — Ela sorriu, mas um pouco nervosa. — Silvio está aqui. Contei a ele sobre você. Ele quer conhecê-lo.

— Certo.

Pedro acompanhou Carla de volta à cozinha, onde um homem de trinta e poucos anos estava

sentado à mesa com uma caneca com líquido quente; a julgar pelo cheiro, era algum tipo de chá de ervas. Ele estava usando terno escuro e camisa preta com colarinho clerical — Carla já havia dito que seu filho era sacerdote. O cabelo dele era denso e ondulado, mas estava ficando grisalho. Tinha um rosto que parecia cansado e com rugas, e os olhos de um homem que passava tempo demais pensando em coisas sem jamais encontrar uma resposta feliz. Os dois não se pareciam, pensou Pedro. Não havia absolutamente nada, nem mesmo no modo como se sentavam, sugerindo que fossem mãe e filho.

— Boa noite, Pedro — disse o homem. Também falava em espanhol.

— Boa noite, senhor.

— Por favor, venha sentar-se. E pode me chamar de Silvio. Quer um pouco de chá?

— Sim, por favor.

Silvio assentiu ligeiramente, e Carla foi até a chaleira.

— Você pode estar se perguntando como nós falamos sua língua — continuou ele. — Minha

mãe e eu moramos muitos anos na cidade de Barcelona quando eu era mestre do coro na catedral da Santa Cruz e Santa Eulália. É por isso que nós dois somos fluentes em espanhol. Mas não é da Espanha que você vem...

— Sou de Lima.

— Quando chegou à Itália?

— Há algumas semanas.

O padre assentiu ligeiramente, como se Pedro tivesse acabado de dizer uma mentira que ele

sabia que era uma mentira, mas estava preparado para aceitar assim mesmo.

— Veio de avião?

Não via necessidade em mentir. Pedro tomou a decisão enquanto começava a falar.

— Não. Eu estava em Hong Kong. Passei por uma porta. Ela me trouxe a uma igreja, mas não sei onde era. Fui feito prisioneiro e trancado num lugar chamado Castel Nuovo, em Nápoles.

— Não disse nada sobre Scott. Não queria pensar nele.

— Foi o que Emmanuel me contou — murmurou Carla. Ela havia feito uma segunda caneca

de chá e posto diante de Pedro.

O padre assentiu de novo, mas desta vez havia uma ruga de irritação em sua testa.

— Você está dizendo, Pedro, que entrou por uma porta numa cidade e saiu em outra porta

aqui?

— Estou.

— Você sabe que o que está me dizendo é impossível?

— Estou respondendo às suas perguntas, *signor* Rivera. Estou dizendo o que aconteceu.

— Descreva a porta para mim.

— Na verdade, não posso. Só a vi por um instante. Houve um tufão em Hong Kong. O

templo estava sendo destruído...

— A porta estava num templo?

— Todas as portas ficam em lugares sagrados. Havia outra em Coricancha, onde os incas cultuam, em Cuzco.

— Não existem mais incas, meu filho. E quando existiam, eles não tinham religião verdadeira.

Eram pagãos.

Pedro sabia muito bem que os descendentes dos incas sobreviveram até o século XXI. Ele era

um. E quanto à religião, vira pessoalmente um dos objetos mais sagrados deles, um disco de ouro com a imagem de Manco Capac, filho do deus sol, Inti. O rosto que haviam lhe mostrado

se parecia tremendamente com o dele. Mesmo assim, achou melhor não discutir com o padre.

— Todas as portas se parecem — continuou. — São bem pequenas, feitas de madeira. —

Pedro pensou por um momento e se lembrou de repente. — Elas têm uma estrela gravada. Uma

estrela de cinco pontas.

A mulher se virou agitada para o filho e falou rapidamente com ele em italiano. Ele ouviu por um momento, depois levantou a mão pedindo silêncio. Pareceu estranho e errado a Pedro que ela obedecesse ao filho, em vez de o contrário.

Silvio se virou para Pedro.

— Vou dizer o que sei — começou ele. — Sei quem você é. Li algumas páginas do diário de

José de Córdoba. Há uma cópia trancada há muitos anos no Vaticano. É um texto proibido... e

com bons motivos. O que o homem escreveu é impossível. É blasfêmia.

“Ele escreveu sobre os Antigos. É o nome que ele dá às criaturas... de que devemos chamá-

las, de demônios?... que vieram ao mundo simplesmente para fazer o mal, para destruir a humanidade.”

— Eles estão aqui agora — disse Pedro.

— Não acredito que seja verdade.

Pedro olhou para o padre.

— Claro que estão. Eles me mantiveram prisioneiro em Nápoles. Pegaram meu amigo Scott e

o transformaram em uma pessoa má. Provocaram a erupção do vulcão...

— Todas essas coisas podem ter acontecido. Mas você viu os Antigos?

— Eles tentaram me matar duas vezes. Na primeira, eram condores que saíram do céu no deserto. E depois mandaram pessoas mortas, que saíram das sepulturas.

— Eu perguntei se você viu os próprios Antigos.

— Não. — Pedro não podia mentir. — Mas nós temos de lutar contra eles. Nós cinco precisamos ficar juntos. É por isso que preciso achar meus amigos.

— Agora você está falando dos Guardiões. É isso que quer dizer?

— É. Matteo, Scarlett, Scott e Jamie. E eu. — Pedro estava ignorando o chá, que ia esfriando à sua frente. — Por que ninguém pode entrar na basílica de São Pedro?

Silvio abriu as mãos.

— Há pessoas demais em Roma — explicou. — As autoridades têm medo de que ela seja depredada. Alguns peregrinos ainda podem entrar e sair, mas precisam de permissão especial e primeiro precisam mostrar os documentos de identidade.

— É porque há uma porta lá dentro? É porque eles querem me impedir?

Silvio parecia a ponto de negar o que Pedro disse, mas antes que ele pudesse falar, sua mãe

se inclinou adiante, e havia em seus olhos uma agitação que ele não tinha visto antes.

— Existe *mesmo* uma porta — disse ela.

Silvio olhou irritado para a mãe, mas ela não quis recuar. Ele deu de ombros.

— É verdade que existe uma porta como a que você descreveu — admitiu ele. — Fica embaixo do tabernáculo, na gruta, mas eu a abri e fechei várias vezes. Ela não leva a lugar nenhum: só num corredor curto e numa parede de tijolos.

— Ela só funciona para nós — disse Pedro. Pela primeira vez em muitas semanas, sentiu um

jorro de esperança. — Se vocês puderem me colocar dentro da igreja, eu posso sair de Roma.

Posso ir aonde quiser.

— Podemos fazer isso por você, Pedro — disse Carla. Ela continuou rapidamente, antes que

o filho pudesse interromper: — Há uma passagem secreta que vai do Vaticano até a catedral de São Pedro. Poucas pessoas conhecem. Você está certo quando diz que estão esperando por você. A basílica nunca foi fechada, mas agora há soldados 24 horas por dia. Silvio pode não concordar comigo, mas tenho certeza de que só estão lá para impedir você.

— Eu não acredito nessa porta! — Silvio bateu o punho com força na mesa. Em seguida se

virou, raivoso, para a mãe. — A catedral de São Pedro está no centro de nossa fé. Ela existe de uma forma ou de outra desde o século IV e hoje é inquestionavelmente a maior igreja da cristandade. O próprio São Pedro está enterrado embaixo do altar. E você vai me dizer que ela também abriga um

truque de magia... uma porta que dá num templo budista em Hong Kong ou

numa ruína em Cuzco? — Ele se obrigou a se acalmar, depois se voltou para Pedro. — Desculpe.

Tenho certeza de que você passou por muitos problemas. Não está sozinho nisso. Às vezes até

eu acho difícil entender o que aconteceu no mundo, mas encontro a resposta nas orações. Não

são os Antigos que fazem os vulcões entrar em erupção, Pedro. Tudo isso faz parte de um propósito maior, é um tempo de testes para a humanidade, mas no fim, se tivermos fé, estaremos melhores e mais fortes. Acredito nisso com todo o coração.

— Mas não acredita no que eu disse — murmurou Pedro. — Não se importa com quem eu

sou nem por que estou aqui.

O padre ficou em silêncio e desviou o olhar.

— O que há de errado com Maria? — perguntou Pedro.

Ouvindo isso, Carla se retesou na cadeira.

— Por que pergunta? — disse ela.

— Por favor, *signora* Rivera. A senhora me disse que ela era sua filha. — Ele olhou para Silvio.

— Sua irmã. Ela está no quarto diante do meu. Por que ela está doente?

Nenhum dos dois falou, como se não ousassem colocar em palavras. Então Carla assentiu.

— Ela tem câncer. É no pâncreas. Do pior tipo. Maria está indo embora há muitos meses.

Tentamos tudo, mas os médicos dizem que não podem fazer mais nada.

Felizmente, ela sente pouca dor...

— É a misericórdia de Deus — murmurou Silvio.

— ... mas só restam algumas semanas para ela. Ela é muito mais nova do que Silvio. Só tem

24 anos. Era a alegria da minha vida. — Carla baixou a cabeça.

— Ela não vai morrer — disse Pedro. — Ela está melhor.

— Não é verdade.

— É verdade, *signora*. Eu a curei. Só estou contando porque preciso que vocês acreditem no que digo. Nós, os cinco Guardiões, temos poderes. Se leram o diário, vocês devem saber.

Podemos ler mentes. Podemos mudar o clima. Mas o meu dom é o poder de curar, e antes de

descer aqui, entrei no quarto de Maria e tirei a doença dela. Subam e vejam por vocês mesmos.

Silvio tinha ficado muito pálido. Olhou para Pedro com algo parecido com raiva.

— Você está errado em falar isso — disse com voz rouca.

— Por favor, *signore*...

— Não!

— Eu vou! — Antes que alguém pudesse impedir, Carla Rivera empurrou a cadeira para trás

e se levantou, depois saiu da cozinha. Pedro ficou olhando o padre. Por um breve momento, ele lutou contra si mesmo, depois se levantou e seguiu-a. Pedro foi atrás. Os três voltaram ao corredor e subiram dois lances de escada. A porta do quarto da doente continuava fechada, como Pedro havia deixado. Carla parou do lado de fora, como se juntasse forças, depois a abriu e entrou, com Silvio e Pedro logo atrás.

— Maria...! — Pedro ouviu a mãe dizer o nome da filha com voz ofegante.

Maria estava sentada na cama. De olhos abertos. Ainda parecia fraca e cansada, mas não havia absolutamente nenhuma dúvida de que a doença passara, como uma sombra se move quando o sol nasce. Ainda estava ligada aos vários tubos, e os examinava como se tentasse deduzir o que faziam ali. Quando a porta se abriu, ela olhou em volta e viu os três.

— Mama... — disse ela.

Carla correu até a filha e abraçou-a. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Segurou Maria e apertou a cabeça dela contra o ombro. Ao mesmo tempo, olhou para Pedro.

— É um milagre! — disse. — Ela não falava uma palavra há três semanas!

Silvio estava atônito, enraizado no lugar. Tinha visto a irmã naquela manhã, antes de ir para a igreja. Entrava no quarto todas as manhãs e passava uma hora com ela, rezando ao lado da cama. E agora...? Sua mãe estava certa. Todos os médicos tinham dito a mesma coisa. Não havia esperança para ela. O que ele estava vendo era de fato um milagre.

— Você deve levar Pedro à porta — disse Carla. — Deve fazer todo o possível para ajudá-lo.

— Ela ainda estava abraçando a filha, alisando seu cabelo com uma das mãos.

Silvio assentiu. Todo o sangue sumira de seu rosto.

— Sim — murmurou. — Claro que devemos ajudá-lo. Vamos esta noite.

QUARENTA E QUATRO

Saíram de casa logo depois da meia-noite. Carla estava esperando junto à porta da frente com um casaco, que entregou a Pedro. Tinha passado as últimas duas horas com a filha. Maria falou um pouco. Tinha conseguido tomar um pouco de sopa, a primeira comida que ingeria em semanas. Agora estava dormindo — e sua respiração, que antes era entrecortada e dolorida, saía fácil.

— Para onde você vai? — perguntou Carla a Pedro.

Pedro já havia pensado nisso. Sabia que as portas só funcionavam bem se você decidisse o destino antes de passar por elas.

— Vou para a Antártica. É onde Matt está me esperando. É onde vou encontrar meus amigos.

Carla ajudou-o a vestir o casaco, depois o abraçou.

— Nunca vou me esquecer de você — disse. — E nunca poderei agradecer pelo que fez nesta casa. Você devolveu minha filha!

— Fiquei feliz em poder ajudar — disse Pedro.

— Devemos ir logo — murmurou Silvio. — Os guardas vão suspeitar. Vão querer saber por que estamos entrando no Vaticano a essa hora. Quanto mais tarde formos, mais suspeitas eles

sentirão.

— Cuidado, Pedro. — Carla abraçou-o de novo. — Talvez um dia, em tempos mais felizes, nós nos encontremos de novo.

Ela abriu a porta e os dois saíram. Por um momento, Silvio ficou parado junto à mãe e deu-

lhe um beijo suave no rosto.

— Não espere por mim — disse em italiano.

— Claro que vou esperar por você. Não vou poder dormir enquanto você não estiver em casa. Cuide do Pedro.

O padre estava usando um casaco escuro por cima do terno e, enquanto andava depressa pelo jardim, foi subitamente envolto pela noite. Ele e Pedro chegaram ao portão do outro lado da fonte e passaram para a rua. Essa parte da cidade estivera calma quando Pedro chegou, e agora estava praticamente deserta. Um homem, usando muitas roupas, veio mancando pela calçada, olhando cheio de esperança dentro das latas de lixo. Uma família estava embolada junto à porta de um prédio de apartamentos. Afora isso, não havia ninguém para vê-los enquanto eles

se afastavam da casa, entrando numa das muitas ruas que davam na praça de São Pedro.

O destino dos dois não era a igreja, mesmo que ela fizesse parte da cidade do Vaticano que

ficava ao redor. O Vaticano propriamente dito era uma enorme área murada dentro de Roma, com sua própria polícia e seu governo. Continha igrejas, museus, escritórios e residências oficiais dentro de um jardim lindamente cuidado. Silvio Rivera poderia ter optado por morar dentro dos muros, mas preferira dividir uma casa com a mãe e a irmã — mesmo assim a residência não ficava a mais de dez minutos da entrada que usava todo dia. Essa entrada era um arco com uma pequena guarita. Era vigiada por dois homens usando as fantasias mais bizarras que Pedro já vira: túnicas listradas de laranja e azul com calças justas nos tornozelos, mas que formavam balões em volta das pernas, boinas pretas, faixas vermelhas nas mangas e em volta dos punhos.

— São da Guarda Suíça — explicou Silvio. — O trabalho deles é guardar o Santo Padre. Não

diga nada, mesmo que tentem falar com você. Vou explicar a eles que estou cuidando de você e espero que nos deixem passar.

Enquanto se aproximava deles, Silvio pegou um crachá com sua foto e o número de identificação. Era quase meia-noite e meia, mas ele andava cheio de confiança, como se estivesse simplesmente indo trabalhar. Mesmo assim, os guardas suíços suspeitaram. Apesar das fantasias exóticas, eram homens duros e disciplinados. Um deles examinou o crachá cuidadosamente enquanto o outro fazia uma série de perguntas que Silvio respondeu com calma e confiança completa. Agora o guarda estava examinando Pedro. Ele perguntou alguma coisa, mas Pedro não falou, como fora instruído. Silvio continuou com uma torrente de palavras em italiano, balançando uma das mãos na direção de Pedro enquanto mantinha a outra em seu ombro.

Eventualmente, os guardas pareceram satisfeitos. O crachá foi devolvido. Eles tiveram permissão de passar.

Pedro esperou até estarem fora do alcance da audição.

— O que você disse a eles? — perguntou.

— Que você é cantor do coro e que ia cantar um solo na missa de amanhã, mas que esqueceu a letra. Eu disse que ia lhe dar uma aula.

— Depois da meia-noite?

— Não é incomum os mestres de coro virem aqui com meninos em horas estranhas do dia ou da noite. A missa precisa ser perfeita.

Estava muito escuro para ver grande coisa. Pedro percebeu os gramados e arbustos se abrindo ao redor. Ouviu o murmúrio de água e sentiu cheiro de grama recém-aparada. Ocorreu-lhe que, ainda que o resto de Roma estivesse apinhado e sujo, esse jardim devia ser um lugar lindo — se ao menos ele pudesse ver. Um prédio se erguia à frente, belo e sólido. Parecia um lugar onde um coro ensaiaria, algo entre uma escola e um pequeno museu. Uma escada com cerca de dez degraus de mármore branco levava à entrada principal, mas Silvio foi por outro lado, usando uma chave para abrir uma porta nos fundos.

Um corredor longo se estendia diante deles, com lâmpadas fracas pendendo acima. Pedro pôde ver imediatamente que o prédio estava vazio. O silêncio era total, a não ser pelos passos dos dois no chão de ladrilhos. As paredes eram cheias de fotos em preto e branco — todas de

homens, muitos usando roupa clerical. Passaram por várias portas marcadas com números, mas

sem nomes. Elas podiam dar em salas de aula, mas quando Silvio finalmente abriu uma, bem no

final, Pedro se viu num escritório confortável, atulhado de coisas, e supôs que era ali que o sacerdote trabalhava.

Havia uma mesa antiga com uma cadeira e, atrás, duas janelas que podiam dar para o jardim,

mas estavam com os postigos fechados. Uma parede inteira era usada para livros... volumes pesados encadernados em couro vermelho e dourado, com títulos principalmente em latim. De um lado ficava uma mesa com um vaso de flores. A escrivaninha gemia sob o peso de papéis e

pastas, e havia mais documentos em pilhas altas no tapete. Um ornamentado

espelho dourado

com vidro antigo, cheio de manchas pretas, estava pendurado entre as janelas. As outras paredes eram cobertas com pinturas a óleo. Havia uma imagem da Virgem Maria olhando com

um grande halo atrás da cabeça, outra dos três reis magos indo para Belém. Pedro conhecia as histórias. Quando morava em Lima, ia de vez em quando à igreja, nem que fosse para roubar dos fiéis.

Silvio fechou a porta. Os dois estavam sozinhos.

— Essa é a sua sala? — perguntou Pedro.

— É. Ninguém vai nos incomodar aqui.

— Por que estamos aqui? Onde fica a passagem secreta?

— Não é neste prédio, Pedro. Ela vai do *Cortile Borgia*...

— O que é isso?

— Um pátio, faz parte dos museus do Vaticano. Mas só podemos ir para lá às 8 horas da manhã, logo antes de ser aberto.

— Não entendo. — Os guardas não os tinham impedido. Eles entraram em segurança. Mas,

mesmo assim, Pedro estava inquieto. — Por que viemos aqui?

— Seria perigoso demais vir de dia. É melhor esperarmos aqui até o amanhecer. Quando atravessarmos os jardins amanhã, ninguém vai impedir. Tenho certeza de que você está cansado, mas confie em mim. É mais seguro desse jeito. Vou pegar alguma coisa para nós bebermos...

Silvio foi até um elaborado aparador de madeira incrustado de madrepérola, abriu-o e pegou

uma garrafa de vinho e duas taças. Ficou de costas para Pedro, falando o tempo todo.

— Você deixou minha mãe muito feliz — disse. — Maria chegou muito tarde à vida dela, mas ela sempre a adorou.

— O que aconteceu com o pai dela?

— Nosso pai morreu. — Silvio se virou. Levou duas taças de vinho até a mesa. — Por favor,

sente-se, Pedro. Quero conversar com você.

Pedro obedeceu. Tinha uma consciência dos muitos santos em suas molduras douradas vigiando os dois.

Silvio lhe entregou uma taça e levantou a outra.

— Quero beber ao milagre que você realizou. Quero agradecer por ter devolvido minha irmã.

Ele levantou a taça. Pedro fez o mesmo. Não havia muito vinho dentro, e ele bebeu de um só

gole. Sentiu o calor imediatamente. Tinha um gosto profundo, denso — não somente de uvas,

mas de todas as outras frutas de verão. Imaginou se estaria fazendo a coisa certa. Precisaria de toda a consciência quando a manhã chegasse e ele fosse até o pátio. O *Cortile Borgia*, como se chamava. Dali encontraria a porta que iria levá-lo, dando apenas alguns passos curtos, à Antártica. O pensamento faria sua cabeça girar se ela já não estivesse girando. Não podia acreditar no quanto o vinho o afetara. Já desejava não ter bebido.

Baixou a taça. Silvio também havia tomado o vinho. Estava olhando Pedro de modo muito estranho. Seu rosto parecia cheio de tristeza.

— Preciso explicar uma coisa, Pedro. Quero que você entenda o que eu fiz. Sou um homem

bom. Pelo menos, tento ser um homem bom. Sou padre desde os 20 anos. Dei toda a minha

vida à Igreja.

Pedro estava sentado diante dele, os dois se encarando por cima da mesa. Seus braços e pernas estavam muito pesados. Era quase como se tivessem se tornado parte da cadeira.

— Como disse quando você estava na nossa casa, eu li o diário de José de Córdoba. Há muito tempo sei sobre os Antigos, os cinco Guardiões e a luta que acontecerá para a sobrevivência do mundo. Mas jamais acreditei. — Ele fez um gesto para as estantes. — A biblioteca daqui é cheia dos escritos de profetas e visionários através dos séculos. Eles foram visitados por diabos e demônios e lhes deram muitos nomes. Alguns afirmaram que viram o futuro. Muitos desses textos são ridículos. Outros são francamente blasfemos. Não deixamos que o público os leia porque, nas mãos erradas, eles podem até ser perigosos. Ao mesmo tempo, nós os estudamos porque são instrutivos. Eles nos dão uma ilustração do que pode acontecer quando as pessoas pegam um desvio errado na fé.

“São José era exatamente isso... iludido, ignorante; estava errado! Pelo menos era no que eu acreditava. Por isso me pergunto se você pode ao menos imaginar como me senti quando voltei

para casa esta noite e minha própria mãe disse que um dos Guardiões tinha vindo a Roma e estava no quarto do andar de cima, hospedado conosco. Minha mãe acreditou completamente

em você, Pedro. Ela estudou teologia na Universidade de Roma e, como eu, encontrou as histórias sobre os Antigos. Quando me contou sobre você, que ainda dormia no quarto, senti emoções que jamais tive com relação a ela. Acho que cheguei a odiá-la por acreditar em você.

Devo pedir perdão por isso, Pedro. Um homem jamais deve odiar a própria mãe.”

— O que você fez? — perguntou Pedro. As palavras só saíram com dificuldade. Queria se levantar e sair correndo da sala, mas de repente estava muito cansado. Ainda podia sentir o gosto do vinho nos lábios, mas agora existia outra coisa, um amargo que a fruta tinha disfarçado. Seus olhos estavam pesando. A sala se mexia ligeiramente, perdendo o foco.

— Se ao menos eu estivesse certo! Se ao menos você fosse um mendigo de rua tentando conseguir comida e abrigo através de um ardil para entrar na nossa casa! Foi o meu primeiro pensamento. Mas então, diante dos meus olhos, você fez um milagre. Minha irmã foi tratada pelos melhores médicos de Roma. Nós falamos sobre cirurgias e diferentes tipos de tratamento, mas no fim fomos obrigados a aceitar que não poderíamos fazer mais nada, e ela morreria. O

câncer estava avançado demais. Ela não falava nem comia há semanas antes de você chegar.

Sabíamos que o fim estava muito próximo.

“No entanto, esta noite, graças a você, ela estava sentada na cama. Ela falou conosco. Pude

ver nos olhos de Maria que ela está bem de novo.”

— Eu a salvei. — Foi um esforço dizer as três palavras. Pedro percebia o tempo ficando mais

lento. Sentia como se houvesse um buraco gigantesco na sala e ele estivesse escorregando para dentro. O padre o observava com atenção.

— É. Você a salvou. Você tem um poder extraordinário e eu agradeço. Espero que Deus tenha misericórdia de você. Espero que Ele tenha misericórdia de nós dois.

— O que você fez? — perguntou Pedro pela segunda vez. Não tentou disfarçar a raiva e o desprezo em sua voz.

— O vinho que você bebeu estava envenenado, Pedro. Eu envenenei você. Só lhe restam três

ou quatro minutos. — Ele levantou a mão. Os anéis com pedras preciosas em seus dedos rebrilhavam à luz. — Não tenha medo. Eu tomei o mesmo veneno. Não poderia cometer o pecado do assassinato e me permitir continuar vivo. Faremos a última jornada juntos. — O

sacerdote fez uma pausa para recuperar o fôlego e Pedro viu a palidez pavorosa no rosto dele,

deduzindo que devia estar com a mesma aparência. — Eu fiz o mal — continuou Silvio. — Mas não tinha escolha. Espero que você me perdoe. Espero que Deus me perdoe. Ele vai entender.

Não.

Pedro se recusava a morrer. Estivera lutando durante toda a vida — na aldeia onde nascera,

na favela onde tinha vivido. Estava furioso consigo mesmo por ter sentado ali e tomado o vinho.

Lembrou-se agora de que Matt tentou alertá-lo quando estavam juntos no mundo de sonho.

Como podia ter confiado nesse homem que ainda falava com ele de modo tão razoável, tentando dar sentido ao que fizera?

— Estes são tempos terríveis, Pedro. Parece que o mundo vai terminar. Todo o sul da Itália foi inundado, e agora o Vesúvio entrou em erupção, provocando mortes e destruição mais ao norte.

As cidades estão lotadas de refugiados fugindo da guerra e da fome na Europa oriental e não há mais espaço para alimentá-los ou abrigá-los. O governo reagiu com medidas em que não podemos pensar. As pessoas estão sendo mortas... dezenas de milhares. Até o Santo Padre foi

obrigado a fingir que não está vendo. O que podemos fazer?

“E há coisas piores acontecendo por todo o planeta. Na Índia, na China, na América, na África. Países inteiros desapareceram. Alguns até recuaram para a Idade das Trevas. Terroristas e fanáticos mataram milhões de pessoas. Você já leu a Bíblia? Os reis da terra, os grandes, os ricos e os fortes se esconderam nas cavernas e nas pedras dos morros e disseram: ‘Caí sobre nós e escondei-nos da ira do cordeiro porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá resistir?’

Isso é do Apocalipse de São João. O fim do mundo. É o que está acontecendo agora.”

Pedro tinha de agir depressa. Podia sentir as forças se esvaindo enquanto a mão

pesada do sono, do sono sem fim, baixava sobre ele. O padre se recusava a parar de falar, mas as palavras saíam com dificuldade. Algumas eram engroladas. Ele estava sentado com as mãos no colo. Só

os lábios se mexiam. Em pouco tempo estaria morto.

Mas Pedro tinha uma vantagem. Era um curandeiro. Durante anos tinha vivido numa favela cheia de veneno... o lugar tinha até esse nome. Cidade do Veneno. Mas ele nunca havia adoecido. Sem saber, seu poder o mantivera em segurança. Poderia fazer a mesma coisa agora.

Poderia usar o poder para si mesmo.

— Talvez você e os outros Guardiões pudessem nos salvar, como você salvou Maria —

continuou o padre. — Mas não vê? *Eu não podia deixar que isso acontecesse.* Temos de aceitar todas as coisas que acontecem no mundo como sendo a vontade do Todo-Poderoso, e só através de nossa fé sobreviveremos a elas. Se cinco crianças aparecem de repente e usam poderes blasfemos para salvar a humanidade, qual você acha que será o resultado? Será o fim da igreja cristã. Teremos fracassado! Toda a fé, tudo que construímos nos últimos dois mil anos, desmoronará. Entende? Só pode haver um Salvador, e não é você.

Primeiro, Pedro precisava tirar o veneno de dentro do corpo. Isso era o mais importante. Ele precisava de água, mas não havia torneira na sala. Então se lembrou. Estava ali, diante dele... o vaso de flores. Precisou de toda a força para estender a mão e segurá-lo. Com uma das mãos,

tirou as flores. Elas já estavam morrendo. Como ele! A água dentro do vaso era cinza e pegajosa. Isso era bom. Pedro inclinou-o para trás e derramou o conteúdo na garganta. O gosto era repulsivo. Alguns pedaços de gosma se prenderam nos dentes.

— O que está fazendo, Pedro? — perguntou o Padre. Sua voz era um sussurro.

Pedro ignorou-o. A água imunda tinha feito exatamente o que ele queria. Sentiu-se nauseado

e, um instante depois, girou na cadeira e vomitou violentamente. Chegou a sentir

todo o conteúdo do estômago se esvaziando. Sem dúvida devia ter levado junto pelo menos um pouco

do veneno.

— Não! — Silvio estava olhando-o, consternado.

Pedro ignorou-o. Talvez estivesse imaginando, mas tinha certeza de que parte do gosto do veneno já o abandonara. Impeliu-se para a frente, saindo da cadeira e caindo de joelhos. Agora estava bem na frente do espelho antigo. Podia ver seu próprio reflexo. Parecia terrível, completamente branco, suado, os olhos o encarando de volta. Concentrou-se no reflexo, imaginando que não era ele, e sim Matt depois do Deserto de Nazca, Scott em Vilcabamba; era

só outra pessoa doente que ele precisava curar. Tentou sentir o poder fluindo, ricocheteando em si mesmo.

— Você não pode se salvar!

— Eu vou me salvar!

E Pedro sabia que estava dando certo, que algo dentro dele estava lutando e vencendo. Era

uma sensação extraordinária, seu próprio poder curando-o.

— Deus me ajude...! — Estas foram as últimas palavras ditas pelo padre. Ele afrouxou o corpo na cadeira, seus olhos se fechando.

Pedro não ousava se mexer. Permaneceu de joelhos, as mãos comprimidas contra o vidro do

espelho. Ainda estava ali muitas horas depois, quando o sol começou a nascer.

LIMBO

QUARENTA E CINCO

Não havia nenhum lugar parecido no mundo.

A banquisa de gelo era tão lisa e desolada quanto possível. Tinha quase dois

quilômetros de

comprimento e meio quilômetro de largura, estreitando-se até formar uma ponta, com uma cordilheira de montanhas subindo, negras e impenetráveis, na outra extremidade. Era dessas montanhas que o gelo tinha vindo, parte de uma geleira que havia escorrido e se arrastado alguns centímetros de cada vez durante centenas de anos. A banquisa se alargava até chegar à borda de um penhasco, que formava uma linha reta, como se fosse o fim do mundo. Dali havia

uma queda de cem metros até uma fina faixa de praia, golpeada incessantemente pela água gélida e cinza do Oceano Glacial.

A face do penhasco fora partida e esculpida pelo clima. Antigamente, podia não ser mais do

que uma parede sólida. Mas o vento e os borrifos do mar trabalharam com cuidado infinito, transformando-a num show de fogos de artifício feito de reentrâncias estranhas, afloramentos enovelados e pilares tortos que pareciam incapazes de sustentar o peso da rocha e do gelo acima. À distância, quase parecia estar se retorcendo de dor, mas afora as ondas e a neve, nada se movia. As aves marinhas, as baleias, os pinguins e as focas partiram muito antes, como se algum instinto os alertasse para ficar longe desse lugar.

A fortaleza ficava acima do oceano, na outra extremidade, dois quilômetros território adentro, diante das montanhas... na verdade, já fazia parte delas porque era impossível dizer se a estrutura fora construída sobre as pedras ou se brotara delas. Não havia duas paredes iguais.

Algumas eram retas e outras eram curvas; algumas cortadas em gelo e outras feitas de pedra, fundidas umas nas outras, em tons branquíssimos e de cinza-ferro.

Uma guarita gigantesca e uma barbacã ficavam bem na frente. Era a primeira linha de defesa, com muralhas e ameias recuando dos dois lados. Depois vinham duas torres circulares, uma a leste e uma a oeste. Essas eram as bordas mais distantes da fortaleza. Então as muralhas se viravam uma para a outra, encontrando-se diante da face vertical da montanha que se erguia acima daquilo tudo.

Mais duas torres ficavam nos fundos da fortaleza, mas não tinham sido

construídas separadamente. Também eram esculpidas a partir da montanha, com cavernas e corredores no

fundo do solo. Uma ponte estreita ligava uma à outra, formando um arco atrás da barbacã — e

ligeiramente mais alto do que ela. Havia uma área aberta, um pátio ou talvez uma praça de

formatura, com alguns prédios muito feios, como *bunkers* da Segunda Guerra Mundial, postos de modo quase aleatório. Ali ficavam as cozinhas, os dormitórios, os depósitos e as prisões.

Isso era o Limbo. Era onde Caos, o rei dos Antigos, escolhera para fazer sua última defesa contra a humanidade.

Ele trouxe a maior parte de seu exército para ali, e era um exército monstruoso, poderosíssimo, com milhares de membros. Alguns tinham escolhido estar naquele local, vendendo-se à causa dos Antigos com a crença de que, quando a luta acabasse, teriam permissão de viver em conforto. Mas, como descobriram rapidamente, Caos não se importava se

eles viviam ou morriam. Eles dormiam em quartos gelados e comiam o pouco que lhes davam.

Marchavam ou montavam guarda no frio durante tantas horas que a maioria estava sendo devorada pela gangrena, os dedos e os narizes ficando pretos e apodrecendo. Sua aparência era hedionda. Carregavam armas que foram obrigados a fabricar e usavam trapos, pedaços de pele

e partes de armaduras. Qualquer um que reclamasse era chicoteado ou enforcado. Não havia morte fácil no Limbo. E, mesmo assim, eles estavam satisfeitos. Tinham se convencido de que, independentemente do que acontecesse, estavam do lado vitorioso.

Eram comandados pelos desgraçados que tinham sido “ajustados” ou mutilados para ficar mais apavorantes e menos humanos. Dentre eles estavam os políticos e empresários que compareceram à conferência Fim de Jogo em Nova York. Agora eram irreconhecíveis. Alguns tiveram os braços ou as mãos serrados e substituídos por hastes ou espetos de metal. Alguns foram postos em máscaras

de ferro que cobriam completamente a cabeça e nunca poderiam ser

removidas. Alguns tinham dentes de ferro serrilhados ou chifres soldados no crânio. Alguns perderam as pernas e foram postos sobre rodas, sendo transformados em semimáquinas. Os rostos que podiam ser vistos eram distorcidos pela dor... bocas fazendo caretas, olhos arregalados. Enlouqueceram muito tempo antes e estavam preparados para lutar com mais selvageria do que qualquer um, porque não tinham mais nenhum medo da morte.

Alteradores de forma moviam-se entre eles, mantendo a ordem. Meio homem e meio jacaré,

meio homem e meio cobra, porcos com cabeças humanas, seres humanos com asas... cada combinação doentia e de pesadelo parecia estar ali, armada com espadas, flechas, porretes e chicotes. Podiam matar quem eles quisessem, e frequentemente faziam isso, só para dar exemplo, golpeando sem aviso. Um homem ou uma mulher podia estar passando e gritava, caindo de rosto no chão com o sangue espirrando no gelo. E todos os outros continuavam com

o que estavam fazendo, porém mais rapidamente, com mais atenção, desejando não ser o próximo.

Havia cavaleiros, e tanto o homem quanto o animal eram cobertos com agulhas envenenadas

que pareciam ondular enquanto eles se moviam. Soldados-moscas, densas nuvens de insetos pretos zumbindo, haviam baixado e assumido forma sólida. Somente uma vez um monstro gigantesco aparecera. Um beija-flor do tamanho de um avião tinha se lançado subitamente no ar e subido sobre as montanhas, com a neve explodindo sob as asas. Pelo que se dizia, também existiam outros monstros: um condor, um macaco, até uma aranha. Ninguém os tinha visto, mas eles sairiam quando fossem necessários e nada podia ficar no seu caminho.

E o próprio Caos? Estava em lugar nenhum e em todo lugar. Jamais aparecia, mas não havia

dúvida de que a fortaleza era criação sua e que ele tinha consciência de tudo que acontecia dentro das muralhas. Alguns diziam que ele vivia no fundo da própria montanha e que estava ferido. À noite, eles ouviam os estalos do gelo e o ribombar profundo enquanto as geleiras se desintegravam e desmoronavam no

mar. Mas havia outro som, mais feio. Uma respiração

torturada, o som áspero do ar sendo sugado com dor.

Muito tempo atrás, Caos fora ferido por um dos Cinco. E tudo isso — a fortaleza, as muralhas, a banquisa de gelo, as forças reunidas, os monstros — existiam para atraí-lo. O rei dos Antigos não tinha outro interesse no mundo. Só queria vingança. Era o que as pessoas diziam.

Nas últimas semanas, um exército se juntara para lutar contra ele.

Eram apenas alguns milhares de pessoas, uma reunião precária de sobreviventes que, de algum modo, fora atraída em todo o mundo. Tinham vindo de avião e barco, fazendo as travessias a partir da América do Sul, da África do Sul e da Austrália. De algum modo, a notícia se espalhou. A internet desaparecera muito tempo antes, mas ainda existiam boatos, sussurros, até sonhos. Os últimos incas sobreviventes tinham vindo do Peru. A Sociedade do Lótus Branco mandou representantes do oriente. Nativos americanos de várias tribos tinham se reunido e feito a jornada para o sul. Até mesmo no século XXI, havia sociedades secretas e organizações que se lembravam dos Antigos e sabiam o que precisava ser feito.

E o Nexo estivera ocupado, recrutando voluntários, armando-os, ajudando-os na viagem.

Tiveram dez anos para se preparar. Sabiam que só teriam uma chance de sucesso.

Havia mais de sessenta aeronaves espalhadas no gelo das beiras do Limbo, perto do mar, na

maioria comerciais, algumas particulares ou militares. Tinham pousado, derrapado, girado e parado, cuspindo gelo por de baixo das rodas. Agora pareciam brinquedos descartados, virados em todas as direções, as asas quase se tocando. Nunca mais decolariam, mas pelo menos podiam ser usadas como alojamentos. Era verão na Antártica. O sol jamais se punha. Mas mesmo assim a temperatura era próxima de zero e o vento uivava na banquisa, trazendo vendavais e nevascas que viajavam horizontalmente, chacoalhando o metal e o vidro.

Lá embaixo, perto da praia, toda uma frota havia se reunido e ancorado. Parecia

uma espécie

de ferro-velho náutico. Eram navios de cruzeiro, cargueiros, iates de luxo, aerobarcos, traineiras, barcos de pesca, até um petroleiro. Os restos de diferentes marinhas chegaram: dois couraçados

— um da Argentina e o outro da França —, um porta-aviões americano, um submarino inglês.

Estavam espalhados ao longo da costa, agitados pelas ondas, esperando o chamado à ação. Os

marinheiros se ocuparam. Tinham aberto caminhos e degraus que subiam pelo penhasco de gelo, de modo que pudessem ir ao topo da banquisa, juntando-se aos pilotos e passageiros que já haviam chegado. E na superfície construíram barracas e bivaques perto dos aviões. Era ali que se reuniam, faziam planos, preparavam as armas.

Eles se chamavam de Exército do Mundo.

Era um título corajoso, mas todos sabiam que disfarçava uma verdade desagradável. Mal passavam de uma ralé, em menor número e mal equipada; com escassez de armas, munição, remédios e comida. Havia um limite para o tempo que poderiam ficar ali. Cada hora era uma luta constante contra o frio, e o perigo era começarem a morrer antes mesmo que a luta começasse.

Estavam esperando os cinco Guardiões. Sem eles não tinham chance. Cinco crianças. Parecia

incrível que quatro garotos e uma garota fossem tudo que estivesse entre eles e a destruição completa. Entre eles e o Limbo, poderiam dizer.

Durante vários dias, a fortaleza estava silenciosa. Mais aviões pousaram, descendo no gelo e deslizando até parar. Um, o mais recente, era um Airbus das linhas aéreas Emirates que viera de Dubai. Todo dia mais navios apareciam no horizonte, juntando-se à flotilha cada vez maior.

Uma última batalha. Começaria em pouco tempo.

A neve caía, o vento soprava e o sol pairava baixo sobre a banquisa, e todo

mundo se

perguntava quando Caos agiria.

QUARENTA E SEIS

Scott acordou tarde, com aquela sensação profunda e pesada dizendo que ele havia dormido muito tempo. Torceu-se de lado e estendeu a mão para o relógio — o relógio novo em folha que ganhara na Itália. Eram 11 horas... mas poderiam ser da manhã ou da noite. Ainda não se acostumara ao fato de que, enquanto estava na Antártica, o sol jamais se punha, pairando no horizonte como se tivesse medo de ir mais longe. Mas hoje não havia sinal dele. O céu lá fora era de um branco sujo, as nuvens sólidas e sem interrupção. Bocejou e se espreguiçou. Estava nu por baixo dos cobertores e peles, e nunca se sentiu tão aquecido e aconchegante na vida.

Estava num quarto extraordinário — numa suíte — que parecia algo saído de um filme de ficção científica. Na verdade, era uma caverna escavada na montanha, com as paredes e o teto

— de rocha viva — curvando-se ao redor. Sua cama também era uma pedra lisa — um pedaço

gigantesco de sílex — e devia ser dura e desconfortável. Mas ele estava deitado num colchão grosso que parecia se moldar à sua forma, e os cobertores, trocados todo dia, eram macios e luxuosos. A cama era enorme e cheia de travesseiros de diferentes formas e tamanhos. Três pessoas poderiam dormir nela sem tocar umas nas outras.

Não havia portas. Uma abertura levava a um banheiro privativo com uma banheira do tamanho de uma piscina pequena, cheia permanentemente a partir de uma fonte termal que jorrava de uma fenda na parede. A água também explicava por que o quarto era tão quente.

Havia uma ampla lareira aberta, com um fogo aceso para ele toda noite, mas mesmo quando as

chamas morriam, a temperatura jamais baixava. Possivelmente existia algum sistema de aquecimento natural — talvez vulcânico.

E não havia eletricidade. Toda a fortaleza — as passagens internas e as masmorras — era iluminada por uma luz azul natural que parecia emanar das próprias pedras. O quarto de Scott tinha bastante luz do dia. Ele deduzira que estava a uns três andares de altura, na torre da direita, uma das duas construídas na face da rocha. Não tinha ideia de até onde as passagens penetravam na montanha. Poderia haver cômodos — possivelmente celas de prisão — que mal

passariam de tumbas, mas o fato era que ele estava bem na frente. Toda uma parede do quarto

dera lugar a uma janela oval, virada para o pátio e a barbacã. Scott passou o dedo no vidro e descobriu que não era vidro e sim uma placa de gelo, perfeitamente transparente e fria. Ficou pasmo ao ver que ela não derretia.

Sempre acontecia algum tipo de atividade lá fora. Deitado na cama, podia ver soldados

marchando, envoltos em seus trapos e amaduras. Sempre eram obrigados a treinar... virar à esquerda, virar à direita, dia e noite. Às vezes havia lutas de espadas, sessões de treinamento que frequentemente acabavam com alguém perdendo um braço e sendo levado gritando para a

enfermaria. Não tinha ideia de quantos milhares de homens e mulheres foram recrutados para o exército dos Antigos, mas estava muito feliz por não ser um deles. Havia tomado todas as decisões certas. Iria ficar bem.

Matt soubera o que Scott estava planejando. Quase tinha dito isso no mundo de sonho. Os dois passaram cinco minutos juntos e Scott esperava raiva, recriminações, uma tentativa de fazê-

lo mudar de ideia. Mas, na verdade, Matt estava totalmente relaxado. Não disse nada sobre Pedro nem sobre o que acontecera no Castel Nuovo. Sabia que Scott ia viajar para a Antártica com Jonas Mortlake. E aceitou.

Scott quase se perguntou se Matt havia desistido. Talvez ele tivesse visto o que se erguia contra ele e percebido que não existia esperança. Matt, Pedro, Scarlett e Jamie poderiam viajar de volta no tempo ou talvez ir para o mundo de sonho. Ficariam bem. Pelo menos era nisso que Scott acreditava. A única coisa que o preocupava era que Matt contaria a Jamie o que ele fez, mas, pelo que sabia, isso não tinha acontecido também.

“Todos temos de fazer nossas escolhas, Scott.” Essas foram as últimas palavras de Matt para ele. *“Você fez a sua.”*

Scott ainda esperava que ele e Jamie se reunissem quando tudo acabasse. Os Antigos lhe deviam isso. Afinal de contas, graças a ele, estavam em segurança. Os cinco Guardiões nunca se juntariam, agora que ele optara por ficar do outro lado. Muito em breve aconteceria uma luta, e a última resistência humana seria apagada. O que restaria seria um planeta de escravos, vivendo e morrendo simplesmente para o prazer dos Antigos. Jamie estaria entre eles, mas Scott iria encontrá-lo e os dois ficariam juntos, finalmente desfrutando do tipo de vida que sempre lhes fora negado. Jamie entenderia o que ele tinha feito, e que tinha feito pelos dois. E isso faria com que valesse a pena.

Houve um movimento na entrada, e uma garota surgiu. Só devia ter um ou dois anos a mais

do que Scott, com cabelos louros, rosto pálido, olhos voltados para baixo. Estava usando um vestido simples e carregava uma bandeja com pão fresco e manteiga, frutas, ovos cozidos, queijo e café. Scott não sabia o nome dela. Ela era proibida de falar com ele. Nem tinha permissão de encará-lo. Era a serviçal particular de Scott e ele podia tratá-la como quisesse.

Ela pôs a bandeja numa mesa diante da janela, recolheu as roupas de Scott da noite anterior, fez uma reverência e saiu. Mais tarde voltaria para arrumar a cama, varrer a lareira e limpar o quarto. Scott esperou até ela ir embora, depois saiu de baixo das cobertas e vestiu uma cueca e uma camiseta. Sentou-se e começou a comer. Frequentemente se perguntava como a cozinha conseguia comida fresca no meio de lugar nenhum, literalmente no fim do mundo. Mas no final

de contas isso não importava. Só importava que ela estivesse ali.

A neve caía forte lá fora. Flocos grossos pareciam pairar na frente da janela antes que o vento levasse. Um homem estava pendurado no cadafalso perto do portão, os olhos congelados,

a carne ficando azul. Era um soldado, enforcado por roubar comida extra. Vários eram mortos todos os dias, e Scott assistira a essa última execução. Olhou para o céu. Logo antes de o sujeito morrer, ele tinha visto um avião chegando, e imaginou se Jamie estaria nele. Ou Matt.

E Pedro? Provavelmente ainda estava na Itália. Scott lhe dera dinheiro, mas não o suficiente para comprar uma passagem para fora do país. Pensou no último encontro dos dois na Piazza

Dante, Pedro tão magro e macilento, com a mão enrolada numa bandagem imunda. De repente, Scott não estava tão faminto, e só por um minuto, olhando para a comida, ela pareceu mudar. Não era pão ou queijo que estavam no prato. Era um pedaço de carne podre com larvas

se arrastando em volta. E do outro lado do quarto, o fogo se apagara. Fechou os olhos com o

máximo de força que pôde. Quando abriu de novo, alguns instantes depois, estava tudo certo.

Respirou fundo. Depois deu as costas para a janela e foi se vestir.

Pouco depois, saiu do quarto. Pelo que sabia, tinha permissão de ir a qualquer lugar aonde quisesse. Certamente Jonas Mortlake não tinha dito que não podia. Scott estava usando jeans e um casaco acolchoado, com gola e capuz de pele branca, que tinha sido dado para ele. Não sabia de que animal era feito, mas estava óbvio que a pele era verdadeira. Ele já havia explorado a fortaleza um pouco. Partes dela o lembravam de um castelo medieval. Tinha visto salas de jantar com piso de pedra, longas mesas de madeira e galerias de menestréis. Outras partes —

seu quarto, por exemplo — eram mais modernas.

Saiu no pátio com a guarita gigantesca à frente e a figura balançando no cadafalso. Um garoto, de 12 ou 13 anos, passou cambaleando com dois baldes de água pendurados num pedaço de pau em cima dos ombros. O garoto teve o cuidado de não olhar para ele. Um grupo

de homens e mulheres, enrolados em trapos, jogava neve em carrinhos de mão, usando pás.

Não parecia haver sentido nisso, considerando que mais neve caía enquanto eles trabalhavam.

Alguns alteradores de forma patrulhavam as ameias, alguns com pernas, outros

com escamas e

garras. Fazia um frio intenso lá fora, mas eles vestiam pouca coisa e não pareciam senti-lo.

Scott virou à direita e entrou na outra torre, mais larga e mais alta do que a do seu quarto.

As duas pareciam feitas de pedra ou talvez de coral. Não tinham decorações humanas óbvias.

Não havia qualquer trabalho de construção visível. Ele se perguntou vagamente se era ali que Caos morava. E Jonas Mortlake? Não tinha visto o executivo-chefe da Corporação Crepúsculo desde que chegara. Não que isso importasse. Certamente os dois não sentiam qualquer afinidade.

Ninguém o impediu enquanto ele passava pela porta aberta e seguia por um corredor curto

ligeiramente inclinado para o chão, com a estranha luz azul mostrando o caminho. De novo as paredes pareciam de pedra natural com algum tipo de cristal incrustado, reluzindo e fria ao toque. Depois de uns dez passos, o corredor se abriu de repente e Scott se viu numa câmara enorme com paredes e plataformas de pedra, uma espécie de auditório com assentos para pelo

menos mil pessoas. Estalactites pendiam do teto. Estava vazio agora, mas parecia um estádio esportivo. Scott podia imaginar lutas acontecendo ali. Na verdade, havia uma espécie de ringue de boxe no meio, com piso de plástico branco, mas era cercado por finos fios prateados em vez de cordas. Uma estrutura de madeira fora construída dentro, uma única tábua vertical com dois aros de cada lado. Aquilo fez Scott se lembrar de um mastro de totem grosseiro e, ao vê-lo, estremeceu. Olhou uma última vez ao redor e saiu rapidamente.

Do outro lado do auditório, mais no interior da montanha, chegou a uma oficina cheia de homens de cabeça raspada e seminus, sentados diante de mesas compridas, acorrentados a bancos. Estavam martelando espadas, lanças, peças de armaduras e escudos que tinham saído da forja. Todo o salão estava cheio de uma claridade profundamente vermelha, e o calor era tão intenso que Scott podia senti-lo queimando nas bochechas.

Imaginou como seria ficar ali como escravo durante vinte horas por dia até finalmente dormir, ainda acorrentado no mesmo lugar. Viu um homem tirar um elmo das chamas e mergulhá-lo num poço d'água. O vapor sibilou. O salão era patrulhado por mais alteradores de forma. Viu

um deles com cabeça de abutre e uma única asa. Com o braço humano, arrastava um chicote, que o seguia como uma cobra marrom e feia que podia atacar a qualquer momento. As marteladas continuavam, o som de pedra batendo em metal ficando subitamente mais rápido.

Scott foi adiante.

Pouco depois, encontrou uma fissura na pedra que levava para fora e foi até a guarita e a enorme porta dupla de madeira que estava trancada, mantendo o inimigo lá fora e talvez os trabalhadores escravos do lado de dentro. As muralhas se estendiam dos dois lados. Deu meia-volta. A ponte entre as duas torres estava à sua frente. Examinou a montanha que se erguia atrás. Era completamente vertical, lisa e brilhante, sem qualquer apoio óbvio para os pés. Seria impossível escalar. Era como uma parede sólida sem qualquer passagem visível.

No entanto, havia uma abertura, uma caverna que penetrava vários metros antes de desaparecer nas sombras. A montanha era de granito preto, mas a água havia escorrido formando agulhas de gelo. Isso dava à entrada a aparência de uma boca rosnando. Scott foi até lá. Havia uma corrente atravessando a entrada da caverna. Por que alguém teria decidido barrar o caminho? Olhou com mais atenção e viu um sinal esculpido na pedra, uma estrela de cinco pontas. Reconheceu-o imediatamente. Tinha visto a mesma coisa em Lake Tahoe, na igreja em Cuzco e até em Hong Kong. Sabia exatamente o que estava vendo. Era a vigésima quinta porta.

Agora entendia por que Caos construíra sua fortaleza neste lugar. Trancar as portas não bastava. Ele garantira que iria controlá-las. Se Matt, Pedro ou qualquer um deles tentasse viajar para a Antártica, iria acabar cercado, trancado. Seria capturado imediatamente.

Chegou mais perto. A corrente era feita de algum metal prateado e escuro, com os elos surpreendentemente finos. Imaginou que se partiriam com facilidade. O fecho, em si, era feito de duas mãos humanas, lindamente esculpidas em marfim branco e apertando uma à outra, as

palmas unidas, dedos esguios dobrando-se em volta. Enquanto se aproximava, Scott ouviu um zumbido estranho, e olhou para dentro da caverna. Não tinha ideia de até onde ela ia, mas supôs que eventualmente acabaria numa parede sólida. Isto é, a não ser que as mãos fossem separadas. Certamente era isso, não era? Então ela poderia levá-lo a Londres, à Itália, a qualquer lugar aonde quisesse ir. Estendeu a mão para tocar a corrente.

— Eu não faria isso se fosse você.

A voz veio de trás. Scott girou e se viu diante de dois homens, ambos enrolados em agasalhos com capuzes, calças acolchoadas e botas. Um deles era Jonas Mortlake — mas foi o

outro homem, muito mais velho, com olhos aquosos e cinza, e pele doentia, que havia falado.

— Ouviu aquele zumbido? — continuou ele. — São milhares de volts passando pela corrente.

Não é eletricidade... não exatamente. Mas se você tocá-la, vai ser morto do mesmo jeito. —

Scott não disse nada, e ele continuou: — Não acredita? Eu poderia arranjar alguém para demonstrar, se você quiser. Aquele garoto com os baldes. Quer vê-lo se esfrangalhar?

— Essa é uma das portas — disse Scott.

— Isso mesmo, filho. E está fora de serviço. O engraçado é que o ato de trancar uma trancou

todas, portanto não espere que nenhum dos seus amigos passe por ela. Espero que você não esteja pensando em nos deixar, não é? — De repente os olhos do velho estavam cheios de suspeita enquanto esperava a resposta de Scott.

Scott balançou a cabeça.

— Não. Eu gosto daqui. Por que desejaria ir embora?

— Fico feliz em saber. — O homem estendeu a mão envolta numa luva grossa.

— Sou o presidente da Crepúsculo — explicou. — Você já conheceu o Jonas, claro.

Scott não podia ver muita coisa de Jonas, com o capuz e a gola levantada, mas os olhos dele o encaravam com ódio sem disfarces.

— Preciso falar com você, Scott — continuou o presidente. — Por que não vem à minha sala?

Scott obedeceu, seguindo os dois homens de volta para a torre de onde acabara de sair. O

presidente tinha uma suíte semelhante à sua, porém num andar mais alto, com uma vista superior do Limbo... a vastidão de neve contínua com os aviões espalhados no final. As paredes de sua sala eram cobertas de tecido, fazendo com que parecesse menos uma caverna. As janelas tinham forma mais regular. Havia uma mesa redonda, de madeira, e quatro cadeiras. O

presidente tirou os agasalhos, revelando por baixo um terno e uma camisa aberta. Os três sentaram-se.

— Deixe-me explicar as coisas — começou o presidente. — Qualquer dia desses haverá uma

luta, e não pode existir dúvida de que os Antigos vão vencer. Você viu a ralé que está no gelo?

Na verdade, é bem patética. Seria de pensar que a humanidade conseguiria um pouquinho mais

do que aquilo. Quanto aos supostos Cinco, os Guardiões, eles foram separados. Você está conosco. Não sabemos onde seu irmão está. Ele escapou entre nossos dedos perto de Londres,

mas temos certeza de que vai aparecer em breve. Pedro está em algum lugar no norte da Itália.

Mas talvez você goste de saber que Matt Freeman e Scarlett Adams estão aqui no Limbo. Pelo

menos, é o que achamos.

Scott levou um susto ao ouvir isso. Então dois dos Cinco tinham mesmo conseguido vir até a

Antártica, mesmo sem as portas funcionando!

— Matt Freeman é quem mais nos importa — continuou o presidente. — Ele é o líder do seu

grupinho e fez uma coisa muito ruim no deserto de Nazca. Feriu Caos. Você faz alguma ideia de como isso é sério? O simples fato é que o garoto precisa ser castigado. Isso é mais importante do que qualquer coisa. E você vai nos ajudar a encontrá-lo.

— Eu? — Os olhos de Scott se mexeram rapidamente.

— Isso mesmo, Scott. Nós dedicamos muito tempo e esforço para trazê-lo para cá, e espero

que não pense que fizemos isso porque gostamos de você! Precisamos que faça contato com ele

e o atraia para uma situação em que ele esteja sozinho. Apesar de tudo que aconteceu, Matt confia em você. Se você disser que é seguro, ele vai acreditar.

— Por que vocês precisam de mim? Vocês têm um exército inteiro. Por que não vão simplesmente até lá e pegam ele?

— Porque queremos ter certeza de que vamos pegá-lo vivo.

— O que vão fazer com ele?

O presidente olhou-o com tristeza.

— Quer mesmo saber?

— Não. — Scott se virou para o outro lado, olhando a superfície da mesa.

Jonas Mortlake não tinha dito nada, mas agora se inclinou à frente com um sorriso feio na cara. Atrás dos óculos, seus olhos ficaram vivos.

— Você pode também se recusar a ajudar — sussurrou.

Scott sabia o que Jonas queria. Se ele não fizesse o que era pedido, perderia tudo.

Provavelmente acabaria numa cela... ou acorrentado a uma mesa, batendo pedaços de armadura. De jeito nenhum deixaria isso acontecer.

— Como vou chegar até ele? — perguntou.

— Pode deixar isso conosco — respondeu o presidente. — Vamos fazer todos os arranjos.

Você só precisa aparecer e atraí-lo para a armadilha.

A reunião havia terminado. Do lado de fora da janela, cinquenta soldados estavam arrastando

algum tipo de catapulta, fazendo força com as cordas, os pés deslizando na neve. Como sempre, havia alteradores de forma chicoteando-os.

Scott olhou para além das paredes, para a banquisa de gelo. Então Matt e Scarlett estavam

ali! Tentou imaginá-los andando entre as aeronaves. Ou talvez tivessem chegado de navio. Será que os dois se encontraram? E será que sabiam que ele estava ali? Talvez estivessem vigiando-o agora mesmo, com binóculos apontados para a janela, uma figura minúscula sentada atrás do vidro.

Só por um minuto, desejou vê-los de novo, mas sabia que não era possível. Estava sozinho.

“Todos temos de fazer nossas escolhas, Scott.”

Era o que Matt dissera — e estava certo. Scott havia escolhido. Não existiria volta.

QUARENTA E SETE

Usaram o escorregador de emergência para sair do avião, deslizando até a neve.

Matt tinha visto a extraordinária flotilha de navios de diferentes tamanhos quando chegou. As outras aeronaves estavam a toda volta, imóveis, aparentemente abandonadas na extremidade da banquisa de gelo. Sabia que tinha chegado ao lugar onde seria travada a última batalha contra os Antigos.

Lohan o trouxera com habilidade, os dois sentados lado a lado, presos nos bancos da cabine —

mas mesmo assim Matt sentiu uma pontada de nervosismo. Será que o gelo aguentaria o peso

do Legacy 600? Será que eles conseguiriam parar antes de derrapar e bater de cabeça na montanha mais próxima? Não precisava se preocupar. Num momento estavam no ar, circulando

a área com a fortaleza de um lado e o mar do outro. Depois, estavam deslizando com a neve jogada pelas rodas e as turbinas formando uma nevasca ao redor. Não podiam ver nada do lado

de fora. Tudo era branco. Por fim, Lohan ligou o reverso. Os motores gritaram. O avião diminuiu a velocidade e parou.

Tinham chegado.

Matt chegou ao fim do escorregador e se levantou, dando o primeiro passo no continente antártico com a neve fazendo barulho sob os pés. Tinha conseguido encontrar roupas extras no avião, mas ainda sentia o frio intenso cortando-o. Pelo menos a febre parecia ter passado durante o voo. Estava exausto e faminto, e precisava desesperadamente beber alguma coisa, mas podia andar sem ajuda. Podia sentir as forças retornando.

Percebeu Lohan, que estava ficando de pé depois de escorregar atrás dele. Houve um silêncio

desconfortável. Lohan estava com raiva — não só porque de algum modo Matt travara os controles do avião, forçando-os a voar até ali, mas porque Matt sabia o que ele pretendera fazer. Lohan havia tentado fugir da mina da Serra da Morte sem ele. Se tivesse escolha, ele teria viajado para o norte, para os Estados Unidos. Lohan era um homem acostumado a dar ordens e

a vê-las ser obedecidas sem questionamento. Não fazia parte de sua natureza servir aos desejos de um garoto de 15 anos. Mas era mais do que isso. Estava com vergonha. Tinha se comportado

de modo desonroso. Se alguém tentasse traí-lo desse modo enquanto ele era líder da Tríade, teria mandado matar a pessoa.

— Como está se sentindo? — perguntou. Era quase a primeira vez que falava desde que saíram do Brasil.

— Estou melhor. Obrigado por ter me trazido.

— Eu não ia deixar você para trás — disse Lohan. As palavras saíram de roldão e ele não pôde impedi-las. — Não achei que era boa ideia vir para cá. Só isso. Preciso encontrar meu pessoal. E você também.

— Talvez eles tenham chegado antes de nós.

— Você acha?

Lohan se virou e olhou para a fortaleza distante, meio escondida pela neve que caía. Era construída na beira da montanha, com a barbacã se projetando, as quatro torres ao redor.

Parecia pequena à distância, a quase dois quilômetros, mas ele sabia que ela devia ser gigantesca. Figuras se moviam na frente dela... guardas ou soldados, alguns construindo algum tipo de máquina. Lohan tinha visto tudo isso do ar enquanto se preparavam para a descida. Mas, agora que estavam no chão, aquilo era uma coisa mais agourenta, mais real.

— Os Antigos — disse ele.

— É — assentiu Matt.

— Eles sabem que você está aqui?

— Não sei. Provavelmente.

— Ainda acho que foi errado vir...

— Não precisa se preocupar com o que aconteceu na Serra da Morte. Já passou, e não precisamos falar mais sobre isso. O que importa é que nós chegamos e você me trouxe. Eu não

teria conseguido sem você.

Ficaram frente a frente, com a respiração congelando no ar.

— Tem gente vindo... — disse Lohan.

Era verdade. Meia dúzia de pessoas, vestidas identicamente com casacos grossos e calças brancas, balaclavas e óculos, segurando fuzis. As roupas os camuflavam contra a neve.

Assumiram posições a alguns metros de distância, cercando-os. As armas estavam penduradas nos ombros, mas eles estavam posicionados e atentos, prontos para apontá-las a qualquer momento.

— De onde vocês vêm? — gritou um deles. Não tinha tirado a cobertura do rosto, e sua voz

saía abafada. Falava inglês com sotaque americano.

— Da América do Sul — respondeu Lohan.

— Por que estão aqui?

— Para lutar contra os Antigos.

O líder os examinou brevemente. O que ele estaria pensando: um asiático e um adolescente

ocidental, emergindo sozinhos de um avião brasileiro?

— Vocês têm documentos?

Lohan olhou-o com desprezo.

— De que adianta documentos hoje em dia? Nós escapamos de um campo de prisioneiros no

Brasil. Estamos aqui para lutar com vocês. Talvez pudessem ser mais receptivos.

O homem assentiu lentamente, depois indicou o avião.

— Vocês têm suprimentos? Comida? Armas? Como estão de combustível?

— Nós roubamos o avião — disse Lohan. — Temos cerca de um quarto de tanque, mas não

havia muita coisa a bordo. Encontramos algumas roupas. Há uns dois caixotes de conhaque. Mas só isso.

— O combustível vai ser bom. E o conhaque também. Podemos dar uma olhada mais tarde.

— Ele chegou a uma decisão. — Meu nome é Greyson. Bem-vindos ao Limbo. Agora vocês precisam conhecer o comandante. Venham conosco.

O comandante. Matt não teve certeza se gostou daquilo, mas não tinha escolha a não ser seguir o grupo até o acampamento perto da beira do penhasco. Ao mesmo tempo, ocorreu-lhe

que não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas. O homem que se apresentou como Greyson

podia ser um alterador de forma, e os outros poderiam ser... qualquer coisa. Os dois podiam ter caído direto numa armadilha, mas, na verdade, não havia nada que ele pudesse fazer e, pelo menos, se estavam sendo levados para algum perigo, não estavam completamente

desamparados. Lohan tinha sua arma, e Matt podia sentir os poderes retornando.

Andaram uns cinquenta metros, seguindo os rastros que tinham acabado de fazer na neve e

deixando o Legacy para trás. Estavam indo para a maior barraca, no centro do que era quase uma cidade improvisada. A barraca parecia algo saído de um circo, alta e redonda; era forte, com lona grossa e branca presa por umas quarenta cordas fixas no gelo. Dezenas de barracas menores e bivaques de madeira se amontoavam ao redor, e à medida que chegavam perto, Matt

percebeu rostos observando-os nervosamente por trás das entradas. Algumas fogueiras foram acesas no gelo e havia pessoas paradas perto delas, fervendo chaleiras ou cozinhando comida em latas. Usavam uma variedade de equipamentos de proteção. Alguns tinham luvas e sapatos. Havia homens e mulheres de todas as idades. Eles assentiram na direção dele, mas não disseram nada enquanto Matt passava.

Dois guardas armados estavam na entrada, mas reconheceram Greyson e chegaram para o lado. Matt e Lohan entraram atrás dele, satisfeitos por saírem do frio. Viram imediatamente fogões acesos na barraca. O ar estava quente e cheirava a combustível de aviação, que devia estar sendo usado para manter os fogos acesos. O chão era atapetado. Mesas de cavaletes tinham sido arrumadas em longas fileiras... cem pessoas ou mais poderiam se reunir ali, e havia quadros negros e telas brancas arrumados para apresentações. Quando entraram, Matt viu um

grupo de cerca de vinte homens e mulheres, a maioria de uniforme, sentados e discutindo concentradamente. As cabeças se viraram quando Matt e Lohan foram até eles. Ao mesmo tempo, os homens vestidos de branco estavam tirando as toucas e os óculos.

— Temos dois recém-chegados — disse Greyson.

— Matt!

Matt ouviu seu nome e olhou, atônito e feliz quando Richard Cole saltou da mesa e correu para ele. Richard vestia um grosso agasalho de lã e uma calça, que devia ter conseguido emprestados — pareciam arrumados demais para ele — e seu cabelo estava mais curto. Estava

rindo de orelha a orelha, ignorando todo mundo ao redor. Houve um momento desajeitado enquanto os dois se encaravam, e depois se abraçaram.

— Não acredito que você conseguiu chegar — disse ele. — Scarlett me disse que você estava

no Brasil.

— Estava.

— Lugar bom?

Matt balançou a cabeça.

— Não vou voltar.

Ainda estavam perto um do outro. Richard baixou a voz e falou rapidamente:

— O homem no comando é Cain. Americano. É bem intencionado, mas tenha cuidado com

ele. Está planejando um ataque com o Exército do Mundo. Acho que é maluco, mas ele não ouve. — Richard se afastou e continuou em voz normal: — Que bom que você está aqui, Matt.

Senti sua falta. É bom demais ver você de novo.

Uma segunda pessoa vinha na direção deles, e Matt reconheceu Scarlett. O cabelo dela

também estava mais curto e ele podia ver a cicatriz onde ela fora ferida. Scarlett e Richard tinham marcas vermelhas nas bochechas e no nariz, devido ao tempo passado sob o sol do Oriente Médio. Ela segurou Lohan primeiro e deu-lhe um beijo na bochecha. Depois fez o mesmo com Matt.

— É ótimo vocês terem chegado finalmente — exclamou. — Fiquei todos os dias esperando

que vocês aparecessem.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou Lohan.

— Quase uma semana. Estivemos no Egito e em Dubai, e aconteceram muitas coisas. Fomos

ajudados pelo Nexo e havia um tal xeique... — Ela parou. — Não quero falar sobre isso com todo mundo aqui. Só posso dizer que fiquei feliz porque Richard estava comigo. Não sei o que faria se estivesse sozinha.

— Conhece essas pessoas, Sr. Cole?

Outro homem havia saído da mesa e estava indo na direção deles, e mesmo antes de ele se

apresentar, Matt sabia que devia ser o comandante que Greyson mencionara e sobre quem Richard havia acabado de alertar. Era um homem grande, em boa forma física, com ombros largos, pescoço sólido e cabelo prateado, cortado de modo muito preciso. Tinha o tipo de rosto que exigia ser levado a sério, com queixo quadrado e olhos azul-gelo. Matt supôs que ele teria uns 50 anos. Vestia uniforme da marinha dos Estados Unidos: paletó e calça cáqui, camisa de botões, gravata preta, divisas e fivela dourada. Havia duas fileiras de fitas coloridas no peito e, apesar de estar no meio da Antártica, seus sapatos estavam engraxados e cada vinco estava no lugar.

— Sim, comandante — disse Richard, respondendo à pergunta. — É a melhor coisa que poderia ter nos acontecido. Este é Lohan. Eu lhe contei sobre ele. Nos ajudou em Hong Kong...

— E o garoto?

Richard hesitou um momento, imaginando se Matt desejaria dizer àquelas pessoas quem ele

era, mas Matt captou seu olhar e assentiu ligeiramente.

— É Matthew Freeman — disse Richard. — Um dos Guardiões.

Isso provocou uma agitação entre as outras pessoas, que saíram da mesa e estavam agrupadas ao redor. Matt viu que eram todas da marinha, tenentes e comandantes —; mas de

marinhas diferentes. Um parecia sul-americano. Outros dois eram obviamente ingleses, usando paletós azul-marinho com acabamento dourado nos punhos e coroas visíveis no topo dos quepes. Havia duas mulheres sérias e um homem mais velho usando terno, que poderia ser professor universitário.

O comandante tinha ouvido o que Richard disse e balançou a cabeça devagar, avaliando as palavras. Não demonstrou qualquer emoção. Matt pôde ver que ele estava tomando cuidado para não se impressionar.

— Eles trouxeram algum suprimento? — perguntou. Era uma pergunta estranha,

quase

irrelevante. E nem foi dirigida a Matt, como se ele fosse incapaz de responder sozinho.

— Não, senhor — respondeu Greyson. Ele havia tirado o capuz, revelando um corte de cabelo curto, naval, olhos azuis e sardas. Não parecia muito mais velho do que Matt. — Eles têm um pouco de combustível e álcool, nada mais. Porém não tivemos chance de examinar a aeronave.

Matt estava ficando cada vez mais desconfortável. Que direito aqueles homens tinham de entrar no avião deles — e quem os pusera no comando? Mas talvez estivesse sendo injusto. O

suposto Exército do Mundo devia ter duas ou três mil pessoas, mas alguém precisava dar as

ordens. Um comandante militar seria a escolha óbvia. E não era hora de discutir. Matt queria ficar a sós com Richard e Scarlett. Precisava saber o que estava acontecendo.

— Era um avião Legacy, não era? — perguntou o comandante.

— Um Legacy 600, senhor.

— Isso é bom. Podemos tirar mais algumas pessoas das barracas e colocá-las a bordo. Este tempo está frio demais para dormirem do lado de fora, e ainda temos mulheres e crianças sem

lugar adequado para ir. Cuide disso, Greyson.

— Sim, senhor.

O comandante se virou de novo para Matt e, apesar de ainda não estar sorrindo, pelo menos

parecia ter ficado um pouco mais amigável. Estendeu a mão.

— É muito bom conhecê-lo, Matthew. O Sr. Cole me contou muito sobre você. Sobre o senhor também, Sr. Lohan. Acho que nós dois normalmente não

teríamos muito o que dizer um

ao outro, mas é como as coisas são. Meu nome é David Cain, oficial-comandante do US *Estrela Polar*, e pelo modo como as coisas aconteceram, também sou praticamente o comandante do Exército do Mundo. Temos muito que conversar, mas imagino que vocês queiram ficar juntos um

tempo. De qualquer modo, já estávamos terminando a reunião.

Ele olhou o relógio, um enorme naco de aço inoxidável num pulso grande demais.

— São 15 horas, quase hora de jantar. Não comemos juntos, mas garantimos que haja comida suficiente para todos. E aqui dormimos cedo. Já é suficientemente difícil dormir com essa luz do dia permanente. Organizou a patrulha, tenente?

— Sim, senhor — respondeu Greyson com rapidez militar.

— Certo. Sugiro que nos encontremos para a reunião matinal às 6 horas. Obviamente o fato

de vocês estarem aqui mudam as coisas; e devo dizer que o momento não poderia ser melhor.

Meus homens vão escoltá-los de volta ao Airbus enquanto verificamos o Legacy. Está bom para

vocês?

— Como quiser — respondeu Matt. Ele não sabia se deveria acrescentar um "senhor", mas

decidiu não fazer isso.

— Fico feliz por você ter vindo — disse Cain.

Ele virou as costas, voltou à mesa e começou a examinar os documentos que estivera lendo

quando Matt chegou. Os outros oficiais e auxiliares pareciam relutantes em

deixar Matt, mas eventualmente voltaram para perto do comandante. O tenente Greyson e seus homens

esperaram de lado.

— Vamos — murmurou Richard.

E foram.

Richard e Scarlett concordaram em compartilhar o Airbus, cedendo todo o andar de baixo para

pessoas que tinham achado o acampamento apinhado demais e o mar agressivo demais com os

barcos. Eram cerca de cem, dormindo em camas de campanha que ocupavam toda a extensão

da fuselagem. A maioria era de europeus — franceses, alemães e italianos —, de todas as idades. Como Cain dissera, havia até algumas crianças muito pequenas. O avião já estava coberto de neve, mas isso ajudava a isolá-lo, e alguém montara um sistema de aquecimento usando o combustível de aviação que restava. Uma pirâmide de gelo compactado levava à porta

principal, e haviam sido entalhados degraus nela para impedir que as pessoas escorregassem. A porta era mantida aberta boa parte do tempo, apesar de contar com uma cortina grossa para

deixar o frio do lado de fora.

Matt ficou satisfeito em entrar. Enquanto andava da tenda do comandante até ali, não pudera afastar o olhar da fortaleza dos Antigos na extremidade oposta da banquisa. Podia sentir os músculos do peito se retesando. Sabia que Caos estava em algum lugar lá dentro. Esperando por ele. E Caos saberia que ele havia chegado. O fim, o encontro derradeiro entre os dois, estava muito próximo.

As pessoas no avião já se preparavam para a refeição da tarde, cozinhando latas de comida

em fogareiros a gás. A condensação escorria pelas janelas e o ar estava quente e

nevoento, cheirando a sopa enlatada.

— Estamos no andar de cima — disse Richard, guiando Matt pela cozinha e subindo a escada

espiral que levava à cabine de primeira classe. Como no resto do avião, a maioria das poltronas fora tirada e substituída por camas de campanha. Também havia uma mesa e quatro cadeiras.

Dois homens de cabelos claros e usando uniformes de pilotos, estavam sentados ali, jogando com um baralho velho. Olharam lentamente ao redor quando Matt e Lohan entraram.

— Matt, estes são Larry e Zack — disse Richard. — Eles nos trouxeram para cá.

— Você é Matt Freeman? — perguntou Larry. Ele pousou as cartas. — Fico feliz porque você

chegou, meu chapa. O Richard aqui não parava de falar em você. Então talvez você possa fazer o que precisa e tirar a gente desse buraco.

Matt apertou a mão dos dois australianos. Eles assentiram, depois voltaram rapidamente ao jogo, como se fosse a única coisa que importava no mundo. Não foram exatamente receptivos,

mas pareciam tão à vontade que ele não pôde deixar de gostar dos dois. Alguns minutos mais tarde eles terminaram, com Zack espalhando uma mão de ases. Em seguida, pediram licença e desceram. Talvez tivessem percebido que Matt e Richard precisavam de um tempo juntos.

Matt, Richard, Scarlet e Lohan sentaram-se à mesa. Richard procurou e achou uma garrafa d’água, um pouco de queijo processado, biscoitos e umas duas latas de frutas em conserva.

Matt viu imediatamente que não havia muita comida mas, por mais faminto que estivesse, não

reclamou. Havia milhares de pessoas acampadas ali sem ter como conseguir novos suprimentos.

Fazia quanto tempo que o Exército do Mundo estava ali? Talvez dias, ou semanas. Mas com o frio, o vento e a neve implacáveis, estava claro que o tempo já ia acabando.

— Nem acredito que estamos juntos de novo — disse Scarlett. — Agora só precisamos do Scott, do Jamie e do Pedro. Você tem alguma ideia de onde eles estão?

— Jamie está em Londres e Pedro em Roma — respondeu Matt. E fez uma pausa. — Scott

está aqui na Antártica.

— Onde? — Richard ficou pasmo em saber. — Quer dizer que ele está com o Exército do Mundo? Por que não tivemos notícia dele?

— Ele não está conosco, Richard. — A voz de Matt hesitou. — Ele se juntou aos Antigos.

— Não... — Scarlett não podia acreditar no que tinha ouvido. — Não pode ser verdade, Matt. Ele nunca faria isso.

— Ele está com eles agora, Scarlett. Só a dois quilômetros daqui, do outro lado do Limbo. Sei que você não quer ouvir isso, mas é verdade. Scott decidiu se juntar a eles quando estava na Itália, e eles o trouxeram de avião para cá.

— Mas isso significa que não podemos vencer! — Scarlett parecia horrorizada. — Precisamos

ser cinco.

Matt suspirou.

— Eu sei. Mas você precisa entender. Scott passou por muita coisa e não sabe de verdade o

que está fazendo. Pelo menos está aqui, perto da gente. Ele ainda pode mudar de ideia.

— Nós podemos falar com ele?

— Por enquanto, não.

— Se ao menos o Jamie estivesse aqui! — disse Richard. — Ele era mais ligado ao Scott do

que qualquer um de nós. — Em seguida se virou para Matt. — Onde você esteve? O que estava

fazendo no Brasil? — E assentiu para Lohan. — Que bom que você estava lá para cuidar dele.

— Eu nunca teria chance sem ele — disse Matt, e Lohan baixou os olhos, lembrando-se de como havia se comportado.

— Quero saber de tudo — pediu Richard. — Quando saí daquela porta em Gizé e descobri que você não estava comigo... — Sua voz ficou no ar. — Achei que nunca veria você de novo.

— Mais tarde vamos ter tempo para isso — disse Matt. — Mas primeiro preciso saber mais

sobre o que está acontecendo aqui. Fale do comandante. Você disse que estava preocupado com ele...

— David Cain! — Richard balançou a cabeça. — Acho que temos sorte em tê-lo como comandante. É um homem bom, mas o problema é que insiste em fazer as coisas do jeito dele.

Não sei se você viu quando entrou, mas nós temos um bocado de navios de guerra. Há um destróier argentino, o *Pintada*. E há o *Duc d'Orléans*, que é uma fragata de vigilância francesa e não tem muita utilidade. Há até um submarino inglês, armado com mísseis Polaris. De modo engraçado, os ingleses são os mais distanciados. Não querem saber de Scarlett ou de mim.

"Cain veio no US *Estrela Polar*, como ele contou para você. É um super porta-aviões da classe Nimitz. Mas para ele é difícil. Você precisa se lembrar de que todas essas pessoas são basicamente desertoras. Partiram sozinhas para lutar contra os Antigos. Cain recebeu carta branca do senador Trelawny. Lembra-se dele?"

Trelawny era o político americano que ajudara Scott e Jamie quando estavam fugindo e que

quase fora assassinado na cidade de Auburn, Califórnia. Tinha perdido a eleição para presidente, mas desde então vinha ajudando o Nexo.

— O Nexo andou ocupado — continuou Richard. — Ninguém podia mais contar com os governos. A maioria dos políticos está trabalhando para os Antigos ou ocupada demais cuidando de si mesma. Mas o Nexo atuou com dinheiro, suprimentos, comunicações. Boa parte desse exército só está aqui por causa dele.

— O que Cain está planejando? — perguntou Matt.

— Ele foi um dos primeiros a chegar e meio que se nomeou líder de todo o Exército do Mundo. Talvez não seja uma coisa ruim. Ele é bastante decente. Mas você precisa ficar alerta. Eu vi o rosto dele quando você entrou e não creio que esteja exatamente felicíssimo por você ter chegado. De qualquer modo, ele já decidiu. Ele vai atacar a fortaleza. Estava estabelecendo os planos quando vocês chegaram. Um bombardeio militar seguido por um ataque total.

— Não vai funcionar.

— Tenho certeza de que você está certo. Eu já disse a mesma coisa, mas o comandante Cain

não faz ideia do que é o inimigo. Ele estudou na academia militar e tudo o mais. Lutou no Iraque na Operação Liberdade, mas isso não o preparou exatamente para alteradores de forma e demônios. Ainda acha que essa é uma guerra convencional.

— Quantas pessoas estão aqui?

— Na última contagem, havia 2.900, e estão chegando outras todo dia. Não creio que haja

um sequer país no mundo sem representação aqui. Rússia, China, Japão, Austrália... o que você

disser. De certa forma, é incrível.

— Há quanto tempo eles estão aqui?

— Os que chegaram há mais tempo... há umas duas semanas. E esse é o problema principal.

Nós podemos produzir água, mas não há comida suficiente, em particular para as pessoas que vieram em barcos comuns. Dá para mais duas ou três semanas. É só isso que vamos conseguir.

As pessoas já estão com frio e fome, e estão começando a enfraquecer. Não podemos deixar que isso aconteça.

— Cain disse quando pretende atacar?

— Amanhã. Se você chegasse 24 horas depois, seria tarde demais. Scarlett vai provocar uma

nevasca e vamos usá-la como cobertura quando atravessarmos a planície do Limbo.

Matt olhou para Scarlett.

— Não sei se ele acredita em mim ou não — disse ela. — Andei tentando tornar este lugar

mais quente, fazer com que o sol atravesse, mas acho que não consegui fazer muita diferença. É

demais para mim. Eu disse ao comandante que poderia dar uma tempestade de neve para o ataque, mas ele provavelmente acha que uma está a caminho de qualquer modo. — Ela suspirou. — Tenho 15 anos e sou uma garota. O comandante Cain não gosta de que eu esteja

por perto.

— Vou conversar com ele de manhã — disse Matt. Ele havia comido as frutas e o queijo e bebido rapidamente a água. — Agora estou cansado. Preciso dormir.

— Temos mais camas de campanha na classe econômica premium — disse Richard. — Larry

e Zack preferem dormir na primeira classe... mas, afinal de contas, o avião é deles. Vou mostrar a você.

Levou Matt para fora da cabine da frente. Lohan ficou com Scarlett. Os dois pilotos ainda não tinham retornado, mas havia música de violão vinda de baixo, suave e estranhamente reconfortante à luz cinzenta da noite. Uma meia dúzia de camas estava espalhada, com cobertores e travesseiros. Richard levou Matt até a que ficava no final.

— Pode ficar perto da minha — disse ele.

— Obrigado, Richard.

Matt se deitou na cama e puxou a coberta.

— Fale do Scott — pediu Richard. — Você sabia que isso ia acontecer, não sabia?

Matt não sabia direito como responder.

— Eu tinha ideia. É.

— Não podia ter evitado?

— Acho que não. — Matt se apoiou num cotovelo. — Nunca achei que isso ia terminar assim. Agora tudo parece muito diferente. Quando nós nos conhecemos, em Yorkshire... você fazia alguma ideia?

— Se eu fizesse alguma ideia, não teria falado com você. Nem teria aberto a porta.

— Você se lembra de Jayne Deverill?

— Seria meio difícil esquecer.

— Foi há dez anos. É isso que preciso ficar me lembrando. Dez anos inteiros passaram... pelo menos para as outras pessoas. E nada mais é igual.

— Mas no fim vamos vencer. Não é?

— Vai ser como tem de ser. — Matt se deitou de novo, enrolando o corpo. Deu

um sorriso

cansado. — Estou feliz em ver você de novo. Você é meu amigo mais próximo. Pelo menos isso

não mudou.

— Você ainda não contou sobre o Brasil.

Porém Matt já estava dormindo.

QUARENTA E OITO

O comandante David Cain, oficial superior do porta-aviões da sexta frota US *Estrela Polar*, ganhador da Legião do Mérito e da Medalha Estrela de Bronze, comandante-chefe do Exército do Mundo, estava num tablado alto, dirigindo-se aos 150 militares e líderes da resistência que tinham sido convidados à tenda. Era o seu momento. Não restava nada a discutir. Para ele, todas as decisões estavam tomadas.

— Senhoras e senhores — começou. — Chegamos ao dia do Limbo. Este é o dia em que lutaremos contra os Antigos e retomaremos o mundo. Não estou fingindo que vai ser fácil. Só uma fração das pessoas que estão aqui, foi treinada em combate e a grande maioria nunca esteve em ação. Fizemos o máximo para equipá-las. Desde que estamos aqui, tentamos mostrar

como lutar. Mas eu seria o primeiro a admitir que somos uma lamentável paródia de um exército e podemos esperar muitas baixas.

“Mas, ao mesmo tempo, jamais devemos subestimar o que é possível quando temos a razão

do nosso lado. Houve revoluções na França e nos Estados Unidos, na Rússia e na África do Sul. A história é cheia de momentos em que as pessoas se juntam e tomam o que é seu de direito. Este é o nosso mundo. Jamais convidamos os Antigos a ele. E, com a ajuda de Deus, vamos expulsá-

los. Vamos vencer.”

Talvez Cain estivesse esperando aplausos. Talvez ele se visse como o ator

principal num filme de Hollywood. Mas o que disse foi recebido apenas por um silêncio respeitoso; e quando continuou, sua voz estava mais baixa, as palavras mais pensadas.

— Não podemos esperar mais. Os suprimentos de comida já estão acabando, e todos vocês

sabem que não podemos passar mais tempo aqui no gelo. Os Antigos estão esperando que partamos para a ação, mas sempre há a chance de eles tomarem a iniciativa e lançarem um ataque de surpresa. Isso seria desastroso. Eles têm mais homens. Têm... criaturas. Eu não fui criado nem treinado para enfrentar nada assim. Serei honesto. Para mim, francamente, eles são como pesadelos de histórias em quadrinhos. Mas o fato é que estamos de costas para o mar.

Não é uma boa posição, e eu não vou esperar que eles saiam da toca e nos empurrem para trás.

Precisamos atacá-los antes que eles nos ataquem. Temos de fazer isso agora.

“Assim vou pôr em ação a Operação Primeiro Ataque, cujos detalhes discutimos neste lugar.

A partir das 12 horas de hoje, nossos seis aviões Super Hornet vão lançar um ataque contra a fortaleza, disparando mísseis ar-terra com mira infravermelha. O objetivo é romper as muralhas

externas e provocar grandes baixas do lado de dentro. Eles serão apoiados por mísseis de cruzeiro ingleses e argentinos e *sea-darts* franceses.

“Isso será seguido por um ataque armado por parte de nossas forças terrestres. Vamos cruzar a banquisa de gelo em cinco grupos. Eu comandarei o grupo de codinome Falcão. O

capitão Allenby comandará o Urso. O general Shubniakov estará encarregado do Lince. O

General Sabato comandará o Pantera. E o tenente Greyson estará com o Lobo. Haverá hospitais

de campanha nos setores Nove e Dezessete. Antes concordamos que nenhuma

criança com menos de 18 anos teria permissão de participar, mas dada a presença de dois Guardiões entre nós, pretendo emendar essa regra. Scarlett Adams me disse que pode produzir cobertura climática sob a forma de uma nevasca que começaria imediatamente após o bombardeio inicial.

Suponho que a fumaça e a agitação da neve causadas pelos Super Hornets farão a mesma coisa,

mas de qualquer modo nossas tropas terão toda a chance de atravessar o Limbo sem ser vistas.

“Só para ficarmos esclarecidos, deixem-me dizer com o maior pesar que um ataque nuclear

ainda não é opção hoje. Nossos amigos da marinha britânica carregam mísseis Trident a bordo do submarino HMS *Percival*, cada um com doze ogivas que podem ser lançadas em alvos independentes. Isso mais do que bastaria para vaporizar a fortaleza e tudo que há dentro. Mas os computadores deram defeito e eles não podem implementar os procedimentos de

lançamento. Não preciso dizer que esta situação é sem precedentes e só podemos presumir que

de algum modo, impossivelmente, o inimigo conseguiu penetrar no sistema. Nosso pessoal ainda está cuidando disso, mas temos de aceitar que os mísseis não estão em condições operacionais e não podemos mais esperar uma mudança na situação. Precisamos lutar com o que possuímos. E

essa luta vai começar daqui a menos de seis horas. Alguma pergunta?”

Os olhos azuis brilhantes do comandante examinaram as pessoas reunidas, quase as

desafiando. Richard esperou que alguém falasse. Pelo que podia ver, o plano era suicida de qualquer modo que olhasse. Mas ninguém disse nada. Talvez tivessem passado tempo demais parados no gelo. Só queriam que aquilo acabasse. Não se importavam com o modo.

— Certo — disse Cain. — Vão preparar seu pessoal. Quero todo mundo posicionado às 11

horas. Capitão Johnson, você será o oficial executivo a bordo do *Estrela Polar* na minha ausência.

No caso de minha morte, o comando passa ao capitão Allenby. Boa sorte a todos e que Deus esteja com vocês.

A tenda começou a se esvaziar, mas Richard viu que Matt não se mexeu. Só de olhar para ele

adivinhou que Matt decidira questionar o comandante, mas não queria fazer isso na frente das pessoas. Quando restavam apenas Cain e alguns ajudantes, Matt avançou. Richard, Scarlett e Lohan foram com ele.

Cain estava examinando um mapa cheio de flechas e formações de tropas. Levantou os olhos

quando Matt se aproximou.

— Sim?

— Seu plano não vai funcionar, comandante — disse Matt. Os outros membros do estado-maior de Cain o encararam, chocados. Ele continuou rapidamente, antes que pudessem interromper: — Se lançar esse ataque, muitas pessoas vão morrer, e sem um bom motivo. Não

creio que seus aviões e mísseis causarão algum dano à fortaleza. O mesmo com relação às bombas nucleares. Com todo o respeito, senhor, não creio que o senhor saiba o que está enfrentando. Não sabe como os Antigos são poderosos.

— E você sabe?

— Sim, senhor. Eu os vi no deserto de Nazca. Foi quando eles voltaram ao mundo. Tentei impedi-los.

— E fracassou.

Matt deu de ombros.

— É o que estou tentando lhe dizer. O senhor não pode impedi-los. Até mesmo esta reunião

de hoje... foi provavelmente um erro. Eles podiam estar ouvindo. Podem ter ouvido cada palavra.

— Eu conheço cada pessoa que entrou nesta tenda. Não havia nenhum homem e nenhuma

mulher a quem eu não confiaria minha vida.

— Eles têm alteradores de forma. Eu poderia ser um deles. Assim como o senhor. Assim como qualquer um dos seus conselheiros. Mas de qualquer modo isso não importa. — Matt suspirou. — Por que acha que eles estão aqui na Antártica, comandante? E por que não saíram

para atacar vocês? Por que não estão atacando agora mesmo?

— Diga você.

— Porque estão brincando com vocês. Estão esperando que vocês vão até eles. Vocês estão

fazendo exatamente o que eles querem.

— Como você sabe disso?

— Porque eu os conheço. Lutei contra eles antes.

Cain pensou no que Matt havia dito. Os conselheiros estavam ao redor, fazendo o máximo para evitar seu olhar. Seu rosto estava sério e contido como sempre, mas Richard notara que duas manchas vermelhas de raiva apareceram na testa. Por fim ele falou:

— Você tem alguma ideia melhor?

— Vocês deveriam esperar os Guardiões — disse Matt. — Nós cinco precisamos estar aqui.

Então teremos força para derrotá-los. O poder dos Cinco. É como a coisa funciona.

— No momento só há dois de vocês. Onde estão os outros três?

— Estão vindo.

— E quanto tempo você acha que teremos de esperar? Uma semana? Um mês?

— Não posso responder, comandante.

De novo Cain ficou em silêncio. Matt estava parado junto de Scarlett, parecendo muito pequeno em comparação aos militares muito mais velhos, mais espertos e fisicamente maiores.

No entanto, havia algo impressionante nele. Richard já havia notado a mudança. O Matt que ele encontrou na Antártica era muito diferente do que tinha deixado em Hong Kong. Estava ali havia menos de 24 horas e, no entanto, assumira o controle da situação e estava se mantendo firme.

A verdadeira autoridade na tenda era ele, e todos sabiam.

— Não podemos esperar uma semana ou um mês — disse o comandante. Ele havia decidido.

Falou muito deliberadamente. — Você não estava prestando atenção ao que eu disse, Matthew.

Não podemos sobreviver aqui no gelo. Precisamos agir enquanto podemos. — Ele fez uma pausa

como se esperasse que Matt interrompesse, porém este não disse nada. — E deixe-me falar outra coisa. Você pode ser especial. Pode ser um desses tais Guardiões que parecem tão importantes. Não sei. Mas só tem 15 anos. Eu tenho um filho da sua idade. Eu não receberia ordens dele e não vou aceitar ordens suas também. Fui claro?

— Não estou dando ordens — disse Matt. — É só um conselho.

— Não creio que você entenda a situação. Você só chegou ontem. E, quanto a esses seus poderes, ainda não os vi. Esta jovem diz que pode controlar o clima. Bom, está bastante frio ultimamente. Não posso dizer que estou muito impressionado. Qual é o seu truque de festa?

Matt não respondeu. Olhou rapidamente ao redor e viu uma garrafa d’água na

mesa onde o

comandante estivera sentado. Matt mal se moveu, apenas balançou a mão na direção da garrafa, que explodiu instantaneamente, espalhando vidro e água. O comandante piscou. Seus oficiais se entreolharam desconfortavelmente.

— Certo — disse ele devagar. — Vou admitir que é bem impressionante. — Cain assentiu devagar. — Mas é só uma garrafa. É só um truque de mágica. Você poderia fazer o mesmo com

a fortaleza? Que tal aquelas muralhas? Pode explodi-las?

— Não, senhor. Não sou suficientemente forte. É exatamente isso que estou tentando dizer.

Preciso de Pedro, Jamie e Scott. Assim que estiverem comigo, posso fazer qualquer coisa.

— Eu já disse. Não podemos esperar.

— O senhor não vai mudar seus planos — disse Scarlett.

— Isso mesmo. — Cain passou a mão pela testa, e só por um segundo Scarlett viu a tensão

que ele sentia. — Pode haver algo de certo no que você disse — continuou ele. — Mas não tenho certeza, e de qualquer modo, é tarde demais. Já tomei minha decisão. Eu recebi o comando. E agora, se não se importa, tenho trabalho a fazer.

Então saiu da tenda, seguido pelos outros oficiais. De novo, Matt e os outros ficaram sozinhos.

— Esse homem é um idiota — rosnou Lohan. Seu rosto estava cheio de desprezo.

— Não — disse Matt. — Ele está apavorado. E não quer mostrar isso. E não tem ideia do que

vai enfrentar. Há seis meses ele não teria acreditado em nada disso. Agora está olhando por cima do gelo e vendo criaturas gigantes e soldados feitos de moscas.

Só está fazendo o que acha melhor.

— E o que vamos fazer? — perguntou Richard. — Participar da batalha?

Matt olhou as folhas deixadas na mesa, os mapas dobrados, o quadro branco com as linhas e

flechas riscadas. Por um momento, seu olhar ficou distante, como se procurasse algo perdido na memória. Por fim, virou-se para Richard.

— Sim — disse. — Vamos lutar.

QUARENTA E NOVE

Os Super Hornets passaram baixo sobre a banquisa de gelo em formação de flecha, tão rápido

que, quando foram vistos, já tinham sumido, passando depois de soltar a carga e já ganhando altitude, subindo para as nuvens. Tinham disparado mísseis Sidewinder e Harpoon, que foram guiados para os alvos, acertando a fortaleza com precisão cirúrgica.

As explosões foram espetaculares, enormes plumas laranjas e vermelhas saltando diretamente

da neve. As chamas pareciam mais intensas porque se refletiam no branco brilhante, e parecia incrível que pudessem queimar por tanto tempo quando só podiam se alimentar de pedras e gelo. Novamente a fortaleza foi atingida, com a montanha tremendo, a pedra preta se desintegrando, pedaços de gelo cascateando. A barbacã, com seu portão gigantesco, recebeu o

primeiro golpe e explodiu em mil pedaços, deixando um buraco enorme na muralha. A torre oeste, acertada três vezes, tremeu e depois desmoronou. A muralha propriamente dita foi esmagada em uma dúzia de lugares, explodindo o pátio e os outros prédios atrás.

A quase dois quilômetros dali, olhando do outro lado da planície do Limbo, Matt e Richard podiam sentir o calor no rosto. Era extraordinário estar com tanto frio e sentir calor ao mesmo tempo. Três das quatro torres estavam envoltas em chamas que pareciam se espalhar nas construções de pedra, como se

procurassem famintas qualquer coisa que pudesse queimar. O

próprio gelo parecia pegar fogo.

Os aviões retornaram uma segunda vez, surgindo do céu e descendo para outro ataque, desta vez com suas metralhadoras Gatling de 22 milímetros disparando milhares de tiros por minuto. Lohan estava observando tudo ao lado da tenda do comandante. Não tinha se oferecido

para participar da luta e certamente não iria correr pelo gelo fazendo parte de um exército maltrapilho. Se convencera de que seu trabalho era proteger Scarlett, que estava ao seu lado.

Além disso, ele não era soldado de infantaria. Não era um Senhor do Incenso, um comandante

por direito?

Viu o bombardeio continuar e tentou imaginar como seria estar dentro da fortaleza, tentando

encontrar um esconderijo. Não importava o que eles eram — homens ou monstros —, estariam

ensurdecidos pelo grito dos motores a jato, sacudidos pelas explosões intermináveis, cegados pela massa de entulho girando, voando. Se não tivessem conseguido se enterrar bem fundo, simplesmente seriam despedaçados, e mesmo os que sobrevivessem ao ataque, jamais

esqueceriam. Imaginou se haveria alguma necessidade de um ataque por terra. Os Antigos

contaram com as táticas da guerra medieval, o que podia ter funcionado para eles dez mil anos atrás, mas agora estavam enfrentando uma força aérea do século XXI. Tinham subestimado o inimigo e desta vez seus poderes não os protegera.

Os aviões estavam despedaçando o pátio, rasgando-o. Lohan viu figuras minúsculas tentando

correr por cima da ponte corcunda que ligava as duas torres. De repente, sem

aviso, ela se despedaçou embaixo delas, derrubando-as. Mais mísseis explodiram. Se os aviões retornassem uma terceira vez, poderiam despedaçar a própria banquisa. E por que não? Em algum lugar abaixo do gelo estava o oceano. Mais dois ataques e a fortaleza poderia afundar nele e desaparecer, carregada pelo próprio peso.

Mas os Super Hornets haviam terminado seu serviço. Não houvera defesas aéreas nem contra-ataque. Nenhum deles fora atingido. Os pilotos ficariam felizes em continuar o bombardeio mas, obedecendo às ordens, foram embora, voltando ao US *Estrela Polar*. Instantes depois, seguiu-se um bombardeio por parte dos vários destróieres, mísseis chegando com precisão feroz. Quando a fumaça finalmente se dissipou, parecia que tudo tinha terminado. As paredes estavam rompidas, a fortaleza em ruínas. Havia cadáveres em toda parte, caídos no gelo, cercados por fragmentos de pedra e tijolos quebrados. Ninguém se mexia. Qualquer soldado que estivesse guardando a fortaleza nas ameias ou do lado de fora quando o ataque começou teria morrido imediatamente. Muitos cadáveres pegavam fogo, as chamas agarradas às

roupas. Outros estavam tão esmagados que mal passavam de manchas vermelhas no gelo.

Parecia mesmo que a batalha já fora vencida.

Na plataforma que fora posta do lado de fora da tenda, esperando para dar o próximo passo,

o comandante David Cain baixou o binóculo e resistiu à ânsia de sorrir. Menos de metade da fortaleza estava de pé. As baixas deviam ter sido enormes. E esse era apenas o serviço de seis aeronaves! Apesar de toda a conversa sobre criaturas do outro mundo, de portas estranhas e crianças com poderes especiais, ele contara com o antiquado poder de fogo americano — e estivera certo em sua avaliação. Agora imaginou se teria sido pouco sensato comprometer tropas terrestres, mas estava interessado em ver o que encontraria dentro da fortaleza, e a operação de limpeza acabaria com isso de uma vez por todas. Pelo menos as suas tropas não correriam risco.

Ele próprio podia ver. Toda a resistência fora despedaçada. O ataque aéreo simplesmente não poderia ter sido melhor.

Estava segurando um radiotransmissor. Levou-o ao rosto, apertou um botão e

disse uma palavra.

— Âmbar.

Era o sinal combinado. Imediatamente, todo o Exército do Mundo, dividido em cinco esquadrões, começou a se mover pelos dois quilômetros de gelo que o separava da fortaleza.

Cain sabia que o exército não era grande coisa de se olhar. A maioria absoluta dos soldados estava a pé, já ganhando velocidade. Poucos usavam uniforme e alguns nem tinham armas. Mas

tinha feito o possível por eles. Cada homem e mulher recebera algum treinamento em combate

corpo a corpo. E, lembrou-se, a escolha era deles. Eles queriam estar aqui. Sentiu orgulho de absolutamente todos.

As tropas que avançavam eram acompanhadas por cerca de quarenta veículos blindados e jipes. Americanos, franceses e argentinos, descarregados dos navios. Eram dirigidos por fuzileiros profissionais e equipados com lançadores de foguetes e granadas, artilharia pesada e metralhadoras. Moviam-se a constantes 16 quilômetros por hora. Levariam apenas seis minutos

para chegar ao que restava das muralhas. Enquanto os via diminuir à distância, movendo-se na

formação exata que ele havia prescrito, David Cain decidiu que o comando podia ser um lugar bastante solitário. De todo o coração, desejava estar com eles também.

Scarlett se encontrava a poucos metros de distância do comandante, mas seus pensamentos

eram muito diferentes. Estivera olhando a devastação com uma mistura de horror e empolgação.

As bolas de fogo e as grandes colunas de chamas que irromperam uma depois da outra certamente possuíam uma certa majestade. Tinha sido como assistir ao show de fogos de artifício mais espetacular da terra. E não se importava com

quantos Antigos morressem. Na verdade, esperava que cada alterador de forma e cada soldado-mosca na fortaleza tivesse sido despedaçado pelo bombardeio.

Mas, ao mesmo tempo, não conseguia esquecer que também havia homens e mulheres lá dentro, mesmo que tivessem escolhido lutar a favor do outro lado. Scott era um deles.

Lembrava-se de ter visto imagens de guerra na televisão, os comentários tranquilos dos locutores falando de vitórias aliadas e baixas pesadas entre os insurgentes. Era fácil demais esquecer que

“insurgentes” era outro nome para seres humanos, e nesse momento, estava olhando centenas

deles morrerem. Deveria estar satisfeita com isso?

Ela também tinha um papel a representar, e estivera se preparando antes que o primeiro avião começasse o ataque. Apesar das dúvidas, tinha confiança em que não iria falhar. Sentia o poder fluindo pelo corpo e viu, com alívio, que a neve tinha começado não somente a cair, mas também a fazer redemoinhos com tanta intensidade que formava uma barreira perfeita entre o

Exército do Mundo e a fortaleza. Claro, o comandante Cain diria que era apenas coincidência.

Ele iria se convencer de que a nevasca fora causada pelo bombardeio. Mas Scarlett sabia que não. Estava movendo-a, mantendo-a alguns passos à frente do exército que avançava, de modo

a permanecer escondido até chegar às muralhas.

Mais de duas mil pessoas estavam no gelo. Só as crianças tinham sido poupadas, junto com

os médicos e enfermeiros preparando-se para as baixas. Algumas barracas foram transformadas

em hospitais de campanha com salas de cirurgia completas. Scarlet tinha visto as mesas cirúrgicas sendo empurradas para o lugar. Uma pequena tripulação permanecia nos navios de guerra — para o caso de ser necessária uma evacuação

de emergência, mas agora isso parecia

improvável. O Exército do Mundo tinha avançado por mais de metade do Limbo e ninguém dera

ao menos um tiro contra ele. Não havia nenhum som e nenhum sinal de movimento na fortaleza.

Matt fora com eles. Ele e Richard tinham se juntado ao esquadrão Lobo, achando certo atacarem com pessoas de seu próprio país. O líder, um homem que eles só conheciam como capitão Johnson, ia à frente num jipe, com uma minúscula bandeira inglesa balançando na janela, as rodas derrapando no gelo. No momento, Matt não conseguia enxergar quase nada além das costas das pessoas que iam à frente. Estava sem fôlego, os pés pisando com dificuldade na neve. Tinham apenas dez minutos para cruzar a planície do Limbo. O ataque aéreo devia ter devastado o inimigo. A nevasca iria confundi-lo. Mesmo assim, eles ainda precisavam aproveitar a vantagem, certificar-se de não chegar tarde demais.

Mas à medida que chegaram mais perto, Richard segurou-o.

— Aqui está bom, Matt — disse ele.

Matt soltou-se.

— Eu vou até lá, Richard. Não vim aqui só para ficar olhando.

— Você não está armado.

— Não preciso de armas. Você sabe. — Eles já estavam sendo deixados para trás, com os

outros soldados desaparecendo na neve que girava.

— Eles não precisam de você — insistiu Richard.

— Acho que precisam! — Matt não estava preparado para ter essa discussão agora. — Há alguma coisa errada — continuou. — Tudo está errado. Por que você acha que eles deixaram os

aviões atacar? Por que nem tentaram se defender?

— Foram surpreendidos.

— Não. Eu os conheço, Richard. É isso que eles querem.

Matt já estava avançando de novo, com a respiração congelando no ar. Estava usando roupa

para o frio, com uma balaclava cobrindo o rosto. Tinha sido ideia de Lohan. Ele convencera Matt de que aquilo iria protegê-lo do frio, mas os dois sabiam que o motivo verdadeiro era para que não fosse reconhecido. Richard xingou baixinho, depois correu para alcançá-lo. Sacou uma arma do bolso, pensando em como aquilo tudo era loucura. Ele era jornalista. Tinha um apartamentozinho em York. Menos de seis meses atrás estivera escrevendo matérias sobre casamentos. Mas de repente estava a alguns passos de participar de uma guerra.

As pessoas passavam por ele dos dois lados, e foi então que aconteceu uma coisa que ele recordaria mais tarde. Um homem se virou para ele, a apenas uns dois metros, e sorriu. Richard não podia ver grande coisa do outro sujeito, ele estava com capuz e óculos, mas instintivamente soube quem era. Seu nome era Atoc. Era um inca que estivera com eles na cidade escondida de

Vilcabamba... Na verdade, ele havia levado Matt para lá. Richard quis chamá-lo, cumprimentá-lo, mas tudo estava acontecendo muito depressa enquanto o exército continuava a avançar. Atoc sumiu tão rapidamente quanto apareceu. Richard não o viu de novo.

Alcançou Matt.

— Certo — disse. — Mas você não pode se machucar. Não pode cair nas mãos deles. Você é

importante demais...

Matt assentiu.

— Eu sei...

Scarlett havia guiado a nevasca até a borda da fortaleza, escondendo o exército

atrás.

Deixou-a parar enquanto eles cobriam os últimos metros... Eles atravessaram toda a extensão do Limbo numa velocidade espantosa. O vento morreu. A neve pareceu cair de lado como uma cortina. E foi só então, quando era tarde demais, que a verdade se revelou.

No instante anterior, a fortaleza estivera em ruínas, queimando, golpeada pelo ataque aéreo.

Agora estava intacta de novo, as quatro torres e a barbacã de pé, as muralhas inteiras. Ao mesmo tempo, os portões se abriram e as forças dos Antigos jorraram para fora às centenas. E

isso não era o pior. Havia milhares de inimigos a mais. Tinham ficado deitados no chão, enterrados na neve. Mas no momento em que o Exército do Mundo chegou, quando era tarde

demais para dar meia-volta, eles se levantaram, parecendo surgir como fantasmas ou zumbis, e de repente estavam em toda parte, com seis fileiras de profundidade, gritando e correndo para a frente com armas em junho.

Primeiro vinham os soldados comuns com machados, espadas, lanças e forcados, depois seus

comandantes hediondos e disformes, os homens e mulheres que tinham sido “ajustados”. Eram

seguidos por alteradores de forma, correndo pelo gelo, um borrão de coisas meio humanas e meio animalescas, guinchando e uivando. Soldados-moscas jorravam das ameias, solidificando-se e se juntando aos outros. Era um maremoto de morte. E o Exército do Mundo havia ido diretamente para lá.

Scarlett não podia acreditar no que estava acontecendo. De onde estava, aquilo foi como

uma miragem no deserto — como se o que estivesse vendo se evaporasse num simples tremeluzir de névoa de calor. Virou-se para Lohan.

— Como...? — começou.

— É um truque! — gritou ele.

A luta começou imediatamente, mas para o Exército do Mundo não era mais um ataque —

era uma luta desesperada pela sobrevivência. Eles tinham as armas de fogo, mas mesmo assim

eram furados e cortados por uma turba violenta que não tinha interesse na própria vida ou na própria segurança. Muitos recrutas dos Antigos ansiavam por morrer, e lançavam toda a dor que sofreram contra os soldados mandados para lutar com eles, golpeando com braços

transformados em espadas ou mordendo com dentes feitos de metal serrilhado, gemendo de prazer quando eram mortos a tiros. Enquanto isso, os soldados-moscas abriam caminho mais devagar, deliberadamente. Balas não podiam feri-los. Os insetos simplesmente se separavam para deixá-las passar. Mas quando se juntavam de novo, eram sólidos, as espadas e lanças eram afiadas como navalhas. Um depois do outro, homens e mulheres do Exército do Mundo morriam, com uma horda de insetos pretos zumbindo na forma de uma lança mergulhada em seus peitos e pescoços.

Havia sangue em toda parte, o bastante para deixar a neve de um vermelho brilhante. Era como se o choque de ter visto a fortaleza intacta tivesse paralisado o Exército do Mundo e muitos soldados mal se mexiam, permitindo que fossem mortos. Alguns se viraram e correram,

morrendo com flechas cravadas nas costas. Outros se mantinham firmes, ainda que isso não adiantasse, atirando repetidamente até as armas estalarem vazias e eles serem agarrados e despedaçados.

O massacre chegou ao auge quando Caos mandou as forças que lhe eram mais próximas.

Treze figuras pretas, a cavalo, saíram da fortaleza, encapuzadas e cobertas por mantos como frades ou monges, o rosto escondido a não ser pelos olhos, que reluziam como fagulhas vermelhas nas sombras. Matt reconheceu os cavaleiros de fogo. Eles só precisavam estender a mão; qualquer coisa que tocassem se encolhia e queimava. Enquanto olhava desesperadamente

ao redor, tentando deduzir o que faria, viu um fuzileiro inglês, um homem de vinte e poucos anos, disparando com uma metralhadora. O homem não notou quando um dos cavaleiros estendeu um dedo. Mal teve tempo de gritar. Morreu instantaneamente, enegrecido e se desintegrando como um pedaço de papel numa fornalha.

Matt os continha praticamente sozinho. Como Scarlett, podia sentir a energia atravessando o

corpo enquanto a direcionava contra o inimigo, simplesmente fazendo um gesto com o braço esticado. O cavaleiro de fogo que acabara de matar o fuzileiro foi lançado para trás, o manto preto se apertando em volta do corpo, o cavalo empinando aterrorizado. Um alterador de forma com duas cabeças de cobra, que estivera rasgando o meio do esquadrão, foi lançado dez metros no ar até se chocar contra a muralha. Com um único movimento, Matt espalhou uma longa fila

de soldados inimigos, varrendo-os do chão e derrubando-os no gelo. Perto dele, Richard atirava feito louco. Era impossível saber com certeza o que acontecia. Para todo lugar aonde olhassem, havia carnificina — braços se sacudindo, rostos distorcidos, sangue espirrando.

A nevasca havia recomeçado. Ao ver o que acontecia a um quilômetro e meio de distância, Scarlett fizera a única coisa que podia. Mandou o vento e a neve chicotearem contra as linhas inimigas, esperando cegá-las e empurrá-las para trás. Melhor do que qualquer um, ela entendia o que estava acontecendo. Tinha passado um tempo em Hong Kong quando os Antigos estavam

no poder, e sabia como eles podiam distorcer facilmente a realidade para fazer você ver o que

quisessem. Sabia que nenhum míssil disparado pelos Super Hornet havia realmente alcançado o alvo. Devia existir algum tipo de escudo na fortaleza. As construções sequer foram tocadas.

Ninguém fora machucado. Mas os Antigos criaram uma ilusão em massa, e eles tinham sido idiotas em acreditar.

O comandante David Cain também percebeu que fora enganado. Suas mãos estavam

apertando o binóculo, como se fossem esmagá-lo. O que via não era uma batalha. Era uma chacina insensata. Sabia que a culpa era sua. O garoto, Matt, tinha tentado alertá-lo.

“Eles estão brincando com vocês. Estão esperando que vocês vão até eles. Vocês estão fazendo exatamente o que eles querem.”

Lembrou-se das palavras mas, na ocasião, não acreditou nelas. Por que deveria ter acreditado? Tinha pensado que possuía uma vantagem. Um ataque aéreo clássico seguido por outro de infantaria. Era o que lhe fora ensinado décadas antes, na Academia Naval dos EUA, em Annapolis. Nada que aprendera poderia tê-lo preparado para isso.

De novo, levou o transmissor aos lábios.

— Vermelho-sete.

Era o sinal de retirada: não que achasse que isso faria alguma diferença. Os Antigos, aquelas... coisas... seguiriam o Exército do Mundo pelo gelo. Iriam trucidá-lo durante a fuga.

Nenhum soldado conseguiria retornar às barracas, e elas também seriam provavelmente destruídas, todos os médicos e enfermeiros, as crianças e os civis, todos seriam chacinados. Será que ele poderia fazer alguma coisa? Talvez os Super Hornets pudessem voltar. Ele poderia ordenar um bombardeio a partir da fragata. Não. Isso simplesmente mataria seu próprio pessoal.

Só podia ficar parado, olhando.

O Exército do Mundo já havia recuado, separando-se do inimigo, e por alguns segundos, houve um espaço entre eles. Cain pôde ver o trecho branco, mesmo com a neve caindo. Ao mesmo tempo, ouviu uma explosão diferente de tudo que acontecera antes. Era um estrondo oco que pareceu começar dentro da própria terra. Foi dez vezes mais alto e durou dez vezes mais do que qualquer um dos ataques de míssil que ele havia comandado. E de repente viu.

Toda a banquisa de gelo tremia. Pessoas corriam na direção dele — eram centenas — mas por

algum motivo os Antigos tinham ficado imóveis. Alguma espécie de linha preta

apareceu na frente deles. Aquilo funcionava como uma barreira. Eles estavam diminuindo a velocidade, com medo de atravessar.

Cain levou o binóculo aos olhos, incrédulo. Uma rachadura surgia na superfície do gelo, correndo por toda a largura da planície do Limbo. A geleira se partiu ao meio! Estava olhando um abismo que devia ter centenas de metros de profundidade. O Exército do Mundo estava de

um lado. Os Antigos ficaram presos do outro. Dezenas de soldados inimigos que estavam mais perto quando a fenda se abriu foram caindo no vazio. Viu-os tropeçando como migalhas pretas

empurradas da beira de uma mesa. Claro, havia criaturas capazes de voar. Os guerreiros feitos de insetos. Alguns alteradores de forma. Mas pareciam confusos com o que tinha acabado de acontecer. Estavam se contendo.

O restante do Exército do Mundo chegou mais perto. Quase metade — talvez até mil pessoas

— havia sido morta. A batalha estava perdida. Mas graças a algum milagre, uma loucura da natureza, o massacre não fora total.

A dez passos dali, Scarlett sabia exatamente o que havia acontecido. Era Matt. Só ele podia

ter feito aquilo. Devia ter ficado mais forte do que nunca para partir toda a banquisa ao meio!

Imaginou se haveria algum limite para o poder dele. Talvez, com o tempo, ele pudesse derrubar a própria fortaleza.

— Comandante...? — Um dos oficiais do estado-maior se aproximou de Cain, esperando outras ordens.

Cain balançou a cabeça e voltou para a tenda.

CINQUENTA

Tinha sido um desastre. A lista de mortos era interminável, e os hospitais de campanha estavam trabalhando sem pausa para ajudar os vivos. Durante toda a

tarde, vinham realizando cirurgias, amputações — e quando os relógios mostraram que a noite havia chegado, tinham ficado sem

anestésicos, bandagens e suprimentos básicos. Mas ainda trabalhavam à luz antártica, usando álcool e pedaços de lençóis rasgados, fazendo o possível. Os médicos estavam diante de ferimentos horríveis, piores ainda porque tinham sido infligidos deliberadamente para ferir, e não para matar imediatamente. As barracas estavam apinhadas de homens e mulheres deitados em

choque, estendidos em camas de campanha. Os enfermeiros e maqueiros entravam e saíam constantemente, verificando quem ainda vivia e quem havia morrido, retirando em silêncio os corpos e enterrando-os fora das vistas, sob a neve.

Os que ainda podiam andar tinham deixado a banquisa, voltando aos barcos. Falava-se numa

evacuação em massa. Certamente um segundo ataque contra a fortaleza estava fora de questão. O Exército do Mundo estivera em menor número para começo de conversa. Agora restavam apenas mil pessoas, e o grande medo era que os Antigos aproveitassem a vantagem para lançar um contra-ataque. Se isso acontecesse, eles seriam apagados. A munição estava acabando. Poucas pessoas tinham força ou vontade de lutar. Só queriam sair daquele local pavoroso. A maioria desejava nunca ter vindo.

Matt, Scarlett, Richard e Lohan retornaram ao Airbus a tempo de encontrar o piloto subindo

os degraus de gelo. Estava carregando uma mala e parecia pálido e desgastado.

— Boa sorte para vocês — disse, e eles notaram a amargura na voz. — Vou arranjar uma cama no *Estrela Polar.* Não faz sentido ficar aqui.

— Cadê o Zack? — perguntou Scarlett.

— Já foi.

Não havia mais nada a dizer. Larry passou por eles e foi rapidamente para a borda do penhasco, onde o caminho descia.

Os quatro foram para a cabine superior. A parte de baixo do avião estava vazia, abandonada,

a estrutura de metal com suas janelas cobertas de neve estendendo-se na escuridão. Pelo menos um pouco de comida fora deixado para trás, e Richard pôde fazer uma refeição para eles com sopa quente, frutas enlatadas, queijo e biscoitos. Ninguém falou muito enquanto comia. Richard estava numa fúria gelada. Por que o comandante não tinha ouvido Matt? Por que precisava ser

tão teimoso? Lohan queria ir embora. Para ele, não havia mais motivos para ficar. Scarlett estava exausta. Zack e Larry tinham partido. Todo mundo estava abandonando-os. Matt guardava seus

pensamentos.

Quando as horas da noite chegaram, ainda estavam sentados juntos em silêncio. Lohan tinha

conseguido uma garrafa de conhaque, e ele e Richard estavam bebericando. Lá fora a neve caía fraca. Ainda que fossem 8h da noite, a luz não havia mudado, era de um cinza-prateado pálido sem qualquer fiapo de calor. Lohan limpou um pouco de condensação da janela e olhou por cima da banquisa de gelo.

— Por que eles não vêm? — perguntou. — Eles sabem que estamos fracos, indefesos.

Poderiam vir e acabar com a gente, um por um.

Richard se virou para Matt.

— E agora, o que vai acontecer? Vamos embora?

— Não podemos ir sem o Scott.

— Scott? — Richard suspirou. — Sabe, eu tinha me esquecido dele. — Ele balançou a cabeça. — Mesmo que você possa falar com ele, acha mesmo que ele vai querer vir? E o Jamie e o Pedro? Talvez a gente devesse tentar encontrá-los.

Houve um movimento na entrada da cabine e um dos oficiais americanos apareceu, vestindo

sobretudo e quepe. Por um momento, Richard lutou para se lembrar do nome dele. Claro...

Greyson. Era isso. Com o cabelo cor de palha e o nariz arrebitado, ele parecia que ainda estava na faculdade. Tinha ido com o esquadrão Lobo e estivera no meio da luta, mas aparentemente

não havia se ferido.

— Boa noite — disse ele. — Desculpe interromper. Mas o comandante Cain quer muito falar

com vocês. Aconteceu uma coisa que vocês deveriam saber. Ele perguntou se podem me acompanhar até o QG do comando.

QG do comando. Era apenas outro nome para a grande tenda. Richard olhou para Matt, cansado, imaginando se ele quereria sair no frio de novo. Todos estavam mais do que fartos do comandante David Cain. Porém Matt já ia se levantando, pegando os agasalhos que havia tirado ao entrar. Scarlett fez o mesmo. Lohan balançou a cabeça, com uma expressão feia no rosto, mas não ficaria sozinho para trás. Murmurou algo em mandarim e vestiu o casaco.

Os quatro seguiram Greyson, saindo do avião e voltando pela banquisa. Mesmo agora, os médicos continuavam trabalhando. Matt viu movimento atrás de algumas tendas e sentiu cheiro

de sangue e antisséptico no ar. Dois maqueiros passaram carregando um corpo coberto por um

lençol. Ele vislumbrou uma mão pendendo, com riscas de sangue. Em algum lugar, ouviram um

homem gemendo. Do lado de fora de um dos barracões de madeira, vários soldados

uniformizados estavam fumando juntos, com a fumaça e a respiração impossíveis de ser distinguidas. Olharam para Matt, que passava, mas não disseram nada. Provavelmente estavam

esperando ordens, mesmo que não confiassem totalmente nas pessoas que as

davam. Seus olhos estavam assombrados. Nenhum deles falava.

Oito oficiais esperavam Matt e os outros dentro da tenda. Cain era um deles, e Matt reconheceu a maior parte dos outros. O russo, Shubniakov, e o argentino, Sabato, morreram.

Mas alguns dos outros militares que compareceram à reunião da manhã estavam ali. O

comandante inglês, Johnson, apoiava-se numa muleta. Outros tinham bandagens. Quase

ninguém que participara do ataque escapou completamente incólume. O clima era silencioso e desanimado. Era como se todos soubessem que eram responsáveis pelo que acontecera, mas nenhum deles quisesse assumir a culpa.

Havia um estranho sentado numa cadeira, que parecia o centro das atenções. Era do oeste da África, musculoso, vestindo trapos e com um talho na lateral da cabeça que sangue seco escorrendo pela bochecha. Tinha cabelo curto, em *dreadlocks*, e uma tatuagem de algum tipo de animal no pescoço. Estivera usando algemas recentemente. Seus pulsos estavam em carne viva e havia mais sangue nos braços. Levantou os olhos rapidamente quando Matt entrou. Seus

olhos eram grandes e espiavam fixamente. Matt viu uma fagulha de esperança e, ao mesmo tempo, pensou, de medo.

— O que está acontecendo? — perguntou Richard.

David Cain se adiantou. Algo sumira dele desde que fizera o discurso de manhã. Seu rosto estava como cera, e ele parecia que só estava se segurando com algum esforço. Os homens ao

redor sabiam disso também. Estavam inquietos na sua presença. Provavelmente nem percebiam

que faziam isso, mas cada um evitava o olhar dos outros.

— Nós tomamos este homem como prisioneiro — disse Cain. — Isto é, ele voltou com nossas

forças depois do ataque. Não está claro como ele conseguiu atravessar o gelo antes da rachadura, mas o fato é que veio para cá deliberadamente, por vontade própria. Diz que se chama Omar e vem do Senegal. Estava trabalhando para a Corporação Crepúsculo em Nova York e eles o trouxeram para cá. Disse que é cristão e não tem lealdade para com os Antigos.

Lutou ao lado deles porque não tinha escolha, mas aproveitou a primeira oportunidade para desertar. Segundo Omar, muitas pessoas na fortaleza queriam fazer o mesmo, mas estavam com muito medo.

— O que ele quer? — perguntou Matt.

— Falar com você.

— Eu trago uma mensagem — disse Omar. — É de um amigo seu. Ele me pediu para encontrar você. O nome dele é Scott.

— Scott! — Scarlett murmurou a palavra.

— Isso mesmo. — O comandante estava segurando um pedaço de papel. Virou-o nas mãos,

como se não quisesse entregá-lo. — Scott quer se encontrar com você. Pelo menos é o que diz.

Ele entregou o bilhete a Matt, que o desdobrou. Havia uma mensagem curta, escrita à mão

presumivelmente por Scott, apesar Matt nunca ter visto a letra dele. Leu em voz alta:

“Matt, espero que esse bilhete chegue até você. Eu cometi um erro tremendo. Agora

sei. Mas se não for tarde demais, se você confiar em mim, podemos derrotar os

Antigos. Aprendi coisas sobre esse lugar e conheço os pontos fracos. Será que você ao

menos quer se encontrar comigo e deixar que eu explique? Há um lugar

chamado

Baía Skua, a cerca de um quilômetro no litoral. Estarei lá sozinho esta noite, à meia-

noite. Venha sozinho... só você e eu. Podemos dar um jeito nisso, prometo, e podemos

vencer. Independentemente do que você pense, ainda sou um dos Cinco. Scott."

Matt baixou o papel.

— É uma armadilha — disse Richard. Sua voz estava pesada.

— Também acho — concordou Scarlett. — Por que Scott iria querer se encontrar com você

agora? Se ele quisesse mesmo falar com você, poderia vir ao mundo de sonho. Ou poderia ter escapado. Não precisaria mandar um bilhete.

— Nós interrogamos o prisioneiro — murmurou Cain. — Ele pode acrescentar um pouco mais.

— Eu falei com Scott! — Omar tinha uma voz aguda, nervosa. — Ele está muito apavorado.

Os Antigos o vigiam o tempo todo. Este lugar do qual ele fala, a Baía Skua, é seguro. Fica perto dos navios de vocês, longe da fortaleza. Ele vai sozinho. Você vai sozinho. Você vai ver isso. Scott é seu amigo. Ele quer ajudá-lo.

Houve um silêncio breve. Então Lohan se adiantou.

— Me dê cinco minutos a sós com esse homem — disse.

— Me dê fogo e uma faca. Eu direi rapidamente se ele está mentindo. Mas vou dizer agora

mesmo que não acredito numa palavra disso. Eles querem o Matt. É só isso que querem. E é o

modo que têm para atraí-lo.

— Não vamos torturá-lo — disse Matt. Ainda estava segurando o bilhete, sopesando-o.

Aproximou-se de Omar. — Você viu o Scott?

— Vi.

— Descreva-o para mim.

— É magro, de cabelo escuro. Pele clara. Olhos castanhos. Ele me pediu para dizer uma coisa

quando a gente se encontrasse para você saber que é mesmo ele.

— E o que foi?

— Disse que lamentava pela professora Chambers. Que cometeu um erro e sabe que você ficou com raiva dele.

Matt e Richard sabiam do que Omar estava falando. Scott havia se culpado pela morte da professora, na casa dela, em Nazca. Ninguém mais na fortaleza poderia saber disso, o que pelo menos provava que a mensagem devia ser mesmo de Scott.

Mas então Richard pôs em palavras o que os dois estavam pensando.

— Ainda pode ser uma armadilha — disse ele. — Se o Scott está trabalhando para os Antigos, eles podem estar usando-o para chegar a você.

Matt olhou para Greyson, o homem que o trouxera.

— Você conhece a Baía Skua? — perguntou.

— Conheço. É onde ele disse. Cerca de um quilômetro a oeste.

— Pode me deixar lá?

— Claro. Nós podemos levá-lo num Zodiac.

— Espere um minuto! — interveio Richard. — Você não está pensando seriamente em aceitar o convite do Scott, está? Isso é loucura! Pense só por um

minuto. O que Scarlett disse está certo. Se Scott quisesse mesmo, poderia simplesmente sair da fortaleza e falar com você.

Poderia usar os poderes dele. Ele não pode controlar a mente das pessoas? Ele poderia fazer um dos alteradores de forma dar uma carona! Ou ir ao mundo de sonho! Scott estava ficando mau

já quando nós estávamos no Peru. Lamento dizer, mas é verdade. Você não pode confiar nele,

Matt. Os Antigos estão procurando você. Isso é um truque.

Matt se virou para Cain.

— O que acha, comandante?

Cain deu de ombros.

— Não sei, Matthew. Acho que tendo a concordar com o Sr. Cole. A coisa toda parece um

bocado suspeita. Mas ao mesmo tempo vou acrescentar o seguinte — Ele fez uma pausa. —

Nós fomos derrotados. Acho que preciso assumir a maior parte da culpa, mas hoje foi um desastre. Só temos metade dos homens com que começamos. Nossas forças aéreas se

mostraram inúteis. Neste momento, eu diria que o futuro do mundo está por um fio.

“E o que isso significa? Significa que, se houver ao menos um fiapo de chance de este homem estar dizendo a verdade e de que Scott pode nos ajudar, não temos escolha, a não ser

aceitar. Deus sabe, eu sei que perdi o direito de dar conselhos a vocês. Mas é o que acho.”

Matt assentiu.

— Concordo.

Richard foi até ele.

— Não faça isso, Matt — implorou.

— Não há outro modo. Você sabe, Richard. Os Cinco precisam se juntar. Se ficarmos separados, não temos escolha.

— Mas vocês não estão nem perto um dos outros — disse Richard. — Você e Scarlett estão

aqui. Pedro na Itália. Jamie na Inglaterra. E as portas estão fechadas. Vocês não vão se juntar tão cedo. — Ele respirou fundo e continuou mais devagar: — Nós perdemos, Matt. O ataque de hoje foi uma aposta monumental, e não deu resultado. O melhor agora seria sair desse lugar infernal o mais cedo possível. Recuperar as forças em algum outro lugar. Viver para lutar outro dia.

Todo mundo se virou para Matt, esperando sua resposta.

— Você está certo, Richard — admitiu ele. Havia em sua voz um cansaço que Richard nunca

tinha visto. — Tudo deu errado. Mas é por isso que preciso ir. Se fugirmos e nos escondermos, o que vai acontecer? Estamos num planeta agonizante. Os Antigos arruinaram tudo. — Ele olhou

uma última vez para a carta. — Nesse momento, é a única esperança que temos. Scott pode estar mentindo, e nesse caso tudo acabou. Eles venceram. Mas você o conhece. Acha mesmo que ele me entregaria a eles? Será que não existe uma chance minúscula de ele ter mudado de

ideia e querer ajudar? Acho que não podemos ignorá-lo. Acho que preciso ouvir o que ele tem a dizer.

— Não — disse Scarlet. Havia lágrimas em seus olhos. — Você não pode ir, Matt. E se ele estiver mentindo? E se eles conseguirem capturar você?

— Lute outro dia — concordou Lohan. — Não vá a esse lugar. Não entre na toca do leão.

Cain era a única pessoa na tenda que parecia pensar diferente.

— Nós podemos lhe dar apoio total — disse. — Você pode ficar em contato constante por rádio e eu posso manter uma equipe de lanchas de ação rápida nas proximidades.

— Acho que vale o risco — disse Matt. Ele havia decidido. — Eu vou.

Scarlett gemeu e Lohan desviou o olhar, porém Matt os ignorou. Cain foi até a mesa e pegou

um mapa, mostrando o litoral ao redor do Limbo. O homem chamado Omar ficou sentado na cadeira, com a expressão vazia.

— Espere um minuto — disse Richard. Em seguida se virou para Matt. — Não entendo por que você está tomando essa decisão, mas não vou deixar você ir sozinho. Se vai a essa tal de Baía Skua ou sei lá como se chama, eu vou junto.

— Richard...

— Não. Sem discussão. Eu comecei essa aventura com você e vou terminá-la com você, não

importa o que aconteça.

— Scott queria que eu fosse sozinho.

— Scott me conhece. Se ele me vir com você, não vai ficar surpreso. Mas pela primeira vez

não vou ceder, Matt. Ou você me deixa ir junto ou não vai.

— Então vamos juntos — disse Matt, e nesse momento Richard teve a impressão de que ele

sabia o tempo todo que a coisa iria acontecer assim e que na verdade estivera esperando ele se posicionar. Já sabia que Matt havia mudado, mas, nesse momento, sentiu como se os dois fossem totalmente estranhos. Era como se tudo que tivessem passado juntos fosse deixado para trás.

— Vou designar o tenente Greyson para levá-lo à praia — disse Cain. — Se quer estar lá à meia-noite, deve sair agora. Vocês vão demorar um tempo para descer o penhasco e chegar ao

Zodiac.

Matt assentiu. Richard estava ao seu lado, silencioso e pálido. Scarlett parecia chocada.

— Certo — disse Matt. — Vamos.

CINQUENTA E UM

O Zodiac era um barco inflável rígido de alto desempenho, feito de borracha preta e com um poderoso motor de 110 cavalos. Estava esperando Matt e Richard quando eles desceram à praia, seguindo a intricada rede de caminhos e escadas cortados na lateral do penhasco. Um punhado

de fuzileiros esperava-os embaixo. A praia era uma fina tira de cascalho preto levado pelo movimento da geleira. Esta noite a água estava calma, as ondas batendo mansas aos pés deles.

Embarcaram e partiram, Matt sentado na frente, Richard no meio, o tenente Greyson de pé

atrás. Eram quinze para a meia-noite, mas o sol continuava atrás das nuvens,

pairando em algum lugar acima do horizonte, e a superfície da água estava mais parecida com aço do que nunca. Enquanto Richard olhava para o campo de gelo do Limbo, ocorreu-lhe, quase pela primeira vez, que ele estava num dos locais mais extraordinários da terra: a Antártica. Viajantes

— exploradores — foram atraídos para ali durante centenas de anos, perdendo-se nas vastidões desse ermo enorme, intacto. Até mesmo a luz era diferente de tudo que ele já vira. No entanto, ele a olhava com pavor. Odiava estar ali e preferiria qualquer outro local.

Passaram suavemente entre dois icebergs; blocos enormes e irregulares deslizando em silêncio, sem objetivo. À distância, Richard podia ver a fragata ancorada, cercada por uma variedade de embarcações precárias que pareciam se agarrar umas às outras, como se tivessem

medo da água ao redor. Fazia um frio intenso. Ainda que não houvesse vento, ele podia sentir arrepios atravessando-o, chegando aos ossos. Afora o gaguejar do motor, tudo estava em silêncio. Procurou qualquer sinal de vida selvagem — até mesmo um único pássaro — mas nada

apareceu.

— Aí está — murmurou Greyson. — Bem adiante...

O jovem tenente estava apontando para uma pequena enseada, uma reentrância na borda da água com rocha maciça e preta atrás. A face do penhasco se erguia alta, e Richard supôs que, de algum modo, ele fosse ligado às montanhas ao redor da fortaleza dos Antigos, na outra extremidade do Limbo. Enquanto o *Zodiac* ia para a terra, ele procurou Scott, mas não havia sinal do garoto. Ocorreu-lhe que Scott poderia estar dizendo a verdade o tempo todo. Ele podia ter sido capturado enquanto tentava sair da fortaleza. De certo modo, seria o melhor. Eles poderiam dar meia-volta e ir embora.

Olhou para trás. Também não havia sinal da equipe de apoio que Cain prometeu, mas Richard confiava que existiam homens com binóculos vigiando-os enquanto iam na direção do

litoral. Cain tinha dito que as lanchas demorariam apenas dois minutos para chegar à enseada caso eles precisassem de ajuda.

O *Zodiac* bateu na praia, com a borracha raspando no cascalho. Greyson desligou o motor e levantou o hélice da água. Ficaram sentados por alguns segundos em silêncio completo. Aquilo era má ideia. Richard tinha certeza. Havia uma sensação enjoativa em seu estômago, mas já era tarde demais. Tinham chegado.

Os dois desceram, ficando de novo em terra firme. Richard não havia dito a Matt, mas no fim

das contas trouxera uma arma de fogo. Estava escondida no bolso do casaco. Enfiou a mão e sentiu o peso dela através do tecido. Sabia que ela era ridícula, pequena e insignificante comparada com o perigo, que era imenso e estava a toda volta, mas mesmo assim lhe dava um

certo conforto.

E não era a única arma que trouxera.

Greyson estava agachado na popa do Zodiac, vigiando-os.

— Vocês estão bem? — perguntou.

— É. Estamos — murmurou Richard.

— Não há ninguém por perto. A praia está vazia. Parece que seu amigo não veio.

— Ele vem — disse Matt.

— Certo. Boa sorte para vocês. — Greyson pôs o motor em marcha a ré e o Zodiac recuou

para o oceano, depois girou e foi embora.

Estavam sozinhos.

— Sei que é meio tarde, mas você tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Richard.

— É tarde demais — respondeu Matt. Em seguida deu um passo, e seu pé se apoiou num pedaço de cascalho solto. Ele perdeu o equilíbrio e estendeu a mão

para se firmar, segurando o braço de Richard. Foi um momento que Richard jamais esqueceria. — No fim, tudo vai dar certo, Richard. Lembre-se disso. Mas estou feliz porque você veio comigo. Eu não iria querer estar aqui com nenhuma outra pessoa. Sei que posso confiar em você. Quando chegar a hora, você vai fazer o que é certo.

O que ele queria dizer com isso? Mas não havia tempo.

Scott apareceu.

Estivera parado atrás, nas sombras, uma figura solitária usando jaqueta preta acolchoada com gola de pele. Era impossível dizer como ele havia chegado ali, mas já estava andando na direção dos dois, os pés fazendo barulho no cascalho. Richard sentiu uma mistura de emoções ao vê-lo. Quanto tempo fazia desde que haviam estado todos juntos? Lembrou-se do jardim em

Nazca depois da morte da professora Chambers. Scott havia saído com raiva, acreditando que todos estavam contra ele. Ele sempre fora o estranho, idêntico ao irmão na aparência, mas diferente em todos os outros sentidos. Matt tivera dúvidas com relação a ele já naquela época, mas nenhum deles poderia adivinhar que Scott trocaria de lado e iria se juntar aos Antigos.

Então o que o havia feito mudar de ideia e o trouxera ali esta noite? Richard olhou por cima do ombro e viu que o *Zodiac* já estava longe, voltando para perto dos barcos. Enquanto Scott se aproximava, Richard ficou cada vez mais inquieto. Aquele era um lugar sinistro, solitário. Tudo nele — a praia, a face do penhasco, o mar — parecia duro e inóspito. Se Scott realmente pudera escapar da fortaleza, por que não tinha simplesmente ido para o acampamento?

Scott chegou à metade da praia e parou, esperando que eles se aproximassem. Matt e Richard se afastaram da beira d’água, cada passo levando-os mais para longe da segurança. Por

fim, estavam cara a cara.

— Olá, Scott — disse Matt.

— Oi, Matt. — Scott assentiu na direção de Richard. — Achei que tinha dito para você vir sozinho.

— Você conhece o Richard. Pensei que você não se importaria se ele viesse também.

— Claro que não me importo. Fico feliz porque ele veio. — Scott tentou sorrir. — É bom ver

você de novo, Richard.

— É bom ver você, Scott. — Richard tentou parecer sincero.

— Então aqui estamos, de novo. — Scott fez um gesto. Estava usando luvas. Todas as suas

roupas pareciam novas e caras.

— Você disse que podia nos ajudar — disse Matt.

— Isso mesmo, Matt. Foi o que eu disse.

Nesse momento, Richard teve certeza absoluta de que não deveriam ter vindo. O garoto que

estava falando não era o Scott que eles conheciam. Parecia ter envelhecido dez anos — não na aparência, mas no modo como se portava, no modo como falava. A Baía Skua era um lugar frio,

árido, mas combinava bem com ele. Scott fora tocado pelo mal, e o mal o havia contaminado. O

garoto que ele um dia tinha sido já estava morto.

— Quantas pessoas estavam acampadas lá no gelo? — continuou Scott. — Duas mil? Três?

Acho que muitas morreram hoje de manhã. Que perda de tempo! Quem convenceu todo mundo de que eles tinham a mínima chance de vencer a batalha? Espero que não tenha sido você, Matt. Porque, se foi, você tem uma tremenda quantidade de sangue nas mãos.

Matt não respondeu.

— Você percebe que absolutamente todas elas poderiam ter morrido — continuou Scott. —

Por sinal, foi um belo truque o que você fez, quebrando o gelo. Foi você, não foi?

— Foi.

— Mesmo isso não teria impedido os Antigos. Eles poderiam ter pulado por cima se quisessem, e continuar. Na verdade, agora mesmo poderiam estar lá, destruindo os barcos um por um. Mas isso não vai acontecer. Essa é a boa notícia, Matt. Ninguém mais precisa morrer.

— E por quê, Scott? — perguntou Matt.

— Porque não é isso que eles querem. Qual é o sentido de governar o mundo se não restar

ninguém nele? Eles não estabeleceram o Limbo e todo o resto porque queriam lutar contra o Exército do Mundo. Estabeleceram porque queriam você.

— E como vão me pegar?

— Já pegaram.

As palavras podiam ter sido um sinal. Nesse momento, a praia ficou viva, explodindo subitamente e assumindo forma ao redor. Eles haviam estado ali o tempo todo, diante de seus

olhos. Os dois os tinham visto sem ver. Moscas, milhões delas. Toda a face do penhasco se soltou. Ele não era preto. Era branco. Toda a superfície, cada centímetro, tinha sido composta de mais moscas agarradas à neve. Richard nem ousava respirar. O ar escureceu enquanto os insetos jorravam sobre eles, cortando o mar e o céu, bloqueando a luz.

Scott os traíra, afinal de contas. Richard viu as moscas começando a assumir a forma de cinquenta homens, um pelotão inteiro. Ele já estava sacando sua arma. Sabia que ela seria inútil contra os soldados. Mesmo quando estivessem sólidos, a bala passaria direto por eles... tinha visto isso na batalha da manhã. Mas eles não eram o seu alvo. Ele mataria Scott pelo que o garoto havia feito. Não

importava que ele fosse um Guardião. Ele merecia morrer.

Você não pode atirar em mim, Richard. Você não pode se mexer.

Scott não tinha falado as palavras. Tinha pensado. Richard sentiu-o dentro da cabeça e seu braço parou instantaneamente com a arma começando a se levantar, ainda apontando para o chão. Tentou dar um passo, mas suas pernas não obedeciam. Nem podia gritar. Estava travado,

obrigado a ver a armadilha se fechando.

A cinquenta metros dali, no mar, o tenente Greyson viu a emboscada e virou o Zodiac , acelerando. Ao mesmo tempo, gritava no transmissor:

— Emergência! Emergência!

Cinco lanças de ação rápida já estavam sendo postas na água, como Cain prometera. Mas os

Antigos também estavam preparados para isso. Num instante, surgiu uma criatura, mergulhando

do céu. Era um pássaro — mas não um pássaro que pertencesse a esta parte do mundo, e era

cem vezes maior do que deveria. Penas pretas, colarinho branco no pescoço, bico curvo... O

pássaro era um condor sul-americano. Passou por cima do *Zodiac*. Num momento, Greyson estava ali, inclinado adiante com a mão no motor de popa, no outro havia sumido e o *Zodiac* girava sem ninguém para guiá-lo. Era impossível dizer se ele tinha sido jogado no mar ou devorado. O condor soltou um guincho de rachar os ouvidos e voltou para as nuvens. Os outros fuzileiros ficaram onde estavam, sabendo que, se tentassem atravessar a água, morreriam.

Matt ainda estava parado diante de Scott, imóvel enquanto os soldados se formavam.

Restava muito pouco tempo. Assim que eles tivessem se solidificado, iriam pegá-lo.

— Sinto muito, Matt — disse Scott. — Eles me disseram o que fazer. Eu não tinha escolha.

— Você não precisa se culpar. Eu sabia que você iria me trair.

— Você não poderia saber. — Scott olhou para Matt, subitamente com raiva. Os soldados estavam formando um círculo em volta dos dois garotos, braços e pernas, espadas e escudos se definindo, sendo atraídos para fora da névoa preta. — Se sabia, por que veio?

— Eu lhe disse no mundo de sonho. Todos temos um papel a representar. Este é o seu.

— Trair você?

— É.

Os soldados estavam prontos. Matt nem estava tentando usar seu poder. Simplesmente ficou

parado enquanto eles se aproximavam.

— O papel de salvar o mundo nunca foi meu — disse Matt.

— Então de quem era?

— Seu.

Os soldados mais próximos caíram sobre Matt e Richard, golpeando-os com escudos duros como aço. A um quilômetro dali, no mar, os comandantes e fuzileiros olhavam impotentes através de binóculos enquanto o drama se desenrolava, sabendo que não podiam fazer nada.

Matt estava caído no cascalho, inconsciente. Richard estava ao lado dele. Os soldados-moscas pegaram-nos pelos pés e os arrastaram, desaparecendo na névoa. Scott ficou absolutamente imóvel, olhando-os ir. Sentiu-se enjoado. Soubera o que ia fazer, mas nunca havia pensado que seria tão ruim assim.

“Eu sabia que você iria me trair...”

Matt sabia, mas mesmo assim tinha vindo.

As ondas rolavam, batendo na praia. Scott ficou parado por um longo tempo, imerso em pensamentos. Então, finalmente, suspirou e, com passos pesados, partiu de volta para a fortaleza.

CINQUENTA E DOIS

A cela era como uma toca de animal, no fundo do subsolo e sem janela, sem luz elétrica. Estaria numa escuridão imensa, não fosse o estranho brilho azul que pairava no ar. O piso era coberto de palha. Três paredes eram de rocha natural. A quarta continha uma placa de metal maciço, que devia ter sido a porta, mas parecia soldada no lugar.

Richard Cole acordou e se viu sozinho. Esse era o seu primeiro e maior medo. Scott os traíra e os inimigos tinham levado Matt. O que estariam fazendo com ele? Pela primeira vez desde o início de toda a aventura, Richard sentiu uma tristeza e um desamparo que ameaçava rasgá-lo ao meio. Tinha viajado desde Dubai, na outra metade do mundo, para chegar a este lugar maligno... e com que objetivo? Simplesmente havia entregado Matt nas mãos dos Antigos. Os dois nunca deveriam ter ido ao encontro na Baía Skua. Nunca deveriam ter vindo à Antártica.

Lentamente, os pensamentos se voltaram para a sua situação. Ainda não tinha sido morto.

Os soldados-moscas o haviam pegado vivo. Será que precisavam dele para alguma coisa? Ou será que esse seria o seu fim? Pelo que sabia, estava ali havia umas 12 horas e ninguém tinha trazido comida ou água. Talvez ele tivesse sido lacrado ali. Este era o seu túmulo, e ele simplesmente fora deixado para morrer. Depois de ter aberto os olhos, bateu na porta com força, gritando para chamar atenção. Logo desistiu. Mesmo que alguém escutasse, ninguém viria. E ele não podia ouvir nada. Precisou lutar contra o pânico súbito; o conhecimento de que fora enterrado vivo.

Por que Matt havia insistido em se encontrar com Scott? Era óbvio que aquilo iria acontecer.

Deitado na palha, Richard sentiu uma onda de fúria que lhe deu vontade de gritar. Como Matt

podia ter sido tão idiota? Como *ele* podia ter sido tão idiota em deixar que Matt fizesse isso? Por que ninguém — Cain, Lohan ou Scarlett — tinha feito mais alguma coisa para impedi-los? As perguntas eram inúteis, mas mesmo assim o atormentavam. Foi de novo até a porta e chutou-a,

gritando, fazendo o máximo de barulho possível.

Ninguém veio.

Obrigou-se a ficar calmo. Havia o perigo de enlouquecer, e então não seria de utilidade para ninguém. Talvez fosse isso que os Antigos pretendessem. Mas mesmo agora, quando tudo tinha

dado tão errado, ele ainda tinha uma fagulha minúscula de esperança. Soubera disso no momento em que abriu os olhos.

Eles o haviam revistado ao trazê-lo para cá. Tinham pegado a pistola que ele carregava. Mas,

por mais impossível que parecesse, não tinham percebido a outra arma, a faca dada pelos incas

— a *tumi* de ouro. Ainda estava enfiada em seu cinto, por baixo do casaco, onde ele a havia colocado. Pegou-a e girou-a nas mãos, examinando seu reflexo na lâmina. Era uma coisa linda, com o relevo de uma divindade inca e várias pedras preciosas incrustadas no punho. E, claro, não era por acaso que nem os soldados-moscas nem os guardas da prisão a haviam encontrado. Esse

era o poder da faca. Ela jamais poderia ser encontrada. Parecia fazer muito tempo desde que os incas a haviam dado. E Richard ainda estava com ela. Lembrava-se de ter visto Atoc rapidamente enquanto faziam o ataque no gelo. Os dois não tinham se falado, mas talvez Atoc estivesse ali por algum motivo, para lembrar a Richard o que ele havia recebido. Uma coisa era certa. Richard precisava da faca mais do que nunca.

Tudo que lhe restava era ela. Enquanto a enfiava de volta no lugar, soube que sua sanidade

dependia dela. Os Antigos podiam tê-lo descartado, mas na verdade cometeram o primeiro erro

— e isso lhe dizia que eles não eram tão poderosos quanto pensavam. Cedo ou tarde alguém entraria na cela, e nesse momento haveria uma surpresa. Richard morreria lutando. Iria sentir-se melhor se levasse um ou dois deles junto.

E, se não viessem, se o deixassem para apodrecer, a faca lhe daria um fim mais rápido do que o que haviam planejado. Havia algum consolo nesse pensamento também.

Richard sentou-se com as pernas estendidas, olhando a porta. Ainda não estava derrotado.

Tinha certeza de que seu momento viria.

Sentado atrás de sua mesa no US *Estrela Polar*, o comandante David Cain pensava em sua família, na carreira, em seu país e em sua religião... qualquer coisa que o impedisse de pensar nos acontecimentos das últimas 24 horas. Estava sozinho, sentado numa sala que mais parecia uma suíte de hotel elegante do que uma cabine num porta-aviões americano. As paredes eram

forradas de papel verde, as luzes e os móveis de antiquário. As vigias ficavam escondidas atrás de cortinas de veludo vermelho que iam do teto ao chão. Uma porta levava a um quarto de tamanho confortável. O comandante tinha até mesmo um banheiro particular. Não fosse o movimento constante sob os pés, seria fácil esquecer que estava no mar.

Não deveria ter vindo à Antártica. Na ocasião, baseado em Pensacola, na Flórida, ele era um

homem com uma missão: salvar não somente seu país, mas também o mundo. Não importava

que não tivesse recebido ordens oficiais. Pelo que sabia, não restava ninguém em condições de dá-las. Enquanto seu navio estava atracado lá, um quarto de seus homens havia desertado, simplesmente saindo e indo para casa. A cada dia que passava, outros os seguiam. Os Estados Unidos da América estavam se desfazendo, impelidos por uma escassez catastrófica de comida e tumultos. Os políticos passaram anos culpando uns aos outros, sem fazer nada, e no fim simplesmente desapareceram, perdendo a relevância. Homens como David Cain é que

precisavam assumir o comando. Pelo menos era do que havia se convencido no dia em que levantou âncora e partiu para o sul. Agora não tinha tanta certeza.

Não estivera preparado — mas, afinal de contas, nada nesta terra poderia tê-lo preparado para o que encontrara no lugar chamado Limbo. O estranho era que Cain não achava que havia

cometido um erro. Tinha lançado o ataque que o fizera perder quase metade de seu exército.

Tinha conhecido a única pessoa que poderia ajudá-lo — o líder dos Guardiões — e o havia lançado diretamente numa armadilha. Mas nenhuma dessas coisas tinha sido por sua culpa —

isto é, qualquer outro teria feito o mesmo. Estava convencido disso. Os Antigos eram mais

poderosos do que qualquer pessoa poderia supor. David Cain frequentava a igreja havia cinquenta anos, mas só agora aprendera de fato o que o demônio era de verdade.

Houve uma batida à porta.

— Entre! — gritou ele.

A porta se abriu, e três homens entraram. Um era um oficial de baixa patente do *Estrela Polar*, um guarda-marinha chamado Paxton. Os outros dois estavam vestidos com os uniformes azul-escuros da Marinha Real — um capitão e um subtenente. O capitão, Johnson, tinha sido ferido na luta. Ainda estava usando uma muleta.

— Senhores...? — Cain saiu de trás da mesa. Não houve amenidades, nenhuma troca de palavras afáveis. Todos estavam exaustos. Não restava nada a dizer.

— Nós vamos embora, comandante — disse Johnson. — Parece não haver sentido em ficar

aqui, por isso vim me despedir.

— Entendo, capitão. — Cain estendeu a mão. — Foi um privilégio servir com o

senhor.

— Só mais uma coisa antes de irmos — continuou Johnson. — Nós conseguimos realizar reparos a bordo do *Percival*. Meus homens estão trabalhando 24 horas por dia e fizeram um serviço fantástico. O fato é que agora temos capacidade nuclear limitada.

— Vocês podem disparar seus mísseis?

— Podemos usar cinco mísseis Trident, senhor, com doze ogivas nucleares. Poderíamos acertar a fortaleza dos Antigos em pouco menos de seis horas. Ainda há algumas pessoas acampadas no gelo... principalmente o pessoal médico e os pacientes. Mas seria possível ordenar uma evacuação imediata. O *Percival*, o *Estrela Polar*, o *Pintada* e o *Duc d'Orléans* podem absorver facilmente os passageiros a mais. Claro, há algumas baixas que estão doentes demais para ser transportadas...

— E há o Matthew Freeman — acrescentou Cain.

— Se os Antigos estão com ele, minha opinião é que ele provavelmente está morto — disse

Johnson. E fez uma pausa. — Há toda a chance de um ataque nuclear não adiantar nada. Afinal

de contas, seus aviões não foram eficazes. Mas nós vamos embora de qualquer modo, e pensei

que poderíamos deixar um cartão de visita. Nunca se sabe. Vamos vaporizar as montanhas e derreter toda a banquisa. Talvez nem os Antigos sobrevivam.

— Por que está me dizendo isso, capitão? — perguntou Cain.

— O senhor continua no comando desta operação. Não creio que eu esteja lhe dizendo isso.

Acho que estou pedindo sua autorização.

Cain pensou. As últimas duas decisões que havia tomado tiveram consequências desastrosas.

E ali estava, enfrentando uma crise pela terceira vez no mesmo dia. A opção nuclear. Se Matt Freeman ainda estivesse vivo, certamente morreria. E o jornalista morreria com ele. A garota, Scarlett Adams, ainda estava no gelo. Será que ela concordaria em se retirar enquanto o outro Guardião permanecia preso? E havia os feridos em que pensar, os sobreviventes. Mesmo que todos os navios partissem imediatamente, nem todos chegariam suficientemente longe...

Mas não lhes restava nada.

Era isso.

— Vamos evacuar o Limbo o mais rápido que pudermos — disse Cain. — Quanto à hora do

lançamento do míssil, isso está por sua conta. Mas se quiser minha autorização, o senhor a tem, capitão. Vamos fazer uma última tentativa e ver se podemos mandar os Antigos de volta para o inferno.

— Todo mundo está indo embora — disse Lohan.

— Eu vi.

Scarlett estava entorpecida de choque desde que soubera que Matt fora capturado. Estava sentada com as pernas cruzadas e meio coberta por uma manta na cabine superior do Airbus. A

temperatura dentro do avião havia caído vários graus, mas mesmo que ela pudesse fazer alguma coisa, não se importava mais. Nos últimos minutos seu rosto estivera comprimido contra a janela, olhando os últimos passageiros atravessarem a banquisa antes de descerem para os navios que

esperavam. Ainda achava difícil aceitar que tudo podia ter dado tão errado. Quando tinha visto Matt no mundo de sonho, tudo pareceu fácil demais. Os Cinco iriam se juntar no Limbo. Iriam formar um portal. Os Antigos seriam banidos. Fim de história.

Só que aquela devia ter sido uma história diferente. Scott havia mesmo se virado contra eles, e Matt tinha sido preso... pela segunda vez. Ele e Scarlett tinham ficado presos juntos em Hong Kong, mas aquilo era diferente. Eles sabiam o tempo todo que Lohan e seus homens iam resgatá-los. Desta vez não havia

ninguém. Richard, que tinha sido tão seu amigo no Egito e em Dubai, também fora capturado e provavelmente estava morto. Afora os corpos, enterrados sob

uma fina camada de neve, logo a banquisa estaria vazia. Ninguém se importava mais com os sobreviventes. Apesar de seu nome grandioso, o Exército do Mundo estava fugindo como um cachorro com o rabo entre as pernas.

— Nós deveríamos ir — disse Lohan.

— Como assim? — Scarlett o encarou.

— Não podemos sair daqui de avião, mesmo se tivéssemos combustível. Mas há espaço suficiente nos barcos. Se pudermos chegar à Austrália...

— Não vou sair daqui, Lohan. Não sem o Matt.

— Matt está morto.

— Não está.

— Como você sabe?

Por muito pouco tempo, Scarlett odiou Lohan pelo modo como ele havia perguntado aquilo.

Ele parecia uma criança teimosa.

— Não posso explicar — disse. — Ele é um dos Guardiões. Eu também. Se ele fosse morto,

acho que eu saberia.

— Então talvez a coisa seja pior ainda. — O rosto de Lohan estava duro. — Se estão mantendo-o vivo, tente pensar no que estão fazendo com ele. Certamente não vão deixar você

chegar perto. De qualquer modo ele está acabado. É melhor você ir embora.

Scarlett ficou furiosa.

— Pode ir se quiser — retrucou. — Vai ser só a segunda vez que você deixa o

Matt na mão.

Vá e salve sua pele preciosa, Lohan. Pode ir para a Austrália ou para o que restou dela. Tenho certeza que vai conseguir sobreviver muito tempo antes que os Antigos encontrem você.

Obrigada pela ajuda. Foi ótimo conhecer você.

Houve um longo silêncio. Lohan parecia examinar o piso à sua frente. Depois levantou os olhos.

— Matt contou a você sobre a Serra da Morte.

— Contou.

— Não foi como você pensa. Eu não ia deixá-lo para trás.

— Verdade? — Scarlett não escondeu o desprezo. Olhou de novo pela janela. Havia menos pessoas no gelo, as últimas indo na direção da borda. — Bom, agora você está deixando o Matt

para trás. E está me deixando. É melhor correr e descer o penhasco. Vai perder o último barco.

— O que você vai fazer?

— Por que você se importa?

— Diga.

Scarlett deu de ombros.

— Vou encontrar um modo de entrar na fortaleza.

— Isso não é possível. — Quando Scarlett não respondeu, Lohan continuou. — As portas estão trancadas. As muralhas nem se racharam com o bombardeio aéreo. E você viu aquele outro truque que eles fizeram. Ainda pode haver centenas deles acampados no gelo.

— Quem disse que eu vou por esse caminho? — Scarlett se levantou e deixou o cobertor cair

no chão. Ainda estava usando sua roupa de proteção contra o frio. — Pelo que sei, Scott apareceu na praia sozinho, na Baía Skua. E os soldados-moscas arrastaram Matt e Richard.

— O que isso tem a ver?

— Bom, a não ser que o Scott tenha aprendido a voar, deve ter andado até lá. Deve haver um caminho que ninguém viu, indo da praia pela face do penhasco. Talvez entre direto na fortaleza. Vou pegar um Zodiac, dar a volta e descobrir.

— É loucura, Scarlett. Se houver um caminho, vai estar vigiado. E, se ele levar à fortaleza, de que isso adianta? Você vai entrar numa armadilha mortal.

— Está certo, Lohan. — Scarlett calçou as luvas. — Mas estou cansada demais de discutir com você. E, além disso, não quero perder mais tempo. Obrigado por me ajudar a sair de Hong

Kong. Espero que você volte para lá e encontre seu pai e todo o restante. Talvez eu veja você um dia. Talvez não.

Scarlett passou por ele e desceu a escada em espiral até a cabine inferior. A porta do avião estava aberta, com alguns flocos de neve girando lá fora. Ela desceu e atravessou a banquisa, seguindo os últimos retardatários, subitamente virando um deles. Deu uma olhada para a fortaleza distante... as grandes muralhas, a barbacã, as quatro torres. Em seu coração, sabia que Lohan estava certo. Não tinha esperança de salvar Matt, e se fosse descoberta, isso provavelmente pioraria tudo. Mas ao mesmo tempo tinha certeza de que, se simplesmente fosse

embora sem tentar, nunca se perdoaria. Os Antigos podiam ter derrotado o mundo, mas ela não

desistiria e não deixaria que a derrotassem também.

Demorou uma hora para chegar à praia. Havia oficiais das várias marinhas levando passageiros da borda, muitos em macas. A maior parte dos barcos menores já havia partido, usando motores ou velas para ir em direção ao horizonte, desaparecendo na névoa antártica.

Finalmente, ela encontrou um fuzileiro americano que tinha acabado de chegar num barco de patrulha. Já havia uma dúzia de pessoas a bordo ou mais, e restava

pouco espaço. A água, gélida e de um cinza prateado, batia perto de seus pés enquanto ela andava pelo cascalho.

O fuzileiro a viu.

— Eu sou do *Estrela Polar* — gritou ele. — Suba a bordo e vamos tirá-la daqui.

— Eu não vou! — gritou Scarlett de volta. — Preciso de um Zodiac.

— Não existem mais Zodiacs! E você não pode ficar aqui, moça. Estamos indo embora.

— Você não entende. Eu estou com o Matt. Preciso ir à Baía Skua. Por favor, será que você

pode ajudar...?

— Você precisa vir comigo — insistiu o fuzileiro. — Esta é a minha última viagem. Se eu a deixar para trás, você vai ficar sozinha.

— Entre no barco, garota! — gritou um dos passageiros. Era uma mulher que fora ferida na

luta. Seu rosto estava sujo de sangue e ela tremia. Scarlett estava mantendo-os na espera.

— Onde posso encontrar um Zodiac? — gritou ela.

— Não pode. Você vem?

— Não.

— Então, boa sorte! — O fuzileiro apertou o acelerador. A água espumou atrás do barco que

foi embora, diminuindo rapidamente à distância.

Scarlett olhou ao redor. Em alguns minutos, estaria sozinha na praia. A face do penhasco, com suas colunas de gelo retorcidas e seus caminhos, já estava vazia. Com uma sensação de sofrimento absoluto, percebeu que Lohan estivera certo. Apesar de todas as suas belas palavras, não podia fazer nada. Não havia barcos

de sobra. Se tentasse nadar até a Baía Skua, congelaria antes de dar doze braçadas. Não podia andar pela banquisa. Não tinha escolha, a não ser abandonar Matt. Não podia ajudá-lo. Era hora de ir.

Então viu um barco — um Zodiac — roçando a superfície em sua direção. Tinha aparecido de

lugar nenhum e, diferentemente de todas as outras embarcações, estava vazio, com apenas um

piloto encolhido sobre o motor de popa. Ela não o reconheceu — como todo mundo, ele estava

envolto em roupas à prova d'água — mas, quando parou, ele levantou a cabeça e ela viu (já havia adivinhado... pelo menos esperava ter adivinhado) que era Lohan. Ele devia ter encontrado um modo mais rápido de descer o penhasco, chegando bem antes dela. Scarlett não fazia ideia

de onde ele conseguira o Zodiac. Conhecendo Lohan, provavelmente era melhor não perguntar.

Ele trouxe o barco para o cascalho e, por um momento, os dois ficaram se encarando.

— Eu me comportei de modo desonroso — disse ele. — Sempre, desde muito novo, meu pai

ensinou que eu deveria considerar que eu e a minha segurança éramos o mais importante, mas

isso não significa agir como covarde. Tentei deixar Matt na Serra da Morte. Foi uma coisa ruim. E

quase fiz o mesmo com você hoje. Vou levar você à Baía Skua, e vamos juntos à fortaleza. Tenho certeza de que vamos morrer lá. Mas é melhor isso do que morrer como um rato, escondido na

Austrália.

— Obrigada, Lohan. Eu já ia desistir. Achei que não houvesse um modo.

— Precisamos correr. Acho que temos pouco tempo.

Scarlett subiu no Zodiac, e os dois partiram.

Scott estava com vergonha.

Não. Era pior do que isso. Sentia-se sugado num poço de culpa e ódio contra si mesmo, diferente de tudo que já conhecera. Lembrou-se do dia depois da morte de seu pai adotivo.

Scott havia se culpado — e com razão — pela morte dele. Na verdade, tinha ordenado que ele

se matasse e ficou cheio de horror e náusea com o que tinha feito. Era verdade que Ed era alcoólatra, violento e abusivo, mas mesmo assim Scott não tinha pretendido lhe fazer mal. Mas no fim superou isso. Parte dele até ficou satisfeita porque a coisas aconteceram assim.

Mas isto era diferente. Ele devia estar louco ao jogar a sorte com os Antigos. Pensou em Pedro no Castel Nuovo. Agora viu que havia jogado a raiva contra o garoto peruano só porque

os foram deixados para trás no Peru. Pedro era menor e mais fraco do que ele, mas jamais reclamava, nunca demonstrou nenhum medo. A seu modo, tinha tentado ajudar. Era verdade que Jonas Mortlake tinha feito truques com a mente de Scott, usando drogas, magia e alucinações para romper suas defesas. Mas Scott havia decidido, a sangue-frio, que Pedro poderia ter um dos dedos quebrado simplesmente para que ele, Scott, tivesse uma noite de sono decente.

E o que tinha feito com Matt era muito, muito pior. Matt era o primeiro Guardião, o líder.

Além disso, era o único que havia enfrentado Caos, sozinho. Tinha se tornado o alvo deles, e Scott o entregara. Como podia ter feito isso? O que Jamie diria? Quando Jonas lhe dissera o que fazer, Scott nem tentou resistir. Não queria perder o que tinha ali. Um quarto confortável. Calor.

Um sentimento de segurança. E o que os Antigos fariam se Scott tivesse ido contra eles? Ele tivera medo demais até mesmo para pensar nisso.

Mas assim que entregou Matt, a partir do momento em que o viu ser levado pelos soldados-

moscas, começou a se perguntar exatamente o que tinha ganhado. Era verdade que ainda estava vivo. Mas a fortaleza, sua suíte, a comida que recebia, até mesmo as pessoas ao redor pareciam estar mudando. Era como uma televisão quebrada com a imagem tremendo. Num momento havia um fogo ardendo na lareira. Depois o fogo se apagava e ele percebia que estava congelando e que as paredes ao redor tinham uma espécie de óleo ou gosma pingando. Tinha passado a noite enfiado nas cobertas da cama e, ao acordar, viu — só por alguns segundos —

que elas eram imundas e estavam sujas de sangue. Apenas alguns minutos atrás, estivera almoçando, e era um bife preparado especialmente para ele. Mas ao mesmo tempo em que levava o garfo à boca, a carne mudara e de repente estava fria, verde e cheia de vermes. Tinha mudado de volta logo antes de ele engolir.

E tudo fedia. Era um cheiro diferente de qualquer coisa que Scott já havia encontrado...

cheiro de morte, podridão e sujeira absoluta. Sentia vontade de vomitar o tempo todo. Era como ter uma doença horrível dentro das narinas, que ia até os pulmões.

Os Antigos estavam enganando-o, exatamente como tinham feito com o Exército do Mundo,

fazendo parecer que a fortaleza fora destruída. Tinham mentido para ele. Agora sabia. E Matt nunca duvidou do que aconteceria se fosse à Baía Skua. Scott pensou nos últimos instantes que haviam passado juntos. Matt nem tinha tentado lutar enquanto os soldados-moscas chegavam.

Estava esperando-os.

“O papel de salvar o mundo nunca foi meu.”

“Então de quem era?”

“Seu.”

Scott não tinha feito nada. Seu irmão, Jamie, havia ido com Matt a Londres e Hong Kong. Ele

sempre tinha pensado em Jamie como o mais novo dos dois — mas era Jamie quem escapara da

prisão, viajado de volta no tempo e lutado contra os Antigos dez mil anos atrás. Scott simplesmente se permitiu ser usado. E agora imaginou o que estaria acontecendo com Matt.

Tinha uma boa ideia. Quase todo mundo na fortaleza fora chamado ao salão de reuniões que ele visitara na outra torre. Nas últimas seis horas, Scott ouviu risos, aplausos e gritos. Parte dele queria ver pessoalmente. Mas sabia que não podia... que, se fizesse isso, não dormiria nunca mais.

Jamie.

O pensamento lhe veio de repente. Não se importava mais se viveria ou morreria, mas uma última coisa que desejava era ver o irmão de novo. Ele e Jamie passaram por muita coisa juntos, em Salt Lake City, em Carson City, em Reno. Mas de algum modo tinham sobrevivido. Mais do

que isso. Frequentemente tinham sido felizes juntos, antes que os agentes da Corporação Crepúsculo viessem procurá-los. Scott havia cuidado de Jamie. Este fora o papel de sua vida. E os dois sempre diziam que, não importando o que acontecesse, os dois nunca iriam se separar.

Agora havia milhares de quilômetros entre eles. Jamie estava em Londres, do lado de fora da

igreja de St. Meredith. Matt o alertara que a coisa seria assim quando todos se encontraram do lado de fora da biblioteca, no mundo de sonho. Mas as 25 portas, as passagens deles através do mundo, estavam trancadas. Scott se lembrou da caverna que tinha visto — no fundo do pátio. A vigésima quinta porta. Havia uma corrente atravessando-a e duas mãos de marfim unidas formando um fecho. O presidente da Corporação Crepúsculo alertara que, se ele tocasse a corrente, ela iria matá-lo.

Mas o que isso importava? Se pudesse separar as mãos, abrir a porta, iria a Londres, a Jamie.

Os dois ficariam juntos de novo. Podiam ter apenas alguns minutos. Talvez menos. Mas valeria a pena, não valeria?

Scott estivera deitado na cama, sozinho em seu quarto. Olhando para cima, viu que o teto estava cheio de teias de aranha. As aranhas se arrastavam a toda volta. Os travesseiros atrás de sua cabeça pareciam ter sido jogados fora e substituídos por palha imunda. Ele estava coberto de sujeira. Parecia que estivera deitado em sua própria sepultura.

Jamie.

Era o único pensamento em sua mente. Com algo intermediário entre um soluço e um grunhido de determinação, Scott rolou para fora da cama e foi fazer o necessário para ver seu irmão pela última vez.

Scarlett estava certa.

Descobriram logo depois de desembarcar. Ainda que os penhascos diante deles parecessem maciços, na verdade havia uma rachadura, uma fissura pequena, com tamanho apenas

suficiente para duas pessoas se espremerem e passar. Ela estivera escondida do mar por causa de uma dobra na rocha, mas assim que os dois caminharam até o topo da praia puderam ver.

Uma trilha serpenteava até a distância e as pegadas dos soldados-moscas ainda eram visíveis na neve. As paredes subiam dos dois lados, tão próximas que pareciam se tocar, bloqueando a luz e qualquer sinal do céu. Não era tanto um caminho quanto um túnel. Eles não faziam ideia de até onde aquilo ia, mas não havia motivo para não levar ao interior da própria fortaleza.

— Vai haver guardas — sussurrou Lohan.

— Eu posso cuidar disso.

Continuaram, deixando a praia e o Zodiac para trás. A grossa camada de neve absorvia o som dos pés, e eles não trocavam uma palavra sequer. Os dois tinham quase certeza de que iriam morrer. De certa forma, com milhões de toneladas de pedras acima, sentiam como se já estivessem mortos.

Alteradores de forma tinham sido posicionados em plataformas de pedra acima deles, montando guarda na passagem como Lohan alertara. Era um posto desagradável. Eles estavam

sozinhos, no frio congelante. Seguravam lanças enferrujadas em suas mãos humanas e espiavam

ao redor com olhos de porco, cobra e falcão.

Mas, enquanto estavam ali, uma estranha névoa surgiu, enchendo a fenda embaixo. A névoa

ajudava a abafar qualquer ruído. E assim eles não viram nem ouviram nada, sem perceber as duas figuras que se esgueiravam, seguindo o caminho sinuoso lá embaixo.

CINQUENTA E TRÊS

LONDRES

Jamie Tyler acordou de repente, com o conhecimento — mesmo antes de abrir os olhos — de que alguma coisa terrível havia acontecido.

Matt tinha dito que iria lhe mandar um sinal e, como ele esperava, o sinal chegou do mundo

de sonho. Mas o estranho era que, desta vez, Jamie não tinha lembrança de ter estado lá. Pela primeira vez não houvera biblioteca nem morro, nem ilha ou mar. Na verdade, nem conseguia se lembrar de ter visto Matt e não tinha ideia exatamente do que ele dissera. Mas quando abriu os olhos e captou o ambiente ao redor, o eco da voz de Matt ainda estava ali, e Jamie sabia que precisava agir imediatamente, que não poderia atrasar minuto sequer.

Rapidamente jogou as cobertas para longe e se levantou. Não precisava se vestir — dormia com as roupas. Holly estava estendida no colchão do outro lado do quarto com papel de parede listado, tapete e lareira. O cabelo dela, emaranhado e sujo, esparramava-se no travesseiro. Ele a acordou sacudindo-a e saiu do quarto, procurando o Viajante e seu irmão, que dormiam no quarto ao lado. Na verdade, eles já estavam fora da cama. Jamie não ficou surpreso. Todo dia os dois se levantavam bem antes do nascer do sol.

— O que é? — perguntou Will Fletcher. Ele tinha visto a expressão de Jamie e soube imediatamente que alguma coisa havia mudado.

— Temos de ir — disse Jamie.

— Você viu o Matt?

— Não. Mas ouvi. — Jamie tentou explicar o que tinha acontecido. — Ele não disse nada, mas acho que está machucado e quer que eu vá. Só posso dizer isso. Precisamos agir imediatamente.

Graham e Will trocaram um olhar, mas não questionaram. Tinham servido ao Nexo durante quase dez anos, e o Nexo só existia para ajudar os Guardiões. O Viajante podia estar no comando quando se encontraram no povoado e a bordo do *Lady Jane*, mas era inconcebível que questionasse qualquer coisa que Jamie dissesse ali em Londres. Quando Holly apareceu junto à porta, esfregando os olhos, ele já estava passando por ela, indo para o andar de baixo.

— Vou avisar aos outros — disse ele. — Estaremos prontos em menos de um minuto.

— O que está acontecendo? — perguntou Holly.

— Vamos embora.

Jamie percebia que seu coração estava batendo mais rapidamente do que o normal e que tinha deixado o sono muito para trás. Havia chegado ao fim. Se eles conseguissem lutar e entrar na igreja de St. Meredith, se a porta finalmente funcionasse, ele poderia estar na Antártica em apenas alguns minutos. Veria Scott outra vez. E os outros: Matt, Scarlett, Pedro. Estar juntos e finalmente confrontar os Antigos e acabar com eles de uma vez por todas... era o que ele queria acima de tudo.

Não podiam esperar mais, de qualquer modo. Na noite anterior, Simon — um dos homens que tinham vindo com eles do casulo de sobrevivência — havia feito leituras com o complicado equipamento que estivera esperando por eles na casa, testando o ar e a atmosfera como fazia todos os dias.

— De repente a coisa ficou pior — tinha murmurado ele. — Mais uma noite. Talvez a manhã.

Mas não podemos ficar aqui mais do que isso. Ao meio-dia, teremos de ir embora.

Jamie não sabia o que era “a coisa”. Radiatividade? Infecção viral? Não importava. Ele ficaria para trás de qualquer modo. Tinha prometido a si mesmo que só partiria quando Matt fizesse contato, mesmo que adoecesse.

Will Fletcher tinha voltado ao seu quarto e, quando apareceu de novo, estava carregando as

várias armas que trouxera; uma metralhadora em miniatura, granadas e pistolas. Vestido com roupa de camuflagem cinza e marrom, parecia um soldado urbano visto em uma centena de matérias de jornalismo. Jamie e Holly desceram atrás dele. Os outros quatro homens já estavam reunidos no hall com o Viajante, espremidos no espaço apertado embaixo do lustre. Olharam para cima enquanto Jamie descia, e ele sabia o que estavam pensando. Por que agora? Era dia

claro, 7h30 da manhã. Seria muito menos perigoso se tivessem esperado a noite e a cobertura

da escuridão. Só por um momento, Jamie duvidou de si mesmo. E se estivesse errado? Podia estar levando todos para a morte. Mas lembrou-se de quando acordou. Matt o havia chamado.

Como todo mundo, ele não tinha escolha.

— Jamie...? — perguntou Will uma última vez.

Jamie assentiu. Tinha decidido.

— Vamos para a igreja — explicou Will aos outros. — Temos de agir depressa. Assim que sairmos por esta porta, não sabemos o que pode nos atacar. Nós vimos a aranha. Pode haver alteradores de forma. E sempre há a possibilidade de policiais ou outras forças humanas. O

principal é colocar o Jamie na igreja e ajudá-lo a passar pela porta, que fica à direita do corredor principal, perto da nave. Procurem a estrela de cinco pontas. — Ele se virou para Jamie. —

Presumindo que a gente consiga, você quer que algum de nós vá junto?

Era uma coisa em que Jamie não havia pensado. Ele poderia levar uma pessoa para a Antártica. Era assim que as portas funcionavam. Mas quem? Sabia que precisava tomar uma decisão rapidamente. Poderia ser sensato ter um adulto junto, particularmente um adulto totalmente armado. Mas ele tinha direito de pedir a qualquer um deles para fazer a viagem?

Captou o olhar do Viajante e o viu assentir ligeiramente.

— O Viajante — disse.

— Certo. — Se Will ficou chateado por se separar do irmão pela segunda vez, não demonstrou. — Graham vai ficar perto de você o tempo todo e vamos cobrir vocês. Holly...

— Eu também vou — disse Holly. A garota tinha certeza de que Will ia pedir para ela ficar. —

Sei que posso não ser muito útil, mas não vou deixar o Jamie. Não depois de tudo que nós passamos.

Para sua surpresa, Will não questionou.

— Certo. Boa sorte para todo mundo. Talvez isso dê certo. Graham, tente não demorar sete

anos desta vez. Você vai voltar velho. — Muito rapidamente, os dois se abraçaram. — E boa sorte, Jamie. Espero que os outros estejam esperando por você na Antártica. Espero que isso seja o fim.

Ele respirou fundo. Então todos saíram.

ROMA

Os dois sacerdotes estavam atrasados para a missa matinal. Atravessaram rapidamente o *Cortile Borgia*, passando por um faxineiro que varria as pedras. Sorriram para ele.

— *Buongiorno, Tasso.*

— *Buongiorno, padri...*

Os dois desapareceram na esquina. Nenhum dos dois tinha visto o garoto escondido nas sombras.

Pedro pensou em como devia estar sua aparência. Fora mantido com rações de fome durante

o tempo no Castel Nuovo, mas quando isso havia terminado? Mais de uma semana atrás, com

certeza, mas tinha perdido toda a noção de tempo. Houvera a erupção do vulcão. Quase tinha

se afogado no *Medusa*. A corrida por Roma fora exaustiva, drenando toda a sua força. E

finalmente, justo quando achava que as coisas não poderiam piorar, houvera o encontro com Silvio Rivera... o *cardeal* Silvio Rivera. Um padre que tinha tentado assassiná-lo.

O veneno chegara perto de matá-lo. O próprio Rivera tinha morrido em minutos. Pedro sabia

que só sobreviveu por causa de um vaso com água suja — ainda podia sentir o gosto do líquido imundo nos lábios. Nos minutos que restavam, tinha feito o impossível. Usou seu poder para se salvar. Mesmo assim, o interior de seu corpo não parecia apenas vazio, mas também retorcido até ficar seco. Ali parado, respirando o ar fresco da manhã, sabia que tinha sorte em estar vivo.

Às vezes Pedro achava que estivera sozinho durante toda a vida — e agora mais do que nunca. Questionava por que tantas crianças pelo mundo tinham pais, irmãos, irmãs e amigos, mas não ele. Havia lutado desde o dia do nascimento... por comida, por amizade, por abrigo, simplesmente pela sobrevivência. Por quê? Era estranho que o pensamento nunca tivesse lhe ocorrido. O que o tornava diferente de todo mundo?

Era isso que significava ser um dos Cinco?

Queria descansar, mas sabia que precisava ir em frente. Queria ver Matteo de novo. De algum modo, quando estava com Matt e os outros, entendia as coisas um pouquinho mais... ou

pelo menos as aceitava. Esse pensamento lhe dava novas forças. Ele podia fazer isso. Havia uma passagem da qual os alteradores de forma e a polícia romana não sabiam. Ela ia dos museus do Vaticano à basílica de São Pedro. Dentro da igreja, ele encontraria uma porta que iria levá-lo à Antártica. Matt dissera que ela estava lá. Então devia estar.

O sol tinha acabado de nascer, mas para Pedro o dia parecia muito quente e a luz doía nos

olhos. Tinha consciência das paredes muito altas, de janelas e arcos. Pensou ter ouvido música de órgão à distância, mas podia estar imaginando. Várias portas que davam no que pareciam ser

escritórios ou salões nobres, mas não seriam de nenhuma utilidade para ele.

Mas havia um problema. Como encontraria uma passagem secreta quando até mesmo o

nome lhe dizia que devia ser secreta? Por um momento ficou confuso, como se o veneno tivesse penetrado no cérebro e feito com que ele esquecesse o que estava procurando. Lembrou-se de

que não tinha comido nem bebido nada desde que esvaziara o estômago. Achou que poderia desmaiar.

O faxineiro, empurrando o carrinho e passando a vassoura nas pedras do *Cortile Borgia,* viu o garoto cambaleando em sua direção. Seu primeiro pensamento foi que ele seria um refugiado que, de algum modo, tinha conseguido entrar no Vaticano. A cidade inteira estava apinhada deles, muitos morrendo de pé. Esse garoto parecia pior do que todos. Sua pele estava branca e esticada sobre os ossos. Havia um pavoroso tom amarelo nos olhos. Ele obviamente estava tomado pela dor.

O nome do faxineiro era Leonardo Emilio Tasso, mas todo mundo só o chamava de Tasso.

Estava com 60 anos e sabia que tinha muita sorte em trabalhar no Vaticano. De que outro modo poderia sustentar a si próprio e a família nesses tempos terríveis? Enquanto corria até o garoto, seu primeiro pensamento foi chamar a Guarda Suíça e fazer com que ele fosse expulso. Era a coisa certa. Mas ao

mesmo tempo imaginou se não deveria chamar um médico primeiro. O

garoto iria morrer se fosse simplesmente posto na rua, e Tasso, que tinha dois netos, seria o responsável.

— De onde você veio? — perguntou segurando Pedro. — O que está fazendo aqui?

Pedro não entendeu nada. Só sabia que tinha fracassado. Fora descoberto antes de achar a passagem.

— Por favor, me ajude — disse em inglês.

A escolha de língua pegou Tasso de surpresa. Ele havia esperado croata, polonês ou russo. O

inglês não costumava ser a língua dos refugiados.

— Quem é você? — perguntou. Ele também falava um pouco de inglês.

— Meu nome é Pedro. Preciso entrar na basílica.

— Você não pode entrar na igreja. Não é permitido.

— Há uma porta. Preciso achar a porta. Uma porta com uma estrela. O senhor conhece?

Tasso passara quase toda a vida adulta no Vaticano. Conhecia os jardins, as construções, os

padres... e conhecia as histórias. A porta com a estrela era algo da qual as pessoas às vezes falavam — mas sempre em sussurros. Ficava na igreja, atrás do altar. Tinha metade do tamanho de uma porta normal e parecia completamente diferente do resto do prédio. Não dava em lugar

nenhum. Atrás da porta havia um corredor curto, e depois uma parede de tijolos. E, como o garoto disse, havia uma estrela de cinco pontas acima dela. O símbolo era muito estranho. Não tinha nada a ver com o cristianismo — então por que estava ali?

No Vaticano, havia quem desejasse destruir a porta, quebrar a parede ao redor e depois emparedá-la completamente. Mas por algum motivo, isso jamais tinha acontecido. As pessoas diziam que havia algo especial nela, que as autoridades do Vaticano sabiam de alguma coisa que não contariam. De qualquer modo, ela continuava lá. Tasso sabia exatamente onde. Tinha passado por ela uma centena de vezes.

E esse estranho garoto estrangeiro estava pedindo para ser levado até lá.

Leonardo Emilio Tasso tinha uma escolha a fazer. Poderia chamar a Guarda Suíça. Nesse caso,

Pedro seria arrastado para fora e posto do outro lado dos muros do Vaticano. Seria o fim da questão. Ele continuaria com a faxina e depois de um tempo se esqueceria desse encontro. Ou

poderia fazer o que Pedro pedia. Sabia perfeitamente bem que havia uma pequena escada no canto do *Cortile Borgia* que levava a um túnel escuro e estreito passando por uns cem metros no subsolo antes de chegar ao santuário da basílica de São Pedro. Membros importantes da igreja o usavam ocasionalmente como atalho. Ele próprio descia ali algumas vezes para fumar um cigarro secretamente.

— Por favor... — murmurou Pedro.

O faxineiro não percebeu que chegara ao momento mais importante de toda a sua vida. Só

sabia que precisava fazer alguma coisa por aquele garoto agonizante.

Deixou a vassoura cair.

— Venha comigo — disse.

ANTÁRTICA

Scott desceu a escada até o pátio que tinha a grande porta trancada de um lado e a montanha

atrás. O lugar estava estranhamente silencioso, com a neve caindo mais pesada e

encobrindo qualquer som. Não havia guardas à vista; não eram mais necessários. A ralé patética que se chamava de Exército do Mundo tinha ido embora, correndo para os navios que eles achavam que iriam levá-los à segurança, sem saber que nenhum lugar no mundo seria seguro de novo. E

Matt Freeman fora aprisionado. Agora mesmo estava fornecendo diversão para os Antigos reunidos. Só o homem do cadafalso continuava lá. Tinha congelado até ficar sólido. A neve se acumulava nos ombros e na cabeça.

Scott estava usando só camisa, calça e jaqueta. O frio o cortava quase com alegria e em segundos seus dedos, suas orelhas e os malares estavam entorpecidos e doídos ao mesmo tempo. Percebeu que, se ficasse muito tempo ao ar livre, morreria — mas não se importava. Era provável que, em pouco tempo, estivesse morto de qualquer modo.

Foi na direção da caverna na montanha, do lado oposto à guarita e às duas torres. Viu a estrela de cinco pontas esculpida na pedra. Ali estava a corrente prateada estendida diante da abertura, com as duas mãos brancas entrelaçadas, mantendo-a trancada. Só precisava separá-las e o caminho ficaria livre. Daria dez passos e iria parar em Londres. Imaginou o que Jamie diria.

Será que seu irmão ao menos ficaria feliz em vê-lo depois de tudo? O quanto ele sabia?

Também havia a questão da corrente. Da eletricidade, ou de qualquer que fosse a força mortal que passava por ela. Se houvesse um guarda ou um serviçal por perto, Scott poderia ter ordenado que ele abrisse a corrente. Mas algo dentro dele se rebelava contra essa ideia. Por que outra pessoa deveria morrer por sua causa? Era muito melhor ele próprio fazer isso.

Avançou, ansioso para terminar logo. Estava com muito frio. Sua respiração saía branca e ele podia sentir os lábios congelando. Era hora de acabar com isso.

Mas então algo quente bateu em seus ombros. Gritou e girou, bem a tempo de ver um brilho prateado cortando o ar, vindo de novo para ele. Instintivamente saltou para trás. Tinha sido ferido. Podia sentir o sangue escorrendo nas costas, mas o segundo golpe falhou.

Jonas Mortlake estava diante dele.

Diferentemente de Scott, Jonas estava vestido para o clima, com agasalho acolchoado, luvas,

capuz, botas pesadas com solas grossas. Segurava uma espada, uma das armas que Scott vira

ser fabricada apenas dois dias atrás. De algum modo, ela parecia incongruente nas mãos dele...

a arma antiga contrastando com as roupas modernas. Pelo menos seria assim se não fosse tão

mortal.

— Vai a algum lugar, Scott? — perguntou ele. — Não vai nos abandonar, vai?

Girou de novo, dando um golpe. Scott caiu para trás, e a lâmina passou logo acima de sua cabeça. Jonas sorriu para ele, os olhos arregalados e brilhantes atrás dos óculos de aro de metal, os dentes branqueados artificialmente mostrando um sorriso brilhante. Scott sabia que tudo havia mudado. Os Antigos estavam com Matt. Não precisavam mais dele. E Jonas recebera permissão de matá-lo ou aleijá-lo. Como pagamento por seus serviços.

Mas Scott ainda tinha seu poder.

Abriu a boca para dar a ordem que enraizaria Jonas ou iria mandá-lo correndo para a vastidão antártica, mas antes que pudesse encontrar as palavras Jonas chutou-o, com o bico da bota acertando a lateral da sua cabeça. Tinha mirado cuidadosamente, e Scott foi jogado para trás na neve. Uma luz branca explodiu atrás de seus olhos. Ele estava quase inconsciente, percebendo apenas a dor pavorosa que minava todas as suas forças.

— Você ia dizer alguma coisa? — cantarolou Jonas. — Ou talvez fosse pensar. — Ele golpeou

uma segunda vez, acertando Scott exatamente no mesmo lugar. A cabeça de Scott virou bruscamente para trás. Ele sentiu gosto de sangue.

Jonas gargalhou e avançou.

— Acho que isso nos coloca em termos iguais — disse. — Mas vou garantir completamente.

— Desta vez usou o punho da espada, batendo-o como um porrete. Scott uivou. Imaginou se seu crânio teria sido fraturado.

— Os Antigos não se importam mais com você. Eles disseram para eu terminar com isso aqui

e, agora mesmo. — Jonas puxou o capuz para trás, de modo que não houvesse nada entre os

dois, de modo que Scott visse quanto ódio havia no rosto dele. — Eu gostaria de passar mais tempo com você, Scott. Adoraria lhe dar o troco pelo que você fez comigo. Mas não queremos

que você ponha a cabeça no lugar, não é? Melhor acabar logo com...

Scott tentou juntar os pensamentos, pegar o poder e usar contra aquele torturador, mas não

adiantava. Sentia dor demais. O mundo inteiro estava girando.

Jonas se empertigou, depois baixou a espada rapidamente, com a ponta indo para a barriga

de Scott. Scott só conseguiu rolar, salvando-se por centímetros. A espada mergulhou na neve ao seu lado. Ele tentou agarrá-la, mas sua visão estava turva e a mão errou. Jonas soltou-a, preparando-se para o ataque seguinte. Não tinha pressa. Scott estava desarmado, não tinha aonde ir, seu poder fora neutralizado. Jonas segurou a espada com as duas mãos, gostando da

sensação. Desta vez não iria errar.

— Os Antigos queriam Matt Freeman — disse ele. — Nunca estiveram interessados em você.

Você não é nada. É um traidor. Não merece viver. Adeus, Scott.

Jonas mergulhou a espada na direção do peito de Scott.

Ela não chegou ao alvo.

Na metade do gesto, Jonas parou, com uma expressão de surpresa. Baixou a espada como se

já tivesse se esquecido dela. Em seguida tombou para a frente e ficou imóvel.

Havia uma faca se projetando entre seus ombros.

— Scott!

Scarlett veio correndo, com Lohan logo atrás. Scott não tinha ideia de como eles chegaram.

Não lhe ocorreu que eles teriam seguido exatamente o mesmo caminho que ele usara na noite

anterior, entrando na fortaleza por trás das muralhas. Lohan tinha uma segunda faca e estava olhando em volta, esperando que um guarda viesse, mas a neve havia formado uma cortina ao

redor deles. Estavam invisíveis. Scarlett tinha feito isso.

— Scott! — gritou ela pela segunda vez. Tudo estava esquecido... a traição, a captura de Matt. Só importava o garoto caído na neve com ferimentos terríveis na cabeça e o sangue escorrendo pelos ombros, ao longo do braço direito. Ajoelhou-se ao lado, tentando avaliar como ele estava, se podia se levantar, se ela poderia tirá-lo dali.

— Desculpe... — murmurou Scott.

— Você sabe onde o Matt está? — perguntou Lohan. — Você o viu?

— Não. Não sei. — Lágrimas estavam escorrendo pelo rosto de Scott, congelando-se antes de chegar ao queixo. De repente ele estava vendo a confusão terrível que havia feito, como tinha jogado mal. — Desculpe — repetiu.

— Scott, isso não importa. Agora, não.

— Não. Você não entende. — Scott respirou fundo.

Ele não estava se desculpando pelo que tinha feito, mas pelo que ia fazer.

— Fiquem parados — ordenou.

Scarlett e Lohan sentiram-no penetrar na mente. Não tinham proteção. Estavam

completamente despreparados. Enquanto estava caído na neve, Scott havia se recuperado o suficiente para retomar o poder e o usou contra eles: um dos Cinco voltando-se contra outro.

Por um momento pavoroso, Scarlett se perguntou o que ele faria. Certamente não iria traí-los como tinha feito com Matt, não era?

Lentamente, ele ficou de pé. Estava coberto de neve. Pelo menos o frio extremo mascarava parte da dor.

— Você precisa me perdoar, Scarlett — murmurou ele. — Sei que você me impediria, e não

posso permitir. Por favor, diga ao Jamie, se eu não o vir, que eu estava pensando nele...

Scarlett queria se mexer. Queria impedir que ele fizesse o que ia fazer... o que quer que fosse, mas seu corpo não obedecia. Ela nem conseguia falar. Com o canto do olho, viu Lohan lutando para romper o feitiço. Ele continuava segurando a faca. Jonas Mortlake estava no chão, diante deles, de olhos fechados.

Um passo de cada vez, encurvado como um velho, Scott mancou na direção da caverna.

Scarlett notou-a pela primeira vez. Viu a corrente, as mãos entrelaçadas, a estrela de cinco pontas, e entendeu imediatamente que aquela era uma das portas e que, de algum modo, era o

motivo para todas as outras não estarem mais funcionando. Ao mesmo tempo, ouviu um zumbido leve saindo da corrente e soube que, o que quer que fizessem, nenhum deles deveria tocá-la. Mas já era tarde demais porque Scott estava

estendendo a mão, e apesar de ela ter gritado para ele parar, nenhum som saiu.

Scott segurou as mãos de marfim.

CINQUENTA E QUATRO

A porta para a cela fora aberta sem nenhum som. Apesar de tudo, Richard devia ter cochilado, porque só acordou quando sentiu um sopro de ar quente vindo de fora.

— Poderia se levantar, por favor, Sr. Cole? — ordenou uma voz. — Quero que veja uma coisa.

Quase instintivamente Richard tateou a faca inca, sabendo que estava enfiada no cinto, escondida. Ninguém suspeitava que ela existia. Talvez fosse o momento de usá-la. Levantou-se.

As pernas e a nuca estavam rígidas, e ele se perguntou quanto tempo teria passado. Minutos?

Horas? A placa de metal fora puxada, revelando um corredor do outro lado. Dois guardas usando jaquetas de couro preto e segurando porretes meio tortos estavam dos dois lados.

Pareciam humanos — com rosto faminto, espancado — mas poderiam facilmente ser

alteradores de forma. Nenhum demonstrava qualquer emoção além de uma hostilidade opaca, fixa. Nenhum deles tinha falado.

Um terceiro homem estava entre eles: velho, careca, enrugado, usando terno com uma echarpe de seda no pescoço. Richard suspeitou que o sujeito não teria muito tempo de vida.

Parecia doente. A pele era de uma cor não natural, como se o sangue por baixo tivesse se esvaído, e os olhos eram cheios de dor. Ele é que havia dado a ordem.

— Quem é você? — perguntou Richard. — O que fez com Matt?

— Duas perguntas muito boas — respondeu o homem. — Se quiser me seguir,

vou

responder enquanto andamos.

Richard saiu da cela, passando entre os dois guardas. Eles fediam, assim como tudo na fortaleza... presumiu que era dentro dela que estava. Era como se as pessoas vivessem ali durante anos sem tomar banho, como se a comida fosse deixada para apodrecer, como se as celas e os cantos tivessem sido usados como banheiros, e corpos mortos e apodrecendo tivessem simplesmente sido deixados onde tivessem caído. Todos esses odores abomináveis se juntaram e atacaram Richard enquanto ele saía pela porta. Achou difícil não engasgar.

— Estou muito satisfeito em vê-lo — disse o homem. Talvez estivesse acostumado com o cheiro e não o sentisse mais. — Sou presidente da Corporação Crepúsculo. O novo presidente.

Talvez você tenha conhecido meu predecessor em Hong Kong. Pode até ter sido parcialmente responsável pela aposentadoria precoce dele. Vamos indo. Acho que não temos muito tempo.

O presidente começou a andar, chiando um pouco, e Richard seguiu ao lado dele, com os

dois guardas atrás. Tudo era banhado na mesma luz azul que emanava das paredes e pairava no ar. O corredor se curvou e começou a subir, depois se transformou numa escada. Era como estar dentro de um formigueiro gigante. À distância, Richard ouviu gritos, batidas de metal contra metal, depois aplausos... o clamor de uma multidão. Seus agasalhos foram retirados, deixando-o apenas com jeans e uma camiseta — mas ele não sentia frio. Havia um calor úmido,

animal, dentro da rocha. Dava para ver água brilhando na superfície como suor.

— Cadê o Matt? — perguntou.

Houve um enorme grito dado pela multidão. Mais metal batendo em metal. Richard fez uma

pausa, com medo do que haveria adiante, depois grunhiu quando um dos guardas lhe deu uma

pancada nas costas com o porrete.

— Você não vai querer se demorar — observou o presidente. — Na verdade, estou levando-o

até ele agora, mas devo avisar que não é uma visão muito boa. Ele está sendo castigado pelo que fez há um tempo. Você faz parte do castigo. Vocês dois são bons amigos, não são?

Richard não respondeu.

— Já quase terminamos com ele, mas antes de pararmos queremos que ele veja você ser morto. Queremos que ele veja a sua morte.

Então iriam matá-lo. Richard recebeu a notícia com calma. A faca estava encostada na pele,

por baixo da camisa. Bom, ele iria usá-la para levar junto o presidente quando chegasse a hora...

e talvez os dois guardas também. Mas primeiro queria ver Matt.

— Vocês dois devem ter alguns minutos juntos — continuou o presidente. — Vamos matar você o mais lenta e dolorosamente possível. Temos dois profissionais esperando-o logo depois da esquina. Já os coloquei trabalhando com outros prisioneiros, e garanto que eles são muito bons no que fazem.

— É assim que você sente prazer? — perguntou Richard. Era difícil falar. Sua boca estava seca, o coração martelando, mas precisava dizer alguma coisa. Isso ajudava a esconder o medo.

— Na verdade, não. Eu sirvo aos Antigos. Faço o que mandam e sobrevivo. De fato as pessoas vêm fazendo coisas terríveis umas com as outras há muito tempo, Sr. Cole. Pode dizer que isso faz parte da humanidade e que sou igual a todo mundo. Matar ou ser morto, é o que

importa. Acho que você fez a escolha errada.

A escada terminou dentro de uma enorme câmara cheia de pessoas... milhares. Estavam apinhadas em bancos ou oscilando de pé, vestindo os mesmos trapos

que usavam ao atacar o Exército do Mundo. Muitos seguravam as espadas e os escudos, batendo uma no outro. Esse era

o barulho que Richard tinha ouvido. Houvera uma ração extra de comida. Eles estavam bebendo

vinho em odres que passavam pelas fileiras, rasgando pedaços grossos de pão e carne com as mãos nuas.

Richard levantou os olhos. O teto era alto a ponto de ser invisível, e ele percebeu que devia estar numa das torres que tinha visto do outro lado da banquisa, que ali era de fato a fortaleza, o coração do covil dos Antigos. A luz azul, brilhando com uma intensidade quase radiativa, derramava-se por cavernas e grutas que haviam comido as paredes a toda volta. Estalactites pendiam afiadas como agulhas. Lajes estreitas — caminhos — conectavam as diferentes aberturas e escadas meio desmoronadas, irregulares, conectavam todos os níveis. A multidão continuava até o topo, desaparecendo nas sombras. Cada degrau, cada pedaço de chão estava

ocupado por homens e mulheres com cabelos compridos e emaranhados, os olhos arregalados,

gritando, rindo, balançando os punhos ou batendo nos escudos, todos fixos no espetáculo embaixo.

Um ringue de boxe, com arame em vez de cordas, fora construído no centro da caverna e a multidão estava ao redor. Richard sentiu um punho acertar sua cintura, nas costas, e continuou andando. O sofrimento rasgava sua garganta e seu coração.

Matt estava lá.

Encontrava-se de pé, com os braços estendidos, amarrado numa estrutura de madeira de modo que a multidão o visse. Era impossível adivinhar quanta dor ele já teria suportado. Suas roupas estavam em trapos, e o corpo era uma massa de lacerações. Richard mal o reconhecia. O

cabelo de Matt fora raspado. O rosto estava horrivelmente inchado. O nariz estava quebrado.

Arame farpado fora retorcido em volta de seu pescoço.

Dois homens, usando aventais de açougueiro, estavam perto dele. Um segurava uma faca que havia tirado de um carrinho, balançando-a para a plateia aprovar antes de usá-la em Matt. À

medida que Richard chegava mais perto, aproximando-se da borda do ringue, os olhos de Matt

se abriram de súbito. Ele ainda estava consciente, mas não demonstrava qualquer emoção. Nem

parecia entender mais o que acontecia, mas sabia que Richard estava ali. Algo bem no fundo dele — podia ser tristeza ou mesmo aceitação — surgiu brevemente em seus olhos. Mas, enquanto Richard começava a subir, sua cabeça tombou para a frente e a plateia zombou e vaiou.

— Continue — disse o presidente. — Quero que você fique bem pertinho.

Enjoado, vazio, Richard subiu os poucos degraus que levavam ao ringue. A multidão ficou em

silêncio enquanto o presidente ia atrás. Os dois guardas permaneceram embaixo. Matt ainda estava vivo, mas a respiração fazia barulho em sua garganta. O sangue escorria para dentro dos olhos atordoados e fora de foco.

— É hora de terminar a apresentação — anunciou o presidente, falando para Richard, mas suficientemente alto para todos os outros escutarem. — Eu diria que o garoto merece um descanso. Mas queremos que ele leve algumas lembranças muito boas do que aconteceu aqui hoje, então pode se despedir dele antes que nós matemos você.

“É aqui que tudo termina para você, Sr. Cole. Mas não para ele. Acho importante que saiba.

Quando você estiver morto, vamos levar seu amiguinho para algum lugar quieto e deixar que ele se recupere. Eu diria que isso vai demorar uns dois meses. Há muitos ossos quebrados ali. Mas vamos cuidar muito bem dele, e no fim, ele vai se curar. Vai ficar forte.

“Então vamos fazer tudo de novo. Vamos trazê-lo aqui, amarrá-lo e recomeçar tudo. E de novo, e de novo, e de novo — vamos continuar fazendo isso durante os próximos cem anos. Ele

será um velho e ainda estaremos trabalhando nele. Dá para imaginar?

“Então por que não se despede enquanto ainda pode? Depois vamos matá-lo diante dele.

Mas de certa forma você tem sorte. Só vai morrer uma vez.”

O presidente fez um gesto. A multidão continuava em silêncio, esperando que Matt falasse,

talvez com um grito pedindo misericórdia. Os lábios de Matt estavam rachados e inchados, mas pareciam mover-se lentamente, tentando formar palavras. Nenhum som saiu.

Richard olhou para o presidente com mais ódio do que já sentira por qualquer pessoa ou qualquer coisa na vida. Agora sabia exatamente o que precisava fazer. Finalmente entendeu por que recebera a faca.

Antes que alguém pudesse impedi-lo, deu dois passos, tirou-a do cinto e, olhando direto nos

olhos de Matt, mergulhou-a no coração dele.

LONDRES (HOLLY)

Nunca vou me esquecer daqueles terríveis momentos finais na igreja de St. Meredith.

Meu coração já estava batendo forte quando saímos da casa onde estávamos escondidos...

número 13, mas nunca descobri o nome da rua. Tudo estava muito silencioso — ainda era de manhã cedo — mas de certo modo isso me deixou mais nervosa ainda. Havia tantos destroços,

tantos prédios arrebentados e carros enferrujados que eu quase podia sentir os

fantasmas andando pela calçada. E devia haver milhões deles. Era incrível pensar que em menos de dez anos uma cidade inteira fora reduzida àquela devastação. Mas acho que em outras partes do mundo, com terremotos e supervulcões, isso acontecera em minutos. Nem posso imaginar como

era Londres antes que os terroristas viessem. Não tenho tanta imaginação assim. O que vi naquele dia foi apenas a vaga impressão de uma cidade, alguns fiapos soprados pelo vento.

Saímos à rua, ou ao que restava dela. Pude perceber algumas linhas brancas pintadas no asfalto e as linhas amarelas que antigamente significavam que não era permitido estacionar, mas estavam meio escondidas pela poeira e o entulho, e, na realidade, era impossível dizer onde ficava a rua e para onde ela ia. A igreja estava muito perto de nós, a apenas uns cem metros, e era praticamente o único prédio ainda de pé, mais ou menos intacto. Parecia enorme. Podia ser um monumento a toda a cidade de Londres. Havia pedaços de lojas e escritórios dos dois lados de onde estávamos, por isso não ficamos completamente expostos. Mas, como todo mundo, eu

desejava que Jamie tivesse escolhido uma hora em que estivesse mais escuro ou mais chuvoso para nos levar para fora.

— Fiquem perto — disse Will, falando num sussurro.

Eu não precisava que me dissessem. Estava com Amir e Ryan à frente. Simon e Blake iam à

frente deles. Jamie ao meu lado. E os dois irmãos, Graham e Will, vinham atrás. Jamie e eu tínhamos recebido uma pistola cada, e eu esperava que, se tivesse de usar a minha, fosse mais eficiente do que no *Lady Jane*. Para ser honesta, fiquei feliz por estar cercada por tantos homens armados, e enquanto seguíamos pela rua — depressa mas com cuidado, olhando em todas as direções —, me esforcei ao máximo para ficar bem no meio.

Quando o ataque chegou, foi completamente inesperado. Não veio dos alteradores de forma,

da policial maligna ou de qualquer coisa que tivesse a ver com os Antigos.

Veio de cães.

Provavelmente foi por acaso que eles estavam naquela parte da cidade, mas havia uma dúzia

deles, e estavam caçando.

Quando Londres foi atacada, eles deviam ser bichos de estimação que ficaram para trás e formaram um bando, como as pessoas que tínhamos visto na estação do metrô, formando uma

matilha. Ao correrem para nós, eu vi que certamente não eram mais bichinhos de estimação de

ninguém. Eram horríveis. Havia alguns pequenos e gordos, correndo o mais rápido que podiam

com as pernas patéticas e encurvadas, e outros altos, magros, com pelos embolados e olhos vazios. Todos eram vira-latas, com as piores partes de cada cão unidas para formar as criaturas mais feias que você poderia imaginar. Era óbvio que todos tinham apenas um pensamento no que restava do cérebro: comida. Estavam uivando e latindo, mordendo o ar com dentes serrilhados e afiados como navalhas. Obviamente passavam muito tempo atacando uns aos outros. Não havia um único que não tivesse algum ferimento pavoroso... mordidas na barriga e no peito, gargantas abertas, orelhas e olhos faltando. Um cachorro se arrastava atrás dos outros

com apenas duas patas.

Deviam estar a favor do vento quando saímos da casa, e tinham captado nosso cheiro. Que

Deus ajudasse se um de nós estivesse sozinho e desarmado. Os cães teriam alegremente nos despedaçado e comido. Pela aparência, deviam ter feito exatamente isso muitas vezes. Mas era claro que tínhamos armas. Tivemos tempo suficiente para vê-los chegando. Assim, mesmo que parecessem algo saído de um pesadelo, realmente não havia chance de nos fazerem mal.

Mas esse não era o ponto. Vi Blake levantar sua metralhadora e lançar uma saraivada de balas que os cortou, matando quatro ou cinco instantaneamente e fazendo os outros pararem,

como se tivessem batido num painel de vidro. Vários cães estavam machucados, não tendo sido

mortos imediatamente, e ficaram completamente loucos, mordendo os próprios corpos,

tentando arrancar a causa da dor. Um ou dois farejaram os companheiros mortos, percebendo

que havia uma comida mais fácil diante deles... se bem que talvez fosse melhor voltarem mais tarde. De qualquer modo, o ataque terminou. Mas ao mesmo tempo o som da metralhadora havia ecoado na cidade, e agora qualquer um que estivesse na igreja ou perto dela saberia que estávamos ali.

— Corram! — ordenou Will.

Estava certo. Se quiséssemos chegar à igreja e encontrar a porta de Jamie, precisávamos ir o mais depressa possível. Tínhamos perdido a vantagem da surpresa, mas ainda podia haver alguns segundos antes que o inimigo deduzisse de que direção vínhamos. Esquecendo os cães, partimos na direção da porta da igreja. Enquanto íamos, vi Will tirar alguma coisa do cinto e jogar. Era uma granada de mão! Só então me ocorreu que a porta da frente da igreja estaria trancada, e

ainda que ele pudesse estar planejando uma aproximação mais cautelosa — arrombando a fechadura, por exemplo — não podíamos perder mais tempo. Precisávamos entrar.

Will levantou o braço, sinalizando para pararmos, e nós nos agachamos. A granada explodiu,

despedaçando a porta de madeira que estivera ali durante séculos, sobrevivendo até mesmo à destruição de Londres... até a nossa chegada. Agora estávamos a uns trinta metros, e com o canto do olho vi algo se mover e senti minhas pernas virando geleia quando a aranha deu a volta na esquina e parou, tremendo, olhando a gente com as dezenas de discos pretos que eram seus

olhos. Havia um gigantesco saco de veneno embaixo da barriga. Eu tinha visto a aranha no dia em que chegamos, mas agora era mais horrível ainda, porque a aranha tinha nos visto. Ela sabia que estávamos ali.

Não podíamos voltar. Se déssemos meia-volta, ela saltaria em cima num segundo. E, de qualquer modo, de que adiantaria? Precisávamos entrar na igreja. Não tínhamos opção, a não ser ir em frente, correndo para ela. Vinte e cinco metros. Vinte metros. Não iríamos conseguir.

Ela teria matado todos nós. Tenho certeza. Já estava se retesando para pular. Mas então, antes que ela pudesse se mover, outra coisa aconteceu — tão extraordinária e inexplicável que não pude acreditar. Achei mesmo que devia estar sonhando ou alucinando. Ou talvez meu medo

tivesse me enlouquecido.

O céu explodiu em chamas.

Quero dizer, o céu inteiro. Se você puder se imaginar encharcando todas as nuvens com gasolina e depois encostando um fósforo aceso, foi isso que aconteceu. Não sentimos nenhum calor. Talvez não existisse calor nenhum. Mas toda Londres, a igreja e a aranha foram banhados num brilho vermelho profundo. Ao mesmo tempo, pensei ter ouvido um sino tocar em algum local distante, vindo de outra igreja ou talvez da de St. Meredith, e mais tarde percebi que deviam ser exatamente oito horas — meio-dia na Antártica — e se algum dia houve um

momento de verdade, foi aquele.

O céu chamejou. A aranha se imobilizou. Nós não paramos. Demoramos menos de um

minuto para chegar à entrada, onde a porta estava despedaçada e as pedras queimadas, com fiapos de fumaça ainda subindo. Por apenas um segundo, Jamie e eu ficamos perto um do outro, com os ombros se tocando, e eu o vi se virar e olhar para trás, com as chamas se refletindo no rosto. Nunca o vi tão consternado.

— O que é isso? — perguntei.

— Matt — respondeu ele. Era só uma palavra, mas eu soube que ela significava que algo pavoroso havia acontecido.

Então estávamos na igreja. Era um lugar grande, cinco vezes maior do que a de

St. Botolph,

no meu povoado, e também muito mais sinistra, com a maioria das janelas quebradas, entulho

no chão, os bancos arrebentados e a maioria levados embora, provavelmente para ser usados como lenha. Colunas enormes sustentavam o teto e capelas nas laterais. Tudo estava muito escuro e vermelho.

Eu não sabia o que pensar. Parte de mim achava que tínhamos conseguido, que havíamos chegado e nada nos impediria de encontrar a porta. Jamie e o Viajante logo iriam... em mais uma jornada. Acho que eu deveria estar satisfeita, mas não estava. Nunca veria Jamie de novo, e sem ele eu não tinha motivo para estar ali. O que aconteceria comigo? O Nexo cuidaria de mim, achei. E se Jamie vencesse a luta contra os Antigos, talvez eu pudesse voltar ao povoado, ou para outro igual. Mas George estava morto. Rita e John também. Praticamente todo mundo que

eu conhecia estava morto. E além de tudo isso, o mundo estava pegando fogo. Eu estava no meio de uma cidade arruinada. Não existia caminho de volta.

Blake, Simon, Ryan e Amir se espalharam em leque à nossa frente. Eu tinha minha arma.

Jamie tinha a dele. O Viajante e seu irmão cobriam nossas costas.

Blake apontou.

— Ali está — disse ele. — A porta...

Houve uma rajada de metralhadora horrivelmente alta, ensurdecedora no espaço vazio, e Blake foi jogado longe, morto antes de bater no chão. Eu gritei. A mulher ruiva que tinha chegado de helicóptero ao povoado e nos seguido até Little Moulsford antes de nos perder no túnel Sheerwall havia nos alcançado de novo. Vinha andando em nossa direção com seu casaco

comprido e um ar de determinação naquele rosto pálido e magro. Era ela que havia disparado,

mas estava cercada por policiais armados e eu soube imediatamente que eles não

parariam, que não haveria nenhum aviso nem perguntas. Iriam matar todos nós — Jamie também, desta vez

—, e seria o fim.

Mas Jamie tinha seu poder, não tinha? Esperei que ele dissesse à mulher que ele não estava

ali ou que ordenasse que ela simplesmente largasse a arma ou algo assim, isso não aconteceu.

Um cilindro de gás explodiu — nem vi quem o atirou — e de repente havia fumaça em toda parte, nuvens densas e amarelas jorrando em volta dos nossos pés. Tentei respirar. Minha garganta ficou áspera. Meus olhos estavam ardendo, e pude sentir as lágrimas escorrendo pelo rosto. Era algum tipo de gás lacrimejante. A mulher sabia exatamente o que Jamie podia fazer e não quis se arriscar, deixando-o fora de combate com o resto de nós antes de se aproximar.

Como ela entrou na igreja? Era óbvio. Ela sabia para onde íamos, e simplesmente esperou que aparecêssemos.

Blake morreu, mas os outros estavam atirando de volta. Balas explodiam ao meu redor. De novo me vi no meio de um tiroteio, sem saber o que fazer. Não ousava atirar, para não acertar

Jamie ou o Viajante.

— Vá, Jamie! Vá!

Acho que foi Will quem gritou a ordem. Era impossível ter certeza. Devia haver centenas de

balas sendo disparadas, e eu gritei quando uma delas acertou minha mão, indo pela palma. Com o pouco de visão que eu tinha, vi Jamie avançar, e naquele momento me ocorreu que era uma

pena ele não ter tido tempo de se despedir direito. Talvez por isso eu tenha ido atrás dele ou talvez simplesmente porque não queria ser deixada sozinha. De qualquer modo, quatro de nós corremos para a porta, apesar de Will ter dado apenas alguns passos antes de ser derrubado por um tiro. Eu não sabia se ele

tinha sido ferido ou morto. Um segundo depois vi o Viajante se virar e disparar três tiros: pelo menos um acertou o alvo — um alvo perfeito — porque vi a policial virar a cabeça para trás, e quando ela baixou-a de novo tinha um buraco redondo e vermelho onde estivera o olho esquerdo. Ela caiu de joelhos, mas então o Viajante soltou um grito e caiu esparramado, e de repente éramos somente Jamie e eu, com a porta bem à frente, e não havia

chance de o Viajante ir junto, por isso Jamie simplesmente me agarrou e nós dois passamos.

A igreja ficou para trás. Os policiais continuavam atirando. Havia fumaça em toda parte. E me lembro de ter pensado que, desta vez, eu realmente, realmente esperava que a porta funcionasse.

ANTÁRTICA

Foi exatamente como ser eletrocutado.

Scott sentiu o choque terrível atravessando-o, e mesmo que quisesse soltar o fecho, seria impossível, porque suas mãos estavam fundidas nele. Ele estava queimando. Parecia que o mundo pegava fogo... o céu, o gelo. Ele mal conseguia enxergar, sua visão fora arrancada. Ele sabia que estava morrendo de pé.

Mas isso era pelo Jamie, e ele se recusou a apagar. Recusou-se a morrer. Lutou, ignorando a

dor ao mesmo tempo em que ela fazia seus braços estremecerem, e em vez disso concentrou toda a força que restava em separar as mãos de marfim, puxando uma para cada lado. Tinha se

esquecido dos ferimentos que Jonas Mortlake infligira. Tinha esquecido tudo que havia acontecido desde que passara pela porta de Hong Kong para a abadia de San Galgano. Só importava que conseguisse e, sem dúvida, no meio segundo antes de desmoronar, inconsciente,

sentiu as mãos se separarem e soube que a corrente fora solta, que a porta estava aberta e Jamie podia passar.

Scarlett sentiu-se sendo libertada do poder de Scott e correu até ele, que estava caído totalmente imóvel, as mãos e os pulsos enegrecidos, fumaça saindo pelo

canto da boca. Ele parecia horrendo, como uma vítima de um acidente terrível. Lohan vinha logo atrás dela.

— O que está acontecendo? — gritou Lohan. — O céu!

Era verdade. Scott não tinha imaginado. Chamas ondulavam no céu antártico. Era uma imagem chocante, horrível. O fim do mundo.

— Não sei! — Scarlett estava ao lado de Scott, com a certeza de que ele havia morrido, aninhando-o nos braços.

Lohan olhou para além dela, para as duas correntes com as mãos de marfim, agora separadas.

— Ele conseguiu! — exclamou. — A porta está aberta. Você e eu podemos ir embora! Você pode nos levar para qualquer lugar do mundo!

— Não vamos a lugar nenhum — gritou Scarlett.

— Espera...!

Lohan estava apontando. Scarlett olhou para a caverna.

Havia três figuras na escuridão, saindo das sombras. Vinham na direção dela.

CINQUENTA E CINCO

Em sua própria maneira, eles eram lindos.

Podiam ter sido projetados somente para trazer morte e devastação, mas os mísseis Trident,

disparados do submarino doze minutos antes, tinham uma magnificência indubitável enquanto se agrupavam e começavam a descer.

Nem todos os barcos que carregavam os sobreviventes do Exército do Mundo estavam suficientemente longe do Limbo, e muitos seriam surpreendidos na explosão e no tsunami inevitável que viria em seguida. Mas pessoas inocentes deviam morrer em todas as guerras, e estariam servindo a um bem maior. Sem dúvida nem mesmo o poder dos Antigos suportaria a onda de choque gerada por

doze ogivas nucleares. A fortaleza seria vaporizada. De fato, toda a banquisa de gelo, com quilômetros ao redor, desapareceria.

E ali estavam, agulhas de prata no céu. Eram como um bando de pássaros, cada um com uma inteligência separada e, no entanto, chegando juntos num todo unificado. O alvo estava à frente. A fortaleza ainda parecia minúscula, mas crescia a cada segundo enquanto os mísseis se aproximavam.

Ninguém os viu. Eles ainda estavam cobertos pelas nuvens, e de qualquer modo, se moviam

depressa demais. Quando qualquer pessoa olhasse para cima, seria muito tarde.

Pedro foi o primeiro a sair da caverna, ainda vestindo as roupas finas que estivera usando em Roma, e foi atingido imediatamente pela força total do frio antártico. Talvez o choque tivesse sido bom, porque foi como se finalmente deixasse o veneno para trás, e enquanto continuava andando, seus passos ficaram mais fortes e mais confiantes até ele estar quase correndo, pronto para qualquer outra coisa que tivesse de enfrentar.

Scarlett o viu e ficou chocada com a mudança em sua aparência. Tinha-o visto somente uma

vez, brevemente em Hong Kong, e não sabia se haviam se passado algumas semanas ou dez anos. Ele estava muito mais magro, com olhos fundos e pálido. Mas então ele a reconheceu e sorriu, e de repente ela soube que ele tinha sobrevivido e que tudo iria ficar bem.

— Pedro! — exclamou ela.

— Scarlett! — Pedro olhou ao redor, sem conseguir captar tudo. Algo havia acontecido com

o céu. Chamas se estendiam até onde podia enxergar, um oceano de fogo se refletindo no oceano de verdade embaixo. Ele estava numa espécie de fortaleza, na neve. Uma grande

montanha se erguia atrás. De um lado havia uma figura pendurada numa forca. Ele pensou que Nápoles era um lugar terrível, mas ali era muito, muito pior.

E então viu o corpo caído de Scott, com Lohan parado junto, impotente. Num instante, tudo

que acontecera nas últimas semanas foi esquecido. Não importava o que Scott havia feito. Ele era um dos Cinco e estava ferido. Pedro foi até ele, estendeu as mãos e se preparou para fazer o que sempre fizera, trazer o poder da cura.

Enquanto isso, Scarlett estava parada diante da caverna, com a corrente partida dos dois lados. Mais duas pessoas emergiram. Uma era uma garota que ela nunca tinha visto, de rosto redondo e bonito, com sardas no nariz e cabelo louro. Estava segurando uma das mãos e parecia chocada. O outro era um garoto. Mesmo se não fosse idêntico a Scott, ela o teria conhecido imediatamente. Era Jamie.

Por fim, havia quatro deles juntos. Mas onde estava Matt? E o que acontecera com Richard

Cole?

Jamie havia escapado incólume da igreja de St. Meredith. Não sabia se era certo trazer Holly, mas tudo aconteceu depressa demais e ele decidira que esse era o único modo de salvá-la. Não poderia deixá-la para trás. Como Pedro, sentiu o frio extremo quase como uma martelada. Viu as muralhas da fortaleza, as torres, a montanha e o céu. Então o mundo inteiro estava pegando fogo! Viu Lohan olhando-o, leu a dor nos olhos dele e finalmente percebeu que a figura caída na neve era seu irmão, Scott, e que tinha chegado tarde demais.

Esquecendo todo o resto, correu até ele, ajoelhando-se. Pedro já estava com Scott, mas bastou um olhar para dizer que não havia nada que nem mesmo um curador pudesse fazer.

— Scott! — Jamie pegou o irmão nos braços. — Estou aqui, Scott! — gritou ele, e pela primeira vez desde que toda essa coisa havia começado, sentiu um sofrimento avassalador que vinha com o conhecimento de que, independentemente de qualquer coisa que tivesse

acontecido, a culpa era sua, que nunca deveria ter deixado Scott sozinho. — Desculpe —

continuou. — Eu não deveria ter deixado você para trás. Deveria ter ficado com você. Nós sempre estivemos juntos, você e eu. Você sempre cuidou de mim. Por

favor, diga que não está

com raiva de mim, Scott. Eu só estava fazendo o que achei melhor...

Os olhos de Scott se abriram. Ele sorriu.

— Jamie... — disse ele.

— O que aconteceu aqui, Scott? O que eles fizeram com você?

— Foi ruim, mas agora está tudo bem. Que bom que você está aqui.

— Scott...

— Diga ao Matt...

Os olhos de Scott se fecharam. Jamie esperou que ele falasse mais alguma coisa, mas nenhuma palavra saiu. Olhou para Pedro, que estava encarando-o com olhos chocados. Os dois

sabiam.

Scott havia morrido.

Scarlett viu aquilo, e toda a sua força se esvaiu. Scott se sacrificara. Mas sua morte significava que os Cinco nunca poderiam se juntar. Os Antigos tinham vencido.

O chão começou a tremer.

Todos eles — Jamie, Pedro, Scarlett, Lohan e Holly — sentiram a sacudida súbita, intensa, a

impressão de que o mundo estava se rasgando sob seus pés. As nuvens pareciam arder mais intensamente do que nunca e as muralhas estavam vibrando, com rachaduras enormes

aparecendo, pedra e gelo começando a cair. Houve um ribombar parecido com um trovão, só

que mais profundo e mil vezes mais alto. Lohan olhou para cima e sentiu puro

terror quando toda a montanha começou a se partir. O ruído era ensurdecedor, golpeando seus ouvidos e seus olhos. Pedras enormes rolavam, chocando-se contra o chão embaixo. Um vento brotou, jogando

neve e poeira com força contra seu rosto, cegando-o.

Ao mesmo tempo, as forças dos Antigos começaram a aparecer, saindo em bandos da torre

mais distante. Jorravam pelas portas, por cima das ameias, descendo escadas, atravessando o pátio... Alteradores de forma, cavaleiros de fogo, soldados-moscas, escravos. Vinham de todas as direções, ganhando velocidade, enquanto, do lado da fortaleza, o macaco gigante corria aos saltos pelo gelo, com o condor e o beija-flor mergulhando atrás. Ainda de joelhos, segurando Scott, com as lágrimas congelando nas bochechas, Jamie sabia que o fim havia chegado — mas

não se importava mais. Seu irmão tinha morrido em seus braços. Ele chegou muito tarde. Tudo

que havia suportado fora em vão.

Caos, o rei dos Antigos, apareceu finalmente, saltando para o céu, com entulho preto cascateando atrás. Para Scarlett e os outros, foi como se a montanha tivesse se transformado num vulcão com lava derretida e fumaça brotando. A princípio, Caos não passava de uma névoa

enorme, escura e sem forma. Havia o vislumbre de um olho amarelo, parecendo de lagarto. Algo como uma garra pareceu segurar a borda da cratera, puxando-o para fora, como se ele estivesse nascendo. Ele podia ter chifres, pele de cobra. Era impossível dizer. Caos era imenso demais, impossível de medir. Podia assumir qualquer forma e agora mesmo estava mudando...

Diante dos olhos deles, todas as diferentes partes se juntaram e formaram a figura perfeita de um homem, de tamanho humano, descendo pela encosta da montanha em sua direção. Só

que não era um homem. Era um recorte preto na forma de um homem, uma silhueta. Scarlett

se lembrou das figuras de papel que fazia na infância, mas era como se Caos fosse cortado do próprio tecido do mundo. Era um buraco negro. Era o nada. A montanha e o céu ondulavam ao

redor, mas ele era pura energia, puro mal, sem rosto e sem vida, sugando tudo para dentro.

— Os Cinco... — sussurrou ele, e sua voz parecia pertencer ao início dos tempos, antes que a luz tivesse chegado ao mundo. As chamas se retorciam acima. Seu exército ficou parado, esperando suas ordens.

Mas ele ia acabar com isso pessoalmente. Continuou descendo.

Scarlett fechou os olhos e se preparou para morrer.

Richard Cole também esperava morrer.

Sabia que tinha enganado o presidente e os Antigos, tirando o maior prêmio deles. Matt estava caído à sua frente, ainda de pé — a estrutura a qual estava amarrado mantinha-o assim

— mas Richard podia ver que ele estava em paz. Sua cabeça tombara para a frente, os olhos estavam fechados e ele não respirava. Richard sentiu-se rasgado ao meio. Nesse momento, foi consumido por mais sofrimento do que jamais conhecera na vida. Mas ao mesmo tempo estava

satisfeito porque, pelo menos para Matt, aquilo tinha acabado.

Tinha esperado que o presidente o matasse. Toda a arena ficou em silêncio, os espectadores

— fileira após fileira — olhando-o num silêncio chocado, como crianças de quem tivessem acabado de arrancar um brinquedo. Os guardas que o trouxeram e os dois torturadores, cujo trabalho ele tinha visto, estavam parados, esperando ordens. E o próprio presidente parecia furioso e apavorado ao mesmo tempo. Isso era culpa dele. Havia trazido o jornalista e, de algum modo, inexplicavelmente, tinha deixado de ver que Richard segurava uma espécie de faca antiga.

Tinha permitido que ele matasse o garoto: a única coisa que não poderia

acontecer. O que os

Antigos fariam agora? O que fariam com ele?

Todo o sangue tinha sumido de seu rosto. Uma pulsação batia na frente de sua cabeça careca e se formara um vazio na garganta enquanto ele lutava para respirar. Seu braço se estendeu e ele apontou um dedo trêmulo na direção de Richard.

— Matem-no! — gritou com voz aguda. — Matem-no agora!

Ninguém se mexeu. Para quem era dada a ordem? Richard pensou em lutar, em tentar fugir,

mas estava demasiadamente exausto. Não se importava mais. Depois do que fora obrigado a fazer, não importava se viveria ou morreria. Matt ainda pendia à sua frente, de cabeça raspada, o corpo quase nu coberto de ferimentos que não lhe causariam mais dor. Richard só queria ficar com ele. Não fugiria mais.

Percebeu algo se movendo sob os pés e lutou para se equilibrar. Pensou que estava imaginando, até que um guarda tropeçou contra o outro. Não era a plataforma. Toda a caverna

tinha começado a tremer. A plateia também sentia. Alguns se levantaram. O pânico começou a

se espalhar enquanto as primeiras pedras se soltavam. As vibrações estavam ficando piores, mais fortes. A luz azul tremeluzia, acendendo e apagando, de modo que havia momentos em que todo mundo era mergulhado na escuridão. A visão de Richard estava turva. Ele teve a sensação extraordinária de ser sugado para um buraco que não existia.

— Matem-no! — gritou o presidente de novo, mas os guardas não estavam escutando, com

medo de o teto desmoronar sobre eles. Os espectadores estavam em pânico, cambaleando em

todas as direções, indo para as saídas. Para Richard, eles ficavam invisíveis num momento e depois pareciam congelados no pânico e no desespero quando a luz

voltava. Pedras maiores começaram a cair. No fundo do auditório, uma das lajes cedeu de repente, fazendo vinte pessoas mergulharem para a morte numa cascata de entulho. A parede lateral rachou e, impossivelmente, Richard viu fogo atrás. Mas não era a construção que pegava fogo. Era o próprio céu.

O presidente não parecia ter notado o que estava acontecendo. Só se importava com Richard. Olhou para o carrinho com as fileiras de facas e bisturis e pegou uma, depois cambaleou para a frente, querendo fazer ele próprio o serviço. Richard reagiu por instinto. Se fosse morrer, não seria nas mãos daquele maluco. Enquanto o presidente tentava acertá-lo com a faca, ele levantou a mão e agarrou o pulso do velho, empurrando-o de lado. Ouviu o osso quebrar. O

presidente uivou e se encolheu para trás, largando a faca.

Os dois estavam cara a cara. As fileiras de espectadores tinham se transformado numa massa

que se esparramava, lutando. Richard ouviu um estalo e olhou para cima no momento em que

uma estalactite se separou do teto. Viu-a despencar. O presidente olhou para cima no instante em que a estalactite o acertou, a ponta afiada furando a garganta logo abaixo do queixo e continuando por todo o corpo, finalmente prendendo-o no ringue de boxe. As mãos do presidente se sacudiram. As pernas chutaram. Então ele ficou imóvel.

Ninguém se importava mais com Richard. As paredes estavam caindo, o chão levantando. Em

toda parte, pessoas morriam esmagadas por pedras que caíam ou eram pisoteadas, cortadas e derrubadas por outras pessoas que tentavam passar. Ele as ignorou. De algum modo conseguiu

forçar todo o barulho para fora da cabeça e se viu sozinho, num lugar silencioso. Deu um passo e segurou Matt, tentando não olhar a *tumi* de ouro que ainda se projetava do peito dele. Muito gentilmente, soltou o arame farpado enrolado no pescoço dele. Em seguida, soltou-o da estrutura. O corpo de Matt tombou em seus braços. Richard colocou-o no chão e, estendendo uma das mãos, fechou seus olhos pela última vez.

Lá fora ouviu duas palavras sendo sussurradas. Pareciam vir das entranhas da terra.

— *Os Cinco...*

E de repente teve a sensação, sem saber como ou por que, de que era isso que Matt quisera,

que havia até mesmo esperado, e que, de algum modo, apesar de tudo, eles tinham vencido.

Pedro só pôde ficar olhando enquanto o vazio negro que era Caos andava na direção deles, um

passo de cada vez, com o mundo inteiro se deformando ao redor. Jamie continuava ajoelhado na neve, segurando o irmão, com Lohan parado ao lado. Scarlett estava ao lado da caverna. E, ao redor deles, as forças humanas e não humanas dos Antigos haviam parado, esperando a ordem que finalmente acabaria com tudo.

A coisa aconteceu sem aviso.

As duas portas na frente da fortaleza se desintegraram. Não foi exatamente uma explosão.

Foi como se de algum modo elas tivessem optado por se despedaçar, transformando-se, num instante, de pranchas sólidas de madeira numa nuvem vaporosa de lascas. Scarlett abriu os olhos e viu um veículo sem capota acelerando na direção deles por cima da banquisa de gelo, uma figura dirigindo, a outra de pé ao lado.

Matt e Scott.

Só que não podia ser Scott, porque Scott estava ali. E como Matt havia escapado da fortaleza? Mas enquanto o jipe entrava rapidamente no pátio e parava derrapando, ela viu que *eram* eles. E pareceu-lhe que o exército dos Antigos hesitou e recuou, e que de repente havia um sentimento de incerteza que começou com Caos e se espalhou rapidamente pelas suas forças.

Jamie soube imediatamente. Tinha conhecido Pedra-de-Fogo quando retornara

no tempo

para substituir o irmão gêmeo dele, Árvore Nova, morto na batalha da colina Scathack. Árvore Nova era a versão mais antiga dele próprio, porque — como aprendera — tinha vivido duas vezes, separado por dez mil anos. Agora percebeu que, no mesmo momento em que Scott havia

morrido, Árvore Nova tinha viajado para a frente no tempo, pagando a dívida. E Matt — o antigo Matt — tinha vindo com ele.

Então o Matt que ele conhecia no mundo moderno estava morto. Jamie entendeu isso, mas

não ficou triste. Talvez porque estivesse para além da tristeza, porque não existisse mais nada que ele pudesse sentir. Ao mesmo tempo, tinha certeza de que tudo isso estava destinado a acontecer. Impossivelmente, depois de serem separados e lançados por todo o mundo, depois de passarem por tanta coisa, os Cinco haviam se juntado novamente, ali, no Limbo. E não importava que estivessem em menor número numa relação de mil para um. Não havia nada que

ninguém pudesse fazer.

Matt estava dirigindo. Os dois garotos vestiam as túnicas cinzentas com a estrela azul que era a insígnia do primeiro exército rebelde que derrotara os Antigos. Enquanto Árvore Nova saltava do veículo, Jamie viu que ele tinha duas espadas — uma no cinto, a outra na mão.

Ele viu Jamie e o saudou:

— Jamie... isso é seu! — gritou e, girando a primeira espada, jogou-a para ele, a lâmina fina brilhando ao viajar a curta distância pelo ar. Jamie pegou-a pelo punho e reconheceu a estrela de cinco pontas no meio da cruzeta, feita de pedras preciosas. De novo sentiu o peso e o ótimo equilíbrio da lâmina afilando-se até a ponta.

Era Geada, a arma com que lutara naquela primeira batalha. Tinha sido devolvida a ele.

Houve uma série de tiros.

Todo mundo se esquecera de Holly. Mas ela estivera parada na boca da caverna, tentando entender a insanidade ao redor. Tinha visto Caos chegar ao pé da montanha e se virar para ela, e sem saber quem ele era, sem entender nada de verdade, finalmente encontrou força para usar a arma e esvaziou-a contra ele.

As balas passaram direto através da criatura. Ele ignorou-a, mas o barulho das detonações foi como um sinal para tudo acontecer ao mesmo tempo.

Matt e Pedra-de-Fogo correram, afastando-se do jipe. Nesse momento, um cavaleiro de fogo

galopou tentando interceptá-los. Matt girou sua espada e a lâmina cortou o manto preto, partindo a criatura ao meio. Um grande grito soou nas ameias quando uma massa embolada de

alteradores de forma, soldados-moscas e deformidades hediondas que tinham sido pessoas partiram na direção deles. Scarlett se virou e encarou-os, e imediatamente um sopro de vento os golpeou com tamanha força que eles foram jogados longe, girando. Ela nunca se sentira assim e sabia que era porque todos estavam juntos. Seus poderes haviam se multiplicado por cinco.

Jamie sentiu o mesmo. Era maravilhoso ter Geada na mão de novo, a volta de uma velha amiga, mas quase não precisava dela. Ninguém poderia chegar perto dele. Só precisava pensar numa ordem e a coisa acontecia. Dois cavaleiros totalmente cobertos de espinhos pretos caíram para trás, com os cavalos em pânico, e colidiram com um cavaleiro de fogo. Os três desapareceram em chamas. Um alterador de forma com duas cabeças de lagarto virou sua espada contra si próprio. Jamie não conseguia se obrigar a olhar o corpo do irmão. Enquanto estava perto de Pedra-de-Fogo, era quase como se Scott tivesse retornado para ele.

Pedro pegou as espadas largadas pelos dois cavaleiros que Jamie acabara de matar. Entregou

uma a Scarlett e ficou com a outra. Não sentia mais o frio. Não tinha medo de nada. Tudo que havia passado, o sofrimento de toda a vida, valia a pena por este momento.

— Acabou! — gritou Matt. — Vamos terminar com isso.

Todos sabiam o que fazer. Caos estava entre eles, poderosíssimo e impotente ao mesmo tempo. Estivera no comando total, Scott havia pertencido a ele, Matt fora seu prisioneiro, Jamie e Pedro estiveram a milhares de quilômetros de distância. Mas de algum modo, em apenas alguns minutos, tudo havia mudado. Enquanto ele descia a montanha, os Cinco tinham se reunido finalmente. O fogo no céu estava apagando. A luz estava retornando.

Matt foi o primeiro, mergulhando sua espada no rei dos Antigos, fazendo-a desaparecer até

o punho. Jamie foi em seguida, gritando de empolgação enquanto testava de novo o poder de

Geada. Scarlett, Pedro e finalmente Pedra-de-Fogo golpearam juntos e, em algum lugar dentro de Caos, as cinco pontas se tocaram.

Caos gritou, um som que foi ouvido não somente em todo o mundo, mas até o fim do universo. Ele ficou preso no lugar, com a forma se distorcendo e se partindo como se fosse um reflexo na superfície de um mar tempestuoso. Finalmente se transformou de novo em fumaça e

foi levado para longe, e Matt, Pedro, Jamie, Scarlett e Pedra-de-Fogo estavam se encarando com as cinco espadas estendidas.

O círculo estava completo.

Nesse momento, todos souberam que havia acabado, que ninguém poderia tocá-los e que não existia mais necessidade de sentir medo. Era como estar preso dentro de uma cúpula de vidro, só que eram eles que a haviam criado e ela mantinha todo o resto do lado de fora. Um dos pássaros gigantes apareceu, tarde demais, e tentou mergulhar contra eles, mas ricocheteou de volta, transformado numa bola de ossos partidos e penas espiralando. Lentamente o mundo

começou a girar em volta deles. Não havia sinal de Lohan ou Holly. Nesse momento, eram apenas os Cinco, os Guardiões, finalmente reunidos.

A roda girava cada vez mais rápido. A fortaleza girava. Os Antigos. O Limbo. A montanha. O

céu. Tudo estava se transformando num borrão. Houve um estalo de rachar os

ouvidos e o campo de gelo desapareceu, substituído por um buraco gigantesco que revelou outro mundo embaixo, um universo de espaço negro e estrelas brilhantes. Uma torrente de vento circulava ao redor dele, sugando tudo para dentro. Os soldados e os cavalos não podiam resistir. Eram milhares, e apenas alguns instantes atrás pareciam invencíveis, mas de repente mal passavam de um punhado de fuligem lançada na brisa. Todos foram arrastados para dentro. A fortaleza em si se despedaçou, transformando-se num redemoinho, um milhão de pedaços de tijolo e pedra. Os

pássaros gigantes foram arrancados do céu. O macaco gigante, com os braços estendidos, deslizou para trás pela borda de gelo e desapareceu no buraco negro. Os cavaleiros de fogo foram esmagados uns contra os outros, explodindo em chamas. Era impossível dizer qual era o

homem e qual era o cavalo. Absolutamente todas as espadas e escudos, todas as facas e armas

de fogo foram varridos.

E, bem no final, quando todas as coisas malignas tinham partido, os mísseis lançados pelo Exército do Mundo finalmente chegaram, brotando do céu. Eles também desapareceram no grande buraco no gelo. Não houve impacto nem explosão. Tinham ficado visíveis por pouco mais de alguns segundos, chovendo, e então sumiram.

Terminou. Bem lá dentro do outro mundo algo tremeluziu, vermelho e preto. Então o círculo

se fechou, o gelo se reformando.

Os cinco estavam juntos no pátio, segurando as espadas. Lohan e Holly se encontravam ali perto, com o rosto branco, incapazes de absorver o que tinham acabado de testemunhar.

Apenas algumas colunas e paredes partidas da fortaleza permaneciam de pé. A planície do Limbo se estendia, branca e incólume, indo até o mar.

— Richard! — Scarlett gritou o nome dele, vendo o jornalista sair cambaleando dos restos do

que havia sido uma torre. Mas ele não ouviu. Estava olhando para Matt, cheio de espanto.

Tudo ficou em silêncio.

Ainda nevava, mas as nuvens tinham se partido e uma ondulação rosada já se espalhava pelo

céu.

CINQUENTA E SEIS

Foi uma espécie de comemoração.

Jamie não conseguia deixar de pensar no último grande confronto, quando o Portal do Corvo

fora criado. Quando tudo terminou, houvera uma grande festa e um exército com quem compartilhar. Todos os Guardiões estavam lá — Pedra-de-Fogo, Inti, Scar e Matt como eram na

época — mas havia outras pessoas para comemorar também. Os amigos de Scar, Corian e seu

irmão mais velho, Erin. E seu grande amigo Finn, apesar de ele ter morrido. Jamie se lembrou do vinho, da música e do clima dos sobreviventes compartilhando a vitória, felizes por estar vivos, mas lembrando-se de todos que tinham sido menos felizardos.

Desta vez era diferente. Restavam poucos no campo de gelo depois que o Exército do Mundo

partira... só os oito. E pareciam ter levado tempo demais para chegar ali. Era como se estivessem lutando durante toda a vida.

Tinham enterrado o corpo de Scott e o de Matt lado a lado, perto de onde haviam caído, cobrindo-os com gelo e neve e erguendo um memorial simples — duas placas de granito cinza,

cada uma enfeitada com uma estrela de cinco pontas que Lohan cinzelou com

uma faca. Jamie

falou algumas palavras para os dois enquanto todos se mantinham de pé em volta das sepulturas.

— Scott... você não pode me ouvir e provavelmente me mandaria calar a boca de qualquer

modo, mas quero que saiba que, em muitos sentidos, você foi o melhor de nós. Foi tirado de nós logo no início e eu sei o quanto eles te machucaram, tentando transformá-lo num deles.

Mas no fim você foi mais forte do que todos eles juntos e fez o que era esperado. Se não fosse você, nunca teríamos chegado aqui. Você abriu as portas mesmo sabendo o que isso significava.

E estou feliz porque pude vê-lo e pudemos estar juntos. Você foi o melhor irmão que alguém poderia ter. Sempre vou pensar em você. Nunca vou te esquecer.

“E Matt. O que posso dizer, Matt? Você era meu amigo. Era o nosso líder. Ainda não entendo como deduziu tudo, mas sei que Scott não te traiu. Não de verdade. Ele fez o que você queria que ele fizesse, todos nós fizemos, e você passou por toda aquela dor e pela morte para que as coisas acontecessem como deveriam...”

Era estranho fazer um discurso fúnebre quando qualquer outra pessoa diria que Scott e Matt

estavam ao lado dele, mas Jamie sabia. Eles eram os mesmos, mas eram diferentes. Tinham vivido separados por dez mil anos, imagens de espelho isoladas por um golfo de tempo. Um dia

ele tivera de ficar no lugar de Árvore Nova, e sabia melhor do que ninguém como era estranho ter de ficar à altura de si mesmo.

Algumas horas se passaram desde o enterro. Era tarde da noite, mas o céu continuava luminoso. A neve tinha finalmente parado de cair, por isso eles acenderam uma fogueira no gelo, não querendo se esconder nas carcaças dos aviões e nem nas barracas abandonadas.

Lohan havia pegado tapetes, cobertores e almofadas, que pôs ao redor da

fogueira, e conseguiu encontrar uma quantidade surpreendente de comida, deixada durante a evacuação. Ele e Holly estavam preparando um jantar quente. Tinham prometido um festim, mas seria um festim solitário. Quase certamente eram as únicas pessoas num continente inteiro, absolutamente sozinhas no meio daquela vastidão.

Dos cinco Guardiões, Pedro era o que estava mais feliz. Sentia um contentamento enorme só

de estar de volta com os outros, segurando uma caneca de sopa quente que Holly havia dado e

falando animadamente com Scarlett, sentada ao seu lado. Estava descrevendo a fuga do Castel

Nuovo, e claramente não poupava detalhes. Jamie viu Scarlett ofegar alto e depois se balançar para trás, segurando o nariz. Ele estava sentado do outro lado da fogueira com Pedra-de-Fogo, os dois dividindo uma garrafa de vinho tinto.

— Como você chegou aqui? — perguntou Jamie.

— Não sei bem — respondeu Pedra-de-Fogo. — Você e eu estávamos juntos ontem mesmo.

De qualquer modo, foi ontem para mim. A batalha aconteceu. Fomos todos dormir. Então acordei aqui com o Matt dizendo para entrar no jipe. Não acreditei que teria de passar por tudo pela segunda vez!

— Eu tinha certeza de que nunca veria você de novo.

— Sinto muito por isso ter acontecido, Jamie. Assim que me vi aqui, soube o que significava.

O Scott...

— Não acredito que o Scott está morto enquanto eu estou aqui conversando com você. —

Jamie pensou um momento. — Acho que você vai ter de ir embora logo, como eu fui. — Era um pensamento sombrio, ficar sozinho de novo.

— Não sei — disse Pedra-de-Fogo. — Acho que Matt vai dizer.

Holly apareceu, lutando com um grande caldeirão de aço do qual subia vapor. Jamie olhou na

direção dela e sorriu. Scarlett e Pedro já gostavam dela. Holly havia passado a vida inteira numa pequena comunidade e de repente se viu apanhada em coisas que não podia entender, transportada incrivelmente para o outro lado do mundo. E também tinha sido ferida. Sua mão esquerda estava com um curativo, por causa do tiro que a havia atravessado direto durante a emboscada na igreja de St. Meredith. Mas tinha ido em frente, fazendo o possível para ajudar os outros.

Lohan veio atrás dela, carregando uma bandeja com pratos, copos, facas e garfos. Tinha até

encontrado uma garrafa de conhaque que trouxera da Serra da Morte. Jamie olhou-o destampá-

la com os dentes e tomar um gole direto do gargalo. As chamas da fogueira soltaram fagulhas.

De repente todos estavam se sentindo quentes e unidos.

— O jantar está pronto — anunciou Lohan.

— O que é? — perguntou Pedra-de-Fogo.

— O que pudemos achar, jogamos tudo junto e cozinhamos em vinho tinto — respondeu Lohan.

— Lohan fez tudo — disse Holly. — Eu sou inútil na cozinha. E não deixem ele fingir que são

somente sobras. Nós achamos um pouco de carne de verdade e legumes. Estava tudo guardado

no gelo. E temos biscoito de chocolate de sobremesa.

— Estou morrendo de fome — disse Pedro. Ele já havia tomado duas canecas de sopa e estava deitado com a cabeça numa pilha de almofadas, os pés estendidos

para a fogueira.

— Cadê o Richard? — perguntou Holly.

— Vai chegar num minuto — disse Scarlett. — Está conversando com Matt.

Richard e Matt estavam a uns 20 metros de distância, do outro lado do que tinha sido a tenda do comandante. Podiam ver a borda onde a plataforma de gelo caía e o mar embaixo. A

água estava surpreendentemente calma, e o sol tão baixo que quase a tocava.

Richard estava olhando o garoto à sua frente. Era da mesma idade de Matt. Era exatamente

igual ao Matt, especialmente agora que havia posto de lado a espada e vestido roupas modernas para se proteger do frio. Até falava igual a ele. Mas os acontecimentos na fortaleza ainda estavam frescos na mente de Richard e ele sabia que, quem quer que fosse aquele garoto, não

era o seu amigo e companheiro, e que na verdade os dois tinham acabado de se conhecer.

— E o que acontece agora? — perguntou Richard.

— Como assim?

— Bom, para começo de conversa, como vamos sair dessa banquisa de gelo? Sei que Lohan

sabe pilotar, mas não imagino que algum desses aviões sirva para alguma coisa.

— Um dos navios está voltando, Richard. Ele se separou do resto da frota e vai chegar em cerca de uma hora. Vai levá-los aonde vocês quiserem.

— O capitão está feliz em voltar aqui?

— Eu não lhe dei opção.

Então Matt usara seu poder. Tinha feito um dos navios dar meia-volta, e não haveria nada que o capitão ou a tripulação pudessem fazer. De novo, Richard o

examinou. Já vira o quanto o Matt que ele conhecia tinha mudado — quase disse isso quando se encontraram de novo no gelo. O Matt Freeman de Yorkshire e Pequeno Malling tinha ficado mais velho, mais sábio, mais confiante. Mas este Matt era outra coisa de novo. Não falava muito. Dava a impressão de estar imerso em pensamentos o tempo todo. Mas Richard tinha a sensação de que ele só precisaria dizer uma palavra e o mar se partiria, o céu se abriria... ou qualquer outra coisa que ele tivesse em mente.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Você sabe quem eu sou.

— Não. Não sei.

— Sou Matt.

— Eu matei Matt. — A voz de Richard se partiu quando ele disse as palavras, e teve de lutar

contra as lágrimas que ardiam nos olhos. Estava vendo Matt de novo enquanto a faca furava o

coração dele. Estava se lembrando do que tinham feito com seu amigo antes de ele chegar.

— Você fez exatamente o que tinha de fazer, Richard — disse Matt numa voz que era honesta e ao mesmo tempo tranquilizadora. — Por que acha que os incas lhe deram a faca tanto tempo atrás? Eles não avisaram?

— Eles não poderiam saber. — Matt não disse nada, por isso ele continuou: — Você sabia?

— Só existia um modo de vencer esta batalha e foi como aconteceu. Caos estava interessado

demais em vingança. Assim que conseguiu ter o inimigo nas mãos, todo o resto foi esquecido.

Ele não se importava se Scott ou os outros vivessem ou morressem. — Matt fez uma pausa. —

Não havia outro modo de derrotá-lo, e apesar de ter sido horrível e doloroso, agora acabou, e o mundo pode recomeçar. Não é isso que importa?

— O que você vai fazer? Voltar para o seu tempo?

— Não. Não sou mais necessário lá.

— Então o quê...?

— Vamos nos juntar aos outros. Mas você deveria estar feliz, Richard. — Matt estendeu a mão e tocou brevemente no braço dele. — Você foi o maior amigo de Matt. O meu maior amigo. É só graças a você que estamos aqui agora.

Voltaram para a fogueira, onde os outros esperavam. Richard tentou forçar um sorriso.

Scarlett parecia bastante feliz, mergulhando num prato de cozido quente com Pedro ao lado.

Jamie estava com Pedra-de-Fogo — irmãos gêmeos, mesmo nascendo com dez mil anos de diferença. Lohan e Holly pareciam satisfeitos consigo mesmos enquanto serviam a refeição. De certa forma, era uma visão bizarra, o chefe implacável de uma organização criminosa chinesa trabalhando ao lado de uma garota de 15 anos de um povoado inglês. De repente Richard descobriu que estava sorrindo de verdade. Por que não? Eles tinham vencido, não tinham?

Passaram a hora seguinte juntos — comendo, bebendo, conversando. Todos tinham histórias

para contar de diferentes partes do mundo. Holly contou a fuga do povoado, a jornada pelo canal e o tempo passado com o Nexo em Londres. Scarlett descreveu a aposta no cassino em Dubai. Até Richard participou com uma imitação perfeita do xeique Rashid. O estranho era que, ao contar, alguns detalhes horríveis caíam e eles se concentravam nas lembranças que os faziam sorrir ou gargalhar. Era uma refeição perfeita. Realmente não importava que estivessem sozinhos, porque finalmente estavam juntos.

Finalmente, Matt levantou a mão.

— Está quase na hora de eu ir — disse ele. — O navio vai chegar logo. Mas

antes acho que

preciso parar um momento e tentar entender o que fizemos aqui hoje. Precisamos saber que tudo valeu a pena.

“Os Antigos finalmente foram embora, não somente daqui, mas de todos os países de todo

o mundo. Nós fizemos outro portal aqui no gelo, o Portal do Limbo, e desta vez acho que ele vai se manter. Eles não voltarão. Eles tiveram o planeta nas mãos durante dez anos e o trouxeram à beira da ruína, mas precisamos lembrar que, mesmo tendo tudo a favor, mesmo que metade do

mundo tenha optado por apoiá-los, eles perderam. Pensem em como estávamos em número inferior. Eles tinham governos, polícias, empresas... exércitos inteiros ajudando. Tinham monstros e poder ilimitado. Nós éramos apenas cinco, com um punhado de companheiros, mas mesmo assim vencemos no final. Isso deve dizer alguma coisa sobre o universo, algo que os Antigos nunca entenderam. O mal nunca vencerá completamente. Não pode. Não está em sua

natureza.”

Ele fez uma pausa. Richard sentiu a força do garoto sentado ali. Teve quase uma sensação de

cura.

— Richard, Lohan, Holly. Vocês três fizeram parte desta história — continuou ele. — Não conseguiríamos vencer sem vocês.

— Eu não fiz muita coisa — protestou Holly.

— Você esvaziou sua pistola em Caos — lembrou Matt. — Não há muitas pessoas que podem dizer que atiraram no diabo. Mas, além disso, você cuidou do Jamie quando ele mais precisou, assim como Lohan cuidou de Scarlett, e Richard cuidou de mim. Fico triste por me despedir de vocês. Vocês foram amigos de verdade, mas é assim que tem de ser.

— Vocês não vêm com a gente? — Richard pareceu chocado.

— Não podemos, Richard. Pelo menos, não todos nós. Pedra-de-Fogo e eu viemos do

passado. Você sabe. Fomos trazidos ao seu mundo com um objetivo que agora acabou. Não temos motivo para ficar.

— Vocês vão voltar para o lugar de onde vieram?

— Não. Aquilo também terminou. Temos outra jornada.

Richard hesitou.

— E os outros? — gaguejou.

— Isso é com eles. — Matt olhou para a fogueira. — Jamie, Scarlett, Pedro. Vocês têm uma

escolha. Podem ficar aqui e ajudar a construir este mundo. Ou podem ir conosco. Mas precisam escolher agora.

Houve um longo silêncio. Então Scarlett deu um riso nervoso.

— Você não torna as coisas muito fáceis para nós, Matt.

— Para mim é fácil — disse Jamie. — Eu vou também. — Ele olhou para cima, e as chamas,

agora baixas, refletiram em seu rosto. Seus olhos estavam muito brilhantes. — Holly, eu adorei viajar com você e ser seu amigo, mas nunca me acostumei a não ter o Scott por perto e acho que preciso dele agora. Ou do Pedra-de-Fogo. Não importa como ele queira ser chamado, nós temos de ficar juntos. Portanto, essa é minha decisão.

— Claro, eu entendo — disse Holly, mas sua voz estava embargada.

— Eu quero ir com Matteo — disse Pedro. — O que existe para mim no Peru? Nada. Acham

que eu quero voltar para a Cidade do Veneno? Fala sério! — Ele esvaziou seu copo. Tinha bebido um bocado de vinho naquela noite. — Vou com vocês.

— Então eu sou a última — disse Scarlett. Ela olhou para Richard. Dos cinco, era a mais dividida. Mas finalmente chegou à decisão. — Sou uma dos Cinco — disse simplesmente. —

Acho que é disso que se trata. Eu gostaria de voltar a Dulwich. Tinha um amigo chamado Aidan e adoraria saber o que aconteceu com ele... ou talvez seja melhor não descobrir. E gostaria de ajudar, se pudesse. Mas se eu ficasse sozinha, provavelmente iria me arrepender para sempre, portanto, como não existem mais alteradores de forma, monges malignos ou xeiques loucos, vou ficar com o Matt e ver aonde isso me leva. — Ela suspirou. — É isso.

Matt se levantou.

— Devemos ir agora — disse.

Todos se despediram, sendo o mais breves possível. Nenhum confiava em si mesmo para falar

demais. Matt apertou a mão de Lohan e abraçou Holly. Finalmente chegou diante de Richard pela última vez.

— Adeus, Richard — disse ele. — Você pode não acreditar, mas prometo que vamos nos ver

de novo um dia, que não está muito distante, e não vai ser como você imagina. Vamos todos nos encontrar de novo. Nada acaba para sempre.

— Adeus, Matt. Vou sentir sua falta.

Os dois se abraçaram. Então os Cinco guardiões juntaram suas coisas e partiram. Richard ainda não tinha ideia de para onde eles iam.

Caminharam em grupo, indo pelo gelo com o mar atrás, na direção das montanhas. Se a fortaleza ainda estivesse de pé, ficaria bem na frente deles. Mas não estava, e embora pudesse ser uma ilusão, parecia que as montanhas tinham se aberto, revelando um caminho que iria levá-

los adiante.

Foi a última coisa que Richard viu deles... cinco figuras pequenas com roupas de

frio, ficando cada vez menores enquanto iam para o horizonte. Mas não era isso que ele mais recordaria. O

clima havia mudado, e inesperadamente o Limbo havia se tornado um lugar extraordinariamente

lindo. O gelo estava reluzente, de um branco puro e brilhante. Não havia sinal da cratera gigantesca que fora formada e restava tão pouco da fortaleza que simplesmente se fundia à paisagem. A neve parecia ter caído muito tempo atrás e ficado sem ser perturbada desde sempre. Havia uma névoa pairando no ar, obscurecendo as montanhas que subiam até o céu, que agora era do cinza mais suave, fundido-se com camadas de rosa que tremeluziam. Os primeiros pássaros já haviam retornado... apenas uns poucos. Estavam girando e girando, com as asas abertas, como se reivindicassem as áreas de reprodução que foram suas.

— Um navio está chegando! — disse Lohan.

Richard girou e, sem dúvida, uma fragata vinha cortando água na direção deles. Virou-se e olhou de volta para o gelo.

Estava vazio. Os Cinco tinham ido embora.

POSFÁCIO

CINQUENTA E SETE

Um posfácio é um capítulo curto que você encontra no fim de um livro. Esta é uma palavra muito literária, uma espécie de despedida. Não imagino por que me lembro dela agora. Acho que a Srta. Keyland me ensinou o termo há muito tempo. E há outra coisa curiosa. Eu comecei

esta história falando dela e estou terminando com ela também — e isso é mais do que ela merece, porque foi uma figurinha muito maligna.

Há muita coisa a contar sobre o que aconteceu depois da Antártica. Na verdade, eu poderia

escrever um livro inteiro sobre isso, e talvez um dia escreva, apesar de achar que já escrevi o bastante. Meu serviço agora é só amarrar as pontas soltas, por assim dizer. E talvez acrescentar um pouquinho mais.

Depois de Matt e os outros desaparecerem, juntamos umas coisas e descemos até a praia, sem falar muito e nos sentindo muito estufados e cansados depois de tanta comida e bebida.

Além disso, era o meio da noite, não que desse para saber. Chegamos à praia bem a tempo de

sermos encontrados por uns fuzileiros franceses do *Duc d'Orléans;* eles nos levaram num bote inflável e foi assim que finalmente deixamos o Limbo para trás.

O capitão queria saber tudo que havia acontecido antes de levantar âncora de novo. Estava particularmente ansioso para saber por que os mísseis nucleares não haviam detonado, apesar de para mim esse parecer um detalhe bem irrelevante. Ficou espantado e, acho, com um pouco

de vergonha quando contamos que os Antigos foram derrotados. Afinal de contas, ele havia partido, deixando a gente, e de fato não voltaria se seus motores e sistemas de navegação não tivessem enlouquecido e o obrigado a dar meia-volta. Tivera certeza de que estava sendo atraído para a morte, de que os Antigos haviam assumido o controle de seu navio. Assim, ele e seus homens ficaram tremendamente aliviados ao descobrir que todo mundo tinha partido, e só restávamos nós.

Então, antes de irmos, ele insistiu em subir de novo na banquisa de gelo e examinar tudo pessoalmente. Não que restasse muita coisa para olhar. A fortaleza havia sumido, o gelo estava intocado, e afora os aviões, as barracas e as duas lápides com suas estrelas de cinco pontas, não havia prova de que alguma coisa tivesse acontecido. O capitão podia ver facilmente que *alguma coisa* acontecera. Podia dizer só de olhar para o céu e o mar, para os pássaros que haviam retornado e os pinguins ocasionais que apareciam, deslizando pela água. Mas quando voltou ao navio estava totalmente pasmo e passou boa parte da viagem para casa tentando fazer com que

contássemos mais.

Quanto a mim, me sentia morta para o mundo, e se alguma conversa de alto nível aconteceu, não ouvi. Recebi uma cabine e um beliche e, pelo que lembro, dormi as 24 horas seguidas enquanto o *Duc d'Orléans* voltava para a Europa. Devia ter sido difícil para o capitão porque, apesar de ser o oficial de maior

patente, comandando o navio, na verdade, desertara do exército francês, partindo por vontade própria para atacar os Antigos — por isso não sabia direito aonde ir. Um bocado dos seus homens morreram, e ele se sentia responsável. Conversei com ele algumas vezes, e ele pareceu um sujeito bem legal. Espero que não tenha se encrencado pelo que fez, mas duvido que tenha. Qualquer um que tivesse lutado contra os Antigos foi recebido como herói... até o comandante David Cain, do US *Estrela Polar*. Na verdade, ele virou vice-presidente dos Estados Unidos. As pessoas estavam dispostas a esquecer o fato de que ele fora completamente inútil.

Eu não queria falar sobre o Limbo — e certamente não com o capitão. Minha cabine ficava

ao lado da de Richard Cole, o amigo de Matt, e havia uma porta ligando as duas, de modo que

de certa forma fomos postos juntos e viramos amigos durante a viagem. Ele nunca me contou exatamente o que aconteceu na fortaleza, mas muitas vezes o ouvi chorando no sono e sei que

aquilo lhe dava pesadelos. Para ser honesta, Lohan me deixava nervosa e eu o via muito menos.

Ele me parecia meio sinistro e fiquei feliz quando atracamos em Brest e ele anunciou que não iria conosco à Inglaterra. Iria para o oriente... encontrar sua família e seus amigos em Hong Kong.

Não creio que Richard também tenha lamentado muito quando ele foi embora, se bem que os dois tenham se separado de modo bastante amigável.

Lohan tinha um longo caminho pela frente, e não sei se ele chegou, porque nunca mais tive

notícias suas, mas aposto que sim. Ele era um grande criminoso que mataria alegremente qualquer um que ficasse em seu caminho. Se havia alguém capaz de cuidar de si mesmo, era ele.

Aconteceram muitas outras aventuras: o tempo que passamos em Brest, a viagem pelo norte

da França, atravessando o Canal da Mancha para a Inglaterra, e finalmente o retorno a Londres e o contato com o Nexo. Mas isso terá de esperar outra ocasião.

Conseguimos voltar ao casulo subterrâneo de sobrevivência, mas quando chegamos lá, a médium, Srta. Ashwood, havia morrido. Ela havia dito que estava doente, e parece que morreu

em paz durante o sono pouco depois de termos partido. Mas todos os outros estavam lá, e não

conseguiam acreditar que havíamos retornado. Richard e eu fomos tratados como heróis, mas eu me senti culpada porque não tinha feito grande coisa, independentemente do que Matt dissera. E existiam outras notícias boas. Fiquei pasma ao descobrir que Graham Fletcher e seu irmão, Will, tinham sobrevivido à emboscada na igreja. Foi interessante saber que, assim que Jamie e eu passamos pela porta e a mulher ruiva levou um tiro na cabeça, os outros policiais perderam o interesse em tudo. Acho que não restava mais nada pelo que lutarem.

Passamos um mês no casulo, mas no fim das contas ali era muito claustrofóbico, escondidos

o tempo todo, e de qualquer modo, havia menos perigo agora que os Antigos tinham ido embora. Claro, o país demoraria anos e anos para se recuperar. O nível da poluição em Londres estava acima de qualquer escala, e os cachorros, os ratos e as gangues ainda não tinham ido embora. Finalmente, houve uma reunião e um grupo inteiro decidiu partir junto, seguindo o canal para fora de Londres, voltando exatamente na direção de onde tínhamos vindo. Desta vez precisamos ir a pé, então demorou muito mais, porém felizmente não encontramos nenhum canibal enlouquecido nem alguma coisa do tipo.

Meu povoado foi destruído, mas Graham Fletcher havia descoberto outro quando era o Viajante, um lugar não muito distante. Ainda tinha construções de pé e campos prontos para a plantação, e ninguém morava ali, então foi onde nos estabelecemos. E aí está. Eu tinha sido perseguida por todo o país. Tinha atravessado o mundo por uma porta misteriosa. E agora estava de volta quase exatamente ao ponto de partida. É engraçado.

A princípio foi difícil. Sei que Richard sentia muita falta do Matt. E fiquei surpresa ao ver como eu sentia falta do Jamie... e do George também. Mas

rapidamente as coisas começaram a

melhorar, e é isso o que importa.

O mundo estava se curando.

Dava para ver todo dia: no clima, no céu mais limpo, no fato de que era possível ver as estrelas à noite. Eu não fazia ideia de como elas eram lindas. As sementes que plantamos cresceram rapidamente em vez de murchar e morrer. Peixes começaram a reaparecer nos rios e

os animais na floresta. Ainda não tínhamos eletricidade nem telefones — na verdade, não temos até hoje, apesar do trabalho que está sendo feito nas linhas. Mas as pessoas pararam de atacar as outras. Se havia algum policial, tinha decidido pendurar os uniformes pretos e fazer alguma coisa útil. Não existia mais necessidade de sentir medo. Mais pessoas começaram a chegar, vindo dos campos e florestas, procurando um lugar onde se estabelecer, e muito rapidamente nossa comunidade cresceu.

Estou com 70 anos. Tive uma vida bastante razoável, com marido, quatro filhos e nada menos do que 11 netos. Ainda me encontro com o Viajante, que se casou com Sophie (a mulher

loura, do casulo). Fico feliz porque ele não precisa mais viajar. Todo mundo no povoado me pergunta sobre o que aconteceu no Limbo, e as pessoas não conseguem acreditar que estive mesmo lá. E que atirei no diabo. Acho que é algo do que me orgulhar.

Richard mora aqui pertinho. Casou-se tarde e só teve um filho. Não fiquei surpresa quando ele lhe deu o nome de Matt, e às vezes acho que ele até se parece um pouquinho com o Matt

— ou com a aparência que Matt teria se tivesse crescido — com o mesmo cabelo escuro e os olhos azuis. Richard é dez anos mais velho do que eu, seu cabelo ficou totalmente branco, mas ainda está em boa forma. Nunca escreveu uma única palavra sobre suas aventuras, apesar de sempre ter prometido. No fim das contas, deixou isso comigo. Não sei o que vai acontecer com todas estas páginas, mas acho que, no fim, os Antigos serão esquecidos, assim como foram esquecidos depois da primeira derrota, há dez mil anos. Não me importo. Desde que eles não voltem.

E os Cinco?

Voltaram ao mundo de sonho, que é o que existia do outro lado das montanhas do Limbo.

Quando estávamos juntos no *Lady Jane*, Jamie me contou uma coisa sobre o mundo de sonho, e sei como ele o via, como era quando ele e os outros o visitavam antes do fim: preto e branco, como um deserto, com tudo morrendo ou morto. Era um mundo cheio de coisas que davam medo... cisnes gigantes que voavam no céu noturno, árvores envenenadas que, na verdade, eram erupções vulcânicas. Havia uma biblioteca gigantesca no meio de tudo isso. Matt a visitou, mas nenhum dos outros fez o mesmo.

Jamie havia me contado tudo isso, mas, na verdade, quando ele e os outros voltaram, tudo

mudou.

Enquanto avançavam, deixando o gelo e a noite antártica para trás, as cores retornaram. O

céu ficou azul. Um sol amarelo brilhante subiu sobre o horizonte. Os morros estavam cobertos de grama e, claro, havia cercas vivas e flores selvagens salpicadas aqui e ali como manchas de

tinta. O mar, que antes havia parecido tão escuro e ameaçador, ficou de súbito transparente, refletindo o sol, com ondas se quebrando numa praia de areia.

Diante dos seus olhos, o mundo de sonho mudou e se tornou uma coisa muito diferente do

que eles haviam experimentado. Havia pássaros nas árvores e outros animais — vacas e ovelhas

— nos campos. Matt viu um cavalo cinza correndo a meio-galope no campo, jogando a cabeça

de um lado para o outro e escoiceando, e teve de sorrir porque o reconheceu. Era o mesmo cavalo que ele havia montado na primeira batalha na colina Scathack, tantos anos atrás.

Enquanto isso, Scarlett se viu num pomar, e não era com maçãs bichadas como as que eu passara tantos anos colhendo. Havia pêssegos, damascos e todo tipo de frutas à mão. Uma fogueira estava acesa à distância e acrescentava seu perfume ao ar de verão.

Pedra-de-Fogo e Jamie estavam andando juntos como se nunca tivessem se separado. Para Jamie, era como se Scott jamais tivesse morrido porque, na verdade, ele e Pedra-de-Fogo eram a mesma pessoa, mesmo vivendo com séculos de diferença. Pedro simplesmente ficou imóvel, com

os olhos arregalados, incapaz de absorver tudo. E gradualmente eles não estavam mais sozinhos no mundo de sonho. Havia outras pessoas, e de algum modo, elas pareciam conhecê-los. Casas

brotavam à distância, com fumaça saindo das chaminés. Eles ouviam música.

E finalmente, bem no meio daquilo tudo, chegaram à biblioteca. Ela não havia mudado, pelo

menos no tamanho. Mas as paredes e as portas, as janelas e as cúpulas eram todas claras e coloridas, e ainda que Matt tivesse jurado nunca mais voltar ali, não se sentia mais ameaçado.

O bibliotecário estava esperando-os quando chegaram, e não estava sozinho. Havia uma mulher com ele. Scar — a primeira Scar, que tinha vivido dez mil anos atrás — havia dito uma vez que tinha encontrado uma mulher estranha no mundo de sonho, mas nenhum dos outros Guardiões a vira antes. E aqui está a coisa estranha. Havia apenas uma mulher, mas ela parecia diferente para cada um deles. Para Pedro, era peruana, pequena e de pele cor de azeitona. Para Scarlett, era indonésia. Pedra-de-Fogo e Jamie a viam como nativa americana. E Matt a via com um casaco cor-de-rosa e vestido de linho branco, indo para um casamento — como tinha feito

tanto tempo atrás. Sua mãe. Uma mãe para todos eles. Era o que ela era, e era como se os cinco tivessem se tornado um só.

Vocês estão se perguntando como sei de tudo isso.

É muito simples. Eu sonhei.

Visitei frequentemente o mundo de sonho. Vi Matt, Jamie, Pedra-de-Fogo, Pedro e Scarlett, e

falei com todos eles. Para mim, é meio diferente porque, de manhã, quando acordo, não me lembro de tudo que eles disseram, mas fica o suficiente para eu tomar notas num caderno, e foi isso que escrevi aqui. Richard também esteve lá, apesar de com menos frequência, mas ele me

diz que um dia irá para lá e não vai voltar. Tenho a sensação de que a mesma coisa vai acontecer comigo.

Mas ainda falta muito tempo, e enquanto isso, tenho muito trabalho a fazer: cuidar do jardim, preparar o jantar.

Às vezes, à noite, Richard vem até minha casa ou eu vou à dele e tomamos uma garrafa de

vinho que nós mesmos fazemos com as bagas de sabugueiro que simplesmente não param de crescer. Gostamos quando estamos só nós dois e o sol começa a se pôr e sentimos cheiro do feno fresco no ar. Abro a garrafa, sirvo dois copos e nos sentamos frente a frente, perto do fogo.

— Aos Cinco — digo.

— Aos Cinco — responde ele.

Então batemos os copos e, realmente, seria impossível ficarmos mais felizes.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub

pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Limbo: O poder dos cinco

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/373492-limbo

Wikipedia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Anthony_Horowitz

Site do autor

http://www.anthonyhorowitz.com/

Good Reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/32590.Anthony_Horowitz

Twitter do autor

https://twitter.com/AnthonyHorowitz

Document Outline

- OUTRAS OBRAS DO AUTOR
- ROSTO
- CRÉDITOS
- SUMÁRIO
- O POVOADO
  - UM
  - DOIS
  - TRÊS
  - QUATRO
  - CINCO
  - SEIS
  - SETE
- FIM DE JOGO — A CONFERÊNCIA
  - OITO
  - NOVE
  - DEZ
- SANGUE E AREIA
  - ONZE
  - DOZE
  - TREZE
  - QUATORZE
  - QUINZE
  - DEZESSEIS
- A ÁRVORE
  - DEZESSETE
  - DEZOITO
  - DEZENOVE
  - VINTE
  - VINTE E UM
  - VINTE E DOIS
- MATT
  - VINTE E TRÊS
  - VINTE E QUATRO
  - VINTE E CINCO

- A RODA DA FORTUNA
  - VINTE E SEIS
  - VINTE E SETE
  - VINTE E OITO
  - VINTE E NOVE
  - TRINTA
- LEGACY 600
  - TRINTA E UM
  - TRINTA E DOIS
  - TRINTA E TRÊS
  - TRINTA E QUATRO
- ÁGUA ESCURA
  - TRINTA E CINCO
  - TRINTA E SEIS
  - TRINTA E SETE
  - TRINTA E OITO
  - TRINTA E NOVE
- O BOM SACERDOTE
  - QUARENTA
  - QUARENTA E DOIS
  - QUARENTA E TRÊS
  - QUARENTA E QUATRO
- LIMBO
  - QUARENTA E CINCO
  - QUARENTA E SEIS
  - QUARENTA E SETE
  - QUARENTA E OITO
  - QUARENTA E NOVE
  - CINQUENTA
  - CINQUENTA E UM
  - CINQUENTA E DOIS
  - CINQUENTA E TRÊS
  - CINQUENTA E QUATRO
  - CINQUENTA E CINCO
  - CINQUENTA E SEIS
- POSFÁCIO
  - CINQUENTA E SETE
- COLOFON
- SAIBA MAIS